TEOLOGIA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

MAIS QUE REDENÇÃO

JAY E. ADAMS

Peregrino



Peregrino

© 1986, Jay E Adams

Título do original: A Theology of Christian Counseling, edição publicada por ZONDERVAN PUBLISHING HOUSE (Grand Rapids, Michigan – EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados para:

Editora Peregrino

Rua Maestro Vila Lobos, 179

CEP: 61.760-000 – Eusébio, CE

www.editoraperegrino.com | editoraperegrino@gmail.com

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios, sem a permissão prévia dos editores, exceção feita a citações breves, com indicação da fonte.

As referências bíblicas são da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª. Edição (SBB), salvo indicação específica.

Editor: Humberto Duarte de Medeiros

Tradução: Samuel Fernandes do Nascimento Jr.

Revisão: Joadan S. Lira de Medeiros

Capa: Bruno Leonardo

Diagramação: Bruno Leonardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A194 Adams, Jay E.

Teologia do Aconselhamento Cristão/Jay E Adams [Tradução de Samuel Fernandes do Nascimento Jr] – Eusébio, CE: Editora Peregrino, 2016.

p. 456

ISBN 978-85-69267-14-0

Título original: A Theology of Christian Counseling

1. Aconselhamento cristão I Título.

CDD: 253.5

PARA BETTY JANE

Que sabe como transformar a teologia em vida!

Sumário

Prefácio 6

Introdução 8

A Necessidade de Teologia no Aconselhamento 15

Teologia e Aconselhamento 27

DOUTRINAS DAS ESCRITURAS 33

Aconselhamento e a Revelação Especial 35

A DOUTRINA DE DEUS 63

Aconselhamento e o Ambiente Básico do Homem 65

O Nome de Deus e o Aconselhamento 89

Aconselhamento e Oração 95

Aconselhamento e a Trindade 129

A DOUTRINA DO HOMEM 137

Aconselhamento e a Vida Humana 139

Aconselhamento e o Pecado Humano 195

Aconselhamento e os Hábitos 223

Como o Pecado Afeta o Pensamento 229

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO 241

Mais Que Redenção 243

Perdão no Aconselhamento 255

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO 317

Aconselhamento e a Novidade de Vida 319

Aconselhamento e o Fruto do Espírito 339

Aconselhamento e a Amputação Radical 357
Aconselhamento e Perseverança 363
Aconselhamento e Sofrimento 367
A DOUTRINA DA IGREJA 373
Aconselhamento e a Igreja 375
Aconselhando Novos Convertidos 381
Aconselhamento e a Disciplina na Igreja 387
Aconselhamento e as Obras de Misericórdia 397
A DOUTRINA DAS COISAS FUTURAS 401
Aconselhamento, Morte e Pessoas à Beira da Morte 403
Aconselhamento e Julgamento 409
Conclusão 417
Apêndice 419
Índice Onomástico 441
Índice de Referências Bíblicas 442
Índice Analítico de Assuntos 446

Prefácio

Teologia do Aconselhamento Cristão é uma tentativa inicial de considerar uma teologia bíblica do aconselhamento. Como tal, esta obra se mostra assaz incompleta; ninguém sabe isto melhor do que eu. Mesmo assim, tem sido minha convicção ao longo dos anos que, embora incompleto, este material merece ser publicado, desde que de uma forma sistemática. Não conheço uma maneira melhor de testar visões, de oferecer auxílio para os que combatem nas linhas de frente, além de chamar os pastores de volta à obra de aconselhamento que seus pais abandonaram. Por estas razões – por incompleto que seja meu trabalho – resolvi publicar o volume que agora você tem nas mãos.

Em Teologia do Aconselhamento Cristão eu poderia reafirmar posições doutrinárias que já tem sido tratadas na íntegra por muitos teólogos reformados; poderia ainda fazer observações sobre numerosos aspectos de várias doutrinas tão óbvias. Mas isto seria de pouco proveito e ainda tornaria este livro muito mais volumoso do que já é. Notar, por exemplo, que Deus deve ser onisciente para conhecer todos os aspectos de uma situação a fim de responder a oração, que deve ser onipresente, para ouvir todas as orações em todos os tempos e lugares, e que deve ser onipotente para apresentar respostas a todas as circunstâncias da maneira que desejar e que seria necessário Deus possuir esses três atributos a fim de trazer a efeito seus propósitos particulares em cada particular no universo numa relação com todos os demais particulares, no passado e no futuro, bem como no presente é (por exemplo) uma obra que demanda grande esforço; estes fatos são por demais óbvios para tomarem tanto tempo em seu desenvolvimento. Por esta razão não me ative a eles. Semelhantemente, muitas implicações doutrinárias para o aconselhamento, aparentes demais

para serem mencionadas ou para que delas se faça extenso comentário, foram omitidas ou simplesmente mencionadas de passagem.[1]

Menciono estes fatos porque muitos itens de seção doutrinária geralmente encontrados num volume de teologia sistemática não foram incluídos. O efeito, como resultado, pode parecer um tanto quanto inconsistente, mas consciente do que fiz, espero ter poupado o leitor de certa apreensão e (de fato) além de ajudá-lo a apreciar o fato de que pressuponho sua habilidade de desenvolver o óbvio sem auxílio de ninguém.

Este livro pode ser usado para auxílio pessoal ou como texto para uma classe. Um livro que cubra esse material tem sido necessário há algum tempo. Se, em sua providência, aprouver a Deus usar este material para suprir necessidades, só o tempo mostrará. É minha esperança que ele o faça.

Jay E. Adams

1 Há também frequentes referências cruzadas de meus outros livros, sempre que houver intercalação de material. Dessa maneira, evito repetição desnecessária.

Introdução

Todos os conselheiros têm um objetivo comum: mudança. Ademais, não importa o quão diverso os vários sistemas de aconselhamento possam ser – e de fato são fundamentalmente distintos[2]- todos eles (1) enxergam uma necessidade de mudança e (2) empregam meios verbais para trazer a efeito esta mudança,[3] que (3) tem como propósito ser benéfica para o consulente.

Mas, N.B.,[4] estes são os mesmos três elementos essenciais que já demonstrei (em outro trabalho)[5] serem inerentes à *nouthesia,* o principal e mais significativo termo bíblico para aconselhamento.

A própria Bíblia nos oferece princípios para o entendimento e engajamento no aconselhamento noutético e orienta os ministros cristãos a tornarem esse tipo de aconselhamento uma parte vida de seu chamado para o ministério da Palavra (embora outros cristãos devam igualmente aconselhar, sempre que Deus lhes conceder oportunidade).[6] Portanto, aqueles que desenvolvem outros sistemas, baseados em outras fontes de informação, pelos quais buscam atingir os mesmos fins, pela própria natureza do caso *tornam-se competitivos.* É perigoso competir com a Bíblia, no sentido de que tal competição se traduz, em última instância, numa disputa com o próprio Deus.

Não que os cristãos se engajem numa competição objetiva com Deus. Não é este o problema. Mas quando somos fiéis a Deus, nosso dever é de-

2 Cf. Jay Adams, *Lectures on Counseling,* p. 19...

3 Alguns, naturalmente, acrescentam outros elementos (quimioterapia, E.S.T., etc.). Mas como extensão a estes, outros meios são usados e o que é feito não é (estritamente falando) *aconselhamento.* A palavra *conselho,* estritamente falando, implica o elemento verbal.

4 N.B. "Nota bene", Note bem.

5 Cf. Jay Adams, *Competent to Counsel,* p. 41...; *The Christian Counselor's Manual,* p. 14; *What About Nouthetic Counseling?,* p. 63.

6 Cf. Rm 15.14; Cl 3.16; Gl 6.1-2,10; ver também passagens pertinentes em *Competent to Counsel.*

plorar quaisquer conceitos, métodos, sistemas, etc., que se opõem aos conceitos, métodos e sistemas de Deus. Quando abordagens pagãs são estabelecidas para a realização daquilo que Deus determinou que fosse feito pela Bíblia, tais abordagens devem ser expostas, rejeitadas, combatidas.

Contrário ao que muitos podem pensar, os cristãos não invadiram subitamente a cena, desafiando psiquiatras e psicólogos clínicos e conselheiros; antes (como mostram fatos históricos), estes últimos é que chegaram recentemente, no intuito de suplantarem a igreja em sua obra de aconselhamento.[7] Historicamente falando, portanto, *competição* é um termo deveras acurado para descrever a situação.[8]

Tempos houve em que o aconselhamento foi considerado parte integral da obra da igreja de Cristo. Pastores escreveram livros sobre "melancolia" (depressão), participaram de sessões com "inquiridores", interessados não somente na conversão, como em cada fase de suas vidas.[9] A igreja ministrou a famílias e indivíduos em toda espécie de relacionamento humano/humano e humano/divino (observe que este ministério cobriu um escopo muito maior do que permitem os sistemas competitivos), e o público reconhecia que era função da igreja (em geral) e dos pastores (em particular) atenderem questões de crença, atitude, valor, comportamento, relacionamento, etc. Atualmente, psicoterapeutas tentam usurpar esse papel, que historicamente sempre foi da igreja.[10]

---

7 Ver minha breve história sobre esse assunto em *Lectures,* p. 38...

8 N.B. Psicologia e medicina não são necessariamente adversárias da Bíblia. De fato, a psicologia *clínica* e de *aconselhamento* e a *psiquiatria,* é que tem (ilegitimamente) se colocado dentro destas duas disciplinas, que são competitivas. A medicina e a psicologia legítimas, mesmo não tendo qualquer relação com *especial* com o aconselhamento cristão, podem contribuir com este, de modo ancilar, como o fariam em qualquer outro campo. Mas o aconselhamento cristão não depende de nenhuma dessas ciências. Cristo, o perfeito Conselheiro, Paulo e a igreja estão totalmente equipados para desenvolver o aconselhamento desde os primeiros dias (2Tm 3.15-17).

9 Eles também publicaram histórias de casos (Cf. Spencer's *Sketches,* vols. 1,2).

10 Cf. Perry London, *The Modes and Morals of Psychotherapy* (New York: Holt, Rinehart and Winston, 1964). London fala do trabalho de psicoterapeutas como algo "que a religião há muito tem tentado fazer," p. 65, e declara: "Psicoterapeutas não são realmente doutores,...[mas] sacerdotes seculares," p. 153,163. No *National Observer* (26 maio 1973), um artigo popular intitulado: "'Psiquiatras Tornam-se Pastores para Congregações Doentes," afirma virtualmente a mesma coisa, p. 1 Albert Reissner diz, "Eric Fromm mostra que a psicanálise tem uma função definitivamente religiosa," *Ensaios em Psicologia Individual,* Kurt Adler, ed. (New York: Grove Press, 1959), p.

Como, então, foi possível à igreja pôr de lado sua tarefa, divinamente outorgada, transferindo-a tão facilmente a outros que propõem diferentes abordagens, as quais não somente diferem do padrão bíblico, como também conflitam com as Escrituras? Tenho detalhado em outras obras alguns dos fatores essenciais envolvidos no fazer psiquiátrico,[11] e não pretendo reproduzi-los aqui. Entretanto, devo acrescentar mais um, que entendo ser pertinente à essência deste livro: *verdades que a igreja não aborda de modo sistemático* (ou seja, teologicamente)*tendem a se perder.*

Por Que Ocorreu a Mudança

As pressões responsáveis por comprimir e até mesmo enfraquecer o papel aconselhador da igreja, foram capazes de tomar-lhe a frente (e de fato, quase suplantá-lo) porque, embora a tarefa do aconselhamento seja teológica em sua plenitude,[12] ela tem sido tratada de maneira não sistemática e a-teológica.

Quando a doutrina se expressa na forma de credo (e.g., Credo Atanasiano), ela se torna defensável contra (Arianos e outros) hereges. A heresia, assim como a verdade, torna-se identificável. Antes, porém, de assumir uma forma de credo, quase toda espécie de heresia pode ocupar espaço. A controvérsia sobre o ensino das Escrituras em vários pontos leva à formulação de declarações teológicas que nos têm ajudado, não somente a identificar o erro e defender a verdade, como também a ensinar e reexaminar o ensino bíblico de modo mais profundo e proveitoso. As futuras gerações podem apoiar-se sobre os ombros dos grandes homens do passado e alcançar mais alto na árvore da vida, frutos ainda intocados. Muitas doutrinas têm sido utilmente definidas. Mas, até os nossos dias, não há registros de

170. Em seu livro, *The Deth of Psychiatry* (Radnor: Chilton Book, Co., 1974), E. FullerTorrey diz: "A tarefa de explicar um comportamento desconhecido é primariamente atribuída ao clero; psiquiatras a herdaram, assim como herdaram outros aspectos da função clerical" (p. 91,92).

11 Lecture, p. 38. Cf. um artigo em *What About Nouthetic counseling*, p. 37-39.

12 Cf. um artigo em *What About Nouthetic counseling*, p. 37-39.

declarações sérias (ou em forma de credo) sobre o lugar ou tarefa do aconselhamento na igreja cristã.

É minha esperança que, a partir da presente controvérsia sobre o problema do aconselhamento eclético dentro da igreja de Cristo (a questão é se os sistemas de aconselhamento de Freud, Rogers, Skinner, sem falar de tantos outros, podem ser trazidos legitimamente ao contexto da igreja) estudos teológicos sejam gerados, levando a definições mais claras da obra da igreja e de seu ministério de aconselhamento, de modo que as congregações cristãs e seus membros entendam melhor os perigos envolvidos. Em minha opinião, advogar, permitir e praticar psiquiatria e dogmas da psicanálise dentro da igreja é tão pagão (portanto perigoso) quanto propagar os ensinos de alguns dos cultos mais bizarros. A única diferença vital é que os cultos são menos perigosos em virtude de que seus erros são mais facilmente identificáveis, na medida em que são contrastados com as declarações dos credos.

É também minha esperança que esse estudo teológico do aconselhamento cristão – por primitivo e não exaustivo que venha a ser – produza um interesse e ímpeto para estudos seguintes, levando (no decorrer dos anos) a redefinições mais acuradas e compromissos teológicos que são essenciais, mas que, infelizmente, nos fazem tanta falta na atualidade.

Já nos foi dito que toda verdade é verdade de Deus e que se Paulo vivesse em nossos dias, ele emprestaria muito da técnica dos psicoterapeutas modernos. Infelizmente, dizem, Paulo não está vivo; portanto a tese não pode ser comprovada. Entretanto, ao contrário, a tese *pode* ser provada, sim. A igreja não é deixada à mera especulação e acaso nesse assunto. Podemos descobrir se o apóstolo Paulo seria ou não eclético em relação à psicoterapia. Paulo não vive em nossos dias, assim como Albert Ellis não viveu nos dias de Paulo. Porém, Epíteto e outros estoicos, sim. Ellis muito emprestou dos estoicos (sendo Epíteto um de seus favoritos). De modo que perguntamos, "Teria Paulo empregado conceitos do estoicismo?" Teria ele reconhecido verdade naquele sistema e adaptado à sua obra?

Vejamos algumas citações de Epíteto (que soam como se o próprio Ellis as tivesse escrito);

> Os homens não são atormentados por coisas, mas pela visão que têm acerca delas. Assim, a morte em nada é terrível... nada exijas para que as coisas aconteçam como desejas; mas deseja que aconteçam como acontecem... O que fere... não é propriamente a ocorrência em si... mas a visão que escolheste assumir sobre ela.[13]

Paulo teria bebido da fonte estoica? De maneira nenhuma. Esta não era a abordagem do apóstolo. Que ele conhecia em profundidade o estoicismo, não resta dúvidas, pela leitura de Atos 17.18. Sua negligência para com o sistema em questão não se deu por ignorância. O mesmo texto torna claro que Paulo não era estoico. De fato, ele se viu em conflito com os filósofos estoicos. Ele insistiu abertamente que todos eles *"deveriam arrepender-se"* (verso 30). Não apenas este *'deveriam'* demonstrava seu desacordo com a filosofia estoica, mas, sobretudo, a exigência do arrependimento. Paulo os estava chamando a uma mudança radical e ao abandono de seu pensamento estoico, o que os levaria, por consequência, a uma mudança radical em seu estilo de vida. A tese do ecletismo, quando posta à prova, falha em se materializar.

Para sumarizar minha posição, talvez eu possa melhor me expressar definindo-a por uma breve exortação que me foi necessário escrever na data de 2 de setembro de 1977, uma questão de *Ketiv Quere,* numa publica-

13 Epiteto, *The Enchiridion* [Manual] ,tradução de Thomas Higginson (Bobbs-Merrill Co., 1948), p. 19,20,22. Epiteto nasceu aproximadamente entre 50 a.D. e 60 a.D. Para uma descrição mais detalhada do Estoicismo em contraste com o cristianismo, veja F. W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (New York: A. L. Burt, n.d.), p. 9-11.

ção de um estudante do Dallas Theological Seminary. Permita-me citar na íntegra este pequeno artigo:

A Base do Aconselhamento Cristão

A base do cristão para o *aconselhamento* e a base do aconselhamento *cristão* nada mais é, senão as Escrituras do Antigo e Novo Testamentos. A Bíblia é o livro texto de aconselhamento da igreja cristã.

"Por quê?" você pode perguntar, "Afinal de contas, os cristãos não se utilizam da Bíblia como base para outras atividades nas quais se engajam – como engenharia, arquitetura, música – por que, então, deveriam insistir em usar as Escrituras como base para o aconselhamento?"

A resposta a essa pergunta é, ao mesmo tempo, simples e profunda (pois sua simplicidade não compromete a profundidade de suas implicações). A Bíblia se constitui a base para o aconselhamento cristão porque trata das mesmas questões abordadas no aconselhamento.[14] Ela foi dada para ajudar a trazer os homens à fé salvadora em Cristo e assim transformar os crentes à imagem do Filho de Deus (2Tm 3.15-17). O Espírito Santo usa a Bíblia como um instrumento "adequado" que ele declara ter o "poder" de operar tal transformação. Em suma, é isto que estes versículos afirmam.

Mas é preciso observar, também, que nestes versículos Deus se refere a esta vida transformada pela Palavra como "homem de Deus" (uma frase emprestada da designação do Antigo Testamento para o profeta, usanda nas epístolas pastorais para se dirigir ao ministro cristão).[15] E, seja-me permitido repetir, o Espírito Santo declara enfaticamente que a Bíblia subsidia completamente o ministro para a realização desta obra.

---

14 Engenharia, música, etc., não. Escrevi sobre isto com mais propriedade. Ver especialmente *Lectures*.

15 Naturalmente, de modo informal – não como um chamado oficial – todos os crentes devem aconselhar, assim como todos devem proclamar a Palavra.

Portanto, sendo o aconselhamento – o processo de auxiliar outros a amarem a Deus e ao próximo – uma parte do ministério da Palavra (assim como a pregação) é inconcebível usar qualquer outro texto (do mesmo modo que seria impensável usar outros textos na pregação) que não seja a Palavra de Deus. O ministro da *Palavra* deixa de o ser, quando se fundamenta em outro texto que não seja a Palavra.

A Bíblia é a base para o aconselhamento cristão por causa de tudo que representa, ou do que está envolvido no aconselhamento (mudança de vida a partir da mudança de valores, crenças, relacionamentos, atitudes, comportamentos). Que outra fonte poderia nos fornecer um padrão para tantas e tais mudanças? Que outra fonte nos diria como realizar tais mudanças de modo que agrade a Deus?

Esta é a suprema razão pela qual outros fundamentos para o aconselhamento devem ser rechaçados. Não somente porque *não são necessários* (A Bíblia é suficiente – o Único, que é o Conselheiro nos proveu para o ministério de aconselhamento), mas também porque, buscando fazer a mesma coisa (sem as Escrituras e sem o Espírito Santo), tais fundamentos são *também adversários.*

Deus não abençoa nada que lhe faça oposição! Não abençoa igualmente a desobediência à sua Palavra por parte de seus servos.

Como futuros ministros da Palavra, sejam somente isto – apenas isto, nada além disto – ministros da *Palavra!* Não abandonem a Fonte da água viva trocando-a pelas cisternas rotas dos modernos sistemas de aconselhamento.

Capítulo 1

A Necessidade de Teologia no Aconselhamento

Desde o início da criação, o gênero humano dependeu de aconselhamento. O homem foi criado como ser cuja própria existência deriva e depende de um Criador, a quem deve reconhecer como tal e de quem deve obter sabedoria e conhecimento por meio de revelação. O propósito e significado da vida humana, bem como de sua existência, é derivado e dependente. Nada poderá ele encontrar deste significado em si mesmo. O homem não é autônomo.

"No princípio era a Palavra" (Jo 1.1) diz tudo. O homem necessitava da Palavra de Deus desde o início – *até mesmo antes da queda.* A Palavra reveladora se faz necessária ao homem a fim de que ela possa entender Deus, a criação, a si mesmo, a correta maneira de relacionar-se com o próximo, ele precisa de revelação para descobrir seu lugar e funções na criação, bem como suas limitações.

Ao contrário do pensamento de Carl Rogers,[16] preferido como postura padrão de aconselhamento por tantos ministros,[17] o homem não veio das mãos de Deus com todos os recursos de que viria a precisar, já embutidos nele. Em lugar desse ser "autônomo" que Rogers (e seu sistema) contempla como o fim ideal, produto do aconselhamento não diretivo, a Bíblia ensina que o homem foi criado por Deus (Ap 4.11) e que depende do Criador (At 17.28). O homem foi criado como um ser dependente. Qualquer tentativa de transformar o homem num ser autônomo, não somente se constitui um ato de rebeldia contra o Criador, como também é um projeto fadado ao fracasso. As circunstâncias trágicas com as quais os conselheiros precisam

16 Para mais detalhes sobre estas abordagens, veja *Competent*, p. 78...

17 Em minha opinião, por causa de duas razões: (1) simplicidade; (2) suposta falta de risco.

lidar, inegavelmente remontam a esta rebelião pecaminosa que desde a queda tem sido a raiz dos frutos mais amargos do caos e da miséria humana. É esta rebelião básica – esse pensamento de que podemos seguir sozinhos, de que somos autônomos – que subjaz e que é a ocasião para muito da prática de aconselhamento. Oferecer mais do mesmo (como o fazem os conselheiros que advogam a autonomia), portanto, é encorajar mais e mais (não poucos) problemas.

Sempre que as pessoas tentam viver suas vidas de modo independente (seja por desenvolverem as propensões pecaminosas de suas naturezas corrompidas, seja como resultado de seguirem um sistema como o de Rogers), acabam por falhar miseravelmente. Quero dizer *literalmente:* elas não somente falham inevitavelmente no decurso do tempo (e assim tem de ser, por terem sido constituídas como criaturas dependentes), mas suas falhas resultam em misérias para si mesmas e para os que as cercam.[18]

O homem depende de seu Criador e Sustentador para tudo que ele é, tudo que tem e conhece. Foi criado para uma vida de alegria, gratidão e dependência. É sobre o último destes três elementos, em particular, que eu gostaria de focar a atenção nas próximas páginas: conhecimento humano.

Desde o princípio, a Palavra de Deus foi um fator necessário à existência humana; esta necessidade não teve início na queda. O homem não vive (e nunca viveu) somente de pão; a vida requer uma Palavra da boca de Deus. Sem esta Palavra, o ser humano não possui a habilidade pessoal de compreender, de perceber o sentido das coisas, de saber como se utilizar do mundo em que vive. Ele não conhece os caminhos dos relacionamentos interpessoais, não consegue relacionar-se adequadamente com o Criador. Como observaram os existencialistas, uma vida assim se constitui o mais completo absurdo.

A vida sem a Palavra de Deus é absurda (é somente nulidade, como colocou o escritor do livro de Eclesiastes), pois a capacidade necessária ao

18 A Confissão de Westminster afirma isto muito bem ao falar de pecado e miséria como realidades em nexo muito próximo. O aconselhamento tem a ver com estes dois elementos: pecado, e suas consequências.

conhecimento (entendimento dos fatos, corretamente interpretados e relacionados) é derivada, não inata à natureza humana. Isto significa que desde a criação, o homem foi criado para ser moldado pelo conselho (a Palavra orientadora de outro, algo que lhe é trazido de fora).[19] Significado, propósito e função, dependem desta Palavra interpretativa. A revelação geral (na criação) em si, não oferece tal interpretação. Sem a Palavra de Deus, portanto, o que se segue necessariamente é a miséria. Isto era inevitável (entre outras coisas) porque o universo (e com ele o homem) seria erroneamente interpretado sem a Palavra interpretativa. O mundo pareceria caótico e absurdo, as escolhas e decisões humanas seriam feitas com base em padrões sem nenhuma solidez. A praga do relativismo desceria sobre o homem.

O ser humano foi criado moral e fisicamente bom. Mas o desenvolvimento de nenhum destes lados do homem estava, por assim dizer, *completo*. Perfeição, enquanto não admissão de falhas, seria possível pelo avanço (e.g., comer o fruto da árvore da vida com seus novos efeitos). Adão, antes da queda, não havia ainda alcançado tais estágios de perfeição que agora são atingidos (1) no estado intermediário, após a morte,[20] ou (2) no estado final, quando o corpo, assim como o espírito, atingirá a perfeição ressurreta.[21]

O relacionamento do homem com Deus, então, deveria ser um crescente. No jardim, ele apenas começara a entrar nas possibilidades e potencialidades da existência humana. Tudo aquilo estava ali diante dele. O desenvolvimento posterior do conhecimento, da experiência, etc., foi antecipado em ordens como "sede fecundos, multiplicai-vos" e "sujeitai a terra". *Como* aquela primeira ordem seria seguida (com todas as consequentes implicações sociais e políticas de conduta dos relacionamentos humanos no meio de uma *raça*) e o *que* este subjugar da terra (ou estar o mundo sob o controle humano) produziria no curso das atividades científicas e

19 A Palavra de Deus é frequentemente chamada de conselho; ver Sl 119.24; Pv 25.30, etc.

20 Hb 12.23

21 Fp 3.21

políticas, dependeriam da revelação reguladora e interpretativa da Palavra de Deus. Mudança, então, até mesmo o desenvolvimento de um homem perfeito, sempre dependeria do conselho de Deus.

O homem foi criado perfeito, mas isso não significava que poderia viver por conta própria. Perfeição em si implicava um reconhecimento de sua dependência da revelação de Deus. Por conselho (ele não decidiu por conta própria) Adão nomeou os animais. Por conselho ele cultivava o jardim. Por conselho o homem aprendeu sobre as árvores do jardim e sobre o devido uso de cada uma delas (assim como as consequências do mau uso). Tudo isto veio *depois* da criação, a um homem *criado* para ser dependente do conselho de Deus por toda sua vida, um homem capaz de ser transformado e desenvolvido por este conselho.

Este é o primeiro fator crucial a ser entendido: o homem foi criado de tal maneira que para seu próprio bem, e para a glória de Deus, era necessário depender do conselho divino e ser transformado por ele.

Tivesse o homem obedecido fielmente o conselho de Deus, teria sido transformado e se tornado possuidor da vida eterna que de alguma forma encontrava-se inerente (ou simbolizado) pela árvore da vida.[22]

Mas algo aconteceu, resultando na miséria que já mencionamos: o homem deu as costas ao conselho de Deus e abraçou o conselho de Satanás. Fazendo isto, Adão tentou tornar-se independente de Deus, afirmando sua própria autonomia. Ele aceitou o falso conselho para comer o fruto proibido e a mentira sobre a qual o conselho se fundamentava. "Sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal" (conhecer o bem e o mal é uma expressão que significa conhecer tudo).[23] Seguir o falso (e mal) conselho mergulhou a espécie humana no pecado com todas as suas misérias.

A rebelião adâmica apenas apontou a futilidade de qualquer tentativa de autonomia humana. Confusão e angústia foi o resultado, a humanidade tornou-se sujeita ao medo, a ignorância e morte e – ao fim das contas – o

22 Cf. John Murray, *Collected Writings* (Carlisle: Banner of Truth, 1977), vol. 2, p. 48...

23 Notas de palestras de Meredith Kline; mas ver também ibid., p. 50...

homem não se tornara autônomo. Tudo que ele fez foi trocar um conselho santo, benéfico e libertador, por outro conselho, nesse caso, maligno, demoníaco, escravizador. Ao seguir o conselho de Satanás, ele perdeu sua liberdade, a capacidade de fazer o bem e de seguir o bom conselho de Deus. Tornou-se escravo do pecado e de Satanás. Optando pelo conselho de Satanás, o homem demonstrou mais uma vez (de maneira pervertida) dois fatos essenciais de sua criação:

1. ele era dependente de conselho externo;
2. ele era capaz de ser mudado por conselho.

(Tragicamente) o conselho que o homem escolheu seguir trouxe-lhe somente miséria e escravidão, ao invés da alegria e liberdade prometidas.

Fica claro, então, que desde os dias de Adão há somente dois conselhos neste mundo; o divino e o maligno; e os dois encontram-se em oposição. A visão bíblica é de que todo conselho não extraído na revelação (bíblico), que não seja fundamentado na revelação de Deus, é Satânico. Quando o aconselhamento se faz por aqueles que se aliam a outro conselho que não seja o de Deus, este conselho é chamado de "o conselho dos ímpios" (Sl 1.1). Ambos ímpios, o conselho e os conselheiros. Ímpios (1) porque tentam se opor e ofuscar o conselho de Deus, (2) porque são inspirados por Satanás e (3) porque (intencionalmente ou não) é conselho dado por aqueles que em rebeldia se aliam com o maligno. Contra todo este conselho (e em direta oposição a ele) o salmo apresenta a Palavra de Deus (v. 2).

Por todo o curso da história humana, ambos os conselhos, o divino e o ímpio, têm estado presente, travando um embate pela aceitação do homem. As histórias de indivíduos, famílias, até mesmo de nações, têm sido radicalmente marcadas pela escolha de qual dos dois conselhos seguir. Não há um terceiro conselho, como indica claramente o salmo. Há somente dois caminhos a seguir: o caminho de Satanás e o caminho de Deus. O homem não possui um conselho que possa chamar estritamente de "seu".[24] Se re-

24 Cf. João 8.34-44. Pensando-se livre, o homem expressa por palavras e ações sua plena escravidão ao pecado: a pretensa autonomia, em si, é a evidência mais clara possível do fato de ser

jeita o conselho de Deus, qualquer outro que resolva pôr em seu lugar, será o conselho de Satanás. O homem foi criado para seguir outro conselho; ele o fará. Não poderá jamais fugir de sua dependência. De plena consciência ou involuntariamente, ele sempre dependerá de Satanás ou de Deus. Foi criado para ser motivado e moldado por um conselho.

No princípio, o homem andava e conversava com Deus ao cair da tarde. Indubitavelmente, Deus o aconselhava nestes momentos. A comunhão que antecedia a queda era inquebrável e inteiramente aberta, e o conselho consistia de uma revelação benéfica, positiva, boa, calculada para desenvolver todo o potencial do homem. Ao crescer sob esse conselho, ele começou a entender algo do potencial da linguagem para trazer ordem e expressar conceitos. O homem teve uma noção disto na classificação dos animais. Experimentou um pouco das alegrias da satisfação de uma tarefa cumprida, ao guardar o jardim segundo as instruções recebidas de Deus. O homem provou o doce fruto do entendimento e da comunhão com Deus e comunicou isso à sua esposa Eva. Ele descobriu que o conselho de Deus era claro, descomplicado e simples: "coma de todas as árvores do jardim, exceto uma". Em termos singularmente inconfundíveis, Deus identificou e rotulou a árvore proibida, "a árvore do conhecimento do bem e do mal". Ele inclusive a localizou para Adão: "[a árvore] que está no meio do jardim". E com igual clareza e explicitação, o advertiu: "mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás". Este conselho era necessário para o bem-estar do homem. Ele dependia do conselho e foi incumbido da responsabilidade de obedecê-lo. Sim, o homem era um ser responsável. Tratava-se do conselho de Deus, verdadeiro e simples; logo, bom.

Em contraste ao conselho de Deus – simples, descomplicado, verdadeiro e benéfico – Satanás apresentou um conselho complicado, confuso, distorcendo a verdade de Deus. O terceiro capítulo de Gênesis nos conta a história.

---

ele discípulo de Satanás.

A primeira pergunta da história foi feita por Satanás: "Foi assim que Deus disse...?" (v. 1). Com esta pergunta, Satanás atacou a Palavra de Deus, ou seja, o bom conselho de Deus. "Talvez o conselho dele não seja simples, tão descomplicado ou tão benéfico, quanto pareça", disse Satanás, intimidando a mulher. A pergunta inicial, em si, não se constituía um ataque objetivo, *direto*, contra a revelação Divina; Satanás foi muito mais sutil do que isso. Em vez disto, ele meramente lançou a *dúvida* sobre o conselho de Deus. Ele questionou a Palavra de Deus e suas intenções objetivas. Satanás nunca cessou de fazer isto. Desde então, o método tem se mostrado eficaz.

Tendo lançado sementes de *dúvida*[25] sobre a Palavra de Deus, por meio de questioná-la, Satanás não hesitou em continuar a *distorcê-la*. Ele desvirtuou o mandamento de Deus: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" (v. 1) Esta corrupção da verdade (típica do modo como Satanás, ao longo da história, tem continuado a distorcer a verdade de Deus, por meio de seus servos voluntários) tinha como objetivo confundir e desafiar o dom gracioso de Deus de todas as árvores do jardim, exceto de uma. O que uma vez fora simples e descomplicado, o Diabo agora tentava confundir e complicar. A resposta de Eva parece indicar que ela não tinha sido apanhada completamente por esta abordagem maligna, mas possivelmente também revela que tinha sido suficientemente influenciada ao ponto de alterar o mandamento de Deus, acrescentando algumas palavras, "nem tocareis nele".[26]

Finalmente, tendo desencaminhado a mulher, por meio de *dúvida* e *distorção,* Satanás se viu em condições de atacar diretamente o conselho de Deus. Neste ponto, ele lança mão de sua última artimanha ludibriosa: *negação* direta. É quase certo que havia uma progressão planejada.[27] As afirmações de Satanás de que o comer do fruto proibido não produziria

25 Interessantemente, a Bíblia indica que há uma base moral, em vez de intelectual, para a dúvida (Tg 4.8).

26 Também é possível, naturalmente, que estas palavras reflitam uma forma mais complete do mandamento. Porém, no contexto, onde a significância de outras distorções é o ponto, esta adição indica a mudança crescente da parte de Eva em relação a Deus e à sua Palavra.

27 E isto corrobora a significância na forma de citação de Eva (cf. a nota anterior). Cf. a progressão encontrada em Salmo 1.1.

morte, e de que Deus os havia proibido de comer porque não queria que o homem se fizesse igual a ele (i.e., autônomo, livre da dependência de Deus em relação a conhecimento e conselho) somou-se a chamar Deus de mentiroso, enganador, além de atribuir maus motivos a ele. Estes três ataques - dúvida, distorção e negação – tinham como objetivo levar à *desconfiança.* A intenção de Satanás era produzir desconfiança na Palavra de Deus.

Com o passar dos anos a situação não é diferente. Satanás tem se concentrado, basicamente, nesta progressão como sua tática principal – com grande eficácia, diga-se de passagem. Como se pode ver, o ataque foi contra a Palavra de Deus.

Na prática do aconselhamento, este fato tem sido mais que evidente; trata-se de uma realidade gritante. Até mesmo dentro da igreja a suficiência das Escrituras (a Palavra escrita de Deus) tem sido desafiada. A desconfiança nos caminhos de Deus, em sua veracidade, etc., é propagada por aqueles que têm estabelecido sistemas rivais, oferecendo diferentes conselhos (ainda) pretendendo abrir os olhos dos homens, de uma maneira ou de outra, e ainda oferecendo-lhes autonomia. A abordagem de Satanás não sofre variações; seu sucesso em enganar os filhos de Adão também tem sido constante.

A igreja, no decorrer dos anos, como Adão e Eva, tem sido enganada pelo conselho de Satanás ou tem conflitado com ele. Não há base neutra. *Comprometimento* ou *conflito* são as únicas alternativas. Estamos agora (esperançosamente) começando a emergir de uma era de comprometimento. Daí, a presente necessidade de um conflito com o conselho dos ímpios. Por um longo período o conselho enganoso de Satanás tem prevalecido na igreja; somente durante a década de 1970, um desafio eficaz foi apresentado.

Hoje, nesse momento de guinada, não é difícil encontrarmos cristãos que, sem nenhum conhecimento ou mesmo qualquer intenção, continuam aliando-se ao inimigo, lutando contra seus próprios irmãos ao tentarem defender e promover a causa da verdade de Deus no aconselhamento. Frequentemente, a atitude resulta de bons motivos, erroneamente dire-

cionados. Mesmo assim, sua influência é trágica. Eles não apenas adiam conselhos úteis, como também confundem muitos que se encontram em transição. Ainda assim, não sãos as pessoas, como pessoas, que devemos desafiar, mas seus ensinos. Ao trazer tal desafio ao triste comprometimento da igreja com a competitividade, é hora de proclamarmos a relevância do salmo primeiro, com seu contraste simples entre o conselho dos ímpios e o conselho da Palavra de Deus. Vamos dar uma olhada no verso 1.

A tragédia apresentada neste Salmo aparece mais uma vez na progressão do comprometimento com o mal (a velha tática de Satanás, a *gradual* rejeição da verdade de Deus, é objetivamente destacada). Primeiro, o comprometimento se traduz em "andar" no "conselho" dos ímpios. Isto significa que ele começa a dar ouvidos a dicas e conselhos pagãos. Ele aprova a falsidade, colocando-a no lugar da verdade; daí ele passa a confundir e misturar as duas. Ele defende o erro, chamando-o de verdade. "Toda verdade é verdade de Deus", declara ele. O próximo passo é "deter-se" no "caminho" dos pecadores. Aceitar intelectualmente o conselho Satânico leva o homem a viver de acordo com ele. Isto é pecado; leva ao caminho pecaminoso. Ele é visto com frequência na vereda dos pecadores, crendo no que eles creem, fazendo o que fazem, dizendo o que dizem.[28] Ao fim, ele já se fez líder dos que zombam da verdade bíblica; ele se vê "assentado" na rodas dos "escarnecedores".

Há cristãos hoje que compartilham visões e práticas de descrentes, que gastam cada vez mais tempo atacando em seus escritos seus opositores, que afirmam posições bíblicas. Alguns crentes vão às últimas consequências para defender o conselho dos ímpios.[29]

Isto pode parecer incrível, quando não entendemos como acontece. A progressão do comprometimento nos fornece uma noção. Nenhum cristão decide objetiva e conscientemente perverter e negar a verdade de Deus; o processo é gradual. Acontece em estágios, não abruptamente. Esta é a advertência do Salmo 1. Tal comprometimento com o conselho dos ímpios,

28 Geralmente, o desejo de ser aceito pelo mundo como "erudito" tem uma participação nisto.

29 Cf. minha monografia, *O Poder do Erro.*

portanto, pode acontecer também aos conselheiros e (infelizmente) aos que recebem seus conselhos.[30]

É importante notarmos que, nem Gênesis 3, nem Salmo 1 nos permite uma terceira via, um conselho neutro. Uma das artimanhas de Satanás (como um anjo de luz) é convencer os que se orgulham de certa sofisticação teológica a aceitarem o erro sob o slogan, "Toda verdade é verdade de Deus". Sob esta bandeira, quase todo erro impresso tem sido atribuído a Deus!

Naturalmente, toda verdade é verdade de Deus. Mas há uma pedra de toque para determinar se uma determinada declaração que se afirma como verdade, é de fato verdadeira: Enquadra-se no padrão de Deus para a verdade – a Bíblia?

E, quando estes homens comprometidos com o erro dizem que toda verdade é verdade de Deus, eles a chamam de "graça comum". Este é outro conceito do qual chegam a abusar. Por tal uso entendem que Deus revelou sua verdade a Rogers, Freud, Skinner, etc. De fato, Deus refreia o pecado, permite as pessoas descobrirem fatos a respeito de sua criação, etc., em sua graça comum (auxílio concedido igualmente a salvos e não-salvos), mas o Senhor nunca estabelecerá sistemas rivais que conflitem com a Bíblia. E Deus não duplica na revelação geral (criação) o que nos deu por meio da revelação especial (a Bíblia). O que estes homens defendem não é graça comum.[31]

Podemos ter certeza de que não é resultado da graça comum o fato de dois sistemas rivais de aconselhamento coexistirem! Deus não pode ser acusado de tamanha contradição. Sua graça comum não pode ser responsabilizada pelos falsos ensinos de Freud (de que o homem não é responsável por seu pecado), de Rogers (de que o homem é essencialmente bom e não necessita de ajuda externa), ou até mesmo de Skinner (o homem não passa de um animal, sem valor intrínseco, sem liberdade ou dignidade). Chega

30 Cf. *Lectures*, p. 28-37.

31 Para mais informações sobre a graça comum, ver *Matters of Concern*, p. 89...

a beirar a afirmar (como muitos o fazem) que tais sistemas, repletos de erros, falsidades e ensinos anticristãos, sejam fruto da graça comum de Deus! Imagine Deus em sua graça comum, em todos esses sistemas, levando as pessoas a acreditarem que seus problemas podem ser solucionados sem Cristo! Sistemas esses que objetivam fazer (sem as Escrituras) o que as Escrituras afirmam fazer, definitivamente não são produto da graça comum. Esta fachada de linguagem teológica, nada mais é do que uma das distorções de Satanás.

Homens comprometidos com estes sistemas – que gastam mais de seu tempo a estudar a visão freudiana da miséria humana do que a do apóstolo Pedro – viajam e tropeçam nessa linguagem, põem pedras de tropeço no caminho dos outros. Somente os que ruminam a Palavra de Deus, dia e noite, resistirão a tais tentações de comprometimento. O conselheiro cristão deve ser radicalmente fervoroso no estudo das Escrituras, sob pena de ser enganado.

É absolutamente impróprio conceber Freud, Rogers e os conceitos de outros semelhantes a eles, como grandes benfeitores da igreja, amigos dos cristãos, ou mesmo pessoas de quem muito podemos aprender. Não; pelo contrário, devemos enxergar com clareza que todos eles vendem as mercadorias do inimigo. São seus agentes. Oferecem sistemas, conselho e estilo de vida opostos à verdade bíblica.[32] Seus pontos de vistas não são suplementares, mas alternativas contrárias à verdade. De fato, eles mesmos percebem isto com bastante clareza e isto não lhes choca. Simplesmente dizem que não há lugar para Deus e sua Palavra. Como podem alguns cristãos fecharem os olhos para este fato?

32 Isto não é apenas uma teoria. London, por exemplo, relata que Wolpe curou a ansiedade por homossexualidade de um homem, persuadindo-o a negar suas crenças religiosas (London, op. Cit., p. 120). E. Fuller Torry (op. Cit.) afirma que "Jesus foi uma das primeiras vítimas da psiquiatria". Ele diz, "Entre 1905 e 1912quatro livros foram publicados na tentativa de provar que Jesus era mentalmente doente", p. 81. Centenas de exemplos semelhantes mostram que a natureza competitiva dos sistemas pagãos é basicamente anticristã.

Em última análise, a resposta à pergunta é esta – os cristãos são ludibriados na aceitação do pensamento e prática pagãos no aconselhamento, *sempre que se recusam a pensar teologicamente.*

Muitos dos líderes à frente de tantos cargos de liderança no aconselhamento cristão, em virtude de seu pouco ou nenhum treinamento no pensamento teológico, tem se envolvido no comprometimento da fé, em vários sentidos. Tendo seus conceitos misturados à psicologia clínica e psiquiatria, não é de se admirar que terminem por comprometer seu entendimento bíblico do aconselhamento. O lasso (ou desonesto) pensamento teológico exibido em algum de seus livros, a facilidade com que escorregam no sincretismo, a quase absoluta falta de exegese (ou o que disso pode resultar) tão aparente, são marcas inconfundíveis do problema.

Somente a teologia – uma dose verdadeiramente abrangente de teologia sistemática, bíblica, exegética – pode mudar esta situação. Nada mais pode impedir os conselheiros cristãos de nossos dias de se entregarem ao empréstimo de toda sorte de coisas indignas que se lhes oferecem como mercadoria de valor. De outra sorte, sucumbirão aos sucessores de Freud e Rogers, padronizados por seus pais. Somente quando o cristão começar a pensar consistentemente com o todo das Escrituras, a respeito do que quer que seja, (i.e., quando começar a pensar teologicamente), ele será capaz de rejeitar o ecletismo no aconselhamento. Esta é a razão de ser deste livro. Trata-se de uma tentativa de encorajar o pensamento teológico em relação ao aconselhamento. Minha esperança é que esta obra ajude a mudar a maré.

Capítulo 2

Teologia e Aconselhamento

Se a teologia é a resposta ao ecletismo no aconselhamento, é importante sabermos o que é teologia. Algumas pessoas que pensam entender teologia, talvez não entendam de fato, ao passo que outros possuem um conhecimento ínfimo do assunto.

O que é teologia? Como esta se relaciona com o aconselhamento? Permita-me primeiramente responder com brevidade estas duas questões, para depois expandir um ou mesmo dois aspectos destas respostas.

Em sua forma mais simples, teologia não é nada mais, nada menos, do que um entendimento sistemático do que ensinam as Escrituras sobre vários assuntos. Passagens bíblicas sobre algum assunto – digamos, o ensino da Bíblia sobre Deus – são localizadas, exegeticamente examinadas em seu contexto, postas no fluxo da história da redenção e seus ensinos classificados de acordo com os vários aspectos daquele assunto que lhe diz respeito (a onipotência de Deus, sua onisciência e onipresença, por exemplo). Dentro de cada classificação estes ensinos são comparados uns aos outros (uma passagem suplementando e qualificando outra) a fim de se descobrir um ensino escritural total sobre este aspecto da doutrina. Cada aspecto, semelhantemente, é comparado a outros aspectos a fim de que se entenda o ensino escritural total sobre aquela questão (e vários assuntos também são estudados em relação a cada um dos outros na busca de mais ampliações e modificações de acordo com a luz que cada assunto lança sobre o outro). Assim, dito da forma mais simples, teologia é a tentativa de examinar uma determinada doutrina (ou ensino) à luz de tudo que diz sobre aquela doutrina. A teologia bíblica também destaca o desenvolvimento da revelação especial, particularmente em relação à obra redentora de Cristo. E as teologias individuais de vários escritores de livros bíblicos devem ser estudas

e relacionadas umas com as outras.[33] Todos esses elementos são de nosso interesse neste livro.

Deixe-me demonstrar parcialmente, através de um breve exemplo, como a teologia pode influenciar a vida prática. Em João 14.13,14 Jesus diz, "E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei... Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei". Em si mesma, esta declaração parece se constituir uma *carta branca* na oração. (E de fato, os que têm pouco ou nenhum interesse na teologia, tem interpretado essa passagem desta maneira; eles pregam e aconselham, dizendo, "Tudo que você desejar, pode conseguir por meio da oração"). Como resultado dessa falha no uso da teologia na exegese da passagem (perguntar, por exemplo, "O que significa o importante qualificador 'Em meu nome' – como esta frase é usada em outras passagens"[34] e, "O que outros qualificadores outras passagens da Escritura colocam sobre a oração?"), muitos cristãos tem sido mal conduzidos e terminam profundamente desapontados quando tentam usar a oração como um *abre-te, sésamo* para resolver todos os seus problemas e satisfazer seus desejos. Eles descobrem – da pior maneira – que a oração não funciona assim. O estudo teológico adequado levaria em consideração passagens como João 16.23,24,26,27; Filipenses 4.6,7; Tiago 4.2,3; 5.15-18 em comparação a João 14.13-14. Os qualificadores nestas referências – mesmo que não sejam mencionados ao consulente – devem ser estudados (e guardados na mente) pelo conselheiro, sempre que tiver que falar sobre João 14.13-14, de modo que se dê ao consulente uma impressão errada (i.e., não-teológica, simplória).

No exemplo que acabei de dar comecei a mostrar um dos principais relacionamentos da teologia com o aconselhamento. O conselheiro cristão (assim como o pregador cristão)[35] deve entender *tudo* que dizem as Escrituras sobre determinado tópico, a fim de oferecer direcionamento comple-

33 Não que as suas crenças teológicas básicas diferem, mas frequentemente seu uso da terminologia o faz.

34 Por exemplo, em João 15.21.

35 Tenho falado sobre o relacionamento entre a pregação e o aconselhamento na obra *Matters of Concern*, p. 1, 2.

tamente bíblico aos seus consulentes, uma vez que seu conselho depende dos princípios bíblicos.

Um dos principais problemas com os quais os conselheiros devem lidar (um problema complicado em termos gerais) na busca por ajudarem seus consulentes é ter que aconselhar pessoas frustradas e desencorajadas.[36] Muito da apatia encontrada tem raízes na falha dessas pessoas em entender a Bíblia teologicamente. Como resultado dessa total falta de entendimento bíblico, tomam muitas atitudes esquisitas (como usar a oração como um pé de coelho) que não funcionam. Então, por outro lado, passam a duvidar de Deus e da confiabilidade das Escrituras ou, começam a duvidar de si mesmos ("acho que Paulo conseguiria, mas eu não sou Paulo"). Esta apatia, enraizada no desencorajamento e na dúvida, pode ser evitada. A exegese, com uma dimensão teológica, teologicamente ministrada com cuidadosos qualificadores comunicados na pregação e no aconselhamento, pode levar a resultados completamente diferentes. Portanto, no caso em que o consulente já tenha recebido instrução basicamente não-teológica, os conselheiros devem estar preparados (e procurar) para complicações aos problemas originais que nascem de soluções faltosas. E, é imperativo que a abordagem do conselheiro a estes consulentes seja totalmente consciente do que a teologia pode fazer para ajudá-los.

No processo de aconselhamento não é suficiente ter apenas uma orientação teológica (i.e., completamente formatada, sistematicamente entendida) em relação às Escrituras para evitar o mau aconselhamento e corrigir erros no pensamento e prática dos aconselhandos, mas também é vital ter esta orientação a fim de se comunicar a verdade com autoridade. O conselheiro teologicamente inseguro comunicará sua insegurança bíblica no modo como fala aos seus consulentes (e no modo como escreve sobre aconselhamento). A proclamação da Palavra com autoridade (não autoritarismo),[37] na pregação e no aconselhamento vem somente com o saudável

36 Ver passagens relevantes no *Manual* acerca da importância da esperança.

37 Cf. o *Manual,* p. 15,16; *Lectures,* p. 135..., 187, para uma discussão da distinção entre autoridade e autoritarismo.

conhecimento da teologia. Os escribas e fariseus eram especuladores, em vez de teológicos em seu pensamento (confira a mentalidade do Talmude), e esta foi a razão pela qual o ensino de Jesus, marcado pela autoirdade, destacou-se em constraste ao deles: "Porque ele os ensinava com autoridade, e não como o escribas" (Mt 7.29). Os escribas fundamentavam seus ensinos, não num entendimento exegético e teológico da Bíblia, mas sobre debates contraditórios, discussões e especulações ensontradas no corpo de de materiais chamados de "tradições dos anciãos" que geralmente tinha a clara intenção de anular o efeito de várias passagens (ver Mc 7.13).

Não me surpreende, portanto, a falta de autoridade de conselheiros cristãos de nossos dias; sobra especulação e falta-lhes profundidade teológica.

Tipicamente, o "profissional" cristão auto-fabricado gasta anos estudando psicologia no nível de graduação, mas seu conhecimento das Escrituras não vai além de uma Escola Bíblica Dominical (ou, na melhor das hipóteses, de um seminário bíblico). Isto é terrivelmente inadequado para um conselheiro de tempo integral ou professor de aconselhamento! Princípios e métodos teológicos não se desenvolvem apenas com o tempo, mas acima de tudo são necessários anos de esforço duro esforço para a aplicação dos mesmos no estudo das Escrituras, até que se atinja os resultados satisfatórios, necessários ao aconselhamento.

Frequentemente, ouço esta pergunta, "Por que tão poucos conselheiros assumem uma abordagem bíblica?" A resposta é que há pouquíssimas pessoas no campo, com a preparação teológica adequada para o fazer. Não digo que tais pessoas seja mal intencionadas, pelo contrário, alguns são de fato exemplos de valiosas tentativas de se usar o pouco entendimento existente de maneira apropriada – mas essas tentativas simplesmente falham em decorrência da inadequação teológica e exegética.[38] Como se pode ad-

38 Realmente, tais tentativas geralmente resultam mais em prejuízo do que em benefícios; o uso superficial, não-teológico da Bíblia confunde e desencoraja os consulentes (assim como representa mal Deus pela má compreensão do ensino da Bíblia). Uma das falhas mais tristes de todas é apontar tais psicólogos como professores nas instituições teológicas para ensinarem futuros ministros da Palavra. Ao fim, eles terminam por ensinar a não usarem a Bíblia no aconselhamento.

mitir um conselheiro cristão, cuja palavra "exegese" sequer faz parte de seu vocabulário cotidiano, que nunca leu um texto de Berkhof sobre teologia, que nada sabe sobre o *Dicionário Teológico* de Kittel, e que nem mesmo entende os problemas da reflexão teológica sobre as verdades das Escrituras, com se pode pensar que uma pessoa assim, de uma hora pra outra, comece a desenvolver um sitema bíblico? A ideia em si é absurda.

Neste livro, entendo que o leitor possua o mínimo de capacidade teológica teórica (adquirida antes da leitura ou durante). Portanto, não estou tentando ensinar teologia (obviamente não é possível nem desejável evitar um ensino aqui, acolá; mas o que quero dizer é que não posso transformar este volume num texto básico de teologia sistemática). O que estou tentando fazer é:

1. demonstrar a necessidade de teologia por parte do conselheiro e
2. mostrar como os temas teológicos têm importantes (pode-se dizer vitais) implicações para a teoria e prática do aconselhamento.

N.B., não é possível (mesmo para um descrente) fazer aconselhamento que seja realmente não-teológico. Todo aconselhamento, por natureza (por tentar explicar e direcionar os seres humanos em seu viver diante de Deus e diante de seus semelhantes num mundo caído) implica compromissos teológicos por parte do conselheiro. Este, simplesmente não pode envolver-se na tarefa de mudar crenças, valores, atitudes, relacionamentos e comportamentos, sem que mergulhe fundo nas águas da teologia. Tenho demonstrado[39] que estes compromissos teológicos podem ser conscientes ou inconscientes, bíblicos ou heréticos, boa teologia ou má, mas – de uma maneira ou de outra – eles são certamente teológicos.

Se isto for verdade, é importante (1) tornar-se consciente dos próprios compromissos e das bases para se conseguir e manter esses compromissos, (2) fazer revisões nestes e nos futuros compromissos de modo consciente, com base numa teologia bíblica satisfatória e (3) estudar teologia conti-

39 Cf. *What About Nouthetic Counseling?* p. 37-39. Se o leitor tem qualquer dúvida sobre este, aconselho-o a ler esta discussão.

nuamente para posteriores implicações de verdades que levarão a mais abordagens bíblicas de aconselhamento e emprestarão mais autoridade ao conselho.

Assim, em suma, posso dizer que o relacionamento entre aconselhamento e teologia é orgânico; o aconselhamento não pode ser feito sem compromisso teológicos. Todo ato, toda palavra (ou a falta destes) implica em compromissos teológicos. Por outro lado, o estudo teológico leva a implicações no aconselhamento. A tentativa de separar os dois não deve ser feita; teologia e aconselhamento não podem ser separados sem grande prejuizo para ambos.[40] A separação é tão antinatural (e perigosa) quanto a separação entre o espírito e o corpo. Parafraseando Tiago, podemos dizer que o aconselhamento sem a teologia é morto.

40 Não é meu propósito neste livro desenvolver a ideia de que a teologia pode (deve, creio) aprender a partir das questões difíceis trazidas pelo aconselhamento, do mesmo modo como tem sido impelida a estudar e definir assuntos despertados pelas grandes heresias. Problemas demandam respostas bíblicas. Teólogos e conselheiros devem trabalhar de mãos dadas; eles possuem interesses comuns.

Doutrinas das Escrituras

Capitulo 3

Aconselhamento e a Revelação Especial

A DOUTRINA DAS ESCRITURAS

Onde estavam os cristãos antes de Freud? Em cima de alguma árvore? Alienaram-se de todo conhecimento crucial acerca do relacionamento do homem com Deus e com o seu próximo? O aconselhamento feito pela igreja, seria uma atividade primitiva, inútil, jurássica, que deveria desaparecer por completo diante de recursos modernos? Os cristãos estiveram em silêncio, em face de um viver danoso, antes do advento da psicoterapia? Teria Deus nos privado da verdade necessária a uma vida saudável até a presente era?

Ou dar-se-ia o caso de que homens como o apóstolo Paulo, Santo Agostinho, Martinho Lutero, João Calvino, Charles Spurgeon, e muitos outros, teriam algo de realmente proveitoso a dizer aos convertidos e fiéis de suas congregações a respeito de como deveriam viver num mundo permeado pelo pecado? Teriam esses homens algo a dizer sobre os problemas da vida e sobre como fazer para resolvê-los? A resposta não seria óbvia?

Coloquemos a pergunta de outra forma, o que seria ainda mais difícil de considerar: Como Jesus tornou-se o perfeito Conselheiro, como o descrevem as Escrituras, sem os "insights" da psicologia e psiquiatria clínicas, dos quais afirmam os descrentes (e muitos crentes que os seguem) são essenciais ao aconselhamento eficaz?

Um momento de reflexão tornaria uma coisa abundantemente clara – o Antigo Testamento forneceu a Jesus todo o conhecimento e sabedoria necessários para que ele aconselhasse as pessoas de maneira inerrante.

Ele não estava precariamente suprido, mas (como o apóstolo Paulo certa vez afirmou) Jesus e a igreja encontravam-se "perfeitamente equipados para toda boa obra"[41] por meio dos escritos do Antigo Testamento. Assim também, seguindo o Senhor, a igreja (sempre que é fiel às Escrituras) tem encontrado na Bíblia uma rica e inexaurível fonte de informação para seu ministério de aconselhamento.

Retornamos ao conceito da Palavra de Deus como conselho (nunca devemos esquecer que esta é uma das funções primárias da Bíblia). Não é de se admirar, portanto, que Davi (em Sl 119.24) se refira à Palavra de Deus como seu "conselheiro". Além disso, ao contrastar o que aprendera com a sabedoria humana, ele declara que o conselho das Escrituras o fizera mais sábio do que todos os seus mestres![42]

Portanto, não cabe dúvida sobre a função fundamental da Bíblia como conselho de Deus aos homens, nem sobre o dever do pastor de usá-la no ministério de aconselhamento pastoral.[43] Uma parte do ministério da Palavra é o ministério de aconselhamento.

Neste capítulo discutirei o relacionamento entre determinados aspectos da doutrina das Escrituras para o ministério de aconselhamento.

Primeiro, precisamos entender plenamente as implicações da doutrina bíblica da inerrância das Escrituras para o ministério de aconselhamento. O cristão tem nas mãos um livro que é a própria Palavra do Deus vivo, escrita por vários autores, respeitado o estilo de cada um (pela superintendência do Espírito Santo), autores esses que foram preservados de todos os erros, pois de outro modo teriam certamente cometido deslizes em seus escritos, mas que, por providencial direção divina, produziram uma espécie de literatura que não somente expressa o que desejavam dizer, mas sobretudo o que Deus intentava dizer por meio deles, de modo que es-

41 2Tm 3.17. Aqui, a passagem fala da transformação dos cristãos pelo uso das Escrituras (*cf.* v. 15,16).

42 Sl 119.99

43 Tratei alhures dessa questão com maior profundidade. Não repetirei aqui o que já foi dito, por exemplo, no segundo volume de *Shepherding God's Flock*.

ses escritos podem ser considerados (ao mesmo tempo) obra de autores, como Jeremias, e do Espírito Santo.[44] A Bíblia é o livro soprado de Deus (a palavra traduzida como "inspirada" significa, literalmente, "soprada por Deus". "Inspirar" significa "soprar para dentro"). Quando Deus afirma que inspirou sua Palavra, ele quer dizer que a Bíblia é sua Palavra na mesma proporção que seria se ele a tivesse pronunciado audivelmente. Se o leitor pudesse ouvir a voz de Deus, nada seria acrescentado ou suprimido do que foi escrito.[45]

O conselho fundamentado num livro como a Bíblia, confere uma nota de autoridade ao aconselhamento. Quando confrontado com propostas descaradas de pecado ("Posso deixar minha esposa por outra mulher?"), quando questionado sobre comportamento ("Devo pagar impostos injustos?"), etc., o conselheiro cristão pode dar uma resposta inequívoca, porque não se fundamenta em sua própria opinião a partir das probabilidades das consequências, a partir da conveniência ou de qualquer outro padrão relativo, mas no mandamento do Deus vivo, que tem falado.

Isto faz uma tremenda diferença. O ministério da Palavra no aconselhamento, como resultado, é totalmente diferente do aconselhamento fundamentado em qualquer outro sistema por causa de sua base de autoridade. Este caráter de autoridade nasce, evidentemente, da doutrina da inerrância das Escrituras. Se a Bíblia tivesse erros humanos, se não fosse mais confiável do que qualquer outra composição literária – se não fosse a revelação inspirada por Deus – esta nota de autoridade seria questionável.[46] Mas, sendo inerrante, a Bíblia é autoridade final.

---

44 Cf. Hb 10.16. Compare especialmente Hb 3.7,8 com Hb 4.7. A mesma citação é atribuída a Davi e ao Espírito Santo. Ver também Atos 3.21; Ne 9.30.

45 Quando ministrava no Brasil, descobri o que realmente estava por trás desta segurança. Naquele país predominantemente iletrado, a linguagem oral é suprema. Se uma secretária receber informações contraditórias (um oral, outra escrita) de seu chefe, ela certamente escolherá a informação oral em lugar da escrita. Aqui, como diz Paulo, a linguagem oral *sustenta a* escrita. Nossa própria herança reflete vestígios de um tempo quando em que isto estava tão presente na história Inglesa, o que se pode ver em frases como "Você tem minha palavra" ou "Ouvi isto da boca de uma testemunha".

46 Todo conselheiro deveria determinar quais passagens bíblicas são verdadeiras e quais possuem erros. Seria o homem se colocando no lugar de juiz sobre a Escritura, em vez da Escritura julgando o homem.

Esta autoridade não deve ser confundida com autoritarismo. Esta diferença já foi estabelecida por mim em outra obra,[47] de modo que não a repetirei aqui.

Mas há outro assunto sobre o qual já falei, mas que gostaria de ampliar aqui. Trata-se do direcionamento bíblico nas questões sobre as quais a Palavra de Deus nos oferece apenas princípios, em vez de falar diretamente. O conselheiro deve distinguir com agudeza estes dois assuntos. Na obra *Lectures on Counseling*, escrevi:

> Outro fator no uso das Escrituras é a importância de se distinguir entre mandamentos divinos objetivos e inferências válidas ou aplicações de tais mandamentos. Alguns assuntos são diretamente permitidos ou proibidos; em outros casos, as decisões devem ser tomadas com base em inferências de princípios bíblicos. Não precisamos dedicar muito tempo desenvolvendo este tema aqui, já que no *Manual do Conselheiro Cristão* ele já foi plenamente tratado.[48] Mesmo assim, é essencial determinarmos a importância de se fazer tais distinções. De outra forma, o consulente poderá errar entre a autoridade de Deus e o julgamento biblicamente informado de outrem. É significativo, portanto, que o conselheiro, deixe clara essa distinção, entre um conselho e uma opinião particular. Compare as seguintes declarações: "Joe, você deve parar de assediar a esposa do Bob, e deve parar hoje!" e "Bill, você deve estudar sua Bíblia; sugiro que você comece com o capítulo 10 do livro de Provérbios". A segunda difere radicalmente da primeira.

A distinção pode ser resumida na seguinte tabela.

MANDAMENTO BÍBLICO	SUGESTÃO DO CONSELHEIRO
Mandamento: "Joe, você precisa parar hoje".	Passos específicos para obedecê-lo: "Ligue para ela e encerre tudo".
Princípio bíblico geral: "Você deve estudar sua Bíblia".	Aplicação específica: "Leia Provérbios 10".

47 Ver também *What About N. C.?* p. 33; *Lectures*, p. 133-138, 187.

48 p. 16,17,447,448.

O conselheiro pode ser direto no aconselhamento, quando os mandamentos bíblicos são claros e específicos sobre o assunto em questão: "Joe, você deve parar de assediar a esposa do Bob, e deve parar hoje". Quando o assunto não é tratado diretamente nas Escrituras, o conselheiro pode ser direto somente ao apresentar os princípios bíblicos: "Você deve estudar sua Bíblia". Não se pode afirmar biblicamente a maneira exata como Joe deve por fim à sua infidelidade. De fato, os passos que ele precisa tomar para chegar a este fim, podem variar sob diferentes circunstâncias. Ele poderia resolver tudo com um simples telefonema, o que funcionaria na maioria dos casos. Entretanto, se a esposa de Bob permanecer tentando restabelecer o relacionamento, Joe teria que tomar outros passos. Por outro lado, estudar as Escrituras regularmente pode ser afirmado como um princípio bíblico, mas a passagem com a qual Bill deve começar podem ser apenas sugeridas, pois não há um mandamento direto sobre isso. As circunstâncias podem apontar passagens completamente diferentes (e.g., se Bill for um descrente, simplesmente não deverá começar pelo livro de Provérbios, mas com o evangelho de João).[49]

Assim, a autoridade do conselheiro em qualquer assunto, é limitada pela Escritura. Esta é mais uma razão pela qual a Bíblia deve fazer parte de todas as sessões de aconselhamento. Pelo menos certa quantidade de exposição bíblica deve acompanhar todo conselho direto ("Joe, você deve parar...") caso ainda não esteja absolutamente claro para o consulente que a Bíblia realmente ordena aquele conselho (no caso acima citado, poucos conselheiros questionariam o mandamento; até mesmo muitas pessoas não-salvas reconhecem que a Bíblia proíbe o adultério). Há muitos assuntos, entretanto, sobre os quais o consulente pode não ter certeza (e.g., "Você deve parar com essa ansiedade, porque ansiedade é pecado").[50] Em todas as situações, a exposição bíblica se faz necessária para:

1. capacitar o consulente a "ver [por si mesmo] se as coisas são de fato assim" (At 17.11).

49 *Lectures,* p. 251,252.

50 Provavelmente será importante fazer alguma (o quanto seja necessário) de Mateus 6 e Filipenses 4 em muitos exemplos quando se faz certas afirmações.

2. trazer toda autoridade da Palavra de Deus ao consulente (de modo que ele não trate o conselho como mera opinião pessoal do conselheiro, que pode ser recebido ou descartado) levando-o a concordar com ela em sua totalidade.

A autoridade inerente na frase do prefácio do Novo Testamento deve ser clara a *todo* estudante sério da Bíblia. Esta observação é essencialmente necessária ao aconselhamento.[51]

Nenhum outro sistema de aconselhamento possui autoridade (embora Ellis e Skinner, et. al. pretendam ter) porque nenhum deles possui um fundamento de autoridade. Sou forçado a concordar com muito da crítica do uso de autoridade no aconselhamento, uma vez que tal autoridade nasce da arrogância de homens falíveis que tentam falar com autoridade.[52] Nenhum conselheiro deve confiar sua vida às mãos de outro pecador falível e despreparado. A menos que o conselheiro seja convertido e capaz de demonstrar que há autoridade bíblica para as diretrizes que ele dá, o consulente deve desistir do aconselhamento.

A autoridade do cristão para o aconselhamento bíblico não deriva do conselheiro; logo, ele não terá, necessariamente, problemas com arrogância (digo 'necessariamente' porque há muitas outras formas dos cristãos também se tornarem arrogantes). A crítica fundamental mencionada acima simplesmente não se aplica ao caso da autoridade do conselheiro cristão. Sua autoridade no aconselhamento é divina. O argumento da arrogância, quando aplicado a outros sistemas de aconselhamento, porém, é constrangedor; mas não produz qualquer impacto sobre o genuíno aconselhamento cristão. Desse modo, por que hesitaremos em aconselhar com autoridade, nós que temos somente boas razões para fazê-lo?

Albert Ellis pode fazer quaisquer pronunciamentos estoicos do Monte Olimpo, pode denunciar os códigos de moralidade como a causa dos pro-

51 Cf. *Lectures*, p. 130,131, onde uma (de muitas) razão para a direção de autoridade no aconselhamento é discutida.

52 De fato, quanto maior for sua autoridade no falar (em nome da ciência, da psicologia, ou de suas próprias opiniões), mais perigoso ele se torna.

blemas de seus consulentes, declarar quais "deves" precisam ser abolidos – e ele é aceito por uma considerável parte dos conselheiros cristãos; mas basta um conselheiro crente falar com autoridade para o mundo desabar! Todo o fundamento de Ellis é sua própria opinião; os cristãos falam com base na Palavra de Deus. A postura de muitos cristãos, portanto, é completamente absurda[53] - i.e., por assim dizer (neste contexto) não-teológica.

É hora de soar uma nota cristalina de esperança neste deserto do aconselhamento feito com subjetividade. Ninguém tem o direito (ou ninguém deveria ter a pretensão) de dizer a outra pessoa que mudanças fazer em sua vida, ou como fazê-las. Quem – estribado em sua própria autoridade – conheceria as respostas para os problemas de sua vida, muito menos para os problemas alheios? A partir de que padrão poderia fazer isto?[54] Numa análise final, toda afirmação feita no aconselhamento (até mesmo quando emprestada de Rogers, Skinner, et al.) é feita porque o conselheiro pensa (ou espera) que as coisas sejam assim.[55] Somente uma revelação externa, divinamente entregue, pode nos fornecer a saída para o subjetivismo.

Isto se estende até mesmo ao compromisso do conselheiro cristão com as Escrituras, como sua fonte de autoridade para o aconselhamento, pois este compromisso não possui uma motivação subjetiva, mas divina (ver 1Co 2). Somente um Deus infinito, santo, com um conhecimento compreensivo, poderia nos dar o que necessitamos para o aconselhamento. Todas as outras visões da realidade, etc., são marcadas pela parcialidade e devem ser transmitidas aos cristãos pela iluminação do Espírito, de modo que as

53 Este absurdo assume muitas formas. Por exemplo, Skinner, sem hesitação, declara onipotente que o homem não passa de um animal, que conceitos como Deus, alma e mente são termos não predicáveis e que, portanto, devem ser eliminados, ao passo que escritores cristãos não abordam com seriedade a necessidade do cristão ir além da não-diretividadeRogeriana!

54 Ver meu tratamento sobre isto: "Transformá-los – em Quê?" (Christian Counseling and Educational foundation, Laverock, Pa., 1978).

55 Quando Wm. Glasser que trará o consulente a uma conformidade com a realidade, esta realidade que ele tem em mente é a visão distorcida, limitada que o pecador finito possui da realidade. Quando Krumboltz aceita os objetivos do consulente (*Revolution in Counseling* [Boston: Houghton na Mifflin Co., 1966]), ele realmente está aceitando o que *elepensa* como certo – literalmente, o objetivo do conselheiro. Nem os objetivos da sociedade em geral (ou o que é melhor para a maioria – Mowrer), nem os objetivos do paciente oferecem um caminho em meio à subjetividade do problema. Numa análise final, o conselheiro adota qualquer abordagem que *ele pensa* ser a melhor.

limitações dos cristãos não venha porventura a distorcê-las. É disto que estamos falando ao nos referirmos ao uso das Escrituras no aconselhamento; é também isto que faz a diferença na autoridade cristã.

Todas estas reivindicações de exclusivismo, embora essenciais, podem levar a resultados errôneos (toda ênfase boa e necessária pode ser – e tem sido – distorcida; Satanás tenta nos tragar de todas as formas). O chamado de Deus para que os judeus tivessem um modo de vida único, como povo especial (santo) e escolhido (eleito), que deveria representar o verdadeiro Deus diante do mundo, para abençoar as nações, rapidamente degenerou-se num segregacionismo (o que se pode ver com especialidade na atitude dos Fariseus) que despreza os outros povos. Tal racismo radical levou a um *status* negativo de relacionamento, que chegou a ser expresso desta maneira: "Os judeus não se dão com os samaritanos" (Jo 4.9b). O aconselhamento exclusivo também pode ser erroneamente distorcido. Os judeus deveriam testemunhar ao mundo a singularidade de Deus mas, em vez disto, fecharam a porta aos outros povos. Este perigo deve ser observado e evitado.

O separatismo bíblico no aconselhamento – tanto em princípio quanto na prática – pelo qual tenho lutado, é oposto a esse exclusivismo farisaico. Não queremos impedir os descrentes de desenvolverem seus próprios sistemas de aconselhamento, até mesmo de realizarem um aconselhamento conflitante com a Escritura.[56] Mas o aconselhamento cristão em si, deve ser livre de influências e comprometimentos ecléticos para que assim possa estabelecer uma alternativa genuína e viável. Quanto menos houver (em substância) uma opção real, quanto mais o assim chamado aconselhamento cristão se assemelharem ao aconselhamento não-cristão, que para todas as intenções e propósitos são os dois indistintos, o cristão termina por perder sua oportunidade evangelística no aconselhamento. Este é um dos fatores chaves a serem lembrados: o separatismo na teoria e prática do aconselhamento tem como objetivo (dentre outras coisas) prover oportu-

56 No Brasil, por exemplo, até mesmo as "igrejas" consideradas de "alta" espiritualidade possuem um programa de aconselhamento por telefone!

nidades para o evangelismo. Somente quando o conselho de Deus e a maneira de Deus é objetivamente distinta do conselho e maneira de Satanás, pode haver uma comparação válida de alternativas claras que permitam a demonstração do poder do Espírito. Em outras palavras, exclusivismo na teoria e técnica do aconselhamento não tem como propósito isolar o cristão do mundo (ou de outros cristãos), mas em vez disto, oferecer um meio eficaz de impactar o mundo com algo diferente; algo que venha de Deus – algo verdadeiramente singular.

O Deus "Único," o "Conselheiro" (Is 9.6) é simplesmente isto: "único" (este é o significado real da palavra "maravilhoso" no texto de Isaías). Diluir a alternativa cristã com adições de Freud, Rogers, Maslow, Harris, mesmo as visões especulativas de quaisquer outros pensadores não-bíblico da área, portanto, é enfraquecer o poder de testemunho da igreja de Cristo.[57] O testemunho de Cristo deve ser mantido único, como o foi nos dias quando ele andou entre os homens (nenhum traço de ecletismo pode ser encontrado em suas palavra e obras).

Cristãos que pensam que serão aceitos pelo mundo (e assim ampliarão sua imagem e oportunidade de testemunharem aos não-salvos) somente se aderirem ao ecletismo, estão redondamente enganadas. Certamente serão aceitas, quanto a isto não resta dúvida, mas esta aceitação significa que o mundo as aceitará como qualquer um dos seus. Como resultado, não há alternativa. Sem uma alternativa não há um uma necessidade premente do não-salvo examinar a validade da posição cristã. Somente por sua presença como alternativa um sistema de aconselhamento pode estabelecer a singularidade de Cristo. Não podemos colocar Cristo ao lado de Skinner, Perls ou Mowrer. Ele é verdadeiramente único; não admite comparações. O conselho de Cristo, também – juntamente com outros aspectos da obra para a qual ele vocacionou sua igreja – é também incomparável.

Passaremos agora à consideração de uma questão muito importante, não somente para os conselheiros e o aconselhamento, como também

57 Para mais esclarecimento sobre "Evangelismo no Aconselhamento," veja meu artigo homônimo em *The Big Umbrella* e no Apêndice.

para a igreja em geral. Esta questão encontra-se permeada de problemas; nenhuma teologia da Palavra e da revelação deve evitá-la (embora muitas obras teológicas o façam). Bem, devido à sua grande importância, esse assunto ocupará muito espaço nesta obra.

Direcionamento Pessoal

Em seu trabalho o conselheiro cristão normalmente tem que lutar contra a noção de direcionamento pessoal. Dificilmente um, entre centenas de consulentes, possui alguma noção bíblica do que fazer para tomar decisões que agradem ao Senhor. E isto não é de se admirar. Os teólogos têm ignorado o assunto; livros populares, repletos de ensinos errôneos e confusos, proliferam. Na discussão das implicações da revelação especial nas Escrituras, portanto, parece apropriado dizer uma ou duas palavra sobre esse importante, prático e cotidiano assunto.

Tipicamente, as pobres respostas dos consulentes se enquadram em duas categorias:

(1) as que não pensam que as Escrituras tenham algo a dizer sobre as decisões a serem tomadas no dia a dia (e acabam tomando suas decisões de modo conveniente e pragmático), e

(2) e as que discordam delas em relação às Escrituras, mas buscam revelações em sonhos, sentimentos,[58] circunstâncias e elucubrações.

Comum a ambas as abordagens errôneas, e grandemente praticada por conselheiros (cristãos) é a opinião de que as Escrituras são inconvenientes ou insuficientes, de modo que se deve sempre buscar outras fontes.

Entretanto, é óbvio a todos que há dois tipos de situações nas quais o direcionamento pessoa se torna necessário:

1. situações sobre as quais a Escritura não fala diretamente;

58 Uma frase típica é "Eu senti uma direção para..." Um líder cristão na Europa contou-me que quando não dispõe de tempo para estudar as Escrituras para ajudar alguém a tomar uma decisão, ele simplesmente pede a Deus que lhe dê alguma resposta por meio de um sonho.

2. situações sobre as quais a Escritura fala indiretamente.

Normalmente, o conflito do aconselhando tem a ver com a segunda alternativa. Se Joe estiver pensando em assaltar um banco, evidentemente não há confusão sobre as diretrizes bíblicas em relação a essa situação específica: "Não matarás". Este verso de Êxodo 20 aplica-se diretamente a esta situação. Entretanto, se Bill se sente tentado a envolver-se numa transação[59] financeira duvidosa, tanto ele quanto seu conselheiro podem não concordar inicialmente quanto à aplicação adequada deste mandamento.

A existência de dois fatos nos chama a atenção para o assunto do direcionamento pessoal. A Bíblia não é um catálogo de "faças" e "não-faças" a respeito de todas as questões da vida, topicamente arranjados em ordem alfabética.[60] Em vez disso, a Palavra de Deus contém princípios gerais e específicos, declarados nos contextos aos quais se aplicavam e em incidentes exemplares aplicáveis à vida de um modo geral.

Quando Filipe tiver que tomar uma decisão, portanto, entre duas ofertas de emprego, quando Bob tiver que decidir que carro comprar, entre um incontável número de opções disponíveis, e o mesmo se dará com tantas outras decisões desse nível, não é tarefa fácil encontrar um direcionamento da Escritura, uma vez que não teríamos ali um caso objetivo de violação ou cumprimento de um mandamento bíblico. Este é o motivo da confusão existente.

Infelizmente, por não falar a Escritura diretamente sobre tantas decisões pessoais que temos que tomar diariamente, muitos cristãos abandonam a esperança de descobrir a vontade de Deus em relação a essas questões do cotidiano e (como tenho dito) fazem o que bem entendem, inteiramente baseados em princípios extra bíblicos, ou buscam combinar o estudo bíblico a partir de métodos aleatórios, confiando nos sentimentos ("Estou em paz a respeito desse assunto"), à procura de portas abertas,

59 Por "duvidosa" quero dizer uma transação que pode ou não envolver roubo – ou seja, questionável.

60 Embora haja algumas seções (sem as características tópico/alfabéticas); cf. o livro de Provérbios.

etc. quando as pessoas querem respostas, e as querem imediatamente, os conselheiros recorrem a essas táticas.

É fato, como todos sabemos, que muitos resultados trágicos e terríveis advêm da confiança em tal "direcionamento" (que, não sendo sancionado pelas Escrituras, sabemos não ser de fato um direcionamento). Temos ouvido as pessoas dizerem, "O Senhor me levou a fazer isto" ou "O Senhor está me levando a fazer isto ou aquilo." Entretanto, alguns meses depois, no consultório do conselheiro, após os resultados, o que se ouve é, "Oh, que confusão, essa na qual fui me meter".[61] Quantas pobres decisões têm sido tomadas sob a impressão de que o Senhor as estava guiando por algum meio externo à Bíblia! Talvez uma das tarefas mais importantes que o conselheiro tem a realizar, portanto, é ajudar os consulentes cristãos quanto à questão do direcionamento. Como ele fará isso?

O primeiro, e absolutamente fundamental fato a ser zelosamente mantido, é que não há forma de se conhecer a vontade de Deus, nem de receber seu direcionamento, fora das Escrituras.[62] Isto deve ser esclarecido a todos os consulentes.

O segundo fato é um corolário do primeiro: há princípios e práticas bíblicos que abrangem todas as circunstâncias da vida, e que estão à disposição de todos os que investem tempo e energias nas buscas pelo entendimento e conhecimento adequado da Bíblia.[63] Cristãos sábios estudam regularmente as Escrituras para aprendê-las, de modo que quando lhes chega o momento de tomar decisões, eles possuem um entendimento do que a Bíblia diz sobre determinada situação. Isto é muito superior a simplesmente recorrer aos sonhos!

O terceiro fato decorre do segundo e a ele já fizemos alusão: as Escrituras falam, direta e indiretamente por implicação. A Bíblia nos ajuda a

61 Ou, em sua forma mais trágica, "Por que o Senhor fez isto comigo?"

62 O tempo da revelação direta cessou com a morte do último apóstolo. E, lembre-se, nem mesmo os apóstolos gozaram de revelação direta no que diz respeito a todas as suas decisões (cf. 2Co 12.12; Hb 2.2-4; 2Co 4.8b; estas passagens mostram que a revelação direta era exclusivamente apostólica).

63 2Tm 3.15-17; 2Pe 1.3

fazer escolhas (de sim/não) ou nos fornece um número limitado de opções igualmente legítimas.

Com estas três proposições sobre o direcionamento bíblico em mente, estamos prontos a investigar o assunto de modo mais abrangente.

"Espere um pouco," você dirá, "O que dizer sobre as duas passagens bíblicas que se referem ao crente sendo 'conduzido pelo Espírito'? Não estariam estas passagens falando claramente de alguma espécie de direcionamento extra bíblico?" Esta pergunta merece uma resposta, pois muita confusão tem resultado de uma interpretação errônea destas passagens.

As duas passagens sob consideração (Rm 8.14; Gl 5.8) geralmente são empregadas para sustentar a perspectiva de direcionamento extra bíblico para se tomar decisões. Mas o fato é que estas passagens jamais poderiam ser usadas com esse fim, pois não advogam tal ideia. Nenhuma dessas passagens tem qualquer coisa a ver com tomada de decisões. Antes, em ambas, como claramente mostram seus respectivos contextos, o assunto em questão é a santificação – o andar do crente nas veredas da justiça, pelo poder do Espírito. Este andar é (de acordo com o apóstolo Paulo) uma evidência da justificação do crente (Epístola aos Romanos) e se constitui o comportamento do cristão em contraste com o antigo modo pecaminoso de viver do descrente (Epístola aos Gálatas).

O cristão é "levado" (motivado) pelo Espírito a andar nos caminhos de Deus e não nos caminhos da carne. Em nenhuma das passagens temos qualquer noção de direcionamento para a tomada de decisões. Construir assim esses textos, na verdade é desconstruí-los.[64]

Como, então, podemos tomar decisões baseados unicamente nas Escrituras, quando não há uma palavra clara que se aplique diretamente a certos casos específicos?

64 Mesmo se as passagens *realmente* se referirem (remotamente) ao direcionamento na tomada de decisões o argumento para revelação extra bíblica não se sustenta. Poder-se-ia argumentar (de fato *seria necessário*) que o Espírito Santo fala *através* de sua Palavra (Hb 10.15...). É absurdo supor que o Espírito dedicaria séculos produzindo as Escrituras apenas para endossar regularmente outros métodos de direcionamento dos cristãos.

Primeiro, o conselheiro deve ajudar o consulente a buscar os princípios relevantes (ou princípios incorporados em exemplos) que se relacionem diretamente com o caso em questão. Alguns destes princípios são gerais; outros, mais específicos.

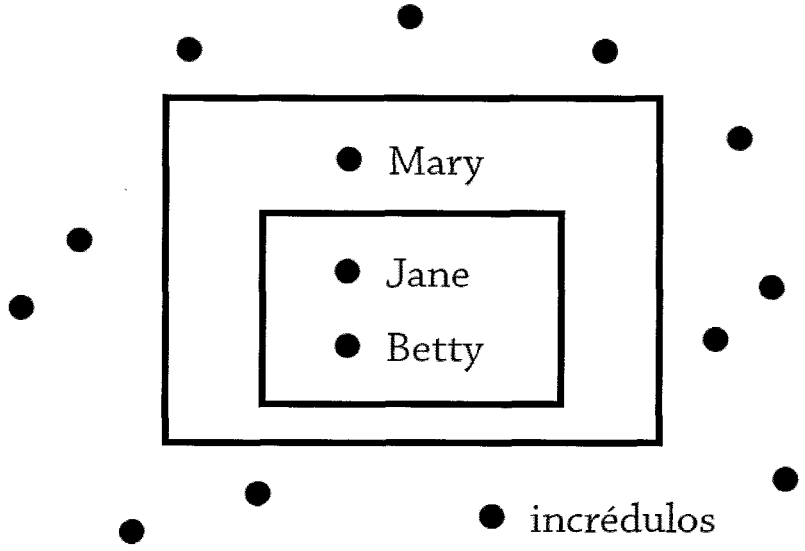
Se uma decisão sobre casamento, por exemplo, tiver que ser tomada, os princípios gerais sobre o celibato (em Gn 2.18; Mt 19; 1Co 7) devem ser levados em consideração no contexto. Tendo sido aplicados os testes bíblicos, tendo sido concluído que o consulente não possui o dom da vida de solteiro, devem ser aplicados os princípios que regem o casamento em si. Por exemplo, 1Coríntios 7.39 (ver também 2Co 6.14-18), deixa claro ao afirmar que o casamento deve ser "somente no Senhor", que o cristão não pode casar com um descrente. Este princípio geral estreitará consideravelmente o campo de tomada de decisões. Entretanto, digamos que o consulente chegue ao ponto de apresentar três mulheres cristãs como pretendentes a esposa. Considerando a voluntariedade básica e interesse de cada uma delas, como ele decidirá entre as três? Considerando outros princípios específicos. Mary possui muitas qualidades, mas há sérios problemas envolvendo seu interesse pelo estudo das Escrituras ("É muito chato", diz ela), sua frequência à igreja e em seu compromisso em viver como cristã nos assuntos da vida cotidiana. Nem todos os cristãos estão prontos para o casamento. Mary será rejeitada porque desta vez (pelo menos) ela não parece susceptível à autoridade e influências da Palavra de Deus, exibe pouco crescimento espiritual e (de um modo geral) revela evidências de desobediência a Deus. Casar com Mary seria embarcar numa viajem de navio tendo Jonas como tripulante. Isso estreita a escolha, que agora se resume entre Jane e Betty.[65]

Tanto Jane, quanto Betty, em contraste com Mary, são cristãs vivazes, profundamente envolvidas com a obra de Cristo. Não há princípio (ou gru-

65 Aqui, o "sentido" teológico de muitas passagens pertinentes das Escrituras ajuntadas, mas sem uma referência consciente a elas é o que direciona. Isto pode ser uma armadilha, porque quando se segue somente o "sentido", os princípios não são aparentes como validação deste sentido. Mas, com muitas perguntas, é possível estudar com propriedade para saber que há base sólida para este "sentido" da Bíblia!

po de princípios), portanto, que possam excluir nenhuma delas. De fato, após um exame cuidadoso das Escrituras, após alistar as virtudes de cada uma delas, etc., Herb chega a conclusão de que – com base no princípio bíblico – há iguais razões para casar com qualquer uma delas.

Em outras palavras, os princípios bíblicos eliminaram todas as mulheres descrentes, e eliminaram também Mary (pelo menos desta vez), mas deixaram Herb com duas opções dentro da caixa.



"Como", pergunta Herb, "devo agora determinar qual delas é a escolha de Deus para mim?"

Este é precisamente o tipo de pensamento que está por trás da linguagem que devemos rejeitar. Podemos pensar na vontade de Deus a partir de duas perspectivas. Há o senso último no qual podemos falar que Deus deseja (ou determina) um evento particular (ou mesmo um fato). Neste sentido (claramente articulado em passagens como Ef 1.11) podemos falar na "esposa que Deus quer para Herb". Há – precisamente – apenas uma pessoa para ele, em última instância: aquela a quem Deus de fato decretou que se tornasse sua esposa (Deus não decretou algo que não acontecerá!). Mas há um segundo sentido no qual podemos falar da vontade de Deus, e

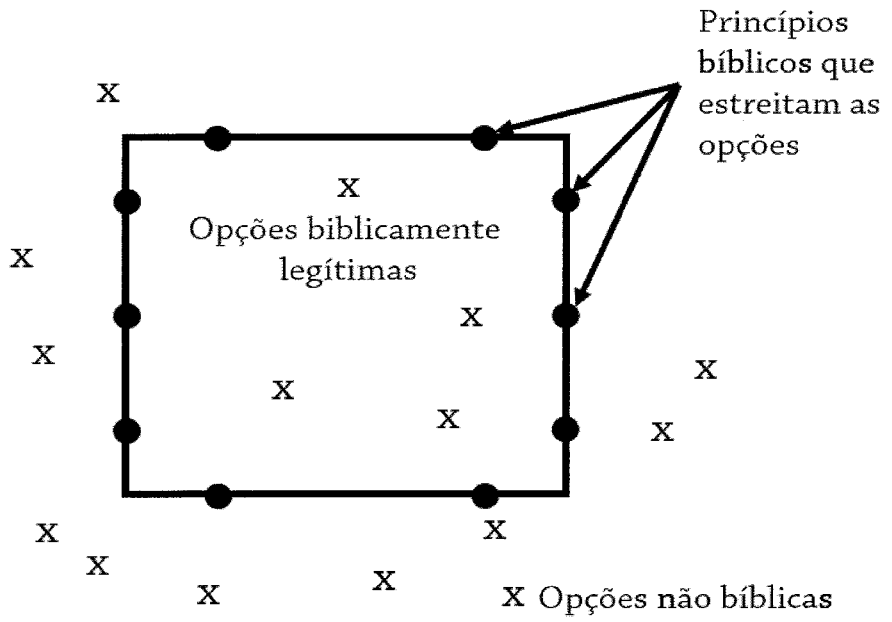
neste sentido a linguagem usada por Herb é inapropriada. Trata-se do que podemos chamar de vontade diretiva de Deus – sua vontade para o homem, expressa por meio dos mandamentos bíblicos. O que Deus decretou, acontecerá, necessariamente (porque Ele o fará acontecer) não necessariamente conforme o que ele nos direcionou a fazer de uma maneira mais geral na Bíblia. E, observe-se, as diretrizes bíblicas são pouco específicas. Em tais casos é, portanto, errado falar como se pudéssemos saber o que Deus decretou na eternidade, antes que aconteça. Após o fato ocorrido, pode-se dizer com segurança que "Deus determinou que eu casasse com Betty, em vez de Jane. Sei disso porque casei de fato com ela e, aconteça o que acontecer, esta é a vontade eterna (ou decretiva) de Deus".

Se de fato, todas as coisas fossem iguais, se não houvesse princípios que proibissem Herb de casar com Jane ou Betty, ele poderia concluir que (no sentido da vontade diretiva de Deus revelada nas Escrituras) casar-se com uma ou outra seria uma opção legítima. Não seria certo nem errado, biblicamente falando, casar-se (ou não casar-se) com uma ou com outra.

Deus é o Deus da abundância. Doze cestos foram deixados cheios de pães. Nas decisões diárias, ele nem sempre nos levará a lugares onde todas as escolhas girarão sempre entre o certo e o errado. Em sua grandeza, seus filhos geralmente encontram-se em posição viável de escolha entre duas ou mais decisões corretas! Seria certo pegar qualquer um dos pedaços de pão que Jesus multiplicou. Por isso, falando de uma posição antes do fato, Herb deveria reconhecer que não estaria errado se casasse com Jane ou com Betty (nomes usados aqui, evidentemente – para efeito de ilustração artificial – pois ambas as mulheres desejavam casar com ele!). Ambas são opções dentro da área da vontade diretiva de Deus.

Cristãos geralmente encontram-se nesta posição. Não tem que fazer uma escolha definitiva entre certo e errado quando precisam decidir o que vestir, se uma blusa azul ou marrom, na maioria das situações. Tanto (e talvez a escolha também inclua uma roupa preta ou cinza) uma como a outra são aceitas dentro dos princípios bíblicos da moderação, etc., que restringem e governam as alternativas. Não é necessário se fazer um es-

tudo bíblico toda vez que temos que escolher o que vestir. Tendo pensado biblicamente sobre tais assuntos, podemos operar dentro da seguinte estrutura.[66] Frequentemente, podemos dizer, muitas opções permanecem dentro da caixa.



Sempre que for assim, é correto ao cristão escolher segundo suas preferências. Desse modo, Herb tem o direito, dentro das opções que Deus o ofereceu, de decidir por Betty (como ele de fato o fez) em vez de Jane, em bases puramente preferenciais. Decisões entre comprar um automóvel Datsun ou um Toyota (dentre um número bem maior de opções), entre aceitar o convite para tornar-se pastor da igreja X ou da igreja Y depois de ser convidado por ambas, entre centenas de outras igreja como elas, geralmente são decisões que não se enquadram entre boas e más, mas entre duas (ou mais) boas.

Não seria errado decidir entre pregar o evangelho na Índia ou no Paquistão. Ambas as opções, num dado caso, podem ser boas (noutra situa-

66 Embora, no aconselhamento, será importante levantar questões sobre áreas *assumidas* de livre escolha que o consulente pode *nunca* ter pensado biblicamente antes. Ele pode fazer afirmações falsas, não-bíblicas; sua "caixa" pode estar fora de foco.

ção, pode haver um conflito entre certo/errado entre as duas).[67] Às vezes não há muitas opções e as decisões oscilam entre boas e más, em quase todas as situações.

O fato importante a ser lembrado é que no caso em que é preciso escolher entre muitas opções boas (pelo menos duas) há, somente para os que eliminaram todas as opções biblicamente erradas, por meio da correta aplicação dos princípios restritivos revelados nas Escrituras que criam oportunidades de opção.

Num sentido absoluto, ou último, o cristão não pode falar objetivamente sobre a "vontade de Deus" antes do fato num contexto de múltiplas opções.[68] Ele só pode falar em termos gerais, "Vejo que é vontade de Deus que eu case com uma garota como Jane ou Betty".

"Mas as circunstâncias não me ajudarão a decidir o que seja a vontade de Deus?"

Não.

"Não? Mas eu sempre ouvi diferente." E, sem dúvida, como resultado disso, você já ficou confuso. Circunstâncias – o que muita gente chama de portas abertas ou fechadas – oferecem apenas ocasiões (não direcionamentos) para as decisões básicas; elas podem até mesmo nos ajudar a decidir preferencialmente entre várias opções boas, quando estamos dentro de um contexto que claramente agrade a Deus. Mas as circunstâncias não podem direcionar você; somente os princípios bíblicos podem.

Suponhamos que você planeja tornar-se um missionário na Índia, você completa seus estudos, consegue seu sustento e requisita um visto. Mas você sofre uma decepção – uma "porta fechada"! Que "leitura" você fará dessa circunstância?[69] Você irá concluir:

---

67 Se, por exemplo, um missionário quiser deixar a Índia e ir para o Paquistão *por motivos errados*, ou quando alguém diz: "Irei para qualquer lugar que não seja a Índia." Uma decisão *contra* a Índia *ou algo nesse sentido* pode ser pecado.

68 Em 1Samuel 24.7,14, há um bom exemplo falsa predição sobre o que Deus fará.

69 Numa base bíblica a pessoa não *lê* as circunstâncias; estas não possuem caráter de revelação.

1. "Bem, acho que Deus não quer que eu seja missionário"; ou
2. "Deus não quer que eu seja missionário na Índia";
3. "Deus não quer que eu seja missionário na Índia, agora – vou esperar pelo tempo de Deus";

Ou

4. "Deus está me testando para ver se eu realmente tenho vocação. O que é uma rejeição? Trata-se de uma decisão meramente humana. Vou se tiver que ir – com ou sem visto, se for o caso!"; ou...

E assim se vai ao longe, com outras "leituras" plausíveis (ou interpretações) das circunstâncias. É quase tão subjetivo quanto a leitura de folhas de chá ou de borra de café! Semelhantemente, as chamadas "portas abertas" podem ser lidas de diversas maneiras; lembre-se que algumas portas abertas podem levar você a cair no buraco de um elevador com defeito!

A Bíblia não nos manda procurar portas abertas ou fechadas como uma forma de determinarmos o direcionamento de Deus. É verdade que Deus abre e fecha portas, mas determinar a vontade divina pode ser algo perigoso se o fizermos com base na interpretação das circunstâncias, sempre frágil e limitada. O método da interpretação seletiva também é frequentemente empregado.

Não dedicarei tempo a discutir a futilidade de se tentar determinar a vontade de Deus por meio de "sentimentos", "urgências", "convicções profundas," "paz"[70] e "indicações". Por trás de cada um desses elementos há razões desconhecidas. Algumas vezes estas razões podem ser bíblicas, às vezes, não; as vezes podem ser nobres, mas na maioria das vezes não são. É preciso avaliar cada uma destas razões no aconselhamento, segundo os princípios bíblicos. O contrário disso sempre resultará em decisões que terminam em terríveis alterações de humor – ou coisa muito pior! E que

70 A má interpretação de Cl 3.15 (como uma paz *individual* – do tipo "Estou em paz com relação a isto" – como base para a tomada de decisões deve ser rejeitada). Toda a passagem fala de *relações* coletivas das partes do corpo de Cristo como um todo. Trata-se da paz *na igreja;* nada há nesta passagem sobre direcionamento para tomada de decisões.

grande tragédia, quando tais decisões são seladas com aprovação e autoridade divinas, como "Direcionamento de Deus!"

Há um princípio bíblico fundamental para o direcionamento nas decisões, que eu chamo de princípio da abstinência. É o que se pode encontrar com muita clareza em Romanos 14 (especialmente no verso 23). O conceito deste princípio da abstinência pode ser assim resumido:

> *Não faça nada, não tome nenhuma decisão, enquanto não tiver certeza de que aquilo que você pretende fazer não é pecado.*

Paulo escreve, "Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado" (Rm 14.23).

A discussão anterior na epístola aos Romanos tem a ver com a ingestão de carne oferecida a ídolos pagãos. Muitos cristãos da igreja primitiva eram egressos da idolatria. Rapidamente surgiu a questão: "É lícito ao cristão comer carne oferecida a ídolos?" Supostamente, essa carne de segunda mão era vendida no mercado por um preço inferior e, sendo os cristãos pessoas pobres, comprar esse tipo de carne se constituía um grande benefício para eles. Mas a questão permanecia – como pode o cristão comer tal carne? Não estaria ela contaminada pela idolatria? Como Paulo resolveu a questão? Ele deixou claro que a ingestão de qualquer alimento oferecido a ídolos não é, per se, algo pecaminoso. Tal alimento não estava contaminado pelo uso anterior na adoração de ídolos (ver Rm 14.14, 20b). Mas poderia haver outros problemas envolvidos. Quais eram eles?

Primeiro, para os que concordavam com Paulo (e não eram todos) de que o ídolo nada é, a carne estaria "limpa," e eles deveriam ser cuidadosos no exercício de seus privilégios de comer o que bem entendessem, para não levar um irmão ou irmã mais "fracos" (que não entendiam o assunto com muita clareza) de volta às práticas. Isto não deveria acontecer; era inconsistente com o amor e responsabilidade fraternais (ver Rm 13-21). O

melhor seria refrear-se de comer tal alimento se o exemplo pudesse levar a resultados tão negativos. Este princípio é, por si mesmo, muito importante para o direcionamento.[71] Mas o outro princípio anunciado por Paulo tem a ver com o irmão mais fraco, que não está seguro de que comer o alimento oferecido a ídolos seria ou não seria pecado. "Talvez", pensa ele, "comer carne oferecida a ídolos seja idolatria contra Deus" (como o próprio Paulo apresenta a questão, ele está em dúvida quanto ao assunto). Em tais casos, Paulo esclarece, o irmão peca, caso venha a comer, porque não o faz pela fé.

O que Paulo está dizendo é que o cristão jamais pode fazer alguma coisa que ele pensa (ou suspeita) que possa ser pecado. O ponto principal é – é pecado (e ele se condena no que faz) se ele come em dúvida. Note bem que ele não é condenado porque comer tal alimento seja errado em si (versos 14a), mas porque resolveu comer pensando que seu ato era (ou poderia vir a ser) pecado (versos 14b, 23). O pecado não foi comer o alimento, mas a falta de fé. Sua atitude em relação Deus, expressa pelo ato de comer tal alimento, foi de rebeldia. Ele pensou, "Isto é (ou pode ser) pecado, mas eu o farei de qualquer maneira". É aí que o pecado entra em cena.

O que deveria o irmão ter feito? Deveria ter-se abstido de comer até ser convencido de que comer tal alimento seria biblicamente correto. Eis a razão de eu chamar isto de princípio da abstinência.

O princípio de abster-se de algo até que se tenha certeza de que o ato em questão não é pecado, aplica-se a todas e quaisquer situações nas quais o cristão descobre que tomar uma decisão particular, iniciar uma prática, etc., desperta escrúpulos em sua mente. Até que ele tenha certeza de que o próximo passo esteja dentro da vontade de Deus, não deve tomá-lo. O princípio da abstinência pede cautela em relação a atos, decisões, etc., em que a condição de dúvida esteja presente. Até que o cristão "tenha opinião bem definida em sua própria mente" (v. 15b), ele deve refrear-se.

---

71 Note, o princípio é refrear o cristão de quaisquer práticas ilegítimas que podem levar o irmão a pecar. (O princípio *não* é refreá-lo de ações corretas pelas quais o irmão pode se ofender. Em tais casos, os versos 1-9 devem ser aplicados a ele.) "Ofender" (i.e., levar, por exemplo, a pecar) não é o mesmo que ofender.

Muitos bons resultados advêm da aplicação fiel do princípio da abstinência (ou princípio de que "se é duvidoso, é pecado"). Nem todas as decisões precisam ser tomadas hoje (e nem todas podem ser adiadas). Muitas, senão a maioria, das decisões tomadas sob pressão (ou em caráter de urgência) são más porque não houve tempo suficiente para se chegar a uma persuasão bíblica plena sobre a legitimidade do curso proposto da ação.

Este princípio da abstinência, entretanto, nunca pode ser usado como uma desculpa para nunca se tomar uma decisão. "Cada um" deve ter "opinião bem definida em sua própria mente" (5b). Mas, até que se tenha feito um estudo bíblico, acompanhado de um espírito de oração, estudo esse com resultados claros e objetivos, devemos dizer "não" e esperar. Se não surgirem razões bíblicas plenas para fazermos algo, isto já é uma razão bíblica plena para não fazermos. É melhor perder a "oportunidade de uma vida inteira" do que entrar num curso de ação duvidosa. Se a decisão se mostra duvidosa (ou questionável)[72] é sinal de que pode ser pecaminosa. O cristão deve fugir dela. Se, com o passar do tempo, tornar-se claro que nada havia naquela decisão que fosse imoral, ilegal, ou antiético, você pode ter perdido uma oportunidade, dinheiro, etc., mas não perdeu sua integridade diante de Deus (o que é incomparavelmente mais importante). Deus o abençoará, a Seu modo e a Seu tempo por esta fidelidade. Você pode ter certeza de que se tivesse se envolvido pecaminosamente num assunto (com dúvidas a respeito de suas propriedades), Deus o "condenaria" (v. 23) e aquela oportunidade ou dinheiro que você ganharia, não se mostraria uma bênção em sua vida.

O padrão de abstinência, aconselhado por este princípio bíblico, é prático; cristãos que o praticam com regularidade, descobrem que frequentemente este princípio lhes permite tempo para um maior número de informações a serem coletadas (que eventualmente trarão mais clareza a uma situação obscura) ou um novo desenvolvimento (que podem ajudar a clarear o todo). A maioria das dúvidas que surgem na mente dos consulentes nasce da urgência. Deus geralmente quer que nos acalmemos, para que

72 Ver acima, nota 19, para o significado do termo *duvidosa*.

examinemos todas as coisas com cuidado, antes de nos comprometermos com algo. O princípio da abstinência transforma o velho adágio "Tempo é dinheiro", num novo ditado, "A urgência pode levar ao pecado".

Muito mais poderia ser dito sobre direcionamento bíblico. Talvez já tenha sido dito o suficiente para dar aos conselheiros alguma direção para quando se depararem com este problema tão comum. O perigo que deve ser evitado a todo custo é seguir o conselho dos ímpios (até mesmo com respeito a nossos ímpios desejos e vontades) seguindo processos de tomada de decisões não sancionados pela Bíblia. As escrituras devem nos prover os princípios para a vida.

O Poder das Escrituras

Há poder na Palavra de Deus. Foi por esta Palavra que o mundo tomou forma (Gn 1) o próprio Jesus Cristo é chamado de Palavra (Jo 1, 1Jo 1), e não devemos pensar que as Escrituras, tendo o nome de Palavra de Deus (ver Sl 119.9, etc.) tenham menos poder. A Bíblia não é apenas mais um livro; é única, porque é a Palavra de Deus.

A Palavra de Deus possui poder criador. Deus falou e assim se fez. Não é de se admirar que a palavra Hebraica *davar* significa não somente "palavra", mas também "coisa". Quando Deus fala, acontece; sua palavra é tão certa quanto a coisa em si. A própria Bíblia fala deste seu poder de transformar as pessoas. Paulo escreveu sobre "... as sagradas letras que podem [lit., tem o poder de] de tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus", e que "Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça" (2Tm 3.15-16). Nestes dois versos lemos sobre o poder da Palavra escrita. Ela tem o poder de trazer uma pessoa à fé em Cristo e o poder de moldá-la na espécie de pessoa que Deus quer que ela se torne. Este é o poder que o mundo (e seus conselheiros) está procurando, mas não encontra. Os conselheiros vivem à busca de um sistema que possua o poder de transformar vidas, mas essa sua busca não tem tido sucesso; cada vez mais se multiplicam os pontos de

vista, escolas, etc., o que aumenta ainda mais a confusão por eles engendrada. Eis um triste e impressionante comentário do fato. Mas, à semelhança de Simão, que falsamente apresentava-se como "O Grande Poder de Deus" (At 8.10), que desejava comprar os dons divinos concedidos aos apóstolos, ao reconhecer neles o verdadeiro poder (versos 18-19), o conselheiro moderno sabe que não possui autoridade nem poder. Tudo que ele pode fazer, portanto, é arrogar para si títulos e o crescente respeito que nasce da ignorância de consulentes ignorante e temerosos. Esse poder que procuram só poderá ser encontrado num único lugar – a Palavra de Deus (a Bíblia) – a Palavra que não somente trouxe ordem e significado ao caos na origem criadora, mas que também é a única realidade capaz de trazer ordem e significado ao caos provocado pela falha da psicoterapia moderna.

Há poucos conselheiros de qualquer estirpe (é possível haver alguns mais perversos que outros) que realmente não se sentiriam felizes caso encontrassem algum programa de aconselhamento que lhes assegurasse que seus consulentes se tornariam pessoas amáveis, alegres, calmas, pacientes, gentis, boas, confiáveis e autocontroladas. Este é o fruto do *Espírito*[73] (germinado e cultivado pela Palavra). Mesmo assim, se você o identificar como tal, eles lhe darão as costas. Mas o fruto não virá de outra maneira que não seja produzido pelo Espírito Santo, no povo de Deus, pela Palavra de Deus. A Palavra tem poder porque foi escrita pelo Espírito e é dele que vem o seu poder.

Entretanto, temos visto que por meio da influência de Satanás o mundo tem rejeitado de modo consistente a Palavra de Deus, desde os dias de nossos primeiros pais no jardim. Desacreditar esta Palavra, desde o princípio, tem sido o interesse primário de Satanás. E exatamente por ser assim, por isto significar, com efeito, afastar os homens da única fonte que os pode transformar (como de fato o faz) em homens de bem.

Substitutos humanos, o conselho dos ímpios, não possuem o poder de capacitar o ser humano a viver em harmonia com Deus, com seu próximo, ou com seu mundo. Não conseguem suprir o que é necessário para

73 Gl 5.22,23. Discutirei o fruto do Espírito com mais profundidade mais à frente neste livro.

dar significado à vida, para dar motivação e ânimo para que se busque tal significado. Esta é a razão pela qual Satanás tem encorajado abordagens alternativas à vida, desde o princípio do mundo. A pobreza essencial de um sistema é revelada, tão logo apareça outro oferecendo nova esperança (contra toda esperança). Satanás permite que seus seguidores tenham pouquíssimo tempo para investigar a verdade. Ele os mantém bastante ocupados, vendendo e comprando seus fúteis substitutos.

A tão desejada harmonia com o próximo e com o universo só poderá ser encontrada (e mesmo assim, de modo imperfeito, por causa do gradual crescimento necessário para substituir os caminhos e conselho de Satanás, pela Palavra de Deus) entre aqueles que se tem tornado "sábios a respeito da salvação" através da Palavra de Deus.

Por esta razão, conselheiros cristãos não precisam aliar-se aos psiquiatras, nem sentar-se à mesa com a multidão de psicólogos, à cata de migalhas. De fato, para ganhar almas para Cristo é necessário poder – poder que transforma vidas. Ninguém deve se envergonhar do poder do evangelho (Rm 1.16).

Era este poder que Pedro tinha em mente quando exortou as mulheres cristãs a ganharem seus maridos para Cristo, não por meio da insistência, ou da pregação, mas pela demonstração do poder de Deus em seu comportamento transformado (2Pe 3.1ss). Paulo também estava interessado neste poder que contrasta com a sabedoria humana (1Co 2.4,5; 1.18).

De acordo com 2Timóteo 3.15-17, a Palavra nos foi dada para transformar o nosso comportamento. Esta transformação tem duas fases:

(1) *Uma transformação instantânea*, na qual as pessoas mortas, não-regeneradas, recebem vida do Espírito Santo, no momento da conversão. Quando tais pessoas ouvem o evangelho (da Palavra) e dependem de Jesus Cristo como Salvador, elas são justificadas (declaradas justas aos olhos de Deus). Esta fase inicial é geralmente chamada de conversão (ou salvação, no sentido mais estrito do termo; este sentido é provavelmente usado nesta passagem).

A *regeneração* (ou a transformação de vida que abre o coração do homem ao evangelho) é uma mudança instantânea, imerecida (o que poderia um homem morto - conforme Ef 2 – fazer por sua própria ressurreição?) de toda a vida interior, dispondo o pecador em relação a Deus pela primeira vez em sua vida. Regeneração é o primeiro aspecto da conversão. O outro aspecto é chamado de justificação (a declaração oficial de que Deus apagou o pecado da conta do crente, imputando-lhe a justiça de Cristo, declarando-o justo com base na perfeita obediência ativa e passiva de Cristo) pela fé (fé significa depender unicamente da obra de Cristo para a salvação). Semelhantemente, Justificação é um ato instantâneo. Paulo, em 2Timóteo 3.15, refere-se à justificação quando diz que as Escrituras tem o poder de tornar o homem "sábio para a salvação."

(2) *Uma transformação gradual* na qual o processo de mudança continua por todo o curso da vida cristã terrena. Este processo de transformação, pelo qual uma vida anteriormente disposta e habituada ao pecado, transforma-se numa vida que mais e mais agrada a Deus pela conformação à sua vontade diretiva (revelada nas Escrituras) é chamado de santificação. Pois bem, santificação consiste de um processo gradual (não um ato)[74] pelo qual o Espírito Santo capacita o crente a despojar-se de seus padrões pecaminosos de vida e substituí-los por padrões santos. Esta segunda fase eu já abordei com mais profundidade.[75] A santificação pode ser esboçada nos quatro passos da mudança, listados em 2Timóteo 3.16.

Assim, a Escritura tem o poder de transformar, tanto nosso status diante de Deus (justificação), quanto nosso estado (santificação). Não é de se admirar, portanto, que Satanás dedique tanto esforço e empenho para destruir e desacreditar as Escrituras. Ele direciona seus ataques à fonte de toda piedade. Na medida em que for biblicamente fundamentado, o aconselhamento tem o poder de produzir piedade; na medida em que a Escritura é ignorada (ou diluída em mistura eclética) ele perde seu poder. É por

74 Mas veja John Murray, *Collected Writings* (Carlisle: Banner of Truth, 1977), vol. II, p. 277...

75 Cf. o *Manual*, p. 23,93,212; *Competent*, p. 23, 50...; e especialmente *Lectures*, p. 26..., 201.

isso que o aconselhamento cristão pode (naturalmente) ser chamado de aconselhamento bíblico.

A Doutrina de Deus

Capítulo 4

Aconselhamento e o Ambiente Básico do Homem

A DOUTRINA DE DEUS

O mundo não-salvo existe num ambiente completamente hostil, incompreendido e indesejado. Não me refiro primariamente à entropia que resultou no julgamento da queda (Gn 3.17-19), muito embora isto seja um elemento significativo do problema, mas estou pensando em algo mais básico. Considere as palavras do Salmo 139 (Versão Almeida Revista e Atualizada):

Ao mestre de canto. Salmo de Davi
SENHOR, tu me sondas e me conheces.
Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos.
Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos.
Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda.
Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão.
Tal conhecimento é maravilhoso demais para mim: é sobremodo elevado, não o posso atingir.
Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?
Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também;
se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá.
Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite,

até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma coisa.
Pois tu formaste o meu interior tu me teceste no seio de minha mãe.
Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem;
os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra.
Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda.
Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles!
Se os contasse, excedem os grãos de areia; contaria, contaria, sem jamais chegar ao fim.
Tomara, ó Deus, desses cabo do perverso; apartai-vos, pois, de mim, homens de sangue.
Eles se rebelam insidiosamente contra ti e como teus inimigos falam malícia.
Não aborreço eu, SENHOR, os que te aborrecem? E não abomino os que contra ti se levantam?
Aborreço-os com ódio consumado; para mim são inimigos de fato.
Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos;
vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno!

De fato, neste salmo o escritor é um filho de Deus, mas o que ele registra no Salmo também se aplica ao não-cristão (de maneira perturbadora, em vez de confortante): Deus é o habitat do homem. Portanto, todos que não se acham em harmonia com Deus estão automaticamente em descompasso com seu habitat. Ele nos cerca por trás e por diante, por baixo e por cima, nas trevas e na luz. Não há como escapar de Deus. As árvores, os céus, toda a paisagem à nossa volta, nada é neutro; tudo é criação de

Deus.[76] Mesmo o trovão e o relâmpago, parecem assustadores aos que não conseguem enxergar neles o poder e a glória de Deus.[77]

Todo pecador possui plena consciência do desconforto do meio ambiente. Os existencialistas, bem como psicólogos e psiquiatras por eles influenciados, descrevem esta consciência como *alienação* e uma *angustia* [78] comum. Mas o descrente não consegue equacionar a verdadeira natureza do problema. Ele sabe que há algo de errado nele mesmo e neste mundo, mas a verdadeira causa deste problema – sua separação de Deus – também torna impossível a conceituação destas questões nestes termos. A essência do problema lhe escapa. O homem não-regenerado é um homem sem certezas; ele não possui absolutos, nenhum padrão fora de si mesmo e suas opiniões e valores são de caráter oscilante. Bem no fundo de sua alma ele nunca está seguro da vida que leva; e não pode estar, porque seu antagonismo em relação ao ambiente em que vive, frequentemente o desestabiliza. Ele se encontra infeliz e desconfortável em seu habitat por enxergar-se em desarmonia com tudo que o rodeia. Quando peca, o cristão também compartilha algo deste desconforto, mas ele sabe o que fazer a respeito disto (1Jo 1.9 nos diz que "Se confessarmos os nosso pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça"). Confissão e purificação abrem o caminho para uma comunhão renovada com Deus (1Jo 1.3,6,7) que restaura uma harmoniosa e confortável com o habitat.[79]

76 Ver Salmo 8.19. Toda a criação dá testemunho de Deus. Aos que não tem ouvidos para ouvir a própria existência se torna um enigma, sem nenhum significado.

77 Sl 29.3-9 (especialmente o verso 9)

78 As Escrituras esclarecem a origem e natureza dessa angustia; Hebreus 2.15 nos diz que as pessoas "pelo pavor da morte, estavam sujeitas à escravidão por toda a vida." Veja também 1Coríntios 15.55-57, onde Paulo fala do medo como o *aguilhão* (*kentron*) da morte. O que dá á morte esse aguilhão (a qualidade de provocar medo) é o julgamento que está às portas. Os homens sabem vagamente que após a morte deverão encarar o grande Juiz de todos os infratores da lei (Hb 9.27); eles sabem que não suportarão sua presença, que jamais conseguirão permanecer diante dele (Sl 1.5), e que "terrível coisa é cair nas mãos de um Deus vivo" (Hb 10.31). Cristo removeu o aguilhão, juntamente com o medo, favorecendo todos os que nele creem (1Co 15.54,57; Hb 2.14,15). O senso de alienação presente nos homens nasce de seu rompimento para com o próximo através do pecado, mas principalmente de seu rompimento com Deus (Ef 2.12c).

79 Esta verdade pode ser demonstrada até mesmo agora, quando a maldição (e todos os seus efeitos) está presente, porque a Escritura explica estes eventos e remove a confusão por eles trazida, o Espírito Santo nos dá graça para vencermos os efeitos da maldição (Rm 5.20), e capacita o

Ademais, em tempos de perigo e ansiedade, a segurança da presença de Deus traz conforto, encorajamento, e disposição.

Deus está ao nosso redor, ao nosso lado, dentro de nós. Ele conhece (e se interessa) toda palavra que sai de nossos lábios e todo pensamento que habita nossas mentes. Ele nos conhece – de fato ele sabe tudo a nosso respeito desde a eternidade passada! O Deus onisciente e onipresente é nosso habitat, esta é uma realidade inegável, inescapável! Embora a maioria das pessoas raramente reconheça isto, todas elas são profundamente influenciadas – em todos os seus pensamentos e ações – por este habitat (e não estou falando aqui da visão truncada, distorcida, artificial de habitat que faz parte dos vários sistemas de aconselhamento, como por exemplo, o de Skinner ou o de Glasser.[80] Refiro-me na verdade a nada menos do que o próprio Deus e sua criação que o serve e honra). Neste sentido, todo homem não-regenerado, e todo sistema por ele desenvolvido, será influenciado por sua falha pecaminosa de descrever o habitat com a devida propriedade e, como consequência necessária, por sua incapacidade de desenvolver um sistema (ou método) de aconselhamento que corresponda à realidade do habitat como ele verdadeiramente existe. Uma falsa visão do habitat, portanto, não pode levar a nada além de um sistema de aconselhamento desordenado, e que com rebeldia apresenta distorcidamente o homem e o restante da criação por não compreender Deus. De fato, devido a um erro tão básico – um sistema desenvolvido para promover vida fora de Deus – o que temos é uma competição com Deus, em desarmonia com sua criação.

Quando B. F. Skinner, o mais articulado e influente proponente e advogado do Behaviorismo, fala sobre controlar o habitat (um fundamento essencial sobre o qual está apoiado todo seu sistema), quando William Glasser propõe trazer os consulentes a uma conformidade com a realidade à sua volta (i.e., seu habitat), o cristão pode ter certeza que nenhum deles

crente para suportar com alegria a dor e a miséria, por causa da bendita esperança (Rm 8.18-23, etc.,).

80 Ver *Infra* para saber mais sobre Skinner e Glasser

sabe o que está fazendo. Como Glasser, um pensador humanista convicto, pode saber o que é a realidade? Como poderia ajudar consulentes a se conformarem à realidade quando ele mesmo desconhece a Deus e não entende a criação como originada e pertencente a esse Deus? O que ele faz – se é que faz alguma coisa – é levar os consulentes de uma relacionamento distorcido com seu habitat para outro igualmente distorcido. Este relacionamento mais recente – pode até funcionar à primeira vista – com o decorrer do tempo se mostrará uma maldição maior, em vez de uma bênção, pois tende a cegar o consulente para o fato de que ele ainda permanece em desarmonia com Deus e com a criação que, na realidade, pertence a Deus.

Skinner também fala a respeito do habitat. Mas ele é ateu. Como poderia, portanto, possuir a mais tênue noção do que está envolvido na realidade do habitat? Se não consegue sequer entender o habitat visível, uma vez que não consegue relacioná-lo com a realidade invisível, que lhe dá definição e significado, como poderia estar certo em seu extravagante argumento de ser capaz de controlar o homem por meio de controlar seu habitat? Poderiam anjos, demônios e – sobretudo – Deus, estar sob o controle do homem? Como se faria para condicionar um anjo? Skinner entende que sua única preocupação deve ser com a realidade visível. Mas Deus tem revelado que este mundo visível encontra-se inextricavelmente ligado ao mundo invisível.[81] Como nesta vida é impossível separar o corpo da alma (outro problema para Skinner), sendo que um é afetado pelo outro, o mundo visível não pode ser separado do invisível.

Segundo o pensamento de Skinner, o homem pode ser tranformado e controlado pela manipulação de seu habitat. Mas o que se pode ver é que o próprio Skinner possui uma visão por demais superficial e distorcida de seu interesse chave – o habitat. Para fazer o que propõe, Skinner teria que encontrar uma forma de manipular Deus! O fato é que Deus zomba desses esforços, mesmo quando feitos por reis da terra (Sl 2.1-4). Parece que Skinner pensa ter engarrafado o oceano, quando na verdade coletou apenas algumas poucas gotas de orvalho.

81 Ver Jó 1,2; Dn 10.10-31; Ef 6.12; 1Jo 5.19, etc.

Portanto, no aconselhamento, seja ele sistemático ou não, um entendimento bíblico do habitat (ou a falta absoluta desse entendimento) fará uma radical diferença. Em outras palavras, se o criador do sistema for um cristão, e se ele trouxer os pressupostos bíblicos para dentro da estrutura do sistema, do começo ao fim, esse sistema fará toda a diferença no mundo. Ou seja, o mundo é visto de modos diferentes pelo cristão e pelo não-cristão. A perspectiva do cristão fará toda a diferença quando este tiver que pensar num mundo de árvores, de objetos, de dinheiro, de pessoas (1Co 2.9-10).

Deus opera neste mundo? Logo, o sistema de aconselhamento deve levar isto em conta. De outra sorte, como se poderia ter um aconselhamento realista? Os propósitos de Deus estão sendo levados a efeito no mundo visível e nas vidas humans? Se a resposta for sim, é essencial entender quais são estes propósitos e qual o significado deste fato. Um sistema que não consegue entender isto está fadado ao fracasso, por não levar em consideração a mais básica de todas as dinâmicas. Deus de fato tem revelado a verdade a respeito de si mesmo, a respeito do homem e a respeito deste mundo? Como é possível um sistema que tem como objetivo maior a vida humana neste mundo, começar a dar direcionamento satisfatório a seus consulentes, sem considerar o sério e mais importante elemento que é a revelação? Deus se preocupa com o homem? Está interessado no bem-estar de seu povo? A resposta a estas perguntas é muito importante para pessoas atribuladas. Deus tem feito alguma coisa para aliviar o sofrimento humano e mudar a condição humana? Se a resposta for positiva, o que ele diz a respeito de tal mudança e de como ela pode ser conseguida? O aconselhamento poderia simplesmente começar – sem se falar do processo – sem esta informação, caso esteja ela disponível? De fato a resposta a estas perguntas e a um número de outras semelhantes, deveria ser de tremenda significância para todos os conselheiros, ao ponto de imaginarmos que nenhum deles jamais devesse cogitar em aconselhar alguém antes de ter tais respostas. Entretanto, é exatamente o contrário que se dá, quando um sistema após outro é planejado sem a menor consideração destas questões.

Isto não deve surpreender os cristãos; o homem natural está morto em relação a Deus. Ele não possui vida espiritual interior (a vida engendrada pelo Espírito doador da vida, que habita o interior de cada crente) da qual nasce tal interesse. Mas o que pensar de cristãos que entram no aconselhamento como conselheiros e consulentes com esta mesma atitude mundana? Como podem adotar tais sistemas e aconselhar de acordo com seus princípios, tão oblívios ao seu habitat de aconselhamento quanto um descrente?

É muito difícil entender uma atitude como esta, mas quando nos tornamos conscientes da prevalência de tamanha insensibilidade à importância das questões envolvidas, devemos ficar alertas e combater tal atitude. Em todo o mundo ocidental[82] o conceito de neutralidade do sistema e do método tem sido praticado quase como uma doutrina sagrada. O homem moderno pensa ser capaz de segurar seu cristiansimo numa das mãos e um sistema pagão[83] na outra. Ele não vê qualquer necessidade de comparar e contrastar o que tem nas mãos. O que se faz necessário, portanto, é despertar os cristãos de todos os países para os fatos que acabamos de discutir.

Tal ponto de vista não procede de uma teologia bíblica. Antes, nasce quase que totalmente da teologia filosófica secularizada que Immanuel Kant e seus seguidores popularizaram. O "religioso" é convenientemente separado do "secular". Uma parte – a parte realmente operacional da vida - tem sido chamada de "secular" (neutra). Tudo que se relaciona à igreja, tudo que não se pode considerar mundano, tem sido chamado de "religioso". Esta bifurcação do mundo – que originalmente pretendia "salvar" o campo religioso dos elementos destrutivos do ataque crítico – tem na verdade provocado o efeito de relegar o campo religioso às cinzas do que se pode chamar de virtualmente sem importância. Isso deveria ser abso-

82 Tenho observado este problema em quatro continentes. Poder-se-ia dizer que este é *o* problema do aconselhamento para a igreja de nossos dias.

83 O adjetivo é meu. Isto é precisamente o que ele não faria – rotular o sistema como pagão. Para ele, sistemas de aconselhamento não são pagãos, nem cristãos; são neutros. Mas veja mais sobre isso no meu livro *What About Nouthetic Counseling?* p. 73-75.

lutamente aparente na maneira como sistema após sistema simplesmente ignora a questão de Deus, além da facilidade com que até mesmo cristãos evangélicos adotam posições ecléticas. Isto nos trouxe uma mentalidade do tipo semana secular versus domingo sagrado.[84] Esta mesma mentalidade nutre o conceito de neutralidade.

As Escrituras nos apresentam uma visão inteiramente diferente. A vida é sagrada em seu todo; nada é secular. Toda a vida diz respeito a Deus; nada é neutro. Sistemas, métodos, atos, valores, atitudes, conceitos, tudo é orientado por Deus ou pelo pecado. Nada é *neutro.* A criação nunca foi neutra. Os vinte e quatro anciãos disseram assim: "Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas" (Ap 4.11).

Deus criou todas as coisas para lhe trazerem honra e glória. Há uma relação entre Deus e a criação; há um comprometimento. A criação não é neutra; não é secular.

Este grande versículo nos ensina que o aconselhamento – como de fato toda atividade humana – deve pressupor Deus não somente como Criador, mas também como o Sustentador deste mudno. Nada há mais importante no aconselhamento do que ajudar o consulente a reconhecer esta verdade e encontrar nela a esperança. A verdade mais profunda, que faz a mais profunda diferença, é o fato de que *os problemas humanos não são neutros.* Deus está no problema! Todo aconselhamento digno de ser chamado *cristão,* tem este fato como foco. O reconhecimento de que Deus está envolvido no problema dá cor e o condiciona mudando-o profundamente – interiormente.[85]

84 A perspectiva bíblica, ao contrário, considera todos os dias como santos para Deus – Ele é sempre Deus e se importa com todos os dias da semana; a inteireza da vida. O domingo, então, é o dia santo entre os demais dias santos.

85 Ver minha obra *Lectures on Counseling,* p. 100-103, para um estudo mais aprofundado deste fato.

Portanto, se o Deus das Escrituras existe, a abordagem do cristão ao aconselhamento será totalmente diferente. Nem aquela árvore deformada que cresce ao lado de sua janela, nem o braço quebrado de seu consulente num simples acidente doméstico são meramente acontecimentos trágicos. Deus estava presente nos eventos que resultaram em ambas as situações. Talvez jamais saberemos nesta vida todas as razões por trás de cada evento, mas o fato de saber que *há razões,* muda todas as coisas. A vida não é um absurdo; a vida tem um significado – Deus é o significado. Ademais, saber que para os filhos de Deus todo acontecimento traz um propósito benéfico (Rm 8.28-29) é, provavelmente, ainda mais significante. Nada há mais importante do que dizer ao consulente que Deus está no problema.[86]

Nenhuma outra abordagem honra a Deus, nenhuma o põe em primeiro lugar, pondo o homem em segundo. Todas as demais abordagens são essencialmente humanistas (orientadas pelo homem) e não conseguem trazer esperança e satisfação aos seres humanos, precisamente por esta razão. A felicidade não vem para os que a buscam, mas para os que buscam em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça (Mc 6.33; ver também Mc 8.35 onde o mesmo princípio é declarado de maneira levemente distinta). Este fato condiciona todo aconselhamento.

Que tipo de esperança (para tomarmos como exemplo) pode ser comunicada por aquels que não veem a vida por esta ótica? O melhor que podem oferecer será um incerto 'assim espero,' nunca uma confiante expectativa baseada nas promessas registradas do vivo Criador que soberanamente sustenta e guia os interesses humanos para os fins predeterminados que ele mesmo preordenou. Há uma razão benéfica por trás de tudo que acontece. Que diferença, digamos, da abordagem de Albert Ellis à vida, quando diz: "Bem, acho que é isso mesmo, meu velho; você terá que viver

86 O conselheiro deve bater nesta tecla, até que ela mude toda a visão do consulente. Os cristãos – por causa de seu treinamento numa neutralidade secular/sagrada – abordam os problemas, essencialmente como fazem os pagãos. Portanto, é necessário que os conselheiros mudem esta abordagem. Mas como podem fazê-lo, quando sua própria abordagem do aconselhamento, para todas as intenções e propósitos, não é diferente? Ver *Lectures on Counseling,* p. 59 e seguintes.

com isto, quer faça sentido, quer não." Ninguém afirmou com tanta propriedade um ponto de vista alternativo quanto Ellis. Faz parte da essência de sua Terapia Emotiva Racional (R.E.T.) persuadir as pessoas a abandonarem declarações de valores como "deve" ou "é necessário" (declarações que surgem numa abordagem ao aconselhamento orientada por Deus) em detrimento de seu estoicismo do tipo 'sorrir e aguentar'. Para ele a vida não possui significado, não há justiça ou injustiça; nada há além do que existe. Leve o "é" às últimas consequências e aceite, diz ele, *O que há de ser, será.* Não há padrões, não há valores; a vida é assim mesmo. Aprenda aceitá-la e tire o melhor proveito dela. Pare de lutar. Isto não lhe traria bem algum. A neve é profunda. Não há nada de "trágico" nisto; trata-se apenas de um fato. Pare de fazer tempestade em copo d'água. Veja a vida de tal forma que você possa gozá-la. Quando você avalia todas as situações e eventos como bons e maus, trágicos e felizes, etc., é que surgem todos os problemas. Sua "esperança" de viver tão satisfatoriamente quanto permitirem as circunstâncias fundamenta-se nessa visão incolor da vida.

Mas Ellis está lutando uma guerra que jamais vencerá. Deus criou os seres humanos de modo a serem incuravelmente éticos. Todo mundo sabe que vive num mundo moral que não pode ser divorciado de deveres e obrigações (Rm 2.15). Deixe-o protestar o quanto quiser, mas o consulente não pode suprimir por muito tempo o senso de certo e errado que Deus incutiu nele. O homem foi criado à imagem de Deus como uma criatura *moral.* Ela não é um cachorro. Ellis quer o impossível quando pede ao consulente que simplesmente apague sua orientação moral em relação à vida. Ele está lutando contra o habitat; está lutando contra Deus.

Mas Ellis termina por trair a futilidade deste conceito em seus próprios escritos e gravações. Os mesmos interesses que ele tem no aconselhamento minam sua posição. Sua forte (algumas vezes beirando a violência) insistência na negação de regras[87] nada acrescenta além de uma regra (distorcida) e autocontraditória que diz: CONSELHEIROS DEVEM

87 Ele praticamente faz disso uma calamidade (as proibições de Ellis) para expressar um julgamento de valor.

ABANDONAR AS REGRAS! Se Ellis levasse a sério sua propria afirmação ele abandonaria de vez o aconselhamento, sem se interessar se as pessoas estão se "enganando" com julgamentos de valores. Ele *deveria* dizer, "E daí? É assim que as pessoas são – sempre se metendo em confusões com suas regras. Temos que conviver com isso. Realmente não tenho qualquer *obrigação* de fazer o que quer que seja a respeito. Por que *deveria?*" Um estoicismo radical como este é, portanto, autodestrutivo. Isto demonstra a falácia de tentar negar um elemento básico da natureza humana. Trata-se da admissão da inverdade do sistema em sua essência.

Como temos visto, o fato da existência de Deus tem muito a ver com o sucesso ou fracasso do sistema de aconselhamento. Todo sistema deve conformar-se à realidade do ambiente no qual operará. Entretanto, um sistema que deixa Deus do lado de fora, acabará se chocando com o habitat. É difícil entender por que cristãos buscam a piedade por meio de sistemas ímpios; infelizmente, isto tem sido a regra (não a exceção) para toda uma geração. Isto acontece não apenas aos liberais, que não possuem padrão inerrante (por causa de sua rejeição das Escrituras), mas também àqueles que afirmam a crença na Bíblia como seu parâmetro de fé e prática. O uso de tais sistemas não somente leva a um aconselhamento ineficaz; mais objetivamente – ele é pecaminoso. E é pecaminoso por um número de razões, mas deixe-me mencionar apenas uma delas – o uso desses sistemas de aconselhamento demonstra uma falta de confiança na Palavra revelada de Deus como padrão apropriado. Conhecer a revelação de Deus nas Escrituras e abandoná-la (ou diluí-la) em detrimento da sabedoria dos homens é uma séria rebeldia.[88] Constitui-se uma tentativa de usar o mal conselho para promover a obra de Deus! Uma forma de praticar males para que venham bens.

Lembre-se, já temos observado, que desde o princípio da história humana, há somente dois conselhos. A antítese permanece bem marcada, não somente no aconselhamento, como também em todas as áreas da teologia e atividade cristãs, a liderança da igreja continuará a confundir os

88 Ver 1Co 1,2.

membros da igreja. A teologia pobre não consegue estabelecer a diferença das coisas (Fp 1.10).

Algumas Implicações do Fato da Existência de Deus

Deus existe; portanto, o aconselhamento piedoso deve existir. Este aconselhamento põe Deus no centro; ele não desviará de Deus, do início ao fim.[89] Deus é o seu objetivo. Seu propósito é honrá-lo e levar os consulentes a um relacionamento mais profundo com ele. O princípio orientador deste aconselhamento é Romanos 11.36 "Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!" O aconselhamento bíblico reconhecerá Deus como autor de seus princípios (e até mesmo de muitos de seus métodos). Será, portanto, um sistema orientado por Deus, derivado de sua revelação a respeito do mundo, do homem, de si mesmo.

Do começo ao fim, o fato da existência de Deus permeará todo o contexto do aconselhamento. De fato, o aconselhamento será realizado *sob Deus*. Ele não será de modo nenhum ignorado, mas será *auxílio sempre presente* na tribulação. A atmosfera que circunda as sessões de aconselhamento será dinamicamente energizada por este grande fato. Haverá um senso de expectiativa para se ver a obra de Deus. Notar-se-á neste aconselhamento um cuidado de se entender os problemas de uma maneira bíblica e de estruturar as soluções de acordo com os princípios da Escritura. A dependência de Deus, evidente na oração e no repúdio da pretensa suficiência humana, irromperá. A confiança na avaliação e planos que se alicerçam sobre os ensinamentos e promessas infalíveis do Deus vivo serão evidentes no desenvolvimento da esperança.

Se Deus controla o universo, o problema do consulente pode até ser muito difícil, mas não está fora de controle. Não está além das soluções possíveis. De fato, de alguma maneira (o que será entendido agora em par-

89 Ver *Lectures on Counseling* p. 28-37.

te, e mais completamente depois),[90] estes problemas fazem parte do plano e propósitos de Deus para o consulente. Não se tratam apenas de acontecimentos isolados. Todos eles tem um propósito. Há um desígnio na mente de Deus que, um dia, trará glória ao seu nome e bênçãos para o consulente. Nem sempre temos tanto conhecimento no aconselhamento, mas a aceitação do fato é essencial para uma resposta cristã adequada. Os conselheiros devem, portanto, eles mesmos crer na soberania de um Deus beneficente, a fim de comunicarem este fato ao consulente.[91] Ao contrário do dogma de Ellis, que afirma que as coisas são o que são, e portanto devemos simplesmente aceitá-las, o cristão crê que as coisas são o que são porque todas elas estão debaixo do plano de Deus e sob seu controle absoluto e que, através delas, esse mesmo Deus operará e fará tudo concorrer para sua glória e para o bem de seu povo.

Desse modo, Deus jamais se desengajará do aconselhamento cristão. Ele é transcendente; mas é também imanente. Todas as noções deísticas de um deus apático, que criou o mundo, mas que dele se distanciou, entregando-o ao acaso de leis naturais, ideias de um deus que pouco ou nenhum interesse tem (ou mesmo que não possui nenhum poder para mudar alguma coisa) nos problemas particulares do consulente, devem ser abandonadas. O interesse de Deus em nós é demonstrado no dom da revelação bíblica, que é o conselho de Deus interessando nos homens. O poder de Deus é revelado no dom do Espírito Santo, cuja presença no cristão assegura não apenas a habilidade de entender a revelação das Escrituras (1Jo 2.20,27), como também a capacidade para obedecê-la (Fp 4.13).

Grande signficância tem também o fato de que Deus é pessoal. Ele não é uma máquina; não é uma força irracional, cega, indiferente, que não pensa, muito menos um processo que opera de acordo com leis que podem ser descobertas (e possivelmente manipuladas). Antes, ele é o Ser pessoal que criou todas as coisas e que em sua providência as sustenta e ordena para seus próprios fins. O universo é racional. Deus não é como um emaranhado

90 1Co 13.9-12

91 *Lectures on Counseling*, p. 59-72

de fios de alta tensão, ao qual podemos nos conectar para obtermos energia. Também não é um servo superpoderoso que atende ao nosso chamado; não é uma supermáquina cósmica que nos dará tudo que desejarmos se simplesmente inserirmos algumas moedas e apertarmos os botões certos por meio da oração. Deus é o Ser pessoal que possui o controle absoluto. Ele é soberano. Isto faz toda a diferença no aconselhamento.

Deus faz tudo o que quer. Ele o faz quando, como e onde o aprouver. Nossas orações não instruem, não o ordenam, não o manipulam. Nós somos *ordenados* a pedir e nos é *dito* que receberemos. Tudo é graça e *o que* recebemos será a resposta que Deus se agradou de nos dar. Esta resposta pode ser um 'sim', um 'sim parcial', um 'não', um 'espere mais um pouco', ou algo semelhante. Nossa responsabilidade é de nos conformarmos à resposta divina, mas nunca será responsabilidade de Deus conformar-se ao desejo por trás de nossas orações. O que pensamos ser a coisa certa, nem sempre é o melhor. Consulentes geralmente pedem muitas coisas e pedem carne. Se Deus lhes dá a carne que pedem, sob tais e tais circunstâncias, ele o faz de modo designado a lhes ensinar que parem de lamentar. Os conselheiros, portanto, verão que é necessário instruir seus consulentes nas atitudes e instâncias bíblicas da oração de modo que desenvolvam uma apreciação da personalidade do Deus vivo; ele é o *Ser pessoal que está no controle!* Imagine o que seria aconselhar pessoas sem nenhuma consideração a respeito de quem está no controle; seria um absurdo!

Nossos caminhos não são os caminhos de Deus. Isto é verdade por causa de nosso pecado e de nossas limitações. Nossos consulentes devem permanecer ligados a este fato. No aconselhamento, seus caminhos, seus modos, serão mudados de acordo com os caminhos e modos de Deus; o pensamento do consulente será mudado segundo o pensamento de Deus. Deus é um Ser pessoal; ele encontra-se indestrinçavelmente envolvido na vida do consulente. Este já não pode mais evitar e ignorar Deus, do mesmo modo que não pode viver sem oxigênio. Deus é sua atmosfera. E como uma pessoa envolvida, Deus *demanda* certas coisas do homem. É esta mudança de caminhos e de pensamentos e a conformidade aos seus caminhos e

pensamentos que Deus está constantemente exigindo do consulente. Isto acontece especialmente no aconselhamento onde é ministrada a Palavra, porque ali, tais caminhos e pensamentos conflitantes são expostos. Deus é soberano sobre o conselheiro, o consulente e o aconselhamento. Ele não fará barganhas ou comprometimentos com o consulente. Não abandonará sua sabedoria para acomodar-se à tolice da sabedoria (ignorância) humana. Não deixará de amar para conformar-se ao ódio e amargura do consulente. Deus não se esquecerá de sua santidade, submetendo-a aos desejos impuros do consulente. É o consulente que deve conformar-se ao seu habitat (Deus), não o contrário.

Deus não está por trás de uma porta celestial, com as mãos cheias de presentes, pronto para satisfazer a todos os cristãos que aprenderem o ritual de algum *abre-te, sésamo* religioso. Ele não é uma força à nossa disposição, à qual podemos recorrer se tão somente aprendermos as técnicas do pensamento positivo ou (no caso dos que vivem na Costa Oeste) as rotas do pensamento da possibilidade. Ele é o Deus que *nos* diz o que fazer e o que não fazer. Ele não é apenas o Deus do *'você deveria fazer isto'*, mas o Deus do *'você tem que fazer isto!'*

Deus nos sustenta. Sem ele, simplesmente não existiríamos; todos nós estamos na palma de sua mão. Até mesmo nossa pulsação foi decretada por ele, antes dos tempos eternos. "Nele nos movemos e existimos" (At 17.28). O que dizer da Autonomia Rogeriana? Sem sentido! Disparate! Até mesmo o fôlego pelo qual Carl Rogers fala, depende de Deus e de seu decreto eterno! Somos ultimamente dependentes de Deus para o que quer que seja.

Tal perspectiva do homem e de Deus faz uma grande diferença. Mas tudo muda, se colocarmos o homem no centro de tudo (como fazem os humanistas), ou se postularmos que o universo é a realidade suprema e final e que tudo que há é um fato bruto e impessoal ao qual devemos conformar nossos caminhos (como o fazem os secularistas). Por fim, o fato é que todo conselheiro não-cristão acaba chegando a este ponto quando considera com seriedade tudo que diz respeito à vida e à existência. A escolha (como

Paulo escreveu aos Romanos 1) é simplesmente entre a criatura e o Criador em termos de supremacia. Se não se escolhe a Deus, escolher-se-á, ao fim das contas, a si mesmo. Esta é a última escolha, porque quando se abandona uma revelação objetiva que aponta para o Criador de todas as coisas, a perspectiva da vida e da existência termina no pensamento humano. O resultado inevitável é a subjetividade; tudo que o homem crê, rejeita, pensa ou determina, é *sua* escolha. Ele se torna o próprio intérprete da vida e da existência, passando a depender somente de si mesmo como padrão.

Mas se esta é a escolha do conselheiro e de seu consulente, que esperança haverá? Todo homem sabe que pouco sabe e com que freqüência comete erros. Que terrível prognóstico para o aconselhamento!

Quem – se não Deus – pode mudar os rumos deste conto confuso que podemos chamar de nossas vidas? Quem mais pode trazer ordem, significado e direção à nossa existência? Os políticos não podem. Psicólogos e psiquiatras também não. Nesse caso, pra que serve o aconselhamento? Qual a utilidade de fingirmos que as pessoas estão sendo ajudadas, se não há respostas reveladas de um Deus pessoal que se interessa pelos consulentes, que controla todas as coisas e que aconselha? A existência e o reconhecimento de um soberano Criador e pessoal é absolutamente essencial a toda ideia de aconselhamento. Isto não é mera afirmação acadêmica; Deus estar ou não, envolvido no aconselhamento, determinará de fato se haverá ou não aconselhamento.

Skinner transforma a vida e a existência num completo *nonsense*. Chamar os homens de manada ou rebanho não justifica o aconselhamento; na verdade, esta afirmação milita contra o aconselhamento. A pretensão de por rédeas, de controlar a manada humana, de aconselhar indivíduos para seu próprio bem, são duas coisas completamente diferentes. De fato, os dois conceitos são incompatíveis. É por esta razão que, na realidade, Skinner não aconselha.

Na prática do aconselhamento, um homem senta-se à frente de outro e diz, "Vou te aconselhar". Quanta coragem! Ele precisa exibir muita

arrogância se para isto pretende depender apenas de suas próprias ideias. Depender das ideias de Freud também não ajuda muito; ele também não passava de um homem. E depender das ideias de Freud é (na realidade) depender de suas próprias ideias a respeito das ideias de Freud. É inescapável a subjetividade de tudo isto quando se deixa de lado a revelação do Deus vivo que também nos fez aceita-la e nos capacitou a entendê-la. O aconselhamento subjetivo logicamente deveria levar ao impasse onde deveríamos ter medo de dizer (ou de não dizer) qualquer coisa a um consulente sobre mudanças em sua vida. Quando um conselheiro não possui resposta para as questões básicas da vida, como poderá ajudar a outros?

O leitor pensou em algum momento que Skinner, Harris, ou Mowrer tenham conseguido resolver seus próprios problemas? Freud conseguiu? Estude sua biografia. O vício de Freud em cocaína revela que ele não conseguia resolver seus próprios problemas. É impressionante que os cristãos não percebam isto.

Deus é o único que possui todas as respostas, pode comunicar-nos todas elas e nos capacitar a entendê-las e viver segundo cada uma delas. Se não fosse assim – como pensam todos os demais sistemas de aconselhamento – é melhor desistirmos desse negócio de aconselhamento e também devemos parar de enganar as pessoas, dando-lhes falsas esperanças. Se não há Deus, não pode haver aconselhamento (exceto o conselho dos ímpios)!

A Justiça de Deus

Já falamos (muito resumidamente) a respeito da soberania,[92] existência e natureza de Deus. Mas precisamos partir para um assunto igualmente significante. Devido às suas muitas implicações para o aconselhamento, o tratamento da justiça de Deus também deve ocupar nosso interesse.

92 Para saber mais sobre esse assunto, recomendo meu ensaio, "Aconselhamento e a Soberania de Deus" in *Lectures on Counseling.*

Uma frase clássica, ouvida constantemente nas sessões de aconselhamento é, de uma forma ou de outra, "Isto não é justo". Há dois salmos, fáceis de lembrar porque o número de um é o reverso do outro (Sl 37 e 73), em que seus autores, Davi e Asafe, admitem entreterem-se com tal pensamento. O tema dos dois salmos é a justiça de Deus num mundo injusto, onde os piedosos sofrem e os ímpios prosperam. O *final* de cada um deles é contrastado, além das vantagens imediatas dos fiéis nas coisas que são de valor eterno. A eternidade é contrastada com o tempo, etc. Um fato único domina os dois salmos: Deus está no controle de tudo e a *suposta injustiça da situação é apenas uma aparência.* Os desequilíbrios geralmente experimentados são temporários, o quadro inteiro é muito maior do que o que se pode ver. Este é o tema de toda a Bíblia. De fato, é o principal tema da cruz. A serpente morde o calcanhar do Salvador (aparentemente vencendo a batalha) apenas para ter sua cabeça esmagada por esse calcanhar (Gn 3.15). Por sua morte, Cristo venceu a morte. É assim, num mundo onde o bom Deus reina.

O testemunho pessoal de Asafe é informativo. O problema da injustiça aparente muito o amargurou, ao ponto de ele quase abandonar sua fé. Mas quando entrou na casa de Deus, ele ouviu de novo sobre Deus e pensou com mais profundidade sobre o quadro maior, e reconheceu seu erro. Do mesmo modo, consulentes apanhados no mesmo problema devem ouvir a mensagem destes salmos: (1) não inveje os ímpios; (2) não fique ansioso com as disparidades temporárias da vida; (3) procure enxergar mais longe[93] e (4) reconheça que Deus é justo e cuida dos seus.

A justiça de Deus é um dos grandes temas no livro de Apocalipse. Os mártires, assassinados por sua fé, clamam continuamente, "Até quando?" Seu clamor é para que se faça justiça, para que os erros sejam corrigidos, para que se vire a mesa. Deus diz que tudo acontecerá a seu tempo, espere um pouco mais (Ap 6.11,12). Finalmente, o tempo chega. O anjo declara

93 Mas não deixe de ver as coisas boas que estão por perto. Muitas das inquietudes temporárias que abatem os consulentes e os faz lamentar podem ser explicadas pela generosidade e longanimidade de Deus para com Seus inimigos e para com os eleitos (Mt 20.15; 2Pe 3.9,10)

que "já não haverá demora" (Ap 6.10); "pois é chegada a hora do seu juízo" (Ap 14.7).[94] Muito antes, o livro de Jó abordou o tema da justiça por outra perspectiva e o tema também é dominante na profecia de Daniel. A grande mensagem da justiça de Deus é proclamada com tamanha clareza em 2Tessalonicenses 1.3-10 como em nenhum outro lugar da Escritura. As mesas *serão* viradas: "se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder" (versos 6-7). Mas quando? Final e completamente, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus... quando vier... naquele dia" (versos 7,10). Mais uma vez é enfatizada uma visão de longo alcance. O quadro não muda em toda a Bíblia.

Diferente do que os consulentes gostariam de ouvir, a justiça de Deus nem sempre se manifesta imediatamente. A injustiça parece prevalecer *por algum tempo*. É verdade que os pecadores semeiam as sementes de sua própria destruição, mas, como diz o salmista, por um tempo eles florescem e vicejam "qual árvore frondosa". Durante esse tempo de prosperidade dos ímpios, o desequilíbrio das escalas não é nada fácil de suportar por parte dos justos.

Mas isto tem tudo a ver com a fé; a fé mira o futuro (Hb 11). A fé tem uma visão de longo alcance na dependência da Palavra de Deus. Todo o povo de Deus precisa aprender esta verdade. Consulentes não conseguem esperar pela justiça. O desejo de se tornar isento de problemas pode ser o erro de alguns. Portanto, os conselheiros devem estar prontos a usarem as exortações do salmos trinta e sete e setenta e três no aconselhamento. Quando um consulente nos diz: "Isto não é justo!" ele deve ser conscientizado da seriedade de sua acusação; ele está desafiando a justiça de Deus e a fidelidade de sua Palavra. Ademais, está exibindo uma clara falta de fé.

Deus é justo. Os justos serão vindicados de modo que (eles não pedem pão) sua bênção final seja assegurada e Deus, a seu tempo e a seu modo,

94 Para saber mais sobre este assunto e sobre o livro de Apocalipse, leia meu livro *Teh Time is at Hand*.

endireitará todas as coisas.[95] Não há um jeito fácil de levar os consulentes até aquela instância; mesmo assim, isto é extremamente necessário para muitos deles. Inveja, ressentimento e desejo de vingança, combinados à autopiedade, constituem-se os ingredientes mais amargos de muitas situações de aconselhamento. Portanto, todo conselheiro deveria munir-se dos fatos básicos necessários e de algumas passagens cruciais (tentei combinar ambos de modo conciso aqui) a respeito da justiça de Deus. O conselheiro deve advertir e encorajar. Advertir a respeito da acusação de injustiça da parte de Deus e encorajar seus consulentes a desenvolverem uma visão de longo alcance por meio da fé.

A Trindade

Muitas ideias impressionantes (ou até mesmo especulativas) a respeito da doutrina da Trindade chegam a extrapolar os limites. Não quero acrescentar a estas ideias uma tentativa de esboçar as implicações da doutrina para o aconselhamento. Mas há alguns fatos claros que parecem difíceis de esquecer, dos quais se pode destacar certos pontos importantes.

Primeiro, quando uma testemunha de Jeová diz, "Não posso crer no cristianismo [que ele, naturalmente, chamará de cristandade] por causa do ensino da Trindade; quem pode crer num deus que não pode ser compreendido?" o cristão deve replicar, "Já eu não posso crer no seu deus porque *posso* entendê-lo. Um deus que eu possa entender, certamente não é maior do que eu". A infinitude de Deus e a natureza da Trindade são as duas realidades que tornam possível a adoração. Só podemos adorar um Deus que esteja além de nós (veja a exposição que o profeta Isaías faz da estupidez da idolatria, onde ele mostra essa realidade – 44.9-20).[96]

95 Esta ênfase é de especial importância para os que são ávidos de "tomar vingança." Escrevi uma exposição prática de Romanos 12.14-28 a respeito desse assunto, intitulada *How to Overcome Evil* (Como Vencer o Mal), para ser usada como auxílio. Veja também Lucas 14.14. Às vezes apontar para o resultado final é a última palavra que se pode dar ao consulente a respeito da justiça de Deus.

96 Os mesmos princípios são usados, desde que o Deus do interlocutor seja igual ao Deus dos russellitas.

Mas este fato, de que Deus está além de toda compreensão humana, leva o conselheiro a fazer certas perguntas:

1. Temos resposta para todos os problemas?
2. Podemos dar esperanças ilimitadas para os consulentes no aconselhamento?
3. Ou seriam estas áreas da vida, correspondentes aos mistérios da natureza de Deus, que se encontram além de nós e que consequentemente trazem problemas insolúveis?

Mais uma vez, nossa resposta dever sim e não. Os mistérios de Deus – aos quais certos consulentes se remetem de maneira inadequada – evidentemente não podem ser solucionados por um homem finito. Os consulentes precisam saber disso. Mas isto se torna um problema para alguns consulentes, apenas por causa de outra dificuldade – causada inteiramente por eles mesmos – que *pode* ser resolvida. A tentativa de entender o que está além da habilidade finita e a consequente agonia do pensamento e exaustão mental nas quais essas pessoas se lançam é inadequada, desnecessária e pecaminosa. Em essência, trata-se de um resultado da desobediência às Escrituras e (sendo que todas as questões de desobediências podem ser resolvidas) portanto, estas coisas não devem ser motivo de ansiedade.

Deuteronômio 29.29 diz o seguinte: "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei". Todo conselheiro deve familiarizar-se com este texto para fortalecer-se contra todas as tentativas dos consulentes de tumultuar as sessões de aconselhamento com o tipo de especulação proibida em 1Timóteo 6.4,5,20,21 e Colossenses 2.8. Há uma categoria de consulentes que invariavelmente querem sempre fazer isto. Frequentemente, de onde veremos a urgência de Deuteronômio 29.29, estas pessoas fazem isto com o objetivo de desviar a atenção de seus próprios pecados. Outros estão envolvidos numa curiosidade pecaminosa irrefreável, da mesma espécie da que levou ao primeiro pecado no jardim. A pecaminosidade humana se manifesta por um desejo de ser igual a Deus, de saber todas as coisas. É a recusa de reco-

nhecer e adotar as limitações impostas por Deus como o padrão do pensamento e da vida do homem. Portanto, Deuteronômio 29.29 nos ensina várias verdades:

(1) Há uma área do conhecimento que Deus guarda em segredo.
(2) Há uma área do conhecimento que ele nos revelou na lei (Escrituras)
(3) A primeira área não pertence a nós, mas a Deus. Tentar inquiri-la constitui-se roubo; é dito "pertencer" a Deus. Qualquer especulação sobre ela é pecado.
(4) O conhecimento de Deus que nos *tem* sido dado deve ser aprendido e ensinado a todas as gerações (começando conosco e com nossos filhos). Há mais do que suficiente informação desta área a se aprender; não carecemos de novas revelações.
(5) Mas este conhecimento não foi revelado para propósitos "acadêmicos" ou "especulativos"; ele nos foi dado com fins práticos: "Para que cumpramos todas as palavras desta lei". As Escrituras consistem de verdades reveladas, todas elas aplicáveis à vida ("cumpramos *todas* as palavras desta lei").

A Trindade parece ser a área da doutrina a despertar mais especulação entre os consulentes. Eles geralmente se confundem com os vários aspectos dessa doutrina. Portanto, toda especulação a respeito de fatos não-revelados deve ser desmerecida e explicada como proibida[97] (Deus não revelou, por exemplo, como ele pode ser três e um, como as duas naturezas, humana e terrena, de Cristo, interagem, etc.) Mas, ao contrário, Deus revelou fatos a respeito da Trindade, com suas aplicações práticas, que devem ser enfatizados. É importante substituir a especulação pela aplicação prática.

Quais são os fatos que trazem implicações práticas para os consulentes? Responderei sugestiva, não exaustivamente.

97 Ver também 1 Tm 1.3-4

O fato de termos um Deus trino acarreta muitas implicações a respeito de nossa salvação e santificação. A morte de Cristo foi um sacrifício infinito, suficiente em seus efeitos para expiar os pecados de todos os eleitos de Deus. A transcendência de Deus o Pai encontra-se em perfeita harmonia com sua imanência na Pessoa do Espírito Santo. A majestosa distinção de sua deidade (por exemplo, ao apresentar o interesse e cuidado de Deus pelo homem) é condicionada pela humanidade de Jesus Cristo, que também se tornou homem (Hb 4.14-16). Estes fatos são totalmente aparentes na Escritura. Mas o que o conselheiro pode fazer deles?

Tomemos como exemplo o último fato citado. Em Hebreus 4.14-16, lemos:

> Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.

Há alguns consulentes cristãos que necessitam de ajuda, mas não tem coragem de confessar suas carências. Esses versos os convidam a deixar tal temor de lado. Cristo, por virtude de sua natureza humana e de sua vida entre nós na carne, sabe – *com a nossa perspectiva* – tudo que estamos passando neste mundo. Como resultado, ele pode ter empatia para conosco. Ele não nos rechaçará, como diz Tiago (Tg 1.5), mas será solícito em relação a nós (verá nossos problemas do ponto de vista humano) quando nos achegamos a ele em oração. Esta verdade deve servir de grande encorajamento, para incentivar os consulentes a trazerem seus problemas a Deus com a atitude apropriada (confiantemente) e com grandes expectativas de misericórdia e auxílio, precisamente *em ocasião oportuna* (porém não antes, nem depois). E não somente isto, mas, tendo Cristo suportado fielmente a

tentação (sem pecar), ele sabe *como* nos instruir e nos ajudar a suportar as nossas tentações.

Curiosamente, os consulentes costumam pensar, "Bem, se Cristo nunca pecou, como ele poderia me ajudar – eu que sou pecador. Preciso de alguém que, como eu, também saiba o que é cair." Mas isto é um completo engano. Em todas as áreas da vida podemos perceber este fato; não costumamos procurar um professor de música que tenha fracassado como músico, ou a um treinador que não saiba praticar o esporte que pretende ensinar, ou a um divorciado pela segunda vez para aprendermos como ter um casamento bem sucedido. Eis aqui estamos diante de um homem que sofreu todas as pressões que o consulente experimenta (e *muitas outras*), e ainda assim *não* caiu. Ele, melhor que ninguém, sabe como ter sucesso e vencer a tentação. Ele "subiu aos céus" i.e., está assentado à destra de poder do Pai – assim também é *capaz* de ajudar outros; Ele também possui boa vontade em fazê-lo. Ele os encoraja a virem confiadamente a si, ao seu trono, que é fonte de toda graça (de todo auxílio). Ele é o Sumo Sacerdote que intercede por nós diante de Deus. Por esta razão, jamais devemos perder o ânimo na confissão; se o consulente desanimar, não pode culpar Deus, nem as circunstâncias, mas somente a si mesmo. Há grande esperança e (também) grande responsabilidade que nascem desta doutrina. Os conselheiros deveriam reconhecer a importância desta verdade para muitas situações onde a necessidade de esperança e responsabilidade é premente.

Mais conhecimento da Trindade surgirá no desenvolvimento de outros temas,[98] especialmente quando estudarmos a expiação e seus efeitos e a aplicação da redenção ao homem. Por enquanto, desejo apenas enfatizar a necessidade de uma abordagem prática, não especulativa, a esta doutrina.

98 Ver especialmente o capítulo 7, dedicado a um dos aspectos desta doutrina.

Capítulo 5

O Nome de Deus e o Aconselhamento

A DOUTRINA DE DEUS

Pessoas que passam por grande miséria ou aflição frequentemente precisam de algo bem distinto como referência ao passarem pela provação. Ao longo da Bíblia, Deus graciosamente revelou-se ao seu povo, algumas vezes com um nome que era apropriado para a situação. Quando Abraão enfrentou desorientação e incerteza diante da promessa de Deus em sua idade avançada, lemos essas confortantes e tranquilizantes palavras: "Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso (*El-Shaddai*)" (Gn.17.1). *El-Shaddai*! Como essas palavras devem ter arrebatado a alma do patriarca por saber que a despeito de sua fraqueza e inabilidade, havia Alguém que podia cumprir suas promessas – *El-Shaddai*, traduzido por "Todo-Poderoso", significa mais que isso; significa "o Poderoso Provedor". O Nome fala do poder de Deus e da capacidade infinita de nutrir, satisfazer e suprir. Abrão não precisaria depender de si mesmo ou sequer do agir natural das circunstâncias da vida; *El-Shaddai*, o grande Nome pelo qual Deus se revelou durante o período patriarcal, expressava somente o que Abrão (e todos os patriarcas) precisavam saber – o seu Deus cuidava e tinha tanto a vontade quanto o poder para manter seu cuidado com ação plena de poder. Quantos consulentes gostariam de ter no cabeçalho das tarefas que lhes parecem impossíveis, a expressão "Eu sou *El-Shaddai*" – Gn.17.1! Em parênteses abaixo do nome ele poderia escrever: "O Poderoso Provedor".

Cristãos duvidosos, incertos, fracos na fé, mais uma vez precisam reconhecer esse Deus. Talvez eles sejam confrontados com o nome singular: Jeová (ou melhor, Iavé). É verdade que Deus é o Poderoso Provedor, o El-Shaddai; mas o conceito nem sempre responde ao problema central na vida do cristão fraco e temeroso. Ele precisa mais uma vez ser lembrado vividamente de Deus como o mantenedor da promessa. Iavé é o nome associado peculiarmente com Deus no pacto com seu povo. Por esse nome Deus se revelou a Moisés e através dele a Israel (cf. Êx 3.15). Esse nome é usado cerca de 6.800 vezes no Antigo Testamento. No Novo Testamento, é aplicado a Jesus sob a palavra grega *Kurios*. Este nome possui uma conotação calorosa e pessoal nessa forma de uso. É realmente uma forma do verbo *ser* que tem sido traduzida de várias formas como "Eu sou o que sou", "Eu sou", "Eu sou porque eu sou", e "Eu serei o que serei". Por estas várias possibilidades, os escritores do NT se referem a seus significados sob a frase, "Aquele que era, que é e que há de vir". Este *Iavé* é Aquele Que É, "o mesmo ontem, hoje e para sempre". Isso significa que ele é fidedigno. O Nome, acima de todos, assegura ao crente que Deus manterá suas promessas. O consulente pode acreditar que Deus fará o que diz em sua Palavra? Claro! Esta é a Palavra de Iavé – o Deus da promessa e do inabalável amor!

O próprio Deus não somente revelou algo a respeito de sua natureza e caráter através de seus nomes, como também pelo seu Espírito levou seus servos a relatarem os nomes que *eles* usaram a respeito de Deus para expressarem sua gratidão pelo que ele havia feito por eles. Isto também é de grande importância para os consulentes, especialmente porque eles se desenvolvem através das circunstâncias nas quais o povo de Deus experimenta a fidelidade de Deus. É extremamente importante compreender que estes nomes também são uma revelação de Deus – dada mediata, não imediatamente - mas, no entanto, nomes que Deus destina a serem reveladores de si mesmo. Foi ele, pelo Espírito, que supervisionou o relato desses nomes para o nosso encorajamento. Portanto, eles devem ser usados por conselheiros. Aqui estão alguns deles:

1. *Jehovah-Shammah* - Jeová (Iavé) está ali – cf. Ezequiel 48.30-35 para o contexto (especialmente v. 35) no qual o nome aparece. Os cativos que voltassem encontrariam Jeová na cidade que eles iriam construir. Sempre que nos desviamos da vontade de Deus revelada a nós, descobrimos que Ele está lá - liderando, abençoando, esperando por nós no destino que procuramos alcançar.

2. *Jeovah-Jireh* - "Jeová proverá (verá)" – cf. Gn 22.1-19 (especialmente v. 14). Essa passagem e suas circunstâncias, juntamente com o nome, é familiar o suficiente para ser comentada. Ainda assim, não se faz menos preciosa, especialmente para consulentes temerosos de se moverem em direção ao que enxergam como tão questionável, tão ameaçador, tão difícil de fazer. O Deus que providenciou um cordeiro para Abraão, que mais tarde providenciou um Cordeiro para o calvário, também providenciará o que eles precisarem.

3. *El-Roy* - "O Deus que vê" – cf. Gn 16.13. Pode-se contar com a encorajadora história que acompanha esse nome para trazer esperança para as modernas Hagars, vagando sozinhas. Essa mãe solteira precisava saber – como muitos hoje precisam – que na solidão, onde o perigo e a incerteza espreitam de todos os lados, os filhos de Deus não estão de fato sozinhos. Nada escapa às vistas de Deus; tudo ele vê.

4. *A Rocha* - cf. Dt 32.1-43 (especialmente v. 4). Firme, constante, protetor como as montanhas ao redor de Jerusalém – Deus é tudo isso, e muito mais. Tempo e tumultos não podem muda-lo; Ele é como uma torre majestosa, acima de tudo. Algumas vezes em silêncio, mas sempre forte, ele permanece um refúgio infalível em si mesmo. Isso é tudo o que um consulente precisa – uma Rocha. Se ele tem Cristo como seu Salvador ele possui essa Rocha!

5. *Jeovah-Nissi* - "Jeová nossa bandeira" – cf. Ex 17 (especialmente v. 15). É de vitória que o consulente precisa, vitória sobre os inimigos, provas, tentações. Como pode ele vencer a batalha? De uma única

> forma – ir em frente batalhando sob o estandarte de Deus. Isso significa marchar audaciosamente, ir em frente e encarar seu inimigo quando, onde e como Deus diz; usando somente as armas e estratégias que ele ordena. Deus marcha onde sua bandeira tremula; sua bandeira tremula onde sua Palavra de ordem é obedecida.

Há vários outros nomes: o Senhor é meu pastor (Sl 23.1), ele é *Jeová nossa justiça* (Jr 23.6), ele é o *"Senhor Deus Sabaoth"* – isto é, o Senhor dos exércitos (ou tropas), etc. O conselheiro bíblico, biblicamente consciente, buscará auxílio nas Escrituras sempre que puder. Nos nomes de Deus muito é revelado sobre ele em sua relação com seu povo – tudo isso é de grande ajuda, tanto para o conselheiro como para os consulentes.

Concluindo, outro Nome – facilmente desprezado, mas de grande significado – é a definição preferida de Cristo para Deus, e também a que ele nos ensinou a usar (na oração do Senhor, por exemplo): *Pai*. Quanta riqueza no conteúdo desse nome! Tudo o que um pai é (ou deve ser), com todo o aconchego de cuidado e preocupação, está contido nesse nome. Desenvolva isto de modo completo no aconselhamento, lembre aos filhos de Deus constantemente o que é ser filho do Deus que está nos céus. Poucas outras ênfases poderiam dar tanto conforto, encorajamento, disciplina, como esta, quando corretamente entendida. Há muita coisa aqui e, ainda, tanta alegria a ser descoberta, que me recuso ir adiante. Você está agora por sua própria conta, nas linhas seguintes – para por si mesmo – desenvolver a partir da Bíblia tudo que puder sobre Deus como Pai daqueles que nasceram de novo e foram adotados em Sua família:

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

O que há em um nome? Comumente, não há muito em nossos nomes atualmente. Mas nos nomes de Deus está a revelação de sua Pessoa. Por meio deles brilha sua provisão, cuidado, proteção, preocupação, fidelidade, etc. O que há em um nome? Muito, quando se está falando dos Nomes de Deus.

Capítulo 6

Aconselhamento e Oração

A DOUTRINA DE DEUS

Em meu prefácio, mencionei o fato de que pretendia omitir nesta obra quaisquer discussões de caráter doutrinário, comuns às obras de teologia sistemática, desde que as implicações destas discussões para o aconselhamento forem óbvias e aparentes ao pensamento dos leitor perspicaz. Tenho tentado seguir este princípio, sempre que possível, neste livro.

Entretanto, neste ponto, devo fazer uma exceção: quero desenvolver uma doutrina que tem sido omitida no estudo da teologia sistemática (a despeito de sua importância e de nossa própria incompetência para buscá-la), a doutrina da qual estou falando é a oração.

A vasta maioria dos livros sobre oração é de caráter exortativo, pouco doutrinário, mas nenhuma obra há, pelo menos que eu conheça, que discuta a oração doutrinariamente, com vistas a descobrir as implicações de tal ênfase doutrinária para o aconselhamento. Isto, portanto, é o que me proponho a começar aqui, de modo preliminar.[99]

O Lugar da Oração no Aconselhamento

A oração ocupa um lugar *central* no aconselhamento cristão, tanto para o conselheiro quanto para o consulente. Qualquer aconselhamento que não seja baseado no entendimento de que é somente o poder de Deus que transforma o consulente, se constitui *essencialmente* não-cristão. Portanto, a oração deve ter o lugar de proeminência, pois tanto conselheiro como consulente devem buscar o auxílio divino, ambos dependendo de

99 Esperamos que um dos homens do movimento de aconselhamento noutético, que seja capaz de o fazer, escreva um livro (ou livros) mais completo que o assunto exige.

Deus para recebê-lo. Claramente, isto envolve oração. O aconselhamento humanista, em suas variadas formas (quer seja um sistema abertamente pagão, quer seja uma forma de humanismo envolvido numa roupagem cristã) exibe sua fraqueza fundamental com mais clareza neste ponto – a ausência de oração demonstra que o sistema de aconselhamento encontra-se centrado no homem (portanto, é um sistema humanista), não importa o rótulo que tenha, quando em sua prática de aconselhamento os conselheiros não clamam a Deus, mas confiam na sabedoria e força humanas para a realização de seus propósitos e objetivos.

Entre outras coisas, orar é pedir a Deus por sabedoria, auxílio, correção e bênçãos para nossos planos. Sem oração, o conselheiro cristão não pode alimentar *expectativas* no sentido de ver a operação de Deus por intermédio do Espírito Santo nos esforços de seu aconselhamento. (Isto não significa, naturalmente, que o soberano Deus não possa, ou que *não poderá* agir, a menos que lhe ofereçamos nossas orações. Ele não está limitado a nós. Ele realiza seus propósitos como *ele* bem entende. Todavia, da perspectiva do conselheiro, podemos dizer seguramente que não pode haver expectativa de bênçãos sobre o aconselhamento, a não ser que ele realmente a busque por intermédio da oração).

Logo, o primeiro aspecto da oração a ser *mencionado* (obviamente não será desenvolvido aqui com propriedade) é que o conselheiro deve orar por si mesmo e por seu consulente, rogando a Deus que use Sua Palavra ao ser ela ministrada nas sessões de aconselhamento, pedindo sabedoria para si, na seleção, entendimento e uso das passagens da Escritura, coletando e analisando os dados de acordo com as normas bíblicas e buscando o auxílio divino na preparação do solo que é o coração do consulente (sua vida interior) para a semeadura da semente da Palavra de Deus. O conselheiro deve orar especificamente por cada consulente antes da próxima sessão de aconselhamento, mencionando especificamente cada assunto listado em suas anotações e no prontuário do consulente.[100] Entre outros usos que o

100 Para mais informações sobre anotações e sobre arquivamento, ver *Competent*, p. 198... 204; e *The Manual*, p. 228..., 236...

conselheiro fará destas anotações, ele verá que serão extremamente úteis para a oração de intercessão particular.[101]

A Oração nas Sessões de Aconselhamento

A oração possui um papel muito importante também nas sessões de aconselhamento. Frequentemente, em pontos cruciais de uma série de sessões, a única atitude adequada a se tomar é iniciar uma oração.

Antes de tomar uma importante decisão, quando o consulente está exercendo forte e determinada resistência às Escrituras, após ouvir uma notícia excepcionalmente alegre, ou muito triste, ou mesmo algo chocante, quando acabamos de ouvir uma notícia bombástica, bem como em várias outras situações semelhantes, uma oração de compromisso, de gratidão, uma petição, uma súplica, ou mesmo uma confissão de pecados, pelo conselheiro e/ou pelo consulente será a resposta espontânea e natural num contexto de aconselhamento verdadeiramente cristão. Oração – em qualquer momento, durante qualquer sessão – é adequada quando é natural e espontânea, tanto pelo conselheiro, quanto pelo consulente. Provavelmente, por causa deste fato, tal oração geralmente será lembrada pelo consulente como um dos destaques daquela série de sessões de aconselhamento.

Não se pode dizer aos conselheiros (num livro como este) quando se deve oferecer uma oração espontânea; por sua própria natureza, a oração *espontânea* deve fluir naturalmente, como resposta de alguém acostumado a voltar-se para Deus espontaneamente em tais ocasiões. Se sua vida é caracterizada por um consciente andar com Deus, onde falar com ele como reação aos acontecimentos da vida diária é algo costumeiro, você como conselheiro não precisa ser orientado sobre *quando* orar em silêncio e quando orar audivelmente numa sessão de aconselhamento.

101 Reserve um lugar e horários particulares para esta oração, pois estas informações não devem ser compartilhadas com mais ninguém.

Frequentemente, como sugere a última frase, a oração será feita silenciosamente. Quando for o caso em que a oração audível equivale a "lançar pérolas aos porcos", quando interromper o fluxo das informações que estão sendo dados, ou quando houver o risco de a oração audível confundir o consulente quanto ao seu propósito num dado ponto,[102] o conselheiro deve falar com Deus silenciosamente em seu coração, sem envolver o consulente na oração. Mas, na maioria dos casos, se o conselheiro conduz a oração (usando sempre a primeira pessoa do plural "nós") ou se ele ora usando a primeira e a terceira pessoas "eu" e "ele", a oração deverá ser feita audivelmente na presença do consulente.

Há várias razões para isto. Geralmente os conselheiros desejarão desenvolver nas vidas de seus consulentes uma maior dependência de Deus (e para isto, nada há mais eficaz do que envolvê-los numa oração fervorosa). Noutras vezes será vital ajudar o consulente a confessar seus pecados a Deus, a "clamar o nome do Senhor" ou a expressar adoração, ação de graças a Deus pelo que Ele é e pelo que tem feito.

Já mencionei dois exemplos nos quais a oração é apropriada no aconselhamento: antes de cada sessão e (espontaneamente) durante as sessões, quando for adequado. Além disso, posso mencionar ainda um terceiro exemplo: em conexão com cada sessão (no início, no fim, e em ambas as ocasiões). Às vezes, rogar pela a presença e bênção de Deus, oferecer ações de graça, confessar os pecados, comprometer-se com Deus, além de outros propósitos óbvios, é de grande importância. A oração nessas ocasiões deveria ser uma praxe, e deveria ser feita *em todos os casos em que fosse possível fazê-la* (alguém quebrando os móveis por causa de alucinações pode tornar a oração audível impossível).

Oração do Consulente

É desejável que o consulente cristão seja encorajado a orar durante o período de aconselhamento, por cada sessão, pelo conselheiro, por si mes-

102 Por exemplo, o conselheiro pode não estar preparado para discutir com o consulente um assunto que ele queira discutir com Deus; mais uma vez o conselheiro pode querer consultar a Deus sobre a viabilidade de levantar certa questão diante do consulente neste ponto.

mo, etc., Consequentemente, como tarefa regular de casa[103] o consulente pode ser orientado a realizar momentos devocionais em família (ou individualmente).[104] Parte do viver disciplinado necessário aos consulentes para a solução dos problemas, demanda certa regularidade na oração e estudo da Palavra. É, portanto, muito importante recomendar esta tarefa, logo na primeira semana (tão logo seja possível). Desde o início o consulente deve ser ensinado sobre sua dependência de Deus para todas as mudanças desejadas. É a Palavra de Deus e o poder de Seu Espírito que traz estas mudanças, não o conselheiro (nem o consulente). Nada melhor do que um plano organizado, objetivo, coordenado de devocional pessoal para imprimir este fato com muita vivacidade.[105]

Amiúde, também, o consulente será *convidado* (não se deve exercer sobre ele pressão alguma; alguns consulentes, entretanto, requerem e, realmente apreciam, uma pressão gentil, bem dosada) a orar numa sessão particular. Talvez ao fim da sessão que o próprio consulente descreveu como "particularmente útil" seja uma boa ocasião para pedi-lo que conduza uma oração de gratidão com a inteireza de seu coração. Desta maneira, o conselheiro pode sair de uma posição aparentemente "profissional" para uma posição mais adequada de um irmão e oficial da igreja de Cristo. Quando o "expert" encoraja o consulente a conduzir algumas vezes, ele inicia uma caminhada no sentido de banir quaisquer noções *errôneas* a respeito de sua autoridade e perícia.

Outra vantagem de convidar o consulente a orar é que sempre que ele o fizer, estará assumindo um compromisso na oração ("Decidi que Deus quer que eu desista de meu jeito homossexual de viver"; "Agora sei que

103 Para mais tarefas de casa, leia os capítulos sobre o assunto no *Manual.*

104 Preparei um caderno de atividades devocionais para consulentes, intitulado *Four Weeks with God and Your Neighbor* (Phillipsburg, N. J.: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1978) como suplemento para o aconselhamento. O foco principal é na oração e no estudo bíblico, bem como na aplicação prática das Escrituras à vida.

105 *Four Weeks* (ibid.) enfatiza tanto a disciplina quanto a mudança; estes dois temas são essenciais desde o início do aconselhamento. Há também tarefas relacionadas a tomar anotações do sermão de domingo e avaliações do pregresso semanal aos sábados. A partir da quarta semana o consulente passará ao estudo pessoal e à oração por si só.

devo voltar e consertar as coisas com minha esposa"). O compromisso feito diante do conselheiro é importante, mas ele deve ser feito com Deus; é a Ele (não ao conselheiro) que o consulente deve responder (Rm 4.4). Orações de compromisso seguindo decisões bíblicas enfatizam este fato.

De um modo geral, tal oração torna claro que tudo que está acontecendo, se dá na presença de Deus, para sua glória e na dependência dele. *Este entendimento é vital para o aconselhamento bíblico adequado.*

Ações de graça e comprometimento, como temos visto, constituem-se duas das mais significantes razões para estender oportunidades aos consulentes para a oração. Mas deve-se ter cautela ao convidá-los à oração (nas sessões) por ajuda. Geralmente, é melhor que o próprio conselheiro faça tais orações. A maioria dos consulentes não sabe orar bem – especialmente orações de petição (eles geralmente violam o princípio ensinado em Tiago 4.3, por exemplo) – logo, é sábio o conselheiro guiá-los e moldá-los nestas orações.[106]

A oração de confissão e por salvação demanda uma palavra especial. É neste ponto que devemos estar atentos à questão da pressão errada, a não ser que o conselheiro seja muito cuidadoso. Ao orar por algo sobre o qual o consulente esteja alegremente grato, a questão da pressão parece inexistente; há uma maravilhosa pressão que nasce de *dentro* dele e o conselheiro simplesmente sugere que ele ceda a essa pressão. Consulentes que *já expressaram compromissos de forma voluntária* também não terão problemas com orações de compromisso. Logo, para se evitar qualquer tipo de pressão externa que possam levar a orações hipócritas (orações forçadas, da boca pra fora), o conselheiro deve estar seguro de já ter obtido tais compromissos no nível horizontal antes de sugeri-los no nível vertical. Se um desejo de oração não é expresso voluntariamente ("Como devo confiar em Cristo como Salvador? Eu quero", ou "Eu não deveria pedir o perdão de Deus para isto?" – (obviamente, estes começos são apresentados em salvas de prata), o conselheiro pode perguntar ao consulente (como uma pergunta genuína,

106 Há, naturalmente, muitas exceções. E as vezes o assunto da oração (e do ensino sobre ela) pode levar a uma situação ideal para que o conselheiro peça ao consulente para orar.

não constrangedora),[107] "Você gostaria de pedir o perdão de Deus por isto agora?" ou "Que tal contar a Deus que você deseja confiar em Cristo como seu Salvador; você pode fazê-lo agora mesmo, caso esteja pronto. Eu o explicarei como fazer, se você achar melhor".

Mas também há momentos em que se deve dizer, "Você ainda não parece pronto para assumir seu compromisso. Você deve fazê-lo. Procrastinação é pecado. Mas, pressioná-lo a dizer palavras nas quais você não acredita, também seria. Espero que você fale com Deus sobre isto, antes de nosso próximo encontro." Esta abordagem enfatiza o perigo da procrastinação e a necessidade de abandono do pecado, mas elimina a pressão que leva à hipocrisia.

Entretanto, há situações (quando o aconselhamento não pode avançar até que se firme certos compromissos, a confissão se faz essencial, o perdão deve ser buscado, até que se alcance a mudança desejada) em que o conselheiro deve dizer objetivamente, "Quando você cuidar desse assunto, ligue para minha secretária para marcar sua próxima tarefa; não podemos continuar, enquanto esse problema não for resolvido. Trata-se de um obstáculo na estrada". Deve-se sempre exercer uma pressão para que o consulente faça o que Deus determina que seja feito (Hb 3.7-4.13), até com graves advertências a respeito das consequências da falha em se obedecer a vontade de Deus; mas isto deve ser equilibrado com a decisão de não fazer nada que possa sugerir ao consulente comprometer sua integridade.

Sendo cada consulente diferente dos demais – e especialmente porque alguns necessitam de grande encorajamento ("consolai os desanimados..." – 1Ts 5.14b) – não é fácil saber exatamente quanta pressão se deve exercer e de quais maneiras se deve fazê-lo. Guardar na mente o final do versículo ("...sejais longânimos para com todos") também ajuda. Se há alguma questão, estenda sua paciência até a segunda milha. Nunca esqueça que há algumas pessoas tímidas, que necessitam de pressões de encorajamento diretamente empregadas.

---

107 Confira os comentários sobre esse assunto em *Matters of Concern*, p. 87,88

A reação às gentis provocações (ou a perguntas como as feitas acima) geralmente nos darão dicas do que necessitamos para tomar decisões a respeito de como exercer ou não alguma pressão de encorajamento. Às vezes, também, é mais fácil perguntar simplesmente, "Bill, você é o tipo de pessoa que necessita de certo encorajamento para realizar certas tarefas?" Se a reação às suas sugestões (ou leve pressão) for uma resposta agressiva, por exemplo, geralmente não é sinal de timidez *naquele contexto.* É hora de voltar atrás. Perguntas como, "Como faço isso?" ou objeções do tipo, "Mas eu não sei o que dizer", por outro lado, são em geral maneiras de dizer, "Estou embaraçado porque realmente não sou bom nessas coisas; você me ajudaria?" e devem ser bem recebidas. Táticas evasivas podem ser interpretadas de diversas maneiras (de modo que pouco ajudam no entendimento, exceto pelo fato de que você sabe que ainda resta *algo* na forma de compromisso). Procrastinação (geralmente combinada a um leve embaraço) talvez indique timidez mais do que qualquer outra coisa. Mas lembre-se, faça uma leitura de cada pessoa à luz de suas respostas anteriores – nem todos respondem de acordo com o padrão geral.[108]

Em qualquer situação, a oração deve ser aconselhada entre os consulentes, não como uma solução mágica para seus problemas (muitos consulentes precisam ser advertidos a respeito de certas visões místicas sobre a oração), mas por causa da importância de se estabelecer uma comunicação regular com Deus e também de se buscar seu auxílio divino para a obediência à sua Palavra.

Uma nota final: *Apenas como um benefício colateral* (nunca como o propósito para convidar o consulente a orar) muito se pode aprender sobre o consulente a partir da forma e conteúdo de suas orações. Conselheiros devem estar atentos a isso.

108 Consultar, *Matters of Concer,* p. 18,19

A Doutrina Cristã da Oração

Neste século materialista, a pergunta "O que é oração?" é oportuna, sem ser jocosa. A presente geração tem crescido alheia à oração. Mesmo nos lares em que ainda se preserva uma oração de gratidão antes das refeições, tudo que temos são vestígios de uma tradição fria. Poucas são as crianças que recebem instrução sobre como trazerem seus problemas a Deus. No lar e na escola, elas são nutridas com uma inquietante doutrina de autossuficiência que as conduz ao orgulho e arrogância radicais, autocentrados ou (em outras palavras) a uma dependência deletéria dos pais e da sociedade. Sem oração, Deus não passa de uma gravura na parede; e para muitas pessoas "religiosas" hoje em dia, é só isso que ele é. Sem oração, não há conexão vital com Deus, não há confissão, adoração, ação de graças ou petição; em outras palavras, nenhuma comunhão pode ser estabelecida com Deus (naturalmente, nenhuma comunhão pode haver fora de Cristo).

Mas até mesmo para os cristãos – que oram (e todos os cristãos oram, pois quem não ora não pode ser chamado de cristão) – o consenso universal é de que a oração é mais difícil das disciplinas. Por isso, em ambos os casos (de cristãos e não cristãos) é oportuna a pergunta, "O que é oração?" Um entendimento do ensino bíblico não somente nos dará uma resposta a esta importante pergunta, mas também nos fornecerá o fundamento para as implicações do aconselhamento.

O comentário de que, "Todo mundo sabe o que é oração", é tão correto quanto falso. O que a maioria tem é uma vaga e superficial ideia sobre oração. A imagem de uma pessoa ajoelhada, com as mãos postas, falando com Deus, talvez seja a conotação mais comum de oração. E mesmo essa imagem estereotipada tem sido fragmentada recentemente pela contraposição carismática de mãos e faces erguidas ao céu em atitude de oração. Os membros do culto da Unidade, por exemplo, repetem "verdades" na tentativa de incutir uns aos outros a ideia de que se deve orar "a si mesmo",

já que cada um é tão Deus quanto qualquer outro. Logo, não é verdadeira a máxima que diz, "Todo mundo sabe o que é oração"; é evidente que há conceitos diferentes sobre oração, quanto à sua forma e conteúdo, alguns dos quais são plenamente contraditórios aos demais.

Falsas Ideias sobre Oração

Talvez seja melhor começarmos com algumas noções de oração que devem ser eliminadas de imediato, por conflitarem com o ensino bíblico. Dois edifícios não podem ocupar o mesmo lugar no espaço ao mesmo tempo. Um terá que ser demolido, antes que o outro seja edificado.

A teoria de autossugestão deve ser rejeitada. O advento da análise psicológica do comportamento humano, combinada à descrença, tem preparado o solo para tal ensino. De uma forma ou de outra, esta teoria é muito disseminada em nossos dias. De acordo com os elementos básicos desta teoria, a pessoa pode acalmar-se, ganhar uma visão mais clara da realidade, retirar o fardo de sobre seus ombros, simplesmente pela oração. O que acontece, naturalmente, é algo interior. Realmente não há qualquer contato com Deus – se é que há um Deus. O suplicante está se enganando ao pensar que Deus o ouve. Mas desde que ele se acalma no processo, a oração será considerada um recurso. Orar é bom, desde que a pessoa não se sinta frustrada e desencorajada por não receber o que pede.

Naturalmente, esta noção de autossugestão deve ser rejeitada imediatamente, por não encontrar reflexo no conceito bíblico de oração, no qual a Escritura ensina que "O Senhor me ouve quando eu clamo por ele" (Sl 4.3). Na oração cristã o crente clama diretamente ao Deus vivo, que ouve e responde, de acordo com sua divina vontade. Aqui acontece uma real comunicação; uma real transação. Se há algum benefício interior que ele recebe da *prática* da oração, trata-se de algo totalmente secundário. O cristão não ora *a fim de encontrar conforto pelo ato da oração.* Ademais, mesmo os efeitos internos do ato em si produzem pouquíssimos efeitos secundários. A verdadeira paz nasce do entendimento de que o crente encontra-se na

presença do Deus da criação e de que suas necessidade estão sendo colocadas nas mãos de Deus! Quando os cristãos passam a confiar no *ato* da oração (ou em seus efeitos), em vez de confiarem no Deus a Quem oram, os problemas surgem. Conselheiros devem estar atentos a este problema em seus consulentes e adverti-los a esse respeito. Pelo contrário, é o elemento objetivo na oração que faz toda a diferença; se a oração for somente uma experiência subjetiva, pouco conforto ou auxílio se acharão nela. Tal noção de oração é subcristã.

Muito semelhante a esta é a ideia de que as únicas mudanças produzidas pela oração acontecem apenas na pessoa que ora, não no curso dos eventos na história. Nesta base, pode-se crer que há um Deus que responde as orações, mas que o faz tão somente pela transformação de quem ora. Esta doutrina da bênção interior, ensinada por alguns unicistas e por outros de tradição deísta, entende ser totalmente inadequado ao cristão orar, por exemplo, por chuva. Sendo que esta visão leva a uma objetiva negação do pedido que Jesus nos ensinou a fazer na oração – "o pão nosso de cada dia nos dá hoje" – ela deve ser rejeitada.[109] Este tipo de oração inextricavelmente envolve Deus providencialmente no curso dos eventos humanos.

É verdade, naturalmente, que a Bíblia ensina *de fato* ser a vontade de Deus operar mudanças interiores em resposta à oração do crente. Não vejo nenhum problema com esse fato; a queixa é a respeito daqueles que limitam as mudanças exclusivamente a esta esfera interior, subjetiva.

Uma terceira visão, frequentemente mais encontrada nos círculos ortodoxos do que as duas primeiras, é a ideia de que a oração é sinônimo de petição. Mais uma vez, isto limita a oração de maneira não autorizada. Há alguns anos, R. Rice – que de maneira nenhuma adere a uma visão tão limitada – prestou-nos um desserviço ao intitular um livro como *Prayer: Asking and Receiving* (*Oração: Pedindo e Recebendo*), sendo esse título uma descrição inadequada da oração.

109 Isto sem falar das demais petições que Jesus ensinou a fazer na oração do Pai Nosso; e.g., "Não nos deixes cair em tentação."

Um conceito mais recente a ser rejeitado é a ideia de que oração significa meditação. Com o advento das visões orientais sobre meditação, estudos bíblicos abordando o assunto tem sido mal construídos em dois pontos: (1) Meditação bíblica não é oração (embora possa levar à oração). (2) Meditação bíblica (diferente de Meditação Transcendental) trata-se de uma profunda reflexão sobre as verdades sobre Deus e sobre o nosso relacionamento com ele, verdades essas contidas nas Sagradas Escrituras (cf. Sl 1); nada tem a ver com a meditação sobre o "espaço interior" da pessoa que está meditando, ou qualquer outro conceito semelhante. As duas ideias sobre meditação são opostas: a visão pagã mantém o foco em si mesma; a visão cristã, concentra-se em Deus e em sua verdade revelada.

A visão católica de oração também deve ser rejeitada. Orações direcionadas aos santos e à virgem Maria representam (1) uma negação do acesso direto que temos a Deus na pessoa de Jesus Cristo (nosso único Mediador)[110] e (2) uma imputação a seres humanos glorificados de atributos que pertencem somente a Deus (onisciência, onipresença e, em muitos casos, onipotência). Maria é chamada de "o refúgio dos pecadores," a única de quem se deve buscar "orientação" e "ensino", aquela "a quem nunca se recorre em vão", a quem "devem ser dirigidas fervorosas orações", aquela "cujo simples nome dá conforto" (*The Catholic Church the Teacher of Mankind*). Ela resolve todos os problemas, de chuva e de seca, de fome e de pragas, conforme este livro, designado para instruir "the Catholic child at the mother's knee" ("a criança católica aos pés da mãe") (Subtítulo. O livro foi publicado em Nova Iorque pela Catholic Publicaitons e traz o imprimatur do Arcebispo Johannes W. Farley). Na página 643, lemos:

> Infelizmente, ainda sois dominados por muitas faltas que vos impedem de vos tornardes os filhos piedosos e operosos que Deus deseja que sejais. Para vos curardes destas faltas, deveis implorar à Virgem Bendita.

Faltam palavras para refutar tão irrefreável idolatria. Este conceito de oração coloca Maria no lugar de Deus. De fato, parece que de acordo com

110 1Tm 2.5

esta doutrina católica de oração, Deus tem delegado a Maria o poder de responder as orações. A resposta a isto deve ser a seguinte:

1. Em nenhum lugar das Escrituras tais ideias podem ser encontradas. É uma busca inútil procurar na Bíblia qualquer oração feita a Maria; também não se encontrará qualquer injunção a esta prática. De fato, as Escrituras nos ensinam que as orações devem ser dirigidas exclusivamente a Deus, em nome de Cristo (veja os versos citados acima). Não há modelo de oração a Maria, nem a qualquer outro ser, como anjos, por exemplo. A cena bíblica difere radicalmente da Católica Romana, que pode ser representada nestas palavras: "... em suas falhas, a cada instante de sua vida, na hora da morte, os cristãos recorrem a Maria. Somente seu nome os conforta e lhes dá confiança" (ibid., p. 642).

2. Quando oramos a alguém, automaticamente imputamos àquela pessoa todos os atributos de Deus. Por exemplo, temos que atribuir à pessoa a quem oramos a onipresença, para que seja ela capaz de ouvir milhões de orações a ela dirigidas de todas as partes do mundo. Entretanto, onipresença é atributo incomunicável de Deus. Semelhantemente, a pessoa a quem oramos precisa ser onipotente, a fim de que possa responder a todas as petições. O atributo da onisciência também não pode ser divorciado da oração, uma vez que a resposta a uma oração deve considerar todos os fatos de todos os tempos (passado, presente e futuro). Maria possui tais atributos? Alguns pensam que sim ("Maria é todo poderosa, por ser a mãe de Deus", ibid., p. 642), ao passo que os demais não consideram cuidadosamente as questões envolvidas.

A Doutrina Cristã

Após este breve panorama de algumas interpretações errôneas da oração, vejamos o que a Bíblia ensina. Não posso fazer um estudo exaustivo aqui (e, especialmente, não desejo enfatizar pontos que já foram aborda-

dos por outros). Vamos, portanto, escolher uma parte do ensino bíblico e desenvolver de modo mais completo as implicações de um ou dois pontos.

Há várias palavras gregas no Novo Testamento que precisam de uma explanação. Os termos tratados a seguir compreendem a declaração fundamental do ensino das Escrituras a respeito da oração.

A primeira palavra grega e também a que mais se aproxima do termo inglês para oração, "prayer" (do Latim, *precari*) é *proseuchê*. O escopo desta palavra é muito amplo; ele compreende o todo. Esta é a palavra encontrada com maior frequência do que as outras, trazendo o significado de falar com Deus.

A palavra *euchê* da qual vem *proseuchê*, é empregada em Tiago 5.15 e também será traduzida de maneira geral. Num certo sentido, *euchê* é até mais abrangente do que a primeira palavra, mas já que ocorre apenas três vezes, enquanto que *proseuchê* é usada cerca de 33 vezes, será difícil considerá-la uma palavra básica, compreensiva, e de escopo abrangente no Novo Testamento. Sem dúvida, *proseuchê* ocupa esse lugar pelo uso e significado combinados.

Trench[111] diz que *proseuchê* significa "oração em geral" e "sempre oração a Deus". Seu uso em Atos 16.13,16 confirma o fato. Este uso indica o local onde as orações – todos os tipos de orações – eram feitas. O uso mostra claramente que *proseuchê* é o termo empregado para oração em geral. O termo mais geral normalmente nomeia o lugar. As autoridades não diferem quanto a este ponto. Assim, a importância do termo emerge. Todas as demais palavras para oração se referem a uma parte ou a um aspecto de *proseuchê*. Versos como Efésios 1.16 demonstram esse uso: "não cesso de dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações". A *proseuchê* de Paulo envolve ação de graças e súplica.

O segundo termo bíblico digno de nota é *deêsis*. Trata-se de um termo mais específico do que *proseuchê*, embora seja mais frequentemente encontrado unido a esta última, pela conjunção "e": "orações e súplicas" ou

111 *Synonyms of the N.T., p.* 189

"orações e petições" ou ainda "orações e pedidos". As vezes o termo aparece sozinho. Trench aponta duas maneiras nas quais *deêsis* difere de *proseuchê*.

(1) Proseuchê é mais abrangente e geral, enquanto que *deêsis* refere-se a pedidos específicos "para benefícios particulares". Isto significa dizer que *deêsis* é uma petição; jamais poderia ser empregada como palavra para designar ação de graças ou confissão, por exemplo. *Deêsis* é *pedido* por alguma coisa.

(2) Proseuchê é sempre direcionada a Deus; *deêsis,* por outro lado, também é usado para dirigir pedidos específicos a homens. *Deêsis* descreve a pessoa que ora com um desejo claramente entendido de que ela está suplicando a Deus; enquanto que *proseuchê* é oração (em geral), *deêsis* é oração no sentido mais particular. Todo pedido particular é *deêsis*. Thayer diz que o termo expressa mais explicitamente a ideia de "necessidade". Se este conceito de necessidade pode ser encontrado ao outro, um *deêsis* pode ser descrito como um pedido particular por uma necessidade específica.

Outra palavra do Novo Testamento é *enteuxis*. Há uma riqueza de significado neste termo, mas ele não é usado com frequência. A palavra é usada regularmente para denotar o pedido de um inferior ao seu superior; e.g., um cidadão fazendo petição a um imperador. Há aqui algo da ideia de ousadia, acesso e confiança. Sua tradução na King James Version ("intercessão"), portanto, pode não ser adequada; o escopo de *enteuxis* é mais abrangente. Isto fica mais claro no uso em 1Timóteo 4.4-5, onde a palavra não pode ser traduzida como intercessão. Há também a ideia de conversação ou conferência. Trench mostra sua conexão etimológica com a noção de "achegar-se a uma pessoa". Aquele que obedece Hebreus 4.16 está engajado em *enteuxis*.

Outra palavra para um aspecto de oração é *eucharistia,* sempre corretamente traduzida por "ação de graças". Trata-se do "grato reconhecimento" (Trench) pela bondade de Deus no passado; diferente de *deêsis,* esta *eucharistia* olha para trás e lembra a história, em vez de olhar para o

futuro. Não há nuanças especiais de significado; sua conexão com gratidão é inteiramente óbvia.

Ação de graças está vitalmente conectada a felicidade. Quando um cristão sofre uma perda financeira, a morte de um ente querido, etc., as Escrituras ensinam que a tristeza (ancorada à esperança que não descamba em desespero – cf. 1Tessalonicenses 4.13...) é uma experiência legítima. Mas, por causa da promessa em Romanos 8.28, etc., a ação de graças também é adequada, até mesmo quando as razões específicas para tal gratidão não se fazem ver imediatamente. O Mestre Planejador está direcionando o curso dos eventos para o bem de seu povo. Problemas e sofrimentos em si são uma parte essencial daquele plano que, ao fim, enxugará todas as lágrimas. A oração de ação de graças reconhece esta verdade. O mandamento de se orar com gratidão e não com preocupação (Fp 4.6) *demanda* do crente um reconhecimento da bondade soberana de Deus. Não se pode significativamente dar graças sob circunstâncias adversas, a menos que se reflita sobre a realidade do controle providencial de Deus. Este entendimento mais profundo do sofrimento, em parte contribui para a paz que se seguirá (v. 7). Conselheiros devem mostrar isso aos seus consulentes.

Um consulente de coração ingrato, não saberá agradecer, mesmo quando encontrar a solução de seu problema. Enquanto não aprender a ser grato, até mesmo o mais doce fruto se tornará amargo ao seu paladar. A ingratidão azeda tudo; leva ao conflito e à desarmonia. Conselheiros devem estar atentos à ingratidão e trabalhar zelosamente para vencê-la. A palavra *eucharistia* ocorre 38 vezes no Novo Testamento em sua forma verbal e 15 vezes como substantivo, mostrando sua importância pela frequência.

Duas outras palavras devem ser consideradas. Elas são: *aitêma* e *hiketêria*. A primeira delas é um termo peculiar que ocorre somente duas vezes no Novo Testamento no sentido de pedido ou petição a Deus.[112] Ambas as vezes (Fp 4.6; 1Jo 5.15) a palavra ocorre no plural. "Numa *proseuchê* de qualquer espécie haverá provavelmente muitas *aitêma*" (Trench). Tratam-

112 E uma única vez em Lucas 23.24 é usada no sentido de um pedido a homens.

-se de pedidos específicos, dos quais se compõe uma *proseuchê*. Na oração do Senhor muitas pessoas encontram sete *aitêma*.[113] Berry iguala *deêsis* a *aitêma*.[114] O único elemento que os distingue é o sentido de necessidade que sempre faz parte de *deêsis*. Esta noção é ausente em *aitêma*.

Finalmente, chegamos a *hiketêria*. Nesta palavra, a atitude de humildade é proeminente. (Isto pode ser observado na tradução da LXX de Jó 40.22; 2Macabeus 9.18). No Novo Testamento, *hiketêria* ocorre somente uma vez (Hb 5.7, onde está associada a *deêsis*). A palavra pode ser traduzida por "súplica" ou "humilde petição".

Estas palavras indicam, por elas próprias, muito sobre a oração. O conselheiro cristão deve familiarizar-se com cada aspecto da oração, uma vez que lhe é necessário tratar frequentemente do assunto. Embora Deus conheça todas as coisas, ele nos ordenou que orássemos (Mt 6.8). Pedidos de oração, gerais e específicos, feitos com ações de graça e oferecidos fervorosamente, com um senso de necessidade e com espírito de humildade, são a substância da oração. Deus não aprende nada com a oração, nós, sim.

Podemos acrescentar a estas ideias dois outros conceitos, e o quadro estará completo: confissão e adoração.

A palavra grega para confissão é *homologia* (que literalmente significa, "dizer a mesma coisa"). A grande passagem sobre confissão é 1João 1.9. Confissão envolve dizer sobre nós mesmos as mesmas coisas que Deus diz em sua Palavra. Confessar é o mesmo que "concordar" ou "reconhecer". Trata-se do fruto do arrependimento (*metanoia;* uma mudança de mente, que resulta numa mudança de vida). Confissão, portanto, envolve um desejo de se libertar de futuros pecados. A confissão dos lábios deve nascer da confissão do coração.

A necessidade de confissão pode ser vista em Provérbios 28.13, que diz: "O que encobre suas transgressões, jamais prosperará, mas o que as

113 Ver Trench, *Synonyms*, p. 191.

114 *A Greek-English Lexicon of the N. T.*, p. 121.

confessa e deixa, alcançará misericórdia".[115] Bons exemplos de confissão podem ser achados em Salmo 51, Esdras 9 e Daniel 9.

Adoração é muito mais uma prática do que propriamente um termo bíblico. Um excelente exemplo é encontrado no Salmo 103.20-22. Nesse texto, o autor atribui louvor a Deus pelo que ele é e pelo que tem feito. Adorar é pensar em Deus e louvá-lo por ele mesmo. É o desejo de agradecê-lo simplesmente pelo que ele é. Trata-se de uma atitude que vai além da gratidão por suas obras; adorar a Deus é louvá-lo por seu ser e natureza. Na adoração o coração do crente clama "Abba, Pai". Pois o verdadeiro significado dessas palavras faz parte de sua experiência. A oração que se limita aos pedidos, não pode ser chamada cristã. Às petições devemos acrescentar também a adoração, e não somente confissão e ação de graças. Adoração é a *alma* da oração.

No aconselhamento é muito importante explicar e enfatizar a adoração. Consulentes tipicamente são orientados à busca da solução de seus problemas e a tendência é esquecerem Aquele que traz as soluções. Colocar-se como o centro de tudo é uma das causas mais comuns dos problemas dos consulentes. Nos casos em que isto se torna proeminente, faz-se essencial a necessidade de um chamado à adoração. Geralmente, a situação é tão ruim que nem mesmo uma gratidão elementar existe. A atitude do consulente as vezes pode ser, "Bem, estou feliz de que o Senhor finalmente resolveu meu problema; e no tempo certo". Por isso, ação de graças é frequentemente uma prioridade. Mas conduzir o consulente à necessidade de arrependimento e gratidão a Deus é essencial à adoração também. Especialmente importante é a necessidade de ensinar os consulentes a agradecerem a Deus por quem e o que ele é, *independente do que ele dá.* Nem todas as repostas vem de acordo com os pedidos, ou no tempo em que são feitos, etc. Mas a fonte inesgotável de satisfação, disponível a todos os consulentes cristãos é a satisfação com o próprio Deus. A alegria no Senhor é a base para a alegria em suas obras (as quais, por sua providência, muitas vezes podem ser contrárias aos nossos desejos mais caros).

115 Discutirei sobre confissão num nível mais profundo, nos capítulos posteriores.

A adoração mantém o consulente longe do interesse por si mesmo e pelos outros, direcionando-o para Deus; é a adoração o que põe a "ênfase onde ela realmente deve estar; traz significado e propósito últimos à existência, de modo que *qualquer* que seja a solução divina para os problemas, sem importar *quando* ela venha, o cristão estará preparado para aceitá-la, por ter ele aprendido a amar a Deus pelo que ele é. À medida que cresce o espírito de adoração, cresce também a habilidade do consulente de lidar com a vida tendo a atitude correta. Adoração – embora deva ser ensinada e praticada como resultado do obediente amor a Deus, e não por quaisquer benefícios colaterais que possa trazer ao consulente – produz tais efeitos. Não se pode dedicar tempo numa amável adoração a Deus sem que se experimente muitos dos bons efeitos que acompanham essa adoração. É precisamente desses efeitos que muitos consulentes necessitam para o desenvolvimento de uma perspectiva bíblica em relação à vida e seus problemas.

Um Interesse Primário na Oração

Ao usar a "Lista de Dados Pessoais"[116] ao longo dos anos, é interessante notar a regularidade com a qual certas respostas aparecem. Talvez a resposta mais consistente de todas seja a réplica da pergunta de número 2 na página final. Trata-se da segunda de uma trilogia de perguntas que vem juntas:

1. Qual é o seu problema?
2. O que você tem feito a respeito disso?
3. O que você gostaria que eu fizesse a respeito?

Em resposta à segunda pergunta (O que você tem feito a respeito disso?) há uma palavra recorrente na grande maioria das listas de consulentes, quer sejam cristãos, quer não-cristãos. Você imagina que palavra seja esta? Correto! A resposta é "tenho orado".

116 Para um exemplo deste tipo de questionário, ver *C. C. Manual*, p. 433 s. In *Update on Christian Counseling*, vol. 1, discuto os vários usos da L.D.P.

Uma conversa posterior com o consulente revelará que esta resposta pode estar certa e errada. Certa, por razões óbvias demais para mencionar. Está errada na maioria do casos em que permanece sozinha.

A oração raramente (quando for o caso) deve figurar sozinha como a solução bíblica de um problema. À queixa comum, "Mas eu orei a respeito disto e nada aconteceu," ordinariamente o conselheiro deve responder, "O que você pediu que justificaria o Senhor dar-lhe força e sabedoria para realizar?" ou "Tudo bem, e daí?"

"O que significa para você *fazer* alguma coisa? Eu orei. Penso que é hora do *Senhor* fazer alguma coisa, não?" (é o que pensam muitos consulentes).

"Ele já fez algo; nas Escrituras ele já te disse o que fazer. Tuas orações fornecem a estrutura de confiança e dependência pela qual você busca o auxílio de Deus na realização da vontade divina biblicamente expressa." Naturalmente, você replicará.

Em muitos casos eu sugiro o seguinte, "Você repete a oração do Senhor?"

"Sim, repito."

"Bem, nesta oração, você pede a Deus para prover seu pão diário. Isto provavelmente se refere a todas as necessidades, mas vamos pensar por um momento sobre o pão. Muito bem, tendo orado por pão, você imediatamente senta-se sob a sombra de uma árvore frondosa e espera que lhe venha flutuando pelo ar ou caindo de paraquedas um bom pedaço de pão, não é assim?"

"Naturalmente que não."

"Bem, *por que* não?" Você orou por isto; agora é a vez de *Deus* fazer alguma coisa, ou não?"

"Sim... mas..."

"Mas o quê?"

"Bem, há uma palavra, acho que em Tessalonicenses, ou em outro lugar que diz, 'Quem não trabalha, que não coma' – ou algo semelhante".

"Você está querendo dizer que precisa *fazer* algo mais além de orar, a fim de conseguir o pão?"

"Suponho que sim".

"Bem, nesse caso, o que dizer do seu problema atual? Voltemos à Escritura para ver o que Deus nos orienta a fazer (sempre com o espírito de oração) a respeito desse problema".

"Mas, o que dizer de Filipenses 4.6,7? Paulo não diz que a paz do coração e da mente vem por meio da oração".

"Sim e não. Conheço muitas pessoas que oram e ficam frustradas quando a paz não vem".

"Eu mesmo já fiquei assim. Mas o que esse texto quer dizer, já que não significa exatamente isso?"

"Bem, o texto nos manda orar, certamente; *mas isto não é tudo* – veja bem, é isto que estou tentando demonstrar. Oração é apenas o início, mas o verso 6 aparece no contexto. E esse contexto requer *igualmente outras* coisas. Deixe-me explicá-lo. Primeiro, em vez da preocupação, Paulo nos manda orar. E ele explica como fazê-lo também: "Em tudo, porém, sejam conhecidas – pedir especificamente é algo que acontece a partir da necessidade (*deesis*), diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças" (Fp 4.6).

Isto significa que ele deseja de nós uma oração empolgada (fervorosa), fraseada em termos de itens concretos. Significa que ele deseja que sejamos gratos (mesmo em relação aos nossos problemas, sabendo que Deus sabe o que é melhor para nós) ao orarmos (nunca amargos, vingativos, ofensivos, etc.). Veja que Paulo já qualificou sua explicação do tipo de oração que deve ser oferecida a Deus, de modo a deixar claro que não pode ser qualquer tipo de oração.

Mas oração não é o suficiente. Ele continua, dizendo que depois de esvaziar sua mente e coração das preocupações, lançando-as sobre Deus, você deve encher sua mente de bons pensamentos segundo os critérios listados no verso 8. Se você não fizer isso, todas as ansiedades desabarão sobre você novamente. Sua mente e coração não podem ficar simplesmente vazios; eles devem ser preenchidos. Pensamentos errôneos devem ser substituídos por bons pensamentos. Sempre haverá pensamentos dentro de nossas mentes; não pode existir um vácuo. Se bons pensamentos não forem cuidadosamente introduzidos, os maus pensamentos começam a se insinuar.[117]

Mas isto ainda não é tudo que o contexto requer para a aquisição da paz. Primeiramente, deve haver oração adequada; depois, pensamentos corretos que substituam os maus pensamentos. Em terceiro lugar, deve haver ação. Ver o verso 9: O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco.

A ação bíblica para se tratar de cada problema deve ser levada a efeito (o que a Escritura diz, o que os apóstolos ensinaram e demonstraram, etc.) – *e então, Deus trará paz.* Mas não *antes disso.* E, note bem, a paz não vem quando se começa a fazer o que Deus ordena – ela não é automática; ela vem depois de algum tempo, *depois que as ações se tornam uma prática em nossas vidas.* Você compreende agora a razão de eu ter dito 'sim e não'?"

"Sim. Compreendo. Mas por que não me ensinaram tais coisas?"

"Há muitas razões, eu diria, mas seu interesse agora dever ser *fazer* tudo que a Escritura requer que você faça – oração, pensamento e ação no sentido de vencer a ansiedade. O mesmo se dá com um número de outros assuntos. *Descubra sempre tudo que a Bíblia requer. Oração* (dada a sua importância) *é geralmente primeiro passo!*"

117 Aqui uma "Lista do que pensar" de Filipenses 4.8 pode ajudar; ver *Lectures*, p. 138 e seguintes, para mais informações sobre o assunto.

De fato é útil sugerir ao consulente que ore. Na Bíblia, a oração é regularmente associada à *ação*. Assim como a ação sem oração implica presunção, a oração sem ação é irresponsabilidade.[118]

Muito mais pode ser dito sobre oração e ação em sua relação com o aconselhamento, mas sendo um problema tão comum, quero reservá-lo para outro momento e lugar, talvez num volume separado sobre esse assunto.

Oração Não Respondida

O que dizer das orações não respondidas? Eis um problema da teologia e do aconselhamento, de interesse e significado para ambas as áreas de pensamento.

Algumas vezes a Bíblia nos diz que Deus não ouve as orações de algumas pessoas que a ele apelam, "Ouve minhas orações" ou "Dá ouvidos à minha oração" sem que ele lhes atenda.[119] Com base nestes textos, alguns consulentes inferem que Deus (literalmente) não ouve algumas orações. Se isto fosse verdade, naturalmente, esta seria uma explicação plausível para ele não responder todas as orações.

Mas a palavra "ouvir" (e expressões similares) em tais contextos não deve ser interpretada literalmente, como se referindo ao processo real de percepção auditiva. Todas as coisas – incluindo todas as orações – são plenamente conhecidas diante de Deus. Nenhuma oração – nem mesmo as orações dos gentios, oferecidas aos ídolos – escapa à percepção de Deus. Logo, as passagens afirmando que Deus não ouve as orações, não podem ser interpretadas no sentido de ausência de percepção.

---

118 Deus, naturalmente, pode (e de fato o faz) operar sem a agência humana; mas isto não retira de nós a responsabilidade de seguirmos todos os requerimentos da Escritura.

119 Cf. Sl 39.1; 54.1; 55.1,2; 59.7; 66.18 (note: ouvir = dar ouvidos; ver também Sl 84.8); 102.1; Is 1.15; Jr 11.14; 14.12; Ez 8.18, etc.

A palavra "ouvir" não é empregada unicamente no sentido do processo físico real de receber e traduzir ondas sonoras em sons e linguagem, mas também no sentido de *dar atenção* (ou, como se diz mais comumente, "prestar atenção" ao que se ouve). Refere-se também a ouvir favoravelmente um pedido e (dar atenção) para *deferir* o pedido feito.[120] No Salmo 66.19, o termo Hebraico *keshev* significa "ouvir condescendentemente," ou "prestar atenção a".

Todas estas passagens nas quais Deus é solicitado a "ouvir" ou a "dar ouvidos a" um pedido, ou nas passagens em que se diz que ele "ouve" uma determinada oração (e outra, não) devem ser entendidas no sentido de responder ou não responder a uma determinada oração.[121] Quando é dito que Deus *não* ouviu uma oração, isto significa que ele não deu atenção a ela (ou não olhou favoravelmente a ela). Toda ideia que negue sua onisciência ou poder deve ser rechaçada.

No aconselhamento (por mais elementar que possa ser) você descobrirá que estas verdades teológicas, via de regra, não são apreendidas pelos consulentes. Até mesmo a ideia de que Deus ouve (literalmente) todas as orações, parece nova para alguns. A linguagem empregada em expressões idiomáticas geralmente também são entendidas ao pé da letra por alguns consulentes. O ensino teológico deficiente, ou a falha de não aproveitar o bom ensino, resulta (em parte) em um grande número de problemas enfrentados pelos conselheiros; esta área da oração não é exceção àquela regra. O conselheiro tem a responsabilidade de não apenas ser cuidadoso

120 Cf. Sal 4.1; 143.1, onde *ouvir* encontra-se em construção paralela a *responder.* Note ainda Sl 66.18,19,20, onde o *contraste* de não ouvir é atender (ou responder); cf. Jr 7.13; Mt 6.17, etc.

121 Nem sempre é fácil distinguir entre dar atenção a uma oração e respondê-la. Quando Deus "ouve" uma oração, significa que ele realmente olha com favor para a pessoa que está orando e que dá atenção ás suas palavras. Porém, por seus próprios propósitos soberanos, ele pode não conceder o pedido no momento desejado, ou do modo desejado por quem pediu. Responder em favor de um suplicante, portanto, pode significar dizer "não," quando a concessão do pedido não for o melhor para ele (2Co 12.8,9). Dizer "ainda não", se o suplicante ainda não está preparado (ou quando não é o tempo por Deus determinado) para que o pedido seja realizado, ou ainda dizer, "Aqui está algo melhor para você" são também respostas favoráveis que podem perfeitamente ser traduzidas como "ouvir".

em sua interpretação das Escrituras,[122] como deve ver também se não está levando as pessoas a um falso entendimento pelo uso de sua linguagem particular. Algumas vezes a explanação detalhada de uma passagem (ou talvez no caso de duas ou mais sentenças) é necessária para elucidar que Deus (literalmente) nunca deixa de *ouvir* as orações, mas que ele nem sempre *atende* a todas elas.

As Escrituras ensinam plenamente, como já afirmei, que Deus não "ouve" (no sentido de atender ou ser favorável) aos pedidos do consulente sob certas condições. Quais são elas? O conselheiro será indagado a respeito disso; ele deve saber.

A Bíblia não esboça especificamente cada situação concreta imaginável. Antes, princípios de direção, gerais, aplicáveis a todas as situações possíveis, são dados. Mencionarei alguns dos princípios mais frequentemente encontrados no aconselhamento.

1. *Deus não ouve oração hipócrita.* Quando em seu interior o consulente determina algo diferente do que seus lábios declaram, sua oração é hipócrita (cf. Sl 66.18). Neste verso a expressão "contemplar a iniquidade no coração" equivale a dizer uma coisa com os lábios, mas pensar outra totalmente diferente. É como se a pessoa orasse com os dedos cruzados! O coração é a pessoa interior. Delitzsch traduz, "se eu tivesse desejado o mal em meu coração". Ele diz que *raah* (ver), mais o acusativo, significa "mirar", "ter em vista" ou ainda "determinar fazer algo".[123] O hipócrita é alguém que diz uma coisa, mas internamente deseja algo totalmente oposto. Deus não ouve uma oração hipócrita.

Sendo isto uma verdade, é apropriado (quando o consulente reclamar de Deus não responder suas orações) perguntar (como um de muitos exames possíveis): "Você *realmente* quer que isto aconteça?" Ou "Era isto que você tinha no coração quando orou?" Quando os conselheiros perguntam

122 Mt 18.19,20 é um exemplo do uso errado de uma passagem. Estes versos não se referem à oração (em geral) sobre *qualquer* assunto ou por alguém. Eles se referem especificamente à oração oferecida pelos anciãos da igreja durante um possível caso de excomunhão (cf versos 15-20).

123 Cf. Gn 20.10 para um uso similar deste verbo: "O que você *tem em vista* para fazer tal coisa?" (Tradução de Berkeley).

com uma atitude de amor, descobrem como tais perguntas são produtivas. Elas não somente atenuam as queixas (não sendo este o propósito das perguntas, mas um simples subproduto), mas geralmente servem ao propósito de revelar dados importantes, que de outra maneira não viriam à superfície. Sublinhe este ponto e utilize-se dele em sua prática de aconselhamento.

2. *Deus não ouve a oração dos incrédulos.* Não estou dizendo que em sua misericórdia Deus não determinará fazer por nós tudo aquilo que duvidamos que ele faça; há situações em que ele o fará (cf. At 12.1-16). Mas, como Tiago observa, o homem de ânimo dobre "não suponha que receberá do Senhor alguma coisa".[124] Aqui Tiago se refere ao pedido por sabedoria, algo que Deus promete dar sem reservas a todos que o pedirem (sem lhes lançar impropérios por lhe terem pedido). Trata-se de algo que todo consulente necessita, sem exceção. Mas ele nos adverte em termos mais *amplos* ("não suponha que receberá do Senhor *alguma coisa...*") o que implica necessariamente que o incrédulo (o homem de ânimo dobre) não será ouvido. De fato, a advertência é inicialmente afirmada em termos positivos ("Peça, porém, com fé") e só então, negativamente ("em nada duvidando").

Ao dar esta advertência, Tiago nada mais está do que ecoando as palavras de Jesus, quando ele disse: "E tudo que pedirdes em meu nome, crendo, recebereis" (Mt 21.22). De fato, Cristo foi além:

> "Porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco" (Mc 11.23-24).

Mais uma vez torna-se claro pelas palavras de Cristo que a oração não é um 'Abre-te Sésamo' ou outro recurso mágico qualquer. Não se trata do emprego de determinada fórmula ou ritual; antes, a oração envolve a fé

124 Tiago 1.5-7

interior e a sinceridade que validam as palavras proferidas. Mais uma vez, o consulente deve ser levado a enxergar que a condição de seu *coração* no momento da oração é o que mais importa.

Isto significa que o conselheiro pode com igual interesse fazer perguntas à pessoa queixosa sobre a 'falha' de Deus em responder suas orações: "Você realmente crê que Deus faria isto se ele quisesse fazê-lo?" ou "Você realmente esperava receber o que pediu?"

3. *Deus não ouve a oração de uma pessoa ressentida.* Juntamente com sua advertência contra a dúvida e pela necessidade de fé (Mc 11.23-24), Jesus passou a dizer, "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas" (v. 25).

Assim, parece claro, o suplicante não pode esperar receber de Deus algo que ele mesmo se nega a dar aos outros.[125] Amargura, ressentimento, maus sentimentos (e coisas semelhantes a essas) certamente se constituem um sério obstáculo ao trono da graça. E como todo conselheiro bíblico sabe, o ressentimento é um dos problemas mais comuns que os consulentes enfrentam. Via de regra, o ressentimento é um forte elo na cadeia de alguns problemas sérios. Quando um problema original permanece não resolvido por um determinado tempo, o ressentimento tende a crescer, tornando-se um fator de complicação. Este, por sua vez (com nos indica a passagem), leva a dificuldades maiores.

Enquanto o perdão não pode ser *concedido* ao que não o busca com coração quebrantado ("Se ele se arrepender, perdoa-o" Lc 17.3), aquele que "tem alguma coisa contra alguém" não pode continuar mantendo o sentimento de mágoa em seu coração. Diante de Deus, em oração, ele deve perdoar seu ofensor (i.e., deve dizer a Deus que já não tem nada contra aquela pessoa). Isto pode não *agradá-lo.* Mas esta atitude de perdão em oração (em

125 Cf. Mateus 6.14,15 (veja a note de rodapé em *The Christian Counselor's New Testament* neste ponto para uma explicação destes versículos). Logo mais, no tratamento que dou ao perdão neste mesmo livro, me proponho a dizer algo mais sobre esta passagem.

seu coração diante de Deus) não preclui sua responsabilidade de buscar resolver o problema na presença do ofensor.[126] Ele o fará:

1. Por causa de Cristo,
2. Pela paz na igreja de Cristo,
3. Por causa do ofensor e
4. Pelo propósito da reconciliação.

A pessoa que aliviou sua própria mente e coração do fardo da ofensa na oração desenvolvendo uma atitude de perdão, terá pouca dificuldade em *conceder* perdão ao seu irmão quando for necessário. E, nesse ínterim, evitará igualmente os efeitos destruidores do ressentimento.

Mais uma vez, o conselheiro perspicaz perguntará ao consulente se este realmente espera que suas orações sejam ouvidas quando ele traz em seu coração ressentimentos ou retaliações contra outrem.

4. *Deus não ouve a oração farisaica.* Pelo menos duas faltas, típicas dos fariseus, são observadas no Novo Testamento:

(a) Os fariseus de então oravam para impressionar os homens e não a Deus (Mt 6.5,6). A pessoa que ora com o intuito de ser ouvida pelos outros (disse Jesus) já recebeu sua recompensa – o louvor dos homens, mas nenhuma resposta de Deus. A pergunta a ser feita pelo conselheiro, ao suspeitar de tal problema, é óbvia: "Quem você deseja alcançar com sua oração – Deus ou os homens?"

(b) A segunda (e última) característica tem a ver com mesma coisa (nem todo tipo de oração é de fato oração). Na história do fariseu e do publicano (Lc 18.9-14), lemos que o fariseu orava "de si para si". Sua fala não era uma oração; não passava de uma mera recitação de suas virtudes, de seus atos de autojustiça, pelos quais ele desejava impressionar Deus por meio de um viver meritório. Consequentemente, Jesus declarou que sua oração não foi ouvida. Mais uma vez, a pergunta do conselheiro deve

126 Ele deve continuar a tratar do assunto até que haja arrependimento e reconciliação (Mt 18.15...; Lc 17.3a).

ser clara, "Você pensa que sua oração servirá de *mérito* para o que você deseja?"[127]

O conselheiro deve advertir os consulentes contra este tipo de abuso, mantendo-se também alerta contra isto. Esse tipo de atitude pode também assumir formas semelhantes em outros contextos: e.g., o marido pode dirigir à sua esposa palavras nas quais ele não acredita de fato (nas sessões de aconselhamento ou em orações na presença dela) *a fim de impressioná-la.* Mas a oração deve dirigir-se a Deus; *nunca* deve ser dirigida aos homens. Algumas formas de evitar a oração insincera nas sessões de aconselhamento já foram discutidas acima.

5. *Deus não ouve a oração egocêntrica.* Tiago declara isto com clareza: "Pedis e não recebeis, porque pedis mal – para esbanjardes em vossos prazeres".[128] Embora não seja errado pedir a Deus as coisas das quais necessitamos, ou até as que desejamos, é totalmente errado orar *basicamente* (ou unicamente) por coisas para si mesmo. As coisas usadas unicamente (ou fundamentalmente) para o próprio prazer, são tidas por Tiago como uma forma de esbanjar. Deus não responde orações cuja finalidade é obter coisas para esbanjar.

Na oração, assim como em tudo que pensamos e fazemos, devemos buscar em primeiro lugar o "seu reino e a sua justiça". Então, "todas as [demais] coisas serão acrescentadas".[129] Tiago os adverte contra o pecado de buscarmos "*primeiro*" o cumprimento dos próprios desejos. "Basicamente, por que você deseja isso ou aquilo – para satisfazer os seus próprios desejos ou por causa de Deus?" esta é a pergunta que deve ser feita pelo conselheiro cristão, de uma forma ou de outra.

O consulente deve entender que suas orações (histérica e repetidamente egocêntricas) estão erradas. Ele *não* deve ir a Deus (ou à sessão de aconselhamento) exigindo que *sua* vontade seja feita. Ao contrário de suas expectativas, ele precisa aprender que *seus desejos* e *sua vontade* devem sempre vir em segundo plano aos desejos e vontade de Deus. É pre-

127 Deixe sempre muito claro que fé, oração, adoração não são ações meritórias.

128 Tiago 4.3

129 Mateus 6.33

ciso aprender com a oração de Cristo no jardim do Getsêmane, na qual o intenso desejo pessoal é sujeitado à vontade de Deus: "Todavia não seja como eu quero, e sim como tu queres".[130] As palavras, "Seja feita a tua vontade", são um acréscimo muito significativo que todo consulente precisa aprender a fazer (em seu coração e em suas orações) em todas as orações. A qualificação deve ser o pressuposto básico para a oração. quando isto ocorrer, não haverá espaço para reclamações a respeito de respostas de orações, mas somente a aquiescência de gratidão. O agricultor cristão que ora por chuva e o carteiro cristão que ora para que não chova, ficarão satisfeitos com o resultado de suas orações, desde que estejam mais interessados que a resposta contribua para a expansão da obra e da justiça de Deus do que de seus próprios interesses.

Com efeito, os consulentes devem aprender a orar dessa maneira: "Senhor, trago diante de ti minhas súplicas, e sei tão pouco. Talvez eu não esteja pedido o que é melhor, por isso, por favor, cancela ou modifica o que te peço, de acordo com o que vês ser adequado, e faze-me satisfeito com o resultado". Semelhante a esta oração é outra premissa básica: A vontade de Deus deve ser buscada *por causa do próprio Deus.* Quando nos alegramos com as respostas negativas à oração, não se trata de uma tendência masoquista, mas do amor - o desejo de ver Deus ser glorificado. A glorificação dos crentes[131] é secundária, derivada (em conjunção com a glorificação de Cristo),[132] e acontecerá no futuro[133], e ainda assim, tem como objetivo realçar a glória de Deus.[134] Desse modo, na oração primeiramente devemos buscar a vontade de Deus, que se manifesta nas coisas que ele faz para promover sua obra e sua justiça e, em segundo lugar, nossa própria vontade em consonância com a vontade de Deus.[135] Isto nos leva a outro ensino bíblico.

130 Mateus 26.39

131 1Pedro 4.14

132 Romanos 8.17

133 Colossenses 3.4; 1Pedro 5.10

134 2Tessalonicenses 1.10,12; 1Pedro 1.7; 4.11.

135 Quanto mais bíblico for nosso pensar e nosso viver, tanto mais será esse acordo entre nossa vontade e a de Deus. Mas isto é de modo geral; por trás da cena as transações celestiais afetam as

6. *Deus não ouve a oração feita em desacordo com sua Palavra.* Jesus nos advertiu quanto a isto, quando disse: "Se vós permanecerdes em mim e as minhas palavras em vós, pedireis o que quiserdes e vos será feito" (Jo 15.7). Este aparente 'cheque em branco' tem suas condições ("se") para não ser 'devolvido'. A primeira condição ("Se vós permanecerdes em mim") indica que é somente a oração do crente que Deus leva em consideração; esta segurança não é concedida aos descrentes.[136] Os que "permanecem" ou "continuam" em Cristo são os santos. Esta é a doutrina da *perseverança* (ou continuidade) dos santos. Todos os verdadeiros santos perseverarão; portanto, todos os que perseveram são os verdadeiros santos.

Mas é para a segunda condição que eu gostaria de chamar sua atenção: a oração deve nascer e estar em harmonia com a Palavra de Cristo (que hoje encontra-se declarada nas Escrituras). Sua Palavra guardada, guiando e motivando o coração, não somente nos fará evitar o pecado, mas também orientará nossas orações. Esta é a razão pela qual é importante orarmos com a mente (isto é, com entendimento) – não por mera repetição, ou por fórmulas místicas, mágicas, mecânicas. É sábio usarmos frases e termos bíblicos (corretamente interpretados e claramente entendidos) como disciplina no aprendizado da oração apropriada.

Deveria ser óbvio (mas todo conselheiro experiente sabe que não é pela frequência com que tem que lidar com o problema) que o consulente não deveria pedir o que Deus proíbe (ou não permite). A oração deve ser bíblica; i.e., todo pedido de oração deve adequar-se às normas da Escritura para que seja legítimo. Orar adequadamente é orar com inteligência, no conhecimento do que a Palavra de Deus nos encoraja e permite.

A oração não-bíblica é aquela contrária ao exemplo das Escrituras. A oração *nonsense,* desprovida de significado ou coerência, cai nesta categoria. Em nenhuma página da Bíblia se verá esse tipo de oração (embora se escute muito em nossos dias): "Senhor, que a última reunião da semana tenha sido uma bênção". Pode-se orar por uma reunião antes ou durante sua ocorrência, ou ainda uma semana depois para que os resultados con-

terrenas, como nos ensina claramente o livro de Jó.

136 De fato, o oposto é ensinado em Provérbios 28.9

tinuem, ou mesmo para que bênçãos futuras advindas daquele encontro se concretizem, mas não há garantia bíblica para que se ore em favor de que aconteça algo *depois* do evento ter ocorrido!

7. *Deus não ouve a oração autocentrada.* Qual a garantia da oração? Que nome se deve colocar no envelope dirigido aos céus? A oração deve ser feita *em nome de Cristo.*[137] A oração em nome de Cristo não tem como base *nossos próprios méritos,* com o mero acréscimo de frases como "por amor de Cristo", ou "em Seu santo nome". Nada há de errado com estas frases se forem pronunciadas com a consciência de todo seu significado. Elas devem expressar a verdadeira intenção e entendimento do coração do consulente que ora. As palavras podem (ou não) ocorrer; mas o entendimento que subjaz a oração é *imprescindível.*

Logo, o que Cristo quer dizer quando nos ensina a orarmos em seu Nome? Ele nos ensina que, em nossas orações, devemos pedir que Deus atenda nossos pedidos:

1. Por causa de quem Cristo é e do que ele tem feito;
2. Para a honra e bem de Cristo.

Os crentes são assegurados de que Deus os ouvirá por causa da obra redentora de Cristo e sob seu senhorio intercessório. Ele é o único Mediador que pode destruir a separação que o pecado causou entre Deus e o homem. Deus não nos ouvirá em nossos próprios nomes, porque por nós mesmos (fora de Cristo) não temos o direito de esperar resposta de Deus – não passamos de pecadores rebeldes. Nada podemos exigir em nossos próprios nomes. Mas por causa do que Cristo fez, e para sua própria honra (Hb 2.10; Rm 11.36), podemos nos achegar a Deus confiadamente, em relação a todas as coisas que, por sua morte e ressurreição, Jesus Cristo obteve para nós (Hb 4.16). Ele tudo provê e encoraja seus seguidores a pedirem tudo que lhes está disponível por sua obra em seu favor, mas deixa claro uma coisa – tais pedidos devem ser feitos *em Seu Nome.* A oração deve honrar a Cristo pelo reconhecimento do fato de que tudo que pedimos, o fazemos com base num relacionamento salvífico com Ele, a fim de que Ele

137 Cf. João 14.13,14; 16.24,26.

seja honrado ao nos atender as súplicas. O Filho de Deus é honrado toda vez que o crente ora e devemos nos lembrar dessa realidade a cada oração.

Estas sete condições apresentadas acima não são exaustivas, mas são (talvez) os fatos que devem lembrados quando se discute com os consulentes sobre orações não respondidas. Em muitos casos, a falha em uma ou mais destas áreas ocorrerá; não descanse até que tenha cumprido tudo o que é preciso para uma oração segundo a vontade de Deus. Seria sábio, portanto, cobrir todas as sete possibilidades ao se discutir com o consulente sobre orações não respondidas. Você pode escrever os sete itens em seu *Novo Testamento do Conselheiro Cristão,* pode ler cada um deles para o consulente em momento apropriado ("João, há sete razões comuns pelas quais Deus não responde a oração. Deixe-me que leia para você e gostaria também de dizer em quais delas – se for o caso – você se enquadra").

Não se esqueça, também, de que a oração não respondida pode ser uma reposta *favorável* à oração adequada. (Em tais casos a oração não deixou necessariamente de ser respondida; "não", "não agora; depois", etc., são respostas tão legítimas quanto "sim"). Porque ele sabe o que é melhor, lembre-se (como eu disse anteriormente) Deus pode temporariamente *atrasar* uma resposta de oração, ou *negá-la*, ou ainda *substituí-la* por outra – para nosso bem (que também sempre será o melhor para a obra de Deus; pois os dois nunca serão contrários). Tendo explorado as sete obstruções à oração, o conselheiro pode achar que esta é a explicação final.

Conclusão

Para concluir, deixe-me enfatizar mais uma vez o fato de que Deus é o ambiente básico do homem. Esta é a razão pela qual a oração, o crescimento no estudo bíblico, são tão cruciais para nossas vidas e também porque a discussão destas áreas se faz tão importante para o aconselhamento. Adão andava e falava com Deus na viração do dia. O pecado destruiu aquela comunhão. Em Cristo aquele relacionamento é restaurado, para os que nele confiam (1Jo 1). A oração agora se constitui uma parte significante da ma-

neira pela qual o cristão desenvolve um contato íntimo com seu Ambiente. Fora das Escrituras (nas quais Deus fala ao homem) e da oração (pela qual o homem fala com Deus), o homem perde o contato com a realidade.

Capítulo 7

Aconselhamento e a Trindade

A DOUTRINA DE DEUS

Frequentemente, em vários de meus livros, tenho falado acerca do discipulado.[138] Afirmo que o discipulado é um método apropriado para treinamento de conselheiros, consulentes e, enfim, para todos, porque é o método bíblico. Tenho me colocado contra o método acadêmico (que adotamos da escola grega) com um método mais completo, diferente, bíblico e, portanto, mais eficaz.[139]

Tenho visto a educação cristã em geral – do jardim de infância ao seminário – sofrendo da falta de entendimento dos elementos básicos e da análise racional do método de discipulado e uma falta de preocupação em desenvolver esse método de instrução em todos os níveis. Tenho me reunido com educadores para falarmos sobre essa questão e acabo encontrando interesse e solidariedade. Mas, em minha opinião, não existe (ainda) uma quebra do modelo tradicional, institucionalizado, em direção a uma abordagem mais bíblica. Se isso vai acontecer, a oportunidade é agora. Talvez no aconselhamento e entre os instrutores em aconselhamento em particular (especialmente, uma vez que os conselheiros noutéticos tem sido e continuam sendo treinados neste método), pode haver ainda um maior progresso que pode se espalhar por várias outras áreas da educação cristã.

138 Cf. o ultimo capítulo de *Competent to Counsel*, o último capítulo de *The Big Umbrella*, e (especialmente) um editorial, "Design for a Seminary," *The Journal of Pastoral Practice* 3,2 (1979).

139 Mas não *por* razões pragmáticas.

O que é o método do discipulado? Fundamentalmente, ensinar pelo discipulado é o método de "estar com Deus". Quando Jesus escolheu seus discípulos,[140] a Bíblia não diz ele os escolheu para que assistissem suas aulas (apesar de que às vezes era tudo o que faziam) mas, em vez disso, para "estarem com ele" (Mc 3.14). Em que isso implica? Por que os discípulos gastavam tempo *com* Jesus? Em Lucas 6.40, onde Jesus explica sua filosofia de educação, a resposta para aquela pergunta se faz clara. Ele diz que o discípulo, quando bem treinado, "será como seu mestre". Essa é uma declaração surpreendente para muitos educadores modernos, que nunca pensariam em tal objetivo. Mas por que não pensariam? Por que razão deveriam enxergar-se como meros transmissores verbais de informações, em vez de exemplos vivos?

Note, Jesus não disse que o bom ensino vai ajudar o aluno a ser como o professor – claro, isso é *parte* do que ele tinha em mente. Mas tem mais: ele "*será como seu mestre*". Nesta distinção reside a diferença básica (em termos de metas e objetivos) entre o meio acadêmico e os métodos de discipulado de educação. A pessoa que se torna como o seu mestre pensa como ele, isso é verdade, mas ele virá a assemelhar-se a ele de outras formas, como nas atitudes, nas competências, na incorporação de valores e de habilidades na vida cotidiana, etc. Uma pessoa completa vai afetar pessoas completas em todos os níveis; esse é o objetivo do treinamento de discipulado.

Será que isso funciona mesmo? Atos 4.13 completa o quadro. Aqueles que Jesus escolheu para estarem com ele a fim de que se *tornassem como ele*, seriam transformados por esse método, ao ponto de que seriam reconhecidos pelos outros por terem "estado com Jesus". O mesmo pode ser dito daqueles cujo treinamento em discipulado (*C.C.E.F.*)[141] no aconselhamento cristão lhes permitiu aprender sobre aconselhar. É reconhecível

140 Este fator de escolha também é importante, e diz algo sobre a obrigação do mestre de determinar a quem ele ensinará.

141 Christian Counseling & Educational Foundation (CCEF). Promove treinamento em Aconselhamento Cristão.

um estilo entre esses conselheiros - não que isso os deixe estereotipados, de forma que desfigure seus próprios dons e personalidades.

Muito pode ser dito agora a respeito do ensino por meio do discipulado (há outro lugar para estudo e para um escrito frutífero), mas em resumo, deixe-me listar algumas características mais destacadas:

1. O discípulo é ensinado como um filho pelo pai (Jesus falou a seus discípulos num contexto Pai-Filho no Evangelho de João). Há, ainda, algo diferente da condição fria e impessoal do contexto acadêmico. No discipulado, o foco não é somente no conteúdo, mas principalmente no próprio discípulo – e o discípulo em todas as dimensões.
2. O discípulo escuta o que seu professor tem a dizer a respeito do assunto ensinado, assim como no método acadêmico, mas também o que ele diz a respeito disso na prática. Além disso, o discípulo escuta o que ele tem a dizer a respeito de muitas outras coisas e começa a ouvir como o discipulador relaciona essas informações a outros dados e como usa isso em sua vida.
3. O discípulo também vê a coisa ensinada sendo *praticada* pelo próprio mestre. Ele se torna um modelo não somente de alguém *que fala* a respeito de seu conteúdo, como também de alguém vitalmente engajado em perseguir o alvo. O idealismo da classe (um comum autoengano do professor acadêmico, que fala, mas raramente pratica o que discursa) logo se dissipa vendo a aplicação prática da teoria em ação.
4. O discípulo poderá fazer perguntas a respeito do que observa e do que escuta. Não somente mais questões aparecerão como resultado da observação, como também o aspecto das questões mudará de puramente acadêmico (frequentemente questões de picuinhas e irrealistas) para algo mais vital e real.
5. O discípulo aprende a fazer o que é ensinado sob a observação e supervisão do professor. Nada pode substituir isso. Muito é deixado na tentativa e erro no modelo acadêmico onde anos de coxe-

ar pelo estudante poderiam ser prevenidos por algumas horas de disciplina de como-fazer.

Esses cinco fatos não esgotam o assunto; mas são todos muito importantes. Uma séria reflexão sobre eles, entendendo suas implicações, irá mostrar-lhe quanta diferença realmente existe.

Você poderia perguntar agora: Por quê foi levantada essa questão aqui, sob a doutrina da Trindade? Uma boa pergunta, mas primeiro deixe-me falar algo mais com você antes de responder a essa importante pergunta.

A questão de como ensinar é crucial para todos os conselheiros bíblicos que, por definição, estão envolvidos na pregação da Palavra. Esse ministério, pela própria natureza, requer o ensino. Conselheiros ensinando e sendo ensinados. Os programas de ensino que frequentam devem empregar o método de discipulado, e eles devem *exigi-lo*. Não se pode aprender bem o aconselhamento através da abordagem puramente acadêmica.[142] Conselheiros devem instruir anciãos, diáconos e leigos sobre como aconselhar, e devem também compreender (e desenvolver) o método de discipulado. Além disso, no próprio aconselhamento, a instrução é vital. Todo tipo de informação deve ser ensinada ao consulente – e de uma forma prática, concreta e que transforma a vida. O discipulado é importante por causa disso.

Destaquei essa questão porque a metodologia de ensino não é opcional. Biblicamente, é errado ensinar no abstrato; todo ensino é para a vida. Isso tudo envolve compromisso com Deus. Além disso, a verdade encarnada na vida é o objetivo. Para atingir esse objetivo, apenas um método é possível – o bíblico – discipulado. Pessoas completas devem ensinar pessoas completas; a Palavra deve se tornar carne. Discipulado não é uma opção; é um imperativo, é a única opção. Por não conseguirmos ver isto se tornar realidade, a educação cristã (em todos os níveis) está sofrendo. Há um compromisso quase total por parte dos educadores cristãos

142 Cf. meu livro *Matters of Concern*, "On the Teaching of Counseling", p. 50.

com a abordagem acadêmica. Educadores se orgulham de "altos padrões acadêmicos" e de acordo com isto, desenvolvem uma atitude profissional sobre o seu trabalho que frequentemente acaba por ser fria e impessoal. Se alguma coisa deve caracterizar a educação cristã, deve ser a abordagem calorosa, familiar de aprendizado – mas não tem sido assim. Vários cristãos, juntamente com seus parceiros pagãos, logo desenvolvem a atitude segundo a qual "o estudante é o inimigo". Entre educadores cristãos, frequentemente é total a ignorância a respeito do modelo de discipulado e de suas excelências.

Porém, por que destacar o discipulado aqui? Porque o discipulado deriva sua motivação da Trindade. O método não é para ser adotado em vez da abordagem acadêmica por razões pragmáticas ou arbitrárias; antes, deve ser preferido por conta de sua base intratrinitariana. Há um *imperativo teológico* para ensinar pelo discipulado.

O Evangelho de João expõe de forma mais completa a teologia do relacionamento entre o Pai e o Filho que forma as bases do ensino pelo discipulado que *deve* embasar todos os níveis da educação cristã, incluindo o aconselhamento.

Em João 8.26-38, Jesus diz (dentre outras coisas) que não faz nada sozinho. Em vez disso, ele diz que ouve a voz do Pai e faz o que tem visto o Pai fazer. No meio dessa discussão de seu discipulado pelo Pai (note a revelação da espinha dorsal do método de discipulado), Jesus diz, "Se vós permanecerdes na minha palavra [como ele continuou na do Pai, ele insinua], sois verdadeiramente meus discípulos" (v.31b). Confira também essas passagens muito significantes: João 3.32,34; 5.19,20,30 para confirmação adicional dessa ênfase.

De alguma forma – não completamente compreendida por conta dos mistérios que cercam a Trindade- o Filho trouxe ao seu ministério uma réplica de como o Pai é, de forma que ele poderia dizer: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9). Nesse contexto, Jesus deixa claro que suas palavras e obras não são apenas dele, mas do Pai (v.10). Essa réplica, levando ao reconhecimento de que essas palavras e obras estavam envolvidas no

ministério de Cristo, leva a uma poderosa motivação de se engajar no ensino pelo discipulado: a forma pela qual o Filho diz que aprendeu do Pai.

Esse impulso teológico básico leva a uma filosofia unificada da educação que os cristãos devem explorar por completo. Fazer isso pode revolucionar a educação cristã de dentro da igreja e logo alcançar a educação secular. Passagens em Deuteronômio 6.4-9; 11.18-21, etc., que falam do ensino de crianças somente ampliam a necessidade de pessoas completas ensinando pessoas completas em situações cotidianas, fora do contexto básico que é o discipulado.

Conselheiros, então, devem estar cientes das oportunidades que o ensino pelo discipulado origina. Deve ver isso como um elemento essencial do aconselhamento (ensino e aconselhamento são constantemente vistos como dois lados da mesma moeda – cf. Cl 1.28; 3.16). Eles devem aprender a moldar as próprias vidas à verdade (frequentemente dividindo experiências ilustrativas de princípios bíblicos). Mas esta é apenas uma das formas de fazer. Talvez o primeiro passo mais vital que podem dar na direção correta é recrutar e treinar (primeiro seus próprios discípulos) uma rede de discípulos como referência para os consulentes para o discipulado em áreas específicas. Pastores sempre devem ter em mãos o nome de algumas pessoas equipadas (por eles) e desejosas para ministrar a consulentes permitindo-se passar algum tempo com eles. Baseado em Tito 2.4,5, por exemplo, mães mais velhas poderiam tomar sob suas asas mães mais novas que possam estar passando por diversas dificuldades. Tito foi chamado para organizar isso; isso significa que você também está sendo chamado, pastor. Uma pessoa solteira, talvez com uma família desestruturada como pano de fundo, que está tendo dificuldade de entender a vida cristã, pode ter muito proveito se passar alguns meses vivendo a atmosfera de um lar cristão exemplar, onde poderá observar, fazer perguntas e estar sob a autoridade e disciplina do cabeça daquele lar. As possibilidades para o bem são muitas e ilimitadas. Ainda – com poucas exceções – conselheiros tem falahdo no desenvolvimento e uso desse recurso, praticamente inutilizado. É hora de os pastores definirem

nisso uma tendência, trazendo (como resultado inevitável) grandes bênçãos para todos os envolvidos. O consulente pode obter maior auxílio assim do que se ele simplesmente falar sobre seus problemas no gabinete de aconselhamento, o mestre será abençoado por dar mais de si mesmo ao seu discípulo, e o pastor será abençoado com um ministério da congregação (em vez de quedar-se fustrado e murmurante) que o libertará do peso de muito aconselhamento que ele não precisará fazer, possibilitando-o a dar mais atenção às pessoas a quem deve ministrar.

Depois de tudo isto, não posso recomendar o ensino por discipulado com a ênfase merecida; de fato, eu não deveria *recomendá-lo* em absoluto. Para ser bíblico, eu deveria *insistir* nele. Pense sobre isto; que parte do treinamento em discipulado toca o seu ministério? A resposta correta a esta pergunta poderia revolucionar todo o seu ministério rapidamente.

A Doutrina do Homem

Capítulo 8

Aconselhamento e a Vida Humana

A DOUTRINA DO HOMEM

Talvez a área que agora proponho a estudar seja a mais significativa para os conselheiros. Digo isto, não por pensar que o estudo dos seres humanos seja mais importante do que o estudo de Deus, ou por quaisquer outras razões humanistas de comparação. Antes, a razão que me leva a este estudo é o fato de vivermos numa atmosfera completamente humanista, que desperta esse interesse e leva a essas conclusões.

Durante o último século, o foco tem estado muito mais sobre a natureza da raça humana e as soluções para os problemas humanos (não somente entre os escritores pagãos, como também entre autores cristãos) do que sobre qualquer outro assunto. E, infelizmente, por causa desta ênfase, mais erros tem sido propostos, como também tem crescido a terminologia errônea,[143] mais do que em qualquer outro aspecto da indústria do aconselhamento.

Os problemas aos quais me refiro são tão dramáticos, e a magnitude das questões que precisam ser consideradas é tão grande, que (devo advertir você, leitor) só poderei tocar de modo muito superficial nessas questões e no vasto número de implicações para o aconselhamento, bem como nos problemas que nascem desta ênfase demasiada ou da falta de ênfase. Livros inteiros deveriam ser escritos sobre algumas das questões que tratarei aqui (algumas delas somente de passagem). Ademais, volumes

143 Me proponho, em tempo a publicar um livro sobre a terminologia do aconselhamento. Esta é uma área vital, embora ainda não explorada.

sobre questões que eu jamais trataria numa obra desse naipe deveriam ser acrescentados. Olho para o futuro (portanto) para o tempo quando outros conselheiros noutéticos tomarão a decisão de fazer os estudos bíblicos requeridos para a produção de tais obras e (como resultado) prover instrução adequada a todos aqueles que desejam ajudar as pessoas, de modo a não representar negativamente a Deus, nem desonrá-lo por isto. As faltas óbvias que se tornarão aparentes por meio de meus parcos esforços aqui (espero) estimularão a produção de tais obras e servirão (talvez) como guia para o que necessita ser feito.

Há duas razões primárias pelas quais a ênfase na teoria do aconselhamento tem falhado no que diz respeito à antropologia (o estudo da humanidade). Estas razões são:

1. A ascensão do humanismo no pensamento moderno, já mencionada por mim anteriormente (e à qual conselheiros e teóricos cristãos não estão de modo nenhum imunes) tem concentrado seus interesses no homem; o humanismo é um problema demasiado sério, porque (em última instância) coloca os seres humanos num lugar devido somente a Deus. O homem se torna a medida de todas as coisas.

2. O aconselhamento tende a focar nos seres humanos; todo aconselhamento se propõe a oferecer auxílio aos seres humanos na tentativa de operar neles mudanças. Pessoas de mente pecaminosa (as que se encontram longe de Deus) não conseguem, o que é perfeitamente previsível, orientar sua discussão da vida humana e de seus problemas dentro de uma estrutura de criação, queda, redenção e providência (na qual o Deus trino e sua glória são de primária importância). Ademais, os pecadores sempre tendem a pensar de modo egoísta, o que é ao mesmo tempo inexcusável e deplorável. A extensão à qual os cristãos genuínos (até recentemente) tem seguido essa atitude é algo incompreensível. Que os cristãos assim o tem feito é, inegavelmente, a única conclusão possível que qualquer estudante criterioso de teologia que seja casualmente consciente

> da extensa literatura no campo do aconselhamento cristão poderia chegar.[144] A deplorável situação tem recebido uma formidável resistência teológica apenas nos anos mais recentes, na forma de críticas bíblicas a tais acomodações e alternativas bíblicas ao ecletismo radical, que crescem entre os cristãos que são conselheiros (não conselheiros cristãos) que tem começado a aparecer. Há um significativo progresso – isto é maravilhoso – mas a erradicação total do pensamento eclético da igreja evangélica ainda está longe de acontecer.

O que pode ser feito para, de modo sucessivo, expor, encontrar, e erradicar o que ainda resta dessa forma de pensar? Não posso conceber nada melhor para fazer isso do que a obra de uma torrente de estudos teológicos, praticamente orientados para o aconselhamento. Estes estudos não devem somente martelar as verdades do ensino bíblico a respeito da vida humana, mas também expor todas as implicações de cada uma delas para o aconselhamento.

Ao considerarmos a personalidade humana, o lodaçal na qual foi mergulhada pelo pecado e do que Deus tem feito por ela em Cristo, é digno de nota que *todo* pensador ou escritor cristão pode começar em qualquer ponto – ou voltar a qualquer outra fonte primária – que não seja os dados bíblicos que muito tem a revelar sobre antropologia. O problema é a parte principal, o âmago. Não tem sido apenas comum, mas praticamente a regra (com notáveis exceções) encontrarmos vultosas discussões teóricas a respeito da natureza, personalidade, e comportamento humanos, etc., por escritores cristãos que bebem de outras fontes além das Escrituras e usam a Bíblia (quando o fazem) apenas como um referencial, de maneira superficial ou ilustrativa. Quando usadas, as Escrituras raramente fornecem a base verdadeira para as teorias propostas; antes, são usadas (devo dizer *mal* usadas) para sustentar pontos de vista humanistas que, embora não neguem completamente estes versículos, são hostis a eles.

144 Documentei esta reivindicação nas obras *Competent to Counsel, Lectures, The Manual,* etc.

Em tais escritores, (cuja fé pessoal não pode ser negada, uma vez que ocasionalmente vem à tona em seus escritos) podem ser observadas inconsistências gritantes. Por tais inconsistências eles prestam a nós todos – cristãos e não cristãos, indistintamente – um desserviço pela má representação do ensino bíblico pela tentativa de uma integração[145] de materiais que (de fato) são mutuamente incompatíveis. No processo, a Bíblia é usada para endossar o erro.[146] Já falei nesta obra a respeito dos efeitos danosos da venda dos produtos do concorrente nas prateleiras de Deus, produtos esses falsamente rotulados como bíblicos. Não pretendo repetir aqui o que já abordei anteriormente. Entretanto, se o problema existe de fato, podemos ter certeza de que o tema maior das discussões em destaque é o ser humano.

Tais distorções da visão bíblica a respeito do homem se constituem enorme problema, mas é (infelizmente) composto por outro: as diferenças e os numerosos entendimentos errôneos do ensino bíblico por parte daqueles que fazem uso da Escritura como sua fonte primária para o entendimento dos seres humanos.

Estou pensando aqui, não somente nas principais diferenças entre os cristãos evangélicos, diferenças que tem persistido por séculos (e.g., dicotomia versus tricotomia), mas também em novas e sérias aberrações que nascem de cultos, de movimentos dentro da igreja de sustentação exegética e teológica muito duvidosa (e.g., as numerosas sugestões e afirmações especulativas de Arthur Custance) e dos "teólogos" avulsos cujos pontos de vista tendem a desestabilizar muitas pessoas (e.g., a visão de Charles Solomon de que os cristãos tem uma existência *passada* eterna, de modo que todos morreram na cruz com Cristo).[147]

---

145 O perigo da palavra "integração" com pessoas dessa estirpe.

146 Um exemplo concreto de tal acomodação por parte de um conselheiro pastoral pode ser visto em meu livro, *O Poder do Erro* (Phillipsburg, N. J.: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1978).

147 Nas primeiras edições deste livro, observei que o Dr. Charles Solomon tinha se recusado a afirmar que não morremos na cruz com Cristo por nossos próprios pecados. Alegro-me em afirmar que em correspondência recente ele claramente afirmou que "de modo nenhum o crente morreu na cruz por seus próprios pecados".

A situação é verdadeiramente complexa (quase escrevi "horrenda"). Você pode entender finalmente o porquê de eu implorar para que *volumes* seja escritos e porque eu não afirma estar escrevendo mais do que uma simples *introdução* à discussão dos muitos elementos da antropologia que confrontam o conselheiro cristão que deseja ser essencialmente bíblico. É bastante difícil saber onde devo começar meu estudo, mas deixe-me apenas tentar algo mais ambicioso.

Quando observamos a total confiança com a qual alguns cristãos que praticam o aconselhamento têm feito pronunciamentos firmes, embora superficiais, numa meia dúzia de páginas sobre a natureza do homem, aparentemente inconscientes das grandes questões que dizem respeito a teólogos e conselheiros igualmente (e virtualmente dissociados de uma reflexão exegética e teológica séria), a vontade que temos é de sentar e chorar. Se não fosse tão angustiante e frustrante, a situação seria terrivelmente cômica. Dá vontade de rir quando se pensa, "Oh, se *fosse* tudo mais simples!" Mas logo vem a vontade de chorar quando se considera quantos cristãos se deixam levar por tais escritos.

Não quero dizer com tais afirmações que somente teólogos e exegetas profissionais sejam capazes de aprender algo significativo sobre a personalidade e vida humana; verdadeiramente isso não é verdade. Muitos cristãos leigos, com um bom conhecimento sistemático dos ensinos bíblicos são tão aptos quanto muitos teólogos e até melhores do que boa parte deles.[148] As informações que podemos extrair das Escrituras a respeito da humanidade são úteis e perspicazes. Todos podem beber desta fonte, somente se utilizarmos baldes vazios para retirar a água!

Tem sido os conselheiros sem orientação teológica e exegética que tem se especializado no estudo sistemático de outros pontos de vista, mas não no estudo sistemático da Palavra de Deus, provocando muita confusão. Algumas vezes, por suas discussões abstratas e especulativas da doutrina cristã, teólogos e exegetas também têm provocado certa confusão. Indu-

148 Nunca devemos esquecer as maravilhosas palavras do Salmo 119.99, 100; cf. também Mateus 11.25.

bitavelmente alguma coisa precisa ser feita para abrir caminho em meio a esse congestionamento!

Por onde devemos começar? Proponho iniciar pela consideração das origens da vida humana em condições pré-queda. Os efeitos da queda e da redenção seguirão (este último em termos particulares).

Devo dizer de início que adoto um pressuposto bíblico inabalável, fruto de considerações exegéticas e teológicas, de que a vida humana não se desenvolveu a partir de formas inferiores, mas que foi criada diretamente por Deus. Creio na existência de um Adão literal, de quem (por cirurgia divina, realizada com anestesia de um sono divinamente induzido) Eva também foi formada por ato direto de Deus. As considerações exegéticas e teológicas por trás dessas afirmações não podem ser detalhadas aqui (e nem precisam ser, uma vez que já foram adequadamente tratadas alhures; ver especialmente os escritos de E. J. Young e John Murray). Antes, eu gostaria de focar minha atenção na natureza com a qual Adão foi criado como um ser perfeito.

A Natureza de Adão

Ao considerarmos a natureza criada impecável de Adão, também é instrutivo aprendermos sobre a vida de Jesus Cristo, o segundo Adão, que assim como Adão possuiu uma natureza completamente humana, embora que, no seu caso, diferente de Adão, tenha permanecido sem pecado. As semelhanças e contrastes entre os dois nos fornecem valiosas informações sobre a antropologia bíblica e para estabelecer as normas para a vida humana, a medida que ilustram os mandamentos de Deus. Cristo, não os ditames sociológicos fornecem as normas para a vida humana.

Já começamos mal se eu não definir alguns dos termos que tenho usado. Por exemplo, o que é *natureza*? O que é *pecado*? Considerarei aqui o primeiro termo mais do que o segundo (o pecado será considerado mais a frente).

Usei o termo *natureza* para me referir a Cristo, a Adão e aos seres humanos. A pergunta, "Qual é a natureza da criatura chamada homem?" Ilustra o uso do termo. Com esta pergunta, entre outras coisas, quero saber, "O que é o homem? O que o distingue de Deus, do mundo e das demais criaturas? E de que substância é ele composto?" Ao discutir a natureza humana nesse sentido, a Bíblia responde, "O que é o homem?" Em Romanos 1.26,27 e Efésios 2.3, onde o termo *natureza* é a tradução da palavra Grega *fases,* a palavra é usada desta maneira para se referir ao depósito básico da "substância" com a qual um indivíduo é criado ou nascido; tem a ver com a herança genética. A natureza se refere, portanto, à composição do homem (não o que ele faz com isso).

N.B., este uso nada tem a ver com o emprego mais popular do termo *natureza* que aparece na seguinte declaração: "Ele tem uma boa natureza". Este uso não é bíblico e se refere a um conceito não discutido nas Escrituras, que é a ideia de temperamento.[149]

Neste ponto, meu uso principal do termo *natureza* será confinado ao primeiro sentido; meu interesse é descobrir sobre a natureza de Adão, ou seja, de que substância era ele composto.

Passemos à consideração do outro termo, *pecado.* Por *pecado,* adoto a definição da Confissão de Fé de Westminster com uma declaração curada e sucinta do ensino bíblico sobre esse assunto; "Pecado é qualquer falta de conformidade a ou transgressão da lei de Deus". em termos mais modernos, significa que pecar é fazer o que Deus proíbe, ou deixar de fazer o que ele requer, nas Escrituras. Com tais entendimentos desses dois termos, podemos preceder nosso estudo.

Adão Antes da Queda

O que eram Adão e Eva antes da queda? Muito se pode aprender sobre eles nos capítulos iniciais do livro de Gênesis. Dirigimo-nos imediatamen-

149 É interessante que a Bíblia nada diz sobre temperamento. Se esse assunto fosse realmente importante, era de se esperar que a Bíblia dissesse algo sobre isso. Geralmente as várias categorias alistadas (de uma maneira ou de outra) remontam à velha visão pagã Grega dos quatro tipos de humores.

te ao estudo dos dados bíblicos, pois não há outra fonte de informação disponível. É impressionante que nenhuma outra abordagem de aconselhamento se interesse pela natureza *original* (antes da queda) do homem; somente os cristãos levantam a questão (e então, infelizmente, muitos deles inconsistentemente aceitam ensinos que destoam em muito dos dados bíblicos).[150]

Mas, considere. Onde um sistema de aconselhamento pode parar quando não mostra nenhum interesse pela origem da vida humana? De fato, a maioria dos sistemas nunca param para perguntar se houve uma condição humana original, antes da entrada do pecado. Ou a teoria da evolução é assumida, na qual a vida humana é vista como tendo sido previamente sub-humana (em vez do alto nível apresentado pela Bíblia), ou se prefere simplesmente a teoria que (geralmente de modo ingênuo e acrítico) pressupõe que a natureza humana sempre tem sido mais ou menos como o é agora. Em ambos os casos, estas concepções errôneas levam a uma série de erros subsequentes sobre os problemas presentes do homem, sobre as soluções a estes problemas e às normas que devem determinar os objetivos do aconselhamento.

Portanto, vamos tentar descobrir *alguns* dos fatos bíblicos sobre a natureza humana, como foi originalmente criada.

Primeiro, vamos perguntar por que é importante tentarmos descobrir a natureza de Adão antes da queda. Há várias respostas a esta pergunta. Uma (já sugerida por mim) é esta: quando sabemos algo a respeito da natureza humana antes da queda, sabemos também *alguma coisa* (não tudo) sobre as normas de Deus para a vida humana. Os conceitos do homem e suas atividades se desenvolvem a partir de sua natureza. Deus adaptou o homem neste mundo com uma disposição e natureza designados a pensar e agir de modo a realizar certas tarefas e a manter certos relacionamentos.

150 Por exemplo, que o comportamento social violento do homem é resultado de um processo ainda incompleto de evolução. Cf. especificamente as visões Skinnerianas da hereditariedade evolucionária do homem, que simplesmente não podem harmonizar-se com o relato bíblico da criação do homem.

Todo livro de psicologia ou aconselhamento que trate seriamente com a questão da normalidade (ou anormalidade) em última instância concluirá que realmente não é possível estabelecer qualquer norma absoluta pela qual se possa fazer qualquer julgamento sobre dada crença o comportamento, rotulando-o como "normal" ou "anormal". Ainda assim, os autores desses livros insistem em fazer uso de tais termos, declarando esse ou aquele comportamento como normal ou anormal. Geralmente isto é feito na base de teorias sociológicas nas quais as normas são estabelecidas de acordo com estatísticas obtidas de várias maneiras (geralmente muito parciais) por meio de panoramas e testes. Desse modo, se um número considerável de pessoas, num dado período, em determinado lugar, declararem suas preferências homossexuais, a homossexualidade (presumivelmente) será declarada normal.[151] Em Sodoma é bem provável que os sociólogos tivessem declarado a heterossexualidade anormal, caso tivessem recebido alguma pressão a esse respeito. Claramente, se um grande número de pessoas se masturba, é isso que acontece:[152] livro após livro (cristãos e não cristãos) nos asseguram ser este um ato perfeitamente normal. Qualquer um que fale contra esta prática será identificado com aqueles que um dia ensinaram que a masturbação provoca insanidade. Mesmo escritores cristãos, que já tem sido apanhados na armadilha dos pronunciamentos sociológicos (onde Kinsey, em vez da Bíblia, se torna o padrão), simplesmente se sentem muito a vontade com os "experts". Mas se a masturbação é um ato normal, então (presumivelmente) Adão, antes da queda e Cristo, durante sua vida terrena, se masturbavam. Essa declaração o surpreende? Se a resposta for positiva, reconheça que não podemos estabelecer normas a partir da opinião de homens pecadores! Se a opinião da maioria fosse válida, mentir, por exemplo, seria algo aceitável.

O cristão consistente se recusará a aceitar a sociologia como uma disciplina que estabelece normas. Estudos sociológicos (baseados em pressu-

151 De fato, há poucos anos, sob pressão, a A.P.A. removeu a homossexualidade da lista de doenças mentais tratáveis.

152 Para mais informações sobre o ensino bíblico a respeito da masturbação, veja o *Manual*, p. 399-402.

posições adequadas – i.e., bíblicas) podem ser úteis para descreverem as convenções que incorporam os valores fundamentais de um determinado grupo em algum ponto na história,[153] mas seu valor se restringe a isto. O fato de todos serem pecadores (Rm 3.23) não torna o pecado normal. A norma é a justiça – a vida que Cristo viveu. O fato de todas as pessoas errarem não torna aquele erro normal (Romanos 1 indica que o erro é resultado da queda); significa apenas que ele é universal. De modo que o que é universal, não é necessariamente normal, o que contraria os padrões da sociologia. As Escrituras ensinam que a "verdadeira justiça e santidade" é a norma para a vida humana. Deus estabelece normas na Bíblia; os homens (até mesmo os sociólogos) não possuem esta norma. Juntamente com a justiça e a santidade, Deus estabelece também o "conhecimento" (da verdade; a maioria dos sociólogos de nossos dias e outras pessoas negam a possibilidade de uma verdade absoluta. Eles pensam na verdade como um conceito relativo: verdadeiro em relação a algo, com vistas a algum propósito específico, etc.) como a última das três qualidades que são normais para o homem e declara que, embora o homem as tenha perdido na queda, Deus as está restaurando nos redimidos (Ef 4.24; Cl 3.10).

O cristão aceita Adão, como criado (antes da queda), como um exemplo da vida humana normal. Sua natureza, com seus focos e capacidades, eram verdadeiramente humanos. Mas pecar não era normal para ele; isso era um comportamento anormal par um ser humano (como o é hoje). E, N.B., Adão não era *totalmente* normal quanto poderia ter sido se tivesse comido da árvore da vida e entrado num estado no qual jamais pudesse pecar novamente (o estado eterno dos pecadores redimidos).[154] Os dez mandamentos estabelecem a norma para a vida, e na própria vida de Cristo vemos estes mandamentos vividos de modo detalhado. Assim, numa análise final, devemos dizer que o normal para o ser humano é o que Cristo disse e fez (não temos como estudar seus pensamentos).

153 Talvez para análise a ser usada em sermões, ou mesmo para análise em capôs missionários, etc.

154 Cf. Ap 2.7.

Se eu quero saber como é o amor normal, devo observar e ouvir as palavras de Cristo sobre o amor. O mesmo padrão se aplica a qualquer outro comportamento humano, a qualquer atitude ou uso das emoções. Todos os relacionamentos de Jesus (pelo menos de sua parte) eram normais. Tudo que Adão deveria ter feito (a parte da obra redentora de Jesus), Cristo fez. A sociologia, por seus pressupostos, objetivos e metodologia, jamais pode atingir as normas bíblicas. A sociologia trata com pecadores, com homens anormais. Mas Deus não aceita normas pecaminosas. Ele estabelece um padrão em nada menor que a perfeição.

Qual a importância de saber sobre a vida humana normal? O conselheiro deve ter alvos e objetivo apropriados pelos quais se direcionar no aconselhamento. Afirmei isto de modo mais claro numa palestra que dei a aproximadamente 500 pessoas no auditório de psiquiatria da Universidade de Viena, Áustria, recentemente. O título da palestra, que eu citarei na íntegra, é *Mudá-los? – Em Que?*

> O aconselhamento cristão é algo inteiramente novo. É totalmente diferente de tudo que já foi oferecido na América em nossa geração. Quando se pergunta *por que* não há consenso, particularmente neste campo onde pessoas tentam mudar as vidas de outras, muitos de nós chegam à conclusão de que o consenso não existe pela ausência de um padrão a ser seguido. Você pode dizer que a sociedade é o padrão, ou pode dizer ainda pragmaticamente que o que funciona é que deve ser o padrão, ou ainda que o consulente é o padrão; mas quando dissecamos o assunto, o que resta é isto: a psicoterapia individual acaba por determinar o padrão; o problema da subjetividade é enorme. Algo externo ao conselheiro e ao consulente se faz necessário; algo mais solidamente fundamentado do que individuo limitado ou parcial é requerido...
>
> Por que necessitamos de um padrão, uma medida de comparação, uma regra? Porque estamos tratando com o problema da mudança de vidas humanas. Quem homem tem o direito ou a condição de dizer ao outro: "Eu sei como você

deve viver?" Que homem tomará sobre os ombros a responsabilidade de dizer: "Isto está errado em sua vida, isto é o certo para você, e é assim que eu quero mudar você?" Alguns pensam que podem dissociar-se das questões éticas. Imaginam que os valores podem ser deixados de lado. Mas isto é uma ilusão; estamos continuamente envolvidos no campo dos valores, sempre que tratamos com pessoas e suas vidas. Quando empreendemos mudar a vida de outro ser humano – i.e., mudar seus valores, suas crenças, seu comportamento, suas atitudes e relacionamentos – estamos tentando dizer a ele "O que eu penso sobre seus valores, relacionamentos, atitudes e comportamentos, é o que é melhor para você" – você está disposto a dizer isto? A menos que seja ignorante ou arrogante, você deve hesitar.

Não tem sido este o problema desde o começo? Não há padrão, nem um sequer, pelo qual se estabeleça um consenso...

Não há um padrão comum pelo qual o ser humano possa enxergar a vida. Lemos, em escritos populares, naturalmente, que "como dizem os psicólogos..." ou "como dizem os psiquiatras..." (mas quem quer que saiba da confusão por trás destas declarações só pode tomar essas declarações por modo jocoso, nunca em tom de seriedade). O fato a ser levando em conta é que não há um acordo na questão básica como um todo – que tipo de homem é normal? E não são os estudos sociológicos que nos darão esta norma, uma vez que a sociologia tratará somente de atitudes e de comportamentos comuns que assumimos num determinado lugar, num dado período de tempo. E não estou certo de que eu e você queremos produzir exatamente o tipo de pessoas que somos; o tipo de pessoas que promovem as guerras relatadas em nossos velhos livros de história, o tipo de pessoas que fazem as coisas que lemos nas manchetes de jornais todos os dias, etc. O que quero dizer é simplesmente isto: há um padrão e um modelo ao qual o homem pode se conformar, de modo que possa descobrir e ver como deve ser a vida humana. Um critério precisa ser estabelecido. Temos que ter um modelo do que deve ser a vida humana se quisermos tentar mudar as pessoas.

Onde encontraremos tal modelo? É esta a pergunta que tem feito os pastores cristãos na Americanos últimos catorze anos, e eles dizem ter a resposta.

A resposta deles é que o ser humano deve olhar para Jesus Cristo!

Dizem que a Bíblia não somente oferece uma descrição de como a pessoa deve ser em termos abstratos, como também apresenta em Jesus Cristo um modelo de tal pessoa em termos de palavras e ações. De fato, em contraste com a confusão da psicoterapia, tem sido demonstrado de modo poderoso na América que um verdadeiro consenso pode ser desenvolvido quando se tem um padrão.

Vocês precisam saber algo sobre as igrejas americanas. Não temos igrejas estatais (*landerskirke*). Todas as igrejas são autônomas, e temos muitas igrejas diferentes na América. Elas concordam, em sua maioria, nas questões de maior vulto, mas discordam em pontos menos relevantes. Interessante é o fato de que em muitas denominações diferentes este movimento nos últimos catorze anos tem surgido com muita força ao ponto de levar ao envolvimento de milhares de pastores e leigos (*mitarbeiters*) que agora aconselham segundo esta nova abordagem baseada nas Escrituras. O interessante é que não somente os pastores se tornam envolvidos nesta obra, mas milhares de leigos tem agora aconselhado com sucesso vários tipos de pessoas que os procuram. Eles também têm chegado finalmente a um consenso por meio da Bíblia.

Este movimento tem tido grande impacto nas igrejas americanas e também na cena americana de um modo geral. E mais, não tem permanecido restrito aos nossos arraiais nacionais, atingindo um número de outros continentes – no meu caso (como representante deste ponto de vista) tenho visitado, só este ano, países como Irlanda, Brasil, Nova Zelândia, Austrália, México, Guatemala, Alemanha e Suécia...

É interesse deste movimento a mudança em certo nível de profundidade. Não queremos uma mudança superficial na vida das pessoas; cremos que o homem, suas ações, atitudes, devem ser mudadas no âmago de seu ser, de modo que seus valores e as manifestações desses e motivações sejam afetadas. A Bíblia chama essa motivação interior do homem de coração. É do coração que brotam todos os problemas da humanidade. Assim, uma nova força externa é necessária para trazer a efeito a mudança desejada pelo aconselhamento cristão – tornar o consulente mais semelhante a Jesus Cristo. Em outras palavras, a conversão é o elemento essencial nesse tipo de aconselhamento. Se o consulente não é cristão, seu relacionamento com Deus precisa ser mudado. Ele deve reconhecer que a mensagem cristã sobre a cruz é real que deve ser levada a sério. Esta é a antiga mensagem das Escrituras de que Cristo morreu no lugar de pecadores realmente culpados diante de Deus, a fim de transformar suas vidas, começando no coração de seu ser, levando-os às transformações externas que são necessárias. O aconselhamento cristão tem profundidade porque vai ao âmago, ao coração da dificuldade humana.

Esta antiga mensagem tem se mostrado uma força nova e vital nas vidas de muitas pessoas. É possível que você já tenha lido nos jornais daqui e de outros países ao redor do mundo, palavras como "novo nascimento" que tem se tornado populares na América estes dias. É precisamente sobre isso que estamos falando; neste sistema de aconselhamento o próprio Deus dá ao consulente uma nova vida, uma nova disposição com novos propósitos, novos objetivos, novo poder. Este é o aconselhamento que nasce da sabedoria das Escrituras e do poder de Deus na pessoa do Espírito Santo. Como você pode observar, duas coisas acontecem: os olhos do consulente são abertos para que ele enxergue o padrão Divino para a vida humana e, como clímax disto, Deus o capacita a conformar-se a este padrão pela primeira vez em sua vida. Esta é a abordagem cristã básica...

> Quando se trata da questão de padrão, estamos falando do *aspecto fundamental no aconselhamento,* problemas que tem a ver com as pessoas em seu sentido último e que só podem ser resolvidos por seu Criador e Salvador.

> Se pensarmos seriamente sobre tudo isso, depois de falarmos sobre tudo, voltaremos sempre e sempre ao assunto do padrão. Peço que vocês não fechem a porta a isto tão rapidamente. Até que tudo seja resolvido, nada se pode fazer. Nosso plano é ajudar as pessoas; muito bem. Mas isto significa mudar suas vidas. A pergunta não é apenas 'como' mas (mais basicamente) – em *que?* O cristão responde: "Na semelhança a Jesus Cristo." Pode haver *alguma outra* resposta?[155]

É por isto que a discussão da norma ou padrão para o aconselhamento se faz tão vital. Todos os conselheiros acreditam na mudança, mas podem *assumir* a responsabilidade de iniciar o aconselhamento até que tenham definido a questão da norma? Somente a antropologia bíblica pode fornecer esta resposta. E ele o faz – e o faz detalhadamente!

Portanto, vamos perguntar novamente: "Como eram Adão e Eva antes da queda?" os conselheiros precisam saber disto, porque consulentes pecadores, mesmo convertidos, não conseguirão vislumbrar todo seu potencial em Cristo, não conseguirão entender os objetivo e as normas, e frequentemente optarão por estabelecer padrões muito aquém das Escrituras. A tarefa do conselheiro cristão é ajuda-los a tomarem consciência e a assumirem um compromisso com as normas bíblicas, instruindo-os sobre como atingir tais objetivos, encorajando-os também a persegui-los. Podemos

155 Jay Adams, *Change Them? – Into What?* (Laverock, Pa.: Christian Counseling and Educational Foundation, 1978) p. 10-18.

afirmar, portanto, que o aconselhamento ajuda os cristãos a se tornarem mais normais.[156]

Adão na Criação

1. Adão foi Criado um Ser Material.

Quando a Bíblia ensina que Adão foi feito "do pó da terra" (Gn 2.7), está firmemente declarando a natureza material do homem. Desse o início houve uma identificação, uma harmonia e continuidade entre o homem e este mundo. O homem é terreno, feito da terra. O próprio nome do homem "Adão" significa "vermelho (barro)", enfatizando este fato.[157] Todas as noções Gnósticas da criação material como pecaminosa *per se,* portanto, devem ser rejeitadas; Deus não somente declarou a criação material como "muito boa" mas também fez o homem (como disse um garoto, "Deus não criou nenhum junco"). O Novo Testamento argumenta contra as heresias Gnósticas, nas quais o universo material é visto como pecaminoso. Em Colossenses e 1João o fato de que Cristo sem pecado veio, foi batizado, e morreu *em corpo* é afirmado como a refutação última desta heresia (Cf. Cl 1.19; 2.9; 1Jo 1.1; 4.2; 5.5-8). É por esta razão que, ao pensar sobre a morte o apóstolo Paulo pode falar de sua própria expectativa pessoal por um novo corpo (ele desejava ansiosamente ser revestido, e não despido, de um novo corpo), e de seu senso de desconfortável nudez sem esse corpo (cf. 2Co 5). A morte é um estado *não-natural* para o homem; seu corpo é parte tão integral de seu ser que estar sem ele (mesmo temporariamente), certamente leva-o a reações de desconforto. É de grande significado para nós que o estado do Cristo ressurreto é corporal, e que o estado eterno dos crentes após a ressurreição do corpo também será uma existência corporal semelhante à do Filho de Deus. O fato de que haverá novos céus e uma nova terra, recém criados, nos quais habita justiça (2Pe 3.13) indica que –

156 Cf. comentários em *Competent to Counsel,* p. 73-77, sobre o aconselhamento como santificação. Santificação é o processo pelo qual a imagem de Deus está sendo restaurada; i.e., a pessoa está se tornando mais normal.

157 O nome "Adão" tornou-se o termo genérico em Hebraico para "homem," mostrando quão essencial é o elemento terreno na existência humana.

pelo menos em parte – a existência eterna do homem redimido será nessa nova terra ("justiça" no lugar da habitação parece indicar a presença de seres justos na terra).

Como conselheiros, o que faremos deste fato? A condição essencialmente terrena do homem deve ser lembrada todas as vezes que o aconselhamento se faz necessário. Todos os ataques contra a criação material, todas as desculpas dos consulentes tendo como base a materialidade de sua natureza humana, devem ser descartadas. O homem *não* funciona melhor fora de seu corpo, como reivindicam alguns que querem se justificar de suas atuais responsabilidades dadas por Deus; ele funciona melhor no corpo, porque foi designado para funcionar como um ser material.[158]

É verdade que a criação material foi amaldiçoada após o pecado de Adão e que ambos, o mundo natural e a carne humana habituada ao pecado causam agora problemas ao consulente, mas isso não acontece por causa da materialidade da terra ou do corpo (sem dúvida, os anjos, pecaminosos, imateriais, ou seja, *sem corpos materiais,* tem problemas da mesma espécie que os seres humanos, o que deixa claro que a materialidade não é a razão maior do problema). Lembremos que o aspecto espiritual (não material) da natureza humana (a ser discutido *infra*) está igualmente sujeito à cegueira do pecado e não deve ser considerado mais justo (ou menos pecaminoso) por ser imaterial. A materialidade humana nunca deve ser considerada (como alguns, infelizmente, a chamam) um aspecto "inferior" da natureza humana, nem deve o aspecto espiritual (não material) ser chamado de "superior", se por esta linguagem a intenção é dar ao primeiro um status menor do que o segundo. Tanto a criação material como a espiritual são igualmente importantes porque ambas vieram de Deus e para Deus (sobre o corpo, neste ponto, cf. 1Co 6.14). Ambos, semelhantemente, foram corrompidos pelo pecado de Adão.

Frequentemente, num pensamento humano pecaminosamente distorcido, o espiritual é identificado com Deus, enquanto que o material é

158 Naturalmente, não *apenas* assim; mas trataremos disto *infra*.

associado ao maligno. Por razões já demonstradas, esse é outro erro. Pode ser útil lembrar (a este respeito) que o próprio satanás é um ser espiritual (não material) e que seu campo de atuação não é a criação material, mas espiritual (cf. Jd 6). A materialidade humana, portanto, não deve ser identificada com Satanás mais do que a espiritualidade humana.

Atos de ascetismo, nos quais o corpo (por ser material) é "punido" ou sujeitado a humilhação e/ou práticas injuriosas, não podem ser sancionados biblicamente, nem ser orientados pelos conselheiros. O respeito pelo corpo do crente, como templo do Espírito Santo e a forma da natureza na qual Jesus se tornou um de nós e morreu por nós, precluem quaisquer difamações do corpo material. O *pecado* é que conduz ao ascetismo (Cl 2.23). Portanto, os conselheiros devem estar alertas a práticas ascéticas que só acrescentam dificuldades aos problemas originais.[159] Em Filipenses 2.6-11, onde Paulo descreve a humilhação de Cristo na linguagem teológica mais criteriosa possível, ele não enfatiza o fato de Jesus ter tomado um corpo. Passagens que enfatizam o corpo de Cristo são totalmente positivas (cf. 1Jo 1, etc.). A humilhação, Paulo deixa muito claro, consistiu do fato de ele ter se tornado um ser humano que sofreu uma morte ignominiosa (mas isto inclui tanto o aspecto corporal como não-corporal da natureza humana).

Quando, portanto, um consulente reclama que "se pelo menos" ele não tivesse que "carregar o fardo desse corpo" (a não ser que esteja se referindo aos efeitos do pecado no corpo) ele poderia fazer muito mais pelo Senhor, etc., o conselheiro deve rechaçar essa murmuração. Se o consulente identificar o pecado apenas com o corpo, o conselheiro deve informá-lo de que o pecado está também na alma (de fato, começa na alma – cf. Mt 15.19). Se o consulente usar a presença do pecado em seu corpo como uma desculpa, o conselheiro deve mostrá-lo que o pecado, em si, não é um aspecto mais material do que espiritual de sua natureza. De fato, é a inclinação pecaminosa (interior, que não pode ser visualizada) que provoca a agravante

159 Cf. longas vigílias noturnas de oração que levam a danosos efeitos decorrentes da perda de sono (ver o *Manual*, p. 386, 387, para mais esclarecimentos sobre esse ponto).

acomodação do corpo material (Rm 6) com a qual ele disputa. E, deve ser mostrado, esta acomodação do corpo deve ser vencida por uma orientação espiritual adequada e que o consulente é responsável por ambos os aspectos diante de Deus.[160] Se ele argumentar que os efeitos do pecado, desiguais no corpo e no espírito, o limitam, esse fato pode ser admitido. Entretanto, isto não se constitui limite ou obstáculo ao Espírito Santo, que renova e capacita a mente dos filhos de Deus (Ef 4.23).[161] A ênfase deve ser no fato de que onde abundou o pecado, a graça de Deus *superabundou.* Estas desigualdades nunca devem causar diretamente um comportamento pecaminoso no crente, nem devem inibi-lo de servir a Cristo como deve servir. A graça de Deus faz os crentes suplantarem a dor, as deformidades, etc., transformando as obrigações em valores úteis por causa de Cristo. É a isto que, em parte, se refere o título deste livro, como veremos mais à frente. Onde existe a oportunidade de mudança, há também responsabilidade e esperança.[162]

Assim podemos ver quão vital é para o conselheiro ter uma correta teologia do corpo e da criação material. Mas, como já indicado anteriormente, trata-se apenas de um lado da moeda; também é verdade que –

2. Adão Foi Criado como um Ser Espiritual

Eu não poderia me furtar de fazer menção deste fato numa discussão inicial; há dois lados de uma mesma moeda. Ambos os elementos aparecem na narrativa da criação: Adão foi formado do pó da terra, mas foi somente quando lhe[163] foi soprado o fôlego de vida (ou espírito), quando a vida lhe

160 Cf. *Lectures,* p. 231

161 A expressão "Espírito da vossa mente" provavelmente se refere ao Espírito Santo, que *renova* a mente. Uma possível tradução seria: "sendo renovados pelo Espírito que influencia a mente".

162 Cf. meu panfleto *Christ and Your Problems,* para mais informações quanto à interrelação entre esperança e responsabilidade.

163 I.e., o fôlego (ou espírito) que causa vida. A palavra empregada para fôlego (ou espirito) nesse caso é *neshamah,* usada simultaneamente como sinônimo da outra, termo mais frequente do que *ruach*(cf. Jó 27.2; 23.8; Pv 20.27; Dt 20.16). A Septuaginta usa *pneuma* para ambos (fôlego e espírito). Cf. também Kittel, *Theological Dictionary of the New Testament,* vol. VI, p. 337, onde o termo Hebraico *neshamah*é tratado como "o termo comum para a alma como vinda do céu" no uso Judaico Palestino.

foi comunicada, que ele se tornou uma alma vivente (um ser animado).[164] O fato de que Adão era uma "alma vivente" não era único. Em Gênesis 1.21,24,30, o mesmo é dito a respeito de outras criaturas viventes não-humanas. O que é importante notarmos a respeito da criação humana é a *maneira* na qual Deus produziu este resultado: Ele *soprou* em Adão o fôlego (ou espírito) de vida. Este sopro pessoal, direto, singular constituiu um ato separado da parte de Deus que distinguiu a criação humana (e a vida humana) de outras vidas animadas. Há um aspecto terreno no homem,[165] mas há também um lado, um aspecto espiritual. O homem pertence a dois mundos.

O sopro do fôlego de vida demonstra o fato de que o corpo do homem não é a realidade última; ele é *mais* do que um corpo. O próprio Deus deu vida ao corpo do homem, em virtude de nele soprar o fôlego (ou espírito) de vida. Este ato especial aponta para um argumento especial e também para um resultado especial. Este sopro do espírito é a *fonte* da animação (ou vida) humana, e sem ele o homem estaria morto (Tg 2.26 nos diz que "... o corpo sem o espírito está morto..."). Há uma óbvia referência a Gênesis 2.7 em Eclesiastes 12.7, onde lemos "e o pó volte à terra como era, e o espírito volte a Deus, que o deu".[166] Claramente, o uso que o escritor de Eclesiastes faz de Gênesis mostra que ele entendia que Moisés se referiu a um caráter duplo da natureza humana. Diferente dos animais, Adão foi formado com um elemento tirado da terra (*pó,* como é colocado na passagem) e outro elemento que veio diretamente de Deus, "que o deu". Na morte, esses dois elementos mais uma vez se tornam entidades distintas e retornam às suas fontes distintas. Que o escritor de Eclesiastes também entendeu que a vida humana difere da vida animal em suas fontes e composições fica muito claro nas palavras de Eclesiastes 3.21: "...Quem sabe se o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para

164 John Murray, *Collected Writings*, vol. II (Carlisle, Pa.: Banner of Truth, 1978), p. 8

165 No aspecto terreno, os seres humanos compartilham com os animais as mesmas características (e.g., ambos se alimentam, respiram oxigênio, andam sobre a crosta terrestre, expelem excrementos, etc.). o aspecto espiritual é o que distingue o homem dos animais.

166 A palavra empregada aqui é *ruach,* confirmando mais uma vez seu uso sinônimo com *neshamah.*

a terra?"[167] Aqui, onde o doador da vida, ou força animadora (poder, princípio) é mencionado, embora a palavra *espírito* seja usada para homem e animal, uma distinção clara entre os dois é indicada: o espírito do homem sobe para (para Deus que o deu – cf. 12.7b), enquanto que o espírito do animal desce para a terra (de onde veio[168]- cf. 12.7b). O espírito humano, então, é separado do corpo humano na morte por causa do tratamento singular que recebeu na criação (ele veio diretamente de Deus, de cima), enquanto que a força animadora dos animais está ligada a seus corpos que são sepultados (destruídos) na morte.

As implicações disto para o aconselhamento nascem do fato de que o caráter duplo da natureza humana é vasto demais até para ser alistado. Eis um dos pontos onde se necessitaria de um livro inteiro (ou uma série de livros) para que o assunto fosse explorado a contento. Mas, antes de entrar nos detalhes da questão (e, necessariamente, de modo limitado) seria prudente que eu discorresse um pouco mais sobre meu entendimento deste caráter duplo da natureza humana. Isto leva a uma discussão do que (infelizmente) tem sido chamado de dicotomia versus tricotomia.[169]

A questão do número de entidades distintas das quais se compõe o ser humano é importante, mas o foco tem sido na separação dessas entidades, como os termos *dicotomia* e *tricotomia* indicam claramente (as palavras significam, respectivamente, "duplamente cortado" e "triplamente cortado"). A *ênfase* nas Escrituras, porém, é na *unidade* destas entidades. Esta é a razão pela qual eu prefiro o termo *duplo* (significando "duas unidades"). Esta palavra enfatiza a unidade dos elementos (eles são "unidos"), em vez de separação entre eles (que, como já vimos, não é natural ao homem).

O debate sobre como muitos elementos se unem para formar um ser humano completo, porém, é importante para os conselheiros; para eles,

167 *Ruaché* empregado em ambos os exemplos neste versos.

168 Note a distinção nas fontes do espírito; é isto que conduz a destinos últimos distintos.

169 Consultar livros padrão de teologia (Charles Hodge, A. A. Hodge, L. Berkhof, John Murray, etc.) para mais informação sobre o assunto. Cf. também o *Manual,* p. 437, onde o assunto será também tratado.

não se trata de somenos importância. Muitas diferenças práticas resultam das duas visões que tem sido defendida. A postura de Clyde Narramore, por exemplo, é edificada sobre a tricotomia, quando ele diz que o deve ser tratado pelo médico, o espírito pelo pastor, e a alma pelo psicólogo. O que se debate, entretanto, é que se o ser humano pode ser assim tão facilmente fragmentado e parcelado[170] (mesmo supondo que a visão tripla estivesse correta). Mas esta não é uma ênfase nas Escrituras.[171]

As Escrituras não nos autorizam esta visão tripla (ou tripartida); de fato, toda a ênfase – de Gênesis 2.7 em diante – quando as Escrituras (relutantemente) falam de separação (não esqueçamos a ênfase dada na unidade) é de que há dois elementos que são unidos, e este dois (somente esses dois que na morte) se apartam temporariamente. Em adição ao que já foi citado (e note bem, Gênesis 2.7 permite somente dois elementos), consideremos o seguinte:

> "Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo".[172]

Neste versículo a ideia subjacente é de que o homem por *inteiro* sofre. Na Geena; a ênfase recai sobre a *inteireza* do homem eterno sofrendo, em

170 Ver *Manual,* p. 437.

171 Há outro conceito muito perigoso que nasce da visão tripla – de que o espírito humano pode adquirir conhecimento e informação "espirituais" diretamente do Espírito Santo. Segundo esta visão isto se processa de modo independente da mente (ou entendimento). O resultado disto é uma atitude contrária ao intelecto, levando à consequência extrema do ensino de que o homem recebe de Deus uma revelação especial, direta (não-proposicional), revelação esta que age no homem como "persuasão" ou "convencimento." Em 1Coríntios 2 o espírito é identificado com a mente (nunca distinto dela) (cf. também Romanos 6-8). 1Coríntios 14 nos adverte contra a tentativa de entrarmos numa relação não-intelectual com o Espírito Santo (cf. versos 13-19). O Espírito Santo renova a mente (Romanos 12.1) e não meramente o espírito do homem; Romanos 8.6 nos fala de uma mente espiritual. Paulo diz em Romanos 12.2 que uma mente renovada (não apenas um espírito renovado) leva ao conhecimento da vontade de Deus. Como é possível detectar persuasões não-intelectuais (não-proposicionais) no espírito quando eles são necessariamente não-emocionais? E Espírito Santo é intangível; não pode ser sentido, visto ou percebido pelos sentidos. Teme-se que as experiências emocionais sejam o que realmente motivam em tais circunstâncias. É sempre perigoso abandonar a Bíblia como a fonte da revelação Divina. Note que esta fonte requer exercício intelectual para o entendimento.

172 Mateus 10.28

justaposição ao sofrimento parcial (ou seja, apenas corporal) atual. A declaração "tanto a alma como o corpo" é de dois elementos, não três. Se uma realidade tripartida fosse a verdade, Jesus deveria ter mencionado um terceiro elemento (o espírito).

Eis outra evidência: "para ser santa, assim no corpo como no espírito".[173] Mais uma vez a Escritura deixa claro que a ênfase é a *inteireza*. Não se pode concluir que o pai em questão queira que somente dois dos três elementos constituintes da existência de sua filha sejam santificados (ou que somente dois, não três, necessitem de santificação). A mesma declaração pode ser feita em 2Coríntios 7.1: "Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito[174], aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus". As palavras "*toda* impureza" deixam claro que a impureza da pessoa por completo é o que está em vista (a poluição da alma certamente não é omitida aqui!).

Tais passagens são padrões; todas elas argumentam veementemente contra uma visão tripartida do homem. Não citarei outras passagens. "Mas o que dizer de Hebreus 4.12 e 1Tessalonicenses 5.23?" você perguntará: "estas passagens não mencionam uma separação de alma e espírito, o que indicaria uma visão tripartida do homem?" A resposta é um enfático "Não!"

Consideremos inicialmente Hebreus 4.12. nesta passagem nos é dito que a "Palavra de Deus, a Bíblia, é mais cortante do que qualquer espada de dois gumes e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração". "Percebe?" dizem os advogados da visão tripartida, "Se as Escrituras afirmam a possibilidade de dividir alma e espírito, é porque há alma e espírito". Mas o fato é que o Grego não diz isso. A versão King James (e outras versões subsequentes, como a Almeida Revista e Atualizada) não traduz o texto com exatidão. A ênfase não é a *divisão* entre alma e espírito ou *entre* juntas e medulas. O que está sendo dito é que a Palavra de Deus penetra

173 1Coríntios 7.34b.

174 Aqui fica muito claro que o espírito pode ser poluído.

a alma e também o espírito, as juntas e também medulas. Muitos que entendem erroneamente a passagem se perguntam como as juntas podem ser separadas da medula, uma vez que não se encontram em contiguidade. A preposição *entre* foi importada de nossa forma de pensar a respeito da passagem (ou seja, a maneira de pensar a respeito de um elemento sendo "afastado" de outro, que erroneamente tem sido o pensamento dominante).

A verdadeira ideia é que a Palavra de Deus penetra tão profundamente no mais profundo ser do homem, ao ponto de expor e trazer à luz seus desejos e pensamentos (v. 12c, 13).[175] A figura usada aqui é da exposição das juntas, de medulas, de alma, de espírito. Note: há aqui duas categorias básicas – um material (juntas/medulas) e uma imaterial (alma/espírito), não três. Do mesmo modo como pensamentos e propósitos não devem ser separados,[176] mas devem ser entendidos juntos compreensivamente, a fim de expressar a *inteireza* do aspecto intelectual, assim também espírito e alma devem ser mencionados juntos *mostrando assim que nenhum aspecto do homem interior está acima ou pode eximir-se do poder penetrante da Palavra de Deus.*[177]

A passagem, quando não distorcida pela inserção da ideia de divisão *entre* alma e espírito, torna-se uma poderosa arma de aconselhamento nas mãos de conselheiros pastorais (bem como de pregadores). Eles entendem que o verso 13 nada mais é do que a aplicação do verso 12. O escritor afirma que, uma vez que a Bíblia descreve e expõe o aspecto interior (o coração) do ser humano com tamanho poder penetrante de julgamento, a conclusão lógica será que,

175 Estes termos, como os demais (juntas/medulas; alma/espírito) não devem ser vistos como opostos um ao outros. Antes, são cumulativos em efeito, enfatizando o todo da vida interior. Ver a nota seguinte (34).

176 Eles são ambos julgados, não havendo um julgamento *entre* cada um deles.

177 Espírito e alma são aspectos distintos da natureza interior do homem (como veremos *infra*), mas não entidades distintas.

> "não há criatura que não seja manifesta na sua presença [Adão tentou esconder-se de Deus; os consulentes, por sua vez tem tentado fazer o mesmo]; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes [mais uma vez temos aqui dois aspectos enfatizando totalidade; não devem, portanto, ser distintos, mas entendidos como expressando uma realidade abrangente] aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (verso13).

Conselheiros não devem somente descobrir o significado deste verso, mas também o poder de uso que ele tem nas sessões de aconselhamento.

No que diz respeito a 1Tessalonicenses 5.23, mais uma vez, a ênfase da passagem não é em quantos elementos compõem o homem, ou em quantas portes se pode dividi-lo. Antes, o texto trata do homem em sua inteireza:

> "O mesmo Deus da paz vos santifique em *tudo*; e *todo o vosso ser*, - o vosso espírito, alma e corpo - sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

Paulo não está dividindo, mas somando. "Mas ele não estaria somando dois mais um, o que resultaria em três?" você pode perguntar. Não, não mais do que quando Jesus menciona coração, alma, mente, força (e, incidentalmente, omite corpo e espírito) o que deveria, por este raciocínio, resultar em quatro. Deveríamos agora acrescentar força, mente e coração[178] à lista de 1Tessalonicenses 5.23 e dizer que o homem pode ser dividido não em duas ou três partes, mas em seis?[179] Evidentemente que não!

As Escrituras via de regra alinham termos (algumas vezes dois, outras vezes três, quatro; algumas vezes uma combinação deles, outras vezes um termo diferente dos já ocorridos) para expressar inteireza, assim como fazemos. Em nenhum dos casos há o menor interesse de dividir o homem em elementos essenciais. Passagens retóricas, como estas, nunca devem

178 Mateus 22.37; Marcos 12.30; Lucas 10.27.

179 De fato, já ouvi um pregador fazer exatamente isto!

ser usadas no culto para um propósito diferente daquele para o qual foram escritas. Fazer isto seria violentá-las, com o desejo de provar que há muitas unidades,[180] levando o intérprete a divagar por métodos hermenêuticos altamente questionáveis.

Para que eu possa mostrar quão superficialmente os defensores da visão tripla da constituição humana realmente consideram os dados bíblicos, deixe-me fazer-lhes novamente a pergunta, "Como você lida com as muitas ocorrências bíblicas da palavra coração?" Por que esse conceito extremamente importante é ignorado? O coração também representa o lado imaterial da natureza humana. O coração é separado da alma e do espírito, é coincidente com ambos (ou talvez com apenas um deles)? Respondam-me, por favor.

A verdade é que a discussão da noção bíblica de coração é completamente elucidativa (e importante para os conselheiros) e enquanto não for devidamente entendida, não se terá uma compreensão real da natureza humana (em especial do seu aspecto espiritual). Portanto, dedicarei certo tempo à discussão desse aspecto vital (embora negligenciado).

Para início de conversa é importante afirmarmos, categoricamente, que a visão ocidental (a moderna visão americana, europeia, etc.) não é bíblica. Esta visão ocidental deriva da Cultura Romana, com sua mentalidade romântica, tipo 'Dia dos Namorados'. No pensamento moderno há uma equivalência do coração com os sentimentos, ou emoções. A palavra *coração* evoca imagens de delicados bebês, de pequenos e charmosos lacinhos cor de rosa e coraçõezinhos de papel. Consequentemente, este conceito tem se refletido na pregação e na literatura, onde, e.g., "o conhecimento intelectual" é visto como oposto ao "conhecimento emocional". O primeiro é interpretado como mero entendimento e assentimento intelectual, ao passo que o segundo denota um compromisso com os sentimento. Mas esta distinção está longe de ser bíblica.[181] Em lugar nenhum das Escrituras

180 Seis e não apenas duas ou três!

181 Devemos parar de usar este entendimento do coração, uma vez que ele somente confunde as pessoas, ao aplicarem tal conceito às Escrituras (portanto mal interpretando-a). Naturalmente,

a imagem da *mente* é oposta à do *coração*. Emoções, no relato bíblico, não estão associadas ao coração, mas às vísceras (onde, incidentalmente, muitas das reações mais fortes e discerníveis ocorrem).[182]

A razão pela qual mente e coração não são conceitos opostos nas Escrituras é que o termo *coração inclui o elemento intelectual* (cf. Jó 12.24; 36.13; Jr 17.9,10; 23.20; Ez 11.5; Os 7.11; Mt 13.15; Mc 7.19-23; 11.23; Lc 5.22; At 5.4; 2Co 9.7; Hb 4.12; Tg 1.26; estes parcos exemplos mostram o grande [universal] consenso de uma variedade de escritores, num vasto período de tempo, a respeito deste fato). A Bíblia nos diz que as pessoas falam, raciocinam, planejam, entendem, pensam, duvidam, percebem, cometem erros, estabelecem propósitos e intenções, etc., *em seus corações*. Fica claro, portanto, o porquê de a cabeça (que, segundo nosso entendimento, representa o aspecto intelectual do homem) nunca pode ser vista como em oposição ao coração.

Para que possamos entender melhor o conceito bíblico de coração, deixe-me perguntar, "O que se opõe ao coração, se é que algo se opõe a ele?" A resposta é sempre, sem exceção, o homem exterior, visível. A adoração que se presta com os lábios (adoração externa, visível, audível) quando o coração (aquilo que é interior, invisível, inaudível) encontra-se longe de Deus, é um bom exemplo deste contraste (Mt 15.8).[183] Somos instruídos nas Escrituras de que o homem olha para a "aparência exterior", mas (em contraste) "Deus vê o coração" (1Sm 16.7). Sem multiplicarmos referências bíblicas, é seguro dizer que sempre que a Bíblia emprega o termo coração para se referir ao homem interior (ou como Pedro coloca de maneira mais definitiva, o "homem interior do coração").[184] Desse modo, toda a Bíblia descreve o

---

muitos pregadores que tem usado esta antítese de intelecto e coração, não tem entendido com clareza o uso bíblico dos termos.

182 O termo Grego é *splagchon*(cf. uso em Lc 1.78; 2 Co 6.12; 7.15; Fp 1.8; Cl 3.12; Fl 7,12,20; 1Jo 3.17).

183 Por outro lado, fazer algo com o coração (ou de coração) não significa fazê-lo *emocionalmente*, mas genuinamente, sinceramente (cf. At 2.37; 7.54). Ser "compungido no coração" significa *genuíno* arrependimento.

184 1Pd 3.4; cf. também 2Co 4.16.

coração como sendo a vida interior que o homem vive diante de Deus e de si mesmo, uma vida desconhecida dos outros, por lhes ser oculta.[185]

É natural, portanto, identificar o coração com a consciência, como alguns escritores por vezes o fazem (cf. Hb 10.22; 1Jo 3.19-21). E é no coração que o insensato (Sl 14.1) ou o servo mal (Lc 12.45) ponderam. Do coração (que é a fonte do tesouro de onde brotam palavras e ações externas) procedem pecados (Mt 5,18...; Mc 7.19-32; Lc 6.45). O homem pode pecar *em seu coração*, embora não o faça externamente (Mt 5.28). Desse modo o homem deve ser *purificado* no coração (Hb 10.22); bem aventurados são os *puros de coração* (Mt 5.8). Crer *com o coração* e confessar *com a boca* (Rm 10.8-10) leva à salvação quando ambos os aspectos, *interior* e *exterior* do homem se conformam – há ali uma fé genuína (não hipócrita, ou seja,não apenas exterior).[186]

Muito, muito mais poderia ser dito a respeito do coração, mas talvez seja bastante indicar o uso maior do termo na Bíblia. Ele abrange toda a vida interior. Trata-se do conceito mais desenvolvido, de maior alcance, e mais dinâmico do aspecto não material (ou espiritual) do homem nas Escrituras.

Para os que não abandonaram a visão tripla da constituição da natureza do homem, é importante notar que tudo que é dito a respeito da *alma* e do *espírito,* também é dito do coração.[187] É verdade também que o que é dito a respeito do espírito, também é dito sobre a alma.[188] Ambos são redutos de regozijo, de tribulação, de tristeza, etc.

---

185 A vida interior, ou o lugar onde se vive a vida interior; os dois são empregados de modo intercambiável.

186 Jesus é o único homem verdadeiramente humano, uma vez que somente nele o coração e os lábios estão *sempre* em harmonia. Se Freud quisesse descobrir onde reside o conflito no homem, ele deveria ter considerado isto.

187 Cf. Dt 11.33; Mt 22.37; Jz 10.16; 1Rs 8.48; 1Cr 22.19; Pv 19.2; At 4.32; 3Jo 2; Jó 15.13; Sl 32.2; 106.33; Ec 3.21; Mc 14.38; 8.12; 1Co 2.20; Ef 4.23; Hb 4.12,13; 1Pe 3.4; Sl 64.6; 13.2; Jó 38.36.

188 Ver paralelos citados por William Hendricksen, N. T. Commentary, 1Tessalonicenses, p. 149; John Murray, *Collected Writings,* vol. II, p. 23...

Assim sendo, qual a distinção entre alma e espírito? Por que se emprega duas palavras para descrever uma única entidade; como estas palavras se relacionam com o coração? Como temos visto, o coração é a vida interior não-observável, não-material do ser humano enquanto corporalmente vivo. Corresponde à alma neste respeito. Mas quase sempre (talvez sempre), quando a palavra *coração* é empregada, ela encontra seu contraste com o que é externo, visível, de uma forma ou de outra, mesmo quando não feito de modo tão objetivo. A palavra *alma,* porém, descreve o homem em sua integridade (raramente a palavra é colocada em contraste com o corpo – mas veja 3João 2). *Alma* descreve o homem na unidade dos elementos material e imaterial num ser vivo. Tanto é que *alma* pode ser usada para se referir ao *ser humano* (1Pe 3.20; Gn 46.22) e o próprio ser (como é geralmente o significado nos Salmos: e.g., 3.2; 6.3, etc., etc.). Na interpretação de tais passagens, palavras como "Eu", "mim" podem perfeitamente ser substituídas por "alma", que parece ser uma forma poética para se referir ao *ser*. Por outro lado, *espírito* sempre descreve o aspecto não-material da natureza humana *à parte do relacionamento* como corpo. Trata-se do estado desincorporado. Deus, por exemplo, nunca é descrito como *alma,* mas é sempre chamado de Espírito. A terceira Pessoa da Trindade é o Espírito Santo, não a Alma Santa. Quando Jesus disse que Deus é Espírito (Jo 4.24), está enfatizando que a adoração requerida vai muito além do aspecto físico (externo): Deus deve ser adorado em espírito e em verdade. Quando Cristo discutiu e definiu um espírito, disse: "Um espírito não tem carne e ossos" (Lc 24.39). Espírito é uma pessoa sem corpo. Desse modo, assim como a palavra *alma* (de um modo ou de outro) sempre descreve o aspecto não-material da natureza humana *em relação ao* (ou em unidade com) *o material,* a palavra *espírito* sempre descreve o mesmo aspecto não-material *fora do relacionamento com* (ou separado de) *o material.*[189] Coração, por outro lado, refere-se ao aspecto não-material do homem *em contraste com* seu aspecto material (geralmente com ênfase na invisibilidade do primeiro e visibilidade do último). É assim que as três palavras diferem e

189 A distinção é real, mas não substancial. Há uma entidade descrita de duas maneiras segundo dois relacionamentos distintos que trazem ao corpo.

podem ser distinguidas. Esta é a razão de haver três palavras (em vez de apenas duas). Ainda assim, as três palavras se referem à mesma entidade: a pessoa imaterial.

Finalmente, há a palavra (talvez fosse melhor dizer que há palavras) para *mente*. Basicamente, duas são usadas no Novo Testamento.

(1) O grupo *phrên* (ou seja, as palavras que compõem este radical Grego com outras palavras). Este grupo de palavras *phrên* tem como foco o aspecto intelectual do homem interior – o entendimento, o pensamento, os processos do raciocínio, a sabedoria, etc. *Aphroneo,* contendo o alfa privativo que nega e reverte a palavra, tal como o nosso prefixo *in,* significa "irracional." *Phroneo* significa "pensar", "ter em mente". *Phronismos* é o "entendimento" que leva à prudência, *phronema*é "pensamento" ou "disposição mental" e *phrenes*é a "atitude interior". *Phren*em si aparece (no plural) somente em 1Coríntios 14.20, e significa "mente, pensamento, atitudes interiores".

(2) O grupo de palavras *nous* (i.e., *nous*e as palavras que com ele se compõem. Esta palavra, semelhantemente, tem como foco o aspecto intelectual da natureza humana (algumas vezes mais exclusivamente do que outras), porém é mais abrangente, abarcando as noções de atitude, percepção, entendimento, sentimento, julgamento e determinação. *Nous* em si é o termo geral que abrange todos esses significados. *Dianoia,* outro termo principal no grupo, significa "pensar através de." Envolve o pensamento reflexivo, a meditação, o raciocínio. Também pode significar "imaginação". *Ennoia,* empregado em 1Pedro 4.1, significa "pensamento como intenção".

O conceito de *mente* também encontra correspondência com outras palavras, como coração, alma e espírito, nas Escrituras. Algumas vezes, assim como coração, mente é contrastada com o aspecto exterior do homem (Rm 6-8). É provável que a mente não deva ser entendida como uma entidade em si (como o cérebro),[190] mas como a vida pensante do aspecto

190 A palavra *cérebro* não aparece no Antigo Testamento, nem no Novo. O cérebro deve ser entendido como a parte do corpo que armazena e seleciona informações para posterior utilização

não-material (ou vida interior) do homem. É um termo usado para se referir às experiências subjetivas do pensamento, do conhecimento, do sentimento, da volição, etc.

Deste brevíssimo panorama dos dados bíblicos concernentes ao aspecto não-material do ser humano, torna-se aparente que tais noções do homem como as que foram apresentadas, por exemplo, no capítulo 5 da obra *Effective Biblical Counseling*, são equivocadas. O fato é que neste capítulo Crabb depende mais de Ellis (p. 89), Adler (p. 92, 95) e Rogers (p. 96) do que da Bíblia para um entendimento da natureza humana. Ele dedicou mais tempo (ao que parece) ao estudo destes autores do que ao exame das Escrituras, o que lhe seria necessário ao desenvolvimento de uma visão verdadeiramente cristã do homem. A estrutura da personalidade humana ali descrita traz poucos traços das coisas que temos visto. Consequentemente, as noções estabelecidas tão confiadamente como "bíblicas" por Crabb dificilmente correspondem à descrição das Escrituras. Aconselho todos aqueles que desejam entender a natureza humana como descrita pela Bíblia a evitarem tais tratamentos do assunto. Em vez de consultar os autores recém citados, é mais proveitoso realizar o tedioso trabalho de examinar o que a Bíblia diz sobre a personalidade humana. Meu tratamento é mais sugestivo, naturalmente; é necessário muito trabalho para desenvolvê-lo.

3. Adão Foi Criado como um Ser Moral

Tenho tentado evitar o assunto da imagem de Deus no homem, não que esteja fora dos limites do que tem sido até agora discutido (pois de fato pertence), mas porque até atingirmos esse ponto tem sido impossível lidar com a questão sem certa introdução.

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26-28). Os comentaristas diferem grandemente quanto ao significado (definições maiores e menores tem sido dadas a respeito desta imagem – para não

e que também regula as funções corporais. Como a palavra *coração* (quando não empregada para se referir ao órgão físico), o termo *mente* descreve um aspecto funcional do homem, não uma entidade física. De fato, mente = coração (ou algum aspecto dele) em muitas passagens.

falarmos da visão de Barth e de outros). Todos devem concordar, entretanto, no que diz respeito a dois fatos:

(a) que é a semelhança com Deus que torna o homem distinto dos animais e

(b) que (pelo menos em parte, embora alguns digam que isto seria o todo do homem) o homem é uma criatura inteligente, moralmente responsável.

Alguns expositores distinguem entre as palavras *imagem* e *semelhança* (A. Custance, por exemplo); a maioria, não (corretamente, penso; a Bíblia não estabelece uma diferença entre os termos e, de fato, parece empregá-los de modo intercambiável).[191]

Devemos discutir esse ponto de acordo universal por ser ele de significância primária para o conselheiro cristão.

Em cada esquina a teoria do aconselhamento não-bíblico ataca a noção de responsabilidade da natureza humana. Skinerianos dizem que o homem é inevitavelmente controlado por esse ambiente impessoal e que pode ser manipulado de modo consistente com suas habilidades físicas pelo rearranjo das contingências ambientais por um programa de controle adequado de recompensa/aversão (punição). A visão de Freud não é melhor do que esta. Seu conceito do inconsciente irracional como a massa do iceberg por baixo da superfície, pela qual somos controlados e motivados, e a porção menor restante emergindo como o lado racional (pelo qual racionalizamos nosso comportamento realmente irracional) mais uma vez leva a alguma espécie de determinismo que remove de nós todas as escolhas responsáveis. Obviamente, apenas racionalizamos e agimos de modo a nos enganarmos quando pensamos de outra forma.

Ademais, estamos cercados de um espírito de irracionalismo (em alguns casos em menor proporção do que em outros). Os sentimentos dominam por completo. Religiões orientais, aconselhamento de base Rogeriana orientado pelos sentimentos, ética situacional, e centenas desses

191 Os termos são epexegéticos; um explica o outro.

movimentos proclamam o slogan "Se você se sente bem, faça!" todas estas forças (novamente) tendem a ignorar a posição de responsabilidade do homem no mundo como criatura moral sujeita às leis de Deus.

Assim, é neste mesmo ponto, onde a singularidade do homem entre as criaturas da terra se destaca diante do fato de que a sociedade humana a tem atacado. Skinner, Freud e Rogers têm tentado desumanizar o homem. Mas cães e gatos não se quedam deprimidos pelos cantos, esmagados sob o peso da culpa de erros cometidos nos últimos cinco anos. Animais não são convidados à oração e ao amor a Deus e aos seus semelhantes, como o homem é. Deus não direcionou uma lei moral sequer ao mundo animal.

Que este elemento dual racional/moral é um fator fundamental na distinção da natureza humana, torna-se claro a todos os que levam a sério Efésios 4.24 e Colossenses 3.10. No primeiro texto, Paulo fala da *renovação da semelhança* de Deus (uma evidente referência a Gn 1.26-28) pelo revestimento da verdadeira *justiça* e *santidade.* Já em Colossenses 3.10 (uma passagem paralela que igualmente reflete Gn 1.26-28) ele acrescenta o conceito de *pleno conhecimento* a estes dois itens como parte da renovação da imagem (note, especialmente, como semelhança e imagem são usados como sinônimos no paralelismo destas duas passagens).

Estes dois versos, naturalmente, também mostram com clareza como a imagem de Deus no homem foi tão distorcida pela queda (embora seja dito que o homem retém esta imagem em alguma proporção – cf. Tg 3.9) e que o homem deve renová-la por meio da "renovação do espírito da [sua] mente"[192] (Ef 4.23). Pleno conhecimento, verdadeira santidade e justiça (ou, talvez, "justiça e santidade que procedem da verdade") são ditas como reflexo do próprio conhecimento e justiça e santidade de Deus; portanto, estas realidade inequivocamente se constituem a imagem e semelhança

192 Esta frase incomum, como temos visto *supra,* provavelmente se refere ao Espírito Santo, que renova a mente, desse modo restaurando a imagem e semelhança de Deus nos crentes (leia-se: "Pelo Espírito que influencia, [transforma] vossa mente"). Incidentalmente, "mente" aqui é *nous.*

de Deus no homem.[193] Esta imagem, claramente, é moral e intelectual (ou racional).

É somente no cristão que a imagem de Deus pode mais uma vez começar a ser detectada num sentido verdadeiro do termo. Somente o cristão pode ser moralmente aceitável diante de Deus; somente o cristão pode (da perspectiva de Deus) ser *cogitado* como aceitável. E estas qualidades ele possui, não por mérito ou aquisição de seu próprio esforço, mas como resultado da soberana graça que lhe foi outorgada.

Logo, somente o cristão pode ser aconselhado. Qualquer tipo de esforço para trazer a renovação da imagem divina no homem é um intento inaceitável porque a semelhança (apenas) é o objetivo de Deus para o homem. É por isto que somente o aconselhamento cristão, enfatizando salvação e santificação, é adequado. É possível trazer mudança num certo nível de profundidade (na mente – Ef 4.23 – quando o Espírito Santo muda o pensar e orienta homens regenerados por meio de Sua palavra) somente em pessoas regeneradas. Isto porque é realmente impossível aconselhar (no sentido bíblico do termo) um descrente.[194] Um descrente pode ser auxiliado em termos de elucidação, pode ser instruído para que perceba sua necessidade do evangelho, etc., mas não pode ser aconselhado. O conselho de Deus consista na renovação da imagem. Qualquer coisa a menos, qualquer abordagem que não envolva o despojamento do pecado e o revestimento do conhecimento, da justiça e da santidade que vem da verdade de Deus, é indigna de receber o rótulo de "Cristã", além de desorientar os descrentes e desonrar a Deus. Deus é desonrado quando mal representado. Ele não opera a *restauração* de vidas, mas a *renovação* de sua imagem nessas vidas. Deus não deseja que seus conselheiros auxiliem e assistam não-cristãos na simples troca de um padrão pecaminoso por outro (o que seria uma reforma); Ele nos tem chamado, porém, a um ministério de reconciliação e renovação.

193 Ef 4.24; cl 3.10.

194 Ver Apêndice A para mais informação sobre o assunto.

A imagem e semelhança de Deus (dentre outras coisas) é a verdade que implica no fato de que Deus responsabiliza o homem por seu comportamento,[195] como já afirmei. Ele expressou sua vontade para o homem em sua Palavra (o bom conselho rejeitado por Adão) e o responsabiliza por qualquer violação desta vontade. Pecado é a falha em realizar o que Deus ordena ou a voluntariedade em fazer o que Ele proíbe. Todo (exceto Cristo) pecaram. Todos, portanto, são responsabilizados por seu pecado (por seu pecado, representativamente cometido em Adão, e também pelo pecado em seus próprios pensamentos, palavras e ações). Pecadores são incapazes de cumprir suas obrigações morais para com Deus. Eles não conhecem e não querem conhecer a vontade de Deus. Mas Deus os responsabiliza assim mesmo. Portanto, somente a natureza humana redimida (como a natureza de Adão antes da queda) é capaz de assumir obrigações morais diante de Deus. É por isto que o aconselhamento cristão se restringe aos cristãos e o evangelismo (ou pré-aconselhamento, se você preferir) é para os descrentes (que se aproximam do aconselhamento). Junto com a ruína da imagem de Deus foi a ruína da capacidade humana para o verdadeiro conhecimento, justiça e santidade.

Regeneração (uma nova vida dada pelo Espírito Santo) traz consigo uma nova capacidade de conhecer e realizar a vontade de Deus. Esta é a renovação da qual tenho falado. Pessoas que nasceram duas vezes são pessoas moralmente capazes – pessoas que *podem* agradar a Deus. Os descrentes possuem um senso de moralidade capaz de ser exercido por conta própria, mas a moralidade do descrente se transforma em legal*ismo* e moral*ismo* (o homem pensando que pode agradar a Deus por sua própria sabedoria e esforços) e é incapaz de glorificar a Deus (Rm 3.23; 8.8).[196] A moralidade e ética do descrente se baseiam em motivações erradas e se desenvolve a partir de distorções da lei de Deus. Estes fatos são importantes aos conse-

195 E, Deus responsabiliza os homens por seu comportamento em relação aos seus semelhantes (cf. Gn 9.6; Tg 3.9)

196 O livro de Provérbios, por exemplo, consiste da moralidade para o povo da aliança de Deus; não se trata de um livro que possa ser seguido sem a regeneração. Mesmo os descrentes devem tomar cuidado em não tentar seguir os princípios deste livro por conta própria.

lheiros, não somente por estarem estes completamente engajados na discussão de questões morais, mas porque devem conhecer as capacidades daqueles a quem aconselham. Potencialmente, toda pessoa verdadeiramente regenerada, por possuir uma nova vida e por ser habitada pelo Espírito Santo, que o capacita a entender e obedecer as Escrituras, tem a capacidade e os recursos para fazer tudo o que Deus requer dela. Embora isto seja uma verdade, ninguém consegue viver no auge de suas capacidades nesta vida. Capacidade (ou potencial) não é o mesmo que realidade. Na realidade, a renovação da imagem de Deus (acompanhada da consciência do potencial da nova vida) é algo que se desenvolve. A renovação acontece gradualmente; não de uma só vez (cf. 2Pe 3.18). E – outro fator – por sermos pecadores, esse crescimento se dá de modo muito irregular, em jatos (nunca completamente) até que estejamos ultimamente libertos de todo pecado e perfeitos na morte ou no retorno do Senhor.

Por estes fatos, é sempre possível ao conselheiro encontrar mais e mais áreas na vida do consulente que necessitem de mudança ou reparos. Quando, então, o conselheiro sabe o momento de concluir o aconselhamento? Teoricamente, num certo sentido, o aconselhamento *nunca* deve terminar. As reposta não pode estar num *número* de problemas que o conselheiro possa ajudar o consulente a resolver, porque nesse caso o aconselhamento:

(a) nunca terminaria nesta vida (como eu disse), visto que há sempre mais e mais a se descobrir, ou
(b) cessaria em algum número arbitrariamente selecionado (mas quem determinaria esse número?).

Em vez disso, a resposta encontra-se parcialmente na qualidade dos problemas resolvidos e parcialmente em outros fatores. Aquelas dificuldades que são presentemente óbvias (ou assim se tornam durante o aconselhamento) e que o estão debilitando de uma maneira ou de outra, são itens de alta prioridade para o aconselhamento. E, uma vez que nem tudo pode (e não deve) ser feito no aconselhamento, as sessões pode cessar quando esses itens tiverem sido tratados a contento. Mas isto também expressa alguma arbitrariedade. Os conselheiros não deveriam se preocupar com di-

ficuldades potenciais (talvez não tão óbvias, mas não menos reais e sérias) que os consulentes possam enfrentar amanhã? Não estaria o conselheiro comprometido em apresentar tanto medidas preventivas quanto remediais? De fato, ele não quer esperar até que o consulente experimente estas dificuldades para, só então, ajudá-lo, não é mesmo? Isto pode incluir muito material para manter o consulente nos trilhos nos anos seguintes. Qual é a resposta básica a esta pergunta?

A resposta nasce do fato de que é interesse do conselheiro não apenas ajudar o consulente nas dificuldades imediatas apresentadas (e descobertas) durante o curso regular das sessões de aconselhamento. Além disto, o conselheiro deseja ensiná-lo como generalizar os princípios da solução bíblica de problemas, do crescimento espiritual e do viver cristão, que são inerentes nas soluções que eles alcançam juntos no aconselhamento, a todos e quaisquer problemas futuros que possam surgir. Além de ensinar o consulente a como evitar erros futuros (e o que fazer para remediar quando não conseguir evitar o erro), o conselheiro deseja ensinar os princípios bíblicos e a metodologia para o consulente lidar com dificuldades ainda desconhecidas que ele certamente encontrará. Esta postura é básica a todo bom aconselhamento.

A postura à qual me refiro, nasce e se corresponde com a maneira que o próprio Deus lida conosco em sua Palavra. A Bíblia não é um catálogo ou enciclopédia de todos os problemas possíveis com as respectivas soluções ao lado de cada um deles. Antes, trata-se de uma coleção de livros contendo princípios que cobrem todo o viver, junto com um grande número de situações de vida que demonstram como estes princípios podem ser aplicados e postos em prática.[197] Algumas vezes, como resultado deste fato, a situação que a pessoa enfrenta no aconselhamento é tratada em detalhes (cf. a discussão do estilo de vida da esposa de um marido não salvo – 2Pd 3). Outras vezes, é necessário arrazoar a partir dos princípios bíblicos gerais e exemplos bíblicos não precisamente iguais aos que o consulente enfrenta.

197 Naturalmente, a Bíblia é *mais* do que isto; mas é isto também. Geralmente, os princípios permeiam as situações de vida discutidas.

Ele deve aprender a usar analogia, imaginação (dentro destra estrutura) etc.

Consulentes devem estar cientes destes fatos e devem ser ensinados sobre a metodologia bíblica para quando for necessário usar a Bíblia nas situações do cotidiano.[198] O conselheiro sabe que é hora de terminar as sessões de aconselhamento quando descobre que seu consulente aprendeu a generalizar tudo o que aprendeu na solução de problemas específicos tratados durante o aconselhamento, aplicando *por si só* estes princípios às situações que enfrenta. Ele sabe que quando o próprio consulente começa a descobrir como usar a Bíblia para resolver problemas, o aconselhamento chegou ao fim. Logo, a resposta à pergunta: "Quando o aconselhamento termina?" é esta:

(a) quando problemas proeminente e debilitantes (ou os que assim se apresentam durante o aconselhamento) foram resolvidos biblicamente;
(b) quando o consulente por si só começa a usar os princípios aprendidos para resolver certos problemas, para resolver outros;
(c) quando ele aprende o que fazer para evitar erros futuros e como remediá-los quando não consegue evitar cometê-los, e
(d) quando ele aprende a usar a Bíblia para resolver problemas que surgem; então – e somente então – o aconselhamento pode ser encerrado. Agora, vamos à outra questão.

Já mencionei, falando sobre isto, o problema do determinismo no pensamento Freudiano e Skinneriano e seu efeito viciante sobre a responsabilidade humana. A posição de cada uma destas filosofias (e é isto que *são*) opõe-se seriamente ao conceito bíblico de responsabilidade, no sentido de que se constitui uma negação última da singularidade do homem; esta posição não deixa espaço para a verdade da imagem moral de Deus no homem. Nesta base, o homem não é uma criatura moral – não é melhor que um animal, dependendo das circunstâncias, outras pessoas e

198 Para ajudá-los nisto, ver "The Use of the Scriptures in Counseling," in: *Lectures* e *Four Weeks with God and Your Neighbor.*

um ambiente impessoal. O homem é orientado às suas decisões por forças totalmente irracionais. "Mas", você pode estar pensando, "o que dizer do determinismo bíblico da preordenação e predestinação de Deus – isto não nos levaria ao mesmo resultado?"[199] A resposta é um sonoro "Não!"

"Não? Como assim?"

Calma, por favor! Deixe-me explicar. Primeiro, predestinação é ação de um Deus soberano, onisciente, que é um ser pessoal racional, não uma força irracional ou conjunto de contingências. Isto faz toda diferença.

"Como?"

Em pelo menos duas particularidades:

(1) Deus é todo-sábio, todo poderoso e conhece todas as coisas. Isto significa que ele é capaz não somente de planejar o futuro (todo o futuro de todas as suas criaturas e de toda sua criação) mas também de o fazer de tal maneira que não viole suas personalidades e liberdade para fazerem escolhas responsáveis dentro dos limites destas personalidades. Isto, naturalmente, é o que significa liberdade pessoal. Uma pessoa nunca será livre para ser o que não é. O próprio Deus é limitado (como nós o somos) pelo que ele é. Por exemplo, Deus não pode agir de modo contrário ao seu caráter; não pode fazer algo que seja inconsistente com sua própria natureza. Isto significa que quando Paulo diz em Tito 1 que "Deus... não pode mentir", ele está dizendo que Deus está limitado por sua personalidade absolutamente verdadeira. Mas a autolimitação – ser limitado pelo que se é – naturalmente, equivale à perfeita liberdade. Trata-se da liberdade para ser e fazer o que ele deseja (no caso de Deus, infinitamente). Portanto, ao predestinar os atos de cada homem. Deus o fez *de tal modo* que preservou a liberdade moral humana. Ele determinou efetuar sua vontade decretiva sem violar, mas usando, a responsabilidade humana para a realiza-

199 Predestinação, naturalmente, é uma doutrina bíblica. O termo *proorizo*, é bíblico, e significa "marcar com antecedência" ou "estabelecer anteriormente os limites", "determinar antes" (cf. At 4,28; 8.29,30; Ef 1.5,11; 1Co 2.7).

ção desta vontade. Ele determinou não apenas os fins, como também os meios. Um desses meios é a escolha humana.

Um paralelo, um tanto quanto análogo a este fato, é encontrado na inspiração das Escrituras. Os escritores que redigiram cada palavra das Escrituras, frequentemente não o fizeram como secretárias, recebendo ditados diretos (embora algumas vezes tenha sido assim). Em vez disso, em seus próprios estilos e vocabulários, escreveram o que pensaram ser apropriado às igrejas e pessoas nas situações reais da vida. Mas o Espírito Santo assim superintendeu todo o processo (incluindo o desenvolvimento de seus estilos, vocabulários e pensamentos, juntamente com as circunstâncias nas quais viveram) no sentido de que aquilo que escreveram era ao mesmo tempo exatamente o que o Espírito queria que fosse escrito. Ele operou de tal modo em tudo que ocorreu que (a) preservou a liberdade e personalidades e as usou (b) para produzir um Livro (na verdade um conjunto de livros) perfeito, absolutamente livre de erros que diz precisamente o que ele pretendia que dissesse. O resultado foi que o Evangelho de João, por exemplo, é tanto um escrito de João quanto Palavra de Deus. De modo semelhante, a predestinação divina das escolhas e comportamento humanos de maneira nenhuma preclui a liberdade de escolha humana e sua responsabilidade por tal escolha.

(2) Deus é um ser pessoal e, como pessoa, criou o homem à sua imagem. Um dos aspectos da personalidade é a moralidade. Deus é um ser moral (ele não pode mentir; está interessado no que é certo e errado, na verdade e no erro. Ele estabelece os padrões para isto de acordo com sua própria natureza). Portanto, diferente de visões que postulam forças deterministas, impessoais como a base de motivação e escolhas humanas (Freud, Skinner, *et al.*), a Escritura fala de um Deus pessoal, moral, racional como o Deus que preordenou todas as coisas. Este Deus pessoal, beneficente determinou realizar sua vontade, não à parte de, ou em violação da liberdade humana de escolha, mas através desta. Sua predestinação, portanto (diferente do acaso, das forças ateológicas, cegas, impessoais,

etc.), é precisamente o que sustenta e preserva o comportamento moral responsável na vida humana.

É impensável (para não dizer antibíblico) supor que Deus frustraria seus próprios planos e propósitos ao designar um plano para governar todas as suas criaturas, e todas as suas ações, e que destruísse a responsabilidade e imputabilidade dessas criaturas. Ele não faria isto; antes, ele os criou à sua própria imagem. De maneiras que não nos são totalmente compreendidas, Deus tanto predestinou suas vidas como as mantêm responsáveis pelas vidas que levam. Este é o importante equilíbrio que todo conselheiro deve subscrever.

Logo, se é assim, tudo isto tem a ver com o aconselhamento. De fato, tem muito a ver com no aconselhamento. Mas, preeminentemente, significa que o conselheiro pode afirmar a responsabilidade do homem em cada ponto em que a Escritura o faz, com a firmeza que nasce da convicção de que Deus tem declarado o homem responsável diante dele por seu comportamento. A predestinação divina, portanto, fortalece a doutrina da responsabilidade humana, provendo o único fundamento verdadeiro para ela: a vontade de Deus. Nem a hipótese evolucionista Skinneriana, nem o determinismo social Freudiano poderiam estar certos, por serem contrários ao que a Escritura declara ser verdadeiro – Deus criou e mantém o homem como ser responsável.

"Mas, o que dizer da inabilidade do homem não-salvo em cumprir os requerimentos morais de Deus?"

Isto não faz diferença. A falta de capacidade, em si, é o resultado de um ato moralmente responsável. A presente habilidade do homem não é a medida de sua responsabilidade. Mas até mesmo o não-salvo não deve ser visto como limitado pela predestinação de Deus, de modo que suas escolhas, decisões e natureza sejam violadas. Os descrentes também agem de acordo com suas naturezas (pecaminosas, naturalmente). Mas, assim como o homem rico (descrito por Jesus na parábola) os que não se arrependem não protestarão má vontade da parte de Deus, mesmo quando

estiverem sofrendo no inferno. Antes, como ele, reconhecerão sua própria responsabilidade (Lc 16). Nenhum homem não-salvo sente qualquer compulsão externa para viver e fazer escolhas. Todo pecado que ele comete, foi por ele desejado; ele terá de reconhecer isto como verdade. A predestinação divina não força ninguém, nem mesmo o pecador a pecar e o justo a obedecer. Isto acontece, lembre-se, porque Deus determinou também os fins e não somente os meios. Tudo que Deus quer que aconteça, acontecerá, mas através (e não à parte) da agência humana responsável. Isto, também, foi determinado; portanto, não poderia ser de outra maneira.

4. Adão Foi Criado como um Ser social.

Adão não foi criado para um viver solitário, isolado. Desde o início, sua capacidade de comunicação, sua habilidade para a linguagem, seus passeios e diálogos com Deus na viração do dia, e o expresso interesse de Deus de que ele não permanecesse sozinho (Gn 2.18) são evidências explícitas do aspecto social da natureza humana. Este aspecto social não poderia ser satisfeito pela comunhão somente com Deus (à parte de um dom especial – cf. Mt 19; 1Co 7) ou somente com outro ser humano. Deus determinou criar um ser que gozasse de comunhão em ambos os planos, vertical e horizontal. A capacidade do homem para a comunhão era abrangente. Ele podia comunicar-se verbalmente (bem como através de suas outras faculdades perceptivas), podia dar e receber amor no relacionamento com outros. O homem foi feito para amar a Deus e aos seus semelhantes. Tendo sido corrompidas pelo pecado, pervertidas e destruídas todas estas maravilhosas capacidades sociais, tudo lhe foi removido, de modo a não restar ao homem nenhum vestígio de suas capacidades originais. De forma distorcida, pessoas não-salvas desejam e tentam cumprir estes desejos por contato social. E até mesmo os homens "maus" (note a avaliação de Cristo sobre o homem fora de um relacionamento adequado com Deus) sabem como "dar coisas boas a seus filhos" (Lc 11.13). E ainda assim, as melhores tentativas do homem não conseguem atingir o padrão por Deus designado, quando criou o homem, não apenas para glorificá-lo, mas também para "gozá-lo para sempre". Sua maior aproximação da comunicação, comunhão e amor

bíblicos, todos falham na tentativa de atingir o padrão da Escritura. Mas o fato da natureza social dos seres humanos é, entretanto, evidente em todos estes desejos e tentativas.

É (mais uma vez) somente o cristão que, em seus relacionamentos com Deus e com o próximo, em seu relacionamento com outros membros da igreja de Cristo e em seu amor para com seu cônjuge, pode começar a experimentar aquilo que o homem deveria ser socialmente, como originalmente designado por Deus. Somente na realidade do "novo céu e nova terra, onde habita justiça, o homem se sentirá em casa" (2Pe 3.13), somente ali seus relacionamento podem ser completamente experimentados. A tarefa do conselheiro cristão é ajudar no processo de crescimento cristão agora, ajudando-o a se tornar tão completo quanto possível nesta vida.

A área social é tão grande para o conselheiro cristão, que explorá-la aqui me parece uma frustração sem esperança. As poderosas questões de amor a Deus e ao próximo (ver um material relevante sobre esse assunto em Competent), da comunhão da igreja em todas as suas ramificações e dos relacionamentos conjugais e de família, emergem aqui, assim como as questões do relacionamento do cristão com os não-cristãos. Muitos outros movimentos e instituições cristãs poderiam ser revistos ao considerarmos o aspecto social. Mas cobrir tudo isto significaria escrever muitos volumes (não apenas este). Claramente, então, isto estaria muito além de nosso escopo. Algo que pode ser feito, porém, é apontar alguns livros especializados, como Christian Living in the Home (no qual trato de muitos aspectos do casamento e da vida familiar) e How to Overcome Evil (no qual abordo o relacionamento do crente com descrentes, como desenvolvido por Paulo em Rm 12.14...). Em muitos outros livros tenho discutido um número de outras questões (ver especialmente o Manual). De modo que aqui, tudo que posso fazer é desenvolver (de modo quase aleatório) alguns aspectos deste tópico que não explorei (digo, de modo satisfatório) em minhas obras.

Para começar, todo ascetismo que exclui a comunhão com descrentes ou limita a comunhão e os relacionamentos saudáveis com descrentes deve ser condenado. O segundo grande mandamento, "Amarás o teu próximo

como a ti mesmo", proíbe tal exclusivismo.[200] Em 1Coríntios 5.9-11, é estabelecida a fórmula apropriada para se manter os relacionamentos. Além do que, ser o sal da terra (uma influência preservadora) e a luz do mundo (uma influência guiadora) são duas manifestações do mandamento do amor ao próximo que ilustra a necessidade de estar entre os outros. A luz do cristão não pode brilhar diante do mundo quando ele se encontra enclausurado na cela de um mosteiro ou num "gueto" cristão protestante, onde sua luz permanece debaixo de um velador. Os relacionamentos sociais são necessários, portanto, para a realização da obra do reino e para que o cristão se torne a pessoa amável que Cristo deseja que ele seja.

As relações sociais (amizades fora do contexto familiar) também são necessárias para o nosso próprio bem-estar (e dos outros). O próprio Cristo "desejou ansiosamente" adorar a Deus *em comunhão* com outros (cf. Lc 22.15). Uma das dificuldades que ele enfrentou foi a solidão de não ser compreendido.

Níveis de relacionamentos sociais devem existir (não estou pensando unicamente nas distinções delimitadas em 1Co 5.9-11, previamente citadas). Cristo pregou às multidões (e mostrou cuidado e interesse por elas – curou-as, alimento-as, ensinou-as). Estreitamente falando, ele desenvolveu um relacionamento mais estreito com os doze discípulos. A estes ele chamou de "amigos" (Jo 15.15; note, Cristo define um amigo como alguém com quem se compartilha interesses). Mas, Pedro, Tiago e João gozaram de um relacionamento mais íntimo com ele. Foram eles que Jesus levou consigo para o Monte da Transfiguração; somente estes o acompanharam ao Jardim do Getsêmane naquela última noite. E ainda, destes três, apenas um – João – era ainda mais íntimo. Ele ficou conhecido como "o discípulo a quem Jesus amava".

Assim, pastores (e outros cristãos) não erram ao desenvolverem níveis de amizade (quando feito dentro dos limites do saudável). O próprio Jesus dá o exemplo em seus relacionamentos sociais. Pessoas que não tem

200 Para uma discussão maior deste mandamento relativo ao amor próprio, veja o *Manual*, p. 142..., e *Matters of Concern*, p. 91...

amigos (ou que possuem apenas relacionamentos superficiais) precisam de ajuda. Os conselheiros devem procurar e detectar este problema, quando for o caso, orientar as pessoas com dificuldades em fazer e manter relacionamentos sociais profundos.

As palavras de Cristo em João 15.15 a respeito da amizade que consiste (pelo menos em parte, mas uma parte significativa) de relacionamentos nos quais é desejável e possível compartilhar interesses em um nível profundo, são de grande importância para os conselheiros. Em questionários e testes biblicamente construídos, ou simplesmente em dados colhidos nas sessões de aconselhamento, é significativo fazer perguntas do tipo: "Você tem duas ou três pessoas próximas o bastante para que você possa se abrir com elas?" É praticamente uma regra o fato de que todo consulente que responde negativamente, está enfrentando problemas nesta área.

Ajudar uma pessoa a resolver seus problemas sociais, porém, pode ser muito diferente de ajudar outra. As causas por trás de cada problema podem variar de uma pessoa para outra, de um problema para outro. Há um sem número de possíveis dificuldades (ou combinações delas). Um consulente pode, por orgulho (e esta é a dificuldade por trás de muito do que se chama *timidez,* incidentalmente) pode se recusar a permitir que se aproximem dele e compartilhem seus interesses. A causa do embaraço em tal conhecimento é elemento chave a ser procurado (naturalmente ele pode ter algum segredo que o torna culpado e que não quer que seja descoberto). Outro consulente pode ser avesso a amizades e associações de proximidade, por ter sido vítima, no passado, da traição de um amigo que expôs publicamente (ou tirou proveito da situação) intimidades que ele compartilhara em regime de confissão. Ele está "escaldado", pois queimou-se uma vez e não deseja passar por aquilo novamente. Um terceiro consulente pode, simplesmente, ser inexperiente e inconveniente para fazer e manter amizades profundas. Ele pode não saber (1) o que uma amizade envolve, (2) onde encontrar amigos, (3) como se deve estabelecer ou (4) manter amizades, etc. Assim, enquanto existe um problema social comum - com seus efeitos nocivos comuns – não há nenhuma causa para ele. Cada caso

deve ser examinado separadamente ao se coletar cuidadosamente dados, lendo-se os resultados das tarefas dadas aos consulentes, etc., para se descobrir suas próprias raízes particulares. A causa levará à cura.

Talvez as maiores áreas de interesse nos problemas sociais hoje (entre conselheiros cristãos) tem a ver com comunhão cristã e casamento cristão. Vivemos numa era em que o mundo fala cada vez mais de *alienação*. As pessoas são vistas como seres sociais (como, de fato, temos visto que são) que não se engajam em relacionamentos íntimos com outros. Muitas das doenças de nossa "sociedade" são atribuídas a esta alienação das pessoas de umas para com as outras. Tentativas de todas as espécies (grupos de autoajuda, encontros de casais, etc.) tem sido feitas em programas destinados a servirem de pontes para as lacunas nos diversos níveis. Mas os cristãos sabem que tais esforços não nos darão a resposta. Conselheiros cristãos sabem que a resposta, por sua vez, encontra-se na boa e velha comunhão cristã e nos casamentos cristãos que funcionam adequadamente. É aqui que o compartilhar das intimidades devem acontecer. Pecadores convertidos desenvolvem e perseguem caracteristicamente essas áreas de relacionamento muito inadequadamente.[201] Ainda assim, as alegrias experimentadas em ambos os relacionamentos (algumas vezes breves e frequentemente maltratados) dão alguma promessa de como serão os relacionamentos sociais impecáveis na eternidade e que podemos (cada vez mais) começar a experimentar aqui.

Vamos a um exemplo. Vivemos hoje no que tem sido descrito como uma sociedade sem raízes. A mobilidade é a principal responsável por isto. Muitas pessoas permanecem numa comunidade por um breve período de tempo; então, mudam-se. Isto deve ser uma experiência verdadeiramente traumática para muitos crentes. Como podem desenvolver novas amizades e associações? Quanto tempo levarão para fazê-lo, se é que isto é possível? Tais questões danificam as famílias em nossos dias. Mas os cristãos são uma família, que cruza as fronteiras do país e ao redor do mundo. Onde

201 Mais auxílio deve ser dado numa forma organizada, sistemática, para capacitá-los a descobrirem como vencer este problema.

quer que um cristão se encontre, ele pode unir-se imediatamente a outros cristãos, ao visitar uma igreja e desenvolver novos relacionamentos com seus membros. Que diferença isto faz!

A comunhão cristã foi um assunto muito importante no Novo Testamento. Os apóstolos enviaram saudações em suas cartas a indivíduos e igrejas a fim de promoverem a comunhão, viajaram de uma cidade a outra para fortalecer os vínculos de comunhão entre irmãos de vários lugares, escreveram cartas inteiras sobre hospitalidade (2 e 3João), etc.

Adão era um ser social, assim como toda sua posteridade. Em seu povo, a família de Deus, nosso Criador e Redentor nos tem provido o que necessitamos. Cristãos *alienados,* portanto, devem ser encorajados a fortalecerem seus vínculos com outros membros do corpo. Nem sempre os conselheiros percebem a importância desta ênfase; mesmo assim, é uma constante na Bíblia (a Escritura simplesmente enfatiza os vários aspectos benéficos da comunhão cristã nas passagens de "uns aos outros"). Alienação é uma consequência do pecado. É possível entender essa alienação do homem em relação ao próximo quando se entende a alienação básica do homem para com Deus que existe entre os descrentes. Mas entre os cristãos, que foram reconciliados com Deus, não há razão para isto; o cristão que se aliena, não pode culpar a ninguém por isto, a não ser a si mesmo. Deus nos tem dado oportunidades quase ilimitadas para a comunhão.

Há momentos em que o conselheiro deve dizer ao consulente. O "cristão lobo solitário" está pecando. Ele peca contra Deus, contra o corpo, contra o mundo e contra si mesmo. A vida de um eremita ou recluso nunca pode ser tolerada (ele está se negando a obedecer o segundo mandamento). Além disto, esta atitude pode levar a outros problemas que podem requerer aconselhamento. Quão importante é, portanto, para os pais, professores de escolas cristãs, líderes de jovens, etc., de maneira preventiva fazerem tudo que for possível para conterem esta atitude desde a mais tenra idade, tão logo seja detectada.

O casamento cristão oferece o mais íntimo de todos os relacionamentos sociais puramente humanos. Em nenhum outro lugar há tanto potencial e oportunidade para a intimidade quanto no casamento cristão. E em nenhum outro lugar o contraste com a alienação do mundo é tão evidente. O casamento no mundo ocidental encontra-se em sérias dificuldades (eu quase disse caos). A verdadeira intimidade é virtualmente desconhecida. Ainda assim, o propósito do casamento é companheirismo (cf. Gn 2.18 com Pv 2.17 e Ml 2.14). Uma cuidadosa exegese destas passagens bíblicas mostrará que o casamento é *uma aliança de companheirismo.*[202]

Companheirismo se constitui, portanto, o relacionamento fundamental entre o marido e sua mulher. Este companheirismo deve ser cultivado. Ele não se desenvolve automaticamente pelo simples fato de duas pessoas viverem sob o mesmo teto. Elas devem ter em comum algo a respeito do qual possam se desenvolver juntos mais e mais. A única coisa durável o bastante para prover isto é a fé em Jesus Cristo.

O casamento, *fundamentalmente,* não foi designado para permitir a propagação da raça. Os animais procriam muito bem sem a instituição do casamento; é óbvio que a vida humana também poderia se propagar da mesma forma. Animais copulam; humanos se casam. Há uma distinção vital entre os dois. Na cópula nenhum compromisso há, além do cumprimento do intercurso sexual (embora os animais possam instintivamente conduzir outros rituais de vida familiar). Mas, ao instituir a aliança[203] de companheirismo Deus demanda mais do relacionamento humano. No casamento deve haver uma unidade de pessoas numa intimidade (que realmente *inclui* a união sexual e a propagação da geração) que (acima de tudo) requer o compromisso de ambos, marido e mulher (note mais uma vez Pv 2.17; Ml 2.14, onde ambos estão unidos, em termos semelhantes, por esta aliança; cf. também a igualdade da responsabilidade em 1Co 7.4) de prover

202 N.B., o aspecto pactual acompanha o tema do companheirismo. Note também que em Gn 2.18 a criação de Eva é descrita como a resolver o problema da necessidade de companhia do homem: *"Não é bom que o homem esteja só".*

203 Uma aliança é um elo, um acordo solene que envolve sanções sobre as partes que violam, e bênçãos sobre os que guardam, seus termos.

a necessidade de companheirismo um do outro. Esta intimidade deveria ser tão completa que nem as roupas deveriam separá-los (Gn 2.25) e eles se tornariam "uma só carne" (Gn 2.24).

A expressão "uma só carne" tem sido muito mal interpretada como referência direta à união sexual. Certamente, um dos fatores incluídos no conceito de "uma só carne" é a união sexual, mas este não é o elemento principal, de significância inclusiva maior. A Bíblia usa a expressão "uma só carne" de maneira muito diferente (e.g., em Efésios 5.28-30, onde Paulo diz que os dois se tornam uma só carne, ao ponto de que tudo aquilo que o marido fizer à esposa, estará fazendo a si mesmo). À luz da interpretação de Efésios do Novo Testamento, a passagem de Gênesis 2.24 deve ser interpretada como significando "uma pessoa". E quando investigamos a terminologia Hebraica (da qual veio este emprego de carne), descobrimos que o termo tem precisamente este significado (cf. Gn 6.17; 7.22; 8.21, onde *"toda carne"* equivale com exatidão à nossa expressão *"todos"* em Português. As palavras *carne* e *corpo* não devem ser interpretadas *materialmente*, seja em Hebraico, seja em Português. Também, em Joel 2.28 (citado em At 2) a palavra *carne* significa *"pessoa"*. Assim, se os dois se tornaram *uma só carne,* significa que entraram num relacionamento tão próximo, tão íntimo, ao ponto de ser possível referir-se aos dois como "uma única pessoa".[204]

A resposta à alienação social humana (ou, como a Escritura descreve, "solidão"), portanto, é a intimidade (em diferentes níveis) na comunhão e casamento cristãos. Abertura de um nível de profundidade que resulta numa comunicação,[205] e interesse que transcendem o que existe em qualquer outro relacionamento humano – entre cristãos. Conselheiros devem afirmar esta esperança e estabelecer estes objetivos a seus consulentes.

---

204 A referência a Gn 2.24 em 1Co 6.15,16 (a única passagem realmente relacionada a sexo) pode inicialmente argumentar contra minha interpretação. Mas este não é o caso. Paulo novamente está falando da intimidade no relacionamento com Cristo (um *espírito,* v. 17) que é destruído pela prostituição, na qual o homem se torna *"um corpo"* (v. 17) com a prostituta (note que é diferente de uma *carne* e de um *espírito*), e cita Gn 2 (o conceito mais extenso: intimidade de unidade, abarca o mais estreito: intimidade de relações sexuais).

205 Ver seções sobre a comunicação em *Christian Living* e em *Competent.*

A tragédia de nossos dias é que forças *de todos os lados* reduzem e tentam minar o casamento. Conselheiros cristãos devem empenhar-se ao máximo, empregando todos os esforços para ajudarem os crentes a conseguirem o máximo de seus casamentos. É desse modo que podem tornar-se sal para os outros casamentos que se tem tornado insípidos. Um casamento cristão sólido proclama o relacionamento íntimo existente entre Cristo e sua igreja (o modelo para o relacionamento conjugal cristão – cf. Efésios 5 – que, por sua vez deveria exibi-lo também). Para mais estudos bíblico sobre o casamento, recomendo meu livro *Christian Living in the Home* e (para assuntos relacionado a relações sexuais no casamento) recomendo ainda *The Christian Counselor's Manual.*

Em um ponto o título deste livro, *Mais Que Redenção,* vem a lume (embora isto será discutido mais tarde, quando eu for tratar da doutrina da salvação). Quando conselheiros cristãos ouvem os trágicos relatos de casamentos despedaçados, eles tem uma esperança real a oferecer. Aos cristãos[206] os conselheiros podem dizer: "Entendo a gravidade da sua situação; não quero minimizar o problema. Porém, a solução que tenho para lhe oferecer em Cristo é muito maior que seu problema. Não somente não há problema tão difícil que Cristo não possa resolver, como também (1) Ele quer resolvê-lo para você, e (2) Ele o quer fazer de modo que lhe dê um casamento muito melhor, como você nunca teve antes. Estou interessado em consertar o casamento; reparar a confusão existente. Nosso objetivo no aconselhamento não pode ser nada menos do que um coração feliz! E você o terá, quando entender com propriedade sua relação com Cristo! A Bíblia ensina que 'onde abundou o pecado' (e em seu casamento isto certamente aconteceu) 'superabundou a graça'[207] (e é este o nosso objetivo)".

Assim, a Bíblia (em Cristo) estabelece esperança não meramente de um retorno ao estado anterior que foi perdido no casamento (não importa

206 Aos não-cristãos, naturalmente, eles podem dizer que a esperança encontra-se *do outro lado da porta.* Enquanto o consulente não vem a Deus através de Cristo, que é a Porta, infelizmente, não há esperança.

207 Rm 5.20b. Note como o conselheiro não deve minimizar o problema; antes, deve maximizar o Salvador.

o quanto tenha sido bom ou mau), mas esperança de algo que é superior a qualquer coisa que esse casamento tenha sido antes. Deus se agrada de transformar cruzes em coroas, de esvaziar túmulos para glorificar corpos ressurretos, etc. ele transforma tragédias em triunfos. Tomemos esta posição no aconselhamento. Sempre! Falaremos mais sobre isto no último ponto.

Ao concluir esta seção é importante notarmos que Adão – assim como os cristãos de hoje devem manifestar esse fato – foi reconhecido como uma criatura social. Uma das maiores tarefas do conselheiro cristão é ajudar na restauração e maior desenvolvimento dos relacionamentos saudáveis com outros.

5. Adão foi Criado Como um Ser Operário.

Como já vimos, Adão foi um ser material, espiritual, moral e social. Pois bem, *agora,* sendo todos os seres humanos são totalmente depravados (i.e., corrompidos em todas as áreas da vida, embora não totalmente corruptos em cada uma delas), devemos reconhecer que o homem desenvolve problemas em todas as situações da vida. Temos contrastado os mandamentos de Deus para o homem em Adão e alguns desses problemas. Conselheiros devem descobrir e ajudar os cristãos a encontrarem as soluções de Deus para os problemas causados pelo pecado. O trabalho não é exceção.

Trabalho não é resultado do pecado. Deus trabalha. Antes do pecado, Adão foi chamado a servir de companhia para Eva, a cuidar do jardim, nomear e dominar sobre os animais, subjugar a terra e propagar a raça humana. Tudo isto era trabalho – e foi planejado para ser um deleite. Se o homem não tivesse pecado, assim teria sido.

Havia uma *variedade* na obra que Deus o chamara para fazer. Várias espécies de atividades deveriam ocupar-lhe tanto a *mente* quanto o *corpo.* O trabalho envolvia *relacionamentos* com pessoas (incluindo Deus, *a pessoa* com quem devemos nos relacionar) e com a criação não-humana. Sua obra se relacionava a *toda* a criação animada e inanimada. Se Adão tivesse realizado todas essas tarefas, teria se tornado um *verdadeiro* atleta.

Toda essa obra deveria se realizar num lugar ideal, um ambiente muito agradável.[208] Uma vez que o dinheiro ainda não tinha qualquer significância para a vida humana (e, incidentalmente, isto mostra que o dinheiro em si não é o fator que produz satisfação no trabalho), é claro que um número de tarefas que Deus estabeleceu ao homem para fazer eram do tipo não-remunerado numa cultura econômica. É importante notar (e de ênfase aos consulentes, muitos dos quais identificam o *trabalho* apenas com as atividades que trazem renda) – que trabalho não é necessariamente associado ao ganho para a sobrevivência. Em muitas situações de aconselhamento, este importante princípio bíblico será aplicado.

A necessidade de trabalho – de ser criativo,[209] produtivo – é incutida ao homem: Adão foi criado para ser um trabalhador. Há um desejo inato de produzir. Mesmo hoje, a demanda científica com seu senso de curiosidade de desejo de aprender,[210] a edificação de casas, a decoração de interiores e a criatividade estética presente nas mulheres, etc., tudo isso manifesta os resquícios da natureza funcional original de Adão.

Não trabalhar, nunca é correto. Há, naturalmente, *tempo* para trabalhar e *tempo* para se divertir e descansar. Mas nenhum homem, mulher, criança (porque até mesmo o brincar pode ser considerado trabalho para crianças muito pequenas; pequenas tarefas escolares, por exemplo) devem ficar sem trabalho seis dias por semana. Deus nos ordenou que fosse assim. Quando não trabalha (e este é o problema com *muitos* consulentes – particularmente com os deprimidos) o ser humano se torna insatisfeito, infeliz e irritadiço (cf. 2Ts 3.8,10,12). Este senso de insatisfação nasce de duas fontes que, embora esteja relacionadas, são mutuamente exclusivas:

208 O pecado de Adão demonstrou com clareza que a rebeldia contra Deus não pode ser atribuída a causas genéticas (como temperamento) ou ambientais. Ambos, sua hereditariedade e ambientes eram perfeitos.

209 Não, naturalmente, no sentido primário da criatividade original de Deus, mas refletindo sua criatividade ao trazer novas e distintas realizações (para honrar a Deus) *a partir da* criação material. Somente Deus cira *ex-nihilo* (do nada).

210 Até o ponto em que toca Deuteronômio 29.29

(a) Física. O escritor de Eclesiastes observa que: "doce é o sono do trabalhador" (Ec 5.12). Nosso corpo e cérebro se tronam preguiçosos quando não trabalhamos. O ócio é continuamente denunciado no livro de Provérbios; Paulo, escrevendo aos Tessalonicenses, ordena que quem não quer (ele não diz 'quem não pode') trabalhar, que não coma (3.10). Ele denuncia a morosidade e vida *desorganizada* (palavra chave associada a pessoas que evitam o trabalho) daquelas pessoas.[211] O conselheiro deve entender a dinâmica aqui e trabalhar duro (mas também ser exemplo) neste problema.

"Porque, a despeito do que pensas, *tens* trabalhado muito. Quando vais deitar-te ao fim do dia, pouco tens produzido, e provavelmente terás que trabalhar com mais afinco se quiseres mais. Tens estado nervoso, preocupado, irado e insatisfeito contigo e/ou com os outros. isto traz certa tensão muscular. Mas por não fazeres nada fisicamente para *produzir* a descarga daquela energia muscular, teus músculos não relaxam. Eles foram, hora após hora, expostos a grande tensão, gastando energia *improdutivamente* e cansando você. Você tem ido dormir com os músculos ainda cheios de nós e que (*improdutivamente*) trabalharão toda a noite também! Não é de admirar que estejas muito cansado pela manhã.

"Quando se trabalha duro fisicamente durante o dia,[212] há um gasto de energia e os músculos relaxam. Por isso o sono do trabalhador é doce. Ele vai para a cama relaxado, com um senso de realização. Essa é a diferença entre o sentir-se cansado-satisfeito (Ec 5) e o sentir-se cansado-insatisfeito que estamos discutindo.

Mesmo uma pessoa confinada a uma cadeira de rodas (ou uma cama) pode gastar energia de modo produtivo em atividades proveitosas, como

211 Cf. 2Ts 3.6-15. O advérbio empregado no verso 11, *ataktos,* "desordenadamente," é um termo militar que se refere a soldados fora do alinhamento de marcha, etc. trata-se do viver caótico, desestruturado. Tais pessoas precisam desenvolver padrões de regularidade e ordem. Uma agenda de trabalho regular pode ajudar muito. Conselheiros enfrentarão vidas-*ataktos,* indisciplinadas, o que se constitui um problema de monta para o aconselhamento, frequentemente associado a outras dificuldades que ele ocasiona (Paulo nota como isso leva a pessoa a se tornar intrometidiça.

212 O trabalho intelectual produtivo é físico; também queima calorias.

escrever cartas e orar (mas o ressentimento, a ira, a ansiedade tendem a complicar fisicamente o estado do paciente, por razões já declaradas).

(b) Auto-Avaliação Negativa. Quando somos orientados a levarmos as próprias cargas (Gl 6.5, assim como a passagem de 2Ts 3 citada acima), e não fazemos assim, pecamos. A consciência[213] então desencadeia mal estar físico (e respostas musculares) com que a despertar-nos para a necessidade de mudança. A responsabilidade econômica associada ao trabalho e o mandamento de Deus para trabalharmos seis dias por semana, estabelecem plenas obrigações sobre nós, de modo que não podemos escapar desta realidade sem trazer miséria sobre nossas vidas. Conselheiros são conscientes do fato de que o "ocioso rico" (cf. a passagem de Gálatas 5) ou o "ocioso doente" (uma categoria mais moderna que se representa um grupo maior) são pessoas miseráveis, descontentes.

Aposentadoria (quando interpretada simplesmente como a cessação do trabalho e o início de um tempo de desemprego para a prática de hobbies, esporte ou outros interesses pessoais) é um conceito não-cristão.[214] Se (porém) a pessoa interpreta a aposentadoria como a mudança de um tipo de trabalho para outro, e a entrada numa nova fase de atividade produtiva (possivelmente a realização de muitas atividades não-remuneradas para a igreja de Cristo, coisas que ela nunca tivera tempo de fazer), isto é bom. Quando Deus manda o homem fazer "toda sua obra" em seis dias, ele se refere a mais do que uma única espécie de trabalho (não meramente trabalho remunerado). O trabalho que é biblicamente adequado e satisfatoriamente produtivo, quer seja remunerado, quer não, é trabalho. Fazer esse trabalho cumpre os requerimentos de Deus.

Quando um consulente diz: "Não tenho trabalho",[215] sempre respondemos, "Oh, mas você tem, sim." Quando ele pede uma explicação, respondemos: "Deus deu a você um trabalho – para trabalhar seis dias por semana! Você tem um trabalho. Por isso, dedique oito horas do seu

213 Sobre a consciência, ver o *Manual,* p. 74,75,86,95,123; *Competent,* p. 67-70.

214 Confira um material sobre isso em *Shepherding God's Flock,* vol. II, p. 110...

215 Ele quer dizer, naturalmente, um emprego remunerado. A resposta é calculada para ensinar os fatos acerca do trabalho e prover a dinâmica para obter um trabalho remunerado.

dia planejando e trabalhando para obter o emprego remunerado correto; você logo encontrará um. Os que fazem assim, *nunca* têm dificuldade de obter trabalho – e *rápido*".

A dedicação máxima ao trabalho, como descrito em Colossenses 3.22-4.1 (também em Ef 6.5-9) é vital para o trabalho cristão. Fundamentalmente, esse empenho consiste de: (1) Cristãos trabalham para Cristo, como seus escravos, (2) independente de quais sejam suas tarefas (desde que sejam legitimamente bíblicas), (3) independente de quem sejam seus patrões terrenos, (4) ou como eles sejam, (5) ou se reconhecem ou não seu trabalho e seus esforços, etc. (6) Portanto, os cristãos trabalham bem (na terra), (7) sabendo que Cristo vê e recompensará seus esforços, (8) e que ele nunca os tratará com dureza; (9) e eles nunca trapacearão, nunca plagiarão, nem murmurarão, (10) não trabalharão para agradar a homens, mas a Cristo (que vê todas as coisas). (11) No caso de patrões, devem tratar seus empregados com cordialidade, sem ameaças, (12) reconhecendo que eles também tem Alguém (no céu) sobre eles, (13) a quem prestarão contas sobre como o serviram neste mundo, (14) e lembrando que "o trabalhador é digno do seu salário" (Lc 10.7; 1Co 9.14, etc.).

O homem que se esforça para ganhar o máximo que puder fazendo o mínimo de trabalho possível, nunca encontrará satisfação no trabalho. Por esta atitude pecaminosa, ele transforma uma bênção dada por Deus num roubo oneroso. Esse homem trabalha *fundamentalmente* para ganhar dinheiro, em vez de trabalhar *basicamente* para agradar a Cristo (e, como subproduto, gozar as satisfações do trabalho). Tal pessoa faz do trabalho uma miséria para si pelo modo como o encara. Conselheiros deparam-se com isto com muita frequência ao tratarem com cristãos miseráveis. O trabalho de um homem em seus emprego (ou de um mulher em seu lar, ou de uma criança na escola) será agradável ou desagradável, de acordo com sua visão do trabalho e do modo como ele trabalha (veja novamento o primeiro dos princípios alistados acima).

O que dizer do trabalho na igreja, e (em particular) do uso dos dons designados a serem usados (alguns remunerados, outros não)no serviço

de Cristo naquele campo? Apenas *menciono* isto por causa de sua grande importância , para *lembrar* aos conselheiros este assunto crucial. Mas não repetirei o que já tenho falado num capítulo inteiro, onde discuto sobre os "Dons Que Diferem", no *Manual.*

Obviamente, meu tratamento muito superficial do trabalho neste capítulo é insatisfatório. Pelos menos cinco livros sólidos precisariam ser escritos (agora) sobre o assunto, para cobrir os vários aspectos deste assunto espinhoso, importante e (ainda assim) virtualmente não tratado.[216] A maioria dos livros escritos sobre o assunto não são sérios e não tocam no âmago das questões vitais (há muito) negligenciadas pelos conselheiros cristãos.

Assim, vemos como foi Adão. Ele foi criado para viver de um modo excitante, produtivo, que honrasse a Deus de maneira que lhe desse alegria e satisfação. Mas algo aconteceu – e isto é o assunto do próximo capítulo.

216 Esperando aqui que vários serão publicados como resposta a este apelo.

Capítulo 9

Aconselhamento e o Pecado Humano

A DOUTRINA DO HOMEM

O assunto que agora começamos a considerar é demasiado triste. De fato, trata-se da razão maior pela qual o aconselhamento *preventivo* existe (lembre-se que o homem foi criado como ser cujo bem estar dependia – até mesmo *antes* da queda de Adão – do conselho diretivo, orientador e preventivo de Deus. O homem recebeu este conselho no jardim e dele se beneficiou por meio da comunhão e comunicação que o conselho estabelecia com Deus. A vida humana depende da Palavra de Deus). O conselho foi sempre necessário *per se*.

Mas, assim como o trabalho (que se tornou pesado), o conselho também mudou a partir da queda, com o acréscimo de dimensões anteriormente desnecessárias. Depois da queda se faz necessário acrescentar ao repertório do conselheiro coisas como repreensão, correção, etc.[217]

A consideração do pecado e de seus efeitos sobre o ser humano, bem como as implicações disto para o aconselhamento trata-se de um enorme desafio que requer vários livros de muitas espécies (você provavelmente esteja cansado de me ouvir dizer isto, mas creio que seja importante não apenas advertir quanto à natureza incompleta deste capítulo, mas também

217 Se ou não haveria necessidade de *conselheiros* humanos, caso homem não tivesse pecado, é um caso hipotético. Adão *pode* ter aconselhado sua esposa como cabeça de seu lar; pode ser que tenham aconselhado seus filhos. Mas o *gabinete* de aconselhamento (assim como o *gabinete* de pregação) pode não ter existido (cf. Jr 31.34 onde condições mais ideais pareciam precluir tal necessidade). A ideia de que todo conselho é reprovador (como alguns erroneamente representam-me como ensino) deve ser corrigida por esta ênfase.

para solicitar ajuda de leitores que possam contribuir de alguma maneira ao nosso conhecimento e prática).

Agora, deixe-me dizer algo logo neste início. A noção largamente difundida (algumas vezes até por aqueles que deveriam saber mais), de que o aconselhamento noutético considera todos os problemas humanos como resultado direto de pecados particulares dos consulentes, é um erro crasso, uma lamentável representação dos fatos. Desde o início (cf. *Competent to Counsel,* 1970, p. 108,109) tenho declarado *claramente* que nem todos os problemas dos consulentes tem como origem seus pecados particulares. Na obra *Competent to Counsel* cito os casos de Jó e do homem cego de nascença (Jo 9).[218] Os que persistem em atribuir a mim certas opiniões das quais não compartilham tem certa culpa nisso. Tanto devem se informar melhor antes de falar e escrever (há material disponível para leitura – o aconselhamento noutético não é feito à toa!), ou deveriam investigar algumas de suas próprias convicções, geralmente aceitas como fatos (quando na verdade não passam de meras opiniões).

Embora toda miséria humana – incapacidades, doenças, etc. – remonte ao pecado de Adão (e sou firme ao declarar *esta* verdade bíblica), não se pode dizer que haja uma relação *quid pro quo* entre todas as misérias dos consulentes e seus pecados individuais. *Isto* eu nego prontamente. Isto *pode* ser verdade em um dado exemplo, mas não o será necessariamente em todos. Também não é verdade que todo o sofrimento que uma pessoa merece a alcançará nesta vida. Nem ainda que todo o sofrimento que uma pessoa padece nesta vida é culpa sua somente. Sofrimento, num mundo de pecado, vem a todos, de uma maneira ou de outra, na providência de Deus,[219] mas antes de investigar cada caso, isto é tudo que se pode afirmar sobre o assunto. Aparentes inequações (não exatamente assim da perspectiva da eternidade) pode ser solucionadas somente nos propósitos de

218 Ver também *What About Nouthetic Counseling?,* p. 29

219 Para mais esclarecimentos sobre isso, veja minha indicação da terceira assembleia da National Association of Nouthetic Counselors, Chicago, 1978, intitulada "The Suffering of Pain" (O Sofrimento da Dor). Gravações deste encontro encontram-se disponíveis em Christian Study Services, 250 Edge Hill Rd., Huntingdon Valley, PA 19006.

Deus, a quem não aprouve nos revelar todos os fatos que *gostaríamos* de saber. Temos conhecimento de tudo que *necessitamos* saber – o que nos é suficiente. A tarefa do conselheiro, portanto, é estimular os consulentes a

1. Confiarem na providência de Deus (1Pe 2.23; 4.19) e
2. Desenvolverem uma perspectiva adequada do sofrimento (que de acordo com 2Co 4.17 e Rm 8.18... flui da comparação e contraste do sofrimento presente com a glória eterna).

Corrupção

A Bíblia ensina que pelo pecado de Adão a raça humana tornou-se culpada e corrupta. Esta corrupção (ou depravação,[220] como a chamam os teólogos) é total. Mas quando falamos de total depravação devemos esclarecer que não estamos afirmando que todas as pessoas são tão más quanto o podem ser. Antes, a ideia subjacente à palavra *total* é a de que *em todas as partes e aspectos de sua vida o homem é depravado* – nenhuma área da vida humana escapa aos efeitos contaminadores do pecado. Quando falamos do homem interior (o coração) como corrupto ou enganoso e ímpio (cf. Gn 6.11; Ef 4.22; ver também Jr 13.10; 16.12; 17.9; 18.12; 23.17; 49.16 para um estudo da iniquidade no coração humano), fazemos eco com o pensamento de Jesus de que o coração humano (a vida interior) é um depósito (Mt 12.34,25) do qual brotam atos e hábitos pecaminosos (padrões de comportamento) (cf. Mt 15.18,19). Esta corrupção de toda a vida interior trata-se do aspecto não corporal do homem e que provoca doenças disfunções, injúrias e má formação em sua estrutura física, corporal. Falar dos efeitos do pecado sobre a alma humana como amoral, ou chamá-los de doença (a não ser, como na Bíblia, que se fale do pecado como doença apenas de modo figurado) é perder o ponto crucial de que a corrupção da vida interior é o que constitui o homem como filho (ou seja, alguém orientado por) da ira *"por natureza"* (Ef 2.3). Assim, Deus define o coração humano

220 A palavra inglesa para *depravado* ('Depraved') é derivada de termos que significam "irregular" ou "fora de prumo." A palavra corresponde ao termo bíblico para pecado, *Avah* que será estudado *infra*.

como *maligno* e *ímpio* (ver os versículos citados acima) e o descreve como contemplando somente a impiedade com a qual o homem encheu a terra e manifestações comportamentais desregradas (Gn 6.5). O dilúvio que enxugou os efeitos desta corrupção do coração na raça humana e sobre a terra e a confusão das línguas na torre de Babel (que também contribuiu para a distinção cultural conflitante) foram atos graciosos (mas também de juízo) porque restringiram a humanidade de combinar toda sua impiedade novamente.[221] Ímpios contra ímpios, sem que ninguém se entenda, uma intenção maligna contra outra, restringem o crescimento da impiedade, impedindo sua expansão a grandes proporções, como o foi no passado.

Mas o ponto a ser enfatizado aqui é simplesmente este – os que enxergam a corrupção do aspecto não corporal do homem como amoral.[222]

1. Não apresentam uma só evidência bíblica para esta posição e
2. Distorcem todos os dados bíblicos que declaram que a situação é tão drástica, ao ponto do velho coração precisar ser substituído por um novo "coração de carne" (Ez 36.25-27).

A imagem nas Escrituras é de que o coração (o *todo* da vida interior, e nenhuma outra vida é identificada na Bíblia) é *totalmente* corrupto – i.e., nenhum aspecto do coração humano escapou à corrupção. É extremamente perigoso, biblicamente (e por consequência, teologicamente) falar como se houvesse uma parte da natureza humana não afetada pelo pecado, mas também como não gerando pecado (no capítulo a seguir trataremos do corpo, habituado ao pecado e, sendo corrupto, gera atos pecaminosos – por enquanto, cf. Rm 6.16,19). Tudo no homem, portanto, foi afetado pelo pecado e é fonte de pecado. Os que veem no homem alguma área psicológi-

221 O reverso da confusão das línguas acontecido no Pentecoste (Atos 2) na instituição de um império Divino mundial, consistindo de pessoas de todas as nações, implica que a possibilidade da verdadeira união de todos que estão em Cristo sem tais efeitos é possível.

222 Não se encontra na Bíblia a menor *dica* de que haja no homem *outro* aspecto inorgânico amoral além de seu coração (assim chamado psicológico) que (como advogam os que creem desse modo) seja tão importante à vida. Se tal aspecto fosse tão influente, como crê Narramore (no livro "Psychology for *Living*" (Psicologia para a Vida), a Bíblia teria certamente algo a dizer sobre isso. Biblicamente, a ênfase deve ser *Bíblia* para a vida.

ca não corporal que, embora *afetada* pelo pecado, não *produza* pecado, não tem respalda das Escrituras. O coração, o homem interior, o aspecto não corporal do homem – em seu todo, sem exceção – é "enganoso e desesperadamente corrupto". O homem precisa de um novo coração.

Antes do homem receber o "novo coração" (Ez 36.25,26) que substitui o coração de pedra na regeneração (quando o Espírito Santo vem à vida interior e a transforma – cf. Ez 36.27; Rm 5.5; 8.10), é tão impossível ao homem entender quanto obedecer a Palavra de Deus (Ez 36.27; 1 Co 2). Mas o novo coração faz essa compreensão uma genuína possibilidade (cf. Ez 36.27). "Como resultado, agora é possível viver o tempo restante não mais na carne, seguindo os desejos humanos, mas obedecendo a vontade de Deus" (1Pe 4.2).

Desta corrupção interior nascem todas as atitudes, palavras e ações pecaminosas. O homem não é pecador porque peca; ele peca porque é pecador. Por natureza[223] (Ef 2.3) ele é pecador. *Nasceu* assim. A versão Berkeley diz, "... nasci em estado de pecado." Trata-se do pecado de Davi, não de sua mãe (ver Salmo 58, uma passagem paralela que esclarece ainda mais o ensino do pecado original). No Salmo 51.5 Davi afirma, "Eu nasci na iniquidade" (não por Deus, mas pelo processo de concepção que levou ao nascimento). Davi estava dizendo, "Fui *formado* como pecador." Em Gênesis 8.21 os seres humanos são declarados "ímpios" desde a "juventude" (*naar* = "infância" ou "juventude"; neste contexto significando apenas o primeiro sentido, de "infância"). Provérbios 22.15 declara que a estultícia está *ligada*[224] ao coração da criança (ninguém precisa ensinar uma criança a pecar).

A corrupção de toda a pessoa, mas especialmente da vida interior, é um tema dominante e essencial que todo conselheiro precisa conhecer, ensinar e sobre o qual deve fundamentar toda sua obra. Claramente, ele não

223 O legado que herdou no nascimento, o aspecto não-aprendido da personalidade.

224 A figura é de uma criança vindo ao mundo com a estultícia (i.e., comportamento pecaminoso em contraste com a sabedoria = comportamento sábio) ligada ao seu coração. Trata-se de uma parte inseparável do coração com a qual a criança nasce. O link está sempre lá. Somente a disciplina, criando as condições para o ensino sobre Deus e para a submissão a ele na salvação, pode erradicar a estultícia do coração.

pode esperar nenhuma mudança bíblica a partir de um velho coração, uma vez que deste procede unicamente o pecado. Logo, ele aconselhará somente os crentes (como foi dito anteriormente); aos descrentes ele evangelizará. Por outro lado, ele reconhecerá o tremendo potencial do novo coração. Ele não desistirá, pois estará tratando de pessoas verdadeiramente regeneradas (ou de pessoas que, pela profissão de fé, devem ser consideradas por ele como regeneradas); somente nessas pessoas há capacidade de entender e obedecer o conselho de Deus (Ez 36.27). O Espírito Santo que habita no crente torna isso uma realidade genuína. Ele enxerga as questões com absoluta clareza: se o aconselhamento é possível, ou se não. Não há meio termo. Nada há no homem não salvo, completamente contaminado pelo pecado, a que o conselheiro posa apelar. Seu único ponto de contato com pessoas não regeneradas é a corrupção moral. O conselheiro pode falar de pecado e da necessidade que a pessoa tem de um Salvador, além de orar para que Deus abra seu coração (outra expressão usada para regeneração em Atos 16.14, para falar do ato de Deus em dar um novo coração à pessoa regenerada) para que a pessoa entenda e creia. O conselheiro o terá dificuldade de aconselhar um coração novo, limpo, aberto.

Culpa

Mas também é verdade que o homem nasce culpado. O pecado de Adão foi de ordem representativa (Rm 5). Por ele "todos pecaram" (Rm 5.12 – o aoristo indica um ato final de Adão) e se constituíram pecadores (Rm 5.19). Até mesmo as crianças (embora não tenham pecado à semelhança de Adão) são consideradas culpadas (v. 14). Um homem (Adão) por um pecado (note que os versos 12,15,16,17,18,19, todos falam de uma pessoa e de um pecado) arremessou toda a raça humana, de todos os tempos, não somente na corrupção, mas também na culpa.

O salário do pecado é a morte (Rm 6.23 – o que inclui *todas* as mortes, seja espiritual, seja física), mas até mesmo os bebês recém nascidos (e os que não nasceram) morrem. Isto significa que são culpados do pecado de

Adão. Jesus Cristo não poderia ter morrido (pois não tinha pecado algum) a não ser que morresse (como de fato o fez) como sacrifício substitutivo, levando sobre si o pecado alheio (1Pe 2.24; Is 53, etc.) Adão, antes da queda, não podia morrer. A morte veio *como o resultado* do pecado de Adão (Gn 2.17; Ap 20.14). De modo inquestionável, portanto, a Bíblia ensina que todos são culpados do pecado de Adão porque ele foi representante de toda a raça humana.

É importante, nesta conjuntura, distinguir entre *culpa* e *senso de culpa.* Na linguagem e na literatura psiquiátrica, geralmente, não se faz distinção entre os dois conceitos. Pastores devem ter consciência desse fato quando leem esse tipo de literatura. Antigamente a palavra *culpa* sempre significava culpabilidade; mas com o advento da psicologia a palavra ganhou o significado de senso (ou sentimento) de culpa.[225] Devido a esta mudança no significado do termo, muitos que haviam mergulhando com profundidade na psicologia moderna e lido a Bíblia superficialmente, interpretaram a ideia de "senso de culpa" na palavra *culpa,* encontrada na literatura cristã. Os conselheiros cristãos devem esclarecer logo sua posição – o que creem e que uso fazem dos termos – sempre que estiverem discutindo sobre culpa. Mas, tendo a ideia de culpa como simplesmente *sentimento de culpa* permeado a linguagem moderna, também se faz importante esclarecer o termo para os próprios conselheiros, muitos dos quais poderiam, de outra maneira entender erroneamente o sentido da palavra culpa. É muito fácil, também, no caso de cristãos ecléticos, a leitura das ideias de culpabilidade na palavra culpa quando esta aparece em tratados de psicologia. Deve-se tomar sempre o cuidado para entender o uso que cada escritor faz do termo (em livros, capítulos ou até parágrafos – os escritores nem sempre são consistentes nesse assunto).

Como a *culpa* é a base para o sentimento de culpa (ou de sentimentos negativos como reação de uma consciência culpada – que é a real dinâmica envolvida) os Cristãos devem reconhecer:

225 Deve-se distinguir do mau uso Freudiano de *sentimentos de culpa* como uma frase técnica significando falsa culpa.

1. Que não é adequado tratar apenas de sentimentos226 (por meio de medicação, tratamento de choque, meditação transcendental, biofeedback, bebidas caseiras, etc.), e
2. Que pode ser perigoso fazê-lo (uma vez que pode resultar numa cauterização da cosnciência, como descrita em 1Timóteo 4.2 – cauterização da consciência é o resultado de deixar de ouvi-la). Os conselheiros cristãos, em vez disso, devem tratar da causa do problema.

A culpa do pecado original (culpa que nasce representativamente do ato de transgressão de Adão) pode ser removida somente pelo perdão judicial, representativo em Cristo (ver "Perdão" *infra*). A culpa do pecado real do cristão também deve ser tratada pelo perdão parental que Deus estende a todos so seus filhos em Cristo.[227] Naturalmente, culpa (e sentimentos de culpa) procedem de ambos.

Agora, no que tange a literatura psiquiátrica (como já foi dito) muito se escreve sobre culpa (significando *senso* ou sentimentos de culpa), sentimentos de culpa (a *falsa* culpa Freudiana), e os supostos danos que esse tipo de culpa pode trazer. Enquanto é possivel (de fato, altamente provável) que pecado não confessado e não perdoado, acompanhado de um profundo senso de culpa, por um longo período de tempo não seja prejudicial[228] (organicamente), o senso de culpa *per se* não acarreta danos. De fato, dores no corpo como resultado da consciência (depois de uma autoavaliação do que pode ter sido a violação dos direitos de outrem) pode e deve ser recebida como uma advertência saudável. A dor nas pontas dos dedos, provocada pelo contato com o forno quente trata-se de uma advertência desejável para que sejam preservados os dedos. A dor em sim não é um dano; antes, ela adverte quanto ao perigo envolvido que pode de fato

226 Ver *Competent to Counsel*, p. 94..., para uma discussão sobre como tornar a consciência menos sensível ao estímulo emocional.

227 Ver nota de rodapé em *The Christian Counselor's New Testament*, p. 14 (Mateus 6.12, 14,15). Murray diz: "...isto [justificação] deve significar que Deus constitui uma nova relação judicial para si mesmo em virtude de que a pessoa pode ser declarada justa aos olhos de Deus." John Murray, *The Imputation of Adam's Sin* (Grand Rapids: Eerdmans, 1959), p. 87.

228 Ver "Stress" em meu livro, *Update on Christian Counseling*, vol. 1 (Phillipsburg, N. J.; Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979).

trazer dano a alguma parte do corpo. Semelhantemente, quando estados corporais dolorosos e desagradáveis, de ansiedade, surgem como resultado de uma autoavaliação negativa devem ser bem vindos como alerta e advertência para que se mudem atitudes e ações. Da mesma forma, a consciência não produz dano, mas apenas adverte contra o que poderia levar a danos futuros.

Embora qualquer pressão no corpo possa se tornar estressante (portanto prejudicial) se a resposta estressante se prolongar por um período extenso de tempo (assim como os dedos seriam seriamente danificados se não fossem tirados imediatamente ao contato com a superfície quente), sérios prejuizos podem advir de simplesmente não dar ouvidos à voz da consciência, o senso de culpa. Mas isto é totalmente diferente de dizer que o senso de culpa seja um inimigo a ser eliminado (por meio de tranquilizantes, etc.). Fazer isto seria cometer um erro tão tolo quanto desejar que as terminações nervosas das pontas dos dedos fossem neutralizadas. O problema não é o mecanismo da advertência. A dor é amiga; os sentimentos de culpa (essencialemnte dolorosos, ou estados corporais desagradáveis) semelhantemente servem a um propósito benéfico. A dor dos mecanismos de advertência será desativada quando se dá ouvidos a ela, não quando a destruimos.

Em vez de atacar a dor ou focar nela) o conselheiro sábio reconhecerá que o senso de culpa nasce da culpa real (uma violação dos padrões de alguém) e só pode ser adequadamente removida quando se trata com a culpa (a violação) em si. Mascarar os sintomas não trará bem nenhum. Mesmo assim, em quase toda a medicina e aconselhamento atuais a prática tem sido desativar, debilitar ou até mesmo destruir o sitema de advertência.

Nesse ponto eu gostaria de fazer uma importante distinção. Primeiro, como já ensinei, a violação dos diretios alheios nos torna culpados de pecado real diante de Deus. Isto é verdade *até mesmo quando o padrão não exatamente bíblico* (e.g., crer que jogar baralho é, ou pode ser, pecado). Assim, os sentimentos de culpa surgem *apropriadamente* (não inapropriadamente – pois não há nada "falso" no sentimento de culpa) porque a pessoa que

joga baralho peca quando o faz. Ele se torna culpado diante de Deus (note bem) *não* porque o jogo de cartas seja pecado em ou de si mesmo, mas porque jogou *embora pensasse que era* (ou poderia ser) *pecado*. Ele violou o preceito estabelecido em Romanos 14.23. Note ainda, se o padrão estiver errado, há uma obrigação por parte do conselheiro, não apenas de tratar com o pecado (uma atitude de rebeldia contra Deus), mas também com o entendimento faltoso, equivocado, da Palavra de Deus. Em tais casos o conselheiro:

1. Deve chamar o consulente ao arependimento (deve tratar a culpa como real e o senso de pecado de maneira apropriada) e,
2. Deve mostrar ao consulente o que a Escritura realmente ensina a respeito do assunto em questão, a fim de fortalecer sua consciência.[229]

Desse modo, quando os conselheiros cristãos falam de culpa, eles se referem a culpabilidade (i.e., ação ou atitudes que tornam alguém passivel de julgamento) diante de Deus. Esta culpabilidade pode ser pelo pecado original ou por atos reais de transgressão praticados pelo consulente. Quando os mesmos conselheiros falam de senso de culpa, o que tem em mente é um desconforto corporal, doloroso, provocado pela consciência. Podem ainda falar de falsos padrões (ou de uma "consciência fraca" – por ser ativada por critériose e padrões não bíblicos), mas uma coisa que os conslheiros cristãos *não* podem aceitar é a noção de falsa culpa, que (como já mostrei anteriormente) é uma designação incorreta dos dois termos:

1. "Culpa" é usado como "sentimento de culpa" (ou senso de culpa).
2. "Falsa" é um termo usado para descrever situações nas quais há, de fato, culpa real.

Pecado

No começo deste livro eu me referri ao pecado como qualquer falha em se fazer o que Deus requer, ou qualquer transgressão do que Deus proíbe.

229 Mesmo na base de interpretação bíblica faltosa, há culpa real – o consulente *deve* ter desenvolvido melhores padrões de conduta.

Significa fazer o que Deus diz para não fazermos ou não fazer o que ele nos manda fazer. Pecado, portanto, é "falta de lei" (1Jo 3.4). Pecado é desobediência a Deus. No sentido oposto do que O. Hobart Mowrer e Karl Menninger tem a dizer sobre pecado, esta desobediência é *sempre* – primeiro a acima de tudo – relacionada a Deus. Menninger e Mowrer (dois psicoterapeutas que escrevem sobre pecado) redefinem o termo de modo a destruir seu significado. Para ambos, o pecado é uma realidade puramente horizontal; tem a ver com relações inadequadas, impróprias, com ofensas dos seres humanos de uns para com os outros. De fato, até mesmo os cristãos tem sido tentados a falarem do pecado primeriamente em temros de seus efeitos nas relações humanas – chamando-o, por exemplo, de *alienação,* etc. Mas acima de todas as dimensões de pecado (alienação ou separação é realmente uma delas) o pecado é uma afronta pessoal ao Criador. Pecar é dizer a Deus (nem sempre de modo consciente), "Quero fazer como me agrada, não importa o que tens ordenado".

Como já foi observado, o pecado possui muitas dimensões; trata-se de uma realidade multifacetada. Disto sabemos porque as Escrituras tratam o pecado de um ponto de vista multidimensional (na Bíblia, por exemplo, há mais de 17 termos distintos para descrever o pecado). Deus nos tem descrito de modo *muito* claro a realidade do pecado e de seus efeitos (algumas vezes as pessoas perguntam porque enfatizamos tanto o pecado; resposta: porque Deus assim o faz). Vamos considerar estas 17 palavras empregadas para descrever a realidade do pecado; cada uma delas nos dirá algo sobre o *ato* ou sobre o *efeito* do pecado, que o conselheiro cristão precisa entender.

1. *Termos do Antigo Testamento*
   A. *Avah* (lit., "inclinação" – cf. as pessoas "inclinadas" no livro *Longe do Planeta Silencioso*, de C. S. Lewis). Esta palavra é semelhante ao nosso adjetivo *torto* (i.e., fora do prumo). Descreve também uma chave danificada, que não se encaixa no cadeado. Tendo sido danificada, no sentido de ter o formato alterado, já não pode ser usada para a realização do propósito para a qual foi designada.

Assim o homem, designado para ser a imagem de Deus e honrá-lo *foi* (pelo pecado) alterado e danificado, de modo que *não pode* agradar a Deus (Rm 8.8). Ademais, o corpo foi desfigurado, mal formado e funciona com dificuldades. A mente do homem foi pervertida, etc. Nenhum ser humano funciona adequadamente como foi designado originalmente. O aconselhamento envolve o endireitamente das vidas, capacitando os crentes a funcionarem novamente do modo como Deus os designou. É (desta perspectiva) uma *restauração* (cf. Gl 6.1; a palavra *katartizo*, "restaurar" é utilizada para falar da reparação de ossos quebrados e do conserto de redes de pesca, *de modo que voltem a funcionar adequadamente*).

B. *Ra* (lit., "destruir, arruinar"). Aqui encontramos uma figura de destruição. A ideia é que a criação de Deus tem sido arruinada pela iniquidade. Geralmente, a palavra é usada para designar a *tribulação* que a ruina produz. O pecado traz tirbulação pela destruição de casamentos, pelos lares que são desfeitos, por careiras arruinadas, etc. Ambos, o *ato* e a tragédia dos *efeitos* são contemplados pela palavra *Ra*. O pecado deteriora. Tudo no mundo pecaminoso – casas, carros, até mesmo os corpos – terminam em ruinas. Desde o pecado de Adão os sers humanos tem vivido às voltas com o desgaste do mundo e da humanidade. O aconselhamento busca reverter esses padrões destrutivos da vida. Soluções construtivas para os problemas são encorajadas (Ef 4.29: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe [ou seja, a palavra destrutiva], e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem").

C. *Pasha* (lit., "rebeldia contra uma autoridade constituida"; "revolta"). Pecado é subversão; é rebelião contra Deus, contra sua lei, seu governo. Claramente,o que aconteceu no jardim foi uma tentativa de subverter o governo de Deus. O Pai das luzes tinha sido

rejeitado em detrimento do pai das mentiras. Aqui, neste termo, está o elemento *central.* O pensamento é "Não seja a feita a Tua vontade, mas a *minha!*" as modernas aspiração por autonomia no cientificismo, existencialismo, Rogerianismo, humanismo, etc., expresam o conceito essencial do termo. Este *desejo por autonomia,* tão presente em nossa geração, deve ser identificado e combatido pelos conselheiros, de outra sorte, eles terão falhado. No âmago, esta ênfase é rebelião contra Deus.

D. *Rasha* (lit., "agitação, confusão, perturbação"). A figura nesta palavra descreve alguém agitado, andando de um lado para outro, agitando outros, desarranjando as coisas, provocando confusão. Não há descanso; agitação é o pensamento nuclear. Pessoas agitadas, que correm para e de algo, *sem saber para onde ir* (a ideia surge com plenitude em Isaias 57.20,21). O aconselhamento bíblico guia e direciona. Este aconselhamento tem como principal interesse a estrutura bíblica – ordem e disciplina – da qual vem a liberdade e a paz de Deus. Sem este padrão, o homem não pode encontrar seu caminho; o aconselhamento (quando bíblico) aponta a direção.

E. *Maal* (lit., "traição, quebra de confiança, infidelidade"). Judas, um cônjuge adúltero, o pecado de Acã (Js 7.1; 22.20), todos estes encarnam as ideia essenciais inerentes ao termo *Rasha.* A palavra aponta para a natureza séria da quebra da confiança, da violação de um acordo de aliança, com Deus ou com o próximo. O pecado é um adultério espiritual; a quebra de uma aliança. Quando so conselheiros falham no reconheciemnto e na ênfase deste aspecto do pecado, eles negligenciam também a necessidade de confissão e de arrependimento. Reconciliação e paz com Deus são pré-requisitos essenciais para o aconselhamento de sucesso.

F. *Aven* (lit., "nulidade, vaidade, comportamento inútil"). A noção aqui é *esforço sem resultado;* a palavra se refere a um viver indigno, sem objetividade, inútil, improdutivo. O resultado último

de um viver pecaminoso é *aven* (cf. Pv 22.8). Os existencialistas declararam (corretamente) a vida (ou o viver sem Deus) como "absurda". É função dos conselheiros ajudar as pessoas a abandonarem "seus modos absurdos de pensar" (Ef 4.17). No lugar disto, devem encorajar seus consulentes a um pensar *renovado* (Ef 4.23) que elve a um viver com propósito.

G. *Asham* (lit., "culpa" por negligência ou ignorância). Quando uma pessoa cometia *asham,* ela deveria trazer uma oferta de *asham* (oferta pela culpa). Algumas vezes a palavra é associada à ideia de restituição. Nenhum pecado pode ser *ignorado;* todo pecado deve ser devidamente tratado – até mesmo os pecados por ignorância. Via de regra não é suficiente apenas a restituição para os consulentes, mas também o reconhecimento da culpa pelos pecados conscientes e ignorados.

H. *Chata* (lit., "erraro alvo, vagar, falhar"). Provavelmente, como seu equivalente no Novo Testamento, *hamartia, chata* veio a significar pecado (em termos gerais). É o equivalente do nosso termo *pecado*, em Português. Em ambos os termos, no Antigo e Novo Testamentos, a noção de não se conformar aos padrões de Deus, da falha em não cumprir suas exigências, é proeminente. A implicação é de um estado de culpa (a pessoa *deveria* ter acertado o olho do boi no alvo), usada frequentemente na confissão e tem a ver com *atos* de pecado em vez da *condição* de pecaminosidade. Todos os consulentes falharam no cumprimento dos padrões de Deus de conhecimento e de santidade; de outra sorte, não precisariam de aconselhamento. Amiúde, no processo, alguns esquecem e precisam ser relembrados desta verdade.

I. *Amal* (lit., "labor, tristeza"). Remontando à maldição de Adão e Eva, esta palavra enfatiza a ideia de que o pecado tornou a vida um fardo. Dor, angústia, o "problema do mal" estão associados a esta ideia. Tribulação, cansaço, esforço, são elementos de *amal.* É por isto que os conselheiros ecoam as palavras de Cristo, "tomais

sobre vós o mue jugo... meu fardo é suave". O pecado traz miséria e tribulação; a justiça simplifica e alivia o viver.

J. *Aval* (lit., "injustiça, parcialidade"). Esta é a palavra para iniquidade (o equivalente em Português está associado a inequidade, desigualdade. A figura é do rompimento com o que é justo, com a igualdade, como indicam os equivalentes em Português. O conceito fica muito claro em Malaquias 2.6, onde a palavra é contrastada com seus antônimos. O egoismo do pecado emerge aqui. É tarefa do conselheiro ajudar o consulente a focar em Deus e no próximo. Quando nosso interesse é o outro, tais problemas tendem a desaparecer.

2. *Palavras do Novo Testamento*

A. *Hamartia* (lit., "erra o alvo") corresponde ao termo Hebraico *chata* (q.v.). A flecha foi apontada com imperícia e errou o alvo. O que peca erra o propósito da vida. Mais uma vez este é um termo comum (geral) para o pecado no Novo Testamento. Mais uma vez é importante reconhecermos o lugar das Escrituras como padrão (e a vida de Cristo como cumprimento desse padrão) em relação ao qual a conduta humana deve ser aferida (Rm 3.23). os conselheiros devem não somente ajudar as pessoas a identificarem os alvos de Deus (o *que-fazer* das Escrituras), mas também mostrá-las como atirar com precisão (o *como-fazer* na aplicação bíblica). Os conselheiros são arqueiros instrutores, como foi Paulo (cf. 1Tm 6.20,21 NTLH).

B. *Parabasis* (Lit., "cruzar a linha de fronteria"). A palavra ilustra alguém ultrapassando uma linha proibida, desconsiderando o aviso de "Não ultrapassar", violando a linha que marca a propriedade. A palavra significa "ultrapassar". Deus é quem estabelece a linha dos limites; em sua insolência, o homem ultrapassa. No jardim do Eden Deus estabeleceu um sinal de Não ultrapassar, na árvore que estava no centro do jardim. O homem desconsiderou o limite determinado por Deus. Romanos 4.15 ilustra o uso do

termo. A natureza pecaminosa do homem o faz tocar na placa, para ver se a tinta realmente está fresca, mais uma vez, deconsiderando o aviso de Deus. Este desejo pervertido de fazer o que é proibido será encontrado com recorrência no aconselhamento.

C. *Anomia* (lit., "ausência de lei"). Os foras da lei são os que vivem como se Deus não tivesse proposto leis. Todo consulente é um fora da lei. A descrição em Juizes, de que "cada um fazia o que melhor lhe parecia aos próprios olhos" define muito bem essa atitude (Tt 2.14 éum uso típico). O grande autoengano do homem é acreditar ser seu próprio legislador; nenhum conselheiro pode se abster de falar sobre isso, de confrontar o consulente quanto a este engano. O choque no aonselhamento ocorre quando os requerimentos de Deus não agradam o consulente, que deseja viver como criminoso aos olhos de Deus. Conselheiros são homens da lei!

D. *Parakoe* (lit., "desobediência a um chamado"). "Johnnie", diz sua mãe; mas não se ouve nenhuma resposta. Assim também as chamadas (externas) de Deus são ignoradas. Cf. 2Coríntios 10.6 para o uso do temro *parakoe*. Os conselheiros ecoam as chamadas de Deus aos consulentes; eles relembram aos filhos de Deus suas obrigações, seu dever de ouvir a Deus, seu grande Pai. Os conselheiros ajudam os consulentes a responderem, mostrando-lhes como devem responder a Deus.

E. *Paraptoma* (lit., "cair" quando se devia estar de pé). A expressão "fracassar" capta bem as nuanças desta palavra. É como cair de Deus por nossa falta de dependência . Fidelidade, perseverança, confiabilidade, são qualidades que Deus espera de nós. O conselheiro deve buscar desenvolver estas qualidades nos consulentes.

F. *Agnoema* (lit., "ignorância" do que se deve saber). "Ignorância da lei não justifica ninguém", define com mutia exatidão essa palavra. Pessoas vão para o inferno por ignorância. Vidas, lares, relacionamentos, igrejas são arruinadas por causa de ignorância.

Cf. Hebreus 9.7; Cristo morreu por causa do que não sabíamos fazer (ou não fazer), mas deveríamos. Mais uma vez, no aconselhamento é necessário instruir os consulentes quanto à vontade de Deus como revelada nas Escrituras. A ignorância bíblica gera muitos problemas para o aconselhamento.

G. *Hettema* (lit., "defeito ou falha"). Quando tentamos dar a Deus uam parte de nossas vidas, tentamos compartimentar nossa fé ou separá-la de outras atividades, caimos nesse erro de *Hettema*. Deus deve ser o *centro* de tudo que fazemos. O estilo de vida dominical, do cristianismo de um dia por semana não cumpre o padrão de Deus; Deus é soberano sobre tudo. Tomar decisões na base do que parece melhor, em vez de considerar a doutrina bíblica, torna o aconselhamento defeituoso. Esse aconselhamento falhará nos pontos em que algo mais substituirá a verdade de Deus. O pecado tem como propósito destruir pelos defeitos. Os conselheiros devem enfatizar a necessidade do compromisso de *toda* alma, mente, forças, coração a Deus em *todas* as coisas. Pouquíssimos conselheiros têm uma noção deste problema e da solução de Deus para ele. Um defeito pode arruinar tudo.

Deste estudo parece evidente que o pecado assume muitas formas. Muitos destes termos falam de aspectos do *ato* (ou estado) do pecado, ao passo que outros falam de seus *efeitos*. Algumas destas palavras parecem transitar por ambos os territórios. De uma forma ou de outra, é evidente que o pecado possui muitas dimensões, todas as quais devem ser consideradas pelo aconselhamento.

Os conselheiros, conscientes da profundidade da descrição bíblica na natureza e exposição do pecado, podem procurar problemas a partir *de vários ângulos*. Por exemplo, quando alguém protesta, "Bem, eu nada fiz", o conselheiro geralmente pensa no pecado como uma plena afronta ao outro (*pasha*) ou algum outro ato grosseiramente pervertido (*avah*). O conselheiro, por outro lado, pode precisar dizer, "Eis o problema – você nada fez, quando era esperado que fizesse" (*asham, paraptoma, hettema,* ou

até mesmo *agnoema* podem cair bem nessa classificação, de a cordo com os detalhes de uma dada situação). Em outra situação, a ideia em *hamartia* (ou *chata*) pode se adequar melhor às circunstâncias: "Não basta 'fazer o melhor que se pode fazer'; Deus requer perfeição, e você falhou". Claramente, então, o conselheiro (que deve tratar continuamente do pecado em todas as suas formas) precisa estar atento sobre que figura bíblica do pecado aplicar em cada situação.

Miséria

Algumas palavras da lista acima descrevem vários aspectos da miséria que o pecado traz à vida humana. Não quero falar sobre isto de modo exaustivo, uma vez que já o fiz em minha discussão sobre o pecado na obra *Competent to Counsel* (ver especialmente as páginas 105-127). Para este momento é bastante considerar a questão sob um ângulo ou dois.

A miséria humana é o resultado do julgamento de Deus sobre o pecado do homem. Não havia miséria no jardim do Eden *antes* da queda, e toda dor, lamento, etc., serão eliminados no estado eterno (Ap 21.4). dor, tristeza e outras formas de miséria humana são resultados da maldição que veio sobre a humanidade após a queda.

Antes da queda o homem trabalhava – mas esse trabalho era pura alegria – e o trabalho significava cumprimento e satisfação. O trabalho não representava cansaço e fadiga. Quando a maldição foi pronunciada, Deus fez o mundo virar-se *contra* a espécie humana. O homem a partir de então só poderia conseguir seu sustento através de "trabalho penso" e "suor" (Gn 3.17,19). Espinhos e abrolhos (os espinhos foram, incidentalmente, usados para infligir sofrimentos e dores a Cristo, como aquele que levou sobre si o pecado e, consequentemente, levou também todos os efeitos da maldição em lugar de seu povo) cresceram para impor ao homem um trabalho com esforço. O trabalho tornou-se um fardo pesado, e ofuscou a a alegria e satisfação a ela antes associadas. Mas Deus não removeu inteiramente a satisfação da produtividade (cf. Ec 5.12). À alegria de trazer vida ao mundo

foram acrescentadas dores ao trabalho de parto (Gn 3.16), sem se falar dos riscos que agora envolvem mãe e filho.

Estes elementos não se constituem a plenitude da miséria experimentada como resultado do julgamento de Deus sobre a vida humana por causa do pecado de Adão. O pronunciamneto da morte como penalidade por comerem o fruto proibido não trouxe apenas a morte, mas com ela todas as misérias associadas, e para o descrente (e para o cristão não instruido) um aguilhão (algo a ser temido e evitado) e o medo que escraviza (cf. 1Co 15.56; Hb 2.15). Alienação de Deus e do próximo tornou-se real (Gn 3.8,10). O amor por Deus e pelo próximo abandonou o homem, etc. A miséria foi a terceira consequência do pecado de Adão.

Consideremos brevemente a dor. Dor em um mundo bom criado por Deus é inexplicável fora da realidade do pecado. Somente a culpabilidade pelo ato representativo de Adão nos provê uma base para entendermos e suportarmos a dor. Fora o problema do mal deste ponto de vista, você e eu descobriremos que há três respostas possíveis ao enigma da presenaça da dor no mundo criado por Deus. As primeiras duas devem ser rejeitadas; somente a terceira satisfaz o padrão bíblico para a relaidade.

1. Negação da realidade da dor e do sofrimento. A Igreja da Ciência Cristã (assim como o fazem certas religiões orientais) nega a existência da dor partindo de um ponto de vista panteista. Se tudo é Deus e Deus é tudo, a conclusão é que somos parte de Deus. Deus não sofre dor. Portanto, nós também não sofremos. Os cristãos rejeitam esa visão como não bíblica por vários fatores, dentre eles a negação explicita de que Cristo sofreu por nosso pecados.

2. Admitir a realidade da dor e do sofrimento, mas dizer que Deus quer, mas nada pode fazer a respeito. Este ponto de vista aparece nas obras de vários escritores que recusam aceitar a soberania de Deus como Criador e Sustentador do universo. Eles postulam (ora deliberadamente, ora não) a existência de uma segunda força (ou

pessoa), negativa, maligna, última como o próprio Deus. Mais uma vez, o cristianismo bíblico rejeita o dualismo desta abordagem essencialmente Zoroastrica, bem como antibíblica; Deus é o Criador e Mantenedor de todas as coisas (incluindo Satanás e suas atividades). Deus não deve ser confundido como que ele faz, com sua criação. Ele criou os lagos, mas não é um lago. Ele pode criar Satanás; mas não é como Satanás.

3. Admitir a realidade da dor e do sofrimento e dizer que Deus tratará de ambos. Este é o ponto de vista cristão. Embora não entendamos da vontade decretiva (ou última) de Deus, podemos afirmar isto e e deixar todas as explicações para a eternidade. Sabemos que na queda Deus amaldiçoou o homem com dor e miséria. Foi um ato de Deus. Ele é soberano sobre o sofrimento. A miséria humana foi apenas uma penalidade pelo pecado (o termo em Latim poena, do qual vem a palavra inglesa "pain" (Dor), significa, literalmente, "penalidade, punição". Esta palavra é, portanto, um reconhecimento e um lembrete da origem da dor na vida humana).

Os dois primeiros pontos de vista são eventualmente encontrados, de uma forma ou de outra, nas mentes dos consulentes. Perguntas do tipo, "Deus se importa comigo?" ou "Deus está realmente no controle?" ou ainda "Você realmente acha que um Deus bom permitiria isso se ele pudesse fazer algo a respeito?" revelam essa forma de pensar.

Uma negação objetiva da dor é coisa rara, mas os consulentes que procuram "manter uma atitude positiva" ou que minimizama a profundidade da tragédia humana ("Bem, poderia ser muito pior") chegam muito perto dessa atitude. A Bíblia não fornece apoio nenhum a qualquer negação da realidade da dor e do sofrimento (seja no todo ou em partes). A dor deve ser reconhecida por toda a miséria e amargor que ela pode infligir ao homem. Os conselheiros devem deixar isso muinto claro a todos os consulentes. Pessoas que sofrem dores, mas que diferentes do Senhor junto ao túmulo de Lázaro, tentam refrear ou sufocar suas emoções, estão erradas e alguém precisa lhes dizer isso. Jesus chorou. Alguns, ao considerarem

isto, entenderam seu choro como um ato de genuíno amor, em vez de uma expressão de fraqueza da fé. E assim acontece quando o amor é real e não restringido.

Em meio a uma séria perda e toda a tristeza que a acompanha, o cristão tem uma resposta sólida. Por causa desta esperança (esperança fundamentada na Bíblia não é esperança vaga, mas uma expectativa confiante) da redenção do corpo ele não sofre *sem esperança,* "como os demais que não tem esperança." Quando a barragem de Toccoa Falls se rompeu em 1977, inundando o Toccoa Falls Bible Institute afogando 39 pessoas, muitas das quais eram ciranças, o governo enviou psicólogos para ajudar os sobreviventes. Essa ajuda foi rejeitada como indesejada e desnecessária. Robert Nuttal, um dos psicólogos, relatou que a experiência tinha "mudado a maneira como os pesquisadores do governo enxergam as catástrofes de desastres naturais." Ele continou, dizendo que os cristãos de Toccoa, que tinham sofrido a perda de entes queridos:

> ... apresentavam uma saúde mental melhor do que as demais comunidades que estudamos e que, em sua maioria, não tinham sofrido baques tão violentos.

Ele explicou,

> Seu forte compromisso religioso deu-lhes um entendimento e uma explicação para o quie lhes tinha acontecido, coisa que as pessoas de outras comunidade não possuiam... Por causa do desastre de Toccoa, nos vimos obrigados a mudar nossa teoria sobre a inclusão de valores culturais na reação psicológica ao desastre.[230]

230 Já é hora para uma mudança assim, o que na verdade já deveria ter acontecido. A ideia de que a salvação das pessoas que sofrem faz uma grande diferença não é nova aos cristãos. Na obra *The Big Umbrella,* 1972, eu demonstrei que na dor a fé cristã "...faz a grande diferença entre esperança e desespero" (p. 73), e que Paulo ...distingue entre duas espécies de dor: dor em desespero e dor em esperança" (p. 75). No meu livro *Coping with Counseling Crises,* 1976, escrevi "...a teoria Grief Work de Lindemann não deixa espaço para distinções essenciais entre cristãos e não-cristãos" (p. 3). Quando o governo começar a enviar pregadores em vez de psicólogos, saberemos que o arrependimento será genuíno!

Ele continuou,

Mas enquanto a universidade sepultava seus mortos, os sobreviventes expressaram a fé de que a tragédia era de algum modo parte de um pano divino.[231]

Esta crença, Nuttal opinou,

...permitiu que os sobreviventes de Toccoa evitassem a hostilidade sentida pela maioria das vítimas de desastres naturais [i.e., afirmar a teoria de Lindemann não é a norma para os crentes].

Ele notou também que,

As pessoas de Toccoa eram mais fáceis de lidar do que as de outras comunidades. Eram dispostas e amáveis e menos hostis.

Nuttal citou um estudante (Thurman Kemp) que disse:

As pessoas [de fora da universidade] não conseguiam entender porque não havia mais tristeza, mais sofrimento e mais clamor.[232] [Kemp perdeu um filho de sete ano na inundação].

Kemp explicou,

Todas as coisas acontecem por um propósito e se Deus quisesse que a barragem se mantivesse firme, ele teria posto uma bandagem.

231 Contraste isto com a visão 2. Cf. *Coping with Counseling Crises*, p. 100 em diante.

232 N. B., embora a crença cristã não minimize ou elimine a tristeza, ela a *atenua*. A esperança e a fé fazem toda a diferença.

A participação da igreja tambpem foi fundamental na obtenção de recursos para ajudar os necessitados. A frase que mais resume isto é: "A Universidade Toccoa Falls encontra-se em boa forma psicológica".[233]

A admissão da realidade da profundidade da dor e do sofrimento humano, portanto, é balanceada pela fé nos sábios propósitos de Deus na providência. A visão de que Deus não pode ajudar não foi o que trouxe conforto aos sobreviventes de Toccoa; eles encontraram ajuda na afirmação da visão bíblica de que Deus está soberanamente operando seus propósitos, mesmo através de tragédias como a que ocorreu em Toccoa. A vida para eles tinha um propósito, não era uma realidade absurda. Ao interpretar o desastre biblicamente, eles encararam a experiência de modo diferente (e muito superior aos demais).

A razão para a experiência da miséria chama-se pecado. Mas por causa dos propósitos redentores de Deus em Cristo, a dor e o sofrimento têm sido santificados para o crente. Ao mesmo tempo que não perdem a noção do tema da penalidade e da punição que subjazem a *poena* (dor), os cristão sabem que Deus tem *aliviado* a dor e o sofrimento e desse modo tem extraído muito da miséria que há neles (que engendramos por meio de atitudes erradas em relação ao sofrimento). Esta foi a experiência de Toccoa. Muito mais deve ser dito a respeito disto, como relata o título deste livro. Por enquanto, farei um ou dois comentários adicionais.

Embora o tema da penalidade (*poena*) seja básico (e nunca deva ser perdido na discussão), fica muito claro a partir do livro de Jó que a dor não é sofrida numa proporção direta ao pecado de quem sofre (Cf. também Jo 9.1 em diante). Jó não era responsável pelo próprio sofrimento. O que aconteceu a ele, aconteceu para servir aos propósitos celestiais a respeitos dos quais temos simplesmente um vislumbre e o mais fugaz entendimento. Não se tratavam absolutamente de interesses fundamentalmente ter-

233 Artigo de Greg MacArthur da Associated Press, intitulado "Psychologists Baffled by Toccoa Survivors," ("Psicólogos Perplexos com os Sobreviventes de Toccoa") *Macon* (Ga.) *Telegraph and News*, 5 novembro 1978, p. 8c. Substitua a palavra *espiritual* por *psicológica*, e esta declaração se tornará totalmente acurada.

renos (embora tenham trazidos certos benefícios para Jó). No outro lado da moeda (nesta vida) a miséria de Hitler não foi proporcional aos crimes que cometeu.

A dor é *usada* por Deus para numerosos propósitos. Para mencionar apenas dois, Deus usa a dor para nos lembrar de que nem tudo está direito aqui, e também para fixar nossa esperança na vida porvir, quando tudo estará em ordem (cf. Rm 8.18-25). A dor é usada para nos purificar e ensinar (Hb 5.8; 2.10).

A tarefa do conselheiro é ajudar o consulente a colocar a dor numa correta (bíblica) perspectiva (cf. 2Co 4.17,18). Isto ele o faz contrastando-a com a alegria eterna. Por *comparação,* a dor mais severa não passa de leve e momentânea. O conselheiro deve ajudar o consulente a ver como outras pessoas tem enfrentado a dor com sucesso (1Pe 1.9; 1Co 10.13), e que o segredo está na confiança e obediência a Deus (1Pe 2.23; 4.19); Não há, portanto, nenhuma desculpa para deixar cair a peteca. A dor não justifica atitudes ou comportamentos pecaminosos. Conselheiros deve se manter atentos ao fato de que os consulentes, via de regra usarão a dor como argumento principal para se justificarem. O conselheiro deve estar preparado para rechaçar biblicamente tal ideia (a familiaridade com a Primeira Epístola de Pedro lhes será de grande utilidade no enfrentamento de problemas dessa ordem. Para auxílio dos conselheiros, publiquei um comentário prático para conselheiros e pregadores baseado em 1Pedro, intitulado *Trust and Obey*).[234]

O problema do sofrimento cristão representa um problema para os consulentes. Eles parecem encontrar certa dificuldade para entender o porquê dos cristãos sofrerem. Por que os filhos de Deus não são isentos de toda sorte de misérias após a regeneração? Por que precisam sofrer as consequências de pecados anteriores à conversão (um braço perdido numa batida por conta de uma embriaguês não é substituido quando a pessoa se torna cristã)? Por que se deve sofrer pelos pecados do presente (cf 1Co

234 Publicado pela Presbyterian and Reformed Publishing Co., Phillipsburg, N. J., 1978.

11.32)? Há um certo número de respostas simples para estas perguntas (e para outras semelhantes): Aprendizado e crescimento vem geralmente sob a disciplina do sofrimento; a igreja precisa ser purificada; Deus deseja mostrar a diferença que a salvação traz (e.g., a experiência de Toccoa). Em última instância, entretanto, a resposta ao por quê de Deus ter feito o que fez, do modo como fez, enquadra-se na categoria das coisas encobertas mencionadas em Deuteronômio 29.29. Podemos até especular, mas isto seria um erro; seria um roubo – tal informação não nos pertence; é propriedade de Deus.

Desse modo, é essencial aos conselheiros (1) abraçar a terceira opção de que a dor é real e que para seus soberanos propósitos Deus a tem decretado; (2) ajudar os cristãos a enfrentarem a miséria como fizeram as pessoas de Toccoa, munidos desta terceira visão. Assim, Deus será honrado em sua igreja e diante do mundo.

Nem todos os cristãos respondem ao operar providencial de Deus do mesmo modo que as pessoas do Toccoa Falls Institute. Nem todos os cristãos, como resultado, honram a Deus diante dos homens. Os conselheiros se depararão com esta realidade. A rebelião é uma razão maior pela qual tais pessoas necessitam de aconselhamento.[235] É tarefa do conselheiro tirar os consulentes da dúvida ou do desagrado quanto à soberania de Deus em tais questões, levando-os a uma aplicação prática da visão de número 3, o que significa enfrentar a tragédia como fizeram os cristãos de Toccoa.

Como enfrentar a rebeldia contra a sabedoria dos decretos de Deus? A resposta, naturalmente, é um simpático (empático,[236] se você preferir) desacordo. Embora seja importante certa dosagem de simpatia – o conselheiro deve penetrar nas profundezas do sofrimento e dor do consulente – o conselheiro cristão não pode, sequer por um momento, desculpar ou aprovar qualquer insubordinação ou rebelião para com Deus. Em vez disso,

235 Não que as pessoas de Toccoa não o tenham feito. Sem dúvida, muito aconselhamento informal, mútuo, fortalecedor, prevaleceu entre eles.

236 Não faço grande distinção entre os dois termos; no Novo Testamento as palavras com a preposição *sun* ("com") descrevem a espécie mais profunda de envolvimento com outrem.

em tempo conveniente, do modo adequado, deve rotular tal atitude pelo nome que realmente deve ter,[237] pecado. O conselheiro deve mostrar como a miséria e a dor podem aumentar em decorrência de atitudes erradas para com elas (estudos em psicologia confirmam isto). Numa análise final, então, não há outro postura a ser assumida em tais encontros do que a de Deus ao responder Jó:

> Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Acaso, quem usa de censuras contenderá com o Todo-Poderoso? Quem assim argúi a Deus que responda (Jó 38.2; 40.2).

Deus calou a boca de Jó. Ele o chamou ao arrependimento (a repensar) de suas atitudes e palavras e a submeter-se aos caminhos de Deus. Quem é o homem, quem quer que seja, para objetar o que Deus faz? (cf. Rm 9.20). Esta é a última palavra de Deus a esse respeito. E a única resposta adequada ao consulente é a última palavra de Jó:

> Sou indigno; que te responderia eu? Ponho a mão na minha boca. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza (Jó 40.4; 42.6).

Não há outra maneira mais fácil de tratar com a rebeldia explícita. "Mas", você dirá, "pense na dor e miséria de meu consulente". Bem, (é o que posso responder) pense na situação de Jó. E mais, foi assim que Deus o tratou. Ao fim, lembre-se, nada o ajudará mais a aliviar a dor do que uma atitude bíblica adequada em relação a ela (que Deus abençoará), ao passo que nada intensificará mais a dor do que uma atitude errada para com ela (para a qual o consulente não pode esperar a bênção de Deus).

É tarefa do conselheiro tornar perfeitamente claro ao consulente o fato de que o sofrimento nunca pode ser tratado corretamente (ou se transformar na bênção que Deus pretendeu que fosse para seus filhos) até

237 Cf. *Coping with Counseling Crises* para detalhes a respeito do assunto.

que a rebeldia desapareça por completo. O calor da rebeldia ofusca a percepção, levando a pessoa a não perceber nada além dos aspectos negativos do problema. Dor e sofrimento na vida de todos os cristão podem *sempre* ser transformados em bênçãos quando *usados* (em vez de serem resistidos e encarados como motivo de murmuração) como direciona a Palavra de Deus.

Tomando a dica de 1Coríntios 10.13, notamos que este versículo ajuda na observação de como outros enfrentam (e fazem uso adquado de) sofimento e dor. Tomemos Paulo como exemplo. Sob as mais severas pressões (cf. 2Co 4; 11.23-28) ele nunca envergonhou a Deus pela prática do mal ou da injustiça, embora tenha sofrido mais pela causa de Cristo do que a grande maioria de nós juntos. Ele conseguiu isto através de sua atitude em relação ao sofrimento (cf. 2Co 4; At 16.22,23,25). Ao escrever à igreja de Filipos, Paulo deixa muito claro que considerava seus sofrimentos e miséria como parte da obra providencial de Deus na expansão do evangelho. Consequentemente, ele podia enxergar e participar da ação de Deus (ele testemunhou aos soldados da guarda pretoriana, regozijou-se no fato de que outros irmãos estavam pregando confiantemente, alegrou-se com a oportunidade de testemunhar diante do imperador Nero, etc.). De fato, tal perspectiva a respeito da dor faz muita diferença no modo como se enfrenta o sofrimento (a palavra *sofrer* significa, literalmente, "suportar um peso"). Quando Paulo sofria, ele pensava, "O Senhor está para fazer algo". Então ele buscava uma das oportunidades abertas pelo sofrimento, empolgava-se com elas e nelas se envolvia.

Conselheiros, portanto, devem estar teologicamente conscientes do problema do mal, prontos a lidarem com ele como Deus o faz (e como Ele orienta) e devem ajudar os consulentes a fazerem o mesmo. Quando a teologia do conselheiro é deficiente, flutuando entre a negação da dor e a dúvida quanto ao controle sobre esta, ou sobre seu uso, ele caminhará com muita dificuldade. Ele comunicará suas próprias perplexidades e confusão ao consulente, que (certamente) não precisa de mais confusão ou de encorajamento em sua rebeldia pecaminosa. É vital, portanto, que o conse-

lheiro esteja totalmente compromissado com um entendimento bíblico do pecado.[238] O maior auxílio que o conselheiro pode dar ao consulente é convencê-lo do fato de que por trás de todo sofrimento há um Deus bondoso que – para seus próprios propósitos justos – permite tal sofrimento. Feito isto, o conselheiro pode mostrar ao consulente caminhos para entrar nas bênçãos do sofrimento, como fez Paulo.

238 E para que o consulente seja também trazido a este entendimento. É preciso entendimento teológico (percebido ou não como tal) pra lidar com o sofrimento.

Capítulo 10

Aconselhamento e os Hábitos

A DOUTRINA DO HOMEM

Por anos, teólogos e exegetas tentaram desvendar e discutiram os capítulos seis a oito de Romanos. Vários questionamentos surgiram, dentre os quais o significado da palavra *carne*, que tem nestes capítulos um uso especial.[239] Por mais que eu não tenha espaço para fazer a exegese desses capítulos em detalhes (espero poder fazê-la em outro livro, algum dia, quem sabe), quero tentar contribuir com algo (pelo menos) para a discussão. Outras passagens – Romanos 12, Gálatas 5, Colossenses 3, Efésios 4 – tratam da questão da carne e dos hábitos no pecador; Romanos 6-8 não devem ser estudados à parte dessas passagens. Em todas elas, Paulo considera o problema dos hábitos pecaminosos (ou modelos de comportamento) adquiridos como resposta de nossas naturezas pecaminosas às

239 Infelizmente, os tradutores da versão NIV mostraram uma inclinação natural para questões exegéticas em suas traduções, de modo a se tornarem intérpretes em vez de tradutores. Entre os equívocos mais sérios resultantes dessa prática está a decisão de traduzir o termo Grego *sarx* ("carne") pela danosa frase teológica "natureza pecaminosa". Isto foi lamentável, digo, porque esta óbvia interpretação parcial é *errada*. O uso especializado do termo carne não se refere, nem à *natureza* pecaminosa do homem (i.e., a natureza corrupta com a qual ele nasceu) nem ao *'eu'* pecaminoso (ou personalidade) que ele desenvolveu (como pensam alguns), mas ao *corpo* do pecado (como Paulo o chama em Rm 6.6). Quando ele se refere ao corpo como pecaminoso, ele não o concebe como tendo sido originalmente criado pecaminoso por Deus (como pensavam os gnósticos); antes, ele entendia que o corpo mergulhara em práticas e hábitos pecaminosos, como resultado da queda de Adão. Não há dualismo último de mente/corpo (carne) aqui, mas a habitação do Espírito Santo num corpo habituado a praticar o mal. Isto leva a um conflito interno/externo. Esta batalha é cada vez mais vencida pelo Espírito, que renova e ativa o homem interior, que ajuda o corpo a despojar-se dos padrões pecaminosos e a atingir novos resultados bíblicos. Os membros do corpo devem se submeter cada vez menos ao pecado e cada vez mais a Deus (Rm 6.13,16,19). Isto somente é possível por que Cristo tem dado nova vida não somente à alma do crente (o homem interior), mas também ao seu corpo (Rm 7.24; 8.10,11).

situações da vida, e as dificuldades que trazem para pessoas regeneradas, que buscam servir a Deus. Não nos preocupamos agora com a tarefa de superar estes padrões (que caem sob o título de santificação), mas, em vez disso, ansiamos meramente reconhecer esse problema como algo que apresenta consequências significantes do pecado original. Pecadores, pervertidos desde o nascimento, começarão a desenvolver respostas pecaminosas desde o começo de suas vidas (eles não podem agir de outra forma antes da regeneração). Por conta da grande importância dos hábitos em nossa vida diária, esses padrões definem formidáveis barreiras ao crescimento na vida cristã, contra os quais os consulentes lutam, e com que os conselheiros devem lidar. É, portanto, de grande importância para o conselheiro em entender o ensino bíblico com relação aos hábitos e o que deve se fazer a respeito. Infelizmente, livros de teologia sistemática raramente tratam desse assunto.

Que os hábitos ocupam boa parte do nosso cotidiano, e que a Escritura fala frequentemente acerca desses hábitos, são fatos que uma cuidadosa análise desses escritos confirma.[240] Os efeitos do pecado sobre a capacidade humana de fazer as coisas por hábito é, portanto, uma questão importante para os conselheiros cristãos.

Hábito – a capacidade de aprender a reagir inconscientemente, automaticamente e confortavelmente – é uma grande bênção de Deus que tem sido mal utilizada por pecadores. Hábitos permitem que seres humanos ajam sem uma decisão consciente em uma variedade de circunstâncias, para que possam colocar suas mentes em outras questões, em vez de focalizar em centenas de pequenos detalhes (amarrar os cadarços de sapatos, abotoar a camisa, etc., etc., etc.). Mas os atos habituais se unem em padrões também (dirigir um automóvel - pé, mão, olhos, os movimentos do braço, etc., que se combinam para formar um padrão de comportamento chamado de condução). Esses padrões são de maior alcance. Ainda assim,

240 Cf. tais passagens adicionais como 1Co 8.7; Hb 5.13,14; 10.25; Ef 4.22; 1Pe 1.18; 2Pe 2.14; etc.

muitos cristãos passam por suas vidas sem nunca escutar um sermão acerca do problema de hábitos pecaminosos e o que fazer a respeito deles.

Mas o quanto um hábito é importante em nossas atividades diárias? Suponha-se que a capacidade de agir e reagir pelo hábito de repente foi retirado de você por um dia inteiro; pense como eventualmente isso iria debilitar você. Você acorda de manhã e fica ali deitado, pensando: "Bem, o que eu faço agora?" Depois de muita reflexão, você decide : "Vou abrir meus olhos". Mas depois você empaca com a questão: "que olho devo abrir primeiro – ou devo abrir os dois ao mesmo tempo?" Tendo superado esse obstáculo, você volta a atenção a coisas maiores: "E agora?" Você filosofa e determina levantar-se da cama – "mas como?" Finalmente, você chega a uma conclusão e decide levantar uma perna. "Mas que perna?" e "sobre que lado da cama?" E assim por diante. Você consegue imaginar as dificuldades envolvidas nisso? Você vai ter que pensar conscientemente (como se estivesse fazendo isso pela primeira vez) sobre *como* abotoar uma blusa, como fechar um zíper, amarrar os cadarços, retirar a tampa do creme dental, colocar o creme dental na escova, usar a escova efetivamente e assim por diante – tudo como se você estivesse fazendo pela primeira vez! Inconvenientemente, deliberadamente, consciente (não confortavelmente, automaticamente e inconscientemente, como o hábito agora o permite fazer) você deve ter trabalho em cada ação. Que fardo! Você, com muita sorte, estaria tomando seu café da manhã a meia noite!Não, não se pode duvidar disso – hábitos são uma parte vital do nosso cotidiano!

Estranho seria, então, se a Bíblia (como muitos pregadores e teólogos - sem mencionar os conselheiros) ignorasse uma parte tão grande e importante do nosso viver. Mas ela não ignora; são os pregadores, motivados por opiniões exegeticamente incorretas, que fazem isso. É tempo de ser revelada a verdade e o poderoso impacto das Escrituras em toda a sua importância. O entendimento do ensino bíblico acerca do hábito é essencial para todo conselheiro cristão.[241]

241 Como lidar com problemas de hábitos é um assunto que já foi discutido em dois de meus livros: *Lectures on Counseling*, p. 231..., e *The Manual*, cap. 17-19, p. 161-216. Logo mais, farei menção de algumas dessas obras. Aqui, porém, quero apenas mencionar o fato de que muito dos

É um hábito ruim (resultado de padrões decorrentes de respostas de uma natureza pecaminosa) que mantém alguns cristãos longe da companhia do povo de Deus (Hb 10.25: "Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns"). Pecadores – como é comum – "exercitam" seus corações na ganância, de acordo com 2Pedro 2.14. Cristãos "maduros" são os que "pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal", diz o escritor de Hebreus (Hb 5.14). Claramente, então, o Espírito Santo por sua Palavra exercita "na justiça" (2Tm 3.16) de forma que novas práticas vão se tornando hábitos em vez de práticas passadas. A capacidade de se habituar por si mesma (como num computador) é neutra – você obtém os resultados do que coloca ali.

Maus "padrões de comportamento" são "transmitidos" (por preceito e exemplo) pelas gerações passadas, de acordo com 1Pedro 1.18 ("...vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram..."), e até que Cristo as liberte deles, as pessoas presas nesse processo continuarão a praticá-los e transmiti-los a seus filhos.[242] Quando Cristo salva alguém, contudo, ele faz com que esta pessoa não viva mais "de acordo com as paixões dos homens, mas segundo a vontade de Deus." Vários desses desejos são desejos da carne – isto é, aquelas coisas que o corpo "quer" fazer porque fora programado para fazer aquilo automaticamente, inconsciente e confortavelmente.

Hábitos pecaminosos, formados na vida antiga, quando ainda descrentes, são trazidos à nova vida, causando dificuldade para quem estiver envolvido. Hábitos, como diz a Bíblia, não são facilmente alteráveis; Jeremias pergunta "Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas?" E então diz: "Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal" (Jr 13.23; cf. também 22.21).[243] Paulo, co-

---

dados a respeito desse assunto *crucial* serão omitidos no presente volume *somente porque já tenho tratado deles em outras obras.* Um aspecto da questão, "Amputação Radical," que não tratei em outras obras, será discutido quando considerarmos a "Santificação."

242 Conselheiros podem procurar semelhanças de comportamento entre pessoas de várias gerações.

243 Ver o *Manual,* p. 171, para mais informações sobre a interpretação adequada deste verso. A afirmação de Jeremias não tem como objetivo levar ao desespero. Ele está falando de pessoas

mentando aos Coríntios acerca de um problema causado pelo hábito, escreveu: "porque alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se" (1Co 8.7).[244] Mencionando um último fato (não que não se possa dizer muito mais sobre isso), considere esse arrazoamento: mesmo depois que bons hábitos sejam desenvolvidos por cristãos, se eles ficarem sujeitos ao contínuo abuso da prática do comportamento contrário (especialmente quando têm o modelo de más companhias), esses bons hábitos podem ser perdidos. Paulo adverte: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes" (1Co 15.33). Claramente, a importância dos hábitos no pensamento e na vida cristã é significante e as Escrituras reconhecem esse fato.

Contudo, como disse, poucos (se houver) teólogos novos têm discutido a relação do hábito com o comportamento. Seus esforços têm se expandido em importantes questionamentos relacionados com o pecado de Adão, os efeitos do pecado na natureza de seus descendentes e o processo pelo qual o pecado tem sido transmitido para sua posteridade. Essas questões são vitais, como já mencionado num capítulo anterior. De igual forma é a questão do hábito – especialmente para o aconselhamento.

Devo parar esse assunto por aqui (relutantemente), contentando-me meramente em levantar a questão e fazendo referência ao leitor (mais uma vez) do meu tratamento mais completo do tema (como discutido em Rm 6-8, Gl 5, Ef4 e Cl 3) em *Lectures* e no *Manual* (veja nota de rodapé supracitada).

não-arrependidas (provavelmente não-regeneradas) que (sem a graça de Deus) são incapazes de produzir mudanças significativas de hábito.

244 O relacionamento entre hábito e consciência é um estudo interessante que espero considerar em detalhes mais à frente.

Capítulo 11

Como o Pecado Afeta o Pensamento

A DOUTRINA DO HOMEM

A total depravação (como temos dito) não significa que a pessoa seja tão má quanto possa ser (a graça comum de Deus restringe os pecadores de uma total manifestação de sua pecaminosidade potencial), mas, antes, que todos os aspectos da pessoa foram afetados pelo pecado. Isso significa (naturalmente) que, dentre outras coisas, seus processos de pensamento foram afetados. Em cada ponto do processo de pensamento, desarranjos podem ocorrer – e de fato ocorrem. Por conta do pecado de Adão – e do seu próprio pecado – seres humanos não pensam corretamente! Isto é um fato de total importância para o conselheiro considerar.

Falando dos efeitos do pecado, Paulo coloca dessa forma:

> "...porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos... E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes,..."[245]

Estas verdades têm grandes consequências para o aconselhamento. Devo mencionar uma ou duas formar básicas nas quais isto acontece.

245 Rm 1.21,22,28 9 (note como coração, conhecimento, e mente são usados como sinônimos).

Os efeitos noéticos do pecado[246] sobre a vida diária são muito variados. Eles se arrastam por todas as áreas do viver cristão – em casa, no trabalho, na igreja, na oração, etc. Constantemente, nas Escrituras, encontramos Deus corrigindo os resultados do pensamento pecaminoso do homem. O problema é tão sério que Deus os coloca nos termos mais fortemente contrastantes,[247] quando nos lembra: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o SENHOR".[248]

Constantemente nas Escrituras, somos confrontados com o fato de que o pensamento humano pecaminoso é o reverso do pensamento de Deus. E, constantemente, no aconselhamento, conselheiros cristãos lutam com esse fato como se ele fosse o responsável por destruir a vida dos consulentes. *Inversões* de papéis no casamento nos fornecem um claro exemplo disto (sem falar na campanha feita pelos proponentes do movimento feminista). Dizer aos consulentes, por exemplo, que o marido é o responsável pelo amor no lar, que a ele é ordenado amar, normalmente é chocante para todas as partes envolvidas. Se eles pararem para articular suas ideias – pelo menos você deveria descrever como funcionam no casamento – na *maioria* dos casos, eles (e você) devem confessar que seu pensamento opera de forma completamente oposta ao princípio. Dizer que a (mundana) ideia de que cada parceiro deve tentar se satisfazer no casamento e que têm o direito de reclamar quando não recebe o que quer no sexo (para citar apenas uma área) e exigir esses direitos, é totalmente errada, semelhantemente traz reações de surpresa. A noção bíblica de que alguém se casa para *dar* o prazer e a alegria do companheirismo a outro (e não para se beneficiar com o que puder) e que no sexo sua função é satisfazer as necessidades de sua esposa, é totalmente estranha à maioria dos consulentes. Deve ser dito a eles que "mais bem aventurado é dar do que receber"; eles não creem nisto

246 *Noético* significa os efeitos do pecado sobre o a mente e os pensamentos.

247 Como fez Paulo na citação acima: "Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos".

248 Is 55.8. Note o paralelismo entre pensar e fazer – "Meus pensamentos... Vossos pensamentos" são quiasticamente paralelos a "Vossos caminhos... Meus caminhos." Logo mais neste capítulo apontarei a identificação bíblica de aprender com fazer.

e não agem por este princípio na maioria dos casos. E mesmo quando lhes é dito isto, frequentemente expressam grandes reservas e dúvidas que são solucionadas (em vários casos) apenas quando, em obediência, agem segundo o princípio.

A forma de pensar pecaminosa do homem perverteu os valores bíblicos de tal forma que um sistema inteiro de inversão de valores pode ser desenvolvido e acolhido como opção por muitos. Nietzsche, de fato, pensou assim explicitamente.[249] Mas a ganância, a autoafirmação, a busca por ser o "número um", etc., florescem até mesmo nos sistemas de aconselhamento. Boa parte do apelo do aconselhamento é hedonista – "podemos mostrá-lo o caminho para a felicidade, a satisfação, da realização de vida". Tudo isto se fundamenta no egoísmo, no desejo de poder, de saúde, etc., em vez do desejo de viver de forma que agrade a Deus.[250] Esse hedonismo é diretamente oposto à ênfase cristã de "Buscai primeiro..." e de "perder a sua vida". De fato, essas declarações bíblicas parecem epigramáticas apenas porque estão em contraste direto com o pensamento usual da sociedade. Verdadeiramente, então, o conselheiro, como Paulo, deve enxergar-se engajado numa batalha intelectual-moral. Digo intelectual-moral porque (como explicarei posteriormente) não é meramente uma "batalha da mente" (Sargent), mas trata-se de uma batalha na qual o homem inteiro está envolvido. Como Paulo, ele deve fazer como está escrito: "...anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo".[251]

Descobrir a existência dos efeitos do pecado no pensamento não deve nenhum conselheiro. Nenhum ser humano pensa com perfeição; Jesus Cristo foi o único homem que nunca cometeu um só erro. A universalidade do erro (sem falar em outras formas pecaminosas de pensamento) foi bem

249 Intelectuais (homens que se julgam sábios) frequentemente o citarão com aprovação.

250 Veja que muitas advertências aos conselheiros cristãos não caiam na mesma armadilha de seus apelos aos consulentes. Mudanças devem ser desejadas como uma forma de agradar a Deus antes de ser uma mudança bíblica (cf. *Manual,* p. 276...; veja minha série de panfletos – *What Do You Do When...* (O Que Fazer Quando...).

251 2Co 10.5.

capturada pela tirinha do Peanuts na qual Lucy diz: "Eu nunca cometi um erro;certa vez pensei que tinha errado, mas estava enganada".

Mas a universalidade do erro no pensar (todo mundo já usou uma borracha em seu lápis - para alguns, as borrachas se desgasta antes do lápis!) É apenas uma parte dos efeitos do pecado sobre o homem interior que Paulo chama de "obscurecimento" do "coração" (em outro lugar , ele fala de "vaidade dos seus próprios pensamentos" em que os homens têm seus "entendimentos obscurecidos",[252] equiparando coração com compreensão nestes contextos). Essa "ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração"[253] a respeito de Deus e de sua Palavra, não é apenas um erro, mas consiste de planos e propósitos rebeldes, maquinações pecaminosas, imaginação lasciva do coração e do desejo. Tudo isso é dito brotar do coração (que está intimamente identificado com os processos do pensamento, planejamento, decisão, etc., como vimos num capítulo anterior). É "do coração" que "os maus pensamentos" (não meramente pensamentos *errôneos*) procedem (Mt 15.19).

Erros de julgamento (que conduzem ao erro na ação) às vezes podem resultar de uma deficiência física. Esta dimensão dos problemas aprofunda nossa compreensão dos efeitos do pecado e deve nos fazer cautelosos em nossa abordagem do aconselhamento e cuidadosos em nossas avaliações. Disfunções eletroquímicas no corpo – por exemplo – causadas por falhas orgânicas (como consequência do pecado de Adão, mas *não* como resultado de pecados específicos como parte do indivíduo no erro) podem levar à percepção deficiente. Tais disfunções podem afetar qualquer um, uma combinação de, ou todos os portais de percepção – a percepção intelectual, a visão, a audição, paladar, tato, olfato. O erro, em tais casos, não é resultado de má interpretação ou má condução voluntárias; nem estão enraizados nos padrões pecaminosos da vida.

Por outro lado, deve-se lidar com problemas de percepção, bem como quaisquer outras deficiências físicas, com justiça, não de modo pecamino-

252 Ef 4.17,18.

253 Ef 4.18.

so. E, para questões ainda mais complicadas, o erro relacionado à percepção pode (na verdade) ser o resultado de engano deliberado ou práticas, atitudes, e crenças pecaminosas que o produzem. Como de fato, *as mesmas* declarações errôneas do tipo "Você está aborrecido comigo" (quando você não estava), "Ouvi aquela voz me mandando fazer isso" (quando não havia voz nenhuma), podem surgir quando se quer enganar (e.g., a primeira declaração pode ter sido feita para transferência de culpa; a segunda, pode ser uma mentira destinada a camuflar outras ações pecaminosas) ou porque a pessoa tinha sido enganada por suas próprias percepções errôneas,

1. como resultado da perda de sono por causa de pecado, da ingestão de drogas, etc, levando à percepção defeituosa ou alucinações visuais;

2. como resultado do mau funcionamento do corpo, levando à percepção defeituosa ou alucinações visuais;

3. como resultado de doutrina errônea, e falta de estudo correto das Escrituras, levando a um forte desejo de experiências reveladoras diretas, etc.

É imperativo, portanto, que o conselheiro (em cada caso) descubra exatamente o que está acontecendo. O assunto é complexo; pode haver várias causas possíveis para o mesmo efeito; ou uma combinação de causas! O erro, então, é sempre o resultado do pecado (pecado de Adão), mas nem sempre a consequência do pecado atual daquele que errou. O problema não é simples.

Quando um consulente adota explicações errôneas da vida ou ensinos errôneos, ele sempre será responsável por isso. A esse ponto, ele não pode nunca ser desculpado. E, além disso, esse erro sempre tem algum papel (frequentemente um papel primário) em seus problemas. Falso ensino e visões errôneas do mundo de Deus (de qualquer forma) vêm ultimamente de Satanás – "o pai [originador] das mentiras". O erro (desde o começo) sempre tem sido parte de seu conselho. De tal forma, carrega-

mos a responsabilidade de rejeitar isso. Mas se, em vez de rejeitar o erro, o consulente o aceita, ele carrega a culpa de "dois males", não apenas de ignorar o conselho de Deus, mas também de cavar "cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jr 2.13). O curso que os conselheiros devem seguir, em tais casos, é chamá-lo ao arrependimento (uma mudança de pensamento) por sua arrogância contra Deus e por acreditar e viver mentiras. Positivamente, eles devem apresentar a verdade de Deus e chamá-lo a viver e andar segundo esta.

Por ser óbvio que todo comportamento responsável tem um lado cognitivo, em meus livros, não faço distinção explícita entre mudar o pensamento de uma pessoa e alterar suas ações (a Bíblia também não faz tal delimitação de modo enfático). Por essa razão alguns (erroneamente) têm concluído que o aconselhamento noético preocupa-se apenas com a ação (excluindo a preocupação com pensamento e crença). Tal leitura de meus escritos pode ser resultado de

1. um estudo ou pensamento superficial, ou
2. um viés forte do revisor que o cega para o óbvio.

Embora eu possa (com alguma plausibilidade) ser acusado pela falta de explicitação,[254] por mais imaginação que tenha, ninguém poderia afirmar diante de um juizo imparcial a ideia de que eu não tenha demonstrado interesse em ensinar a verdade bíblica aos consulentes.

Em todos os meus livros, de várias formas, insisto que o conselheiro deve ensinar ao consulente os caminhos que Deus intencionou para que este andasse. De fato, outros têm como queixa principal minha intença preocupação com o ensino da Bíblia no aconselhamento. Desde o começo – no *Competent to Counsel* – tenho dito coisas como a necessidade de seu usar a "instrução de autoridade" no aconselhamento (p. 54, 55, etc.), o conselheiro deve ensinar por meio do exemplo (p. 177..., cf. Também o *Manual*, p. 335...), deve estar consciente e usar livremente os ensinos "diretivos" do livro de Provérbios e de outros livros das Escrituras (p. 97...),

254 Mas a mesma acusação pode ser feita aos escritores bíblicos. Ainda assim, me parece que o uso do ensino seja adequadamente ensinado.

etc. Também sugeri o uso de tabelas de mudança, etc., para serem usadas com tal instrução. O *Manual* está recheado de informações a respeito do ensino, e o volume II de *Shepherding God's Flock* (Pastoreando o Rebanho de Deus) tem um capítulo inteiro dedicado ao assunto intitulado "Instruções no Aconselhamento".[255] Nesse capítulo, afirmo coisas como

> Sendo o aconselhamento bíblico diretivo e sendo que *aconselhar consiste em grande parte na disponibilização de informações e conselhos,* pela própria natureza do caso, *o ensino deve estar envolvido* [p. 121]... a instrução no viver cristão... deve ser concebida como algo que consiste em muito mais do que o simples aprendizado teórico, adquirido pela frequência em salas de aula. Muito do aprendizado vem somente do discipulado,[256] que envolve observação, participação, discussão e crítica [p. 123]... Geralmente, nas primeiras sessões, conceitos como arrependiemnto, perdão, reconciliação, etc., precisam ser explicados [p. 127]... até que a instruçlão bíblica tenha sido dada de maneira aplicável, a tarefa [o ensino] estará incompleta. Até que o conselheiro e o consulente tenham entendido não somente o que a Bíblia quer dizer em termos da situação do consulente... a instrução do conselheiro está inadequada [p. 127]. ...frequentemente a instrução é estimulada pela experiência e cresce a partir dela [p. 128]... Fornecer toda instrução a respeito de como evitar erros futuros [p. 129]... Fornecer toda instrução a respeito da restauração em casos de erros futuros [p. 129]... As boas novas (o evangelho) não se trata de uma mensagem não-cognitiva, mas contém elementos históricos factuais... Apresentar o evangelho é dar instrução [p. 130].

Certamente, então, a acusação de que o aconselhamento noutético pouco se preocupa com as questões cognitivas é absurda (de fato, trata-se de um sério equívoco). É questionável se qualquer outro sistema de aconselhamento que se pretenda bíblico, tenha (1) tentado considerar as várias dimensões de tal instrução completamente, ou (2) ensinado com insistência e diligência.

255 Isso sem falar de mais de uma dúzia de outros volumes que propagem estas ideias.

256 Um assunto ao qual tenho dedicado muito interesse, desde *Competent to Counsel* em diante.

Mas, qual a razão de tais acusações? Uma resposta a esta pergunta leva a um assunto muito importante. Uma vez que os conselheiros bíblicos nem sempre começam com a instrução didática (mas, via de regra, permitem que tal instrução se desenvolva a partir da experiência que resulta da obediência aos mandamentos de Cristo – como Cristo fez ao instruir seus discípulos e vários consulentes) aqueles que pensam pobremente a respeito da instrução, puramente em termos acadêmicos gregos (e abstração teórica) não conseguem reconhecer que na Bíblia pessoas inteiras ensinam a pessoas inteiras, atingindo-as por inteiro. Não se trata apenas de incutir algo na mente das pessoas. O ensino e a instrução bíblicos se faz fundamentalmente na vida situacional (cf. Dt 6.4-9; 11.18-21) e no contexto de discipulado. Nas situações da vida, o ensino da verdade se desenvolve dos problemas cotidianos; no discipulado, a verdade é encarnada na vida. O construto bíblico – continuamente enfatizado por vários escritores – é *andar* na verdade (i.e., relacionar e incorporar a verdade à vida). Discipulado significa "seguir" e "vir após" e estar "com" Cristo (Mc 8.34; 3.14). Isto envolve tanto o *mostrar* como o *dizer*. Em seu âmago, o ensino bíblico é *aprender pela obediência* (cf. Jo 8.31; 13.13-17; 15.7,8).

Por enxergarem uma ênfase na obediência à Palavra de Cristo na literatura de aconselhamento noutético, alguns o caricaturam como não-cognitivo, sem reconhecerem que esta atitude se constitui uma traição contra sua própria abordagem escolástica grega ao ensino. Além disto, não entendem que a verdade simples, elementar, de que para obedecer, é preciso ser instruído na verdade bíblica, é tão importante para o aconselhamento quanto as outras circunstâncias ordinárias da vida. Mas o outro ponto, ainda mais sutil, mais crucial, que eles negligenciam é que, para ser totalmente instruido, é necessário obedecer! Aprendizado depende da obediência.[257]

Alguns, com pouco entendimento bíblico sobre o ensino, aceitam de forma leiga o modelo *acadêmico* grego pagão de ensino no aconselhamen-

257 Cf. João 7.17, "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina." Aqui o *quiser* não significa meramente desejar, mas uma voluntariedade que leva a fé e obediência; trata-se de um interesse genuíno, que afeta a vida.

to. Eles entendem que tudo que se precisa fazer é dizer a verdade para as pessoas, que elas simplesmente a aceitarão e seguirão. Conselheiros bíblicos sabem que não é bem assim. Há algum tempo, escrevi,

> Mas antes de ir além, permita-me o leitor adverti-lo sobre um fato vital: a solução para os problemas dos consulentes não é *meramente* educacional. Isto significa, por exemplo, que a abordagem de Fuller Torry de que o aconselhamento deve ser *equiparado* à educação, é falsa. Sua substituição do modelo educacional pelo modelo médico não funcionará. Porque o aconselhamento envolve ensino, o conselheiro não deve concluir que tudo que o consulente necessita são algumas peças do quebra-cabeça, ou que a reeducação e/ou (*re*)treinamento resolverá seus problemas. O conselheiro também não deve ver a educação como (mesmo na verdade bíblica) simplesmente como a soma do aconselhamento. Aconselhamento, assim como a pregação, envolve mais – muito mais - que instrução. Consulentes são pecadores que nem sempre farão automaticamente o que Deus quer que façam a respeito do que tem aprendido da verdade bíblica. Geralmente eles não fazem (por várias razões) ou não farão. Além disto, deve haver reprovação, correção, persuasão, encorajamento, ou seja qual for a demanda da situação... E, como mais importante, é o fato de que o ensino deve ser feito pelo poder do Espírito Santo operando através dos vários modos bíblicos que o conselheiro emprega.[258]

Educação (do tipo puramente cognitivo)[259] é inadequada. Deus educa para a *vida*. A verdadeira educação, todo conselheiro deve entender, tem a ver com arrependimento, fé e obediência. Sem esses elementos, a educação que é produtiva para a solução de problemas, não interessa não acontece. É por isto que os conselheiros noutéticos – no espírito das Escrituras – não tentam (como Albert Ellis) mudar as pessoas meramente pelo ataque e substituição de suas crenças por outras. Eles não acreditam que o novo pensar levará a uma nova vida. Ao mesmo tempo em que atacam o erro, ensinam os fatos sobre os novos princípios bíblicos e conclamam

258 *Shepherding God's Flock*, vol. II, p. 121-122.

259 Na verdadeira educação bíblica o homem *inteiro* –incluindo seus músculos- é educado.

os consulentes à obediência fiel a estes princípios (quem tem dedicado a maior parte do tempo a fazer isto?), os conselheiros noutéticos ao mesmo tempo lidam com os problemas que se interpõem no caminho da fé e/ou da ação. Em vez de separar o ensino da obediência (porque a Bíblia condena tal atitude – cf. Tg 2.14...), com o fazem alguns conselheiros teóricos, conselheiros noutéticos combinam os dois.

Em outras palavras – o aconselhamento bíblico leva a sério os efeitos do pecado no pensamento e nos processos de tomada de decisões. Pensamento e obediência são realmente inseparáveis. Conhecer a verdade não se trata de um processo neutro, "intelectual" (como muitos pensam), mas um fato moral que demanda decisões e compromissos com relação à vida. João 8.32 segue João 8.31: Conhecer a liberdade que a verdade traz é o resultado de conhecer e obedecer a Palavra Daquele que é, Ele mesmo, a verdade.

Conselheiros bíblicos, portanto, reconhecem que o entendimento é geralmente (não sempre) seletivo – baseado em influências pecaminosas. Eles sabem que, na maioria das vezes, os consulentes não *darão ouvidos,* ou simplesmente distorcerão o que lhes é dito,[260] e sabem também que nem sempre esses consulentes *farão* a vontade de Deus, mesmo quando a *entendem.* Conselheiros bíblicos levam em consideração, portanto, a necessidade de conclamar os consulentes à obediência a Cristo, não meramente de instruí-los nas formas e meios de obediência.

Haveria muito mais a ser considerado neste capítulo (e.g., como o pecado tem afetado a linguagem humana com a qual pensamos e nos comunicamos, em sua estrutura e usos – e, portanto, em sua influência na vida), mas por enquanto devemos nos contentar em apontar a necessidade dos conselheiros de levarem em consideração, todas às vezes, o fato de que o pensamento dos consulentes tem sido afetado pelo pecado. Portanto, diferente dos liberais otimistas de outrora, que pensavam que poderiam salvar o mundo por meio da educação,[261] o conselheiro bíblico não se entretém com ilusões. Ainda, face às realidades do pecado e erro

260 Cf. meu artigo sobre este problema em *Update on Christian Counseling,* vol. 1.

261 É hora de o pêndulo dar uma guinada para este erro mais uma vez.

humanos, ele nutre esperanças em relação a seus consulentes pelo fato de que eles não têm obrigatoriamente que depender de suas próprias habilidades mentais (ou do conselheiro) para a efetivação da mudança; a Palavra e o Espírito Santo proveem tudo que é necessário para a renovação da mente (Rm 12.1,2)[262] e capacita-os a entender, crer e obedecer. Assim, objetivamente, a visão cristã é mais realista e mais esperançosa.

262 Mas, note que a renovação da mente aqui, assim como em Efésios 4.23, é inseparavelmente associada a um viver transformado.

A Doutrina da Salvação

Capítulo 12

Mais Que Redenção

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO

Desde a eternidade Deus planejou a salvação humana, escolhendo seu povo em Cristo "antes da fundação do mundo" (Ef 1.4). Jesus Cristo, o cordeiro de Deus para o sacrifício, morreu "por aqueles cujos nomes foram escritos" em seu "livro da vida antes da fundação do mundo" (Ap 13.8; 17.8). Pedro diz que "Ele foi conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo" para ser o Salvador, cujo "precioso sangue" seria derramado "como de cordeiro sem defeito e sem mácula" (1Pe 1.19,20). E foi para o bem destas pessoas que Deus preparou bênçãos eternas por intermédio de Seu Filho "antes da fundação do mundo"[263] (Mt 25.24). Logo, claramente, a salvação não foi um plano B; não foi uma tentativa divina de reparar um mundo que não dera certo. De fato, é a maneira de Deus elevar o homem acima da criação (isto será tratado com mais profundidade neste capítulo); Ele planejou a redenção do homemdesde o princípio. ("antes da fundação do mundo").

Não se pode pensar num Deus frustrado pelo pecado, de braços cruzados, penando em como remediar da melhor maneira uma situação desastrosa, tendo de repente num insight a ideia de enviar seu Filho para morrer por pecadores culpados. Não, definitivamente, não – se a frase "antes da fundação do mundo" possuir algum significado, ela quer dizer exatamente o oposto disto: a salvação foi planejada desde o princípio. Em todo tem-

263 A expressão "fundação do mundo" (ou de um mundo) presumivelmente significa desde a criação ou o início do mundo ou universo (cf. Lucas 11.50; Hb 9.26, onde nenhum outro significado faria sentido). A frase muitas vezes repetidas provavelmente pode equivaler ao nosso "desde que o mundo é mundo." Isto torna claro que a afirmação de Cristo de que o Pai o amou *"antes* da fundação do mundo" (João 17.24) trata-se de uma afirmação de divindade. Jesus afirma sua existência anterior à criação.

po Deus pretendeu demonstrar seu amor por meio de enviar Cristo. Seja como for que o conselheiro enxergue a salvação, é importante que ele a reconheça como parte do propósito *eterno* de Deus, que determinou que seu Filho deveria morrer. Esta determinação não foi feita *depois* do pecado ter entrado no mundo, mas antes da fundação do mundo – antes que houvesse o homem para pecar ou o mundo no qual ele pecaria.

Este entendimento gera muitos questionamentos, mas há um ponto que eu gostaria de tornar claro – por meio desta salvação Deus planejou trazer algo *a mais* do que fizera por meio da criação, que também significa mais do que redenção. Por intermédio disto Ele determinou elevar o homem *acima* do estado no qual o havia criado. Como teremos ocasião de observar mais tarde, este fato é de toda importância para a firmeza do conselheiro em relação ao consulente e seus problemas. E por falar em problemas, de passagem, deixe-me sugerir que todo o problema do mal (como tem sido denominado pelos filósofos) assume uma nuança e uma perspectiva diferentes à luz desta dimensão eterna – há um plano por trás da história e este plano envolve a glória de Deus por meio da graça concedida ao homem. A história não é contingente; nela Deus está fazendo algo para a raça humana. O propósito desta graça é elevar o homem para além de seu estado original.

Tudo que Deus o Pai planejou desde a eternidade, Cristo, seu Filho encarnado realizou no espaço e no tempo – na história humana. A redenção não é supra histórica, mas um evento da história desse mundo (tanto o é que divide nosso calendário!). Jesus Cristo, quem era Deus manifesto em carne (note, *carne* significa corpo), realizou os propósitos de Deus. Ele mesmo disse: "Eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou" (Jo 6.38). E o que o Pai queria que ele fizesse? Leia o verso seguinte: "E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6.39). Deus estabeleceu como propósito, através da redenção, formar um povo que (como Jesus) fosse ressuscitado dos mortos. A realização deste propósito, ele mesmo declarou em oração "Eu te glorifiquei na

terra, consumando a obra que me confiaste para fazer" (Jo 17.4). A morte de Cristo não foi trágica, não foi o fim abortivo dos planos de Deus, mas o clímax destes. Desse modo, quando Jesus exclamou: "Está consumado" (Jo 19.30), estas palavras não foram um suspiro de alívio, muito menos um gemido de desespero - foram um brado de vitória. Ele estava dizendo: "Eu consegui! Derrotei o inimigo; redimi a propriedade de Deus!"

O conselheiro cristão, portanto, enxerga toda a história profética de Gênesis 15 em diante – todo o sistema sacrificial no qual milhares de animais eram esfolados, todos os tipos e figuras do período do Antigo Testamento, etc. – não como uma espécie de hesitação humana da parte de Israel em relação ao verdadeiro Deus e ao modo correto de adorá-lo, mas (antes) como uma parte essencial do desígnio de Deus de "conduzir muitos filhos à glória" (Hb 2.10). Aquele que foi o "Autor da salvação deles" realizou tudo que o programa de Deus requereu para assegurar essa salvação.

O propósito de Deus incluía um programa divino, eterno, e não meramente os resultados últimos da salvação. Isto fica claro nos detalhes da profecia (*quando* e *onde* Cristo deveria nascer, ministrar e morrer, especificamente o *que* ele faria e o que lhe aconteceria, etc.) que foi dada nas Escrituras do Antigo Testamento. Ademais, Ele continuamente falou sobre este programa: "Ainda não é chegada a minha hora" (Jo 2.4; cf. 7.30), "é chegada a hora" (Jo 12.23), "esta hora" (Jo 12.27), "o meu tempo ainda não chegou" (Jo 7.6), etc. Não podemos esquecer que Cristo veio "na plenitude dos tempos" – i.e., cumprindo a agenda (Gl 4.4).[264] A salvação não é contingente, não se trata de um arranjo de emergência, algo do tipo 'faça o melhor que pode numa situação ruim, como alguns pensam. Antes, a salvação foi um programa cuidadosamente pensado, muito bem planejado e precisamente executado.

Mas o programa para a salvação do homem não foi meramente executado por Deus o Pai e Deus o Filho, mas também foi ativado em cada vida individual por Deus o Espírito Santo. Devemos reconhecer que pecadores,

264 Para mais informações sobre essa agenda, cf. *The Manual*, p. 338..., onde também comento sobre a necessidade de auxiliar os consulentes a planejar e agendar ao modo de Deus.

"mortos em delitos e pecados" (Ef 2.1), nunca podem dizer genuinamente "'Jesus é Senhor' exceto pelo Espírito Santo" (1Co 12.3). De fato, nenhum pecador por "receber" ou "conhecer" (i.e., crer para a salvação ou entender) a mensagem da salvação fora da nova vida que o Espírito dá. Isto porque o evangelho "deve ser discernido espiritualmente" (1Co 2.14). Isto significa que somente aqueles que tem o Espírito de Cristo operando neles podem apropriar-se das declarações de Cristo de modo que venham ao arrependimento e à fé no evangelho. Pai, Filho e Espírito Santo, portanto, participam na salvação do homem. A salvação foi designada pelo Pai, efetuada pelo Filho e aplicada pelo Espírito. Trata-se de uma obra da Trindade.

Há muitas outras maneiras de enxergar e discutir a salvação. Por exemplo, podemos falar sobre três dimensões temporais da salvação:

PASSADO: Fomos salvos da penalidade do pecado (Justificação).

PRESENTE: Estamos sendo salvos do poder do pecado (Santificação)

FUTURO: Seremos salvos da presença do pecado (Glorificação).

Ou, é também possível dividir a salvação em seu aspecto divino (aquilo que Deus faz – expiação, regeneração, etc.) e seu aspecto humano (o que o Espírito de Deus nos capacita a realizar – arrependimento, crer, etc.). Ou, podemos ainda pensar nos elementos objetivos da salvação (a expiação, justificação, etc.) e os elementos subjetivos (regeneração, fé, etc.).

Menciono as três formulações acima, não porque elas chegam a exaurir as possibilidades, mas porque quero deixar claro como um céu após a tempestade, que sendo esta a mensagem e interesse central das Escrituras, muito há que ser dito sobre a redenção do homem. A salvação é multidimensional; pode ser abordada a partir de uma (ou a partir de qualquer combinação) de suas facetas. (As três abordagens descritas acima servem apenas como ilustração deste fato.) Portanto, tudo que pode ser dito, não será dito aqui!

Agora, como abordaremos o ensino bíblico acerca da salvação em sua relação com o aconselhamento? Para começar, é importante reafirmar o

fato de que é a salvação que torna o aconselhamento cristão possível; ela é o fundamento (ou base) para todo aconselhamento. Trata-se do lado positivo da moeda mencionado anteriormente sobre a impossiblidade de aconselhar descrentes.[265] Quando se faz o verdadeireo aconselhamento – i.e., quando se trabalha com pessoas salvas, capacitando-as a realizar mudanças, ao nível de profundidade que agrada a Deus – é possível resolver qualquer problema real de aconselhamento (i.e., qualquer problema que envolva o amor a Deus e ao próximo). Tal seguranla fundamenta-se no fato de que todos os recursos necessários para a mudança encontram-se disponíveis na Palavra e por intermédio do Espírito Santo.

Qualquer sistema de aconselhamento baseado em outro fundamento pode até começar oferecendo o que o aconselhamento cristão oferece. Com é trágico, então, ver cristãos aconselhando com base em outros fundamentos composto de ideias e recursos puramente humanos. Eles oferecem pouca esperança e não possuem uma única boa razão para crer que serão bem sucedidos; ainda assim, (infelizmente) muitos cristãos absorvem (e seguem) tal conselho.

Por várias razões, a esperança que os conselheiros cristãos oferecem é diferente da esperança oferecida por outros conselheiros. Primeiro, esta esperança fundamenta-se nas promessas infalíveis de Deus como registradas por ele nas Escrituras. Isto faz toda a diferença. Que diferença da esperança de alguém que se baseia em – digamos – Freud!

Segundo, todo mandamento nas Escrituras implica em esperança: Deus nunca ordena seus filhos a fazerem algo para o qual ele não lhes dê a direção e o poder para a realização. Em 2Pedro 1.3, lemos: "Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude". Temos tudo de que necessitamos para agradar a Deus na Bíblia e pela habitação do Espírito de santidade (i.e., o

265 Ver também o Apêndice.

Espírito que através da direção bíblica e do fortalecimento necessário produz santidade). Este fato de

Mandamento + Provisão = potencial para mudança

é inspiração para mudança.[266]

Mandamento	+ Provisão	= potencial para mudança
Não andeis ansiosos	1. Direções: Mt 6; Fp 4 2. Força: Fp 4	Trabalhe em vez de se preocupar

Terceiro, o próprio Deus é o Conselheiro que guia e direciona através de sua Palavra. O conselheiro cristão não está só; para sabedoria, princípios, etc., ele depende,não de sua própria força, mas da vontade revelada, escrita, de Deus. De fato, se um consulente duvida da verdade de uma orientação dada pelo conselheiro cristão, ele pode (1) pedir-lhe que mostre claramente a base bíblica para aquele conselho (em algum ponto o conselheiro deve fazer isto – mesmo sem ser solicitado), ou (2) checar o ensino biblicamente por si mesmo(enfim, esta é sua obrigação, já que agrada a Deus – At 17.11). Havendo uma fonte de informação divinamente revelada igualmente disponível ao conselheiro e ao consulente, (1) o consulente não depende ultimamente do conselheiro e (2) ele pode monitorar e avaliar o direcionamento do conselho de acordo com a Bíblia. O aconselhamento que não traz a convicção de ser bíblico é deficiente (mesmo quando seu argumento é *de fato totalmente bíblico*); o consulente deve ser convencido suas decisões e ações estão realmente agradando a Deus. Não é bom que ele os veja meramente como expediente.

Os conselheiros genuinamente cristãos não somente aceitam o interesse do consulente em checar tudo biblicamente, mas (como Paulo) o *encorajam* a fazê-lo.[267]

266 Os conselheiros, as vezes, descobrirão que é útil escrever esta fórmula para seus consulentes, junto com informações particulares de cada caso.

267 Naturalmente, alguns consulentes fazem mau uso deste privilégio. Um exemplo é o "consulente profissional" (cf. *Manual,* p. 298...)

Quando um consulente cristão vê por si mesmo que seu conselheiro adere muito ao princípio bíblico, isto traz esperança. Esta esperança cresce do fato de que Jeová é um Deus que guarda as alianças e cujas promessas são confiáveis. Ele é também o Deus que cuida do povo a quem salvou e tornou seu (o slogan da aliança aparece em várias formas mas sempre inclui os elementos essenciais: "Teu Deus... Meu povo"). Em outras palavras, esperança, no aconselhamento cristão. É o resultado direto da salvação do homem.[268]

Nos capítulos anteriores, frequentemente, fiz menção ao título deste volume – *Mais Que Redenção* – prometendo explicá-lo com mais propriedade. Cumprirei aqui, finalmente, minha promessa.

Os fatos aos quais aponta aquele tema vital oferecem a visão mais clara da posição do conselheiro cristão no aconselhamento. Isto é verdade especialmente em relação à esperança que cresce da salvação, sobre a qual já tenho falado. E, a esperança á qual me refiro não se trata de utopia (o que a salvação promete, é verdadeiro), mas uma esperança que também diz: "Você pode começar a mudar agora mesmo!"

Já mencionei anteriormente três razões importantes para a genuina esperança no aconselhamento cristão. Mas há uma a mais que – tão importante quanto as demais – excede-as. De fato, esta oferece a base para as outras três e para toda esperança no aconselhamento. Nela descansa a explicação para a esperança do conselheiro cristão; trata-se da verdade contida no título *Mais Que Redenção.*

Primeiro, vamos de modo bem delineado, clarear o que a Bíblia entende pela palavra *esperança.* Esta palavra significa muito mais do que nossa pálida aproximação do significado que tem na sociedade ocidental moderna. Para nós, *esperança* significa "esperar por algo" (como na resposta do pescador ao ser perguntado: "Você espera pegar algum peixe?"). mas nas Escrituras, esperança nunca tem relação alguma com a incerteza. De

268 A esperança para o não-cristão também se fundamenta unicamente na pregação do evangelho (cf. Apêndice).

fato, certeza é inerente à ideia de esperança. Vamos imaginar como seria a leitura de Tito 2.13 no sentido moderno, "o bendito assim-espero!" Não, *esperança* significa algo certo, seguro, que ainda não aconteceu. A *bendita esperança,* semelhantemente, é a "feliz expectativa" ou "a alegre antecipação". Quando a Bíblia nos diz que somos "salvos na esperança" (Rm 8.24), a esperança – da ressurreição, à qual a passagem se refere – é uma certeza. Deus prometeu. Aguardamos uma esperança (biblicamente) por causa da certeza das promessas de Deus. Quando aconselhamos segundo os princípios bíblicos temos toda a esperança da qual as promessas escritas de Deus são a fonte.

Mas qual é a natureza da promessa encontrada no título deste livro? O que se deve procurar no aconselhamento? Que tipo de esperança ele oferece? Podemos ter certeza de que todos os problemas[269] serão resolvidos no verdadeiro aconselhamento? Se a resposta for sim, como? E – até que ponto? As respostas a estas perguntas são da maior importância na formulação do que tenho chamado de Posição do Conselheiro Cristão.[270]

A posição do conselheiro cristão é fundamentalmente assimétrica; o que ele promete (e leva o consulente a antecipar) é *sempre mais do que ele já teve – uma situação melhor do que a que existiu no passado.* De alguma maneira, o reconhecimento e a utilização deste fato no aconselhamento é a maior contribuição deste livro; é por isto que o título esta afirmação.

O conselheiro cristão nunca deve tentar remendar o que não deu certo em sua vida, casamento, etc. Também não deve oferecer uma salvação do tipo anunciado pelas Testemunhas de Jeová, que afirma que o homem em Cristo é restaurado ao estado que Adão perdeu na queda. O conselheiro cristão, *estritamente* falando, não crê numa mera renovação, ou restauração, ou redenção (do que foi perdido); biblicamente, ele crê em algo a *mais* que redenção. Como uma plataforma, sobre a qual ele desenvolve sua posição, ele busca um verso como Romanos 8.20b: "Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça".

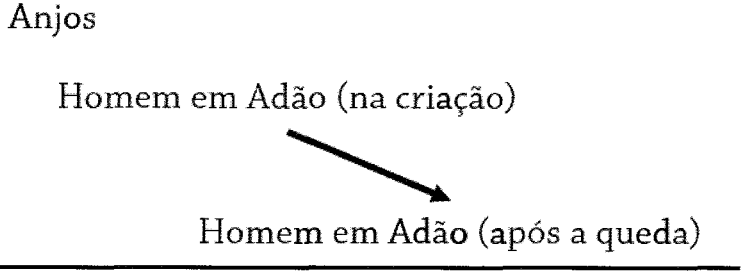
269 I.e., problemas relacionado ao amor a Deus e ao próximo.

270 E, subsequentemente, a posição do consulente é igualmente comunicada pelo conselheiro.

Neste verso, Paulo torna claro que aquilo que Jesus Cristo obteve para seu povo (por sua obediência ativa e passiva)[271] foi *mais* do que este povo havia pedido no pecado de Adão e na queda da raça humana. O pecado e seus efeitos são grandes (miséria, morte, etc.) – e nenhum conselheiro bíblico minimiza a natureza abundante do pecado – em vez de minimizar o pecado e seus efeitos, ele maximiza Cristo e sua obra redentora. A graça não pode ser comparada com o pecado – ela (a graça) "superabundou".

Esta graça (e seus efeitos) é muito maior do que o pecado e seus efeitos. Portanto, o que Jesus Cristo obteve para seu povo na salvação não é meramente o que Satanás tirou de Adão. Através de sua morte e ressurreição Cristo comprou o que Adão perdeu – e *muito mais*. Assim, para sermos verdadeiros com o ensino do Novo Testamento, a posição do conselheiro deve ser baseada na grande verdade de que Cristo oferece aos consulentes *mais* do que eles tiveram antes.

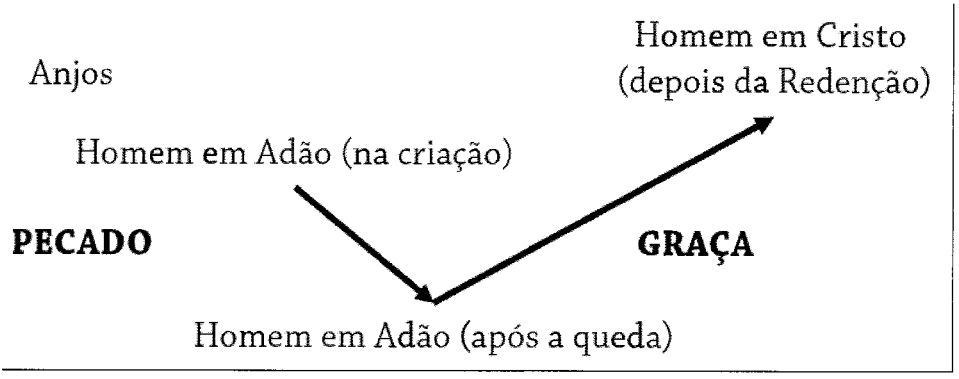
Veja como isto funciona. Adão foi criado "um pouco menor do que os anjos". Por seu pecado, ele lançou violentamente a si mesmo e a toda sua posteridade (exceto Cristo) nas profundezas do pecado e suas misérias associadas e a humanidade foi rebaixada. No diagrama (abaixo) esta verdade é descrita com clareza:



Mas em Cristo, a humanidade foi exaltada (Ele possuiu um corpo e natureza humanos) muito acima dos principados e potestades (maior do que os anjos) nas regiões celestiais para assentar-se à destra de Deus. Um ser humano (Cristo é tão humano quanto divino) hoje habita no céu! E segundo Colossenses 4 e Apocalipse 2 e 3, é isto que cada crente terá de

271 Ele guardou a lei e pagou o preço pela nossa violação da lei.

modo completo algum dia no céu e, em parte, agora. Esta super-redenção é exemplificada plenamente no diagrama seguinte:



Este diagrama não se encontra no formato simétrico, do tipo "V" ou "F"; antes, ele se enquadra mais no formato (√) destacando a graça "muito mais" abundante de Deus. É assim que Romanos 5.20b descreve a situação; o que temos agora na salvação excede em muito o que perdemos no pecado.

Imagine que você é médico. Um paciente com uma deformidade na perna, que coxea desde o nascimento, vem para fazer um tratamento. Ele o diz que ultimamente o problema tem se agravado e que ele já não consegue andar, mesmo coxeando. Suponhamos que tudo que você pode oferecer ao paciente é que ele volte a andar, mas ainda coxeando (como de fato é o que pode acontecer na medicina); isto é tudo que o conselheiro cristão tem a oferecer? Seria tarefa desse conselheiros levar seus consulentes de volta a um coxear doloroso? Não! Definitivamente, não! O que ele tem a oferecer pode ser comparado a uma andar livre, sem dor, sem coxear – algo totalmente novo, algo muito melhor do que tudo aquilo que o paciente já teve. Todos os que aconselham em nome de Cristo, pela graça assumem uma posição superior a todos os outros. Não oferecemos um aconselhamento que meramente ajudará o paciente a coxear; a esperança do cristão é que o consulente possa correr!

Quando os consulentes vem com um casamento violentamente despedaçado, o conselheiro cristão não o oferece meramente o conserto do

casamento; não é interesse dele restaurar o status quo que existia antes da separação. Não. Como Cristo tinha muito *mais* em mente em sua morte do que simplesmente restaurar o status quo, assim o faz o conselheiro cristão. Estes casamentos – diferente do casamento que existiu no Eden – via de regra começaram errado e jamais foram um mar de rosas. Esta é a razão pela qual a maioria dos consulentes dirá ao conselheiro que não desejam retornar ao que tinham antes da separação. Oferecer um retorno, portanto, não significa oferecer esperança. Quando eles dizem "Não quero voltar a tudo aquilo", eles tem uma certa razão. Somente o conselheiro cristão tem uma razão sólida para crer que pode haver um novo (e *melhor*) futuro para aquele casamento em Cristo; somente ele tem uma razão teológica – a doutrina da graça à qual me referi como mais que redenção ou super-redenção. Os conselheiros cristãos não oferecem uma obra de *reparo*. Por causa da graça, eles sempre procuram transformar cruzes em coroas! Por isso dizem: "Não estamos falando de voltar à sua primeira condição de vida; o que Cristo pode te dar é um novo casamento – um casamento que canta!" Este é o posicionamento dos conselheiros cristãos; o posicionamento de uma graça mais abundante!

Embora tudo o que Adão perdeu fosse perfeito (ainda que não completo), nada do que ele perdeu poderia compárar-se à graça. A graça nos concede nada menos do que o melhor. Em Cristo obteremos não somente tudo que Adão teve, como também tudo que ele poderia ter tido, mas não teve. Assim também em Cristo, a esperança dos consulentes se estabelece para obterem muito mais do que um casamento cristão deveria ter sido, muito mais do que teve antes (mesmo que jamais será perfeito ou completo nesta vida).

O conselheiro explicará seu posicionamento super-redentor: "Embora nos cause tristeza tanta dor e miséria desnecessárias, além de tão grande desonra ao Nome de Deus [note que ele não minimiza os efeitos do pecado], somos gratos a Ele por lhes ter trazido ao lugar onde o casamento teve um fim. Louvemos a Deus também porque agora vocês estão prontos para uma mudança radical e porque não desejam mais voltar à

condição passada. Deus pôs um fim ao seu estilo de vida anterior, não para mandar-lhes de volta a ele, mas para lhes dar algo totalmente novo. E se vocês recomeçar com Cristo, é exatamente isto que terão – um casamento que canta!"

Não importa qual seja o problema, não importa quão grandemente o pecado tenha abundado, o posicionamento do conselheiro cristão estriba-se na natureza muito mais abundante da graça de Jesus Cristo na redenção. Que diferença isto faz no aconselhamento! Louvado seja Deus por esta graciosa implicação de sua multifacetada salvação!

Capítulo 13

Perdão no Aconselhamento

A DOUTRINA DA SALVAÇÃO

A maior necessidade do homem é de perdão. É muito fácil para o cristão esquecer o que significou pra ele vir a Cristo e ser perdoado. Mas, um senso vívido de ter sido perdoado é essencial para a devoção cristã; sem isto, o cristão facilmente abandona o seu "primeiro amor" (Ap 2.4). Sem esta percepção, ele tende a perder a atitude de perdão em relação a outrem, que também é essencial ao viver cristão adequado, e ao tratamento de muitas dificuldades no aconselhamento. É importante, portanto, aos conselheiros, aprenderem tudo que for possível a respeito do perdão; também devem dedicar tempo lembrando-se de como também foram perdoados e relembrando aos consulentes o tremedal de lama do qual foram tirados.[272]

Cristãs são pessoas perdoadas – e devem ser gratos por isso; é isto que os faz únicos. Mas este fator único traz consigo uma responsabilidade: sendo *perdoados,* eles devem ser também pessoas que perdoam, como diz Efésios 4.32 "Antes, sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou".

Dentro da comunidade cristã deve sempre haver muito perdão. O lar cristão, a igreja, e o gabinete de aconselhamento, são também áreas primárias para a busca e a concessão do perdão. Em todas as situações, o cristão deveria ser aquele que perdoa, que nunca esquece como Deus o perdoou. Conselheiros devem entender a importância disto e trabalhar estra realidade na vida de cada consulente.

272 A Ceia do Senhor foi designada para este propósito. Claramente, a necessidade deste memorial (lembrete) demonstra a propensão dos pecadores ao esquecimento.

Mateus 18.23-35 é uma parábola que expressa isto (a ela retornaremos depois), estabelecendo a obrigatoriedade do cristão de perdoar plenamente. Somos devedores a Deus – não do débito que Cristo pagou em nosso lugar, mas – o débito que nos obrigam a perdoar outros, compartilhando com eles as alegrias do mesmo tipo de perdão que experimentamos.

Sendo isto tão básico, há uma ênfase bíblica geral no perdão – não apenas o perdão de Cristo sobre nós, mas também no nosso perdão para com os outros (cf. Mt 5 – onde o perdão que leva à reconciliação precede a nossa adoração; Mt 18 - onde a disciplina da igreja está associada à involuntariedade/voluntariedade dos irmãos para perdoar uns aos outros; Mt 5 – onde o perdão de Deus para conosco está condicionado à nossa voluntariedade em perdoar, etc.).

Conselheiros cristãos precisam aprender o que dizem as Escrituras sobre o perdão; devem conhecer o assunto com propriedade, dominando todo o campo com maestria, até estarem completamente familiarizados com ele. Devem também conhecer os aspectos exegéticos, teológicos, e práticos do assunto. Por causa disto, decidi dedicar muito espaço a este assunto neste capítulo. Não consigo pensar em algo mais importante para o aconselhamento e sobre o qual os conselheiros devam estar muito inteirados.

A igreja está cheia de buracos pelos quais o poder escoa. Muitos destes buracos são dificuldades de todas as espécies nos campos das relações interpessoais. E a maioria daqueles que nunca foram vedados, por uma falha no entendimento, no ensino e reforço dos princípios do perdão cristão. Aconselhamento é uma atividade singular destinada a capacitar os cristãos a se engajarem voluntariamente nas atividades primárias. Ele ajuda as pessoas a começarem a viver como Cristo quer que vivam, libertando-as dos obstáculos que as prendem. O aconselhamento não é um fim em si mesmo. Ele prepara as pessoas para servirem a Cristo em missões, evangelismo, ensino, adoração, etc. o assunto, portanto, é muito pertinente aos nossos dias. Há uma grande oportunidade durante este tempo de caos mundial, de confusão política e pessoas, de falta de paz na humanidade,

para propagarmos a semente do evangelho amplamente. Há fundo e pessoal disponível. Não devemos perder a oportunidade, mas mergulhar nela completamente, AGORA. Mas algo que, certamente, pode nos impedir de o fazer é um igreja enfraquecida, com dificuldades internas não resolvidas, introspectiva, lambendo as próprias feridas. É por isto que todo esforço no aconselhamento é estratégia para a hora presente. É por isto que o perdão se constitui assunto tão importante para os conselheiros. A grande maioria dos casos de aconselhamento, de uma maneira ou de outra, envolvem a necessidade de perdão.

Jack Winslow, titular de uma grande instituição mental britânica, declarou: "Eu poderia dar alta à metade de meus pacientes amanhã, casos eles estivessem dispostos a perdoar".[273] Em meu trabalho na instituições mentais em Kankakee e Galesburg, Illinois, durante o verão de 1965 vi esta declaração corroborada por minha própria experiência. Quando Karl Menninger escreveu o livro *Whatever Became of Sin?* (*O Que é Que Se Tornou pecado?*). Ele estabeleceu uma tese interessante. Ele reportou uma mudança significativa ocorrida durante sua vida. Outrora as pessoas falavam sobre pecado, mas não o fazem mais. Não que o pecado tenha arrefecido, naturalmente. Antes, o pecado simplesmente recebeu um novo rótulo. O que antigamente se entendia como pecado, hoje é chamado de crime ou doença. Trata-se de uma mudança significativa, porque crime e doença não podem ser perdoados. Crimes devem ser punidos. Doenças precisam de cura (e quando não for possível, desculpadas). Como resultado desta mudança, há todo tipo de pessoas hoje que pecam e necessitam de perdão mas, (como Menninguer coloca) não podem ser perdoadas. Menninger está certo em sua análise básica, mas errado na maior parte de seu livro (e.g., ele entende o pecado como erros cometidos contra os homens; não contra Deus!). Há muitas pessoas que sabem que algo está errado, que algo está faltando, mas elas têm passado por uma lavagem cerebral que as leva a pensar em tudo como causa disto, menos na necessidade de perdão dos pecados. Até que os conselheiros cristãos lhes digam sem hesitação a verdade – ou seja,

273 John Stott, *Confess Your Sins* (Philadelphia: Westminster, 1964), p. 73.

chamar seu pecado de "pecado" é a abordagem mais gentil possível – elas continuarão em sua miséria.

Proponho, a seguir, primeiramente investigar o que a Bíblia diz sobre perdão e então mostrar como Deus quer que usemos o ensino bíblico em casos práticos.

A Linguagem do Perdão nas Escrituras

O Antigo Testamento

Há dois termos principais para perdão no Antigo Testamento com os quais os conselheiros devem se familiarizar. O primeiro deles é *salach.* Este é o termo básico e (portanto) o mais importante dos dois. A ideia fundamental aqui é "aliviar por levantar." O termo associa-se ao perdão quando é usado para descrever Deus aliviando a vida de uma pessoa ao levantar a carga de culpa d sobre seus ombros. É *sempre* empregado para falar do perdão de Deus ao homem (nunca do homem perdoando o homem) e é traduzido por "absolver" e por "perdoar". A palavra é traduzida na LXX (Septuaginta) pelo termo Grego *afiemi* (esta palavra será discutida mais tarde) mas geralmente por *hileos eimi* ou *hilaskomai,* "ser propício a" (cf. Lc 18.13).

O termo tem conotações da restauração de um ofensor ao favor divino. Há sempre uma atmosfera de *expiação* que adere a esta palavra. Frequentemente, ela está associada à expiação: cf. Levítico 4.20,26,31,35; 5.10,14,15,18. Expiação, nestas passagens, leva ao perdão. Retornarei a este tema logo mais. Hebreus 9.22 fornecem o comentário clássico do Novo Testamento: "Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados".

Há outras classes de referência nas quais a palavra é empregada. Para entender melhor o sentido de *salach,* abra sua Bíblia nos seguintes versos e siga o termo em cada referência. Alguns deles, você descobrirá, são passagens vitais:

1. Números 14.19,20 (interessantemente, estes versículos mostram que, embora o pecado tenha sido perdoado, suas consequências o seguem; isto também será tratado logo mais).
2. Neemias 9.17
3. Salmo 103.3
4. Salmo 130.4 Aqui, note, o oposto de perdão é ficar lembrando do pecado. Esta é uma consideração importante, como veremos.
5. Isaías 55.7
6. Jeremias 31.34. Esta passagem crucial é aquela à qual Cristo se refere na instituição da Ceia do Senhor. Perdão, aqui, como o paralelismo sinônimo indica, significa não se lembrar mais dos pecados (cf. Sl 130.4).

Há outras passagens às quais podemos nos reportar, mas estas, sem dúvida, são suficientes para traduzir a riqueza e importância deste termo vital.

A segunda palavra é *nasa.* Ela também pé traduzida por "perdoar" ou "absolver". Seu significado é muito próximo a *salach;* o significado especial é "tirar por meio de levantar". Enquanto *salach* se refere ao alívio obtido por meio de levantar o fardo (da culpa), *nasa* foca no *tirar* por meio de levantar. Em outros contextos, a palavra é usada para falar *levantar* os olhos, a cabeça, o rosto (Gn 4.7), a voz, o coração, as mãos, de *carregar* uma criança, de *levantar* as roupas, etc., de *trazer* frutos (como uma árvore), e de *sofrer, suportar.* Naturalmente, é importante para nós a ideia de *tirar* (ou levar para longe) o pecado.

Passagens que dão a atmosfera da palavra incluem:

1. Gênesis 50.17. Note que esta palavra inclui tanto o perdão do homem para com o seu próximo como o perdão de Deus para com o homem. Neste sentido, ela difere de salach.

2. Êxodo 34.6,7. Aqui Deus está perdoando o homem de suas iniquidades, transgressões e pecados (note que as palavras para perdão não são usadas exclusivamente com nenhum outro termo para pecado).
3. Salmo 32.1,5. Perdão aqui é paralelo a cobertura. A imagem original em nasa (perdão por retirada) é eclipsada por outra no contexto (perdão por cobertura). Estas são duas formas de se atingir o mesmo resultado: remoção do pecado. Comparar os versos 1 e 5 é significativo para entendermos que o pecado é coberto por Deus somente quando é descoberto pelo homem.
4. Oseias 1.6. O oposto de não perdoar = mostrar piedade (cf. Ex 34.6). Há uma energia que acompanha essa palavra.
5. Talvez seja possível, apenas com estes estudos do Antigo Testamento, começar a se ter uma ideia mais clara da riqueza do conceito de perdão. Nas Escrituras a profundidade e extensão da ideia de perdão são vastas; trata-se de um conceito multifacetado.

O Novo Testamento

Mais uma vez, agora no Novo Testamento, estudaremos com atenção duas palavras: *afiemi* e *charizomai,* Naturalmente, *afiemi* é o termo principal para perdão e na LXX está amplamente associado a *salach.* Embora estes termos Gregos difiram, há semelhanças entre eles. Consideraremos inicialmente *afiemi.*

Basicamente, *afiemi* significa "deixar ir, soltar, remir" (lit., "liberar novamente"). A semelhança com a remoção, o levantar, etc., já descoberta nas palavras do Antigo Testamento é evidente. Ainda assim, a imagem varia levemente, como veremos. O *uso* fundamental (como oposto à mera etimologia) fala de débitos "perdoados" ou cancelado (o termo pode ser usado para se referir à *soltura* de um prisioneiro – de onde vem a ideia de débito – que tem um débito a pagar por seus crimes – onde o débito já não existe).

O termo é empregado para toda sorte de conexões financeiras legais nos papiros, destacando o conceito de *débito pago* (ou *cancelado*) cabalmente. A Rosetta Stone (Pedra de Rosetta) (196 a.C.) traz esta frase: *eis telos afeken* ("total remissão" [de taxas]). O uso é típico.

O Novo Testamento usa a palavra desta maneira, literal e figuradamente (cf. Mt 18.27,32; 6.12). A palavra *afiemi* quase demanda que o termo "débito" a siga. Quando outras palavras, como "transgressão" (Lc 7.41,42) ocorrem, devem ser entendidas em termos de *obrigações* nas quais alguém incorreu. Transgressão coloca a pessoa na situação de débito; ela tem uma obrigação para com Deus e pode ser chamada a prestar contas a qualquer hora; a pessoa se encontra numa posição em que pesa sobre seus ombros uma obrigação constante. Em Atos 8.22, onde lemos sobre o perdão dos "pensamentos dos corações", a ideia é de pensamentos *pecaminosos*. O pecado é considerado plenamente como débito, obrigação que leva a uma responsabilidade diante de Deus. A absolvição, remissão, liberação de uma obrigação removida é superior no conceito.

Afesis é a forma nominal de *afiemi*. Significa desobrigação, soltura, perdão. Onze vezes o termo é seguido da palavra "pecados" (*hamartia*), e uma vez pela palavra "transgressão" (Cl 1.14). Cf. Marcos 3.29; Efésios 1.7; Atos 5.31;13.38; 26.18; Lucas 4.18. (Aqui e na LXX de Lv 25.10, etc., refere-se à liberdade de obrigações durante o ano do jubileu.)

O outro termo do Novo Testamento é *charizomai*. Esta palavra vem de *charis* (favor, graça), e significa conceder o perdão *gratuitamente* ou *incondicionalmente*. O perdão é sempre imerecido por parte de quem recebe (ele merece pagar a punição ou débito). O dom do perdão custa ao doador, não ao que recebe (cf. Ef 4.32; Cl 2.13; 3.13; Lc 7.42,43 – aqui o débito foi cancelado *gratuitamente*).

Talvez uma nota sobre a palavra Inglesa *forgive* ("perdoar") seja oportuna. O prefixo *for* é negativo de modo a negar, de uma maneira ou de outra, a palavra à qual está prefixado (neste caso, a palavra *give* ["dar"]). Assim, *forgive* significa *"não dar"*, refrear-se de dar (a alguém o que essa

pessoa merece – a punição ou penalidade de alguma espécie). Naturalmente, além de efeito ilustrativo, a etimologia desta palavra não traz qualquer contribuição significativa para este estudo.

O Significado de Perdão

Neste ponto, de modo preliminar, quero discutir o significado de perdão. Digo de modo preliminar porque o que farei aqui estará longe do refinamento e da precisão. Muito do que direi precisará ser qualificado, ampliado, sistematizado e desenvolvido a medida que avançamos. Não estou pronto para definir perdão numa sentença simples e direta, ou até mesmo num parágrafo mais elaborado. O que pretendo descobrir acima de tudo neste ponto é que o perdão representa um conceito abrangente e multidimensional na Bíblia.

Vamos começar contrastando o perdão com seus opostos. Geralmente uma boa maneira de entender uma ideia é descobrir seus opostos. (Cf. *coração* – na Bíblia vimos quão elucidativo é descobrir que o coração é sempre colocado em oposição aos lábios, às mãos, às palavras, à aparência externa, mas não contra a cabeça.) Como a Bíblia fala do não-perdoar, da recusa em perdoar? Para iniciarmos nosso estudo, vamos ler

1. Marcos 3.28-30:

> Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfêmias que proferirem. Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre [lit., "nunca terá perdão"] visto que é réu de pecado eterno. Isto, porque diziam: Está possesso de um espírito imundo.

Este é o relato do famoso pecado imperdoável (para ver mais detalhes sobre isto, cf. cap. 37, *The Christian Counselor's Manual*). Segundo Jesus, "toda sorte de pecados"[274] são perdoáveis. Somente este pecado é imperdoável v. 29). A frase "filhos dos homens" é uma variante simples para

274 A palavra traduzida por "pecados" é *hamartema*, "atos" ou "obras de pecado".

"pessoas" ou "seres humanos"; a palavra "blasfêmia" significa linguagem pejorativa. O pecado imperdoável não é adultério, masturbação, divórcio, etc. (como pensam alguns conselheiros), mas, como indica o contexto, algo totalmente diferente. No verso 30 nos é dito que esse pecado tem a ver com a blasfêmia (insulto) ao Espírito Santo, chamando-o de "espírito imundo." Nada poderia ofendê-lo mais. Se há uma coisa que caracteriza o Espírito Santo é sua santidade. Ele é o Espírito de santidade (Rm 1.4), pois Ele é santo por natureza e a fonte de toda santidade entre homens e anjos. Santidade é separação (do pecado para fazer-se pertencer unicamente de Deus).

Pessoas que cometem o pecado imperdoável nunca se santificam; quem peca contra o Espírito Santo opõe-se a ele por inverter os valores de Deus – ao bem chamam mal e ao mal bem (cf. Is 5.20). Tais pessoas afiram que o Espírito Santo é um espírito imundo (i.e., um demônio). Mas, isto basta como pano de fundo. Vejamos o que (por contraste) a passagem nos tem a dizer sobre o significado de perdão.

De acordo com o verso 29, essas pessoas nunca receberão perdão (*afesis*). Mas, o que *receberão*? A segunda e contrastante parte do verso nos informa: serão "réus de pecado eterno." Um *pecado eterno* trata-se de algo que não será perdoado por toda a eternidade e seus efeitos – punição eterna – não terão fim. Eis um resultado concreto. Mas note o restante da cláusula: "será réu de". Este é o construto que permanece contra o perdão como seu oposto. A pessoa que não é perdoada é aquela que permanece *culpada;* ela é *respónsável*[275] por seu pecado. O termo *enochos,* usado aqui, significa ser responsável ou merecer algo (cf. 14.64, onde o uso da palavra é visto com mais clareza: responsável ou merecedor da morte). Uma pessoa perdoada, então, é aquela que já não é mais responsável por seu pecado. Ele não pode mais ser cobrado (cf. Rm 3.19). Claramente, segundo este uso, alguma coisa é *amarrada* a alguém até que essa pessoa seja perdoada. Mas quando ocorre o perdão, a pessoa é *libertada* daquela condição; nada mais lhe pren-

275 A palavra Inglesa *liable* ("responsável") vem do Latim (passando pelo Francês) "amarrar".

de. Esta responsabilidade para com, ou ameaça de punição foi levantada, removida; já não está mais sobre seus ombros, foi-se para sempre.

1. Atos 7.60

Na conclusão do discurso de Estevão, ao ser ele apedrejado até a morte, sua oração foi a seguinte: "Senhor, não lhes imputes este pecado". Esta foi uma oração de perdão. Embora a palavra perdão não apareça no texto, não pode haver dúvidas da intenção da oração; trata-se de um sonoro eco da oração de Cristo na cruz ("Pai, perdoa-lhes..." – Lc 23.34). Aqui, as palavras exatas de Estevão convidam à reflexão. A oração é negativa; é um pedido para que Deus *não* faça o oposto do perdão, i.e., atar-lhes o pecado. Literalmente, a frase *me stese autois,* significa "não ponha isto sobre eles," "não faça isto descer sobre eles," ou "não deixa que nada seja feito contra eles." Assim, perdão (novamente) é visto como uma condição na qual o pecado de uma pessoa não é mais cobrado dela.

Em contraste, leia 2Crônicas 24.21,22. Zacarias, como Estevão, está morrendo; também está sendo apedrejado até a morte, mas ouçamos sua oração: "Jeová o verá e o retribuirá". A palavra *darash,* traduzida por "retribuir", significa "demandar justiça", "tomar vingança", ou "vindicar". Trata-se de requerer um pagamento por algo que foi feito. A oração de Zacarias é o oposto da de Estevão. Ele pede a Deus que impute àquelas pessoas aquele pecado, que os responsabilize pelo que estão fazendo a ele, que os chame à responsabilidade, à prestação de contas e que eles sejam forçados a pagar pelo que estavam fazendo. Estevão pede o oposto. Sendo as circunstâncias semelhantes - até mesmo a oração final considerando os agressores– o contraste no conteúdo é de grande destaque. O que fez a diferença. A oração do Senhor na cruz fez a diferença, Estevão tinha um novo modelo.

O resultado do perdão, então, é a liberdade da responsabilidade. Uma nova perspectiva da vida vem à pessoa perdoada. Segundo Jeremias 50.20 mesmo que se busque iniquidade, não se encontrará quando Deus perdoar (cf. Sl 103.12). Todas as lembranças, traços de responsabilidade pelo pecado se foram. A pessoa perdoada possui uma nova história – completamente liberta de seu passado. Pessoas não perdoadas carregam o passado como

parte de seu presente; a responsabilidade dos pecados não perdoados paira por sobre sua cabeça. O futuro pertence aos que foram perdoados; os outros arrastam seu passado contaminador para o futuro, aonde quer que vão e destroem seu próprio futuro. Vivem sempre à margem do perigo. O perdão assegura ambos, o presente e o futuro.

2. Oseias 8.13; 9.9:

Oseias declara que Deus *lembrará* da culpa deles e *visitará* seus pecados.Lembrar e visitar são paralelos; são usados aqui como sinônimos. E, se compararmos as duas passagens, veremos que visitar é empregado como sinônimo de punir. Visitar, na Bíblia, é vir em bênção ou julgamento (como é o caso aqui). A palavra nunca significa simplesmente ir à casa de alguém, como se pode pensar (ver meu livro *Shepherding God's Flock*, vol. I p. 75-81, para um estudo mais completo do termo). Aqui, lembrar, visitar, punir, todos estes termos falam do julgamento de Deus sobre os pecadores. Lembrar é usado assim em 3 João 10. João não está dizendo meramente que guardará na memória o que Diótrefes tinha feito, mas que *trataria* com ele naquele mesmo critério; i.e., ele o responsabilizaria por suas obras más e o puniria (talvez com a excomunhão, talvez de outros modos) por elas. A ameaça de tal punição foi retirada das pessoas perdoadas.

A Base para o Perdão

(Algumas Considerações Teológicas)

Tendo dito que o perdão é concedido gratuitamente ao que recebe,[276] imediatamente equilibrei essa declaração com a verdade de que o perdão custa caro ao que concede. Vamos explorar este fato e algumas de suas ramificações.

Primeiro, é crucial reconhecer que o perdão de Deus não é simplesmente fazer vistas grossas ao pecado, uma simples transferência de responsabilidade ou fechar os olhos para o pecado. Também não se trata de um perdão fácil, que não custa nada. O perdão foi comprado ao preço da vida de Cristo. O perdão custou a Deus o seu único Filho. Hebreus 9.22

276 *Charizomais* enfatiza esse elemento.

(cf. 10.18) declara que não há perdão sem derramamento de sangue. Este é um princípio do qual outras verdades derivam; conselheiros cristãos não podem duvidar deste princípio, nem questioná-lo (lembre-se que há uma relação íntima entre expiação e perdão em Levítico 4,5).

Mateus 26.28 é de suma importância, onde nos é dito que na instituição da Ceia do Senhor Jesus falou sobre "Meu sangue da nova aliança que é derramado me favor de muitos para remissão [*afesis* – perdão] de pecados". O propósito, intenção (ou objetivo) da morte de Cristo foi trazer o perdão dos pecados. Nunca, na teologia, no aconselhamento, ou seja onde for, estes dois fatores podem ser separados.

Liberais fazem perguntas do tipo: "Por que expiação? Por que sangue? Por que um sacrifício pelos pecados. Por que Deus simplesmente não cancela o débito e remove a culpa? Por que vocês dizem que Deus atrela a o perdão à expiação?

A pergunta é importante. Por que nosso perdão custou a Deus o seu Filho? Porque Deus é santo e justo, assim como misericordioso e compassivo. Ambos os lados da personalidade de Deus devem ser satisfeitos. Em Romanos 9.22,23 nos é dito que Deus quis demonstrar *ambos* sua ira e sua misericórdia. Ambos podem ser vistos no tratamento de Deus com indivíduos e nações.[277]

Como um Deus de ordem e justiça, que governa o mundo com equidade, Jeová ordenou suas leis e estabeleceu as penalidades para os que as violam. Portanto, ele não pode simplesmente deixar o homem ir livremente; deve exercer as penalidades que requereu. Ele não pode desmantelar sua própria ordem, abandonar seus próprios interesses e mudar sua mente. Sua justiça deve ser satisfeita. A ira de Deus sobre os aspectos pessoais e legais do pecado do homem precisa ser apaziguada. O homem não apenas quebrou a lei de Deus; ele também o ofendeu como Pessoa. Cristo, por sua obediência ativa e passiva teve que viver a vida que a santidade de Deus requeria e morrer a morte que esta justiça exigia. Por estes fatos, a morte amavelmente misericordiosa, substitutiva de Cristo tornou pos-

277 Um estudo da história, interpretada à luz desta tese, seria elucidativo.

sível Deus ser justo e justificador daqueles que confiam em Cristo para o perdão (Rm 3.24-26). Misericórdia e ira se beijaram na cruz.

Se eu o esmurrar e pedir a alguém que está ao seu lado que me perdoe, isto não funcionaria. Foi *você* – não ele – que eu ofendi, e preciso ter o *seu* perdão. Ele não pode me perdoar; só quem pode me perdoar é a pessoa contra quem pequei. Perdão é uma transação que sempre envolve as duas partes relacionadas à ofensa. Jesus Cristo não era uma terceira parte, fora da ofensa; ele era *Deus* manifesto em carne. O próprio Deus – uma das partes interessadas – tomou sobre si às custas pagando a penalidade. Deste modo, tudo que devia ser satisfeito, o foi. Por contraste, a visão liberal resulta em pouco mais do que uma mera tolerância ou mera exculpação do pecado.

Muito semelhante à visão liberal (com efeito, se não de propósito) é a visão dos psicólogos cristãos que igualam *aceitação com* perdão. O livro de David Augsburger, *The Freedom of Forgiveness,* oferece um bom exemplo do que está sendo dito ao público cristão num nível bem popular.

> O caminho de Cristo foi o caminho da concessão do perdão mesmo quando não solicitado. ...*Viver* o perdão é viver de todo coração a aceitação dos outros. Não há perdão sem a genuína aceitação do outro como ele é... Perdão é aceitação sem exceção.[278]

A verdade é que a oração de Cristo na cruz por perdão (a qual se refere à primeira citação de Augsburger) não foi o perdão em si, como ele afirma ("isto é perdão")[279] mas uma *oração* a Deus por perdão. Cristo, naturalmente, tinha em vista tudo que deveria acontecer para tornar real aquele perdão; de fato, a morte que ele estava experimentando naquele momento era o centro de tudo aquilo. Separar a oração de Cristo na cruz de sua crucificação como Augsburger parece fazer é um trágico equívoco.

278 David Augsburger, *The Freedom of Forgiveness* (Chicago: Moody, 1970), p. 36,37,39.

279 Ibid., p.36.

Não devemos – como Cristo certamente não o faria (de outra sorte, por que ele morreu?) aceitar a pessoa "como ela é". Fazer isto significaria esquecer todos os seus pecados não expiados e não confessados (não tratados adequadamente) e isto não é bíblico. Perdoamos – e nesta base aceitamos (tenho muito mais a dizer sobre isto e sobre a *concessão* do perdão logo mais). O perdão bíblico é condicional; não deve ser igualado à aceitação Rogeriana ("consideração positiva incondicional"). Não há base nenhuma para isto - exceto na má teologia de Carl Rogers, que crê que o homem é essencialmente bom.

O perdão nunca ignora o pecado, nem o tolera (aceitando a outra pessoa *como ela é*); antes, perdão é perdão do *pecado* (reconhecido *como pecado* e arrependido). O perdão tem como foco o fato de que houve uma ofensa real; o perdão não vira simplesmente as costas ao pecado, mas o trata como tal. As doutrinas psicológicas de *aceitação* são substitutas baratas para o perdão, pois negam a necessidade e eficácia da expiação de Cristo – os homens podem aceitar uns aos outros à parte disto. A aceitação não faz demandas; é irreal, deficiente. O homem é pecador e não pode ser recebido por simples aceitação.

A aceitação procura fazer (na melhor das hipóteses) um neutralismo em relação ao pecado. O pecado é contra Deus, e não há neutralidade possível em relação a Deus, que foi ofendido pelo pecado. Atitudes de não-julgamento realmente minimizam e até encorajam o pecado. Aceitar o pecador *como ele é* significa dizer que Deus estava errado ao mandar Cristo morrer pelos pecadores *a fim de transformá-los*. Deus leva o pecado tão a sério que puniu seu próprio Filho com a morte pelo pecado. Se Deus pune o pecado, não devemos aceitar os pecadores como são.

Dizer que Deus perdoa pecados é verdade. Mas dizer deste modo, mas nunca devemos perder de vista o fato de que é dos *pecadores* que é retirada a culpa. Deus pune *pessoas* e perdoa *pessoas*. Alguns tentam fazer distinção entre pecado e pecador; "Deus odeia o pecado; mas ama o *pecador*", dizem. Mas esta separação não é possível. Deus manda *pecadores* para o inferno; eles, e não seus pecados, serão punidos eternamente. Cristo, e não

o pecado que ele levou sobre os ombros, sofreu e morreu na cruz. O aconselhamento deve considerar a responsabilidade que está sobre as pessoas não-perdoadas; *pecadores*. Não é bom obscurecer os fatos com linguagem banal. Pecadores precisam de perdão.

É importante empregar a palavra *pecador* no aconselhamento quando falamos sobre pecado. Não se trata de *querermos* condenar as pessoas, chamando-as de pecadoras; não se trata disso. O que queremos ou não queremos fazer é simplesmente secundário. A única questão é, o que Deus quer que façamos? A resposta a isto é simples: Ele quer que chamemos o pecado de *pecado*. Somente assim poderemos apontar às pessoas o perdão que se encontra em Jesus Cristo. Pecado pode ser perdoado (debilidade mental, doenças, não podem). O cristianismo é uma religião baseada no perdão. O aconselhamento que nunca fala de pecado e de perdão, portanto, não é cristão – não importa o rótulo que tenha. Fora, portanto, com a visão dos liberais e de cristãos que são psicólogos das Escrituras! Voltemos à s bases bíblicas.

"Mas Jesus não orou por seus perseguidores?" Sim. "Ele não rogou ao Pai que os 'perdoasse'?" Sim. "Quando?" "Como?" alguns foram perdoados no Dia de Pentecostes como resultado da pregação de Pedro; mas *não* sem a convicção de pecado (cf. At 2.37), e *não* à parte da mensagem de salvação.[280] Eles tiveram que se arrepender e crer no evangelho. O perdão lhes veio como resultado da expiação; *não* à parte dela. Estes fatos devem ser lembrados pelos conselheiros cristãos, sempre que estiverem aconselhando. Mas o assunto da culpa e da convicção do pecado levanta outra questão com a qual (infelizmente) devo tratar com alguns detalhes por causa das visões errôneas que têm sido insinuada nos círculos bíblicos pelos modernos psicólogos das Escrituras.

O Lugar e Propósito da Culpa no Aconselhamento Cristão

A fim de explorar esse assunto tanto quanto for possível, contrastando o ensino bíblico com as distorções modernas, na esperança de chegar ao

280 Incidentalmente, a conversão do apóstolo Paulo foi uma resposta à oração de Estevão.

lugar que Deus quer que cheguemos, focarei a atenção sobre um livro de coautoria de Bruce Narramore e Bill Counts, intitulado *Guilt and Freedom* ("Culpa e Liberdade", recentemente revisado, recebendo um novo título: *Freedom from Guilt* ("Liberdade da Culpa").[281] Este livro estabelece a maioria das questões entre conselheiros cristãos a respeito do lugar e propósito da culpa. Tratarei alguns destes conceitos principais, reagirei a eles e tentarei comparar e contrastá-los com o ensino das Escrituras. O livro representa – e talvez, estabelece da melhor maneira – o que tem se tornado a corrente dominante do pensamento evangélico a respeito da culpa e do perdão.

Devemos tratar da culpa com profundidade por causa de sua com o perdão. Os dois conceitos nunca podem ser separados sem prejuízo. Perdão envolve culpa; pressupõe culpa. Culpa implica culpabilidade de ato cometido contra Deus ou contra Deus e o homem. Todas as palavras empregadas para perdão, como temos visto, tem a ver com levantar o fardo da culpa, com o cancelamento de débito de nossa conta, com a remoção do que consta contra nós. Narramore e Counts (a partir de agora tratados como N/C) escolheram discutir um assunto muito importante; o único problema é que tentam levar-nos a uma liberdade da culpa de uma maneira que, embora pretenda ser bíblica, não o é.

Qual é o propósito da culpa? N/C afirmam que a culpa não consegue obter bons resultados. Essa é uma estranha afirmação para quem conhece a Bíblia. Com frequência a Bíblia ensina o que todos temos experimentado: que Deus nos criou de tal maneira que experimentamos um *senso de culpa*[282] todas as vezes que somos culpados de algum mal que fazemos. Ou seja, a consciência da prática do erro leva a maus sentimentos. A consciência (a capacidade de auto-avaliarão e autojulgamento, que leva à autocondenação ou exoneração) em tais situações desperta maus sentimentos a fim de nos advertir de que algo está errado e deve ser tratado. Este é o ponto de vista

281 *Guilt and Freedom* (Santa Ana: Vision House Publishers, 1974).

282 Por todo o livro N/C falam de "culpa psicológica" ao falarem daquilo que eu prefiro chamar de *senso* de culpa. Para eles, trata-se apenas de um "sentimento" de culpa.

padrão, tradicional que a maioria dos cristãos tem entendido a partir da totalidade do ensino bíblico: um senso de culpa funciona como um alarme e um fator motivador para nos levar ao arrependimento.

Não é bem assim, dizem N/C. eles querem mudar toda sorte de pensamento para (o que dizem ser) uma postura mais bíblica do assunto. Falam de pessoas que adotam a posição tradicional como que estivessem brincando (ou no perigo de brincarem) com o que eles chamam de "jogos de culpa." Por causa do senso de culpa (que eles enxergam como algo errado), os cristãos fazem coisas supostamente inadequadas tentando "obedecer a Bíblia completamente", "admitindo" seus erros e "pedindo perdão".[283] Mas isto é "muito difícil," dizem eles e (de qualquer forma) muito confessam o pecado apenas para se livrarem do mal estar.[284] Então, N/C dizem, tudo isto leva a uma "sólida conclusão - a culpa não funciona".[285] (Lembre-se que eles estão falando do senso de culpa). Esta sólida conclusão, porém, é na verdade um ataque frontal à constituição do homem como Deus o fez e a muito do que Deus faz em seus relacionamentos com o homem, caso o entendimento tradicional da Bíblia esteja correto. Dizer que a culpa é uma "falha total", como é dito na página 33, certamente passa muito longe do que a Bíblia ensina e nos assegura de que o que estamos lendo não se trata de uma leve modificação dos conceitos previamente defendidos, nem mesmo uma advertência contra o abuso deles, mas uma negação absoluta e radical das interpretações tradicionais, reputando-as como seriamente errôneas e perigosas. Isto, de fato, é exatamente o que N/C estão a fazer: eles querem suplantar a visão anterior com sua mais nova concepção. O que diremos a respeito disto?

Primeiro, se N/C estiverem certos, Deus errou ao nos fazer. Perdão e confissão não passam de uma farsa no sistema de N/C. não passam de meras palavras, destituídas de seu conteúdo essencial, nas quais novos e

283 Ibid., p.27-37.

284 Interessantemente, mais tarde no livro, sob uma discussão da confissão, N/C afirmam que o propósito da confissão é a catarse – a ventilação dos maus sentimentos, e veem isto como algo bom. Uma das dificuldades que o leitor encontra neste livro é sua inconsistência.

285 Ibid., p. 33.

estranhos significados foram introduzidos. As palavras são mal entendidas e mal interpretadas; o conteúdo psicológico foi acrescentado a elas após terem sido retirados seus ingredientes bíblicos.

É sempre importante perguntar (particularmente no campo do aconselhamento cristão) se o escritor deriva o significado que dá às palavras que emprega, bem como seus construtos conceptuais, da Bíblia por meio de trabalho exegético sério visando atingir o correto uso bíblico, ou se ele obtém seus significados de outras fontes. Os termos são usados como os escritores bíblicos os usaram ou foram forjados pelo autor do livro de modo a se encaixarem num sistema de pensamento que ele impõe à Bíblia? Narramore aceita uma boa dose de Freudianismo; sua interpretação da Bíblia é influenciada pelo Freudianismo? A resposta é sim; muitos dos termos chaves da Bíblia foram reformulados para se adequarem a um Freudianismo modificado. Pequenos compartimentos foram construídos; os versos e termos bíblicos são inseridos neles.

Embora às vezes (naturalmente) a culpa se mostre ineficaz – a própria Bíblia ensina que a culpa nem sempre (talvez na maioria das vezes) leva os homens ao arrependimento – o que não significa que seja errada ou ineficaz por completo. O fato de a maioria enveredar pelo caminho que conduz à perdição, torna a salvação dos outros ineficaz? Os profetas de Deus clamaram, tentaram despertar no povo um senso de culpa, etc., mas, via de regra, o povo não lhes dava ouvidos. Isto não significa que a culpa, como fator motivador, tenha falhado; significa apenas que as pessoas endureceram seus corações - até mesmo para sentimentos internos mais fortes. Além disso, chamar o senso de culpa de "fracasso total" está muito longe da verdade; as Escrituras estão repletas de evidências contrárias. Tais afirmações não são apenas um ataque ao sistema, mas se constituem uma acusação de falsidade contra a abordagem do próprio Deus; por toda a história Deus tem usado este método (geralmente com muito sucesso!).

Mais uma vez, dizer que o senso de culpa não faz parte da constituição do homem, mas é simples resultado da educação recebida dos pais (N/C) nega o fato de que *Adão* fugiu, cobriu-se, transferiu a culpa, etc., tentando

livrar-se de um senso de culpa. Quem foram os pais de Adão? Ele não os teve. A menos que você pretenda dizer que Deus socializou um senso de culpa nele por meio do mandamento, da advertência e da penalidade, terá que admitir que o senso de culpa é inato. De qualquer modo, a fonte foi Deus, não os pais terrenos. Quando Deus pergunta a Adão: "Quem te disse que estavas nu?" Ele se refere ao despertar do senso de culpa que a consciência de Adão lhe trouxe ao pecar. Consciência – a capacidade de autoavaliação e de autojulgamento – estava lá desde o começo, mas até o momento de pecar, este senso de culpa sempre deu a ele um julgamento positivo acerca de suas ações e atitudes. Agora, com o pecado, sua consciência começou a acusá-lo, produzindo dentro dele um sentimento de miséria que chamamos de senso de culpa. Assim, então, mesmo se a maioria dos pecadores proclame que seu senso de culpa não lhes motiva (porém, isto é questionável; poderíamos mostrar que pessoas não-salvas são motivadas por este senso de culpa para cometerem toda sorte de coisas *erradas*), que o mau uso do senso de culpa não o torna uma força motivadora imprópria (cf. Rm 3.4). Normas não podem ser estabelecidas a partir da quantidade de pessoas que fazem ou não fazem algo; não votamos para escolher o que é ou não é justo – Deus nos *diz* o que é justo e o que não é.O senso de culpa como motivador, num homem basicamente orientado para agradar a Deus, *realmente* funciona – e muito bem!

O que as Escrituras têm a dizer sobre estes assuntos? O Salmo 51 nos mostra a visão tradicional.

> Ao mestre de canto. Salmo de Davi, quando o profeta Natã veio ter com ele, depois de haver ele possuído Bate-Seba Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões.[286]

Este é um salmo penitencial. Foi escrito por Davi, após ter ele pecado contra Urias e Bate-Seba e Natã ter exposto seu pecado no encontro nou-

286

tético relatado em 2Samuel 12.10. Ele descreve a miséria do período em que impenitentemente recusou confessar seu pecado. Todo o Salmo expõe a miséria interior de um homem sofrendo por seu senso de culpa. Isto o preparou para a confissão final a Deus quando o profeta veio a ele. "Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim" (Sl 51.3).

Ele não consegue livrar-se de sua culpa; nela geme e range os dentes.; o senso de pecado o persegue, dia e noite. Agora note o verso seguinte: "Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar" (Sl 51.4).

Estaria Deus simplesmente sorrindo para Davi, sem quaisquer barreiras, exceto aquelas levantadas pelo próprio Davi? Deus o estaria aceitando sem qualquer julgamento? Isto é o que N/C querem que creiamos, como o fazem no final do livro. Mas, veja o que vem a seguir – Deus tinha julgado e sentenciado Davi. É como se já houvesse uma acusação contra ele; ele era passível de punição. Deus o declarou culpado e ele disse que Deus seria justo e puro em fazê-lo. Quem está certo? Davi ou N/C? Agora veja os versos 8 e 12:

> Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste. Restitui-me a alegria da tua salvação... (Sl 51.8,12).

Claramente, Davi sabia que Deus tinha trazido toda aquela miséria e sofrimento sobre sua vida; tudo aquilo jamais poderia ser resíduo da pobre socialização recebida de seus pais. *Deus* quebrara seus ossos (uma figura de linguagem denotando a severa miséria provocada por uma dor excruciante. Poucas coisas causam uma dor tão agonizante quanto ossos fraturados). Temos aqui uma expressão muito mais forte do que a "tristeza construtiva" da qual N/C falaram.

Salmo 51.17 - Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus (cf. Sl 34.18).

Deus deseja ver corações e espíritos quebrantados em seus filhos pecadores (cf. Jl 2.13).[287] Ele traz miséria para quebrar nossa rebelião, orgulho e egoísmo. Quebrantamento, humildade, não são errados, mas devem ser *desejados*. Quem quebranta o espírito e o coração? O próprio Deus. Mas ele não o faz para os deixar assim, como disse Isaías (58.15: Ele "faz reviver" o espírito e o coração; cf. também Sl 147.3).

Deus aprecia corações quebrantados nos pecadores; N/C afirmam que Deus não quer que nos sintamos mal. Dizem que ao pecarmos não devemos nos sentir culpados; em vez disso, devemos nos regozijar por causa do que Deus tem feito por nós em Cristo. Não deve haver em nós quaisquer sentimentos de culpa. Claramente, Davi e N/C encontram-se em direções opostas.

Mas, se o Salmo 51 nos ensina que o senso de culpa é apropriado, o Salmo 38 nos diz de modo ainda mais enfático. Não citarei esse Salmo ou qualquer versículo dele. De fato, não há indicação de que Deus nos aceita em nosso pecado com um sorriso nos lábios, olhando-nos com favor, sem julgamento, sem quaisquer barreiras.[288] Antes, lemos da "indignação" de Deus, de seu "profundo descontentamento", etc. que diferença! O próprio Deus atirou flechas contra Davi (não literalmente, é claro, mas em julgamento); *Sua* mão caíra pesadamente sobre Davi. De modo pleno, Deus estava trazendo ativamente miséria sobre ele por causa de seu pecado. Não há outra maneira de ler este salmo. A miséria do senso de culpa é vividamente expressa nos versos 2-10; nada poderia ser acrescentado para tornar a situação mais miserável. Tudo pode ser resumido numa frase sucinta: "suporto tristeza por causa do meu pecado" (v. 18b). O que está se passando aqui? Deus estava trabalhando para trazer Davi ao arrependimento. Ele o estava

287 Note também o verso 12 pra uma melhor compreensão da atitude que acompanha um coração quebrantado.

288 Ibid., p. 83-85.

censurando com severidade e se esse senso de culpa podia ser descrito, era da maneira como o foi no salmo. E a miséria da culpa poderia ser removida somente pela confissão (v. 18a).[289]

N/C tentam separar o que chamam de "culpa teológica" (culpabilidade) do que chamam de "culpa psicológica" (senso de culpa). A primeira eles chamam de "fato objetivo"; o segundo, chamam de "sentimento" subjetivo (p. 34). Essa distinção é cuidadosa, fácil e conveniente; a situação do pecador é vista como completamente distinta de seu estado. Naturalmente, há uma disjunção lógica, material que pode (deve) ser feita por causa da análise. Mas a menos que a consciência do homem tenha sido "cauterizado com ferro quente" e ele tenha se tornado "insensível", eu gostaria que alguém me dissesse como o cristão pode fazer essa distinção na vida real. Davi, Paulo, Pedro, não puderam. Como pode um crente verdadeiro, que basicamente busca agradar a Deus, reconhecer sua culpa como um fato objetivo e não ser internamente motivado por isso? (cf. Sl 38.18). Um convite mais pleno ao farisaismo antinomista dificilmente poderia ser cogitado. A doutrina é perigosa. No aconselhamento, entenda-se, isto pode causar muito prejuízo. Felizmente, isto não parece ter sido aceito de modo tão pleno.

N/C permitem falam de "tristeza construtiva"[290] (conceito extraído de 2Co 7.8-10), mas dizem que isto não "envolve sentimentos de autocondenação".[291] Ao discutir a obediência dos irmãos à sua primeira carta no que se refere ao ofensor, Paulo faz uma distinção entre dois tipos de dores: a dor mundana e a dor piedosa (v. 10). A palavra *lupe,* algumas vezes traduzida por "tristeza" é o termo padrão para *dor.* A carta de Paulo é extremamente dolorosa; ele quase arrependeu-se de tê-la enviado (o que não parece soar como uma visão puramente "objetiva" do pecado daqueles irmãos!). Mas por causa dos resultados (*Deus* usou a carta para produzir a dor que leva ao arrependimento) ele alegrou-se com a carta. Aquela foi uma

289 Por incrível que pareça, N/C se referem ao Salmo 51 e escrevem: "Os miseráveis sentimentos da culpa psicológica que Davi experimentou não lhe foram enviados por Deus," ibid., p. 131. Leia essa frase novamente e depois leia Salmo 51.8 e 38.2,3.

290 Ibid., p.34.

291 Ibid., p.35.

tristeza muito dolorosa, ao ponto de produzir resultados (entre aqueles a quem se esperava)[292] como "medo" e "lamentação" (i.e., tristeza, sofrimento – v.7). E os resultados foram eficazes. A descrição não é de uma resposta objetiva, moderada, associada a uma leve tristeza que levasse a uma ação construtiva. Antes, a reação foi *intensa!* Toda a seção reverbera uma emoção forte. A distinção não é entre dois tipos distintos de tristezas – diferentes em intensidade,[293] mas entre dois tipos de distintos de tristezas – ambas experiências dolorosas cuja diferença tem a ver com *fonte* e *resultados.* A tristeza que veio do mundo leva a mais pecado, somente para ser a causa de mais remorso e tristeza; a tristeza que veio de Deus leva a bons resultados, nunca ao remorso. O problema não era se havia temor (podia haver temor por diferentes razões) ou não, mas *por que* a experiência dolorosa ocorreu. A tristeza piedosa leva à autocondenação entre os ofensores e motiva-os ao arrependimento. Em outras palavras, a tristeza piedosa sobre a culpa da ofensa de alguém pode ser eficaz para levar a pessoa ao arrependimento. É interessante que no livro de N/C sobre culpa nada se diga virtualmente sobre arrependimento. Naturalmente, isto é consistente com o ponto de vista fundamental do livro. Segundo eles, realmente não há lugar para o arrependimento bíblico; esta é a razão pela qual o conceito é inexistente no livro. O arrependimento bíblico *sempre* requer autocondenação; confissão do mal feito para com Deus. Mas esta tristeza piedosa, Paulo diz, leva ao arrependimento.

Triunfantemente, N/C dizem que "A Bíblia... nunca nos orienta a sentirmos culpa psicológica" (p. 36). Naturalmente, isto é verdade, tecnicamente falando, porque a Bíblia não usa esses termos. Mas o argumento é plausível. Toda a Bíblia enfatiza a necessidade dos cristãos pecadores de tomarem consciência, de se entristecerem e finalmente de se arrependeram de seus pecados. Não há convite a uma mórbida introspecção; a tris-

292 Houve outras respostas por parte daqueles a quem não se esperava (cf. v. 11).

293 Até mesmo o "arrependimento" de Saul evocou certa emoção (cf. Hb 12.17). O problema, porém, não foi ele ter tido uma forte autocondenação; antes seu remorso indicava que o interesse dominante era a autopiedade. A autocondenação piedosa tem Deus como foco, enquanto que a autopiedade tem a própria pessoa como foco.

teza sempre deve levar ao arrependimento. Talvez Tiago resuma a posição bíblica de modo mais simples:

> Afligi-vos, lamentai e chorai. Converta-se o vosso riso em pranto, e a vossa alegria, em tristeza. Humilhai-vos na presença do Senhor, e ele vos exaltará (Tg 4.9,10).

Então, Deus nunca quer que nos sintamos mal! Ele nunca erige barreiras que precisem ser removidas pelo arrependimento! Isto não faz nenhum sentido!

N/C dizem que o "sentimento" [regularmente, eles confundem julgamentos que levam a maus sentimentos com os sentimentos em si] de que "eu falhei; deveria ter feito algo melhor" é errôneo (p. 34). Em outras palavras, o arrependimento é errado ao crente (a essência do arrependimento é o reconhecimento do fato de que a pessoa falhou diante de Deus e que deve fazer diferente no futuro). Mas eu pergunto, Jesus estava errado quando chamou, repetidas vezes, nas cartas às sete igrejas, os crente ao arrependimento? Observe algumas diretrizes e comentários que ele faz ao longo de seu apelo.

Em Apocalipse 2.4-5, Jesus diz aos crentes de Éfeso: "Tenho, porém, contra ti" (v. 4 – uma frase usada em todas as cartas). Mas ter (ou sustentar) algo contra alguém (como temos visto em nossa discussão do perdão) é acusar a pessoa de culpada. N/C não permitem lugar para isto; segundo eles, não pode haver barreiras da parte de Deus. Porém, muitas vezes nestas cartas, Jesus erige esse tipo de barreira. Alguém – Jesus ou N/C – obrigatoriamente está errado! A solução para o problema (i.e., para remover a barreira que Cristo erigiu) não é simplesmente sorrir e agradecer a Deus porque tudo está bem em Cristo, mas *arrepender-se* (v. 5)!

Quando N/C afirmam que Deus não deseja que tenhamos um senso de culpa que surge de nossos próprios pecados e que Ele não nos motiva por meio deste senso de culpa, por sentimentos de "baixa autoavaliação" ou "medo da punição" (v. 33), o que eles fazem com as passagens seguintes?

1. Apocalipse 2.20-22. A "grande aflição" do verso 22 deve ser temida? Se sim, por que outro motivo que não seja para motivar a mudança?Por que há tantas advertências nestas sete cartas, e também em toda a Bíblia?

2. Apocalipse 3.2,3. Então, Deus não quer que digamos "Eu errei"? Nesse caso, por que ele diria aos santos em Éfeso "não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus."? Eles deviam "levantar" e "fortalecer" o que lhes havia restado – que estavam "para morrer" – ou, senão, (advertência) Ele os visitaria em juízo ("como um ladrão"). Se Jesus não estava pintando um quadro de *fracasso,* o que estaria ele fazendo, pois? Nada tinha sido completado. Tudo que eles tinham começado a fazer foi deixado pelo meio do caminho, eles pereceram na estrada, etc. Pouca coisa digna sobrou – e mesmo o que sobrou estava para morrer: temos aqui um quadro de *fracasso quase total.* E por esta queda – a não ser que se arrependessem – Jesus os adverte a despertarem para um julgamento sobre a igreja (motivação pelo senso de culpa e pelo medo – exatamente o que N/C negam).

3. Apocalipse 3.16,17. N/C dizem que não deve haver "baixa autoavaliação." Nestes versos Jesus: "És morno" e me causas ânsia, "estou a ponto de vomitar-te da minha boca" (v. 16). As palavras em si já despertam uma baixa autoestima (Haim Ginot, *et al.,* diria que o texto fala do ato; não das pessoas; mas veja o que ele diz: "... e dizes: Estou rico... não preciso de coisa alguma" (v. 17). Então ele continua: "e não sabes que és miserável, sim, pobre, cego e nu" (v. 17). Se a ideia era fazer diminuir a autoestima, nada poderia ser tão perfeito quanto estas palavras.

4. Apocalipse 3.19. Aqui, em nossa última referência às sete cartas (há muito mais, porém não quero gastar espaço) Jesus resume seus propósitos e métodos; ele nos faz saber o que está para fazer ao escrever: "Eu repreendo e disciplino a quantos amo; sê pois zeloso e arrepende-te!" Quando N/C falam de repreensão e disciplina, parece algo muito diferente do que encontramos nestas cartas às igrejas. De fato, podemos dizer

(sem nenhum receio de contradição da parte de leitores imparciais) que Jesus e N/C representam lados opostos da mesma questão.

Mas, note, é o "cuidado" pastoral que Jesus, o grande Pastor das ovelhas, está exercendo nesse tratamento de seu rebanho. Mas este cuidado é tão intenso, que ele não aprova por um momento sequer o pecado que destrói vidas. Em vez disso, ao chamar o pecado de "pecado," ao esmagar o orgulho, ao advertir de punição potencial, ao convidar suas ovelhas ao arrependimento, Jesus quer trazer a repreensão que motiva um senso de tristeza sobre o culpado e o leva à mudança. Ele não sorri e simplesmente o deixa passar.

Assim, então, Deus "nos faz sentir culpados" como N/C colocam (p. 36)? É possível ter o que eles chamam de um "viver livre de culpa" (p. 37)? Não. Não quando Jesus nos trata desta maneira como descrita nas cartas. E, graças a Deus porque não podemos – seriamos totalmente desinteressados de Deus se vivêssemos assim. Agora, quando eles falam de "viver livre de culpa," não estão simplesmente dizendo que se não pecássemos poderíamos viver sem culpa. Não; exatamente não é isso! Todos concordariam com este fato (teoricamente possível). O que estão dizendo, N.B., é que *mesmo vivendo uma vida na qual o pecado é uma realidade,* ainda podemos viver livres de culpa (i.e., livres do senso ou sentimento de culpa)![294] Tal pensamento não combina com o encorajamento de Deus para um espírito quebrantado e um coração penitente (lit., "esmagado" cf. Sl 51.7).

Temos tratado de algumas questões primárias levantadas por N/C. O que ele oferecem em lugar deste sistema de não-julgamento? Com o que ele substituem a visão tradicional das Escrituras? Com o que eles mesmos admitem ser uma visão que "pode parecer muito distante" [da Bíblia][295] (p. 36). Sou obrigado a concordar com eles; esta visão é muito distante – está fora da Bíblia. Eles advertem contra a pregação e o aconselhamento

294 Infelizmente, A. A. Hoekema, em seu pequeno livro *The Christian Looks at Himself* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1975), abandona a teologia e psicologiza as Escrituras, adotando a mesma visão (p. 35). Em suas palestras em áudio sobre autoimagem, meu colega, John Bettler, trata o livro de Hoekema com profundidade (fitas disponíveis em C.S.S. (250 Edge Hill Rd., Huntingdon Valley, PA 19006).

295 N. do T.

que (como afirmam) lançam culpa sobre as pessoas. Em vez disso, como diz o título do livro, eles prometem libertar os cristãos do senso de culpa. Como (já temos visto muito deste sistema)?

1. A lembrança do que Cristo fez por nós deveria nos trazer uma gloriosa autoimagem. Este fato deveria nos manter incólumes face a todas a experiências de pecado, livres de culpa (i.e., livres da "culpa psicológica" – o senso de culpa). John Bettler mostrou que (ver nota 23 para consulta da fonte) que nossa necessidade não é de uma boa ou má autoimagem, mas de uma autoimagem *acurada*. Só assim poderemos tratar de nossos problemas. Uma boa autoimagem não pode ser conseguida construida simplesmente por você dizer a si mesmo o quão grande você é em Cristo ou tentando ignorar as consequências do próprio pecado diante de Deus. É verdade que em Cristo somos perfeitos; e isto é muito *importante*. De fato é muito imporante ao cristão *saber* que isto é verdade. Mas esta verdade não altera o fato de que de *nós mesmos* estamos muito longe da perfeição. Justificação (o que somos em Cristo) nunca deve ser confundida com santificação (o que somso em nós mesmos). O que somos em Cristo não nos dá qualquer garantia para ignorarmos a culpa real em nosas vidas hoje, nem para não nos sentirmos mal por causa do pecado. De fato, isto deveria *aumentar* em nós o senso de culpa. Se já temos conseguido algo em Cristo que não conseguimos fazer por nós mesmos , sabemos que não nos é necessario falhar. Em Efésios 4 e Colossenses 3 o constante argumento de Paulo é que uma vez que você tem algo em Cristo, você sabe que pode tê-lo em você mesmo. Ele explica: "Sejam (em vós mesmos)[296] o que vocês já são (em Cristo); seu estado deve ser a medida da sua estatura". Assim, este argumento – que confunde a santificação com justificação – falha.

2. Depois N/C dizem, "Temos valor... pois Cristo pagou o preço maior para nos restaurar à comunhão com Deus" (p. 49). Foi por isto que Cristo morreu? Foi por causa desse nosso imenso valor, que ele jamais poderia nos perder? A encarnação foi semelhante a Jesus ajoelhado na lama, catando quantas pedras preciosas fosse possível? Não! Onde está

296 Pela graça de Deus, naturalmente.

a tão propalada ênfase de N/C sobre a graça? Nada havia em nós, fracos (sem poder), pecadores (transgressores da lei), inimigos (que se opõem a Deus) para despertar o interesse de Cristo por nós. Nossa salvação é inteiramente pela graça. Nada merecemos além do oposto da salvação. O que nos confere valor é a morte de Cristo; N/C põem o carro adiante dos bois! O que Deus dizia a Israel constantemente quando sua autoimagem começava a inchar, era "Não vos escolhei porque fôsseis melhor que outro povo, porque não éreis." A menos que N/C creiam que Deus via *todos* os homens como pérolas perdidas, o que dizem leva mais uma vez à visão farisaica (naturalmente, se pensam que *todos* são pérolas, eles devem chegar à conclusão de que Cristo falhou, uma vez que a maioria das "pérolas" caminha a passos largos no caminho que leva à destruição). A salvação é pela graça.

3. Mais uma vez, N/C provam que são péssimos teólogos quando dizem que nem tudo que é bom vem de Deus (p. 52). Alguns (erroneamente, eles afirmam) ensinam que todo bem vem de Deus e nada de nós. Antes, N/C afirmam, muito bem procede de nós. Eles perguntam: "Em que ponto termina a ação de Deus e começa a nossa" (p. 52)? Nenhum teólogo colocaria a questão desta maneira (mais uma vez vemos a importância da teologia, em vez da psicologia,como base para o aconselhamento): Deus nunca "termina"! Todo o bem que *nós* fazemos (e, ao contrário do que diz Charles Solomon, *nós* o fazemos; Cristo não o faz *por* nós, *em nosso lugar, em vez de nós*), o fazemos pela direção e poder de Deus que nos é provido na Palavra e pelo Espírito Santo.

Podemos assim contrastar as visões errôneas:

Charles Solomon	*N/C*	*Autoajuda*
Deus faz todo o bem através de Cristo em nós. Ele faz muito mais quando paramos de tentar fazer e deixamos que ele faça por nós.	Deus faz algum bem; nós também fazemos algo de bom. Nenhum dos dois faz tudo.	Fazemos todo o bem por nossa própria força (este é um argumento infantil que nenhum evangélico defende, e todos rejeitam)

N/C adotam uma posição central. Mas esta também é uma solução falsa dos problemas apresentados. A visão bíblica, porém, seria assim:

> *Visão Bíblica*
>
> Todo o bem que fazemos,
> fazemos pela sabedoria
> e poder de Deus.

Esta visão se baseia na fato de que Deus *nos* ordena (e não a Cristo em nós) a crer e obedecer, mas também nos diz que podemos fazê-lo por sua graça (sabedoria e poder). Ver Filipenses 2.13; 4.13; Colossenses 1.11. não dedicarei tempo a uma discussão mais completa da questão.

4. Devemos amar a nós mesmos, dizem N/C (p. 63). Eles escrevem: "E amamos a nós mesmos porque ele [Deus] nos ordena a fazer assim." Nada mais direi sobre este ponto, além de observar que não há um único mandamento na Bíblia para amarmos a nós mesmos; a declaração de N/C é completamente falsa. Para uma discussão da visão da falsa psicologização de que devemos amar a nós mesmos, veja um tratamento mais completo em meus livros, *The Christian Counselor's Manual,* p. 142-144, e *Matters of Concern,* p. 91-98.

5. N/C aseguram-nos que Deus nunca pune seus filhos. Esta ideia de punição (a ameaça de punição que o perdão remove), eles dizem, é apenas algo que paira sobre a cabeça dos filhos de Deus. Sua abordagem essencialmente Freudiana é plenamente exposta: Pais (e outros) nos punem na infância, e agora como "adultos continuamos na expectativa da punição" (p. 69) como N/C dizem? "*Toda* punição" foi removida em Cristo (p. 68) como eles afimam? Muito deve ser dito sobre esse assunto importante, antes de o concluirmos, mas responderei de modo simples este ponto. N/C concordam que Deus nos disciplina mas enxergam esta disciplina como algo "inteiramente diferente" de punição. Segundo eles, punição é "pagamento por maus atos" (p. 70), e Cristo pagou o preço por todos os pecados. Deus somente *corrige* seus filhos para remover-lhes as faltas e tal correção não envolve punição. O que N/C querem remover são todos

os elementos de um senso de culpa e todo temor de que Deus faria algo desagradável a seus filhos para motivá-los (já temos respondido a estas visões- cf. especialmente a discussão do tratamento de Cristo para com os cristãos na sete igrejas da Asia Menor).[297]

Todos concordamos que Deus não nos punirá como fez a Cristo. Todos concordamos que tudo que Deus faz é para sua honra e glória e para nosso bem estar – não para nos fazer *pagar* por nossos erros. Punição, porém, não deve se restringir a pagamento (ver nota 26); é fundamentalmente dor, sensação desagradável, etc. Mas o objetivo da sensação desagradável pode diferir. Correção e disciplina incluem algum teor desagradável (cf. Hb 12.5-11), a despeito do que N/C querem nos fazer crer. Rearranjo e redefinição de termos não mudam os fatos. Disciplina é sempre "dolorosa" e desagradável (12.11); as Escrituras afirmam isso. "Deus açoita todo filho" (12.6). As mesmas restrições punitivas podem ser aplicada a uma pessoa a fim da fazê-la *pagar,* de modo a servir de exemplo a outro. Mas para negar que (para o nosso bem) Deus torna isto desagradável - geralmente *muito* desagradável – a seus filhos, é negar o ensino das Escrituras.

Punição é uma *parte* da disciplina (a "vara"), mas não é *toda* a disciplina. Há dois lados da disciplina (Efésios 6):

(1) *Nutrição*	e	(2) *Admostação*
(1) *Vara*	e	(2) *Reprovação*

Estes dois conceitos significam (como indica o uso dos termos no Antigo e no Novo Testamento):

(1) Disciplina estruturada Em par: recompensa e punição	(2) Conselho: confrontação com as afirmações de Cristo, motivando os filhos ao amor a Ele.

297 Punição na Bíblia não se restringe aos descrentes e não se limita a "pagamento de maus atos." É esta definição faltosa que confunde. Cf. 2 Co 2.6, por exemplo, a respeito da *punição como disciplina na igreja.* Aqui, *epitimia,* o termo usado para punição significa "restrição de direitos." E nos versos 7,10, o perdão do erro é uma extensão que segue o arrependimento. Punição pela dor, perda, restrição, etc., são *punições* que objetivam corrigir faltas; como, de fato, foi o caso aqui.

Ambos os lados devem se mostrar bíblicos. Até onde posso ver, N/C nos limitam à primeira metado do primeiro conceito: recompensa. E, Paulo nos diz, devemos criar nossos filhos na disciplina e na admoestação noutética *do Senhor.* Isto significa que devemos seguir o exemplo de Deus em nos disciplinar, sempre que tivermso que disciplinar nossos fihos. Claramente, então, é asim que Deus nos disciplina.

Não há punição eteran, *judicial*, em questão, naturalmente. Mas para o bem de seus filhos, para o bem estar de toda a família, e por causa do nome da família, Deus usa a punição *parental.* Esta punição disciplinar pode ser muito severa. Cf. 1Coríntios 11.27-32: N.B., eles "serão culpados" (v. 27) – um estado em que a pessoa necessita de perdão, como já temos visto – "julgados" (v. 30-32, 34) e "disciplinados". E segundo o verso 32 o Senhor "disciplina" pelo "julgamento". Note o julgamento (v. 30): alguns encontravam-se fracos, outros doentes, e um número de outros já tinha morrido (a bela figura cristã para morte é "dormir"). Cf. Também 2Coríntios 10.6; Colossenses 3.25; Mateus 18.21-25.[298]

Perdão na Bíblia nasce de um genuíno senso de culpa, contrário a tudo que N/C têm a nos dizer. O pacote de perdão contém todos os elementos que temos visto e nenhum deles deve ser negligenciado.

6. N/C discutem o que acontece quando um crente peca (p. 82...). como era de se esperar, eles dizem:
   a. Se ele sentir um senso de culpa, está errado.
   b. Se ele pensar que Deus requer arependimento para restaurar a comunhão com ele, isto não passa sua "própria ginástica mental" (p. 83), não se trata da verdade dos fatos.
   c. Deus não erige barreiras; as barreiras existem apenas na mente do consulente. Ele recebe o que espera receber em relação a isto (p. 84).

298 Mateus 18.21-25. Aqui pessoas *perdoadas* que não perdoam é que estão em questão (não mestres falsos, como se pode pensar). N.B., os termos "pai celestial," "vós" (os discípulos), "irmãos," etc. Os torturadores no quadro completam o caráter exageradamente vívido (centenas de milhares de dólares) e se encaixa noutros detalhes desta cena contemporânea. Não devem ser vistos como uma representação típica da punição no inferno.

d. Deus aceita o homem completamente. Ele não condena, não julga, não pune, etc. Ele não se aliena (1João 1.7-9 é ignorado, bem como 1Samuel 59.12).
e. Os *pecados* (somente) *"criam consequências"* (p. 87). Estas, não Deus, é que nos punem. N/C escrevem:"...todo pecado tem algum efeito nocivo sobre nossas vidas, sejam efeitos físicos ou emocionais." O que temos aqui é uma abordagem deista: O próprio Deus não pune, mas ele permite que sua criação o faça, mecanicamente, por ele.
f. Há também a "falsa culpa" (p. 119...): "A maioria de nós se sente culpado sobre um número de coisas que/Deus considera como pecado". Não comentarei isso agora, em virtude de tê-lo feito em outra obra.[299]
g. "Sentimentos de culpa não são necessariamente a voz de Deus" (p. 122), mas "sempre são o produto de nossa primeira formação familiar." Estes sentimento são uma "ferramenta do maligno. Não procedem de Deus" (p. 123). Temos discutido esse assunto em profundidade, mas apenas como uma fator adicional, consideremos Ezequiel 36.25-31, onde nos é dito que os crentes sentirão "nojo" de si mesmos *depois* do arrependimento e da restauração(-cf. também Ezequiel 20.42,43).
h. Convicção significa ser conscientizado dos pecados e clamar por mudança (p. 124),
i. A pessoa confessa para evitar culpa; confissão é catarse (p. 131, 132). É uma questão de aliviar-se de certas coisas para se sentir melhor – tem a ver meramente com os sentimentos, não com a relação com Deus (p. 134). Não discutirei esse erro novamente, pois já comentei sobre isso. Falarei mais sobre confissão mais tarde.

Portanto, temos visto a visão moderna de N/C (e de um número de outros que defendem posições semelhantes)e descobrimos que não há base nehuma na Bíblia para ela. Gastei tempo e espaço para abordar este ponto

299 Cf. *Competent to Counsel*, p. 14.

de vista com detalhes por causa da possibilidade desta visão se desenvolver muito mais agora nos círculos cristãos do que no passado. Caso isto aconteça, você, leitor, estará preparado para dar uma resposta.

Treinamento Bíblico

Por contraste, tenho mostrado muito do que a Bíblia ensina sobre o assunto da culpa e de como esta se relaciona com o perdão, além de fazer alguns estudos bíblicos simples, preliminares. Chegou a hora de cavar um pouco mais fundo e integrar o que temos estudado sistematicamente com o o que já foi descoberto. É isto que me proponho a fazer agora.

Vamos começar, portanto, nos engajando nas questões que N/C buscam (embora falhem) responder: O que dizer do perdão pós perdão, punição pós punição, arependimento pós arrependimento? A visão tradicional, da qual eles se apartaram, não estaria negando a a eficácia e o caráter uma-vez-por-todas da morte e ressurreição de Cristo? Se fomos perdoados em Cristo, por que deveríamos nos arrepender, confessar nossos pecados e buscar *novamente* o perdão? Se Cristo sofreu a penalidade de nossos pecados, tomando sobre si a punição, por que os crentes deveriam temer qualquer punição futura? Estas são as perguntas que N/C, sem sucesso, dirigem a eles mesmos. Devemos cumprimentá-los por levantarem estas questões, que são importantes para os conselheiros.

Fiz menção da "visão tradicional"; talvez seja o momento oportuno de declará-la com clareza. Suponho que ela não possa ser mais completamente exposta do que na Confissão de Fé de Westminster, Cap. XI, "Justificação", sec. 5:

> Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados. Embora eles nunca poderão decair do estado de justificação, poderão, contudo, incorrer no paternal desagrado de Deus e ficar privados da luz do seu rosto, até que se humilhem, confessem os seus pecados, peçam perdão e renovem a sua fé e o seu arrependimento.

Sem dúvida, o livro de N/C se constitui um ataque direto sobre esta visão – no geral e em cada ponto particular.

Temos visto que a visão de N/C é antibíblica, ao passo que a Confissão de Westminster é plenamente bíblica. Mas não temos tratado (ainda) com o problema central do perdão pós perdão – como pode ser isto?

Voltemos ao assunto do perdão que acompanha a oração no Sermão do Monte (Mt 6.12b, 14,15). Lembre-se – em todo o sermão – do qual este ensino é uma parte – Jesus está instruindo seu povo sobre a vida em sua comunidade. Ele não está se dirigindo a descrentes, pessoas não-perdoadas, mas (em vez disso) àquelas pessoas que (seguindo suas orientações) podiam ter uma vida justa que excedesse a justiça dos escribas e fariseus.

Observe os versos 4 – "Vosso Pai..."; 6– "vosso Pai..."; verso 8- "vosso Pai,,,"; e verso 9 – "Nosso Pai." Todo o contexto tem a ver com os filhos de Deus, falando, e vivendo num relacionamento com o Pai celestial. Eles não podiam deixar de entender isto; a linguagem era muito explícita. Nós também não podemos. Semelhantemente, nos versos 14, 15, o perdão (ou falta dele) do qual Jesus fala vem de um *pai*. Trata-se do Pai celestial perdoar (ou abster-se de perdoar) seus filhos. Não cabe discussão do fato de que Jesus está falando a pessoas perdoadas (justificadas) sobre a necessidade de perdoarem pessoas justificadas. Em poucas palavras, Jesus advoga o perdão pós perdão. E – não esqueça isso – esta oração (incluindo uma oração por perdão) e a discussão dela (v. 14,15) tem como propósito tratarem com os acontecimentos *cotidianos* na vida de pessoas perdoadas. Como pode ser isto? Como pessoas verdadeiramente justificadas necessitam de perdão diário?

Antes de responder a esta pergunta, deixe-me fazer mais uma observação. O objetivo de ensinar uma oração era prover um padrão prático de brevidade.[300] Os gentios fazem longas orações, preces repetitivas (v. 7). Eles supõem que Deus deseja ouvir muitas palavras. Isto é um erro. Em vez

300 Para mais informações sobre a natureza prática de todo o Sermão do Monte, veja meu livro *Update on Christian Counseling*, vol. 1 (Phillipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1979).

disso, a pessoa deveria orar assim, disse Jesus – então, ele nos dá a oração do Senhor que (acima de tudo) é um modelo de brevidade. Um ponto nesta breve oração, sobre o qual Jesus elabora, é o perdão (v. 14, 15). Em vez de minimizar a ideia, Jesus eleva este ponto a uma proeminência inequívoca. Talvez sua ênfase tenha a ver com o fato de ser difícil para alguns buscar o perdão do Pai celestial; talvez porque este seja o fator *sine qua non* na oração.Seja como for, o interesse de Jesus em enfatizar este ponto é evidente a partir do comentário no verso 12 que aparece nos versos 14 e 15.

Alguns entendem que os 14 e 15 significam que Deus perdoará seus filhos com base no perdão que estes exercem; mas este não é o caso. Não há perdão divino com base em obras humanas. Outros entendem a partir destes versos que uma das evidências de que temos sido perdoados é nossa prontidão em perdoar outros. Isto também é verdade, mas não é isto que a passagem está nos dizendo. Jesus afirma claramente que Deus reterá seu perdão de nós (baseado nos méritos de Cristo, não em nossas obras) até que estejamos dispostos a perdoar outros. Por esta razão, estariam com a razão os que dizem que a passagem não se aplica aos nossos dias? Seria esta uma forma legalista de salvação para um povo, lugar e tempo diferentes? Não, absolutamente. Há somente uma forma de salvação – em *todos* os tempos, para todas as pessoas – que é pela graça por intermédio da fé em Jesus Cristo.

Qual é, então, a resposta a esse problema de interpretação? Muito simples, embora profundo – e satisfatório. Cristo não se refere aqui a perdão *judicial,* mas *parental.* Ele não tem intenção de falar do perdão que é parte da justificação e que nos traz salvação. Não é isto que está em questão aqui. Ele está falando para pessoas que já foram *judicialmente* perdoadas, de uma vez por todas. Já vimos que – ele se dirige a pessoas que já chamam Deus de "Pai" (de fato, na Oração do Senhor, ele realmente ensina a fazerem assim). Aqueles que não perdoam, após terem sido perdoados, assim o fazem por terem deixado de entender a razão *principal.* Esta é a dificuldade de N/C; por não conseguirem distinguir as coisas que verdadeiramente diferem, eles passam a distinguir as que não diferem. Perdão judicial – perdão dado

por Deus como Juiz – é completo e final para aqueles a quem Jesus se dirige. Ele claramente diz que Deus é Pai Celestial deles (repetidas vezes). O perdão que está sendo discutido agora nos versos 12,14,15, portanto, não é o *judicial,* mas o perdão *parental;* confundir os dois é lançar confusão na mente das pessoas e leva-las ao entendimento errôneo de muitas verdades profundas para a vida prática. Trata-se de um erro de grandes proporções.

Esta ideia é nova? Não. Voltando a uma porção do artigo que citei na Confissão de Fé de Westminster, note estas palavras: "Deus continua a perdoar os pecados dos que foram justificados... porque eles caem em seu desfavor *paternal*" (ênfase minha). Os redatores da Confissão claramente entenderam a distinção entre perdão judicial e o perdão que vem aos filhos de Deus quando estes se arrependem, confessam seus pecados e buscam o perdão por terem desagradado seu Pai Celestial.

Para entendermos melhor as semelhanças e diferenças entre perdão judicial e perdão parental, consideremos a seguinte tabela:

Perdão de Deus sobre Nós

Semelhanças e Diferenças

JUDICIAL		PARENTAL
CULPA - responsabilidade	S	CULPA - responsabilidade
eterna	D	temporal
PUNIÇÃO	S	PUNIÇÃO
como merecida de	D	como remedial e disciplinar de
DEUS como	S	DEUS como
Juiz;	D	Pai;
REPREENSÃO como	S	REPREENSÃO como
condenação;	D	correção;
SENSO DE CULPA	S	SENSO DE CULPA
produz medo do julgamento;	D	Produz remorso de ter ofendido o Pai
CONFISSÃO de	S	CONFISSÃO de
um inimigo que se rende	D	um filho submisso
PERDÃO retira	S	PERDÃO retira
a ameaça do inferno, estabelecendo		
um novo melhora o anterior	D	a ameaça de um castigo temporal e
RELACIONAMENTO com Deus	S	RELACIONAMENTO com Deus

Um entendimento destas diferenças e semelhanças nos ajudará muito, encurtando o caminho para a compreensão de como o conselheiro deve tratar com os consulentes, muitos dos quais são profundamente confusos a respeito destas questões.

Claramente, um juiz não trata o próprio filho da mesma forma que trata um criminoso diante do tribunal. Como juiz, uma coisa é requerida; como pai, outra. Ainda assim, existem algumas similaridades em se lidar com os erros, tanto do criminoso, quanto do filho. Por conta das más obras em si, não será tudo diferente, em algumas formas o tratamento será si-

milar. O ponto em questão será distinguir o que difere e identificar o que é similar.

Vamos revisar os itens desse mapeamento mais uma vez.

1. CULPA. Uma vez que alguém comete pecado, ele se torna responsável por isso. Isso, como temos visto, é o significado de culpabilidade e é isso que o perdão "sustenta" ou "retira". Quando na oração do Pai nosso oramos: "perdoa as nossas dívidas," a ideia de dívidas traz a noção de responsabilidade à tona. A noção de responsabilidade para um Juiz ou para um Pai pode diferir radicalmente de diversas formas, porém no que diz respeito à questão de responsabilidade em si – a prestação de contas, a dívida a ser lidada, o fardo a ser suportado – ambos no perdão judicial e parental, são de fato a mesma coisa.

2. PUNIÇÃO. Certamente, há uma grande diferença entre punição eterna e temporal, mas no que concerne à questão da punição em si, as duas são a mesma coisa. Pais punem seus filhos pelo propósito de remediação e disciplina (não meramente pelo prazer de castigá-los). Temos evidências desse fato em estudos anteriores. Hebreus deixa claro que todos os filhos recebem punição - esta é uma evidência de que pertencem à família (você não sai pela rua dando tapas nos filhos dos vizinhos!). Mas essa é a diferença entre jogá-los para fora da família, renegando-os e deserdando-os, etc. Todos os filhos de Deus serão punidos, mas todos viverão como co-herdeiros com Cristo para todo o sempre no lar celestial.

3. O mesmo Deus pune seus filhos e os filhos de Satánás. Mesmo assim, ele o faz de modos bem distintos. Como nós, Deus exerce diversos papéis. Ele é tanto Juiz quanto Pai. Quando exerce determinado papel, ele sempre será coerente com o que é apropriado a cada situação.

4. REPREENSÃO. De um lado há condenação; do outro, correção. Essa repreensão intent *transformar* o filho repreendido, ao passo que a outra, não. Ambas levam ao
5. SENSO DE CULPA. Mas numa delas há medo, discutido em Hebreus 2 e 1Coríntios 15; na outra há uma preocupação acerca do fato de termos desonrado e desobedecido o Pai celeste. Um verdadeiro senso de culpa no filho de Deus, portanto, tem como foco não apenas as consequências que virão sobre o pecador, mas a injúria ao Nome de Deus e ao bem-estar de sua igreja. Na verdade, esse senso de culpa em vez de desaparecer completamente (N/C) tende a aumentar, intensificado pela consciência der ter ferido seu amado salvador e Pai celestial.
6. CONFISSÃO. O senso de culpa foi designado para levar (a pessoa judicialmente não-perdoada) a se render a Deus como um inimigo. Trata-se de algo bem diferente da confissão de um filho rebelde que agora se submete a seu pai.
7. PERDÃO. Em ambos os casos, a culpa é aliviada; mas de um lado está a responsabilidade que levará ao eterno castigo no inferno e, do outro, a ameaça de castigo temporal e "desagrado" paternal e uma lacuna no relacionamento que está em vista.
8. RELACIONAMENTO. O novo relacionamento de Pai e filho é estabelecido através do perdão judicial, enquanto que o mesmo relacionamento é restaurado e aprofundado no perdão paternal.

Então, embora haja similaridades óbvias, devemos ser cuidadosos também em observar a grande diferença entre o perdão judicial e o perdão paternal. Somente assim poderemos ser verdadeiros no ensino *integro* da Bíblia, preservando as verdades da graça (de um lado) e evitado o antinomismo e a vida indisciplinada (de outro). Poucas coisas, portanto, são

mais importantes para o conselheiro compreender. Sua visão nesse ponto é crucial para o aconselhamento apropriado.

Arrependimento e Confissão

Agora vamos examinar duas palavras bíblicas que se encaixam no pacote de perdão. A primeira é arrependimento. Trata-se de uma parte da confissão do cristão que está relacionada com o perdão:

> Assim está escrito que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressurgisse dentre os mortos; e que em seu nome se pregasse o arrependimento para remissão dos pecados, a todas as nações, começando por Jerusalém (Lc 24.46, 47).

As boas novas são que Cristo morreu por nossos pecados (uma morte penal, substitutiva e sacrificial) e que ele ressuscitou (corporalmente) dos mortos (1Co 15.3). Essas boas novas devem ser anunciadas a todo o mundo. Com essa proclamação deve estar associado o chamado a uma nova forma de pensar que leva à fé e ao perdão. Essa nova forma de pensar é o arrependimento (*metanoia).* Arrependimento é (literalmente) mudar de ideia, um repensar. É errado associar toda sorte de conotações emocionais a essa palavra. Há outro termo, *metamelomai,* que significa "sentir-se mal por", e tem como foco as consequências de um ato ou atitude praticado contra outra pessoa em vez de na justiça (ou verdade) do ato perante Deus. A pessoa pode lamentar as próprias faltas sem mudar de opinião, postura ou atitudes. O arrependimento está associado à mudança de coração - uma nova orientação do interior do homem trazida pelo Espírito Santo. Isso envolve repensar o próprio relacionamento com Deus, consigo mesmo, com o próprio pecado, com Cristo, com os outros, etc. Isso leva à conclusão de que "Sou um pecador que deve confiar somente em Cristo para o perdão dos pecados". Arrependimento seguido de arrependimento leva a uma conclusão similar: "Tenho pecado contra meu Pai celestial; devo pedir a ele que me perdoe através de Cristo". Arrependimento é genuíno quando as

mudanças internas do coração levam a mudanças na vida. As duas coisas estão conectadas, mas nunca devem ser confundidas.

Confissão não é catarse (N/C). O que é, então? É uma parte essencial do pacote do perdão. Confissão é, essencialmente, *acordo. Homologeo*, o termo Grego, literalmente significa "dizer a mesma coisa", assim como o termo em Latim do qual deriva nossa palavra em Português *confessar* (a palavra *confessar* significa, exatamente, "dizer com"). Confessar é concordar com alguém. No volume I, *Select Papyri,* da Loeb Classical Library (Edgar and Hunt, eds.), a palavra *homologeo* é usada constantemente nestes papiros que têm a ver com transações legais e comerciais. Ali, ela regularmente significa "acordo". Semelhantemente, uma *confissão* de fé é um acordo da parte daqueles que a subscrevem de modo que defendem as verdades nela articuladas. Confissão, então, é um reconhecimento de nossa parte de que *concordamos* com Deus com respeito ao que ele diz sobre nosso pecado em sua Palavra. Permanecemos ao seu lado – o lado do ofendido – e reconhecemos que ele é justo em imputar-nos culpa pela ofensa. Confissão é um reconhecimento formal do fato. Ela envolve uma admissão pessoal registrada de culpa. A pessoa que confessa diz: "pequei; sou culpado".

Via de regra, nós nos escusamos, racionalizamos nossa culpa, e culpamos outros pelo nosso pecado. Confissão é o oposto de todo esse comportamento. Ela começa com o arrependimento – repensar todas essas atitudes – e termina com o reconhecimento do pecado diante de Deus (ou diante de outras pessoas a quem temos ofendido). A confissão existe para nos comprometer formalmente diante de Deus; ele quer que façamos esse registro diante dele (não especialmente por sua causa, mas por nossa causa). Alguns exemplos de grandes orações de confissão podem ser encontradas em Esdras 9, Neemias 9, Daniel 9 (os capítulos "9").

Provérbios 28.13 deixa claro que a confissão genuína nunca permanece só; sempre será seguida de mudança. O escritor associa a confissão ao perdão dos pecados. Note que neste Provérbio, "encobrir" é o oposto de "confessar". "Prosperar" significa "ter sucesso". Para viver com sucesso para Cristo, então, é necessário confessar o pecado e abandoná-lo. Salmo

32.1, 5 interrelaciona vários termos com a confissão. No verso 1, o pecado é coberto por Deus; no verso 3, lemos sobre o período em que o pecado esteve em silêncio (i.e., quando o pecado ainda não foi confessado e permanece encoberto pelo pecador). Então, no verso 5, Davi diz: "eu reconheço (note o paralelismo aqui com "confessar," "reconhecer" e "não esconder" o pecado). Isto leva ao perdão. Quando ele decidiu não mais encobrir seu pecado e o descortinou diante de Deus (i.e., confessou), então Deus o cobriu (vs.1).

Confissão não é uma autointrospecção mórbida e doentia. É sempre feita na presença de outro. Não é autocentrada. Deus (ou Deus e o outro) é o foco. O interesse é na pessoa que foi ofendida. Confissão sempre inclui pelo menos uma outra pessoa. Isto mostra, naturalmente, que a confissão não é meramente uma espécie de "catarse". O objetivo da confissão é reconciliação. A pessoa a quem se confessa é aquela contra quem foi praticada a ofensa e (portanto) a única que pode perdoar. Todos os *openes group,* ou *grupos de confissão* que não sejam grupos compostos de pessoas ofendidas – e daqueles que as ofenderam – são excluídos.[301]

Confissão, portando, envolve: (1) reconhecimento pessoal da culpa e responsabilidade (2) admissão formal da culpa diante de Deus e de outras pessoas ofendidas. Leva, naturalmente, a pedir perdão a Deus e aos outros ofendidos, o que é seguido pela concessão do perdão e o estabelecimento de um novo e melhor relacionamento entre eles.

Há outras visões de confissão fora da igreja hoje. No livro *How To Live With Your Feelings,* Philip Swihart assume uma posição sobre aconselhamento em algumas coisas semelhante ao que N/C dizem, mas ele vai além. No capítulo sobre confissão,[302] ele descreve a confissão como confissão de "emoções" e "sentimentos". Confissão, segundo Swihart, é "encarar minhas próprias emoções, reconhecê-las como minhas e aceitar o fato de que

301 Para mais informações sobre o uso e mau uso de grupos no aconselhamento, cf. *The Big Umbrella.* Página 237...

302 Philip Swihart, *How to Live With Your Feelings* (Downers Grove, Ill.; InterVasity Press, 1977), página 43...

elas existem em mim, não importa o que sejam". Não há confissão de pecado a Deus ou aos outros; meramente há confissão a si mesmo das próprias emoções. Não há base bíblica para o ensino de Swihart. O que acontece é que o termo bíblico foi destituído de seu significado e um novo conteúdo psicológico foi atribuído à palavra. Então, sob o rótulo de bíblico, este conceito psicológico (não bíblico) tem sido imposto como uma orientação de Deus. Usar o termo bíblico para ensinar psicologia é uma maneira de ganhar autoridade para a psicologia entre o povo de Deus. A Bíblia não diz que admitir os próprios sentimentos e ser honesto em relação a eles é confissão. A Bíblia é usada para fundamentar o ensino da psicologia. Assim, a psicologia é selada com a autoridade bíblica, embora passe muito longe do que a Bíblia realmente diz sobre confissão. Tais práticas são frequentemente descobertas em nossos dias.

Bem, mencionei o assunto da confissão de pecados não somente a Deus, mas também aos outros (Lc 15.18). Este interesse leva a vários outros.

Primeiro, note a importância da distinção entre *pecados do coração* e *pecados sociais*. Estes termos, sem uma explicação cuidadosa, podem levar ao erro. Todos os pecados (incluindo pecados sociais) são pecados do coração – i.e., em algum ponto, o pecado estava no coração antes de se manifestar pelas mãos ou pelos lábios. O pecador decide o ato, desenvolve o desejo, etc., em seu coração. Mesmo que ele nunca se concretize socialmente, ele já pecou. Talvez por medo, etc., o pecador não consiga fazer o que deseja; o pecado nunca vai além do coração. Assim, este pecado não tem efeitos sociais diretos.[303] Tais pecados do coração, no entanto, são pecados[304] - hediondos e condenáveis – e devem ser confessados a Deus. Jesus chamou o adultério de "adultério" do coração e não de outra coisa. A diferença entre

303 Atitudes e desejos internos, persistem em levar a *efeitos indiretos* especialmente detectados em deteriorar relações interpessoais. A distinção entre *pecados sociais* e *pecados do coração* é de grosso modo, mais importante (como veremos). Tais pecados do coração, no entanto, são pecado.

304 A tentação interior para pecar deve ser distinguida do pecado em si. Quando a tentação é internamente resistida, não há pecado. Jesus teve que lidar com a possibilidade de pecar, quando foi tentado por Satanás, *a fim de rejeitar* o pecado.

pecados do coração e pecados sociais é a falta ou presença de efeitos sociais nocivos.

Diante de Deus, desejar violar qualquer um de seus mandamentos é rebeldia tanto quanto a violação. Naturalmente (como indica a sua graça comum restritiva), Deus odeia os efeitos sociais do pecado e se agrada de ver seus filhos não tomarem o segundo passo no qual põem os pensamentos pecaminosos em prática, mas (antes) deseja que se arrependam e rejeitem tais pensamentos antes de os praticar.

Mas esta discussão levanta a questão sobre como os conselheiros devem instruir os consulentes a confessarem os seus pecados do coração. O assunto é mais claro no que diz respeito aos pecados de efeitos sociais. Consulentes são instruídos a confessarem esses pecados a Deus e às outras pessoas que foram ofendidas.[305] Mas o que dizer de pecados do coração, *direcionados* a outro irmão ou irmã – digamos, adultério do coração, fornicação do coração, homossexualidade do coração.[306] Todos esses desejos não vão além do coração (a vida interior), mas são igualmente pecados. O pecador, em tais casos, confessa a Deus *e* ao outro a quem o seu pecado interior foi direcionado? Ou ele confessa somente a Deus? A Bíblia indica que o pecado deve ser confessado na extensão de seus efeitos diretos (cf. Mt 18.15...). Primeiro, a pessoa vai *em particularà* pessoa que foi ofendida (contra quem a ofensa direta foi cometida e de quem agora ela é estranha). Ele não precisa dirigir-se a outros (nem mesmo aos oficiais). Há um esforço para conter o problema. Somente depois das muitas tentativas naquele nível falharem, será permitido chamar uma ou duas testemunhas ou conselheiros como árbitros. Somente se eles não forem ouvidos o assunto será levado diante da igreja. Claramente há uma relutância em se publicar questões sem nenhuma necessidade. Este é um importante princípio que se aplica ao aconselhamento em grupo, etc., mas também é importante para esse nosso tratamento. Significa que se nenhuma ofensa separou o consulente de outro irmão, ele não necessita (não deve) ir até ele.

---

305 Há problemas associados em fazer assim, dos quais trataremos com mais propriedade.

306 Amargura, ressentimento, ira; autopiedade, ciúmes, inveja, dúvida pecaminosa são outros problemas comuns.

Isto significa que há alguns pecados que devem ser confessados somente a Deus. Pensamentos de luxúria em relação a outro é um bom exemplo. Consulentes devem ser instruídos a confessarem tal pecado a Deus (como uma violação de seus mandamentos), mas não à pessoa que foi objeto da cobiça. Nenhuma transgressão contra ele/ela foi cometida. Não houve trato social envolvido; foi apenas um pecado do coração. Se quaisquer atos sociais, palavras, etc., acompanharam a cobiça (palavras impróprias ou avanços sugestivos, por exemplo), estes devem ser confessados à pessoa em questão e devidamente perdoados. O princípio, então, é *o pecado deve ser confessado na proporção da ofensa praticada;* em alguns casos, isto envolve somente Deus e o pecador. Todo pecado requer confissão a Deus, mas somente alguns requerem confissão a outras pessoas também.

Em seguida, vamos falar sobre como se confessa o pecado ao outro. Quando acontece a confissão de pecado a seres humanos, ela deve ser feita com muito cuidado. Os conselheiros devem explicar como fazer e como não fazer, advertir dos perigos, e (em geral) salvaguardar a confissão contra muitos possíveis abusos que (geralmente) estão associados a esta prática.[307]

Para começar, *o que* se diz é importante. Ao identificar sua ofensa contra o outro, a pessoa deve ser cuidadosa na confissão, no que diz respeito ao conteúdo e linguagem. Há coisas que não devem ser ditas (Ef 5.12). Hoje à guisa de "sinceridade" esta passagem é comumente ignorada. Cristãos *não* são livres para dizer tudo que lhes agrada; eles devem dizer somente aquilo que agrada a Deus. Em se tratando de pecados sexuais, por exemplo, detalhes são tão desnecessários quanto impróprios. Se a pessoa que confessa se detém em detalhes picantes de proezas sexuais, é bem provável que ele não esteja realmente arrependido do pecado, mas ainda esteja de modo vicário tentando extrair algum prazer disso. A atitude do coração na pessoa que confessa é importante. Conquanto os conselheiros não possam julgar os corações de seus consulentes, eles podem (devem) adverti-los sobre o pro-

307 As orientações que seguem são apenas sugestivas. Conselheiros devem estudar o assunto e estar preparados para todas as muitas contingências que podem surgir.

blema. É possível confessar um pecado sexual *de maneira limpa* – do modo como a Bíblia fala desse pecado. É necessária, por parte dos conselheiros, um direcionamento claro e uma discussão plena do assunto.

Como o conselheiro pode se prevenir de tais abusos? Deixe-me sugerir que ele deve advertir diretamente contra vários problemas sempre que for apropriado.

1. Peça aos consulentes que evitem, acima de tudo, linguagem conotativa (linguagem com tendência ao que é picante, que tende a se agravar, etc.). Eles farão bem em usar termos simples, fatuais, para dizer o que precisam da maneira mais breve possível (Pv 10.19).
2. Advirta aos consulentes contra o perigo de destruir boas obras por más atitudes (Pv 25.11). Mostre-os a necessidade de estarem seguros de razões apropriadas e de um espírito correto.
3. Evite que alguém arruíne a confissão descrevendo seu pecado de maneira acusatória:[308] "perdoe-me por eu ter dito aquilo quando você me magoou". Cuidado com atitudes do tipo "mas você também".
4. Tenha certeza que o consulente entendeu que não deve colocar escusas em sua confissão. Aqui, esteja atento para qualificações do tipo: "embora...". "Embora as pressões tenham sido grandes, eu acho que não deveria ter feito aquilo".

Alguns hábitos de linguagem estão tão arraigados que o consulente se encontrará dizendo certas coisas sem se dar conta disto. Um ensaio da cena da confissão entre conselheiro/consulente pode ser útil em detectar (e eliminar) tais problemas.

É importante buscar o perdão quando se confessa em vez de simplesmente se justificar. Para tornar isto claro, deixe-me citar meu livro *Update on Christian Counseling*, vol 1:

308 Ele deve primeiro tirar a trave do seu próprio olho. Ao final – depois de seu próprio pecado ter sido esclarecido – ele pode levantar outras questões. As duas coisas não devem se confundir no momento da confissão.

NÃO SE JUSTIFIQUE

É hora de dizer com clareza – para que não haja mal entendidos: a Bíblia em nenhum lugar aconselha ou permite (e certamente não ordena) desculpas. Mesmo assim, a despeito desse fato, cristão (e até conselheiros cristãos) parecem ser viciados em desculpas e orientam seus consulentes a "se desculparem" com outros a quem ofenderam. Para eles, eu tenho um simples conselho: parem!

"Bem, o que há de errado com desculpas?"

Fundamentalmente, duas coisas:

I

Desculpa é um substituto humanista, inadequado para a realidade. Em nenhum lugar a Escritura requer ou até mesmo encoraja desculpas. Dizer "desculpas" é humano demais para obedecer os mandamentos de Deus. E (como veremos) sendo este um substituto do homem para um homem para o requerimento de Deus (que é tudo menos substituir aquele requerimento), tem causado muitos problemas na igreja. Ao substituir o requerimento bíblico ao lidar com o atrito, permitimos que este atrito continue na igreja sem ser tratado.

"Que requerimento bíblico é este que tem sido substituído?"

Perdão.

"Perdão?"

Sim. Não desenvolverei agora este ponto, discutindo as numerosas passagens que falam do perdão cristão. Em vez disso, simplesmente indicarei outros tratamento do assunto.[309]

Assim, confissão está sempre associada à busca do perdão. É isto que fazem todas as grandes orações de confissão. O pedido de desculpas quebra esta associação.

309 Ver *The Christian Conselour's Manual*, página 63-70, 88, 361; *Christian Living in the Home*, capítulo 3.

À medida que os cristãos continuam a dizer "desculpa" quando erram (ou palavras semelhantes), em vez de "eu pequei; você me perdoa?", e a medida que recebem a resposta natural, "oh, tudo bem" (ou algo semelhante), as soluções reais para muitas dificuldades que poderiam ter sido alcançadas através do perdão continuarão a ser um impasse. A igreja laborará sob o fardo de ressentimentos e amargura por parte de seus membros.

"Por que você está dizendo isto?" Você pode perguntar. Deixe-me explicar; e deixe que esta explicação leve a um segundo ponto – desculpa é errado não somente por ser um substituto humano inadequado para o método revelado de Deus para corrigir relações interpessoais prejudicadas, mas (como tal),

II

Desculpa provoca uma resposta inadequada. Quando alguém pergunta: "você vai me perdoar?" Ele transferiu a responsabilidade; a bola mandou de mãos, e a resposta agora é esperada da pessoa a quem a pergunta foi dirigida. O ônus de responsabilidade mudou daquele que cometeu a ofensa para o que foi ofendido. Ambas as partes, portanto, devem deixar a questão no passado. E, a resposta adequada (Lc 17.3) é "sim, eu vou". Como o perdão de Deus ("dos vossos pecados e iniquidades não me lembrarei jamais"), o perdão humano é uma *promessa* que é *feita* e *guardada.*

Quando uma pessoa diz: "eu te perdoo" a outra, ele está prometendo:

1. "Eu não tratarei deste assunto com você novamente;
2. "Eu não tratarei disto com outros;
3. "Eu não pensarei mais nisto (i.e., isto não habitará minha mente)".

A resposta, "sim, eu o perdoarei", então, é uma promessa que envolve um total compromisso – no qual o irmão perdoado (e Deus) pode se firmar e que (se guardado o compromisso) o levará a esquecer o erro (não perdoar e esquecer, mas perdoar para esquecer) e restabelecer um novo e bom relacionamento entre as partes envolvidas. Assim, um pedido de desculpas é

um substituto inadequado porque (a) ele não exige um compromisso, e (2) não produz nada.

Um pedido de desculpas mantém a bola nas mãos da pessoa que pediu. A outra parte não precisa fazer nada sobre isto, e geralmente não faz. Dizer "desculpa" é, como se vê, nada mais do que uma expressão sentimental. Dizer: "eu pequei contra você", e então perguntar: "você me perdoa?" é algo muito diferente.

Portanto, conselheiros (ao orientar seus consulentes) devem ser muito claros a respeito desse assunto. Quando o fazem, e quando um entendimento correto do assunto mais uma vez começa a permear a igreja cristã, muitas das dificuldades atuais que experimentamos desaparecerão.

Façamos nossa parte para acelerar esse dia.

Em outro lugar, escrevi:

> Agora tomemos um exemplo. Suponha que você disse ao consulente para pedir perdão a Deus por um pecado particular e depois ir até a pessoa contra quem pecou e pedir seu perdão. O consulente concorda. Tudo parece bem. Quando ele volta na próxima sessão, ele diz que fez tudo. (Você errou em não pedir detalhes do que ele disse e fez.) Contente, você passa para outros assuntos. Então, na próxima sessão, o consulente anuncia que "este negócio de procurar o irmão para pedir perdão não me fez bem nenhum". As coisas, ele indica, não melhoraram; de fato, até parecem piores. Ele diz: "eu me arrependo de ter seguido o seu conselho".

Pode haver naturalmente muitas outras dimensões para este problema (falha da parte ofendida em perdoar, ou para manter sua promessa de perdão, etc. Mas, por causa da simplicidade deste ponto, deixemos de lado estas possibilidades para esta discussão).[310]

310 Mas não, porém, no contexto genuíno de aconselhamento, se a outra parte puder ser trazida também à sessão.

Seu consulente ouviu o conselho. Porém "ele traduziu" suas palavras, até mesmo quando escritas, isso pode acontecer. "Peça perdão" ele traduziu por "peça desculpas" ou "diga que você sente muito" por "justifique-se". Não foi isso que você *disse,* e não foi isso que você *pretendeu* dizer, mas foi isto que (em sua perversidade pecaminosa, ele fez). O que ele fez foi *parcial*. Ele foi até a parte ofendida, como você orientou, mas ele também foi *pervertido*: ele fez algo qualitativamente diferente. Ele não seguiu as direções. Ele disse: "sinto muito" em vez de "eu pequei; você me perdoa?"

Bem, poderia haver um número de razões pelas quais ele cumpriu direitinho as tarefas. Vejamos duas delas:

1. Pode ser seu padrão "fazer as coisas à sua própria maneira".
2. Ele pode genuinamente não ter percebido a diferença.

Vamos considerar a segunda mais de perto. Neste caso, o conselheiro também compartilham essa responsabilidade. Eles devem conhecer estes tipos de perversões da ação bíblica; devem saber que as pessoas substituem o pedido de perdão por simples desculpas. E, portanto, devem saber especificar com clareza o que envolve o pedido de perdão. De fato, eles devem antecipar qualquer possível "tradução" e se guardarem destas interpretações errôneas, por meio de distinguir claramente as duas coisas ao distribuírem a tarefa. Sendo que poucas reconhecem a diferença, e porque a maioria das pessoas insiste em confundir perdão com pedido de desculpas, necessariamente, o com aconselhamento envolve a descrição *detalhada* do que ele quer e (com igual clareza) do que *não* quer dizer ao entregar a tarefa para o consulente. Seria adequado adverti-lo contra o perigo de substituir uma coisa pela outra. O conselheiro deve explicar, "Buscar o perdão e dizer simplesmente: 'Desculpe-me' são duas coisas inteiramente diferentes de se fazer na mesma situação. Uma delas é o mandamento de Deus; a outra é o substituto arranjado pelo homem. A primeira se fundamenta no arrependimento (levando à confissão – a admissão do pecado – e à concessão do perdão); a segunda nasce da tristeza (como no caso de Esaú, mencionado em Hebreus 12.15-17, tristeza que nasce das *consequências* do

pecado, e de sua inabilidade de revertê-las, e não do fato de que o pecado é uma ofensa contra Deus e os outros). As duas diferem radicalmente. Um pedido de desculpas não é mais do que uma declaração sobre sentimentos; 'Sinto muito.'Não é específico – a pessoa está triste pelo que aconteceu a si mesma ou a outros? Ele reconhece o fato de que pecou, primeiro e acima de tudo contra Deus? O que estas palavras significam?

"Por serem palavras não-específica, as palavras do pedido de desculpas provocam uma resposta informal (a que vier primeiro). Por que não deveriam? Elas são vagas, e (de fato) não exigem qualquer compromisso de nenhuma das partes. Quando se pede desculpa, a pessoa pode *assumir* que está tudo resolvido. Mas a verdade é que não está. Nenhuma das partes se comprometeu a encerrar o assunto; nada foi feito sobre o ato passado ou sobre o relacionamento futuro. Isto deixa todas as opções em aberto.

"Em contraste, o pedido de perdão é totalmente específico, quando feito biblicamente. Dizer a alguém que você errou: 'Pequei contra Deus e contra você [Lc 15.18]. Confessei meu pecado a Deus [caso tenha feito isso mesmo], sei que ele me perdoou; agora, peço a você que faça o mesmo. Você me perdoará?' tal declaração é específica. Desse modo você reconhece a natureza do que fez – que é pecado, contra ambos, Deus e o próximo. Segundo, o pedido de perdão exige uma reposta concreta da parte da pessoa contra quem se pecou (não encerre a questão com uma resposta simples como 'Esqueça'. Diga, 'Não, o que fiz foi pecado. Requer perdão. Quero resolver o assunto para ter paz; você me perdoa?"

"Algumas vezes a pessoa ofendida quer resolver da maneira mais simples de modo que ela acaba retendo a ofensa contra você. Se ele se esquiva numa resposta, ou recusa a perdoar, lembre-o de Lucas 17.3-10. Se ele ainda recusar, Mateus 18.15... deve ser citado (com outro crente).[311] Se a pessoa disser "sim" ou "não" você deve saber a resposta. "Quando você procura a outra pessoa, o objetivo não é meramente expressar seus sentimentos – mesmo de remorso. Você deve ir (como a Escritura deixa claro) para recon-

311 Ao buscar o perdão de um irmão, siga Romanos 12.18 (para uma discussão mais completa desse assunto, veja meu livro *How to Overcome Evil).*

ciliar-se com a pessoa. O substituto "desculpe-me" não faz nada em prol do *relacionamento*; o modo bíblico abre as portas para um novo começo.

"E, mais uma coisa –se você ou a pessoa a quem você foi procurar não entende o que significa perdão e, portanto, o que envolve a concessão do perdão, deixe-me explicá-lo plenamente. Assim você poderá explicá-lo o que você entende. Perdão é uma *promessa*. Quando Deus o perdoou em Cristo, ele prometeu não 'lembrar mais dos seus pecados e iniquidades'. A pessoa que pede perdão também está pedindo *isto*; a pessoa que concede o perdão também promete *isto* – e nada menos. Esta promessa tem três aspectos:

(1) 'Eu não vou trazer o assunto novamente à tona;
(2) 'Eu não vou comentar com outros;
(3) 'Eu não vou pensar mais sobre isto (i.e., não me permitirei sentar e lamentar numa atitude de autopiedade)'.

"Pedir e conceder perdão implica esforço futuro em trabalhar por um relacionamento novo e bíblico. Quando Deus nos reconciliou consigo, o perdão não encerrou a questão. Uma vez que o pecado foi perdoado, ele insistiu em construir um novo e adequado relacionamento conosco (cf. 4.17).[312]

Esta apresentação da tarefa deve ser dada (independente do assunto em questão). Para entrar em detalhes (você pode até querer *ler* isto para o seu consulente) você vai prever todos os tipos de problemas. Dar uma oportunidade de feedback ao final o ajudará a descobrir se o consulente entende, crê, e tem intenção de seguir esses direcionamentos, etc. A resposta dele normalmente levará a uma elucidação das questões.

O que dizer da restituição? Geralmente, restituição é necessária. Deus requereu restituição além do sacrifício (cf. Nm 5.5-7). Lucas 19.1-10 mostra como um homem espontaneamente ultrapassou esse requerimento. Uma diferença principal entre a oferta pelo pecado e a oferta pela trans-

312 Sobre isto, ver meu livro *Matters of Concern*, página 36..., onde eu discuto como a reconciliação deve levar a um novo relacionamento.

gressão é o fato de que na última a consideração era sobre pecados *sociais* e geralmente esta oferta era acompanhada de restituição (Lv 6.4...). O adorador do Antigo Testamento deveria restituir o valor da perda e mais um quinto. Zaqueu excedeu em muito este requerimento. Ele disse: "Darei quatro vezes o valor que defraudei". Para cada 1 real de valor, a lei requeria 1,20. Zaqueu disse: "Pagarei 4 reais por 1". Paulo concordou em pagar a Filemon tudo o que Onésimo lhe devia; a conversão de Onésimo não o liberou das obrigações contraídas antes da conversão.

Neste ponto, sou tentado a reproduzir meu sermão em Lucas 17.3... sobre a questão do perdão, da qual Jesus nos diz que a pessoa ofendida é: (1) Obrigada a tomar a iniciativa e ir até a pessoa que a ofendeu, (2) ensinada a repreendê-la em amor e (3) deve perdoá-la.

a) Se ele se arrepender,

b) Quantas vezes ele se arrepender (7 vezes ao dia, se necessário)

c) Apenas com base em sua palavra "dizendo: 'estou arrependido'".

d) Quer ele sinta isso ou não.

e) Porque Deus assim o ordena.

Mas eu não vou perdoá-lo.[313] Os princípios na passagem são, porém, de grande importância. Na discussão de Lucas 17.3... a ideia de *repreensão,* que leva ao perdão aparece. Na tabela apresentada anteriormente, a palavra *repreensão* aparece. Ela é útil, portanto, para entender melhor o significado bíblico de repreensão.

O termo básico no Antigo Testamento para repreensão *yakach.* Esta palavra ocorre frequentemente e é sempre traduzida "reprovar". A ideia de reprovação ou admoestação pela razão lhe é inerente. Ela não apresenta a ideia de emoção forte, mas de argumento lógico e ponderado. A noção tem a ver com deixar algo claro pela apresentação dos fatos. O conceito de con-

313 O sermão está disponível em áudio: Christian Study Services, 2540 Edge Hill Rd., Huntingdon Valley, Pa., 19006. Em sua forma complete, pode ser encontrado em séries de estudo em áudio sobre Perdão Cristão.

vicção está associado à palavra. A questão deve ser *discutida*. Obviamente isto nos diz muito sobre *como* a repreensão deve ser feita. Algumas passagens típicas nas quais *yakach* ocorre são: Gênesis 31.42, Levítico 19.17; Salmo 6.1; 38.1; Provérbios 9.7, 8; 24.25; 28.23.

Outro termo é *teokachath* = reprovar, corrigir por palavras, mostras o que é certo. Esta palavra é de grande ocorrência em Provérbios (1.23, 25, 30; 15.12; 6.23; 10.17; 12.1; 13.18; 15, 5, 10, 31, 32; 29.1, 15).

Um terceiro termo do Antigo Testamento é *gaar* = repreender, censurar, ameaçar[314] (usado para se referir a um pai repreendendo o filho; mas também usado de maneira mais abrangente); instruir, punir, advertir, reprovar. Trata-se de um termo um pouco mais forte. Outras passagens são Provérbios 13.1; 15.31, 32. 19.25; 27.5; 28.13.

Há também duas palavras no Novo Testamento para reprovação. A primeira delas é *elengcho* (encontrada em 1Tm 5.20, Tt 1.13; 2.15, Hb 12.5; Ap 3.19). A palavra significa convencer. É um termo legal extraído do tribunal, e significa argumentar com propriedade contra outro ao ponto de *convencê-lo* do crime pelo qual está sendo acusado. Não é meramente repreender ou reprovar, mas uma repreensão ou reprovação *efetivas*.

O outro termo no Novo Testamente é *epitimao*, significando "colocar um peso sobre, censurar severamente". A palavra aparece frequentemente nos Evangelhos, mas é também encontrada em outras passagens (e.g., 2Tm 4.2; Jd.9). Ela aparece em Lucas 17.3 (a passagem mencionada anteriormente. A palavra é muito mais *tentativa* do que a sua equivalente no Novo Testamento.[315] Trata-se da *reprovação imerecida* (cf. Mt 16.22) *ou ineficaz* (cf. Lc 23.40). Quando alguém vai repreender o seu irmão (Lc 17.3), ele geralmente deve fazê-lo com certas reservas. Ele pode não ter certeza de que a reprovação é merecida até que ouça a reposta de seu irmão. Nesta repreensão, a pessoa levanta a questão e traz a evidência do que o outro fez. É muito importante, então, ao aconselhar outros a irem e apresenta-

314 Este elemento não deve ser aplicado a passagens como Lucas 17.3 e seguintes.

315 Trench R. C., *Synonyms of the New Testment*, apresenta uma excelente comparação dos dois termos.

rem seus argumentos aos irmãos e irmãs ofendidos, explicar que a atitude na qual estão indo deve possuir esta qualidade de tentativa. Isto deve ser assim, até mesmo quando o caso *parece* concluído ou não. O irmão que vai repreender o outro deve fazê-lo em amor; mas entre as qualidades do amor estão: "tudo crê" e "tudo esperar" (1Co 13.7). A pessoa que levanta a questão diante do outro deve estar preparada (ter em mente) para ouvir novas evidências e deve mostrar uma disponibilidade de dar a seu irmão o benefício da dúvida. Com efeito, ele diz: "aqui estão os dados dos que disponho; agora quero ouvir o seu lado da história".[316]

Agora, voltando da noção de repreensão (que, como temos visto, é multidimensional), deixe-me fazer uma pergunta: "O que é perdão?" Estamos quase prontos a dar uma palavra final sobre este assunto. Mas primeiro, sejamos claros a respeito de uma coisa: perdão não é um sentimento. A passagem de Lucas 17.3... é muito clara a esse respeito. Contra todos os sentimentos, o escravo tem que refrear-se de provar a refeição de seu senhor quando a estiver preparando. Por causa da obediência, ele restringe sua própria fome, assim como aquele que perdoa outro deve restringir seus sentimentos (retaliar, reter o perdão, etc.) e conceder o perdão àquele que o busca pela sétima vez. Não, perdão não é um sentimento.

Bem, então, o que é perdão? Perdão é uma *promessa*. Quando Deus perdoa o pecador, ele simplesmente não se torna sentimental a respeito do arrependimento. Não, em vez disso, ele 'registra' o perdão e promete fazer (e sustentar) àquele efeito: "dos teus pecados e iniquidades jamais me lembrarei" (Jr 31.34). Quando Bushnell disparatadamente escreveu: "perdão é simplesmente uma espécie de formalidade", ele errou completamente. Naturalmente perdão é uma formalidade, mas que formalidade gloriosa! "Apenas um tipo de formalidade" de fato! Graças a Deus pela promessa formal de nunca mais se lembrar de nossos pecados; se não fosse esta "formalidade", jamais estaríamos seguros de nossa salvação. Perdão é uma formalidade *maravilhosa,* a base de todo o nosso conforto, paz, segurança,

316 Para mais esclarecimento sobre o amor como "aquele que tudo crê", veja meu livro *What About Nouthetic Counseling*, página 51...

segurança, certeza. Nosso perdão tem como modelo o perdão de Deus (Ef 4.32). Isso significa que para nós o perdão é também uma promessa que oferece segurança para o futuro.[317]

Logo, quando o consulente diz "eu o perdôo" a outra pessoa, ele também faz uma promessa. Este aspecto promissório é um elemento essencial do perdão. Perdão é uma declaração formal de retirar o fardo da culpa de alguém e uma promessa de nunca mais lembrar dos seus erros. É uma promessa (como temos visto) que envolve três elementos: não levantarei mais a questão diante de você, diante dos outros ou de mim mesmo.[318] Aquele a quem se faz tal promessa pode assegurar-se dela. E uma promessa pode ser feita se, ou não, a pessoa *sente* vontade de o fazer (e.g., o marido, por convicção – contra os seus sentimentos – pode dizer: "querida, eu a levarei para jantar sexta-feira"), e sua promessa pode ser mantida (no exemplo anterior teria sido melhor) se, ou não, ele sente vontade de fazê-lo (até a sexta-feira).

Assim, estamos prontos para unir todas as partes:

> Perdoar é retirar a acusação de culpa de sobre os ombros do outro, uma declaração formal daquele fato e uma promessa (feita e guardada) de nunca mais lembrar o erro cometido, trazendo-o à tona novamente.

"Espere!" você perguntará. "A Bíblia ensina que devemos 'perdoar e esquecer' como diz o adágio?" Não, não é nada disso. A Bíblia ensina que devemos perdoar *a fim de esquecer.* A pessoa que faz e consegue manter estas três promessas, certamente esquecerá; aliás, esta é a única maneia de o fazer.

---

317 Naturalmente podemos, geralmente o fazemos, falhar no cumprimento de nossas promessas. Em tais casos, também devemos buscar o perdão por termos feito isso.

318 O terceiro elemento da promessa é, via de regra, o mais difícil; autopiedade pode destruir os bons efeitos do perdão. Conselheiros podem encontrar auxílio em como fazer para manter a promessa, na obra *Lectures on Counseling,* p. 138... e *Matters of Concern,* p. 11.

Voltando a Lucas 17.3,4 eu gostaria de notar que o perdão é condicionado ao arrependimento. Ela não pode ser concedido a outra pessoa até que ela diga: "Estou arrependido, por favor, perdoe-me" (ou palavras de mesmo efeito). Isto deveria ser óbvio a qualquer um que pense sobre o perdão em termo de fatos. Afinal, se a pessoa deve repreender um irmão ou irmã impenitente (como requer Lc 17.3), e buscar arrependimento e reconciliação, pode ser necessário trazer a pessoa mais de um vez ao processo de confrontação (Mt 18.15...). Sobre isto, ver a discussão da "Disciplina na Igreja" em *Matter of Concern* (p. 69-74, especialmente p.72...).

"Bem, então, se recusa a buscar o perdão e se você ainda retém alguma coisa contra ela em sal coração, isto não levaria à autopiedade, contra a qual você nos advertiu na última nota de rodapé?" Novamente, a resposta é *não*. "Por que não?" Primeiro, porque aos cristãos não é permitido se tornarem amargos e ressentidos, e há maneiras de se evitar que isto aconteça (cf. *Competent to Counsel,* p. 220..., e discussões semelhantes em muitos de meus outros livros). Mas, ainda sobre esse ponto, há uma passagem muito importante em Marcos 11.25 que devemos considerar:

> "E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas".

Como podemos associar este verso com a ideia de que o perdão só pode ser concedido aos que o buscam em arrependimento?

Olhemos com mais cuidado o texto de Marcos 11.25. Note, você não devesendar e se entregar à autopiedade, nem se tornar amargo; isto é muito claro. Mas o que se deve fazer? Você perdoa ou não perdoa? Deus nos perdoa quando não nos arrependemos? Não. Perdão e arrependimento estão sempre associados na Bíblia. João, o Batista, veio pregando arrependimento por meio de arrependimento; Jesus fez o mesmo. E ele nos ensinou a pregarmos o mesmo (Lc 24.47). Bem, então, o que Marcos 11.25 quer dizer?

Primeiro, não significa que você deva parar de levantar a questão diante do ofensor, o irmão impenitente. Mateus 18 requer que você levante a questão até que o arrependimento ocorra.

Segundo, não significa que você não deva levar a questão a outros – Mateus 18 permite que levemos isso a mais uma ou duas pessoas, ou, eventualmente, aos anciãos da igreja também.

Será que a falha do irmão em se arrepender dá a você o direito de ficar ressentido? Não, isso não dá direito à autopiedade. As palavras em Marcos 11 se aplicam ao terceiro elemento do perdão - precisamente a esse assunto de autopiedade. Você deve aliviar seu coração no que diz respeito ao problema, por meio da oração; você não precisa mais lidar com isso, pois já entregou a Deus. Note, especialmente, que você fará isso diante de Deus, não do ofensor. Conte ao Senhor sobre sua boa vontade de perdoar, que você quer se reconciliar e que não vai se sentar e lamentar essa injustiça contra você. Nesse sentido – e apenas nesse sentido - você o perdoa: *diante de Deus*. Mas Marcos 11 *não* requer que você *conceda* perdão ao ofensor; a passagem fala apenas da atitude pessoal; Você não estará fazendo uma promessa formal ao ofensor se disser a Deus que não ficará amargurado com ele. Essa passagem fala do perdão do coração. Este é essencial em todos os casos. O coração e as promessas saídas de seus lábios devem coincidir.[319] O único compromisso em Marcos 11 é o compromisso com Deus; nenhum compromisso é feito com o ofensor. É perdão diante de Deus. De qualquer forma, o assunto deve ser resolvido o mais rápido possível, até onde for *possível*. De acordo com Marcos 11.25, a pessoa pode resolver ao menos uma parte do problema imediatamente. Conselheiros devem convocar o consulente a fazer isso.

Há outro problema a ser considerado. Mesmo que a pessoa seja perdoada, isso não elimina *todas* as consequências que advirão de seu pecado. Se uma pessoa, no meio de uma festa, por efeito de embriaguês se envolve num acidente, que lhe provoque um corte no braço, de forma que a lace-

319 Fazer algo "de coração", lembre-se, é fazê-lo com sinceridade.

ração seja tão grave ao ponto de se fazer necessária a amputação, ela não desenvolve um novo quando é perdoada. Ele deve aprender a superar essas consequências e pela graça usá-las para a honra de Deus nos dias que virão. O perdão alivia o peso da culpa e remove a responsabilidade que leva à punição. Não previne de *outras* consequências.

Alguém pode pensar que todas as consequências *são* punições, deixando de reconhecer a possibilidade de outros fatores. Provavelmente o exemplo mais sensacional desta situação é o caso de Davi e a morte de seu filho nascido de sua união adúltera com Batseba (2Sm 11.12). O profeta Natã vem a ele, conta-lhe uma história e menciona algumas consequências (a espada não se apartará de tua casa; haverá tribulação em tua própria família – estas foram as consequências que Deus [por suas próprias razões] disse que acompanhariam seu pecado e que continuariam até que se cumprissem). Davi se arrepende e é assegurado do perdão (e da remoção de sua punição: "Não morrerás"). Mas é dito a ele: "Mas", visto que com isto deste motivo a que blasfemassem os inimigos do Senhor. Tu filho morrerá. E assim se fez. *Isto não foi punição;* foi uma consequência que envolvia o nome do Senhor e o testemunho diante de seus inimigos (para mostrar que Deus não aprova o pecado). Certamente, foram consequências severas sobre Davi; certamente trouxeram efeitos santificadores em sua vida – mas isto era secundário. A razão fundamental é dada – o testemunho aos inimigos de Deus.

O fato das demais consequências (seguindo o perdão) não devem ser esquecidas (ou ignoradas) no aconselhamento. Geralmente, conselheiros enxergam o perdão de modo irreal, deixando de mencionar esta possibilidade,[320] e por isto deixando de preparar os consulentes para isto, e os submetendo a impactos ofensivos no futuro.

320 Note como Paulo não deixou de mencionar tais assuntos em sua carta a Filemon. Ele sabia que Onésimo tinha sido completamente perdoado, mas mesmo assim reconheceu que havia algumas obrigações: (1) retornar a Filemon, e (2) pagar o que porventura devesse a Filemon. Ele esperava (e deu a dica), naturalmente, que Filemon o perdoaria não somente dos erros cometidos, mas das obrigações (consequências) que restaram. Cf. também Nm 14.19-23.

Como ajudar o consulente a lidar com os choques das tempestades que vem depois do pecado? O conselheiro deve ensiná-los sobre a superabundante redenção discutida com detalhes em outro capítulo. Até mesmo tais responsabilidades podem ser transformadas em coisas de valor, pela graça de Deus. Ele deve ajudá-los a ver como isso acontece. Toda consequência de pecado pode ser transformada em bênção. Deus é maior que qualquer problema e ama transformar consequências em benefícios; ele é aquele que usa até mesmo a ira do homem para Seu louvor.

Sendo o perdão (e muitas de suas ramificações) assunto de tamanha importância no aconselhamento, dediquei muito espaço à discussão desse assunto. Não posso superestimar a necessidade de todo conselheiro de se familiarizar com os dados bíblicos desse assunto. Mas, antes de abandonarmos a doutrina do pecado, deixe-me acrescentar mais uma nota de rodapé.

Frequentemente, em nossos dias, ouve-se palavras como, "Eu sei que Deus me perdoou, e que Bill também me perdoou, mas é como se eu não tivesse perdoado a mim mesmo". Como o conselheiro cristão lida com esse problema?[321] Primeiro, ele mostra que as palavras representam muito mais uma racionalização do que propriamente uma construção bíblica da situação. Sim, há algo mais a ser feito, mas não se trata de mais perdão. A Bíblia em lugar nenhum nos manda perdoar-nos a nós mesmos. Simplesmente, não há aqui uma dificuldade real. O problema, verdadeiramente, está em outro lugar; há uma dinâmica em operação que deve ser entendida e adequadamente tratada, em vez de ser mascarada por noções não-bíblicas.

Quando um consulente é perdoado por Deus e pelos outros, mas reconhece que isto "não é o bastante", ele está certo. O perdão não é apenas um fim; é também um novo começo. O perdão pode fechar as portas de certos relacionamentos, mas também faz nascer a possibilidade (e necessidade) de novos. O perdão é um *divisor de águas*. Há verdadeiramente a necessida-

321 Para mais informação sobre esse assunto, ver *Matters of Concern*, p. 7-9.

de de algo novo – mas não se trata de mais perdão (lembre-se, o perdão dá início a um novo relacionamento).

A dinâmica por trás do desconforto do consulente é dupla. Ele sente, mas geralmente não sabe articular claramente o fato, de modo que:

1. Embora perdoado, ele ainda é a mesma pessoa, sem mudança nenhuma, que praticou o erro. Algo mais se faz necessário, então, para assegurá-lo não voltar àquela prática, a não cometer o mesmo erro novamente; ele deve mudar.
2. Embora perdoado, ele nada mais fez para estabelecer um novo e melhor relacionamento com Deus e com seu próximo. A menos que o faça, o futuro relacionamento oscilará e tem muito mais chances de dar errado.

Estas questões são vitais e devem ser tratadas com cuidado pelos conselheiros cristãos. Tratei da segunda delas no livro *Matters of Concern* (p. 36,37), onde mostrei que as *barreiras* removidas não se constituem *conexões* cimentadas; na verdade estas duas coisas são separadas. De fato, barreiras removidas deixam *brechas* se as conexões não forem cimentadas. Perdão é apenas uma parte do interesse maior que é a reconciliação, que envolve igualmente a construção e o cultivo de novos relacionamentos (ver também o *último* elemento listado nas semelhanças e diferenças, na tabela do perdão).

O primeiro item – tornar-se uma pessoa nova e diferente – é vital e deve ser considerado em sua totalidade no próximo capítulo.

A Doutrina da Santificação

Capítulo 14

Aconselhamento e a Novidade de Vida

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO

Na obra *Competent to Counsel*[322] afirmei que o aconselhamento tem a ver com o processo de santificação. Esta afirmação decorre da verdade de que o aconselhamento tem de ser feito com crentes (com os descrentes se faz o que chamo de pré-aconselhamento, i.e., evangelismo. Isto é o mais adequado).[323] O verdadeiro aconselhamento é feito num nível profundo; é um trabalho do Espírito Santo, que envolve mudança interior. Esta mudança acontece no coração do ser humano regenerado como resposta favorável ao minsitéro da Palavra em virtude de suas tendências de nova vida.

Talvez, para os que não têm familiaridade com termos teológicos,[324] (e, infelizmente, mutios dos que desejam aconselhar não possuem essa familiaridade), a seguinte tabela de explicações será útil para trazer à luz alguns (não todo, claro) conceitos fundamentais.

Doutrina	Ato	Processo	Deus realiza sozinho	Deus capacita o homem a fazer
Regeneração	✓		✓	
Conversão: Arrependimento e Fé	✓			✓
Justificação	✓		✓	
Santificação		✓		✓
Glorificação	✓		✓	

322 p. 73-77.

323 Ver Apêndice.

324 Ver também minha lista de definições teológicas em *Update on Christian Counseling*, vol. 1.

A tabela indica claramente que, de todas as doutrinas chaves listadas acima, a santificação é a única que envolve um *processo.*[325] Isto é muito significativo. Ademais, juntamente com a conversão, santificação é a doutrina que descreve uma obra realizada não somente por Deus diretamente, mas indiretamente, usando a agência do homem.[326] Na conversão, pela sabedoria e poder do Espírito Santo, o homem se arrepende e crê (Deus o capacita para assim o fazer, pois sem isso *ele* efetivamente não o faria); na santificação, o homem crê e obedece (mais uma vez, Deus o capacita a assim fazer, pois sem isso *ele* não o faria).

Santificação, portanto, assemelha-se à conversão, no sentido de que o ser humano não é totalmente passivo, como o é na regeneração, por exemplo. Diante desta verdade, é possível (de fato, até mesmo necessário) que o crente seja assistido por outros na santificação. Assim como na conversão, também na santificação, o ministério da Palavra é de superior influência. O Espírito Santo usa a pregação de sua Palavra para trazer conversão (cf. Rm 10.14,15). Santificação acontece de modo similar (a íntima relação entre o processo de conversão e santificação podem ser notados em Gl 3.2,3). É a Palavra, ministrada aos consulentes que traz mudança espiritual (2Tm 3.15-17) e crescimento (1Pd 2.2). Isto se dá por meio da pregação e do ensino, pela mútua comunhão e encorajamento e (sendo a santificação um processo, não um ato) através de uma ou mais de uma (geralmente várias) sessões de aconselhamento.

Agora, é apropriado desenvolver um entendimento do processo de santificação em sua relação com o aconselhamento. Deixar de fazê-lo neste livro seria um erro trágico. Mas há um problema. No livro *Christian Counselor's Manual,* eu já considerei de modo abrangente a necessidade fundamental de despojarmo-nos das velhas práticas da vida pré cristã para o revestimento das novas disposições. Meu problema, então, foi decidir como proceder aqui. Deveria omitir todo aquele material e simplemente

325 Em Hebreus (e talvez alhures) santificação é considerada um ato.

326 Confira discussões anteriores sobre esse assunto. Para mais informações sobre "Humano/Divino no Aconselhamento," ver *Matters of Concern,* p. 65-67.

indicar ao leitor as passagens correspondentes no *Manual,* ou deveria citar tudo aqui? Após considerar as alternativas, decidi citá-las extensivamente (mas não completamente) a partir do *Manual.*

Efetuando a Mudança Bíblica

Mudança: O Alvo

Mudança bíblica é o alvo do aconselhamento. Mas mudança não é fácil. Joel Nederhood corretamente se refere ao título de um artigo de Amitai Etzioni intitulado, "Human Beings Are Not So Easy to Change After All" ("Seres Humanos Não Mudam Assim Tão Facilmente"). Neste artigo, Etzioni cita as falhas "de se tentar recuperar crianças com um histórico desfavorável ao padrão desejado... indica que os cursos de treinamento para motoristas tem reduzido as estatíticas de acidentes, mas [somente ao custo de] $88,000 por cada vida salva", e outras informações semelhantes. Jeremias apontou a dificuldade de se romper com um padrão de vida estabelecido:

> "Pode o Etíope mudar a cor de sua pele
>
> Ou o leopardo suas manchas?
>
> Tampouco vós podereis fazer o bem
>
> Estando *acostumados* a fazer o mal"
>
> (Jr 13.23, ênfase minha).

Calvino, em seu comentário, observa que esta passagem é erroneamente interpretada quando se afirma que se trata aqui da natureza pecaminosa na qual nascem os homens. A interpretação é comum. Em vez disso, Calvino insiste, esta passagem deveria ser entendida como uma descrição "dos hábitos contraídos por longa prática". Uma cuidadosa atenção na exegese da passagem mostrará que Calvino tinha razão. Jeremias, afirma a mesma verdade com outras palavras:

> Falei contigo na tua prosperidade, mas tu disseste: Não ouvirei. Tem sido este o teu caminho, desde a tua mocidade, pois nunca deste ouvidos à minha voz (Jr 22.21).

Mudança É Difícil

Conselheiros devem ser realista quanto à obra a que foram chamados. Conquanto haja em Cristo uma genuína base para se esperar mudança, como vimos, esta mudança não é fácil. Crianças que "aprenderam" a bater a porta com violência passam por um longo e difícil processo até que reaprendam a fechar a porta civilizadamente; jovens casais precisam fazer muitos ajustes de seus antigos hábitos, para construirem uma terceira forma de vida que será algo diferente dos dois contextos em que viviam antes do casamento; pessoas mais velhas quando perdem um parceiro com quem compratilharam boa parte da vida descobrem que a mudança é inevitável, mas nada fácil.

Mudança, então, é necessária, mas é muito difícil. Uma das maiores razões do colapso cristão é a falta de disposição para fazer mudanças ou a ignorância de como fazer as mudanças que Deus requer de nós para enfrentarmos as vicissitudes da vida.

Não deve causar estranheza aos conselheiros, então, quando os consulentes protestam: "Eu jamais mudarei" ou "Acho que eu sou assim mesmo", ou outras palavras de mesmo efeito. Consulente *continuamente* padrões de comportamento aprendidos com natureza (*fisis*) herdada. Conselheiros podem tomar como regra que qualquer qualidade de vida, atitude de mente, ou atividade que Deus requer do homem pode ser atingida através do Senhor Jesus Cristo. Assim, sempre que o consulente protestar, "Mas eu não tenho paciência", e entender por estas palavras que "Eu nasci assim e nada pode ser feito para mudar isso", o conselheiro deve insistir que a paciência pode ser alcançada, pois as Escrituras a descrevem como o fruto do Espírito.

Conquanto seja verdade, por exemplo, que nem todos os *dons* do Espírito possam ser adquiridos por todos os cristãos, porque o Espírito os

distribui como e na quantidade que lhe apraz (1Co 12.4-11; Ef 4.7), porém, todos os intens apresentados em Gálatas 5, descritos como o *fruto* do Espírito estão disponíveis a todos os crentes.

Falha em Conseguir Efetuar Mudanças Que Perdurem

O padrão repetitivo de pecado-confissão-perdão, pecado-confissão-perdão, tão bem conhecido de conselheiros e consulentes, provavelmente seja o principal responsável pelo desencorajamento e fracasso no aconselhamento, mais do que qualquer outro fator. Por que as resoluções e aconselhamento, que seguem o estilo de resolução tradicional de Ano Novo, geralmente fracassam? Por que as mudanças são frequentemente temporárias? E... o que (se há algo a ser feito) pode ser feito a respeito desse problema?

Bem, vamos responder fazendo outra pergunta (na verdade, a primeira linha de uma charada infantil):

"When a door is not a door?"

("Quando uma porta não é uma porta?")

Todos sabemos a resposta, naturalmente: "When it is ajar!" ("Quando ela é um jarro").[327]

Não mencionei essa simples charada apenas para ser engraçado (o que não é o caso), mas porque ela pode ser um paradigma útil para a discussão que segue. Vamos fazer a pergunta de novo, respondendo-a com uma leve diferença:

P. "Quando uma porta não é uma porta?"

R. "Quando ela é qualquer outra coisa?"

Quando pensamos em mudanças, os dados bíblicos indicam simplesmente *que* – a mudança não vem meramente quando certas *mudanças* ocorrem, mas somente quando ocorre *mudança*. A mudança de uma atividade

327 N. do Tradutor - Trata-se de um trocadilho: "A porta não é uma porta quando ela está "ajar", ("entreaberta"). Acontece que "ajar" soa em Inglês como "a jar" ("um jarro").

não significa mudança da pessoa. A primeira pode envolver ações esporádica ou temporariamente mantidas por certas condições; a última envolve um padrão desenvolvido como parte da tessitura da vida da pessoa que provoca aquelas ações a despeito das condições.

Tomemos um ou dois exemplos para elucidar este conceito. Faça mais uma vez aquela pergunta deixando espaços em branco:

"Quando um..... não é um.....?"

Os espaços em branco devem ser preenchidos com os problemas do consulente. Por exemplo:

P. "Quando um mentiroso não é um mentiroso? Ou

P. "Quando um ladrão não é um ladrão?"

Que respostas se deve dar? Elas deveriam ser assim

R. "Quando ele para de mentir;"

R. "Quando ele para de roubar?"

Não. Precisamente, não. Não há garantia nenhuma de que um ladrão que parou de roubar tenha deixado de ser ladrão. A cessação da prática de roubo indica que *no momento* ou *por enquanto* ele não está roubando. Talvez tudo isto signifique que estrategicamente, não é sábio ele roubar agora. Pode ser também que ele tenha tomado uma boa resolução de não roubar, o que não quer dizer que quando se encontrar sob pressão econômica não volte a roubar. Em outras palavras, mesmo que o ladrão não roube sempre, o mentiroso não minta todos os dias, e o alcoólatra não beba continuamente, a cessação destas atividades (por si mesma) não é indicação de que tenha se dado uma mudança permanente. De fato, se isto é *tudo* que acontece, o conselheiro cristão deve concluir que mudanças não ocorreram e com confiança, ele pode prever um fracasso futuro, sobre o qual já falei no parágrafo de abertura desta seção.

O que, então, há de errado com as respostas dadas acima? Simplesmente isto: elas não se conformam ao paradigma da resposta modificada:

R. "Quando ela (*ele*) é *qualquer outra coisa.*"

Desabituação e Reabituação

Vamos considerar a base bíblica para esta estrutura e os princípios da Escritura que subjazem estas afirmações. Em Efésios 4, Paulo trata diretamente com o problema da mudança. Como já observamos, ele está discutindo a necessidade de se andar em novos relacionamentos produtivos entre os cristãos; a unidade é essencial. Mas isto requer uma mudança de vida. Mas, diferente de alguns ministérios conservadores dos dias atuais, Paulo não somente exorta, como explica *como* a mudança pode ser efetuada.

Pularemos a primeira parte do capítulo e avançaremos direto para o verso 17, onde ele enfatiza a necessidade de mudança:

> "Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios..."

Temos aqui um forte imperativo dado aos leitores. As palavras "Isto, portanto, digo eno Senhor testifico" sublinham a necessidade, fortalecendo a ênfase, e mostram que não cabe discussão a respeito do assunto. A exortação é para mudar: "não mais andeis como também andam os gentios..." "Vocês já *foram* assim, quando eram gentios (i.e., não-cristãos, descrentes), mas agora que vocês se tornaram cristãos, o modo de andar de vocês (a maneira de realizar as atividades diárias; o estilo de vida) deve mudar".

Não deixe de notar como o apóstolo Paulo enfatiza haver mais do que a simples cessação de algumas ações reprováveis; ele chama a uma mudança no "modo de vida" (cf. v. 22). Paulo chama os irmãos a uma mudança genuína; mudança na pessoa. Não meramente em suas ações. Há esperança nisto – Deus espera que seus filhos mudem. Se é assim, tal mudança deve

ser *possível;* e se é assim, aquele que ordena deve também prover *os meios e caminhos da mudança.*

Mais uma vez, pularemos os versículos 17b – 21 com um único comentário dos dois. O que Paulo descreve nestes versículos como o estilo de vida gentio soma-se à descrição de uma vida focada em si mesma; é o que temos chamado de uma vida motivada e orientada pelo desejo. Isto vem à tona especialmente no verso 19b: (eles "se entregaram à dissolução para, com avidez, cometerem toda sorte de impureza," e no verso 22, segundo "as concupiscências do engano". Note que a mudança contemplada é direcionada a uma mudança a um *estilo de vida,* não meramente a algumas atividades envolvidas neste viver. Paulo descreve isto como um "andar" (v. 17), como uma maneira "prática" à qual eles "se entregaram" (v. 19), como uma forma pregressa de vida, o "trato passado" (ou como diz a Versão de Berkeley, os "hábitos anteriores") e como o "velho homem" (v. 22). Ao descrever a mudança, é como se o crente se tornasse um "novo homem" (v. 24), alguém que foi renovado na "mente" (v. 23), em "justiça," em "santidade" (v. 24 – um homem como Jesus Cristo. Estas mudanças nascem, ele diz, "da verdade" (v. 24b). Trata-se de uma mudança no homem; ele é renovado por uma mudança em todo o seu estilo de vida. O novo estilo deve conformar-se à imagem de Cristo de modo que em seu novo estilo de vida o cristão verdadeiramente reflete Deus. Nada menos que isso.

Este é o cenário para o "como", que é descrito nos versos 22-24, que é vital que todo conselheiro entenda. O fato chave aqui é que Paulo não somente diz "despi-vos" do velho homem (i.e., do velho estilo de vida), como também ordena "revesti-vos" do novo homem (i.e., do estilo cristão de vida)

Mudança é um processo de dois fatores. Estes dois fatores sempre devem estar presentes a fim de se efetue uma genuína mudança. O despir (do velho homem) não será permanente sem o revestir (do novo homem). O revestir-se é hipócrita e temporário, a menos que seja acompanhado do despir-se.

Voltemos, então, ao mentiroso e ao ladrão. Pergunte novamente:

P. "Quando um mentiroso não é um mentiroso?"

R. "Quando ele é qualquer outra coisa".

Muito bem, mas *o que* mais? Quando ele *para* de mentir, o que deve *começar* a fazer? O que a Bíblia diz que deve substituir a mentira? (Este é o tipo de pergunta que os conselheiros devem continuamente fazer e responder). Bem, o que Paulo diz? Vejamos o verso 25:

> "Por isso, [ele está aplicando os princípios da mudança] deixando a mentira [despojar-se], fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros [revestir-se]".

Eis o que há.

P. "Quando o mentiroso não é um mentiroso?"

R. "Quando ele começa a falar a verdade."

A menos que tenha sido "reprogramado" ou reabituado, quando suas baterias estiverem fracas – quando estiver cansado, doente, ou sob grande pressão – as boas resoluções do consulente e a cessação temporária de mentir não durarão. Ele logo voltará ao seu estilo de vida anterior porque ele ainda está programado para fazê-lo. Os velhos padrões de hábitos pecaminosos não foram substituídos por novos padrões. Até que isto ocorra, ele permanecerá vulnerável à reversão pecaminosa. Desabituação só é possível por meio da reabituação. O consulente deve ser reprogramado. Novos padrões de resposta devem se tornar dominantes. É isto o que ele deve aprender para que se torne habitual em sua vida.

Vejamos de novo:

P. "Quando um ladrão não é um ladrão?"

Quando ele para de roubar? Não! Veja o verso 28:

> "Aquele que furtava não furte mais [despojar-se]; antes, trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado [revestir-se]".

Um ladrão ainda é ladrão se apenas parar de roubar. Ele é simplesmente um ladrão que *no momento* não está roubando. Sob pressão, ele voltará ao velho hábito. Mas se depois do arrependimento ele consegue um emprego, trabalha duro para ganhar seu dinheiro honestamente e aprende a bênção de contribuir, ele não é mais um ladrão. O ladrão não é um ladrão quando se torna um trabalhador que contribui. Ele está desabituado a roubar somente quando for reabituado a trabalhar e compartilhar.

Por toda a Bíblia, o processo duplamente facetado aparece. Neste capítulo, por exemplo, note o que Paulo diz a respeito da ira (v. 26, 27):

> Despojar-se: ressentimento (reter a ira);
>
> Revestir-se: palavras que edificam o outro.

Ele recomenda no lugar de uma expressão verbal ou física de "amargura, ira, cólera, clamor, maledicência, calúnia," perdão e ternura (vs. 31, 32).

Os dois fatores ocorrem em Pedro:

> Não pagar mal por mal ou insulto por insulto/mas, em vez disso, abençoar (1Pe 3.9);

e em João:

> Amados não imiteis o que é mal/mas o que é bom (3Jo 11);

em Hebreus:

> Não abandoneis a vossa congregação, como é costume de alguns/mas encorajai-vos uns aos outros (Hb 10.25);

e em outros lugares. As obras da carne devem ser substituídas pelo fruto do Espírito (Gl 5). O caminho do ímpio devem dar lugar ao caminho do justo (Sl 1).

O método de discipulado de Cristo, no qual o discípulo deve se tornar *como seu mestre* (Lc 6.40), envolve o processo duplo:

> "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz [despojar-se] e siga-me [revestir-se]" (Mt 16.24).

O novo estilo de vida do discípulo de Cristo é adquirido por meio de fazer morrer a si mesmo (colocar-se para morrer na cruz) e/viver para Deus (seguindo a Cristo).

O discipulado começou com o abandono *dos* ídolos/*para* o Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1.9). A santificação continua à medida que o crente volta *do* pecado/*para* a justiça.

Quebrando e estabelecendo hábitos

Um estilo ou maneira de vida é uma forma *habitual* de viver. Deus deu ao homem uma maravilhosa capacidade que chamamos *hábito*. Sempre que alguém faz algo com muita frequência, isso se torna parte dele. Conselheiros devem lembrar que seus consulentes (e eles mesmos) são plenamente dotados desta capacidade. Algumas vezes, porém, os conselheiros devem mostrar a dinâmica do hábito aos seus consulentes. Quando o fizerem, podem precisar enfatizar o fato de que hábitos são *difíceis* de mudar porque nos tornamos confortáveis com eles e porque se tornam respostas inconscientes. O conselheiro deve colocar desta maneira: "Fred, vejamos um exemplo: você calçou primeiro o seu sapato esquerdo ou direito quando levantou hoje? Ah, você levou um minuto para responder isso, não foi? Talvez você não saiba. Você não pensa sobre onde deve começar certas coisas; você simplesmente *faz*. Você não diz conscientemente a si mesmo: 'Agora, vou calçar meus sapatos esta manhã; começarei com o pé direito.' Você não pensa sobre essas coisas. Simplesmente as faz sem pensar nelas. Você levanta e inconscientemente faz o que tem para fazer manhã após manhã a vida inteira. Você provavelmente não sabe que braço colocou primeiro na blusa hoje, ou centenas de outros detalhes. Não nos será mais necessário pensar sobre detalhes. Esta é a capacidade que Deus nos deu. Tomemos outro exemplo: pense a primeira vez que você sentou ao volante para dirigir,

que experiência emocionante foi aquela. Então você senta, pensando 'aqui está o volante (ele parece dez vezes maior do que era), e aqui está o câmbio e um complexo painel instrumental e os pedais lá embaixo. Preciso aprender como usar e coordenar todos eles! E, ao mesmo tempo, devo prestar atenção nas placas na estrada, nos pedestres, nos outros automóveis e... Como farei isso?! Você pode se lembrar daquele dia? Mas agora – *agora* o que você faz? À meia noite, numa noite sem estrelas, você entra no seu carro, põe a chave na ignição, liga o motor, passa a marcha e sai pela rua calmamente enquanto pensa sobre algum ponto difícil do Calvinismo! Que feito incrível, se você parar pra pensar! Bem, agora pense sobre isso. Você aprendeu a realizar um comportamento altamente complexo inconscientemente. Pense no que Brooks Robinson e Willie Mays aprenderam a fazer da mesma maneira. Como você aprendeu? Como eles aprenderam? Pela prática, prática *disciplinada.* Você dirigiu tanto o carro ao ponto do hábito de dirigir se tornar uma parte de você. Ele se tornou uma segunda natureza para você. É isto que Paulo disse a Timóteo quando escreveu "exercita-te pessoalmente na piedade" (1Tm 4.7). É assim que se estabelece um estilo de vida e se vive de acordo com ele – por hábito.

O escritor aos Hebreus (Hb 5.13...) fala claramente sobre este assunto. Ele está repreendendo os cristãos hebreus porque, embora tivessem recebido muito ensino da Palavra de Deus, não o tinham aproveitado em nada. A razão era que eles não tinham *usado* este ensino. Consequentemente, quando deviam ter se tornado mestres, eles ainda precisavam aprender. O autor diz que todo "que se alimenta de leite ainda não é *exercitado* na palavra da justiça porque é criança" (vs. 13). Ele continua: "mas o alimento sólido [carne e batatas] é para os maduros que *pela prática* [pelo uso constante] têm suas faculdades *exercitadas* para discernir tanto o bem quanto o mal." É isto mesmo. A prática da piedade leva à vida de piedade. Ela torna a piedade "natural." Se você *praticar* o que Deus ordena, a vida obediente se tornará parte de você. Não há uma maneira simples, rápida, e fácil para a piedade instantânea.

"Mas", você dirá, "eu não sou capaz de fazer isto". A reclamação é inválida. Você é capaz. Você praticou e aprendeu *algo*; você desenvolveu alguns padrões inconscientes. Como um ser humano pecador inclinado ao pecado, você tem praticado atos pecaminosos de modo que eles se tornaram uma parte de você, como acontece com todos nós. Não há dúvida de que temos aqui uma capacidade adquirida por hábito. O problema é que esta capacidade tem sido usada para propósitos errôneos. A capacidade de hábito opera de duas maneiras. Opera em outra direção. Você não pode evitar o viver habitual porque Deus o fez assim. Ele nos deu a habilidade de viver a vida sem a demanda do pensamento consciente sobre qualquer ação ou resposta. É uma grande bênção o fato de Deus nos ter feito assim. Seria insuportável se tivéssemos que pensar conscientemente sobre cada coisa que tivéssemos que fazer. Imagine você todas as manhãs dizendo: "Agora, vejamos, como escovarei meus dentes? Primeiro, preciso pegar o creme dental, enrolá-lo desde a base, etc., etc". É uma grande bênção não termos que pensar conscientemente a respeito de tudo o que fazemos ou, provavelmente, terminaríamos o nosso café a meia noite.

Mas a prática em si é indiferente; ela tanto pode trabalhar a seu favor quanto contra você, pode ser uma bênção ou uma maldição, dependendo do *quê* você tem praticado. O que faz diferença é como você alimenta a sua vida – assim como os dados que alimentam um computador. O computador não é melhor que os dados com os quais opera. O resultado final é bom ou mau de acordo com o material que foi apresentado. A capacidade de hábito também é assim. Em 2Pedro 2.14, Pedro fala de pessoas cujos corações são "*treinados* na ganância". Treinados é a mesma palavra que Paulo usou (*gymnazo),* a palavra da qual vem *ginástica.* Um coração que tem sido *exercitado* na ganância tem fielmente praticado a ganância de modo que esta se tornou natural. Sem o pensamento consciente a respeito disto, tal pessoa "automaticamente" se torna gananciosa em várias situações onde a tentação estiver presente.

Uma vez que Deus fez os consulentes com a capacidade de viver de acordo com o hábito, conselheiros devem reconhecer isto quando estive-

rem ajudando seus consulentes a mudar. Eles devem ajudá-los conscientemente a tomar decisões sérias em seus estilos de vida. Devem ajudá-los a se tornarem conscientes dos padrões de vida pelo cuidadoso exame de suas respostas inconscientes. O inconsciente deve mais uma vez tornar-se consciente. Ao se tornarem cônscios de seus padrões de vida, devem avaliá-los pela Palavra de Deus. O que o consulente aprendeu a fazer como criança, ele deve continuar a fazê-lo como adulto. Padrão por padrão, o conselheiro deve ajudá-lo a analisar e determinar se isto tem se desenvolvido a partir da prática em fazer a vontade de Deus ou se de uma resposta pecaminosa. Há somente uma maneira de se tornar uma pessoa piedosa, orientar a vida na piedade, e isto quer dizer padrão por padrão. As velhas maneiras pecaminosas, quando descobertas, devem ser substituídas por novos padrões da Palavra de Deus. Este é o significado do viver disciplinado. Primeiramente, disciplina requer autoexame, o que significa mortificação dos velhos modos pecaminosos (dizer "não" diariamente), e, finalmente, engloba a prática em seguir Jesus Cristo em novos caminhos pela direção e fortalecimento que o Espírito Santo provê por meio de sua Palavra. O caminho bíblico para a piedade não é fácil nem simples, mas é um caminho sólido.

Quando o conselheiro assume esta tarefa, ele sabe que ele e o consulente não conseguirão realizá-la sozinhos. Ele pode assegurar o consulente: "É Deus que trabalha em você" (Fl 2.13). Toda santidade, toda justiça, toda piedade é o "fruto do Espírito" (Gl 5.22, 23). É necessário nada menos do que o poder do Espírito para substituir hábitos pecaminosos por justos, seja num garoto de dez anos ou num homem de cinquenta anos. Deus nunca disse que quando uma pessoa atinge a idade de quarenta ou cinquenta ou sessenta anos ela se torna incapaz de pecar. Veja o que fez Abraão quando idoso. Observe as tremendas mudanças que Deus exigiu dele naquela idade. O que quer que seja, quer a idade quer a *experiência em mudança,* isto deve ajudar, como observamos na discussão sobre *esperança.* O Espírito Santo pode muda qualquer cristão, e ele o faz.

Cristãos nunca devem temer as mudanças. Devem crer na mudança sempre que ela for orientada para a piedade. A vida cristã é uma contínua

mudança. Nas Escrituras, isto é chamado de "andar", não um descanso. O cristão nunca pode dizer (nesta vida), "finalmente terminei". Eles nunca devem pensar, "Não há nada mais para aprender da Palavra de Deus, nada mais a por em prática, nenhuma habilidade a desenvolver, nenhum pecado a ser tratado". Quando Cristo disse: "Tome a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23), ele põe um fim a esse tipo de pensamento. Ele representou a vida cristã como um conflito diário pela mudança. O consulente pode mudar se o Espírito de Deus habita nele. Naturalmente, se o Espírito não habita nele, não há esperança de mudança.

Semana após semana, os conselheiros encontram uma falta notória entre os cristãos: a falta do que a Bíblia chama "perseverança". Talvez a perseverança seja a chave para a piedade por meio da disciplina. Ninguém aprende a esquiar, usar um ioiô, bordar blusas, ou dirigir um automóvel a menos que persista bastante na prática. A pessoa aprende pela perseverança a despeito das falhas, dos embaraços, até que o comportamento desejado se torne uma parte dele. Ele treina pela prática para fazer o que deseja aprender. Deus diz que isto é verdade em relação à piedade.

Toda ênfase que a Bíblia dá no esforço humano não deve ser mal interpretado; estamos falando de esforço motivado pela graça, não de obra da carne. Não é um esforço sem o Espírito Santo que produz piedade. Antes, é somente pelo poder o Espírito Santo que o crente pode perseverar. Por seu próprio esforço, o homem pode persistir em aprender a esquiar, mas ele não persistirá na busca pela piedade. O cristão faz *boas obras* porque o Espírito Santo primeiro opera nele.

Mas, a obra do Espírito não é mística. A atividade do Espírito Santo geralmente é vista de uma maneira confusa e que provoca confusão. Não há razão para esta confusão. O próprio Espírito Santo nos diz claramente como opera. Ele nos diz, *nas* Escrituras, que opera ordinariamente *através* das Escrituras. A Bíblia é o livro do Espírito Santo. Ele a inspirou. Ele guiou seus autores a escreverem cada palavra maravilhosa que lemos na Bíblia. A Bíblia é o livro dele, a ferramenta adequada pela qual ele realiza sua obra. Ele não produziu o livro apenas para que fosse colocado de lado e esquecido

no processo. Piedade não acontece por osmose. Ideais e esforços humanos nunca a produzirão. Não há um caminho mais fácil para a piedade. Ela sempre requer oração, estudo e prática obediente da Palavra de Deus.

O Espírito utilizou dores para erguer homens e moldar os mesmos para escreverem com precisão o seu Livro. Sob sua boa providência, eles desenvolveram o vocabulário e estilos de escrita nas mais diversas situações de vida que o Espírito requereu. Assim, eles puderam escrever um livro exatamente do tipo que ele quis para satisfazer nossas necessidades. O Espírito foi cuidadoso em assegurar que nenhuma palavra falsa fosse escrita; em seu livro não há erros. Ele é totalmente verdadeiro e inerrante; é a confiável Palavra de Deus. Depois de passar por muitos problemas, o cristão não deve pensar que alcançará a santidade de modo instantâneo sem a Bíblia. Deus não trabalha dessa forma. O Espírito opera por meio de sua Palavra, é assim que ele trabalha. Assim, para ajudar o consulente a disciplinar-se em relação à piedade, o conselheiro deve insistir no estudo regular da Palavra de Deus como um fator essencial.

É por meio de uma vida de oração voluntária e da persistente obediência aos padrões da Escritura que os padrões de piedade são desenvolvidos e se tornam uma parte de nós. Quando lemos sobre eles, devemos pedir que a graça de Deus nos ajude a viver de acordo com tais padrões. Ele nos deu o Espírito Santo com esse propósito. A palavra *graça* tem vários significados na Bíblia, um dos quais é *ajuda*. O Espírito Santo auxilia quando o seu povo lê sua Palavra e se empenha, pela fé, a fazer o que ele diz. Ele não promete nos fortalecer a menos que façamos isto; o poder geralmente vem *no fazer*.

Em 2Timóteo 3.17, Paulo menciona quatro coisas que a Escritura faz pelo crente. Primeiro, ela *ensina* o que Deus requer. Segundo, ela *convence* do pecado, revelando como o homem está aquém destes requerimentos. Terceiro, ela *"nos conserta novamente"*. Por último, ela *treina* ou *disciplina* na justiça. Este quarto benefício da Bíblia tem a ver com um treinamento estruturado na prática da justiça. Usar a Bíblia todos os dias, disciplina. Um viver disciplinado, biblicamente estruturado, é o que necessitamos.

Somente a estrutura traz liberdade. Disciplina traz liberdade. As pessoas têm passado por uma lavagem cerebral para pensarem o oposto. Elas pensam que liberdade vem somente por meio da negação da estrutura e da disciplina.

Liberdade vem através da Lei, não fora dela. Quando um trem está mais livre? É quando ele descarrilha os trilhos? Não. Ele está livre quando se encontra confinado aos trilhos. Então, ele corre suave e eficientemente, porque aquele foi o caminho que o engenheiro preparou para ele andar. É preciso estar no trilho, estruturado pelo trilho, para correr adequadamente. Consulentes precisam estar no trilho. O trilho de Deus é encontrado em sua Palavra. Num mundo distanciado de Deus, o consulente não pode viver uma vida de felicidade; ele sempre encontrará arestas que o machucarão. Há uma estrutura necessária para uma vida motivada e orientada pelos mandamentos de Deus; essa estrutura se encontra na Bíblia. A conformidade com aquela estrutura, pela graça de Deus capacita os cristãos para mudarem, a despojarem-se do pecado, a revestirem-se da justiça, e assim se tornarem homens piedosos.

Esta, então, é a resposta do conselheiro bíblico: leia regularmente as Escrituras, ore regularmente, independente de como você esteja se sentindo.

Este último fator aponta para o que talvez seja o maior de todos os problemas. Os consulentes desistem porque não se *sentem* bem fazendo tudo aquilo de novo. Os conselheiros devem dizer a seus consulentes: "Você provavelmente não se *sentiu* bem para levantar esta manhã. Mas você o fez a despeito de como se sentia. Depois que você começou o dia e suas atividades, você passou a se sentir diferente, feliz e *agiu contra os seus sentimentos*. Desde aquela primeira decisão em diante, o restante do dia é cheio de decisões similares, que devem ser feitas com base na obediência a Deus em vez da capitulação aos sentimentos contrários".

Muitas coisas as pessoas não se sentem bem em fazer. Mas há apenas duas maneiras de viver. Estas duas maneiras de viver refletem dois tipos

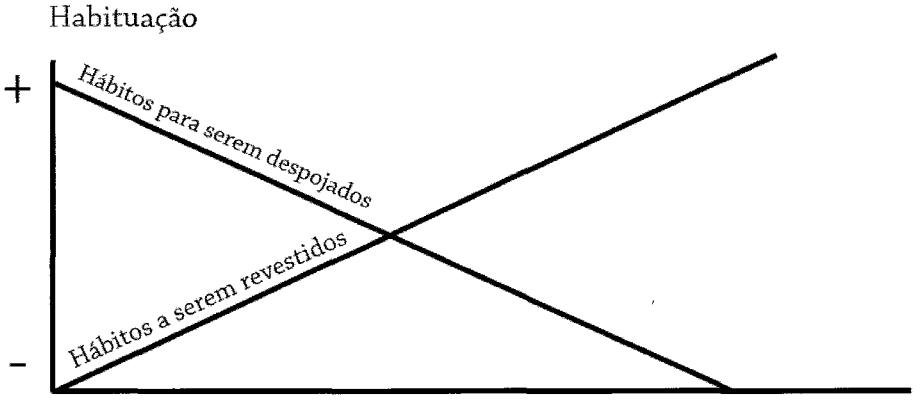
de religião e dois tipos de moralidade. Uma religião, com sua própria vida e moralidade, diz: "viverei de acordo com os meus sentimentos". A outra diz: "viverei como Deus ordena que eu viva." Quando o homem pecou, ele estava abandonando a vida orientada pelos mandamentos de Deus, uma vida de amor, pela vidade luxúria, motivada pelos sentimentos. Há somente dois tipos de vida, aquela motivada pelos sentimentos, voltada para si mesmo, e a vida de santidade, motivada pelos mandamentos, voltada para a piedade. Viver de acordo com os sentimentos é o maior obstáculo para a piedade que podemos enfrentar. O viver piedoso orientado pelos mandamentos acontece somente a partir da estrutura e disciplina bíblicas.

Temos visto, portanto, que a quebra de um hábito é um empreendimento de duas vias, que requer uma perseverança regular, estruturada, no despojar dos velhos hábitos e no revestir do novos. Desabituação é *mais* do que isso; envolve também reabituação. Quando o consulente dá as costas à suas velhas práticas, ao mesmo tempo ele deve voltar-se para as novas práticas que agradam a Deus. Se o novo caminho for vago e indefinido, ele pode vacilar numa coisa ou em outra, tornar-se confuso e exasperado, em vez de desenvolver novas formas bíblicas de viver. O processo, então, deve ser claro para ambos, conselheiro e, através dele, ao consulente.

A seguinte forma pode ser usada para estabelecer com clareza a natureza dupla da mudança bíblica para o conselheiro.

Mudança...

É um processo de dois fatores:



Desabituação (Liste hábitos a serem despojados)	Reabituação (Liste hábitos a serem revestidos)
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Figura 2

Consulentes, juntamente com seus conselheiros, cedo devem identificar e listar padrões de hábitos pecaminosos na coluna da esquerda (*figura 2*) dos quais Deus ordena em sua Palavra que nos despojemos. Os padrões bíblicos correspondentes dos quais devemos nos revestir devem ser lista-

dos na coluna direita. A pronta identificação destes padrões pode elucidar a obra que precisa ser feita e manter cada um nos trilhos.

Temos visto que o consulente não é mais um ladrão depois que ele se "reveste" do estilo de vida de justiça que se contenta em ganhar a vida honestamente. Significa dizer que ele não deixou de ser ladrão quando simplesmente parou de roubar. Se toda sua vida ainda estiver programada para o roubo, ele ainda é – *em caráter* – um ladrão, embora (no momento) ele possa não estar roubando. Ele não foi desabituado por não ter sido reabituado. Se ele não for reprogramado pela Palavra e pelo Espírito, quando as pressões da vida se avultarem, ele reagirá segundo os únicos padrões de hábito que conhece. É por isto que Paulo insiste não somente que o irmão não roube mais, mas que também encontre um novo padrão de vida que consista de (1) trabalhar com as próprias mãos ganhar dinheiro e (2) ajudar os pobres. Até que tenha ele desenvolvido uma vida caracterizada por trabalho e generosidade em dar, ele ainda *em caráter* um ladrão.

A reversão do caráter será mais do que uma mera reversão temporária em alguns exemplos. Em casos comuns aos conselheiros, ela pode envolver desencorajamento, dor no coração, e muitas vezes outros fatores negativos que tornam até mais difícil para o conselheiro mudar. A situação, às vezes, pode parecer envolver condições similares àquelas existentes quando o espírito imundo retornou à casa limpa, trazendo consigo outros sete demônios (Mt 12.45). Assim, a chave para a mudança é reconhecer a natureza dupla do processo. Devemos agora considerar *como* esta mudança pode ser operada.

Este material estabelece um ponto de vista e abordagem para a mudança que será útil aos conselheiros. Tendo os teólogos falado muito pouco sobre hábitos – embora o assunto seja de vital importância – fazia-se necessário dar mais atenção a este ponto aqui. Conselheiros, em particular, descobrirão que não é possível negligenciar este assunto.

Capítulo 15

Aconselhamento e o Fruto do Espírito

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO

Já afirmei alhures que a verdade de que todos os dons do Espírito Santo não são para todos os crentes,[328] mas todo o fruto do Espírito, é. O objetivo da santificação não é somente o despojamento das obras[329] da carne, mas sua substituição pelo fruto do Espírito.

Primeiro, vamos considerar a importante e cuidadosa escolha da palavra *fruto*. O fruto do Espírito pressupõe uma árvore viva (vinha ou sarça); ele nunca será produzido na vida de quem estiver espiritualmente morto. O fruto cresce naqueles quem tem sido dada uma nova vida por meio da regeneração (mais uma vez, a obra do Espírito). Um dos sinais de vida é o crescimento, a produção do fruto.

O fruto é do Espírito, não no sentido de que ele seja uma árvore que o produz, mas (antes) no sentido de que o Espírito Santo é o que planta (regeneração) e o que cultiva (santificação). Além disso, nós que viemos a Cristo, pertencemos ao Espírito – somos o seu pomar! O Fruto que ele produz traz honra não somente para Ele, mas também ao Pai e ao Filho.

As qualidades da vida descrita pela lista dos itens em Gálatas 5.22,23, chamadas de "fruto" são corretamente denominadas. A figura de linguagem (fruto) denota algo que *cresce*. O crescimento é gradual; o homem pode

328 O *Manual*, p. 344-347.

329 Atitudes e atos pecaminosos são adequadamente chamados de "obras"; são exatamente o produto da "carne" pecaminosa (ver a discussão anterior a respeito disso), pela qual somente nós somos responsáveis.

ajudar a produzir esse crescimento, mas não pode iniciar sua produção, nem garantir sua produção. O fruto não pode ser manufaturado, mas o crescimento pode ser promovido pela providência de certos elementos importantes como luz, água, nutrientes, etc. o crescimento do fruto depende de cuidado e cultivo. Conselheiros, ministrando a Palavra, trabalham sob a orientação do Espírito Santo em seu pomar, para promover tais cuidados. Assim, ambos, a natureza progressiva da santificação e a necessidade de cuidado e cultivo são perfeitamente descritas pelo termo *fruto*.

Na tabela que aparece no início do capítulo anterior, notei que a santificação é uma doutrina que envolve Deus e o homem; Deus *capacita* o homem a produzir fruto em sua própria vida. Mas a expressão "o fruto do Espírito" empregado por Paulo (Gl 5.22), à primeira vista, parece eliminar o esforço humano. Afinal de contas, o homem é passivo na santificação, do mesmo modo como é na regeneração? Não. Para entender como "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio," são produzidos, devemos comparar esse texto com outras passagens da Escrituras. Não entender isso é errar seriamente e reduzir a passagem a uma espécie de quietismo inteiramente estranho ao Novo Testamento.

Vamos, então, comparar as duas passagens seguintes (não as únicas que podem ser consideradas:

> Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão (1Tm 6.11).

> ...Segue a justiça, a fé, o amor e a paz (2Tm 2.22).

Claramente, as qualidades de (e até mesmo alguns dos termos reais) são acrescentadas àquelas listadas em Gálatas 5. Mas aqui, note, Timóteo recebe a ordem de *seguir* estas coisas. A produção do fruto do Espírito,

então, envolve a agência humana; o fruto não é procurado passivamente, mas ativamente "seguido."A busca do fruto é um fator importantíssimo na prática do aconselhamento. Devemos descobrir como esta busca do fruto assume lugar no aconselhamento e como o Espírito Santo produz fruto na vida dos que buscam. Uma discussão destes fatores precede uma consideração dos itens individuais que são designados pelo termo "fruto."

Buscando o Fruto no Aconselhamento

A busca do fruto no aconselhamento é uma prioridade. As características listadas – "amor, alegria, paz," etc. – são todas qualidades que ambos, consulentes e a maioria dos conselheiros[330] os consideraria desejáveis. Portanto, eles se tornam alvos a serem buscados pelos conselheiros cristãos em seu aconselhamento. Sendo eles vitais – e alvos são tão vitais – é essencial que todo conselheiro cristão entenda o significado básico de cada termo e saiba também como ele deve ser buscado. Conselheiros devem tentar preencher essas lacunas em seus consulentes, identificando fraquezas e forças, descrevendo cada qualidade em profundidade. Em poucas palavras, devem entender o fruto do Espírito em sua totalidade.[331]

Muito se tem escrito sobre personalidade; mas até mesmo os conselheiros cristão tem falhado em levar a sério a vasta quantidade de material sobre esse assunto na Bíblia. Embora eu não possa me engajar num estudo longo (ou definitivo) sobre a personalidade nas Escrituras, quero enfatizar os pontos vitais considerando a maneira que Deus fala sobre a personalidade humana nas Escrituras, especialmente no que diz respeito às possiblidades da personalidade do cristão (já falamos com profundidade sobre a humanidade caída). É lamentável que ninguém tenha, até o presente, empreendido uma tentativa séria de sistematizar os dados bíblicos sobre a

330 Todos os conselheiros cristãos, naturalmente. Mas até mesmo a maioria dos não-cristãos aprova os itens listados de modo abstrato (i.e., indefinidos pela Escritura e não-aplicados segundo princípios bíblicos) com a possível exceção de mansidão.

331 A lista em Gálatas 5, embora incompleta, é uma boa base para sobre a qual se pode trabalhar. Para propósitos de nossa presente discussão, usaremos as qualidade listadas em Gálatas 5 e as que se encontram em 1Tm 6.11 e 1Tm 2.22.

personalidade. Fazer isto requereria um estudo da personalidade desde o nascimento, passando por seu crescimento e desenvolvimento à parte de Cristo, sua transformação na regeneração e seu crescimento e desenvolvimento em Cristo.

Vamos fazer duas declarações importantes:

1. A Bíblia sempre enxerga a personalidade como fluida. Ninguém é "rígido" em todos os pontos de sua vida e personalidade. A personalidade consiste da natureza básica (*fisis*) com a qual a pessoa nasce, de como essa natureza é usada e desenvolvida como resposta à vida, além de como Deus a tem transformado e moldado até o ponto em consideração.

2. O fato a priori da capacidade de mudança, leva naturalmente ao segundo fator: conselheiros, definitivamente, podem ajudar consulentes a efetuar mudanças de personalidade (para o bem ou para o mal – dependendo, naturalmente, se ou não, ministram a Palavra de Deus fielmente e também, se ou não, o consulente se submete a essa Palavra). O fruto do Espírito, de uma perspectiva, pode ser entendido como constituído de uma lista facilmente compreensiva de tratos desejáveis de personalidade, a aquisição e desenvolvimento dos quais deve ser o objetivo do aconselhamento. É seguro dizer que uma pessoa que aprendeu a produzir tais frutos tão agradáveis em profusão é uma pessoa que venceu as próprias dificuldades e (exceto por razão de direção instrutiva, se for ocaso) não necessita mais de aconselhamento. Assim, a busca do fruto no aconselhamento representa o uso positivo (do linguajar de Paulo), o lado do "revestimento" na santificação.[332]

Agora devemos perguntar: como o Espírito produz seu fruto? e como os conselheiros devem ajudar seus consulentes a buscá-lo? Estas duas perguntas podem ser respondidas juntas; de fato, elas são dois aspectos da

332 Eu poderia discutir o aspecto do "despojamento", da eliminação das obras da carne, mas seria necessário muito espaço para desenvolver os termos negativos, bem como os positivos. Estrategicamente, conhecer os alvos positivos é mais vital.

mesma questão. A resposta básica a estas perguntas é que o fruto do Espírito é cultivado por uma vida de oração, estudo regular e aplicação obediente das Escrituras. A palavra *seguir,* empregada em 1Timóteo 6.11 e 2Timóteo 2.22 (*dioko*) é um termo forte e significa "correr atrás, perseguir, ir ao encalço". A palavra é usada para se referir à perseguição de um leão. É assim que a pessoa deve seguir zelosamente (do ponto de vista humano) se quiser "dar muito fruto". A palavra claramente fala de dedicação, persistência, interesse e esforço sério.

Para tomarmos um exemplo, vamos estudar o termo *paz* (mencionado anteriormente; desenvolvido aqui). Como o cristão obtém paz? Filipenses 4.6-9 nos mostra como. Há três passos fundamentais para se adquirir a paz que substitua o abatimento do coração e da mente. Estes passos envolvem despojamento e revestimento. Aqui estão eles (note como a paz vem pela busca destes passos; ela não aparece como num passe de mágica, às 3h da manhã de uma terça-feira, por exemplo, por uma ação imediata do Espírito sobre o homem):

1. *Oração pelos problemas* (v. 6,7). O coração precisa ser aliviado do fardo, depor os cuidados (especificamente; os vários termos indicam oração específica) diante de Deus, com ações de graça, tanto pelos problemas, como pelo avanço no que Deus fará com esses problemas.

   Muitos cristão (erroneamente) param no verso 8, deixando de reconhecer que os versos 9 e 10 também falam sobre como obter esta paz. Quando ela não vem, eles desistem de si mesmos, de Deus, da oração (ou de quaisquer outros recursos descritos acima). Oração é apenas o *primeiro* passo. Ela é o reconhecimento formal que (na base) o fruto que vier será obra do Espírito. Mas Deus quer que oremos, *e que façamos duas outras coisas mais,* à medida que ele opera em nós.
2. *Recarregar* o coração e a mente com pensamentos e interesses apropriados (v. 8). Não é bastante esvaziar o coração e a mente de preocupações e cuidados; se eles forem deixados vazios,

mais preocupações e cuidados os invadirão. Em vez disso, deve haver um subsequente enchimento da mente e do coração com pensamentos produtivos e de valor segundo as categorias mencionadas no verso 8.

3. *O que Deus ordena* por meio de preceito e prática (v. 9). Oração deve ser seguida da ação prática. Tudo que os apóstolos (e outros autores bíblicos) ordenaram (ou mostraram por meio do exemplo) a ser feito em relação a problemas particulares deve ser feito pelo consulente. Mas fazê-los uma, duas vezes, pode não ser suficiente; ele deve aprender a fazê-lo regularmente, habitualmente, pela "prática" (v. 9). Tudo isto vem, naturalmente, somente com a *busca*. "Então" (ou seja, quando isto se tornar uma parte vital, regular, de sua vida) "o Deus da paz" será com ele. A paz não vem com menos do que isso.

Claramente, a busca do fruto chamado *paz* não é mágica ou mística. Ela se dá por meio do entendimento (da Bíblia) e da obediência. Desse modo, também, outros frutos aparecerão, se desenvolverão e crescerão, à medida que se busca esses frutos de modo bíblico.

A tarefa do conselheiro é orientar o consulente por meio de um estudo bíblico apropriado de cada uma das qualidades, mostrando a falha de outras rotas frequentemente tomadas por consulentes que falharam, encorajando-o a perseverar na busca da piedade. Consulentes, via de regra buscam paz (ou amor, ou alegria, etc.) "imediatamente". Eles querem usar truques e atalhos para atingirem seu objetivo. Conselheiros devem advertir contra estas tendências e ajudar no desenvolvimento (de modo claro e prático) das passagens bíblicas que apontam para método correto da busca, ao fim da qual, encontrar-se-á a qualidade desejada.

O Fruto Que É Nossa Busca

Agora, voltemos à lista de qualidades encontradas em Gálatas 5, 1Timóteo 6.11 e 2Timóteo 2.22 (uma lista compreensível e prática, embora não completa).[333] Eis um quadro completo:

	Gálatas 5	1Timóteo 6.11	2Timóteo 2.22
1.	Amor	Amor	Amor
2.	Alegria		
3.	Paz		
4.	Longanimidade		
5.	Benignidade		
6.	Bondade		
7.	Fidelidade (ou fé)	Fidelidade (ou fé)	Fidelidade (ou fé)
8.	Mansidão	Mansidão	
9.	Domínio Próprio		
10.		Retidão	Retidão
11.		Piedade	
12.		Perseverança	

Este doze termos apresentam um quadro da vida e personalidade cristãs! A busca destas qualidades pode mudar dramaticamente a vida do cristão. Vamos a um exame mais cuidadoso de cada uma delas:

Amor

A primeira palavra, amor, é encontrada nas três listas (assim como fé, ou fidelidade), mostrando sua importância no pensamento de Paulo. Direi pouco sobre o amor (*agape*), por ter sido ele discutido exaustivamente por muitos escritores, por ter o apóstolo Paulo discorrido sobre ele, descrevendo-o de modo tão belo e completo em 1Coríntios 13,[334] e porque o conceito

333 Presumivelmente, Paulo imaginou que tais listas representativas (embora incompletas) seriam de grande valor prático.

334 No início de seus ministérios, todos os conselheiros cristãos deveriam proceder uma exegese de 1Coríntios 13.

é mais profundo do que qualquer ser humano possa perscrutar. Minha exposição, portanto, será breve.[335]Para resumir, podemos dizer com certeza que o amor em questão deve ser produzido pelo Espírito Santo; nenhum homem (sem o auxílio da presença divina) pode consegui-lo (cf. Rm 5.5). Em essência, trata-se de um desejo por obedecer a Deus a fim de agradá-lo, fazendo tudo o que há de melhor pelos outros. Não tem a ver primeiramente com um sentimento, e não depende do ser amado, o objeto do amor, mesmo quando se trata de uma pessoa difícil de se amar, ou mesmo que não mereça ser amada (o amor conquista tudo). Esse é o tipo de amor que Deus tem pelos pecadores. Envolve sempre uma entrega de si aos outros; mas nada deve ser esperado em troca.

Alegria

O cristianismo é marcado pela alegria; o termo alegria (*chara*) aparece 60 vezes no Novo Testamento, e sua forma verbal correspondente, 72 vezes. A palavra se refere a uma profunda atitude e confiança em relação à vida, que somente o cristão, que sabe que Deus é soberano, pode ter. Tal alegria não depende de situações favoráveis da vida, assim como a "felicidade" depende (cf. Tg 1.2; Fp 4.4; Cl 1.24). Enxergar a vida cristã como uma existência sombria, séria, miserável – como alguns fizeram no passado e outros ainda o fazem no presente – é uma péssima representação dela. Tendo Jesus vindo a fim de que "nossa alegria seja completa" (Jo 15.11; 16.24), dois fatos são claros:

1. Esta alegria não pode ser conseguida à parte de Cristo;
2. Esta alegria é conseguida através de Cristo; não se trata de ilusão. Ele realmente veio para trazer esta realidade às nossas vidas.

Isto nos leva ao terceiro fato:

3. Tal alegria é possível a todo consulente verdadeiramente cristão.

335 Efésios 3.18 indica que para entender o amor é necessário buscar seu entendimento junto com outros crentes; é impossível chegar a esse entendimento sozinho.

Mas, como indicam as passagens citadas acima, a alegria não é uma possessão automática de todo cristão; antes, é uma realidade na vida dos que entendem, confiam e obedientemente seguem a vontade de Deus. A alegria parece estar muito associada à comunhão com Deus e com os outros irmãos (cf. 2Jo 12; Fp 4.1) e com o serviço cristão (At 15.3; 3 Jo 4). Mas, fundamentalmente, alegria é uma confiança básica, sólida, sob as areias inconstantes dos acontecimentos diários. Para enfrentar e conquistar os problemas, os consulentes precisam desta qualidade; mesmo assim, poucos sabem disto.

Alegria está intimamente alinhada com a fé, sendo nutrida (como de fato) de uma certeza de que Deus sabe tudo sobre todos aqueles nossos problemas e está fazendo todas as coisas cooperarem para o bem. A alegria começa com uma confiança na soberania de Deus que leva a esta confiança a respeito da vida sob os cuidados de Deus. Sem esta base – esta alegria básica que nasce da consciência de que Deus tem tudo em suas mãos – não pode haver motivo para se quedar e ficar avaliando a vida. Tudo flui; tudo é sem sentido – de fato, a vida é absurda. Conselheiros, portanto, devem ser cuidadosos (em algum momento da caminhada – geralmente, no início do processo do aconselhamento) em discutir estes fatos com seus consulentes, talvez referindo-se a Tiago 1.2 ou 1Pedro 1.6-9.[336]

Paz

Intimamente relacionada com, e de fato, como parte dessa alegria sobre a qual acabei de escrever, é *eirene,* paz (cf. Fp 4.4-9 para um entendimento desta inter-relação). Não direi muito sobre esta *shalom* de Deus, não mais do que já escrevi em vários parágrafos quando considerei Filipenses 4.6-9. Pode ser útil, porém, notar que paz não é meramente algo negativo; não deve ser vista meramente como ausência de hostilidades e cuidados. Positivamente, paz pode ser considerada um alegre senso de bem estar que enxerga todas as coisas como boas. Neste sentido de satisfação que vem da consciência de se estar em paz com Deus em Cristo. Portanto, esta paz

336 Cf. especialmente meu comentário de 1Pedro, *Trust and Obey,* p. 17-20.

"excede todo entendimento"; ninguém será capaz de descrevê-la com propriedade; logo, por que tentar?

Longanimidade e Paciência

O termo *makrothumia,* longanimidade, significa "longo ânimo". É o oposto do que se diz na expressão popular "pavio curto". Paciência é a habilidade de se conter (numa certa passagem um escritor fala da ira "restringida pela longanimidade como se o fosse por rédeas" – M&M, p. 386). Negativamente, é não perder a calma; positivamente, é ser paciente com os outros. Assim, paciência também seria uma boa tradução.

Makrothumia indica *auto*-restrição, ao passo que *hupomone* geralmente descreve a capacidade de suportar pressões *externas;* os cristãos são orientados a exercitar a longanimidade entre eles e a terem paciência diante da hostilidade de descrentes (1Co 6.7). *Makrothumia* se refere à longanimidade para com as pessoas, enquanto que o foco de *hupomone* é a capacidade de se manter tranquilo sob forças impessoais. A primeira pode ser atribuída a Deus, mas a segunda apenas aos homens (Deus nunca será pressionado por forças externas!).

Quantos consulentes cristãos necessitam aprender a se tornarem pacientes com os outros! Conselheiros devem ensinar essa virtude constantemente, ajudando os consulentes a cultivarem-nas. Mas como se aprende a ter paciência com os outros?

Para início de conversa, paciência está ligada ao amor (1Co 13.4). Os dois (assim como alegria e paz) andam juntos. Se nos preocupamos com o outro – i.e., se colocamos nosso amor em ação para com ele – nos esforçaremos no sentido de refrear nossas palavras e ações. Os mandamentos e insights que Paulo dá em Romanos 12.14-21 (veja minha exposição desta passagem em *How to Overcome Evil*) adequadamente aplicados, também levam à longanimidade. Quando isto acontece, descobrimos, não somente que não é nossa prerrogativa reprimir o outro, que devemos dar lugar a Deus para que ele o faça, como também aquele sentimento é substituído por outra forma melhor de responder ao irmão.

Provavelmente, a passagem mais definitiva considerando a fonte de *makrothumia* é colossenses 1.9-11. Ela vem de Deus como resposta às nossas orações, mas não diretamente. É o acúmulo de outros fatores. Paulo orou para que os Colossenses fosse "cheios" de "conhecimento" da vontade de Deus e de "sabedoria e entendimento espiritual" (saber como aplicar os caminhos de Deus à vida) de modo que isso os levasse a "andar" nos caminhos que "agradassem" a Deus e que produzissem "frutos". Nesses caminhos Paulo esperava que Deus os capacitasse a "aprenderem" a "alegria" de "suportarem" e de se tornarem "completamente pacientes". Mais uma vez, de modo bem acentuado, a inter-relação de alegria, longanimidade e paciência (as três qualidades que temos estudado) é por demais evidente. Começa a ficar claro que os vários aspectos deste fruto não podem ser separados e vistos de modo singular; eles se permeiam (e interdependem entre si) uns aos outros. De acordo com Colossenses 1.9-11, oração leva à sábia aplicação da verdade na vida cotidiana, capacitando o crente a aprender e a ter paciência com as coisas que não pode mudar (*hupomone*) e a suportar o que não tem que mudar, por causa de Cristo e para o bem estar dos outros (*makrothumia*).

Benignidade, Bondade

Chrestotes não deve ser traduzido por "amabilidade" (embora haja alguma nuança de gentileza nesta palavra), mas por "benignidade". Este é o termo mais abrangente. Naturalmente, às vezes, benignidade pode requerer gentileza. No Novo Testamento a palavra é frequentemente empregada para falar da atitude de Deus em relação aos homens. Não havendo uma passagem definitiva, nem para descrever esta benignidade e nem para nos dizer como obtê-la, devemos dar o nosso melhor para entendermos a palavra a partir de seu uso. Primeiro, é instrutivo notar que em Romanos 11.22 *chrestotes* se opõe à palavra *apotomia* ("severidade"). Este último termo pode significar coisas como falta de temperança, rispidez, ou até mesmo, crueldade (naturalmente, não em Romanos 11.11). *Chrestotes* é o oposto disso. Trench diz que esta "benignidade" um espírito que "permeia e penetra toda a natureza, suavizando [uma forma desta palavra é usada

para falar do processo de suavizar o vinho] ali tudo que antes era áspero e austero".

Chrestotes é usada juntamente com *agathosune,* o termo que aparece em seguida em Gálatas 5 e deve ser comparado e contrastado com ele. A diferença entre os dois é que há mais atividade em *agathosune* (Lightfoot) que é traduzido por "bondade". *Bondade* é o naturalidade, ou informalidade, resultado de um espírito *benigno*; expressa-se em ações concretas. Assim, "bondade" fala, não tanto da pessoa que a exerce (embora sua própria bondade deva ser pressuposta), mas com maior ênfase naquilo que caracteriza suas palavras e ações em direção ao outro.

Claramente, ambas, benignidade e bondade são termos que acompanham um ao outro; onde está um, geralmente se encontrará o outro. Ambos são necessários aos consulentes; lamentavelmente são raramente exibidos por eles. De essência aos dois termos é a existência de outros, em direção aos quais essa atitude e ações seriam apropriadas. O grande problema de muitos consulentes é que seu egoísmo (por todo o tempo que perdurar) preclui qualquer tipo de relacionamentos informais. Por outro lado, o arrependimento dessa atitude egoísta pode demonstrar melhor o fruto que lhe é apropriado, por meio de desenvolver um espírito benigno. Outros consulentes, em suas tentativas de construir relacionamentos, falham, ora por causa da austeridade e rispidez, ora por causa de uma falta de um esforço que nasce de um interesse em fazer o bem e que leva a ações concretas.

Como estas qualidades de atitudes e ações podem ser cultivadas e desenvolvidas? Primeiro, pelo reconhecimento de sua importância – Deus deseja que elas sejam cultivadas. Segundo, porque devemos sempre temperar nosso tratamento para com os outros. Você pode pedir ao seu filho para desligar a TV *quando o programa que ele está assistindo tiver terminado* (assumindo que isto é uma simples atitude de benignidade), em vez de pedir que ele deixe a TV imediatamente e vá fazer algo para você? Poderia desenvolver *outros* meios legítimos de atingir objetivos para com seus empregados que possam se encaixar em melhores resultados para eles, em

vez de exigir deles somente o que for mais conveniente para você? Para ser mais suave, é necessário divisar maneiras de ser benigno para com os outros. Tudo começa com o *pensar* nos outros. Ao consulente pode ser dada a tarefa de rever as atividades da semana por vir, pensando nos outros em relação a cada trabalho e desenvolver (no papel) maneiras de tornar esse trabalho mais fácil (mais conveniente, mais agradável) para os outros participarem. Assim, benignidade e bondade combinam.

Agathosune ocorre três vezes no Novo Testamento, além de Gálatas 5 (todas as ocorrências estão nas cartas de Paulo: 2Ts 2.17; Ef 5.9; Rm 15.14; este último uso se refere à bondade como um trato essencial ao bom aconselhamento). Lembre-se, *bondade* é a atividade pela qual a pessoa *faz o bem* em relação aos outros porque tem cuidado, preocupação por eles. A palavra é contrastada com o termo *justiça*. A justiça diz: "Dê ao homem o que ele merece"; a bondade diz: "Não, dê-lhe o que ele necessita". Há generosidade na bondade.

Fidelidade

Este termo, *pistis*, que pode ser traduzido por "fé" ou "fidelidade", aparece também em 1 e 2Timóteo. Nas três referências, *pistis* deve ser traduzido por "fidelidade" (note especialmente este uso em 2Timóteo). Ele significa confiabilidade, lealdade, confiança, credibilidade. O conceito é claríssimo e não necessita de elaboração.

Com frequência os conselheiros entram em conflito com o problema da infidelidade nos consulentes. Eles não são confiáveis em vários aspectos. Você nem sempre pode crer que cumprirão sua palavra, que farão suas tarefas, e até mesmo (às vezes) se virão para as sessões de aconselhamento. Há um número de causas para esta falha comum; cada uma delas deve ser tratada de modo adequado. Uma das causas pode ser falta de uma fé genuína ou falta de interesse. Pode ser também o resultado de maus hábitos ou má compreensão. Mas uma causa muito comum (especialmente quando o consulente basicamente não *quer* ser como é, e mostra genuíno desgosto consigo mesmo) é a falta de disciplina. Como já escrevi extensamente so-

bre disciplina (cf. meu livro *God Has the Answer to Your Problems,*[337] p. 24...) nada farei além de mencionar o fato aqui.

Consulentes devem aprender sobre a importância da fidelidade, não somente em relação ao cônjuge, aos pais, ao empregado, etc., mas em primeiro lugar e acima de tudo, fidelidade a Cristo. Eles são os mordomos do Senhor - mordomos de seu dinheiro, de seu tempo, seus dons. Uma coisa (acima de todas) é requerida dos mordomos – fidelidade (1Co 4.2). Muito é dito sobre a fidelidade dos mordomos nos evangelhos (cf. Mt 24.45; 25.21,23; Lc 12.42; 16.10-12; 19.17).

Mansidão

Chegamos ao termo *prautes,* talvez o mais mal compreendido de todos. Muitas pessoas igualam mansidão com fraqueza. Esta noção é falsa. Moisés era um homem manso, mas estava muito longe de ser fraco. Algumas vezes a palavra é traduzida por "gentileza", mas isto, de certa forma, erra o alvo. Não há equivalente na língua Inglesa. A palavra traz uma noção de alívio (como um unguento que produz alívio ou como as palavras de um pacificador alivia os adversários numa argumentação) uma pessoa mansa sabe como acalmar águas turbulentas sem ignorar os problemas.

O termo *mansidão* também traz a ideia de humildade; a pessoa mansa nunca é orgulhosa ou soberba, mas é humilde em relação a Deus e aos outros. Nesta humildade reside sua força; ela lhe permite acesso às vidas de outros a quem a pessoa mansa poderá influenciar para o bem.

Mansidão, portanto, é uma qualidade que capacita o cristão a saber quando falar ou agir, como falar ou agir e o que dizer ou fazer pelo outro. É um dos elementos no fruto do Espírito demonstrado no contexto (não deveria haver divisão de um novo capítulo em Gálatas neste ponto, porque o capítulo segue naturalmente na discussão que inicia o capítulo 6). Paulo segue (em Gl 6.1...) mostrando como a mansidão pode ajudar no aconse-

337 Evangelical Press (Welwyn, 1979).

lhamento de outros.[338] A pessoa que tem o Espírito é aquela que assiste seu irmão ou irmã que caiu no pecado. Sua atitude de mansidão é essencial para tal tarefa; sem isto ele fará mais mal do que bem. Porém, de uma maneira verdadeiramente humilde ele dirá algo no sentido de amenizar a dor do irmão: "Não estou aqui por pensar que sou melhor que você; também sou pecador. De fato, até onde sei, posso precisar de sua ajuda, talvez dentro de um mês, do mesmo modo como agora você precisa da minha. Mas estou aqui porque Cristo me enviou, porque você está precisando de auxílio e porque eu me preocupo com você. Como posso ajudá-lo?" Isto é mansidão – força – num contexto concreto.

Como os consulentes precisam aprender a exercitarem mansidão em cada relacionamento "sensível" com outros cristãos!Mas não há melhor maneira de os ensinar do que o exemplo dos próprios conselheiros em suas próprias vidas ao oferecerem direção e ajuda.

Domínio Próprio

O último termo em Gálatas 5 é *egkrateia,* uma palavra que abarca um conceito muito importante no aconselhamento. Barclay (*Flesh and Spirit,* p. 121) chama esta palavra de "Vitória sobre o Desejo." O exercício do domínio próprio, sem dúvida, é um problema fundamental para muitos consulentes, como (de fato) o era para Feliz (At 24.25) – e para muitos de nós! Tem a ver com a contenção ou o refrear do desejo (o uso do verbo em 1Co 7.9 esclarece com perfeição essa ideia), e as noções de um refreamento disciplinado e de controle estão sempre presentes.

Devido à orientação sentimental de nossa sociedade, disciplina e autocontrole são ensinados e aprendidos de maneira muito pobre. Ira, tristeza, frustração, desejo sexual – toda sorte de emoções – devem ser restringidos e corretamente direcionados. Conselheiros devem ajudar os consulentes neste aprendizado. Não pode haver autocontrole sem uma vida de oração e disciplina no esforço para aprender. A ideia principal da raiz original da

338 Para uma exposição mais completa, veja meu livro, *The Big Umbrella,* "You Are Your Brother's Counselor." ("Você É o Conselheiro de Seu Irmão").

palavra *egkrateia* tem a ver com "segurar" ou "manter" algo. O homem autocontrolado é aquele que consegue segurar-se, manter-se por si mesmo. Disciplina em praticar as atividades bíblicas apropriadas para as emoções é o que necessitamos (ver, e.g., material sobre ira no *Manual*).

Justiça

Em ambas as passagens de 1 e 2Timóteo, Paulo se dirige a Timóteo ordenando-o que "siga a justiça". A palavra é *dikaiosune,* um termo de frequente ocorrência 966 vezes nos escritos de Paulo), e deve ser entendida. Aqui a palavra se refere não tanto à declaração de justiça (embora tal imputação da justiça de Cristo seja um pré-requisito) pela qual os crentes são justificados, como se refere à sua transformação em pessoa justas pelo poder do Espírito transformando suas vidas. A pessoa justa é aquela que está cheia da qualidade de ser reto e justo. Ela possui uma disposição caracterizada pelo desejo de fazer o que é justo. Ela não racionaliza seu comportamento pecaminoso, não tenta driblar os mandamentos de Deus ou dar desculpas para os próprios erros. Essa pessoa, como o Senhor, ama o que é reto (cf. Hb 1.9). Ela sabe que o certo é o que Deus diz ser certo em sua Palavra. Portanto, o justo busca a justiça por meio de estudar as Escrituras diligentemente, esforçando-se de todas as maneiras para conformar-se aos seus preceitos.

Conselheiros não podem ajudar outros a se tornarem justos sem o ensino das Escrituras. Segundo Hebreus 1.9, a iniquidade, falta de lei (ignorância e violação dos princípios e preceitos bíblicos) é o oposto da justiça. Portanto, todo aconselhamento deve focar nos caminho revelados de Deus como padrão para atitudes e ações e cada consulente deve ser encorajado a começar seu próprio estudo regular da Bíblia.[339] Justiça, lembre-se. É essencialmente retidão de acordo com o que Deus, nas Escrituras, diz que é reto. Trata-se da retidão do pensamento, das crenças, atitudes, palavras e ações.

339 Cf. o livro, *Four Weeks with God and Your Neighbor,* que foi designado para ajudar os consulentes a iniciarem seu próprio estudo bíblico eficaz.

Piedade

Por último, (tratei com perseverança na discussão da "paciência") chegamos à "piedade" (*eusebeia*), a palavra encontrada em 1Timóteo 6.11. O termo ocorre com frequência nas epístolas pastorais, indicando que a vida do pastor (conselheiro) deve ser marcada pela piedade de modo que ele se torne o modelo e venha a inculcar a piedade naqueles a quem ministra. O termo significa piedade em relação a Deus e aos outros (e.g., reverência cristã pelos pais). Tem a ver com um senso de reverência e temor que permeia toda a vida e o estilo de vida de uma pessoa. É a vida aprovada por Deus por reconhecê-lo em todas as coisas. Não se trata da piedade na adoração ou em outras atividades especialmente rotuladas de "religiosas". Antes, trata-se de um estilo de vida no qual a reverência a Deus condiciona e influencia todos os pensamentos, atividades e palavras. *Eusebeia* deve ser o espírito orientador (poder) por trás de toda cosmovisão cristã: respeito por Deus deve caracterizar o trabalho de um cristão em seus negócios, na ciência, política, estudos, nos tratos do lar, etc. toda a vida – não apenas a "vida na igreja" (na qual Deus é formalmente reconhecido) – deve ser vivida em reverente relacionamento com Deus. Todas as relações humanas devem ser mantidas à luz daquele relacionamento supremo.

Há uma forma externa (ou aparente) de piedade que não é verdadeiramente *eusebeia* (2Tm 3.5); por não possuir realidade interior, não há poder diante de Deus e dos homens. Trata-se de um engano, hipocrisia em sua expressão mais miserável. Consulentes devem estar atentos contra uma mera conformidade externa e guardar-se dos modelos que a promovem (3.5b). *Eusebeia* acontece quando orientamos e disciplinamos nosso viver em direção a ela (1Tm 4.7). Quer dizer que devemos constante e conscientemente nos relacionar com Deus emtodos os aspectos de cada esfera da vida. Um viver disciplinado de acordo com o ensino bíblico[340] promoverá *eusebeia,* assim como pensar em todos os caminhos relacionando-os a Deus em cada área da vida promoverá um viver disciplinado; funcionará dos dois modos. Quando este fruto começa a crescer ele pode influenciar

340 Cf. Tito 1.1c: Paulo fala aqui sobre "verdade" que "produz piedade" (*eusebeia*).

alguns a confiarem em Cristo, mas outros responderão negativamente (cf. 2Tm 3.12; talvez até mesmo alguns crentes que gostam de viver uma vida compartimentalizada, um cristianismo de um dia por semana, se juntarão nesta perseguição).

Desse modo, temos considerado o fruto do Espírito. Pode ser útil a alguns conselheiros que não estão familiarizados com o significado destes termos escrevê-los numa tabela nas páginas em branco de suas Bíblias (*Christian Counselor's New Testament* [Novo Testamento do Conselheiro Cristão]) juntamente com (1) o significado de cada um deles, (2) algumas aplicações de cada aconselhamento, (3) maneiras de promover cada uma dessas qualidades nas vidas dos outros e (4) passagens chaves na qual cada uma delas ocorre.[341]Isto tornaria mais prática este importante assunto nas sessões de aconselhamento. Considero de grande importância no aconselhamento ter um bom domínio desse material. Esta é a razão de eu ter dedicado tempo e espaço para discuti-lo aqui. Aconselho um caminho aos conselheiros pastorais, para que gravem de modo indelével estas palavras em suas mentes. Uma forma de o fazer seria pregar uma série de nove ou doze mensagens sobre essas palavras.

341 Ao lado da passagem em Gl 5 ele deveria escrever uma nota para se referir à tabela.

Capítulo 16

Aconselhamento e a Amputação Radical

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO

Já temos visto que santificação tem a ver com o despojar de velhos hábitos de vida e com a aquisição de novos. Santificação é mudança de vida. Essa nova forma de pensar e de agir foi trazida ao crente na conversão. A pessoa verdadeiramente regenerada está mudando externamente (depojando-se de velhos padrões e adquirindo novos) por causa da mudança interior pela qual está passando. O termo *santificação* significa "separar" ou "por à parte". Negativamente, é a separação *do* pecado, positivamente, *para* Deus. O regenerado é separado dos demais, único; especial para Deus.

Já fomos separados, completamente santificados *em Cristo*. Sua vida de inteira retidão foi atribuída a nós – estamos circuncidados com Cristo, crucificados com Cristo, sepultados com Cristo, ressurretos com Cristo, assentados nas regiões celestiais com Cristo. Mas não temos tudo isso no cotidiano desta vida. Isto porque a santificação está sendo realizada – para nos capacitar, dia a dia, a transformar cada vez mais em realidade o que já reconhecemos ser em Cristo. Devemos nos tornar (mas não por nós mesmos) o que já somos em Cristo. Isto é muito diferente de autorrealização (que seria você tornar-se o que pode e por si mesmo); a santificação está sendo operada em você (por obra do Espírito) que já está em Cristo. Essa "terceira força," a doutrina da autorrealização de Maslow é um substituto perigoso e sutil para a realidade. Quando esse ensino é integrado aos círculos cristãos, adota-se uma atitude pelagiana (ensinar ao ser humano a autossuficiência por métodos de autoajuda). A autorrea-

lização de Maslow não vê necessidade, nem da Palavra nem do Espírito, é puramente humanista.

Como é, então, que a santificação acontece? Padrões de pensamento e forma de viver são transformados à medida que a pessoa é "renovada pelo Espírito" (que é quem está trabalhando) em sua "mente" (Ef 4.23). Tendo já considerado, em parte, o aspecto humano desta renovação (v.22, 24), devo aqui dizer uma palavra sobre o trabalho do Espírito em renovar a imagem de Deus pela renovaçãoda mente (cf. Cl 3.9, 10; Rm 12.1,2) .

Em Efésios 4.23, há duas palavras-chave ("mente"[342] e "renovação") e um conceito chave para entender (o Espírito nos transforma mudando nossas mentes). A palavra *renovação* (aqui, em Rm 12.2, Cl 3.10) é *anakainoo* (a forma nominal é *anakainosis*), que significa "renovar em qualidade" (não novo em relação ao tempo). As velhas e desgastadas formas de pensar (v.17) devem ser substituídas por novas formas, bíblicas. A transformação dos padrões de vida nos quais os membros do corpo foram habituados (Rm 12.1,2 - essas palavras retomam a discussão dos capítulos 6-8), que devem ser "postos de lado", substituídos pelos novos (Ef 4; Cl 3), ocorre como resultado direto da obra do Espírito em mudar e influenciar a mente do consulente.

Por conta do trabalho do Espírito no homem interior, para mudar o pensamento e as atitudes da pessoa regenerada, os conselheiros se concentrarão em inculcar as informações bíblicas que (1) estabelecem os padrões para o comportamento cristão, e que (2) apontam princípios e práticas específicos da vida cristã. Além disso, esses conselheiros devem dedicar tempo para mostrar como (na prática) estes princípios e práticas podem ser integrados na situação particular que cada consulente enfrenta. Uma vez que o Espírito Santo usa as Escrituras, os conselheiros podem contar com ele (à seu próprio modo e tempo) para abençoar seu ministé-

342 *Nous*, mente, é discutido em profundidade em um ponto anterior neste livro. Esta palavra *mente* se refere especificamente as funções lógica, intelectual e racional do ser humano, tanto quanto as opiniões, pontos de vista, crenças e atitudes que são formadas pelo exercício dessas capacidades. Aqui, e em Rm 12, a ideia final (Que é o resultado do pensamento) parece ser a ideia dominante; não o processo em si. O Espírito está realizando uma tarefa desafiadora e mudando nosso pensamento, tornando-o (atitudes, crenças) conforme a mente de Cristo.

rio de fidelidade à Palavra. Mas o Espírito o faz, especialmente, quando adotamos suas práticas estabelecidas.

Neste capítulo desejo, portanto, destacar uma importante dinâmica bíblica (que não discuti em nenhuma outra parte) para "deixar de lado" práticas pecaminosas. Conselheiros devem se conscientizar disso e fazer uso dessa dinâmica, se desejam experimentar mudança duradoura em seus consulentes. Chamo isso de "Amputação Radical".

As palavras de Jesus sobre isto encontram-se em Mateus 5.27-30: "Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno".

Uma parte vital da santificação é deixar de lado os antigos caminhos. Falando de forma figurada (não há qualquer evidência de que se esteja falando realmente de mutilação), Jesus nos chama a nos mutilar de forma que nos seja extremamente difícil pecar novamente como fizemos antes da mutilação. Essa é a essência da passagem. Mas existem quatro fatores proeminentes para se alcançar isso.

Primeiro, devemos reconhecer o fato de que seremos tentados a repetir nosso pecado. O perdão não evita automaticamente a repetição do pecado. Se não estamos conscientes desse fato, não nos preocuparemos com ele. Se não nos preocuparmos, nada faremos no sentido de evitarmos a repetição do passado. Então, primeiro, os consulentes devem estar verdadeiramente alertas da possibilidade de futuro fracasso.

Segundo, precisamos nos preparar para um futuro encontro com a tentação, e estarmos prontos para vencê-la. Muitas vezes nos envolvemos em problemas porque nada fazemos para preveni-los. Jesus se preocupa não somente com perdão, ele está ainda mais preocupado em ajudar-nos

a tomarmos precaução contra fracassos futuros. Foi por causa disso que ele falou a respeito da necessidade de amputação radical. O trabalho de um conselheiro nunca estará completo até que ele tenha prevenido, assim como remediado seu consulente. Esse trabalho de amputação radical é fundamental para o processo de desabituação.

Terceiro, se não for possível evitar que o problema dos caminhos passados ressurja no futuro (esperando que esse desejo vá embora, por exemplo), então algo definitivo deve ser feito para prevenir que o consulente caia nos velhos caminhos pecaminosos. A passagem em Mateus 5 o direciona a agir de forma definitiva, concreta e radical. O membro que comete a ofensa – olho, mão, pé, não importa – deve ser removido de forma que não seja mais usado para cometer o pecado em questão: isso é amputação radical. O conceito parece ir além do problema do pecado no coração por desejar uma mulher com os olhos. Em tal caso, o olho deve ser arrancado e lançado fora. Mas a menção da mão – e, em outro lugar, do pé – estende o princípio para a totalidade da vida.

Quarto, *nada deve ser poupado* nesse processo: é algo radical. Até mesmo o olho *direito*, o pé *direito*, a mão *direita*, devem ser perdidos se necessário. Isso significa dizer que é tão importante tomar essas ações preventivas que até mesmo os órgãos mais valiosos devem ser eliminados se necessário. Uma conduta imprópria deve ser cortada mesmo sob os maiores custos. E o meio utilizado é radical (mas efetivo) – amputar; afinal, um membro amputado não poderá ser usado novamente.

Agora, o que isso tudo significa? Obviamente o texto não deve ser tomado de forma literal. Um homem que cobiça uma mulher pode continuar a fazer isso em seus "olhos da mente," mesmo que ambos os olhos físicos sejam arrancados.

Há aqui vários elementos que merecem destaque. Claramente, o consulente (ou quem quer que seja) *deve tornar as coisas muito difíceis* (senão impossíveis) *para não* cometer o mesmo pecado novamente. Para isto, ele deve colocar barreiras em seu próprio caminho. Ele deve retirar certas coi-

sas, pessoas ou práticas da órbita de sua vida diária. O que for preciso, ele deve desenvolver uma situação preventiva onde

1. Ele automaticamente se conscientize da tentação e possibilidade de pecar. Ter que se arrastar até um lugar de pecado com seu único pé que restou (por assim dizer) o alertará a respeito do que está se passando – não haverá forma de ser impelido inconscientemente ao pecado.
2. Obstáculos (ocasiões para cair em pecado) serão todos removidos de seu caminho diário o máximo que for possível, para reorganizar as circunstâncias para que assim seja.

O crente é alertado contra ignorar este procedimento por sugestão, como alternativa, para que o homem inteiro (não somente o pé ou o olho) não seja lançado no inferno. Isso não se trata de salvação por obras, ou uma sugestão de que uma pessoa salva possa se perder. Antes, é um poderoso alerta de que se não há preocupação quanto ao pecado, se não há desejo de evitar ofender a Cristo, se não há luta ou confronto para evitar um futuro fracasso e nenhum progresso em fazer isso, então não há evidência de salvação, só para começar. Conselheiros devem manter isso em mente quando estiverem lidando com consulentes que parecem totalmente desinteressados na dinâmica preventiva da amputação radical.

Esta ação radical, definitiva e preventiva pode tomar várias formas – romper relacionamentos com más influências (1Co 15.33 – observe a primeira expressão: "Não vos enganeis..."; consulentes constantemente enganam a si mesmos no pensamento de que não precisariam fazer isso), livrar-se de material pornográfico, mudar de trabalho, etc. Mas, seja lá o que for preciso fazer, uma ação radical e efetiva deve ser tomada, o que é essencial para a santificação. Cristo assim ordenou e nos alertou. Ousaremos negligenciar isso?

Capítulo 17

Aconselhamento e Perseverança

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO

O nome da doutrina é Perseverança dos Santos; não "segurança eterna", ou "uma vez salvos, salvos para sempre". E por uma boa razão. As duas últimas alternativas são bastante verdadeiras, mas, perigosamente, elas enfatizam somente um lado da verdade. A frase "perseverança dos santos", enfatiza de modo pleno que é através de esforços envolvidos na santificação (santo é alguém que foi separado) que a pessoa permanece segura – não sem estes esforços. Porém, todas as pessoas verdadeiramente salvas, perseverarão.

Os comentários sobre "permanecer" em João 15 apontam para isto. O verbo *permanecer* significa simplesmente "continuar, ou ficar" em algum lugar.[343] Portanto, o verso 5b deveria ser lido assim: "Quem permanece [continua] em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto... e o versículo 6: Se alguém não permanecer [continuar] em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará..."

Para ser um ramo frutífero é preciso continuar no relacionamento com Cristo. Ou seja, é necessário perseverar na fé. Se o homem não perseverar, sua fé não é genuína e ele terminará seus dias "no fogo" (v. 6).

Não acumularei passagens que ensinam a perseverança dos santos, mas simplesmente gostaria de comentar o fato de que é através da fé que os santos perseveram (cf. 1Pd 1.3-5). Quem não tem uma fé perseverante

343 Há maneiras estranhas, não-bíblicas que enxergam nisto um superestado no qual alguns crentes entram. Todos os santos permanecem (continuam) em Cristo.

nunca tiveram fé genuína, fé salvadora desde o início. Mas, naturalmente, esta fé é, em si, o dom de Deus. A despeito disso, a agência humana está envolvida – o crente crê; o Espírito Santo não faz o crente crer.

Ambos os lados desta doutrina são significativos para o aconselhamento:

1. Os santos perseveram;
2. Os santos estão seguros porque perseveram.

É importante para a santificação saber que todos os verdadeiros santos perseverarão. Em vez de focalizar a atenção continuamente sobre o crente – e se ele perseverará ou não (o problema da incerteza para quem não reconhece a doutrina) – é necessário voltar à atenção para o amor e serviço a Deus e ao próximo. Curiosamente, não é o foco sobre si que leva o homem ao crescimento; a santificação ocorre quando o homem volta sua atenção para os outros. Mas não como fazer isto quando a incerteza sobre a própria salvação (o que leva a pessoa à contínua autoanálise) é a única "esperança" que se tem. Uma má doutrina assim leva a sérias consequências.

Quando Deus traz seus filhos à sua família, ele não os tira de casa, deserda-os, mata-os espiritualmente, devolve-os a Satanás e os põe de volta no caminho para o inferno quando esses crentes tropeçam. Em vez disso, o Pai os disciplina para seu próprio bem e por causa da reputação do nome da família (Hb 12.5-11). Que espécie de Pai seria Deus se não tratasse seus próprios filhos melhor do que qualquer o pudesse fazer?

Há somente dois lugares onde algo poderia sair errado em relação à nossa salvação – algo de ruim poderia acontecer à própria herança ou ao herdeiro. Mas Deus prometeu proteger a ambos (1Pe 1.3-5). E esta proteção estende-se por toda a vida até o último momento da salvação.

Certamente, a base mais firme para a segurança do crente é o amor de Deus (Rm 8.35-39). Este amor, manifestado na cruz, é o amor que *salva;* não se trata de um amor que simplesmente torna a salvação possível. Cristo morreu pelos meus pecados; não posso sofrer eternamente pelo que ele já sofreu. Deus não pune duas vezes o pecado.

Muito semelhante a esta falsa doutrina da não-perseverança de alguns santos é o conceito errôneo da perfeição do crente pela ausência de pecado. Parece muito estranho que justamente aqueles que oferecem entraves ao poder de *Deus* para preservar os crentes, ao mesmo tempo apostem pesadamente na habilidade do *homem* para viver uma vida de perfeição. Mas, ao fim das contas, não é tão estranho assim. Ambos os conceitos exaltam o homem; ambos diminuem Deus.

Há somente duas maneiras de manter salvas as pessoas com base nas doutrinas de não-perseverança:

1. Afirmar a existência de duas espécies de pecado; um pecado que seja mal o suficiente para enviar as pessoas ao inferno e um tipo de pecado não tão mal assim. Haverá, então, algum pecado (aquele que não é tão mal) que Deus permita no céu? A Bíblia não faz tal distinção entre pecados.

Sendo esta doutrina tão absurda, uma segunda – perfeição pela impecabilidade – teve de ser concebida.

2. Aquela espécie de pecado Não tão mal foi elevada à categoria de não-pecado. Agora, somente aquele pecado voluntário (mal o suficiente para levar o homem ao inferno) será chamado de *pecado*. O resto é chamado de erros, etc., mas não é chamado de pecado.

Segundo esta construção, na medida em que a pessoa não transgride um pequeno número de injuções, ela não pecou. Em outras palavras, a única maneira de alguém assim ter confiança na salvação seria através de algum tipo de "segunda obra da graça" (ou "segunda bênção") que capacitaria tal pessoa a evitar os "maus" pecados. Logo, sendo impecável, essa pessoa pode ter paz.

Pouco precisa ser dito para refutar esta mentira (pois é assim que João classifica esse tipo de afirmação, sem hesitar, 1Jo 1.8,10). É preciso dizer que esta doutrina traz perigosas consequências. Os conselheiros encontrarão dificuldades em apontar pecados no caso de pessoa que enxergam pecado como pecado. Esta visão truncada do pecado, por exemplo, invia-

biliza o arrependimento e a busca pelo perdão por parte dos consulentes. Além disso, os conselheiros podem se deparar com consulentes cometendo pecados com uma noção de impunidade, uma vez que não chamam o pecado de pecado. Isto significa que, primeiro, antes de ajudar os consulentes em quaisquer áreas, o conselheiro precisa ajudá-los a desenvolverem uma *verdadeira* visão do pecado. Sem isto, os consulentes não serão capazes de lidar de maneira bíblica com muitos problemas em suas vidas. Eis um dos exemplos nos quais a falsa doutrina causa o problema ou o complica.

Dois fatos também se tornam aparentes:

1. Os conselheiros não podem deixar de tratar com doutrina por que
2. Doutrina influencia a vida.[344]

Estas são as razões pelas quais todo conselheiro não somente deve ser um bom exegeta, como também deve conhecer doutrina (o entendimento sistemático do que a Bíblia ensina sobre vários assuntos). Algumas vezes (como em exemplo citado anteriormente) o conselheiro não chegará a lugar nenhum a menos que remova a barreira doutrinária.

Voltando à perseverança, é interessante notar que Deus continuamente admoesta os crentes à perseverarem (Mt 10.22; 24.13; Rm 2.7-8). Esta é uma nota que deve estar sempre nos lábios dos conselheiros. Ademais, muitos consulentes chegam ao consultório como pessoas derrotadas, esmagados sob o peso dos problemas. Os conselheiros devem afirmar com segurança que se essas pessoas são verdadeiramente filhos de Deus (propriedade de Deus), esse Deus se *preocupa* com seus problemas; *Ele* cuida, e os santos perseverarão; mais cedo ou mais tarde eles entenderão isto, de modo que poderão enfrentar seus problemas agora e sair de sua zona de autocomiseração (ou seja o que for) e começar a agir como santos. Eventualmente – por que não *agora*? Se começarem a enfrentar e a resolver seus problemas à maneira de Deus, livrar-se-ão de muita dor de cabeça e sofrimentos. Faça isto!

344 Tito 1.1 torna este fato evidente. Paulo se autodenomina escravo de Deus e apóstolo de Cristo "para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da *verdade que é segundo a piedade*". (ênfase minha).

Capítulo 18

Aconselhamento e Sofrimento

A DOUTRINA DA SANTIFICAÇÃO

No último capítulo, concluí com um destaque ao sofrimento autoimposto. Existe, contudo, outro tipo de sofrimento, pelo qual a pessoa não é responsável. Estou falando do sofrimento no qual, como no caso de Jó (ou mesmo no caso de Cristo), que não veio à pessoa como consequência *do próprio* pecado. Devo, portanto, discutir ambos os tipos em relação ao aconselhamento.

Conselheiros devem ter uma visão bíblica do sofrimento[345] para instruir e ajudar seus consulentes. O problema tem sido muito difundido; todas as pessoas (uma hora ou outra) sofrem. Consulentes, particularmente, reclamam do sofrimento pelo qual estão passando. De fato, de uma forma ou outra, é algum tipo de sofrimento que leva os consulentes ao lugar onde podem encontrar aconselhamento. O sofrimento pode ser o problema primário no aconselhamento – como lidar com isso; pode ser a complicação de um problema, ou pode ser simplesmente um sintoma.

O sofrimento é universal porque a queda e seus efeitos são universais. Todo sofrimento deve ser associado ao pecado de Adão. Se ele, como nosso representante, não tivesse pecado, não haveria sofrimento algum. O sofrimento é resultado da maldição de Deus sobre Adão e sua posteridade. Mas isto não significa que um sofrimento individual seja necessariamente resultado do pecado pessoal de cada indivíduo.

345 Para mais informações sobre isto, veja meu comentário em 1Pedro, um manual sobre o sofrimento, intitulado *Trust and Obey*.

A escolha nesta vida não é entre a dor e ausência de dor; não nos foi dada tal escolha. Antes, a escolha tem a ver com estas duas áreas:

1. Como a dor e o sofrimento são vistos pelo consulente?
2. Como a dor e o sofrimento são utilizados pelo consulente

A cruz dignificou o sofrimento, dando-lhe sentido, e demonstrou que ele pode trazer efeitos benéficos de longo alcance. Conselheiros cristãos devem reconhecer esses fatos e trazê-los para a vida dos consulentes. Por conta da cruz, nenhum crente deve encarar o sofrimento como os descrentes.

Como os descrentes (e, infelizmente, muitos cristãos) respondem ao sofrimento e à dor? Com lamúria e autocomiseração (vemos isso em todo tipo de situação, desde deficiências até reclusão por conta de decepções amorosas), negando (na verdade, essa fútil tentativa de focar na dor é o que vai itensificá-la), buscando refúgio a todo custo (a visão médica e midiática busca analgésicos, tranquilizantes, mas nunca busca significado no sofrimento. A dor é sempre inimiga, nunca uma amiga para essas pessoas).

De uma forma bem vista e utilizada a dor pode ser vista e aplicada biblicamente. De outra forma, ela seria apenas desperdiçada, mal utilizada, amargamente temida, evitada, odiada.

O que é a dor que nos atinge a todos? Não me interessa uma explicação fisiológica (apesar de que esse estudo possa ser interessante e instrutivo). Podemos pobremente definir a dor da qual estamos falando como um desconforto corporal acentuado. "Mas o que dizer da angústia mental?" Quando esta se torna suficientemente séria, tais dificultades trazem desconforto físico (dores de cabeça, dores musculares na nuca, ou algo pior).

A dor é um aviso de que algo está errado e que algo deve ser feito a respeito. Existem causas fisiológicas (ou orgânicas) para o sofrimento e causas não orgânicas. Doenças físicas, injúrias, danos, podem produzir dor. Essas dores são indicadores de que algo está errado no corpo. Se esse problema não pode ser remediado pela própria pessoa, ela deve em ora-

ção buscar a ajuda médica (cf. Tg 5, e o comentário acerca do óleo e oração em *Competent to Counsel*, p. 105-110). Há, também, as causas não-orgânicas para o sofrimento e a dor. Elas podem estar relacionadas a perdas, tristezas, sentimento de culpa, medo, etc. Elas indicam que existe algo errado nas atitudes e no comportamento da pessoa que sofre. Pode ser a forma dessa pessoa responder às pressões externas e internas que foram criadas e que levam à dor. De qualquer forma, algo está errado.

Naturalmente, há algumas perdas e tristezas para as quais a dor e o sofrimento são resposatas apropriadas (luto pela perda de um ente querido, sofrimento por conta do pecado de um filho, etc.); nem toda dor e sofrimento são errados. Cristo sofreu dor na cruz por causas físicas (cravos, espinhos, pancadas) mas também por causas não físicas. Devemos nos libertar da mentalidade midiática de que toda dor é ruim. De fato, como aqui sugerido, sofrimento, sofrimento intenso – mesmo sofrimentos de todos os tipos mencionados acima, podem ser transformados em meios de graça para ajudar a pessoa a crescer espiritualmente. Até mesmo Cristo aprendeu por meio do sofrimento (Hb 5.8).

O que tenho dito até esse ponto é para ajudar consulentes a crescerem por meio do sofrimento, ajudando-os a interpretar e usar a dor biblicamente.

Como se interpreta a dor?

Primeiro, devemos reconhecer que a dor geralmente não é algo fácil de se lidar. Isso será de especial importância no caso em que o consulente nunca lidou bem com a dor. Soluções simples não estão disponíveis e também não são apropriadas. Por conta de sua própria experiência com o sofrimento, o conselheiro deve ser capaz de mostrar compaixão aos consulentes (cf. Hb 10.32-34; 2Co 1.4...).

Em seguida, o conselheiro deve ajudar o consulente a obter uma perspectiva apropriada da dor e do sofrimento. Essa perspectiva é ensinada pelo apóstolo Paulo, que sofreu mais dor que qualquer consulente terá que enfrentar: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (2Co 4.17).

Ele chama de temporária.

"Temporário? Por que então Maria está acamada por 12 anos!", você diria.

"Sim, temporariamente", Paulo responderia. Em comparação à eterna liberdade da dor que há na glória com Cristo (Ap 21.4) o que são 12 ou quem sabe 50 anos, isso tudo depende do seu ponto de vista. Se tomarmos uma atitude puramente focada na terra, 12 anos pode parecer um longo tempo. Em comparação com a eternidade (e, note, Paulo contrasta o *temporário* com o *eterno*, o *leve* com o *peso*, a *tribulação* com a *glória*). O que se crê e aquilo no que se fixa os olhos, pode ser um fator de toda importância em determinar como a pessoa lidará com algo.

Mas o sofrimento é temporário e vai acabar. Paulo estabelece esse argumento em 1Coríntios 10.13c. E a história de Jó mostra não somente que o sofrimento tem um fim, isto é, em si mesmo, mas que também ele é limitado por um propósito de Deus (como, de fato, 1Co 10.13b também ensina). O sofrimento é limitado no tempo e na extensão. Também o corpo humano está equipado com substâncias químicas, como endorfina, que serve como agente para evitar que a dor se torne muito intensa.

Novamente, o conselheiro apontará o contraste entre o peso da glória que Cristo tem preparado para aqueles que o amam, de forma que *qualquer* dor que alguém experimente pode apenas ser considerada como leve. Não se trata de desconsiderar a seriedade da dor; é um simples fato (mas profundamente importante). Paulo não ignorava a dor; leia 2Co 4.16; 6.4-10; 11.23-29. Ele conhecia a dor. Paulo chamou o sofrimento de sofrimento – não havia qualquer negação em suas palavras. Mas ele podia enfrentar a dor por conta de sua cosmovisão (ou perspectiva). Frequentemente ele ouvia as pessoas dizerem: "Oh, que fardo é essa dor!" Mas, em contraste, Paulo dizia: "Oh, que fardo – de paz e alegria em glória – você terá para carregar na eternidade. Você será tão sobrecarregado com esse último fardo que a carga presente (e que carga) parecerá leve. Portanto, deixe que esse pensamento suavize sua carga de hoje!" Esta é a razão pela

qual ele podia dizer (no versículo anterior – v.16): "Por isso não desanimamos" (cf. também 4.1, 8).

Outros pontos poderiam ser destacados. O sofrimento não é único (1Co 10.13 mostra que outros, incluindo Cristo, passaram por sofrimentos semelhantes, com sucesso). 1Pedro 1.9 e Hebreus 2.18 corroboram isso.

Mas quais os propósitos da dor?

A. O sofrimento às vezes vem para propagar a Palavra de Deus e para o progresso do Evangelho. Foi isso que Paulo descobriu na prisão (Fl 1). Mas ele podia se rejubilar nisso e encaixá-lo no propósito somente porque, em vez de reclamar (por que eu? Por que isso? Por que agora?), ele enxergou o sofrimento como uma provação nas mãos de um Deus que estava em operação. O sofrimento está sob o controle de Deus. Portanto, o conselheiro deve levar o consulente a perguntar: "O que Deus planeja fazer?"

B. Sofrimento pode ser uma forma de punição. Geralmente é um alerta; pode ter a intenção de purificar (cf. 1Co 11.30-32). A palavra *poena* (Latim) – punição, é a palavra que origina o termo Inglês *pain* ("dor"). A conexão frequente entre essas duas palavras (*dor* e *punição*) foi notada desde o começo (cf. Gn 3.16). Aqueles que estão alerta à disciplina de Deus (ou aqueles que são alertados por um fiel conselheiro) podem dizer com o salmista: "Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua Palavra" (Sl 119.67).

C. Sofrimento pode ser instrutivo. Mas se não ajudarmos os consulentes a procurarem o ensinamento de Deus, eles vão perder esse benefício. Cf. Salmo 119.71: "Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos". Se o sofrimento não encoraja o cristão a buscar as Escrituras, então ele está perdendo as bênçãos de Deus nisso (cf. Também Hb 5.8; 2.10).

D. Algumas vezes o sofrimento vem simplesmente para honrar a Deus (Jó; Jo 9.1ss).

Todos esses significados (e mais) de vez em quando descrevem adequadamente o propósito do sofrimento de um consulente. Talvez *um* deles seja dominante, talvez todos estejam presentes. Mas todo conselheiro deve estar preparado para ter tais razões em mãos quando um consulente (com sinceridade, não se queixando) perguntar "por quê?" Grande parte das soluções do problema de passar por sofrimentos é saber que nenhum deles é sem sentido.

Outro grande fato a respeito do sofrimento é que ele pode ser útil. A dor não é desculpa para baixar a guarda (cf. confiar e obedecer em 1Pd 2.22,23)."Sofrer", etimologicamente, significa "estar sob" (*sub* = sob; *ferre* = suportar, carregar). Considere o seguinte: Deus provê força para suportarmos (1Ts 1.4; 1Pe 2.19) mesmo sofrimento injusto trazido simplesmente por conta de alguém trazer consigo o nome de Cristo. Eis um *grande* uso do sofrimento. Na sala do hospital, o comportamento cristão deve, por si só, ser um testemunho inicial aos enfermeiros, colegas de quarto, visitantes, médicos.

Um grande propósito (e uso) do sofrimento é o crescimento através das provações (1Pe 4.1). Aqueles que podem lidar com isso, que passam nos testes e, assim, crescem em conhecimento e força, são os que esperam tais coisas: "Queridos amigos, não se surpreendam com o fogo ardente que está vindo em cima de vocês para testá-lo, como se algo estranho estivesse acontecendo com vocês". Alertar consulentes da possibilidade de testes futuros por meio de provações é muito importante. Um bom aconselhamento olha para frente e prepara os outros para o que possam encontrar no futuro. Só é possível olhar adiante para o futuro imediato quando primeiro se olha para o futuro último.

A Doutrina da Igreja

Capítulo 19

Aconselhamento e a Igreja

A DOUTRINA DA IGREJA

Aconselhando na Igreja

Quando palestrei na Rosemead Graduate School of Psychology há alguns anos, minhas palavras de abertura foram: "Este programa não tem razão de ser. Vocês não apenas não conseguirão integrar o pensamento pagão e o ensino bíblico, mas o que estão tentando fazer é treinar pessoas para realizarem o trabalho da igreja sem ordenação, fora da igreja. Isto é distorcer a ordem das coisas como estabelecida por Deus. O aconselhamento não pode ser estabelecido na base de vocação ou de freelance; todo aconselhamento deve ser executado como função da igreja, fazendo uso de sua autoridade e recursos".[346]

Para meu espanto, descobri que isto era material novo para muitos daqueles estudantes. Eles não tinham considerado com seriedade a questão; parecia que estavam ouvindo sobre essa ideia pela primeira vez. De fato, continuaram a fazer perguntas sobre o assunto durante todo o período. A questão da igreja e o aconselhamento permanece atual!

Em muitos arraiais, há pouco conhecimento e pouco interesse por parte dos cristãos pela igreja visível. Em parte isso pode ser entendido (embora não desculpado) a partir de um ponto de vista histórico. Essa consternadora falta de interesse pela igreja tem se desenvolvido como uma reação ao liberalismo denominacional combinado aos efeitos remanescentes do Darbismo anti-igreja que invadiu as igrejas da geração passada, igrejas fiéis

346 Cf. *Shepherding*. Vol. II; o *Manual*, p. 11...

à Bíblia. Ambos levaram à descrença na igreja organizada e forneceram o ímpeto necessário à formação de agências extra-igreja. Este enxame de agências extra-igreja proliferou, geando uma mentalidade do tipo 'você não precisa da igreja'. Esta mentalidade independente encaixou-se naturalmente ao crescente profissionalismo do moderno movimento de aconselhamento que, durante o mesmo período, desenvolveu-se ao longo dele. Um número de outros fatores colaborou[347] para produzir a presente situação na qual jovens podem se crescer numa congregação bíblica, podem se graduar numa universidade cristã, ingressar num programa de doutorado, sem que jamais sejam confrontados com a verdade bíblica de que aconselhamento é obra da igreja.

Somente em tempos mais recentes uma mudança saudável de direção tem se mostrado. Igrejas conservadoras tem se fortalecido, o liberalismo teológico tem diminuído e há uma nova ênfase na igreja organizada (como oposta à "teologia remanescente" que outrora tendia a superestimar a igreja invisível (ou não organizada) somente. A falência das modernas teorias de aconselhamento (em adição) tende a encorajar os pastores a repensarem toda a questão do profissionalismo no aconselhamento. Estes – e outros fatores que não posso discutir agora – tem sido combinados para criarem uma nova mentalidade que (pelo menos) é o começo de uma reviravolta. Cada vez mais, a ideia do aconselhamento como tarefa da igreja organizada (em geral) e do pastor e anciãos (em particular) tem começado a emergir.[348]

Devido a esta feliz mudança – e de modo concomitante a ela – tem aumentado a necessidade de se pensar novamente sobre o lugar da igreja no aconselhamento e o lugar do aconselhamento na igreja. Este assunto (novamente) demanda, pelo menos, um livro ou dois.

Quando a igreja realmente desenvolve uma forma bíblica de aconselhamento dentro de seu campo de interesse, não apenas muitos dos pro-

347 Apresento uma discussão detalhada do assunto em *Lectures*, p. 40-45.

348 Há tristes retrocessos. E.g., O Departamento de Teologia Prática do Dallas Theological Seminary nos últimos anos tem recorrido a psiquiatras para o treinamento no aconselhamento (supostamente) "pastoral".

blemas encontrados nas sessões de aconselhamento diminuirão, como também um novo dia de aconselhamento preventivo surgirá. A ênfase em aconselhamento freelance é basicamente remediador – e não pode ser mais do que isto. Esse tipo de aconselhamento não possui a plataforma, nem os recursos pelos quais pudesse realizar uma obra preventiva. Ademais, a maioria dos "profissionais" de estilo próprio não faz o mínimo esforço para retificar esta situação.

Tomemos apenas uma área (sobre a qual estou atualmente escrevendo um livro) como exemplo, consideremos os problemas e complexidades relacionados ao aconselhamento nos casos de divórcio e novo casamento. Eu estimaria, de uma vasta experiência, que mais de 75 por cento das complicações em tais aconselhamentos de casamento poderiam ser eliminados (se não evitados) caso a igreja tivesse conhecimento do que, como e quando fazer (e tivesse feito).Devido à falha da igreja, porque a maioria dos "profissionais" sabem muito pouco e muito menos do que a Bíblia requer, a maioria dos consulentes que buscam ajuda sobre problemas de divórcio termina por receber um aconselhamento pobre. Consequentemente, quando aqueles que sabem como ajudar biblicamente chegam à cena, geralmente o fazem muito tarde ou levam horas para lidar com complicações desnecessárias.

Para mencionar apenas mais uma área, consideremos também o campo das relações interpessoais. Em muito a igreja tem falhado em instruir seus membros biblicamente acerca de princípios que envolvem as relações interpessoais e, (no topo deste problema) não tem tratado adequadamente com as violações destes princípios, ou até mesmo tem acrescentado ao problema a violação destes princípios (e.g., receber fofocas, falar negativamente de pessoas às escondidas, falhar na insistência de que os passos estabelecidos em Mateus 18.15... sejam seguidos, etc.).

Mas – como eu disse – tudo isto está mudando agora, rapidamente. Há um novo interesse por parte da igreja em ser bíblica. E até onde talvez não

houvesse tanto conhecimento, agora há estudo; onde havia pouca prática, há tentativas. Tudo isto é encorajador.

A Igreja no Aconselhamento

Deus tem dado (1) o ensino ordenado e os oficiais governantes (2) a tarefa de mudar as vidas das pessoas (3) através do ministério de autoridade da Palavra (2Tm 3.15-17). Quando esta autoridade é exercida com propriedade (ou seja, biblicamente), Cristo promete estar "no meio" dando encorajamento, capacitando-nos com sabedoria e fornecendo o poder necessário (cf. Mt 18.15-20). Ambos, *exousia* (autoridade externamente conferida) e *dunamis* (poder e capacidade internos) são outorgados a estes oficiais por virtude de sua vocação à obra de ministração da Palavra. A *exousia*os autoriza a demandar respeito e obediência (1Ts 5.13; Hb 13.17); o segundo, *dunamis,* os capacita a desenvolverem seu trabalho (2Tm 1.7).

Poucos são os oficiais - entre eles o pastor - que reconhecem e exercem sua autoridade e poder (e há alguns que geralmente abusam dessa autoridade e, como resultado, mancham a autoridade dos demais). Não é de se admirar, portanto, que o aconselhamento esteja capengando. A ordenação se faz importante porque se trata do apontamento de um homem para seu ofício e trabalho; em nome de Cristo ela o concede o direito para fazer uso com autoridade dos dons que o Espírito Santo já tem dado (o reconhecimento dos dons é uma das bases para a ordenação). A autoridade para o aconselhamento é outorgada através da igreja de Cristo.[349] A ordenação coloca o aconselhamento do ministro sob o escrutínio e regulamentação de outros anciãos. Ele age sob – não à parte de - o conselho e admoestação da ordem divinamente instituída de Cristo, a igreja.[350]

349 Outros, fazendo aconselhamento à moda freelance, fora da igreja, podem até ter dons, mas eles (1) negligenciam os recursos do corpo como um todo e (2) agem de maneira completamente desautorizada. Eles devem buscar a ordenação e realizar sua obra sob a supervisão e orientação da igreja.

350 Um problema é que muitos pastores insatisfeitos, por não poderem fazer na igreja, dedicam-se ao aconselhamento freelance. Alguns deles se veem ansiosos para se livrarem do conselho mútuo de seus irmãos. Isto pode ser compreensível (embora não desculpável) por parte dos que deixam denominações liberais, mas certamente é apenas uma forma de rebeldia.

Quando o pastor de uma congregação reclama que seu ministério o ocupa demais, ao ponto de não lhe sobrar tempo para aconselhar (como alguns de fato o tem feito), essa reclamação é *sempre* falsa. Ninguém pode estar mais ocupado na obra do Senhor do que o próprio Senhor Jesus (que encontrou muito tempo para aconselhar indivíduos) ou até mesmo o apóstolo Paulo (que seguiu o exemplo de seu Senhor nisto – cf. Cl 1.28; At 20.31). Se o pastor realmente estiver muito ocupado (quando esta afirmação não é uma mera desculpa), então algo está radicalmente errado. Ele deve examinar suas atividades para descobrir o que o está mantendo tão ocupado porque (com certeza) não será o ministério da Palavra. É possível que ele esteja desperdiçando o tempo; é possível que esteja ocupado fazendo o que realmente não é trabalho de um ancião e não tenha delegado responsabilidades (especialmente aos diáconos – cf. At 6.2-4)[351] e não tenha ensinado seus anciãos a se juntarem a ele no ministério, etc. Esse pastor deve rever suas prioridades. Talvez ele esteja viajando demais para cumprir compromissos. Qualquer que seja a razão, ele não pode ocupar-se demais ao ponto de não ter tempo para aconselhar. Sendo o ministério da Palavra – seu ministério (2Tm 3.15-17; Cl 1.28) – ele nunca deve ocupar-se demais com as noventa e nove ovelhas ao ponto de negligenciar a centésima.

O aconselhamento, como a pregação, é um ministério da Palavra (quando a psicologia substitui a Bíblia no aconselhamento, não é de se admirar que pastores comecem a perguntar se lhes faltou tempo para isso); é, portanto, uma parte integral do ministério do pastor. Ele é um pastor-mestre (Ef 4.11), não meramente um mestre. A obra pastoral envolve o ministério da Palavra a cristãos individuais (note a frequente referência de Paulo a "cada um"). O ministério público e privado da Palavra são partes e suplementos (e contribuem) um do outro. Quando um pastor (que tem aconselhado) prega, ele o faz de modo muito diferente daquele que apenas prega. Quando um pregador apenas aconselha, ele o faz de modo muito diferente do que o faria se também pregasse. O primeiro deles é mais prag-

351 Sua tarefa é a oração e o ministério da Palavra – publicamente (na pregação) e particularmente (no aconselhamento); cf. Atos 20.20.

mático em sua pregação; ele soa menos teórico. As pessoas passam a dizer: "Ele sabe! Ele entende o meu problema", e então essas pessoas vêm para o aconselhamento. O pregador que prega e aconselha, por outro lado, aconselha mais biblicamente – isto porque para pregar, ele deve continuamente expor as Escrituras. Desta exposição, ele desenvolve uma confiança maior, e pode oferecer maior auxílio aos seus consulentes. As duas atividades devem caminhar juntas. De fato, quando uma é separada da outra, ambas sofrem.[352]

Que a igreja, portanto, assuma seu papel de aconselhamento, e que todos os cristãos a encorajem a fazê-lo. Que ninguém se interponha em seu caminho, a menos que esta pessoa queira se opor ao Cabeça e Rei da igreja!

352 Pastores podem *enfatizar* um lado do ministério da Palavra em detrimento de outro, mas nunca excluir um deles. Divisões inflexíveis entre pastores pregadores e pastores conselheiros não são bíblicas. Todos os pastores são pastores-mestres (Ef 4.11).

Capítulo 20

Aconselhando Novos Convertidos

A DOUTRINA DA IGREJA

O que vou dizer neste capítulo é - até onde sei - uma ênfase inteiramente nova na igreja moderna (mas não na Igreja dos tempos bíblicos). Trata-se de uma medida preventiva de grande importância que pode trazer muito bem.

Sempre houve problemas a respeito de como assimilar novos convertidos na igreja e de como ajudá-los em seu crescimento espiritual. Muitos convertidos em um ano ou dois param de crescer (isto de modo bem perceptível), e desenvolvem letargia e (geralmente) se tornam como a maioria dos membros veteranos da igreja - sem qualquer empolgação com sua fé. Por que? Muitas coisas podem contribuir para estes sintomas. Mas seguramente uma delas é a falha no aconselhamento adequado imediatamente após a conversão. Se as sugestões a seguir forem levadas a sério e implementas, elas podem provocar uma benéfica revolução.

Por muito tempo, uma convicção que vem a partir de dados bíblicos tem crescido em meu coração. Estes dados têm se tornado claro para mim na medida em que estudo as Escrituras para encontrar respostas para os vários problemas que afligem a Igreja. E, todos estes problemas vêm à tona no gabinete de aconselhamento. Deixe-me compartilhar com você a conclusão a que cheguei neste estudo.

Minha sugestão básica é simples: você deve aconselhar todo novo convertido que vem à sua congregação. Como eu cheguei a esta convicção?

A maior necessidade de um novo convertido é reconhecer que sua vida *como um todo* deve mudar. Cristo quer que ele seja diferente em todo seu viver. Devemos dizê-lo o que fazer, demonstrar com exemplos como tal mudança em cada área de sua vida deve ser feita, e estar preparados para ajudá-lo a fazer. Isto significa que toda congregação deve ter um plano e um programa prático para realizar isto.

Primeiro, todo novo convertido deve ser encorajado a obedecer Jesus Cristo *Imediatamente*. Não devemos esperar até que a pessoa enfrente problemas meses (ou anos) depois a fim de instruí-la. Agora ensinamos os novos convertidos uma doutrina básica (e isto é bom), mas não o que fazer com esta doutrina básica - isto é; como transformar esta doutrina em um viver diário (e isto é mau). Ensinamos poucas (geralmente quatro) atividades pessoais: estudo bíblico, oração, frequência à igreja e testemunho (e isto é bom), mas há um sem número de outras coisas que negligenciamos (e isto é muito mau).

Vamos considerar um versículo poderoso que, forçosamente, me compele a fazer tal proposta. Quanto mais eu leio este versículo mais ele me incomoda - é como se ele estivesse sob a minha pele. Então eu pergunto – "como podemos implementar o que este versículo da Palavra de Deus nos diz?". O versículo está em Efésios 4.17: *"Isto, portanto, digo e no Senhor testifico que não mais andeis como também andam os gentios, na vaidade dos seus próprios pensamentos"*. O quarto capítulo de Efésios contém as consequências práticas das doutrinas ensinadas por Paulo nos capítulos de 1 a 3. As palavras do apóstolo no verso 17, *a priori*, podem parecer estranhas. Ele não teria escrito todas as suas cartas bíblicas "com o Senhor"? Naturalmente. Bem, então, por que ele repete esta expressão aqui? Por ênfase. O que ele diz aqui possui grande significância. Esta é uma forma de dizer, "se tem algo que você precisa entender, é isto que vou dizer agora", ou "agora ouçam *isto*".

O que, então, devemos ouvir a todo custo? Que os novos convertidos não devem mais andar como os gentios (pagãos, descrentes). É isto que todo novo convertido precisa ouvir.

Nas cartas de Paulo (naturalmente, nas cartas de Pedro e dos demais apóstolos) podemos descobrir que isto é precisamente o *modus operandi* dos apóstolos. Se você estudar este assunto no Novo Testamento, você vai se surpreender pelo fato de que os novos convertidos são orientados a respeito de seu novo viver. Não lhes é ensinado apenas uma doutrina básica, mas toda sorte de implicações destas verdades para a vida (geralmente, com riqueza de detalhes). E os apóstolos parecem, em suas cartas, tratar apenas de assuntos superficiais!

Tomemos como exemplo as epístolas de Paulo à incipiente igreja em Tessalônica (onde Paulo permaneceu por breve tempo) e note quais coisas Paulo incidentalmente *diz* que os prescreveu naquele breve período de tempo (provavelmente, ele ensinou muito mais, que não teve ocasião de mencionar).

A verdade básica encontra-se em 1Tessalonicenses 1.9,10: *"pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos Jesus, que nos livra da ira vindoura"*. Esta declaração pressupõe uma mudança radical em consonância com a admoestação de Efésios 4.17. Ela envolve (assim como o resto da epístola vai mostrar) o ensino a respeito da segunda vinda, e de como isto se torna prático no viver diário dos irmãos. Em 1Tessalonicenses 2.11, 12, o andar cristão (Cf. o comentário a respeito disto em Efésios 4-6) foi *discutido em sua totalidade*. E note (versículo 11) que este aconselhamento não se deu em termos gerais; ele foi feito com "cada um" - cada novo convertido. Muito interesse individual foi mostrado como um pai que se dedica a cada um de seus filhos.

Mas sobre que tipo de coisas Paulo aconselhou aqueles irmãos? De acordo com 1Tessalonicenses 4. 1-8, ele discutiu questões de âmbito sexual, orientou-os sobre como conseguir uma esposa de uma maneira adequada (versículos 4 e 5), etc. Segundo o capítulo 4. 11, 12, ele deu esse tipo

de instrução em todas as áreas (negócios, relacionamentos interpessoais, etc.). Muito mais poderia ser mencionado.

Mas para mostrar que isto aconteceu *também* em outros lugares (e não somente em Tessalônica), consideremos o ensino de Paulo em Creta, onde a igreja ainda não tinha sido formalmente organizada. Considere Tito 2.14; 3.14 – todo tipo de boas obras em todas as áreas deveriam ser ensinadas à igreja.

O novo convertido não deve ser ignorado, pois já se converteu. Nesta etapa inicial quando ele deseja e está pronto para aprender, quando ele está pronto para mudanças e realmente *espera esta mudança* – não devemos desapontá-lo com nossa abordagem adiada e medíocre. Enquanto ele ainda está aquecido "primeiro amor", devemos começar a aconselhá-lo seriamente a respeito de todas as áreas de sua vida. Ele precisa saber (e nós precisamos mostrá-lo) que ele pode ser diferente em *todos* os aspectos da vida. Devemos confrontá-lo com Efésios 4.17 (ou outro texto equivalente) e passar a ajudá-lo de acordo com um plano e programa completos e compreensivos.

Em vez disto, entretanto, costumamos esperar até que os problemas apareçam. Quando as rodas começam a emperrar, é que decidimos usar graxa nelas. Mas quando isto acontece elas já estão suficientemente enferrujadas, o que torna muito difícil a solução dos problemas. Paulo queria prevenir esta ferrugem.

No batismo de João, vários tipos de pessoas se arrependiam e eram batizadas. Isto era tudo? Não. Eles mesmos sentiam a necessidade de algo mais – a necessidade de mudança para uma vida condizente com o seu arrependimento – e por isso eles perguntavam "o que faremos?". João lhes respondia – com detalhes específicos que diziam respeito às circunstâncias de cada um, fosse ele soldado, coletor de impostos, etc. (Cf. Lc 3. 10-14). Desde o início, eles sabiam que suas vidas, como um todo, deveriam ser diferentes por causa de Cristo. E ele lhes disse o que fazer; João não esperou dois meses (ou dois anos), até que as pessoas estivessem metidas em

muitos problemas! Voltar-se dos ídolos para servir ao Deus vivo implica muitas mudanças em muitas coisas particulares – quer sejam estes ídolos imagens de madeira e metal ou casas ou automóveis! Muitos novos hábitos devem aprendidos.

Os termos da Grande Comissão também apontam para isto (Mt 28. 18-20). Trata-se de uma comissão educadora. Considere o millieu educacional: "...fazei discípulos" (e estudantes) ... "ensinando-os...". Não se trata apenas de conversão; o que temos aqui é um discipulado.

Se Cristo quer dizer alguma coisa nesta passagem, é que a igreja é uma agência educadora. A igreja é uma escola. Os alunos se matriculam por meio do batismo (esta palavra significa, literalmente, "unir-se" ou "juntar-se"),[1] aprendem dele (Mt 11.29) desde aquele dia em diante, e espera-se que traduzam sua verdade na vida prática ("ensinando-os *a observar*"). Os convertidos vêm à escola de Cristo (à igreja) precisamente por esta razão: *aprender a fazer "tudo" que Ele ordenou.* Isto tem a ver com o todo da vida do crente: o currículo é explícito.[2] Trata-se de uma educação vital – não meramente para a excelência acadêmica!

Naturalmente, nem tudo pode ser ensinado de uma só vez. O novo convertido perceberá o propósito da escola à qual ele se uniu e deve estar atento ao currículo. Ele também deve perceber que a mudança total deve *começar* com o primeiro passo.

O curso de novos membros deve ser ministrado imediatamente após a admissão do novo convertido na igreja. Desse modo, ele assimilará a ideia de que a educação começa (em vez de *terminar*) com a admissão na escola de Cristo. As aulas devem contemplar todas as áreas da vida, sugerindo aspectos em cada uma delas onde a mudança deve ocorrer. A partir disto, as sessões especiais de aconselhamento devem ajudar às pessoas que têm dificuldade nestas áreas.

Quantos novos convertidos já ouviram alguém lhes falar a respeito de sua vida física, por exemplo, dizer-lhes que o corpo é o templo do Espírito Santo e exortá-los a desenvolver hábitos regulares de sono? Geralmente

(tragicamente), esperamos até que a perda do sono leve a pessoa a uma séria irritabilidade (ou até mesmo alucinações) antes que possamos dizer-lhe alguma palavra a respeito disso! As famílias, geralmente, precisam falar de divórcio antes que alguém lhe sugira o aconselhamento. Por que não falar destas questões imediatamente após a conversão?

Certamente, um homem de negócios não pode conduzir os rumos de sua empresa de acordo com os princípios de Colossenses 3 *antes* de vir a conhecer a Cristo. Muito bem, então, por que não mostrar-lhe a necessidade de servir a Cristo em vez de ser um patrão ingrato? Os relacionamentos familiares de um novo convertido não podem ser cristãos antes que ele seja, então por que não falar-lhe a respeito do que a Bíblia diz sobre família?

Não há um programa estabelecido para isto; você precisa desenvolver o seu próprio programa. Uma vez que o fizer, estabeleça-o na igreja de modo que, quando você sair, o programa permaneça. Tenha dois ou três presbíteros capazes presentes nas primeiras sessões, e então transfira para eles a responsabilidade. Você não deve ignorar este assunto importante; todo o futuro dos seus novos convertidos (para não mencionar o seu próprio programa de aconselhamento), podem depender disto.

Capítulo 21

Aconselhamento e a Disciplina na Igreja

A DOUTRINA DA IGREJA

É muito importante para o aconselhamento que eu aborde mais uma vez um assunto que (embora não pareça) é novo (ou possivelmente desconhecido) para muitas igrejas; estou falando da disciplina na igreja. Infelizmente, a falha em disciplinar os membros da igreja soma-se a retirar ao prejuízo de retirar deles o privilégio de serem confrontados pelos outros crentes e pela igreja, quando erram na doutrina ou na vida. Este direito lhes foi dado por Cristo; não podemos privá-los disto.

Muitos cristãos que pensam estar fazendo tudo que podem para resolverem seus problemas ainda nem mesmo começaram a fazer o que Cristo deles requer. Conselheiros, portanto, devem fazer tudo que lhes estiver ao alcance para instruí-los a esse respeito.

Quando lhes dizemos isso, geralmente a reação é de surpresa. Parecem não acreditar no que estão ouvindo. Podem até mesmo protestar: "Um momento, por favor! Meu marido e eu temos tido problemas todos estes anos e eu tenho feito de tudo... *de tudo*. Não há *nada mais* a fazer. Eu até procurei um bom amigo cristão (ou até mesmo o pastor) e perguntei se ele identificava algo a mais que eu pudesse fazer. Ele entendeu que eu já tinha feito tudo que me era possível fazer."

Em resposta, eu sempre digo, "Se você é uma cristã, se seu marido também é um cristão, há *sempre* uma maneira de resolver o problema entre vocês dois. Vocês nunca estarão sem recursos".

A resposta ao problema não se encontra no misticismo. Não se trata de simplesmente dizer, "Bem, deixarei tudo nas mãos de Deus e esperarei que ele faça o melhor. Afinal, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito". Este verso é um conforto maravilhoso. E há vezes em que dizemos: "Bem, nada mais pode ser feito a respeito dessa situação". Mas não é hora de dizer isto quando dois cristãos estão envolvidos num relacionamento que já azedou. A única situação em que se pode dizer isto é quando um *descrente* e um crente estão envolvidos num impasse (Rm 12.18).

Mateus 18.15,16, 17 nos dá uma importante dica sobre como resolver problemas que parecem insolúveis. Esta é uma área negligenciada, mas temos aqui uma porção extremamente valiosa da Palavra de Deus para entendermos. A passagem trata da disciplina na igreja. "Disciplina na igreja?!" Sim, disciplina na igreja. "Oh, não! Disciplina é somente uma forma de se livrar das pessoas problemáticas na igreja". Esta é uma resposta que muitas pessoas nos dão. Se é isto que a disciplina na igreja significa para você, ou se é isto que significa para sua congregação, então você viu uma forma distorcida de disciplina.

O objetivo da disciplina não é livrar-se de ninguém. Em cada ponto, assim como no todo do processo, o interesse da disciplina da igreja é reconciliação.

Vamos dar uma olhada mais profunda na passagem. Há três passos para a disciplina na igreja.

Primeiro: o verso 15 diz: "Se teu irmão pecar *contra ti*, vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão".

Algumas vezes, mas raramente, alguns cristãos fazem isto. A maioria dos problemas que temos com as outras pessoas, problemas que se arrastam por semanas e até anos, poderiam ser resolvidos se nós, simplesmente, puséssemos em prática o que nos diz esse primeiro passo. O consulente que sofreu agressão de um irmão, deve ir a este com os fatos e os dados e enfrentar seu irmão com o problema, de modo simples, direto, confiante.

Mas não deve ir com espírito involuntário, nem para reprimir o irmão. Deve ir para resolver o problema. É tarefa dos conselheiros advertirem sobre atitudes erradas no momento do confronto.

Muitas vezes os problemas deixam de ser resolvidos porque não falamos sobre eles com as pessoas a quem devemos falar. É possível que a pessoa nem saiba que nos ofendeu. Ela não sabe que pisou no seu pé. Por causa disto, a pessoas não vem a nós. Não acontece a reconciliação. Permanecemos ali, de braços cruzados, dizendo: "Bem, ele tem que me procurar", mas talvez esta pessoa nem saiba que existe um problema.

É obrigação da parte ofendida ir até o ofensor, assim como o é do ofensor procurar o ofendido, quando tiver consciência do que fez. Este é o primeiro passo que vemos no verso 15. "Vá até ele e o repreenda", mas note – "entre ti e ele só". Você não deve admoestar o irmão na presença da igreja, ou de todos os seus amigos e vizinhos. Não o deixe falar de outras pessoas na ausência delas. Antes, diga: "Vá até *ele* e fale o que está pensando". Mantenha os fatos em sigilo, assim como foi a ofensa inicialmente.

E o propósito de ir até o irmão é mencionado em quase todo o verso. Ele quer que o outro reconheça o próprio pecado ou que resolva mal entendidos. Ele quer o outro *ouça* o que ele tem a dizer, a fim de que os dois possam ser reconciliados novamente. É dito: "se ele te *ouvir,* ganhaste teu irmão".

É isto que Deus quer; ele não deseja se livrar de ninguém. O primeiro passo para a disciplina na igreja, portanto, é algo informal, que qualquer irmão na igreja pode dar. Este passo tem um objetivo e propósito principais: ganhar o irmão.

O consulente pode perguntar: "Mas, você está dizendo que posso fazer isto com meu marido (ou esposa), ou meus pais, ou filhos?" O conselheiro responderá: "Sim, estou. Se há algum irmão ou irmã com quem você seja incapaz de tratar de problemas de outra maneira, você deve ir até essa pessoa e conversar com ela sobre o que está errado. Se o problema persiste

separando vocês, você precisa resolver primeiro esses assuntos, indo até aquela pessoa para conversar".

"Mas eu devo ser submissa ao meu marido". Ou "Devo ser submisso aos meus pais, não posso ir até ele e *reprová-los,* posso?" Naturalmente que pode. Submissão e repreensão são dois assuntos completamente separados e distintos. A repreensão não é, em absoluto, inconsistente com a submissão. Submissão não tem a ver somente com o *que* você faz, mas *como* o faz. Se você procura a pessoa da maneira correta, com submissão, reconhecendo a natureza do relacionamento que há entre você e seus pais, ou entre você e seu marido, você pode repreender essa pessoa, sim. Lembre-se que Natã repreendeu a Davi. Ele foi capaz de repreender o *rei,* a despeito da autoridade que Davi tinha sobre ele como rei. Nenhuma autoridade é ilimitada. Autoridade na Bíblia é limitada pela própria Bíblia.

E assim, o consulente deve ir até a pessoa com um espírito submisso, reconhecendo sua relação de autoridade com aquela pessoa. Ele deve estar certo de que realmente está buscando ganhar o irmão. Deve buscar a reconciliação. Se esta for a atitude, ele poderá falar sobre qualquer coisa que esteja errada entre eles.

Temos falado sobre valores, privilégios e do direito à disciplina na igreja. Todo crente em Jesus Cristo tem direito a ser disciplinado. Consulentes podem dizer: "Esse é o tipo de direito sem o qual posso passar muito bem". Mas, não. Não podem. A disciplina da igreja é extremamente importante.

Disciplina não é um processo no qual Deus se livra de pessoas problemáticas na igreja, como muitas pessoas pensam, embora isso possa acontecer eventualmente. Mas este não é o propósito. O propósito da disciplina na igreja é trazer as pessoas de volta ao Senhor e promover condições de reconciliação entre irmãos.

Jesus diz que se dois irmãos tem problemas de relacionamento, eles devem procurar um ao outro. Este é o primeiro passo sobre o qual falamos – Jesus não diz para esperarmos o irmão vir a nós. Naturalmente, o ofensor tem obrigação de vir se reconhecer seu pecado. Mas a parte ofendida

sempre tem que ir ao seu irmão. Ele é a parte que está ciente da ofensa desde o início, foi ele que teve o pé pisoteado. A parte ofendida é, por causa disto, sempre obrigada a procurar a outra parte.

Ele pode dizer: "Bem, isto não me parece justo. O ofensor deveria procurar o ofendido". Naturalmente ele deveria, mas suponha que ele não saiba que ofendeu você. Nesse caso, nada aconteceria. E semana após semana, ano após ano, as pessoas continuam com amargura e tristeza em relação às outras, simplesmente porque a pessoa ofendida peca também, não procurando o ofensor. Peca por não seguir a instrução do verso 15, que diz: "Se teu irmão pecar contra ti; você que se sentiu ofendido, vá e repreenda-o em particular. E se ele te ouvir, ganhaste teu irmão". Não ir, é pecado.

Este, naturalmente, é o propósito da disciplina na igreja, trazer de volta a paz – relações pacíficas, comunicação pacífica, amizade pacífica entre os irmãos. Eles devem viver em paz uns com os outros.

Mas, suponha que o ofensor não deu ouvidos quando a parte ofendida o procurou. Suponha que ele ficou ainda mais irado. Suponha que ele tenha dito: "Veja bem, estou cheio de tudo isso. Você já veio me procurar cinco ou seis vezes. Não quero fazer nada a respeito. Isso é tudo. Não me procure mais". O que você diria a essa pessoa?

Primeiro, certifique-se de que o primeiro recurso se esgotou. Quando o ofensor diz: "Não me procure mais", vá para o verso 16: "Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça".

Tudo certo. Nesse caso, o irmão ofendido leva consigo dois árbitros. Estes se posicionam diante dos dois. Eles se tornam conselheiros. Eles farão o máximo possível para observarem de modo neutro, com o interesse de trazer as partes interessadas, como parte de Corpo de Cristo, à reconciliação.

Em outras palavras, Jesus diz: "Não desista se você falhou. Procure um ancião, o pastor. Leve-os com você. E vocês três, ou quatro, sentarão e conversarão sobre o assunto e orarão sobre isso. Este é o segundo passo".

É raro que o segundo passo seja necessário depois de se praticar o primeiro. Mas há casos em que o primeiro tem de ser tomado após o primeiro. Não há opção. Não se pode dizer: "Oh, ele não vai dar atenção às testemunhas". Ou "Ele ficará mais irado ainda". Não temos o direito de pensar assim. Não fazemos ideia de como Deus está trabalhando. Nem tudo depende do irmão. Quando ele diz: "Bem, é por isto que eu não tentei", ele está fazendo um julgamento precipitado da situação, mas não tem direito de o fazer.

Jesus trabalha exatamente da maneira que nos disse que faria. De fato, ao fim desta seção ele diz: "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles". Isto não é um estímulo ou garantia para reuniões de pequenos grupos. Jesus não está falando sobre reuniões de oração. O assunto aqui é disciplina na igreja. Jesus promete estar presente na disciplina, de uma maneira especial, operando durante o processo. O conselheiro pode dizer: "Se você deixar as coisas como estão entre vocês dois, a amargura e o ressentimento crescerão, bem como as diferenças, o problema entre vocês dois e o relacionamento de vocês se tornará cada vez mais amargo (no casamento, no lar, nos relacionamentos pessoais na igreja, ou quaisquer outros), não diga-me que você já fez tudo que era possível fazer! Você me diz que a outra pessoa não responderá adequadamente e isto tornará as coisas ainda piores do que já estão? Você não pode ter certeza disso. Cristo pode mudá-lo. E, mesmo que as coisas piorem, você deve seguir a instrução de Jesus Cristo, de qualquer maneira. Você deve fazer o que ele ordenou. Você deve ir".

Bem, o que acontecerá se ele não ouvir as testemunhas? Suponha que eles voltem quatro ou cinco vezes, e ele finalmente diga: "Olha, já estou cheio de tudo isso. Saiam daqui e não voltem mais!" O verso 17 nos mostra o terceiro passo que Cristo ensina na disciplina na igreja: "E, se ele não os atender [ou seja, os árbitros, os conselheiros que você trouxe a ele], dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano". O que isto significa?

Bem, se ele recusou a ouvir você em particular, recusou-se a ouvir os conselheiros que você levou consigo, resta a você trazer o caso para uma instância oficial, diante dos anciãos da igreja. Estes devem ordená-lo em Nome de Jesus Cristo que se reconcilie. Este poder e autoridade conferidos por Cristo devem ser exercidos com amor, mas também com firmeza.

Finalmente, se ele recusar-se ouvir até mesmo a igreja, esta o excomungará, não pelo pecado particular que ele cometeu, mas por sua arrogância, sua recusa de se submeter à autoridade de Jesus Cristo, exercida por sua igreja. Assim, eles o excomungarão. Será expulso da igreja, posto do lado de fora, onde os gentios (as nações) e os publicanos que tinham sido excomungados estavam. Ainda assim, a ideia não é livrar-se dele. Até mesmo nesse caso (como aquele homem em Corinto) sua excomunhão tem como objetivo levar ao arrependimento.

Em 2Coríntios 2.6-8, depois que o homem arrependeu-se, Paulo disse: "De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza. Pelo que vos rogo que confirmeis[353] para com ele o vosso amor e o perdoeis.[354] A igreja não apenas deve ser rápida em excomungar o irmão impenitente, que se recusa a dar ouvidos à autoridade de Cristo (após muitas tentativas de reconciliação), como também deve apressar-se mais ainda em trazê-lo de volta à comunhão, tendo ele demonstrado arrependimento do pecado cometido.

De modo que temos aqui um maravilhoso processo que nos é dado por Jesus Cristo. Se você nunca usou este processo, comece agora. Use os princípios da Palavra de Deus que nos tem sido dados. De outra sorte, você não aconselhará adequadamente.

Disciplina, quando exercida, deve ser reconhecida e apoiada por outros pastores e igrejas. Tipicamente, nos casos raros em que uma igreja *pratica* a disciplina, ela é atacada por outras congregações (em tais casos, o

353 A palavra aqui é um termo legal. Ele fala de uma reafirmação legal no corpo. Um relato escrito deve ser feito, dano o assunto por encerrado.

354 Se os membros se recusam a perdoar, murmuram sobre ele ou o relegam ao ostracismo, eles também estão sujeitos à disciplina.

pastor e os anciãos da igreja que disciplinou devem requerer uma reunião com o pastor e a liderança da igreja que atacou e confrontá-los sobre o assunto).[355] A pessoa disciplinada pode simplesmente correr para a próxima igreja evangélica que encontrar, onde será recebida – onde nada lhe será perguntado – de braços abertos. A prática está errada, trata-se de um uma derrota que a pessoa está impondo sobre si mesma, uma desgraça para Cristo, e deve ser remediada.

Em vez disto, o pastor da segunda igreja deveria tentar levar a pessoa disciplinada ao arrependimento e enviá-lo de volta à sua igreja de origem (ele pode querer *tomá-lo* de volta). Ele deve anunciar sua política em relação à ovelha desgarrada ou disciplinada: "Tentamos ajudar as ovelhas com dificuldades (que não sejam dificuldades doutrinárias) em seu próprio grupo a trabalharem estas dificuldades com seus pastores e com outras ovelhas. Como posso ajudar você?"[356]

Como é vital para muitos pastores fieis à Bíblia, desenvolverem em sua comunidade (como alguns tem feito) políticas e procedimentos para o tratamento de ovelhas disciplinadas e que se afastam da igreja (um problema muito frequente). Esta é a *única* maneira da disciplina na igreja funcionar. A igreja que receber uma ovelha disciplinada não deve fazer barganha; ele está recebendo um Jonas a bordo e só pode esperar pela tempestade.

Se você não sabe como realizar certas políticas e procedimentos, você pode fazer duas coisas: (1) levar o assunto para a reunião ministerial evangélica local; (2) visitar individualmente outros pastores que podem desejar participar de uma associação. Uma forma de conseguir isto é ler esta seção do capítulo para discussão. Este é um lugar onde o verdadeiro ecumenismo bíblico pode ser mostrado; um lugar (a despeito das diferenças) onde os irmãos podem trabalhar juntos em prol do ministério de cada um.

---

355 É possível que a pessoa disciplinada não aceite a repreensão. Semelhantemente, eles também necessitam de confrontação por causa de suas práticas pobres. Entre igrejas da mesma denominação, deve haver meios de recurso. Se a conversa com os oficiais de uma igreja de outra denominação não der resultado, toda tentativa deve ser feita para encerrar a discussão. Em tais casos, eles devem ser tratados como (um julgamento funcional) uma não-igreja.

356 Não há problema em se levar a ovelha para longe de um lobo em pele de ovelha.

Se você não está seguro a respeito do ministério de outra igreja, você (ou você e os anciãos) pode ir com a ovelha que se desgarrou para ver se o problema *pode* ser resolvido (ao fazer assim você descobrirá que não sabia. E, você terá uma oportunidade de influenciar o outro pastor e sua equipe) com a outra congregação. Eles não podem impedir que você lhes traga de volta uma ovelha desgarrada ou que se arrependeu e foi disciplinada. Se eles o fizerem, é mais um aprendizado para você. Tais circunstâncias podem ajudar a outras congregações fracas ou (o que é igualmente importante) a descobrir que a congregação basicamente não deseja realizar um ministério bíblico (em tais casos, se você não puder influenciar, bata o pó das sandálias e leve a ovelha de volta com você para a nova casa onde ele deverá ser recebida).

"Mas você está julgando as pessoas; penso que não deveríamos fazer isto", alguns objetarão quando ouvem acerca do exercício da disciplina na igreja. A objeção é quase inevitável. Nossa resposta é: "Sim e não. Estou julgando como Cristo ensinou a fazer, mas não da maneira que ele proibiu". Não se trata do julgamento errôneo (após o processo correto de disciplina) para excomungar o outro e tratá-lo como gentio. Não se deve chamar o irmão de gentio; simplesmente deve-se dizer que "Ele está agindo como um gentio – recusando-se a colocar-se sob a autoridade de Cristo; assim, será tratado *como* um gentio". É isto que Cristo nos ensinou a fazer em Mateus 18. Não fazemos julgamento sobre a condição do coração do irmão; os homens conseguem olhar apenas a aparência externa – somente Deus vê o coração. O que fazemos é um simples *julgamento funcional.* A congregação deve se relacionar com ele de alguma forma; Cristo nos ordenou que o tratássemos com um gentio, se ele se recusasse a ouvir a igreja, agindo como um gentio.

Uma precaução. É muito importante aos pastores e a outros exercerem extremo cuidado ao lançarem acusações e evidências no confronto pessoal. Qualificações são importantes; o emprego das palavras exatas pode ser crucial. Meias verdades, murmurações, evidências indiretas, conclusões precipitadas – tudo isto deve ser evitado. Testemunho (se a pessoa deseja

corroborar sua acusação) é admissível, mas para isto são necessárias pelo menos duas testemunhas. Em amor (1Co 13 diz, "tudo crê, tudo espera") a melhor construção deve ser colocada em palavras e ações até que uma evidência maior demande outro procedimento. Cuidado na disciplina da igreja é essencial.

Capítulo 22

Aconselhamento e as Obras de Misericórdia

A DOUTRINA DA IGREJA

A obra de misericórdia na igreja de Cristo é a continuação da "boa obra" do Senhor. Mas, infelizmente, esta mesma obra tem sido negligenciada por muitas igrejas praticantes das Escrituras e raramente reconhecida pelas demais. Em temos de seguro social, seguro de vida, seguro médico, etc., a tendência é dizer, "Isto é trabalho do governo". Entretanto, o governo e as instituições pagãs não podem realizar a obra que Deus confiou à igreja para fazer. Pensar que quaisquer agências podem de fato substituir a igreja na realização desta tarefa é um grande equívoco. O gesto de oferecer um copo d'água em nome de Cristo (o que significa ser acompanhado pelo ministério da Palavra) jamais pode ser substituído por um copo d'água oferecido em nome do governo! Viúvas e órfãos devem receber cuidados ("visitar" significa cuidar).[357] É nossa obrigação "fazer o bem a todos [incluindo os descrentes], mas especialmente aos da família da fé [crentes]", diz o apóstolo Paulo em Gálatas 6.10. É a respeito deste ministério diaconal aos que pertencem à família da fé (cf. At 6) que desejo falar com brevidade neste capítulo, totalmente insuficiente (a relação deste assunto com a prática do aconselhamento, bem que merece um livro inteiro). Nunca haverá necessidade de um membro da igreja de Cristo tornar-se um agente social.

O conselheiro cristão enfrentará constantemente casos difíceis de uma espécie ou outra (nem todos os problemas são necessariamente de ordem financeira) ao tratar dos problemas das pessoas. Vez por outra esses

357 A respeito disto, ver *Shepherding God's Flock*, vol. I, cap. 11. P. 75-84.

problemas lhes são trazidos pelos consulentes. É o caso da mãe que necessita de ajuda para lidar com seus filhos, é o novo convertido precisa de auxílio para largar o vício da heroína, é a família que enfrenta a ruína financeira; há casos em que há necessidade de mudança de emprego. No curso de um dia comum de aconselhamento, pelo menos um ou dois problemas semelhantes a estes, surgirão. O que fará o conselheiro pastoral? Estaria ele limitado aos próprios recursos, ou pode lançar mão de serviços sociais pagãos? De modo nenhum. Ele tem os recursos de toda a igreja, em geral (cf. vol. II, *Shepherding God's Flock,* "Mutual Ministry") e (2) o diaconato (o corpo diaconal), em particular, a quem recorrer. Há, potencialmente uma riqueza de recursos no corpo da igreja (infelizmente esses recursos não são devidamente aproveitados na maioria das congregações) aos quais podemos recorrer.

Mas, note, não se deve recorrer à igreja sem necessidade real. Por exemplo, no caso de necessidade financeira, se a família ou o indivíduo deve (e pode) fazer algo para amenizar o problema, não convém pedir que a igreja faça o que não lhe compete. Quando a igreja faz algo que é dever da família ou do indivíduo, ela incorre em mau aconselhamento – termina por encorajar o parasitismo. Deus diz que se um pessoa (em plenas condições de saúde) não quer trabalhar, que não coma (2Ts 3.10). Esta política foi seguida na igreja primitiva, até mesmo em relação às viúvas (cf. 1Tm 5.3-16). Se a família de uma viúva possuísse condições de trabalho, os membros dessa família deveriam ser encorajados a assim fazerem, para suprir a necessidade. A igreja não deve ser sobrecarregada desnecessariamente. Se a própria viúva pudesse conseguir um emprego ou casar novamente, que o fizesse. Note (v. 10), somente os que ajudam é que devem ser ajudados. (Esta regra deveria ser suspensa em caso de arrependimento?) Claramente havia condições a serem cumpridas, a fim de que a pessoa pudesse receber auxílio – e estamos falando de regras estritas. Não se deveria dar dinheiro indiscriminadamente. Mas havia casos de genuína necessidade envolvendo prisioneiros, viúvas, órfãos, doentes e outros que não podiam prover o

próprio sustento, nem encontrá-lo alhures. Nesses casos, a igreja deveria suprir as necessidades daquelas pessoas.

Tenho falado de necessidade financeira. O conselheiro não deve ignorar problemas de ordem financeira, mas deve pensar em termos mais abrangentes (com base em Gl 6.10). Ele tem contato com toda sorte de problemas em seu gabinete de aconselhamento; não apenas problemas de ordem financeira. E há muitas coisas que se pode pedir que os membros da congregação façam, além da junta diaconal, cuja função específica é oferecer ajuda aos necessitados. (De fato, o trabalho dos membros da igreja deve ser coordenado com o dos diáconos: os pastores devem pedir aos seus diáconos para que organizem as pessoas para o trabalho. Então, o pastor simplesmente pedirá aos diáconos a lista de pessoas dispostas e em condições de servir, recrutará essas pessoas e as treinará para operarem nas muitas áreas de necessidade da igreja.)

Mas como o pastor saberá quando deve recorrer à ajuda de outros? Sempre que surgir algo no aconselhamento que (se ele busca isso) exija dele ter que deixar o trabalho direto da oração e ministério da Palavra, para ministrar em outra área, ele deve pedir ajuda (cf. At 6.2,4). O diaconato dispõe de uma gama de meios e maneiras de realizar todas as tarefas temporais delegadas pelos presbíteros. Os diáconos suprem necessidades por meio da organização e implementação de programas e políticas dos presbíteros. Em termos gerais, qualquer coisa que pudesse tirar os presbíteros de suas obrigações essenciais, deverá ser delegada aos diáconos.

Se, na sessão de aconselhamento, ficar claro que João necessita que alguém lhe mostre como encontrar emprego, o pastor deve solicitar aos diáconos que auxiliem João com isto. É errado ao pastor (além da obrigação de ensinar os princípios bíblicos e de mostrar como cada um destes princípios se aplicam à sua vida) gastar seu tempo tendo que mostrar ao irmão, por exemplo, como elaborar seus currículo, como se apresentar na entrevista de emprego, onde ir, etc. se ele tem diáconos (ou se sabe de outras pessoas na congregação) que podem fazer isto tão bem quanto o pastor – ou até melhor. Não se trata de ser ele "diminuído" por esse tipo de trabalho; tra-

ta-se de concentrar-se nas funções que lhe foram confiadas por Cristo e da necessidade do pastor aprender a delegar (como os apóstolos fizeram em At 6) de modo que todos os membros possam compartilhar as bênçãos de ajudar uns aos outros pelo exercício de seus dons. Se uma nova convertida está em dúvida sobre as muitas formas particulares pelas quais ela pode comunicar sua nova fé à sua família, o pastor pode designar uma irmã madura (talvez solicitado pelos diáconos – mas não necessariamente) para ajudá-lo (cf. Tt 2.3-5).

Finalmente, deixe-me notar que Lucas indica (em At 6) que pessoas especiais (com muita sabedoria, Helenistas servindo Helenistas), espiritualmente qualificadas, foram escolhidas com grande cuidado para realizar o trabalho de misericórdia. O trabalho não será realizado por qualquer um; nem o será por aqueles que são qualificados em dada área. Cuidado e sabedoria na seleção da equipe de auxílio são essenciais. Além disto, políticas alternativas foram estabelecidas e formalmente executadas pela igreja – note: (1) foram feitas listas das pessoas que preenchiam o perfil de quem deveria receber auxílio social, (2) investigações eram feitas, entre as várias pessoas, para qualificar somente as que (3) preenchiam todos os critérios (cf. 1Tm 5.3-16). Tudo era feito na mais perfeita ordem.

Conselheiros, que tem o privilégio de fazer uso deste grande programa como um adjunto ao ministério de aconselhamento, não devem hesitar em fazê-lo. Mas não podem abusar do programa, nem permitir que outros o façam. Devem fazer uso dele com cautela e cuidado. Ao encorajar e manter essa abordagem de estratégia empresarial (no *bom* sentido da expressão, claro), eles fortalecerão o trabalho do diaconato (que tem sido muito ineficaz) trazendo grandes bênçãos a muitos, enquanto – ao mesmo tempo – colhendo muitos benefícios para o aconselhamento.

A Doutrina das coisas futuras

Capítulo 23

Aconselhamento, Morte e Pessoas à Beira da Morte

A DOUTRINA DAS COISAS FUTURAS

"E assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez..." todos os seres humanos, com exceção dos crentes vivos ao tempo da segunda vinda de Cristo, morrerão. Esta é a razão principal do grande interesse das pessoas no assunto morte. Não é de se admirar, portanto, que o movimento pseudocientífico de tanatologia, associado à Elizabeth Kubler Ross, Reymond Moody e Robert Monroe tenha atraído tanta atenção. O conselheiro cristão deve analisar este movimento na perspectiva de (1) responder às perguntas dos consulentes, (2) advertir as pessoas que estão sendo influenciadas por esse movimento e (3) desenvolver sua própria abordagem bíblica desses assuntos.

Os três - Kubler Ross, Moody e Monroe - estão profundamente ligados. A obra original de Kubler Ross se desenvolve na área de pessoas à beira da morte; Moody investigou relatos de experiências de pessoas declaradas clinicamente mortas (e que reviveram) e de pessoas que viveram experiências muito próximas da morte. Monroe envolveu-se com experiências extracorpóreas e espiritismo, no qual também Kubler Ross e Moody se envolveram recentemente. (Kubler Ross afirma ter seu próprio "guia espiritual", cujo nome é "Salem"; ela afirma ter experimentado, pelo menos, duas viagens fora do corpo. Moody afirma possuir algum tipo de revelação direta, e Monroe, supostamente, aprendeu sua técnica de indução à via-

gens extracorpóreas diretamente dos espíritos).[358] Os três têm obras publicadas:

Kubler Ross, *Death and Dying in Death: The Final Stage of Growth;*

Moody, *Life After Life;*

Monroe, *Journeys Out Of The Body.*

Não pretendo simplesmente repetir minha obra básica a respeito da morte, aconselhamento de pessoas à beira da morte e do ministério às pessoas em grande e profunda tristeza que se encontram na obra *The Big Umbrella* ("A tristeza como uma oportunidade para o aconselhamento") e *Shepherding God's Flock*, volume 1 ("visitando pessoas que se encontram à beira da morte"), páginas 128 a 134. Nestas páginas, discuto a esperança básica do cristão encontrada em 1Coríntios 15 e Filipenses 1, a distinção entre a maneira que cristãos e não-cristãos enfrentam a morte (1Ts 4) – uma distinção absolutamente crucial ignorada por Lindemann, Kaplan e outros do movimento "great-work"[359] (confira o meu livro *Coping With Counseling Crisis).* A falácia e paganismo da hipótese deste movimento é demonstrada e se apresenta ali também um padrão alternativo para o aconselhamento a partir de pressupostos bíblicos (que não minimiza ou ignora importantes problemas como pecado, arrependimento e perdão). A importância da crença ou das crenças do conselheiro a respeito da morte, bem como de suas atitudes em relação à ela também é discutida. Todas estas questões – e muito mais – nascem das três referências mencionadas acima. Embora eu considere este material vital para o aconselhamento bem sucedido, não penso que seria proveitoso simplesmente repeti-lo aqui. Pressuponho (portanto) que o leitor tenha conhecimento destes livros como um pano de fundo para o presente capítulo.

358 Cf. o artigo, "Thanatology: Death and Dying," em *The Journal of Pastoral Practice.*

359 A distinção também é ignorada por Kubler-Ross que vê os mesmos "estágios" (*negação,* levando eventualmente à *aceitação*) presentes em *todos* os pacientes terminais.

Kubler Ross e Moody (Monroe é bem menos conhecido) têm demonstrado bastante interesse no assunto de morte e pessoas à beira da morte, mas suas conclusões não devem ser aceitas pelos cristãos, por um número de razões (algumas das quais passo a listar).

1. Eles fazem afirmações sobre experiências relatadas e envolvimentos pessoais dos quais se pode inferir que todas as pessoas (quer sejam cristãs ou não) encontram na morte uma experiência muito agradável. Presume-se que todos vão para o céu. O pecado é amenizado (atos pecaminosos são encarados de maneira jocosa) – todas as pessoas se encontram muito tranquilas e confortáveis, e são saudadas pelo "ser de luz" cujo amor e aceitação permeia todas as coisas.[360] O ensino das Escrituras a respeito do inferno, do céu, do julgamento, etc.; são minados por este movimento.[361]

2. Sua evidência é suspeita. Kubler Ross desenvolve um modelo de observação de pessoas à beira da morte que não descrimina como os cristãos genuínos enfrentam a morte (à luz de Hb 2.14, 15; 1Co 15.54-57; Fp 1.21-24) e como os não-cristãos enfrentam a mesma experiência. Uma vez que ela não dá qualquer evidência de fé cristã (antes, pelo contrário, parece fazer um misto com o espiritismo), a distinção não deve ser tomada com seriedade (confira 1Co 2; à luz do versículo 15, ela não saberia nem mesmo como identificar um cristão).

3. Sabemos que Kubler Ross, Moody e Monroe têm envolvimento com espiritismo, contrário às proibições biblicamente expressas (Deuteronômio 18:9-14). Por conta disso, devemos ser extremamente cuidadosos de seus escritos e pontos de vista, e devemos advertir às pessoas dos perigos inerentes de suas práticas.

360 Cf. Raymond Moody, *Life After Life* (New York: Bantam Books, 1975), p. 59-63, 97, 98.

361 Moody escreve: "Assim, na maioria dos casos, o modelo recompensa-punição após a morte é abandonado e desaprovado até mesmo para muitos acostumados a pensarem nestes termos" (ibid., p.97).

4. Embora protestem contra a negação da morte e contra aqueles que evitam os fatos e realidades da morte, Kubler Ross e companhia estão levando seus seguidores à um outro tipo de negação – aceitação de uma espécie de universalismo que não faz qualquer distinção entre cristãos e não-cristãos a respeito da vida após a morte, e que encontra nos relatos por ele publicados grande esperança e conforto para todas as pessoas fora de Jesus Cristo. Mas de maneira nenhuma cristãos, que possuem uma revelação direta de Deus na Bíblia, aceitariam um ponto de vista que rejeita e contradiz essa revelação. Sabemos que nem todas as pessoas entram na morte com alegria, como implica o livro de Moody. Por isso, devemos concluir que se as experiências relatadas forem verdadeiras (não forjadas, manipuladas ou exageradas – e sendo que não há fontes documentais apresentadas por Moody, não podemos saber), elas realmente não estão falando de morte. Claramente as pessoas que Moody entrevistou estavam vivas – elas não estavam mortas e nunca estiveram. A ciência não possui uma versão universalmente aceita sobre a morte, portanto é impossível dizer que qualquer uma dessas pessoas tenha realmente morrido. Da perspectiva cristã, devemos dizer que elas não morreram. Moody estava entrevistando pessoas que tiveram ou que experimentaram um estado de inconsciência que (provavelmente) viveram alucinação. Períodos de alucinação podem levar à experiências extracorpóreas. Boa parte das sensações agradáveis associadas à tais experiências podem ter como causa mecanismos de adaptação do próprio corpo que ajudam a lidar com dores extremas (E.G., recentemente um anestésico de endorfina produzida pelo próprio corpo tem sido estudado. Quem sabe que outros fatores corporais – mesmo desconhecidos – podem surgir futuramente?).

5. Este conceito de uma experiência gloriosa, agradável e sem dor após a morte – sem nenhum julgamento – onde todos (absolutamente todos) encontram aceitação e amor poderiam muito bem estabele-

cer as bases da justificação da eutanásia (por que deixar que pessoas sofram aqui quando elas podem ser libertas desse sofrimento e gozar a bênção com o "ser de luz"?).

O assunto do julgamento – incluindo a discussão de recompensas e punição – é tão importante para o aconselhamento que dedicaremos o próximo capítulo inteiro a ele.

Em suma, podemos dizer que o movimento de tanatologia tenta retirar o aguilhão da morte sem a cruz de Cristo, onde (e somente) pode ser encontrada a morte da morte. Sem outros dados exigidos, sabemos (*a priori*) a partir das Escrituras que não se pode fazer isto e nem tentar fazê-lo. Não tenho espaço aqui para sugerir outras implicações de tal ensino, quero simplesmente exortar conselheiros cristãos a evitarem e declararem oposição a este tipo de doutrina onde quer que ela apareça.[362]

O ensino cristão a respeito da morte não termina com as palavras, "e assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez...", citadas no início deste capítulo. O versículo continua, "vindo depois disto o juízo" (Hb 9.27). No mesmo livro, lemos a respeito de certa "expectação horrível de juízo e fogo vingador" direcionada aos "inimigos de Deus" (Hb 10.27). O livro de Moody está erroneamente intitulado *Life After Life*. Para muitos, haverá somente morte – a segunda morte – após a vida. A existência na eterna separação de Deus e punição não pode ser chamada de *vida*, pois não tem esse título nas Escrituras. Vida – vida eterna – é um termo qualitativo, significando as bênçãos e alegrias do viver com Deus e de servi-lo na eternidade. Mas a vida está destinada apenas às ovelhas que estão à destra de Cristo.

O assunto do julgamento – incluindo a discussão de recompensas e punições – é tão importante para o aconselhamento, que resolvi dedicar o próximo capítulo inteiramente a ele.

362 Alguns cristãos, de modo impensado, louvam o movimento de tanatologia como um retorno ao pensamento bíblico, porque o enxergam como uma confirmação da verdade da vida após a morte. Mas não é assim. A Bíblia não precisa de confirmação da parte de espíritas; deve ser aceita pela fé em sua própria palavra.

Capítulo 24

Aconselhamento e Julgamento

A DOUTRINA DAS COISAS FUTURAS

Como vimos no capítulo anterior, a Bíblia ensina que haverá um julgamento para todos, após a morte. A palavra *"Krino"* ("julgar") possui (como sua ideia fundamental) o conceito de separar (distinguir) uma coisa de outra; i.e., discriminação (ver a palavra Hebraica *taam* – discriminação). A palavra mais importante do Antigo Testamento para conceituar julgamento é *shaphat* ("julgar"), tem em sua raiz o significado da noção de retificar algo. Desse modo, o termo vem a significar uma correta avaliação. Isto parece ser o que está implícito na pergunta, "Não fará justiça o juiz de toda a terra?" (i.e., não tratará corretamente – Gn 18.25). Combinados todos estes significados, podemos afirmar com segurança, que inerente ao conceito de julgamento bíblico, está a ideia de justa avaliação, que leva a uma separação de elementos diferentes.

Algumas vezes resultados negativos se dão no uso da palavra *krino* (Jo 3.17, 18; 16.11), mas este mesmo pensamento é comunicado mais frequentemente (e mais claramente) pelo verbo composto *katakrino* (julgar contra, condenar). Alguns cristãos (erroneamente) usam a palavra *julgamento,* apenas no sentido negativo e, portanto, fazem mau uso do termo (cf. Girdlestone, *Synonyms of the O.T.,* a respeito deste ponto).[363] Quando imaginam que todas as pessoas (incluindo os cristãos) serão trazidos ao julgamento, o que resta é uma grande confusão. Estamos livres de qualquer condenação (Rm 8.1); esta é uma verdade esquecida da maioria das pesso-

363 R. B. Girdlestone, *Synonyms of the O.T.* (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), p. 251.

as. Mas é também verdade que (como disse o apóstolo Paulo ao dirigir-se aos cristãos), "pois todo compareceremos perante o tribunal de Deus (Rm 14.10). Ele declara ainda que "cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus" (v. 12). De fato, Geerhardus Vos nos diz que: "A grande maioria dos exemplos onde ocorre a ideia de um julgamento final, fala de crentes".[364]

O valor do julgamento, portanto, encontra-se em distinguir, ou separar as coisas de maneira justa. É o que vemos. As ovelhas são separadas dos bodes. Vários graus de recompensa ou punição são alocados a cada um, respectivamente. Erros são corrigidos, mesas são viradas, o nome de Deus, seu Filho e seu povo são vindicados, a justiça de Deus é proclamada. É bem verdade que alguns aspectos deste julgamento são negativos; outros, entretanto, são positivos. É o tempo da colheita, quando o trigo é separado do joio, quando os hipócritas são separados dos crentes sinceros, as boas obras separadas das obras mortas. Este é o julgamento. E as punições e recompensas são atribuidas com justiça por Aquele que é onisciente, que julga todas as coisas de acordo com seu padrão publicamente declarado, a Bíblia.

O processo de separação preliminar discriminará entre as ovelhas e os bodes (Mt 25) – os salvos e os perdidos. Aqui, a determinação final será feita na base da presença ou ausência do fruto da salvação (cf. Mt 25.34-46). Isto não significa que a salvação seja baseada em obras, mas (antes) que no dia da discriminação final, entre os que foram salvos e os que não foram, a base daquele julgamento (dos que foram salvos e dos que não foram) será as suas obras (cf. Ap 20.12). Sendo os crentes "Feitura dele, criados em Cristo Jesus *para as boas* obras" (Ef. 2.10), é perfeitamente adequado que o julgamento (a discriminação das ovelhas e dos bodes) seja feita nesta base. Tanto Paulo como Tiago declararam com muita clareza que a fé genuinamente salvadora sempre produzirá caráter e conduta que discernivelmente apropriadas á salvação (como o fruto do Espírito), e que a "fé sem obras é morta". Jesus nos ensinou ser correto discriminar entre as várias espécies de árvores a partir da observação dos frutos que produzem. Ele disse:

364 Geerhardus Vos, *Pauline Eschatology* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), p. 270.

"Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. (Mt 7.16-20). Aqui Jesus nos ensina que o princípio da discriminação é o fruto – obras – quer seja bom, quer seja mau. A árvore (o homem) é conhecida pelos seus frutos (Mt 12.33; Lc 6.44).

Note, mais uma vez, que não são as obras de uma pessoa que lhe garantem a salvação – quando julgada, a árvore já é boa – é *por causa disto* que ela produz bom fruto (os frutos que ela produz não fazem dela uma boa árvore). As obras do homem *identificam-no* como uma boa árvore, como trigo, como ovelha, como cristão. Inversamente, a árvore má, o bode, o joio, os não salvos (como uma criança) também é "conhecido pelas suas obras" (Pv 20.11). Veja Romanos 2.6-8 à luz deste princípio.

O processo de separação preliminar, no qual bodes e ovelhas serão discriminados, é seguido por um segundo processo. Este segundo julgamento tem como objetivo discriminar entre aqueles que no primeiro se mostraram cristãos e entre os que se mostraram ímpios. Para cada um deste último grupo serão atribuidos vários graus de punição, que tem a ver com a netureza de seus pecados, com o grau de iluminação de revelação que receberam, etc. Todos serão punidos etenamente, alguns (porém) mais que outros (Mt 11.21-24; Lc 12.47,48; 20.47; Rm 2.12-16). Os crentes serão chamados a compor a mesa de aplicação deste julgamento (1Co 6.12). Com base neste fato (e no fato adicional, revelado no versículo 3), eles são chamados ao exercício das disciplina na igreja, julgando questões de disputa e de comportamento entre os santos na igreja, em vez de lavarem sua roupa suja diante de descrentes nos tribunais. Ao estabelecer esta importantíssmia implicação Paulo nos mostra quão vital é a doutrina das coisas futuras para o nosso dia a dia. (Incidentalmente, este ponto em si é de grande significância para conselheiros em caso de divorcio. O crente não tem o direito de ir aos tribunais contra seu irmão – mesmo em casos de divórcio).

Mas é importante, entretanto, notar que os crentes serão julgados para atribuição de recompensas (neste julgamento, os pecados não serão mencionados – Cristo tratou deles na cruz, de uma vez por todas; Deus prometeu "deles não lembrar-se jamais"). Há um grande número de passagens bíblicas que nos ensinam a respeito destas recompensas. A intenção destas passagens é a motivação do crente.[365] Geerhardus Vos alista as seguintes referências: 1Coríntios 1.4-8; 3.8; 15.32,58; 2Coríntios 4.16; 5.10; 9.6-8; Gálatas 6.5-10; Filipenses 1.10,26; 2.16; Colossenses 1.5; 3.24; 1Tessalonicenses 3.13; 5.23; 2Tessalonicenses 1.7; 1Timóteo 2.18; 4.8; 5.25; 6.18,19; 2Timòteo 2.11; 4.4,8,14,16; e Vos comenta, "O que mais impressiona é a firmeza desta expressão".[366] Não resta dúvida quanto ao fato de que seremos recompensados. Trata-se de uma verdade pressuposta em várias passagens da Escritura.

Para que se evite qualquer mal entendido com respeito à natureza desta retribuição, é necessário dizer – esta recompensa é resultado da graça, não de mérito humano. Ainda que fizéssemos tudo que Deus requer de nós (e nenhum de nós o fará), nada teremos feito além do que deveríamos fazer. Fizemos apenas o que de nós foi esperado; nada mais. Somos "servos inúteis" (Lc 17.10). Pela expressão "servos inúteis" Cristo entende servos que nada fazem além da vocação que receberam – nenhum deles acumula méritos. Assim, uma recompensa (*misthos*), mesmo de acordo com o significado usual do termo Grego é, "pagamento por uma obra realizada" (Arndt e gingrich), neste caso é o fruto do Espírito, que não é meritório. Trata-se de um pagamento totalmente *gracioso;* Deus não nos deve absolutamente nada. Esta é a peculiaridade da recompensa bíblica.

Estas recompensas não são dadas *por causa* de nossas obras (como se as tivéssemos conquistados), mas *de acordo com* nossas obras. Deus determinou recompensar os crentes pelas obras que ele mesmo os capacitou a realizarem, puramente por sua graça. Não havia necessidaede alguma de Deus nos dar qualquer recompensa. Em sua decisão de nos recompensar,

365 Cf. a seção sobre recompensa/punição como motivação no *Manual,* p. 164-167.

366 Vos, op. Cit., p. 75, 276.

ele também determinou relacionar o grau de recompensa ao caráter e conduta.

O julgamento encontra-se inextricavelmente associado à vinda de Cristo (Cf. 2Ts 1; 2Tm 4.7,8). Esta é uma das razões pelas quais a vinda de Jesus pode ser associada a exortações de vigilância, serviço e pureza (Cl 3.4,5; Tg 5.7,8; 1Co 1.7,8; 1Jo 3.2,3; cf. também Lc 12.35,37 e passagens paralelas). Somos exortados a esperar a vinda do Senhor com alegria e antecipação. Se o servirmos fielmente, assim o poderemos aguardar. Nada há de errado com os conselheiros que orientam seus consulentes da possibilidade de serem envergonhados na vida do Senhor (1Jo 2.28) e os exortam a permanecerem alertas (1Ts 5.4-8). Estas ênfases podem ter um impacto poderoso sobre os verdadeiros cristãos. Ademais, a esperança da recompensa é firmemente estabelecida como um fator motivacional vital pela propria Escritura.

Neste ponto é importante distinguir entre o sistema de recompensa/punição (controle aversivo) encontrado hoje no behaviorismo e o sistema de recompens/punição como nos é ensinado nas Escrituras. Os dois sistemas são continuamente confundidos, ao ponto de serem rotulados como behavioristas todos os que falam de recompensa/punição (ou sobre comportamento). Isto nasce de um exame superficial dos fatos – ou de coisa pior. Há uma longa linha de diferenciação dos dois sistemas.

Deixe-me, entretanto, esboçar um contraste *essencial*. É da essência do behaviorismo skinneriano recompensar *imediatamente* o comportamento de modo a estimulá-lo. Aqui se pode ver com clareza um ponto significativo de diferença; a diferença tem a ver com recompensa como motivação. A questão que acabamos de considerar. Veremos agora como os dois focos radicalmente diferentes produzirão resultados radicalmente diferentes. O behaviorismo skinneriano emprega técnicas de treinamento animal aplicando-as aos seres humanos. Observamos aqui uma consistência com seu pressuposto de que o homem não passa de um animal. Esta técnica, como eu disse tem como objetivo reforçar um comportamento desejado, por meio de recompensas *imediatas* (afinal de contas, cães e gatos não são mo-

tivados por objetivos de longo alcance – especialmente os que virão após a morte!). A Bíblia, por outro lado, pressupõe que o homem é muito mais do que um animal. Embora o homem compartilhe certas características com alguns animais (respiração, ingestão de plantas e carne, o caminhar sobre a crosta terrestre), o homem é muiot mais do que um animal, *porque* foi criado à imagem de Deus. No jardim, antes da entrada do pecado, a advertência e esperanças que Deus lhe deu tinha em vista consequências de longo alcance. Mesmo hoje, como pecador, o homem continua a viver motivado por objetivos de longo alcance, que fortemente o estimulam.

Sendo isto uma verdade absoluta, a tentativa de treinar um ser humano com técnicas apropriadas ao animal (como se isto fosse possível),[367] levaria a um comportamento animal (no homem, criminoso): "Quero evitar toda dor imediata e conseguir todo prazer imediato que eu puder; e quero *agora*". Os objetivos de longo alcance seria sacrificados em nome de uma gratificação imediata; esta é a atitude que o treinamento behaviorista inculcaria no homem. A moralidade, especialmente a moralidade cristã, que está associada à eternidade, seria impossível.

Ao falar da dinâmica de recompensa/punição como expressa nas Escrituras (em contrate com as técnicas behavioristas), o texto de Hebreus 11 me vem à mente, especialmente os versículos 13, 24-26. O tipo de fé descrita naquele capítulo enxerga a recompensa imediata como insatisfatória. Não há motivação forte no tempo presente – as pessoas que demonstram este tipo de fé tem em vista algo melhor e maior. Elas jamais venderiam seu dia inteiro para comprarem uma única hora. Elas são virtualmente viajantes (peregrinos e forasteiros), não possuem raízes neste mundo, sua pátria encontra-se além; ainda não encontraram seu lar. Suas raízes encontram-se presas ao futuro. O mundo presente, com todas as suas dores e prazeres, não mais exerce influência dominante sobre suas vidas.

Este mundo possui uma certa entropia, claramente reconhecível, uma força deteriorante que leva tudo ao desgaste, como resultado da maldição.

367 Parece ser possível apenas em parte

Esta é a razão pela qual o mundo não nos pode oferecer uam satisfação duradoura. O cristão sabe disto e (pelos olhos da fé) vê as promessas futuras e nelas fundamenta sua vida (Hb 11.13).Como o conselheiro cristão poderia encorajar seus consulentes num nível mais baixo?[368] Quando uma pessoa sabe que sua cidadania está nos céus (e vive de modo coerente ocm esta verdade) toda sua atitude com respeito à vida é diferente. Ele pode dizer, "Muito bem, perdi aquele grande negócio! Mas foi apenas dinheiro que perdi. O que é o dinheiro, afinal? Seu valor diz respeito apenas a este mundo. De fato, eu deveria ser um bom mordomo. E tenho sido. Depois de fazer tudo que estava ao meu alcance, perdi. E daí? Não espero que dinherio nasça em árvores!" Como uma pessoa treinada nos valores skinnerianos lidaria com isto?

Ou, tomemos outro exemplo. Compare a diferença que as duas perspectivas fazem para pais que perdeiram seu único filho num acidente. Com ênfase na visão de longo alcance e no que é eterno, o conselheiro cristão pode apontar para além da visão de alcance imediato, para o brilho da luz ao fim do túnel. Por causa disto, há uma motivação real para *continuar.*

Logo, pode-se notar que uma clara concepção (e foco) do futuro é absolutamente essencial para todo bom aconselhamento. Sem ela, uma boa parte da vida se tornaria detestável, caótica, absurda. Não haveria esperança de respostas a todas aquelas perguntas para as quais não temos resposta no presente momento. Saber, entretanto, que virá um julgamento – no qual todos serão corrigidos para sempre – faz toda diferença. O conselheiro deve ajudar o consulente a desenvolver uma perspectiva eterna das coisas temporais. Quando (e somente quando) ele o faz – poderá enxergar corretamente, terá pela primeira vez a perspectiva correta das coisas. Quando estudamos a dor, vemos como Paulo a encarou, a partir de sua perspectiva eterna (2Co 4.16-17; cf. também Rm 8.18). No futuro, além da maldição, Deus está, e com ele a bênção! Esta é a atitude que o consulente necessita.

368 Todos os objetivos temporais do cristão devem ser condicionados pelos seus valores eternos.

E, ao contrário da acusação que fazem alguns, esta perspectiva de longo alcance não leva à irrespondabilidade no presente. De fato, leva à moralidade e ao viver produtivo; a doutrina das recompensas eternas leva aisto! O que é mais motivador – uma recompensa eterna ou um chocolate? Veja o próprio Paulo. Ele combateu o bom combate (contra adversidades incríveis), guardou a fé (em meio a obstáculos ímpares) e completou a carreira (um vencedor!), é o que ele nos diz ao fim de sua vida, em 2Timóteo 4.7. Ele nos conta no fôlego seguinte (verso 8) do fato que o motivava: "... a coroa do vencedor... me aguarda *distante,* a qual o Senhor (que é reto Juiz) me dará naquele Dia." Então, como a recomendar o mesmo esforço a Timóteo (e também a nós), o apóstolo acrescentou, "e não somente a mim, mas a todos quantos amam a sua vinda" (2Tm 4.8).

Conclusão

Percorremos juntos um longo caminho, viajando por todos os lugares básicos da teologia sistemática. Mesmo assim, muitas coisas não foram devidamente examinadas. Como eu gostaria de ter me demorado e explorado cada área com mais profundidade, desenvolvendo (por exemplo) as implicações dos sacramentos para o aconselhamento, considerando muitos outros aspectos da santificação, e assim por diante. Mas este não é nosso objetivo agora. O livro que você tem em mãos já é bastante extenso.

Por toda a obra tentei apontar as doutrinas que devem ser exploradas com mais intensidade me sua relação com o aconselhamento. É minha esperança que muitos destes desafios sejam aceitos pelos conselheiros bíblicos num futuro próximo; a necessidade é grande.

Um desejo – acima de todos os outros – tem sido o de convencer o leitor de que verdade e piedade estão inter-relacionadas de tal maneira que seria impossível ter uma sem a outra, e que, portanto, os conselheiros devem se tornar teólogos bíblicos se desejam ver seus consulentes crescendo pela graça de Deus.

Quão bem sucedido fui (ou quão parco êxito obtive) na realização de meus objetivos, somente o tempo revelará. A tarefa se me mostrou formidável; mas devo dizer que o efeito que teve sobre mim pessoalmente foi digno de todo o esforço. Espero que alguma coisa do poder e da necessidade de usar a Palavra no aconselhamento tenha sido comunicada a você. Depois de dedicar esse tempo ao tratamento da verdade bíblica e à descoberta de minhas próprias inabilidades, pasmo em pensar numa plêiade de conselheiros que se satisfazem com um ralo estudo bíblico de Escola Dominical, como se isto fosse tudo o que necessitam para o aconselhamento e que, portanto, gastam seu precioso tempo imersos nos escritos e divagações de psiquiatras e psicólogos pagãos. O estudo por trás deste livro tem me ensinado várias coisas:

1. Ninguém (eu me incluo nisso) jamais sequer arranhou a superfície da verdade bíblica no que diz respeito ao aconselhamento. Tenho muito trabalho a fazer – para o resto de minha vida.
2. Os dados bíblicos são totalmente relevantes e pertinentes aos problemas e necessidades de nossos dias.
3. A teologia sistemática não precisa (por si só) ser seca e empoeirada; as vidas dos eleitos de Deus dependem dela.
4. Deus nos abençoa em Sua Palavra, por Sua verdade – não fora dela. Que alegria tem sido o engajamento neste estudo!
5. Tudo que necessitamos – e ainda necessitaremos – para a vida e a piedade podem ser encontrados nas Escrituras. Se não soubermos o que fazer, somos os únicos culpados.

Agora, deixe-me encomendá-lo novamente ao estudo da teologia. Não pare por aqui! Se você encontrou aqui informação e auxílio, deixe-me assegurá-lo de que há muito mais conhecimento e auxílio no lugar de onde saiu esta obra – a Palavra de Deus! Busque-a diariamente, sistematicamente, pela verdade e pela vida. Este é o pano de fundo e sustentação diários necessários ao verdadeiro conselheiro cristão.

Apêndice

O Que Fazer Quando se Aconselha um Descrente[369]

O tópico desta noite é: "Como se deve aconselhar um descrente?" O que você faz quando um descrente vem até você buscando aconselhamento? Tenho organizado centenas de conferências com pastores e não acredito que possa lembrar-me de uma única conferência onde houve um tempo de perguntas e respostas no qual alguém não tenha perguntado: "Como você aconselha um descrente?" Então, em vez de esperar que essa pergunta seja feita nessa conferência, irei falar sobre ela agora.

I

Primeiro, há significativas diferenças entre aconselhar um descrente e aconselhar um crente. Se você aconselha cristãos e descrentes da mesma forma, há algo de errado no seu aconselhamento. Você não está fazendo aconselhamento *bíblico*. Na verdade, você perdeu o ponto mais significante de todos: O homem sabe que Jesus é seu salvador ou não? Não há pergunta inicial mais significante a se fazer. Pode ser provisório, para ter certeza, mas pelo menos algum tipo de resposta a essa pergunta é necessário. Se você não acha que isso faz diferença, vejo que seu aconselhamento é deficiente. Penso que essa deficiência aparecerá, conforme desenvolvemos esse tema.

Aconselhar – cristãos ou não-cristãos – tem um objetivo em vista: mudar as pessoas. Todos os que aconselham acreditam que pessoas precisam

369 Originalmente realizada no *Annual Meeting of the National Association of Nouthetic Counselors* [Reunião Anual da Associação Nacional de Conselheiros Noutéticos] em outubro de 1977, e publicado na Howard Eyrich, ed., *Whatto do when* (Philipsburg, N. J. Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1978), pp 39-53 (Revisado para esse apêndice).

ser mudadas. A esperança é mudar a vida das pessoas. Mas a primeira e mais importante diferença significante entre o aconselhamento de cristãos e não-cristãos reside no tipo de mudança que outros sistemas têm em perspectiva.

Todos os sistemas não-cristãos, independentemente do que dizem, estão realmente mudando as pessoas em um nível superficial. *Todos* os sistemas não-bíblicos, mesmo quando falam de fazer aconselhamento "imersivo", mudam pessoas em um nível superficial. Nenhum método não-bíblico de aconselhamento pode realmente alcançar o coração do ser humano e mudá-lo nesse nível. Mas isso é exatamente o que um sistema cristão deve fazer, para que seja verdadeiramente cristão.

Em Mateus 15, Jesus falou sobre o homem. Ele disse: "Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina" (v. 19-20). "Do coração" diz Jesus, "essas coisas vêm". E isso não era exaustivo, mas meramente sugestivo acerca das coisas que as pessoas fazem e que as colocam em problemas. Então, elas procuram aconselhamento. Perceba, a fonte dos problemas é o coração: "Do coração essas coisas vêm".

Freud e outros que têm seguido uma abordagem psicanalista falam sobre aconselhamento imersivo. Eles falam sobre adentrar-se nos mais profundos esconderijos do ser humano, onde sua motivação realmente resulta. O fato é, eles não têm a menor ideia do que está envolvido ao fazer isso. Contudo, quando dizem a pastores (e seus auxiliares tem geralmente pensado): "O problema dessa pessoa é muito profundo" (a palavra chave que é usada todo o tempo é "profundo") "para um pastor lidar. Ele precisará de ajuda profissional. Tenho que mandá-lo para um psicanalista".

Meus amigos, deveria ser de forma totalmente contrária! A única pessoa que pode realmente operar num nível de profundidade é a pessoa que conhece como chegar ao problema do coração do homem. Isso porque o coração é o problema do homem. A única forma de chegar ao problema do

homem é através do evangelho de Jesus Cristo ministrado no poder do Espírito Santo, que transforma o coração do homem e *dessa forma* transforma seus padrões de vida. Os assassinatos, adultérios, maus pensamentos, pecados sexuais, roubos, falsos testemunhos, blasfêmias (e todo o resto) podem ser mudados somente de forma superficial, a menos que o coração, do qual eles provêm e pelo qual são gerados, seja transformado pelo Espírito de Deus, por meio de sua palavra. E – nunca esqueça disso – nesse trabalho o pastor é o profissional – o profissional de Deus.

Bem, devemos entender que se cremos na bíblia, não é preciso mostrar outras vinte e cinco passagens e fazer muita reviravolta bíblica com você; não acredito nesse tipo de estudo (não é o tipo de estudo para ser feito no púlpito). Você pode ir para casa e fazer por si mesmo. Precisamos de apenas um versículo para nos dizer algo; então devemos crer nele. Mas, há pelo menos 125 passagens que claramente nos dizem, de uma forma ou de outra, que o problema do homem resulta do pecado que está nas profundezas do coração. Os seres humanos herdaram corações corruptos por causa do pecado de Adão. E, a menos que algo chegue a esse coração corrupto, as pessoas não serão mudadas no nível de profundidade que é necessário para alterar a fonte dos seus problemas. Tudo mais que é feito é equivalente a colocar uma rolha numa garrafa, colocando uma tampa no problema, enroscando uma tampa sobre ele. Você não pode resolver realmente o problema de uma pessoa no nível de profundidade necessário, a menos que você use a palavra de Deus, com o poder do Espírito Santo e traga de volta o coração.

A Bíblia usa vários termos para falar da constituição do coração humano. Ela fala, por exemplo, da necessidade de amar ao Senhor Deus com "todo seu coração, toda sua mente, toda sua alma e toda sua força". Essas palavras – coração, mente, alma e força – todas descrevem aspectos da natureza humana. Não é tão fácil separar e categorizar as pessoas conforme algum pensamento. Alguns fazem divisões simples como "o homem é espírito, alma e corpo", divisões que não se adequam bem à totalidade da descrição do homem. "Coração" é uma palavra que abrange todos os

outros termos para vida interior. O termo bíblico, entretanto, não significa o que queremos dizer quando dizemos "coração" hoje em dia. Quando alguém diz, "amo você com todo meu coração", ele está pensando em algo – sentimentos e emoções. O coração do *Dia dos Namorados* tipifica esse uso moderno. Ali se vê paninhos de renda, cupidos e querubins de bochechas rosadas atirando com arcos as flechas nos corações. Hoje em dia "coração" significa emoção, sentimento. Mas não é isso o que coração significa na Bíblia. Quando lemos passagens que usam a palavra coração, nunca devemos interpretar o significado em termos de sentimentos, ou iremos interpretar erroneamente essas passagens. Talvez, alguns de vocês têm feito sempre. Se assim o for, já é tempo de consertarmos isso.

Quando a Bíblia fala de sentimentos, a palavra usada não é *coração*, mas *intestinos* – as entranhas. Sabia disso? Pois é assim. A Bíblia fala sobre "compaixão intestinal [sentimentos de compaixão]". Ela chama o intestino de a sede das emoções. Onde as pessoas têm úlceras – no coração? Não – nas estranhas, onde toda emoção se concentra.

Bem, então, o que a Bíblia quer dizer por "coração" se não está falando de emoções? O que as Escrituras estão falando é da *vida interior* do ser humano. Isso é o homem interior – sua *completa* vida interior, *incluindo* os aspectos internos dos sentimentos, pensamento, tomadas de decisão etc. "O que arrazoais em vossos corações?" pergunta Jesus. É dito que os planos são originados no coração. Quando uma pessoa fala de si mesma ("o tolo diz em seu coração..."), ele faz isso em seu coração. Aí é onde alguém pensa consigo mesmo, arrazoa consigo mesmo, acusa e se desculpa a si mesmo etc. De acordo com a Bíblia, toda a vida interior que você vive está no seu coração.

Você sabe que você vive duas vidas (ou ainda melhor – uma vida em duas perspectivas), não sabe? Você vive uma vida em relação às outras pessoas e vive uma vida em relação a si mesmo. E, é claro, você vive ambas em relação a Deus. Deus está acima de ambas. O que faz com que você faça o que faz? O que faz com que você pense o que pensa? O que motiva você da forma que está motivado? O que há dentro de você que produz o tipo de

palavras que saem da sua boca e o tipo de ações que suas mãos executam? É a vida interior, o coração; e é isso que precisa ser mudado, diz Jesus. Esse centro motivacional e planejador do nosso ser deve ser transformado para que possamos começar a fazer coisas que agradem a Deus e que beneficiem nosso próximo. Até que isso aconteça, não começamos a mudar num nível realmente profundo.

E, é claro, que ninguém pode aprender a amar a Deus e ao próximo como deveria até que primeiramente tenha conhecido Jesus Cristo. Isso simplesmente não pode acontecer. "Nós amamos", diz João em sua primeira carta, "porque ele nos amou primeiro". E é somente quando chegamos ao reconhecimento do nosso pecado e a um relacionamento com Jesus Cristo através da fé nele que nos transforma e nos muda para sermos pessoas diferentes por dentro, que podemos nos tornar pessoas diferentes por fora. Esse é o trabalho do Espírito de Deus. Veja Romanos 5.5: "O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado". Você não pode amar outros, você não pode amar a Deus, até que o Espírito Santo tenha sido derramado sobre – sobre o que? Seus sentimentos? Não. Até que ele seja derramado sobre seu coração – isto é, seu ser interior – para mudar, transformar, moldar e refazer a estrutura interna da sua vida. Ela foi corrompida, torcida e atada por causa do pecado de Adão. Então é aqui que você deve começar. Sem esse ponto de vista sobre aconselhamento, você não pode sequer começar a pensar em mudar as pessoas, porque tudo que você vai fazer é mudar um padrão de mau comportamento por outro. Você não fará coisa alguma no nível onde é preciso que algo seja feito – no nível do centro da personalidade humana.

Quando o Espírito de Deus muda os corações, suas alterações interiores levam a uma mudança exterior das ações e relacionamentos de vida. Não há tempo para adentrar nesse detalhe; ainda estou na introdução! Porém, você pode ler sobre isso em Rm 6.2; 8.10-11; Gl 5 – como o Espírito de Deus capacita os crentes a transformarem os padrões habituais dos "membros" do "corpo" ao mudar seus corações (para mais informações

sobre isto, veja *The Use of the Scripture in Counseling* [O uso da Escritura no aconselhamento]).

Se você ressaltar a mudança exterior, como muitas pessoas o fazem, o que acontecerá? Você desenvolverá um liberalismo legalista: "Faça isso, não faça aquilo". A noção crescerá de que você pode mudar seus padrões comportamentais, ou algo do tipo. Essa abordagem liberal legalista na verdade diz: "A cruz não é necessária; tudo que você tem a fazer é obedecer as regras". Não somos liberais; cremos na Bíblia e cremos que a cruz é a mensagem essencial que todo cristão deve proclamar. Não somos legalistas; cremos que o homem deve agir por amor, não a partir de regras impostas sobre ele, com as quais ele não tem qualquer compromisso. O crente obedece às regras de Deus, mesmo quando ela não sente vontade de o fazer, porque ele quer agradar um Deus que enviou seu Filho para morrer por ele. Isso faz toda a diferença no mundo.

Por outro lado, se você ressaltar somente as mudanças interiores e esquecer que estas mudanças interiores levam a mudanças externas de padrões de comportamento, como Romanos 6, 7 e 8 nos diz, você terá uma ortodoxia fria, que poder ser grande na doutrina, mas não faz muito para mudar a vida das pessoas. Elas têm todas as informações compactadas em seus crânios, mas nunca chegam na tessitura da vivência diária. Eles não caminham na verdade, como a Escritura de forma bela coloca quando, com o perfeito equilíbrio, combina os aspectos interior e exterior da mudança de vida. Logo, é absolutamente essencial perceber que a mudança interior é essencial, mas também leva a uma mudança exterior. Esses dois lados são parte e parcela um do outro. Se não há realmente nenhuma mudança externa – nenhuma sequer – não houve mudança interna. Se não há obras, não há fé. Mas se há o mínimo de mudança (como geralmente há), isso pode indicar que não tem havido um aconselhamento muito bom; só houve evangelismo.

Essa é a primeira pressuposição que quero colocar: aconselhamento deve ser feito num nível de profundidade, e profundidade suficiente para

transformar o coração humano. Esse fato faz uma tremenda diferença quando você está aconselhando um descrente.

II

O segundo fato deriva do primeiro: você deve reconhecer as limitações que existem quando estiver aconselhando um descrente. Primeiro, descrentes não conhecem Jesus Cristo, e não se interessam em conhecê-lo de forma significativa. Então, tudo que você disser a eles sobre obedecer, amar ou servir Jesus Cristo entrará por um ouvido e sairá por outro. A diferença é explicada em João 3.19-21:

> "O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem arguidas as suas obras. Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque feitas em Deus".

Em 1Coríntios 12.3, Paulo coloca dessa forma: "Por isso, vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema, Jesus! Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus! Senão pelo Espírito Santo." Paulo não quer dizer aqui que uma pessoa não pode dizer essas palavras de forma hipócrita. É claro que milhares de pessoas tem feito isso, e pode haver pessoas exatamente aqui e agora que tem enganado os outros a sua volta ao fazerem isso. Mas repetiram palavras que realmente não significam nada para elas. Elas não são submissas a Cristo como Senhor. Prosseguindo com a questão, Paulo diz: "Ninguém pode dizer isso do seu próprio coração".

Quando a Bíblia fala sobre crer em algo "com todo seu coração" ou dizer algo "do seu coração", o que ela quer dizer é que você não está dizendo somente com os lábios. São os lábios e o coração que são contrastados na Escritura, não a mente e o coração. Falamos sobre conhecimento intelectual/conhecimento emocional, mas esse não é um contraste bíblico. São

os lábios e o coração que são contrastados; o que falamos e o que cremos (o contraste é entre o homem interior e o exterior. Falar que se faz algo do coração é falar com sinceridade, não emocionalmente em oposição a um pensamento intelectual. O contraste é entre a sinceridade e hipocrisia. Pode ser que alguém diga: "Jesus é Senhor", com seus lábios e nunca tenha dito com seu coração.O homem que crê em seu coração que Deus levantou Cristo dos mortos, será salvo. Deve ser genuíno; deve vir do centro do ser, vir da pessoa interior. Isso diz que nenhum homem pode dizer "Jesus é Senhor" (dessa forma) *até que o Espírito de Deus o tenha capacitado para que ele diga isso.*

Se isso é verdade, como conseguiremos que as pessoas mudem no aconselhamento, se elas não podem dizer: "Jesus é Senhor?" Se não podem dizer: "Jesus é Senhor", elas não podem obedecer; se não podem obedecer, não podem segui-lo, não podem ser seus discípulos.

Você diz: "O que você está fazendo? Você parece estar provando que é impossível aconselhar descrentes". Bem, espere mais um pouco. Por favor, seja paciente.

Deixe-me ir um passo adiante. Descrentes também não podem entender as Escrituras. Lembre-se, tentaremos encarar as limitações honestamente. No segundo capítulo de 1Coríntios – dentre outras coisas brilhantes no capítulo – Paulo diz nos versos 14 e 15:

> Ora, o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém.

O que é uma pessoa natural? Somente uma simples e velha pessoa natural, nada aconteceu a ela; ela se encontra simplesmente da forma que nasceu por natureza e é isto. Essa pessoa nunca foi transformada em qualquer nível de profundidade; ela é somente uma pessoa natural que nasceu uma vez com uma natureza pecaminosa, que só pode fazer coisas que desagradam a Deus. Uma pessoa natural é alguém que não tem o Espírito de

amor derramado em seu coração, então ela não pode amar a Deus e seu próximo, e não recebe de bom grado os ensinos do Espírito de Deus.

Suponha que você tente fazer um aconselhamento bíblico com um descrente. Você diz: "Há uma solução para seu problema", e você pega a Bíblia e diz a ele, "aqui está o que Deus diz em sua palavra". Qual é a resposta dele? Ele diz: "Hum!" Ele diz (na verdade): "E daí?" E se ele não diz "Hum!" em voz alta, ele vai embora e diz "Hum!" Ele não recebe de bom grado os ensinos do Espírito de Deus. Por quê? A passagem prossegue dizendo: "Elas [*as coisas do Espírito*] são tolice para ele e ele é incapaz de saber acerca delas porque elas devem ser discernidas espiritualmente". Ele não tem a habilidade de discernir a Bíblia por conta própria. Ele tem somente o equipamento natural com o qual discerni-la. Ele tem sua própria natureza, suas próprias habilidades, seus próprios discernimentos, sua própria força para fazer isso. Mas esse equipamento não serve. Para investigar a Escritura apropriadamente é necessário mais, e ele não temo que é necessário para realmente entender esse Livro.

Do que ele precisa? Ele não pode discernir essas coisas porque elas devem ser discernidas espiritualmente. Quando o Espírito de Deus vem à vida de uma pessoa através da regeneração, ele capacita aquela pessoa a ler a Bíblia com novos olhos e entendê-la com uma nova mente. Ele transforma a pessoa para que ela se aproxime do Livro com um novo coração e comece a ver as coisas que nunca viu antes. Você já conversou com um descrente que diz: "Ah, a Bíblia – isso é um livro morto?" Ouvi isso muitas vezes de descrentes. E disse a eles: "Não, você é uma pessoa morta, o Livro está vivo". Você obtém o mesmo resultado, quer o livro esteja morto ou a pessoa esteja morta. Uma vez que ela não tem a vida espiritual, a vida que o Espírito de Deus dá para capacitar alguém a entender esse livro, ele está morto para ela.

Pense num cadáver disposto num caixão. Poderíamos cozinhar a refeição mais deliciosa que já se provou – montes de batatas, rios de molhos, campos de ervilhas e florestas de bife assado num cheiro suave em direção ao céu. O aroma poderia preencher todo esse enorme auditório. E então –

uma sobremesa que parecesse com as Cataratas do Niágara de creme batido sobre os montes de damascos! E trazermos esse grande e magnífico prato para o cadáver e dizer: "Aqui está! Olhe para ele! Ah, não é bom o suficiente para você?" Nenhum movimento. Nem sequer uma sussurro. Por quê? Porque o corpo está morto. É insensível ao aroma, à beleza, à magnificência, ao sabor e tudo mais. Aqui – nesse Livro – existe uma comida ainda mais maravilhosa. Deus disse que não poderíamos viver somente de pão, mas ele nos deu sua Palavra. Mas em todo lugar há corpos espirituais andando ao redor que não conhecem Jesus Cristo, que não tem vida espiritual e que não podem apreciá-la. Você, como conselheiro, irá mudá-los usando a palavra de Deus? Vai dizer a eles o que deveriam fazer para conseguir paz para aquele dia de forma que possam viver pela Palavra de Deus? Não! Eles não terão parte alguma nisso; isso é o que diz aqui, neste Livro. Eles não receberão de bom grado; não são aptos para conhecer acerca disso, porque eles não podem discernir a Bíblia espiritualmente.

Agora, 1Coríntios 2 segue dizendo: "Porém o homem espiritual", isto é, a pessoa que tem o Espírito de Deus em sua vida, "julga todas as coisas, mas [por outro lado] ele mesmo não é julgado por ninguém." O descrente não pode entender o crente. Ele o vê como um estranho personagem. Ele olha para o crente e diz: "Eu não o entendo". Ele fala sobre variedades de experiências religiosas, a psicologia da conversão e todas essas coisas, mas está completamente equivocado. Quando você lê tais coisas, você ri e chora, porque sabe que eles não podem chegar a lugar algum em relação à verdade. Descrentes não podem entender por que você faz o que faz e por que você não faz o que não faz; por que você tem interesse numa reunião de oração e em cantar no coral? Eles não entendem nenhuma dessas coisas. Não podem. É preciso o Espírito de Deus vivendo no homem para capacitá-lo a entender.Então o descrente não entenderá e não apreciará o conselheiro cristão também.

Aqui mesmo nessa sala hoje há todo tipo de coisas que você não vê ou ouve, mas elas estão aqui. Há todo tipo de imagens – propagandas de bebida, comerciais etc. E há todo tipo de música – rock n' roll, popular, clássico

– aqui mesmo, agora mesmo. Você não sabia disso, sabia? "Aqui na *First Baptist Church in Atlanta* [Primeira Igreja Batista em Atlanta]?" Sim, estão aqui. Eu poderia trazer uma televisão, ligá-la e deixar que vocês vissem e ouvissem a tudo. Eu colocaria bem aqui, porque aqueles sons e imagens estão todos a nossa volta nessa sala. Nós não ouvimos. Por quê? Porque não temos um receptor e provavelmente é melhor que não tivéssemos! Mas essa é a forma na qual o descrente se encontra quando se trata da Palavra de Deus e das coisas de Deus. Veja o que Paulo diz no verso 9, "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram" – isso é como a ausência da televisão; sem ela você não pode ver ou ouvir. Vamos continuar "...nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam. Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito". Isso é o que devemos perceber: aquele pobre companheiro não-salvo que senta na sua frente na cadeira do consultório procurando ajuda, não pode ver ou ouvir. Como você vai ajudá-lo? Se você (como um bom conselheiro bíblico) abrir as Escrituras e adverti-lo, ele não poderá sequer entender isso. Suas palavras e as palavras da Bíblia são sons ao ar, mas ele não tem o equipamento receptor para captá-las. É assim quando você usa a Palavra de Deus para aconselhar um descrente. Você tem que deixar isso claro. Há sérias limitações no aconselhamento de um descrente. É essencial reconhecer isso.

"Bem", você diz, "as coisas estão indo de mal a pior. Parece que, em última instância, não há esperança em tentar aconselhar um descrente. Você poderia ir logo para a parte de *o que fazer*? Eu pensei que você falaria sobre como aconselhar". Agora, por favor, seja paciente. Tenho algo a mais a dizer.

Agora temos visto que descrentes não têm o poder de entender as Escrituras, mas isso não é tudo – ainda há outra limitação. Mesmo se eles *fossem* capazes de entender as Escrituras, mesmo se quisessem obedecer às Escrituras e obedecer a Cristo, eles não poderiam porque eles não *têm o poder do Espírito Santo para capacitá-los a obedecer.* Não tenho tempo para me aprofundar nisso, mas veja o terceiro capítulo da carta de Paulo aos Gálatas, onde ele lembra que os crentes devem começar a vida cristã pela

graça através da fé, por ter Deus feito tudo por eles em Cristo – você não pode salvar a si mesmo. Então Paulo pergunta a eles: "O que há de errado com vocês; tendo começado pela graça, pensam que continuarão a crescer pelas próprias forças?" A resposta implícita é "absolutamente não". O único meio de um cristão poder crescer é se o Espírito de Deus continuar a mudá-lo e fazê-lo diferente nos dias que estão porvir. Então, o que faremos pelos consulentes não-cristãos?

Não há santidade à parte do poder do Espírito que nos dá forças para obedecermos a Palavra de Deus. Agora há um ponto muito importante a esclarecer. Muitas pessoas hoje em dia estão ensinando falsas doutrinas que soam como boas. Afirmo com toda minha convicção que não podemos depender da nossa própria força para fazer as mudanças que agradam a Deus. É isso que estamos dizendo desde o início. O Espírito de Deus deve nos capacitar para entendermos a Palavra, deve dar-nos poder para obedecer a Palavra, deve dar-nos a habilidade de declarar Jesus Cristo como nosso Senhor para realmente vivermos como servos. Sendo isto a verdade, alguns dizem: "Isso significa que não devo fazer nada, absolutamente nada. Tudo que faço é desistir. Tudo que faço é retroceder no pano de fundo e quanto menos há de mim e quanto menos há até mesmo da minha obediência e meus esforços ou qualquer outra coisa, mais haverá do Espírito Santo". E isso soa bem, não é? E é, se você interpretar corretamente, mas não o será se você interpretar da forma errada. E eles estão interpretando da forma errada; estão interpretando como passividade.

O cristão deve obedecer a Deus. Ele deve crer que o Espírito Santo não crê por nós, não obedece por nós. Somos seres responsáveis, que serão cobrados por serem responsáveis na obediência e em fazer o que Deus diz; mas não ousamos obedecer ou crer pela nossa *própria força*. Devemos confiar na força do Espírito Santo. Esse é o ponto. É o Espírito que nos capacita a crer e é o Espírito que nos capacita a obedecer. Não devemos tentar fazer essas coisas pela nossa própria força, ou faremos da forma errada. Mas é crucial – que façamos. O Espírito não fará por nós, como alguns ensinam.

Logo, você tem que reconhecer essas limitações quando tentar ajudar um descrente.

III

"Bem, então se não podemos aconselhá-lo em um nível de profundidade e promover mudanças, o que podemos fazer por ele? Acho que teremos que ajustar isso para algo menor". *Não! Nunca!* Não, você não pode ajustar para algo menor do que mudá-lo em um nível profundo. "Mas não podemos mudá-lo em um nível de profundidade. Você mesmo disse isso. Ele não vai nos ouvir; ele não vai ouvir a Palavra; ele não tem poder algum; ele não tem o Espírito; ele é um homem natural; ele não tem o receptor; todas essas coisas são impossíveis! Como iremos fazer o que não podemos?" Esse é o dilema.

Mas, antes de tentar resolver esse dilema, permita-me deixar claro que você não pode ajustar para algo menor; você não deve ajustar para algo menor. Você não pode colocar um curativo quando seu consulente precisa se uma cirurgia radical. Não ouse. Essa é a coisa mais cruel e sem coração que uma pessoa pode fazer. Quando alguém vai a um cirurgião e diz: "Acho que tenho câncer," o cirurgião faz todo tipo de exames com ele. Se o cirurgião souber em seu coração que esse homem tem câncer e, a menos que seja operado, ele morrerá em um ano, o que ele faz – faz ajuste para algo menor? O cirurgião diz, "Não consigo dar as terríveis notícias a esse homem. Quero vê-lo feliz e também não quero me entristecer. Não quero que ele fique chateado comigo. Não quero vê-lo chorar; não quero ver sua esposa chorar. Quero que ele saia daqui feliz. 'Aqui, senhor, é um remédio que você pode tomar quando estiver doendo'". Se disser isso, o cirurgião deixará o homem feliz e também se sentirá melhor, porque ele não tem que entrar no assunto do câncer. Mas quando o homem perceber, seis meses depois, que não há mais esperança, porque o cirurgião não fez a coisa difícil que deveria ter feito, ele odiará aquele cirurgião e o cirurgião se sentirá muito pior. O homem pode até mesmo processar o cirurgião por erro médico. O

mesmo é verdade para você – você não deve dar curativos para pessoas com câncer. Não deve dizer a um descrente "Olhe, vamos mudar algumas coisas superficiais e ajustar isso". Deus não nos chamou para reformar pessoas. Essa é sempre a proposta do liberalismo – quando as pessoas ajustam algo para menor que uma mudança em nível de profundidade; uma mudança no coração do homem.

E se ajustarmos para algo menor, se ajustarmos para uma mudança de algumas coisas externas, mudando alguns padrões de vida aqui, substituindo padrões de vida ali; se ajustarmos para algo menor a esse nível, para o quê ajustaremos? Ajustaremos para uma má apresentação de toda a mensagem de Deus e de sua missão de enviar Cristo. Estaríamos dizendo (na verdade) que a cruz é uma cruel zombaria; uma farsa; uma perda de tempo ridícula. E com isso diríamos às pessoas que: "Deus tem uma forma de mudar sua vida, sem Cristo. Você não precisa confiar nele como seu salvador". E isso seria uma má apresentação de Deus

Além disso, iríamos promover dessa forma uma falsa segurança nos descrentes. Levá-los-íamos a pensar que estão completamente certos em relação a Deus, quando na verdade não estão. Em pouco tempo, eles entrariam em depressão quando descobrissem que os novos padrões não são melhores que os primeiros. Eles pensariam que Deus os abandonou. Não, não ousamos ajustar para algo menor.

"O que você pode fazer por um descrente? Parece que é como se você não pudesse aconselhá-lo". Você está certo. É isso que venho dizendo. Você não pode aconselhar um descrente; não, você não pode. É o que você tem concluído desde o começo e concordo com você; você não pode aconselhar um descrente. Não há forma de aconselhar um descrente. Agora, não vou pular fora do barco e deixar você aí. Você não pode aconselhar um descrente se entender por aconselhamento o que a Bíblia entende – mudar o coração; mudá-lo num nível de profundidade. O homem não escutará, porque seu coração não é orientado em direção ao Livro, então ele não pode ouvir o que a Bíblia tem a dizer e não tem poder para obedecer ao Livro, mesmo que ele queira. Você não pode aconselhar um descrente no completo sen-

tido bíblico da palavra aconselhamento. O que, então, você pode fazer por um descrente?

Há algumas coisas que você pode fazer, na medida em que esclareça desde o início que você não começou o aconselhamento ainda. No trabalho com o descrente, você tem que deixar claro que qualquer coisa e tudo que você está fazendo antes dele vir a conhecer Jesus Cristo como seu salvador, não é aconselhamento; não é o que Deus está oferecendo às pessoas como remédio para seus problemas. É algo introdutório ao que trará essa coisa ainda maior (se de fato ele vir a conhecer a Cristo).

O que você faz então é preliminar; é *pré-aconselhamento.* E é tudo que você pode fazer por um descrente; você o pré-aconselha; mas não pode aconselhá-lo. E tudo que pré-aconselhamento significa é que você vai fazer algum tipo de evangelismo orientado ao problema. Isso é o que você pode fazer por um descrente. Agora, como se faz evangelismo orientado ao problema?

IV

Há muitas coisas que queria dizer sobre isso, mas mencionarei somente algumas. Jesus ajudou muitas pessoas, algumas vezes com problemas superficiais numa base superficial, mas sempre em conexão com evangelismo. Quando curava os enfermos, por exemplo, ele sempre conectava a cura física à cura maior, aos olhos do coração ou à paralisia do coração ou à lepra do coração. Isso é o que você deve fazer no aconselhamento. Você deve se aproximar dos descrentes com ambas as mãos. Você tem algo em ambas as mãos para oferecer: em uma das mãos, algo mínimo e na outra a entrada para o verdadeiro aconselhamento, para a mudança num nível de profundidade que começa com o evangelho do Senhor Jesus Cristo.

Isso envolve quatro coisas que eu mencionarei rapidamente. Primeira, significa remover obstáculos a uma apresentação do evangelho. O telefone toca. O pastor atende. O que ele ouve do outro lado da linha? "*Tudo bem, pastor, essa minha boa esposa cristã está com as malas prontas. O que você vai*

fazer acerca disso?" Há tempo para evangelizar João? Dificilmente. O que você diz é: "João, coloque Maria na linha". Ele coloca Maria na linha e você diz: "Maria, eu falei sobre 1Coríntios 7 muitas vezes antes. O texto diz que se seu marido quer ficar com você, mesmo sendo ele descrente, você tem que fazer seu casamento tão bom quanto possa. Você tem que fazer tudo que puder como uma crente. Você tem que suportar, você vai tentar ganhá-lo e a seus filhos para o Senhor Jesus Cristo. Fazer as malas e ameaçar deixá-lo é pecado. Isso é errado e você *sabe* que é errado. Então desfaça essas malas e venham, você e o João, aqui o mais rápido que puderem. Estou indo para um funeral em vinte minutos". (Você sabe, um funeral pode acontecer a qualquer hora) Então, Maria com relutância diz, "Tudo bem".

Dez minutos depois ela chega com João. Você tem dez minutos sobrando. João começa a se sentir um pouco melhor, mas ele continua chateado. Ele não sabe o que vai acontecer. E você o mantém ali. Esse é o tempo para evangelizar? Absolutamente não. Você tem dez minutos. Você está sob pressão para ir a um funeral. O que dizer? Você diz: "Olhem, João e Maria, quero simplesmente duas promessas alinhadas e robustas de vocês. Primeiro de tudo, Maria, quero que você prometa que não vai ameaçar João com esse pecado novamente. Isso está fora de cogitação. E segundo, quero uma promessa de vocês dois de que estarão aqui amanhã as 7h. Iremos começar um aconselhamento para encontrar o que há de errado com esse casamento e o que Deus diz que pode ser feito".

Se o pastor conseguir que eles se comprometam, ele fez um bom pré-aconselhamento. Ele fez algumas coisas mínimas para ajudá-los, mas não fez realmente nenhum aconselhamento ainda (exceto possivelmente com Maria). Quando João e Maria voltarem 7h e ele começar a falar com eles, é possível que ele consiga começar a evangelizar o João. Então, como se pode ver, algumas vezes há obstáculos para a apresentação do evangelho. Quando um homem está chateado com sua mulher por causa das suas malas prontas e ela está indo para o aeroporto, não há tempo para falar sobre o Senhor. Você tem que detê-la primeiro; então ele poderá ouvir. Geralmente, você tem que fazer pré-aconselhamento desse tipo.

Segundo, algumas vezes você tem que dar esperança de pré-aconselhamento para aqueles que a perderam, fazendo certos esforços mínimos. No caso do homem nascido cego, relatado em João 9, Jesus colocou lama nos seus olhos. Não foi a saliva de Jesus que o curou, não havia nada de *místico ou medicinal nisso. Não foi a lama nos seus olhos que o curou*; nenhuma dessas coisas por si tinha nada a ver com a cura. A ação de Cristo foi designada para dar-lhe esperança. Ele era um homem que nascera cego; não tinha esperança alguma de jamais ver. Ninguém jamais ouviu dizer de um homem cego que enxergasse. Mas quando Jesus colocou lama em seus olhos, ele lhe deu esperança. O homem começou a pensar: "Se somente pudesse lavar minha cegueira como posso lavar essa lama, eu poderia ver". A esperança começou a brotar dentro dele, pela primeira vez, talvez, desde que há muito tempo tinha desistido de qualquer esperança de tal milagre. E Jesus naquele momento disse: "Vá lavar-se no poço de Siloé", e o homem foi e lavou-se, e voltou enxergando. Ele não teria ido se Jesus não tivesse lhe dado esperança. Ele teria dito: "Isso é tolice". Algumas vezes você tem que dar esperança por meio de algo que faça por alguém.

Terceiro, você tem que se aproximar de cada pessoa de forma diferente. Jesus se aproximou de Nicodemos de forma bem diferente de como se aproximou da mulher no poço. Nicodemos vem e diz: "Sabemos que tu és mestre da parte de Deus, porque nenhum homem pode fazer esses milagres a menos que Deus esteja com ele". E Jesus respondeu, pegando-lhe na própria frase: "Ninguém pode entrar no reino do céu se não nascer de novo." Nicodemos vem e diz: "Eu quero falar de teologia". Jesus diz: "Quero falar sobre sua vida". Que pancada! Um direto na boca. Isso foi uma aproximação evangelística: "Irmão, você é salvo?" (sem o "irmão"). Jesus despedaçou Nicodemos, antes de lhe mostrar o caminho.

Mas veja sua aproximação com a mulher no poço. Foi extremamente gradual; ele a guiou através de baldes, cordas, maridos e montes. Ela diz: "Oh, vejo que és mestre". "Vejo que és profeta." e por último: "Tu és o Messias! "Ele a guiou até ali gradualmente. Com o homem cego, ele nem sequer falou sobre salvação; ele simplesmente o curou e desapareceu. As pessoas

vieram a até ele e disseram: "Tu estás de conluio com aquele homem Jesus". Mas ele respondeu: "Uma coisa eu sei. Um homem chamado Jesus fez lama, colocou nos meus olhos, mandou-me ao poço e eu voltei vendo. "Seus pais vieram até ele e ele lhes disse: "Uma coisa eu sei .... "Os fariseus vieram até ele e ele disse: "Uma coisa eu sei..." Ele contou a mesma história a eles novamente. Eles o expulsaram da sinagoga, mas ele continuou ainda protestando na soleira da porta. "Uma coisa eu sei..." Por quê? Porque isso era tudo que ele sabia. Jesus não lhe contou outra coisa. Foi somente no próximo encontro que Jesus falou para ele acerca da cegueira do coração, a vida interior.

Todas as três situações diferem, mas há uma coisa que é comum a todas elas – a mesma mensagem da morte de Jesus Cristo na cruz em lugar dos pecadores culpados e sua ressurreição corporal dos mortos. Essas são as boas novas. Paulo coloca isso claramente em 1Coríntios 15: "Irmãos, venho lembrar-vos o evangelho que vos anunciei, o qual recebestes e no qual ainda perseverais; por ele também sois salvos, se retiverdes a palavra tal como vo-la preguei, a menos que tenhais crido em vão.Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras". Há somente uma boa nova, a mensagem: Cristo morreu por nossos pecados segundo as Escrituras; ele foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia de acordo com as Escrituras. Esses dois fatos são preditos no Antigo Testamento: a morte de Cristo pelos pecadores e sua ressurreição corporal dos mortos. Vá até o livro de Atos em um domingo chuvoso quando não tiver mais nada para fazer e olhe para cada vez que alguém no livro de Atos pregou o evangelho ou falou para outro alguém acerca do Senhor e sempre a morte e ressurreição serão mencionados. A morte e ressurreição, a morte substitutiva e penal e a ressurreição corporal de Cristo – essas são as boas novas. Que Jesus e os apóstolos e todos os outros proclamaram. No evangelismo, isso é o que você deve conclamar os homens a crerem.

Para fechar, deixe-me sugerir três abordagens que você pode usar ao lidar com pessoas que precisam de pré-aconselhamento. Quando você tiver

dado certa ajuda de pré-aconselhamento, pode destacar de onde ele veio, o motivo pelo qual você está motivado a ajudar João a ter sua mulher de volta. E você pode destacar o que foi que a motivou a voltar. Essa mulher concordou em ficar em casa e desfazer suas malas somente porque havia uma autoridade sobre sua vida; uma autoridade que trouxe ordem, mudança na vida dela, até mesmo nesse ponto.

Eu aconselhava um casal certa vez onde a mulher sentou e o marido não. Ele estava gritando e pisando firme por todo a sala. Entre seus insultos, eu consegui juntar a história. Ele disse: "Minha mulher é cristã e eu não sou, e ela sabia que não queria vir a um conselheiro cristão. Ela me enganou. Ela disse: 'Vamos a um conselheiro', mas ela não disse que era um aconselhamento *cristão* e estou com raiva". (Ele não precisava ter mencionado esse último fato).

Quando ouvi sua história, comecei a falar com ela; eu simplesmente o deixei pisando em volta da sala. Voltei-me para ela e disse: "Isso é verdade, você é uma cristã realmente?" Ela deu-me evidências da verdadeira crença. Então eu disse, "Agora, o que ele diz sobre você é verdade – que você o enganou e tudo mais? Ela disse: "Sim, ele não viria de outra forma". Eu o ignorei e comecei a dar um pequeno mini sermão, para mostrar a ela o que dizem as Escrituras sobre esse pecado. Comecei a mostrar a ela a partir de 1Pedro 3 que ela desonrou a Deus, que mentiu para seu marido, que ela não estava sendo submissa a ele, etc. Pela metade do sermão, ele começou a se acalmar e ouvir, olhando para ela e olhando para mim. A seguir, ele estava ainda de pé na ponta da sala, ouvindo. Então, ele sentou-se e colocou seu cotovelo sobre a mesa, ouvindo. Um tempo atrás ele havia dito "diga mesmo isso a ela". Agora, havia um companheiro que estava obtendo esperança. Você deve entender que ele tinha um longo caminho pela frente; isso ainda era pré-aconselhamento. Mas ele obteve esperança o suficiente para permanecer por todas as sessões de aconselhamento que viriam pela frente. Por quê? Porque, como ele disse, pela primeira vez alguém pode controlar sua esposa! E eu deixei claro para ele que foi o Espírito Santo que a controlou através desse Livro. Não eu. Ela não estava ouvindo a mim. Ela

não teria ligado para nada do que eu estava dizendo, do mesmo modo que não ligava para o que ele dizia. Mas ela tinha um compromisso básico com Jesus Cristo e ele estava controlando sua vida, a despeito dos sentimentos dela.

Então, uma coisa é destacar de onde vem a ajuda do pré-aconselhamento. Segundo, há um momento no qual você tem que dizer no preaconselhamento, "Uau!" (Uma das melhores palavras no pré-aconselhamento é Uau ou seu equivalente pessoal.) Há um momento onde você tem que trazer o pré-aconselhamento para um berro e dizer: "Só podemos ir até aqui". Chega uma hora quando você já deu toda a ajuda de pré-aconselhamento que é possível dar. Então, você tem que dizer ao descrente que se ele não confiar em Cristo, depois de você ter falado sobre o evangelho: "Estamos diante de uma parede. Quero dar a você aconselhamento real. Quero que você experimente todas as mudanças que o Espírito Santo pode fazer na vida de uma pessoa. "E você pode até mesmo descrevê-las. Então diga: "Eu gostaria de fazer todas essas coisas por você, mas estamos de frente para uma parede por que todas essas coisas estão do outro lado da parede e você está desse lado. Há somente uma forma de atravessá-la – pela Porta, através daquele que diz: "Eu sou a Porta.'" Você pode descrever o que você gostaria de ver acontecendo e como você gostaria de aconselhar em um nível de profundidade, mas você só pode levá-lo àquele ponto no pré-aconselhamento. Então, diga a ele, "Não posso fazer mais nada até que você atravesse essa Porta".

Geralmente, digo às pessoas nesse ponto: "Veja, se você fosse à minha casa e não se importasse em tocar a campainha, ou batesse na porta, ou qualquer outra coisa, mas somente abrisse a porta e entrasse, e então fosse até minha cozinha, abrisse minha geladeira, fizesse tudo o que quisesse (um grande sanduíche, ou o que quer que seja), o saboreasse, pegasse um grande copo de refrigerante e então dissesse: 'Bem, estou me sentindo melhor, mas estou um pouco sonolento', então subisse as escadas até meu quarto e dormisse na minha cama, como na história de Cachinhos Doura-

dos, você esperaria que eu protestasse, ou pensaria que eu ficaria feliz de deixar tudo isso acontecer?"

"Nunca!"

"Por que não? Porque você não é um membro da minha família. Se meus filhos entrassem pela porta sem bater, eles tinham todo o direito de fazê-lo; Eu não espero que eles batam toda vez que cheguem na porta da frente. Até mesmo eu lhes dei as chaves. Minha esposa pode entrar também; eu nunca espero que ela bata na porta. Ela pode dormir na minha cama etc. (embora, eu estabeleça limites em relação à minha escova de dentes.) Por que eles podem fazer todas essas coisas e você não? Porque eles são parte da minha família. Deus proveu aconselhamento bíblico para seus filhos, isso é um nível de profundidade. Mas não para outros. Todas as promessas maravilhosas das Escrituras você pode ter caso se torne um membro da família, mas por ora você não é." Eu abro em João 1.12 e leio: "E a todos quanto o receberam, deu-lhe o poder de serem chamados filhos de Deus". Você deve recebê-lo primeiro pela fé. Isso vem primeiro. Tudo isso está do outro lado do muro e Cristo é a Porta".

Agora, permitam-me dizer mais uma coisa para encerrar o assunto do que fazer se ele não crer, se ele não prestar atenção ao seu preaconselhamento. Você pode fazer muitas coisas, é claro, mas há uma coisa que faço e que Deus tem abençoado em várias situações, apesar de não uniformemente. Nem todos os descrentes creram quando Jesus Cristo falou com eles e nem sempre é sua falha se pessoas não crerem quando você falar com elas. Pode ser sua falha, é claro; nunca foi falha de Cristo. Você e eu temos somente dois problemas; Jesus só tinha um: as pessoas, não ele mesmo. Nosso problema é que temos que averiguar se nós fizemos a coisa certa, quer a pessoa faça a coisa certa ou não. Com Cristo, o espetáculo era um sucesso, mas a audiência, um fiasco. Você precisa ter isso em mente também.

Mas, e se a pessoa não crer? E se você checar a si mesmo, e acreditar diante de Deus que fez tudo quanto podia, e é realmente a atitude rebelde dela em relação ao evangelho que a impede de crer? Bem, você conclui

que pode levar um cavalo até o rio, mas não pode fazê-lo beber a água. E você repete toda a última reunião (como a deixar aparente que essa será a última) – tento tecer isso vinte vezes e até mesmo escrever num pedaço de papel, se possível – um versículo que ele possa carregar consigo. Tento indelevelmente imprimir nele de forma que ele nunca esqueça. Tudo o que mencionei na última reunião na qual citei Provérbios 13.15. É pequeno, é direto ao ponto e pode ser memorizado. Digo: "Bem, se você não vai crer nessa mensagem, quero que você se lembre que Deus diz: 'o caminho dos pérfidos é intransitável'. E quando você sair daqui e começar a encarar esse problema ou aquele, independente do que acontecer, você perceberá que 'o caminho do pérfido é intransitável'. Lembre-se que, aconteça o que acontecer, aí é que quero que você pense acerca do fato de que 'o caminho do pérfido é intransitável'. "Eu continuo dizendo, dizendo e dizendo. Tive pessoas que voltaram depois de seis meses e perguntei a eles: "O que te trouxe de volta?" "Descobri que o caminho do pérfido é intransitável". Acho que você tem que deixar uma farpa debaixo da sua sela. E a melhor farpa é o evangelho.

Deixem-me dizer mais uma vez: você não pode aconselhar descrentes no sentido bíblico da palavra (mudando-lhes, santificando-lhes através da obra do Espírito Santo, conforme sua Palavra é ministrada aos seus corações) enquanto eles permaneçam descrentes. A mudança que eles precisam é a obra regeneradora do Espírito Santo. Então, faça pré-aconselhamento: apresente o evangelho e ore para que o Espírito Santo abra seus corações para recebê-lo com fé. Evangelismo é essencial. Isso deve vir primeiro.

Índice Onomástico

Adler, Kurt,
Agostinho,
Berkhof, Louis,
Bettler, John,
Calvino, João,
Counts, Bill,
Crabb, Larry,
Custance, Arthur,
Ellis, Albert,
Epicteto,
Farley, J. W.,
Farrar, F. W.,
Freud, Sigmund,
Fromm, Eric,
Ginott, Haim,
Girdlestone, R. B.,
Glasser, William,
Harris, Thomas,
Hendricksen, William,
Hodge, A. A.,
Hodge, Charles,
Hoekema, Anthony A,
Kant, Immanuel,
Kemp, Thurmond,
Kittel, Gerhard,
Kline, Meredith,
Krumboltz, John,
Kubler-Ross, Elizabeth
Lewis, C. S.,
Lindemann, Eric, London, Perry,
Lucy,
MacArthur, Greg,
Maslow, Abraham,
Menninger, Karl,
Monroe, Robert,
Moody, Raymond,
Mowrer, O. H.,
Murray, John,
Narramore, Bruce,
Narramore, Clyde,
Nederhood, Joel,
Nero,
Nietzsche, Friedrich
Nuttal, Robert,
Peris, F. S.,
Reissner, Albert,
Rice, John,
Rogers, Carl,
Skinner, B. F.,
Solomon, Charles.,
Spurgeon, Charles, H.,
Stott, John,
Swihart, Phillip,
Torrey, E. Fuller,
Vos, Geerhardus,
Winslow, Jack,
Young, Edward J.,

Índice de Referências Bíblicas

Antigo Testamento

Gênesis
1 57
1.21,24,30 158
1.26-28 169, 171
2.7 154, 158, 160
2.17 201
2.18 48, 180, 186
2.24,25 187
3.8,10 213
3.15 82
3.16 213, 371
3.17-19 65, 213
4.7 259
6.4-9 134, 236
6.5 198
6.11 197
6.17 187
7.22 187
8.21 187
16.13 91
17.1 89
18.25 409
20.10 119
22.1-19 91
31.42 307
46.22 165
50.17 259

Êxodo
3.15 90
17 91
20 45
34.6,7 274

Levítico
4.20,26,31,35 258
5.10,14,15,18 258
6.4 306
19.17 307
25.10 261

Números
5.5-7 306
14.19-20 259

Deuteronômio
6.4-9 134, 276
11.18-21 134
18.9-14 405
20.16 157
29.29 85, 86, 219
32.1-43 91

Josué
7.1 207
22.20 207

Juízes
10.16 166

1Samuel
16.7 165
24.7,14 52

2Samuel
11.12 313
12.10 274

1Reis
8.48 166

1Crônicas
22.19 166

2Crônicas
24.21,22 264

Esdras
9 111

Neemias
9.17 259
9.30 37

Jó
1,2 69
12.24 165
15.13 166
27.2 157
32.8 157
36.13 165
38.2 220
38.36 166
40.2 220
40.4 220
40.22 111
42.6 220

Salmo
1 23, 106, 328
1.1,2 199
1.5 67
2.1-4 69
3.2 167
4.1 117
4.3 104
6.1 307
6.3 167
8 67
13.2 166
14.1 165
19 67
23.1 96
29.3-9 67
32.1-5 260, 295
32.2 166
34.18 275
37 82
38.1 307
38.18 276
39.1 117
51 111
51.5 199
51.7 280
54.1 117
55.1,2 117
58.15 275
59.7 117
64.6 166
66.18 117, 119
66.19,21 117
73 82
84.8 117
102.1 117
103.3 259
103.12 264
103.20,22 112
106.33 166
119.9 57
119.24 36
119.67 371
119.71 371
119.99 143
119.100 143
130.4 259
139 65
143.1 117
147.3 275

Provérbios
1.23,25,30 307
2.17 186
6.23 307
9.7 307
10.17 307
10.19 300
12.1 307
13.1 308
13.18 307
15.5,10 307
15.12 307
15.31,32 307,308
19.2 166
19.25 308
20.11 411
20.27 157
22.8 208
22.15 199
25.11 300
25.30 17
27.5 308
28.9 1124
28.13 111
28.23 307
29.1,15 307

Eclesiastes
2 17
3.21 159
5.12 191, 213
12.7 158

Isaías
1.15 117
5.20 263
9.6 43
44.9-20 84

53 201
55.7,8 259
57.20,21 207
58.15 275

Jeremias
2.13 234
11.14 117
13.10 147
13.23 226, 321
14.12 117
16.12 197
17.9.10 165, 197
18.12 197
22.21 256
23.6 92
23.17 197
23.20 165
31.34 259, 309
49.16 197
50.20 264

Ezequiel
8.18
11.5 168
20.42,43 286
36.25-27 198,200
36.25-31 286
48.30-35 91

Daniel
9 111
10.10-31

Oseias
1.6 260
7.11 165
8.13 265
9.9 265

Joel
2.13 275
2.28 187

Malaquias
2.6 209
2.14 186

Novo Testamento

Mateus
5.8 166
5.27,30 359
5.28 166
6.5,6 122
6.8 111
6.12 261, 288
6.14,15 122
6.17 166
6.33 123
7.16-20 411
7.29 30
10.22 366
10.28 160
11.21-24 411
11.25 143
11.29 385
12.33 411
12.34 197
13.15 165
14.15 288
15.8 165
15.18... 197
15.19 156, 232, 420
16.22 308
16.24 328
18.15... 298, 305, 311, 378, 388
18.19,20 378
18.23-36 256
18.21-25 285
18.27,32 261
19 48, 180
20.15 82
21.22 120
22.37 166
24.13 366
24.45 352
25.21-23 352
25.24 243
25.34-36 410
26.28 265
26.39 123
28.18-20 385

Marcos
3.14 130, 236
3.28-30 262
3.29 261
6.33 73
7.13 30
7.19-23 165
8.12 166
8.34 236
8.35 73
11.23 165
11.23-25 120,311
14.38 166

Lucas
1.78 165
3.10-14 384
4.18 261
5.22 165
6.40 130,329,420
6.44 411
7.41,42 261
9.23 333
10.7 193
11.13 180
11.50 243
12.35-37 413
12.42 352
12.45 166
12.47 411
15.18 305
16 180
16.10-12 305,352
17.3 121, 302, 308
17.10 412
18.9-14 122
18.13 258
19.1-10 306
20.47 411
22.15 182
23.34 264
23.40 308
24.39 167
24.46-47 244,316

João
1 57
1.1 15
2.4 245
3.32,34 133
3.17,18 409
4.9 42
4.24 167
5.18,20,30 133
6.38,39 244
7.17 236
7.30 245
8.26-38 133
8.31 236
8.34-44 5 19
9.1 371
12.23,27 245
13.13-17 236
14.9 133
14.13,14 28
15 363
15.7 236
15.11 346
15.15 182,183
15.18 297
15.21 28
16.11 409
16.23-27 28
16.24 346
17.4 245
19.17 245
19.30 264

Atos
2 187
2.37 269
3.21 37
4.13 130
4.28 177
5.4 165
5.31 261
6 379, 399
6.2-4 401
7.54 165
7.60 264
8.10 58
8.22 261
8.29,30 177
12.1-16 120
13.38 261
15.3 346
16.13,16 108
16.14 200
16.22 211
17.11 40, 248
17.18,30 12
17.28 15, 79
20.31 379
24.25 353
26.18 261

Romanos
1.16 59
1.21,22,28 229
1.26,27 145
2.6-8 411
2.7,8 366
2.12-16 267
2.15 74
3.4 273
3.23 148, 173, 209
3.24-26 267
4.4 100
4.15 210
5.5 345
5.12 200
5.19 200
5.20 67, 187
6 157
6.6 198
6.16-19 198
6.23 200
7.24 198
8.1 409
8.6 160
8.14 47

8.8 173, 206
8.18 197
8.18-25 67
8.20 251
8.24 250
8.26-38 133
8.35-39 364
8.28,29 73
9.20 221
9.22-23 266
10.8-10 166
10.14-15 320
11.11 349
11.22 399
11.36 76, 126
12 223
12.1,2 239, 358
12.14 181
12-18 388
14.10 410
14.14,15,20 54
14.23 54, 204
15.14 351

1Coríntios
1,2 74
1.4-8 412
1.4-10 410
1.18 59
2 160
2.4,5
2.7 177
2.9,10 70
2.14 246
2.20 166
3.8 412
5.9-11 182
6.2 267
6.7 248
6.14 154
6.15,16
7 48, 180
7.4 186
7.9 353
7.34 160
7.39 48
8.7 226
9.4 193
10.13 221, 370
11.30... 371
11.32 219, 285
12.3 246
12.4-11 323
13.7 308
13.9-12 77
14.20 168
15.3 294
15.32-58 412
15.33 226, 361
15.54 57

2Coríntios
1.4 368
2.6 393
4.8 370
4.11 221
4.16 379, 412
4.17,18 197, 358, 368
4.23,28
5 154, 188
5.10 193, 412
6.4-10 370
6.12 411
6.14-18 48
7.1 161
7.8-10 276
9.6-8 412
9.7 165
10.6 210, 285
11.23-29 370
11.23-38 221
12.8,9 117
12.12 46

Gálatas
3.2,3 320
4.4 445
5 44
5.8 47
5.22,23 332
6.1 206
6.5 192
6.5-10 412
6.10 399

Efésios
1.4 243
1.5,11 177
1.11 49
1.16 108
2 60
2.1 246
2.3 145, 197
2.7 399
2.10 410
2.12 67
4.7 323
4.11 323, 379
4.17,18 325, 383
4.17-21 325, 383
4.22 197
4.23 157, 172, 208
4.24 148, 171, 208
4.25 308
4.29 206
4.32 255, 261, 309
5.12 299
5.28-30 187
6.5-9 193
6.12 68

Filipenses
1 404
1.8
1.10 76, 412
1.21-24 405
1.26 412
2.6-11 156
2.13 283
2.16 412
3.12
4.1 346
4.4 346
4.6,7 28, 110, 115
4.6-9 343, 347
4.8 317
4.13 77, 283

Colossenses
1.5 412
1.9-11 348
1.11 283
1.19 154
1.24 261, 346
1.28 134, 370
2.8 85
2.9 154, 379
2.13 261
2.23 156
3 220, 358
3.4 413
3.10 148, 171, 358
3.9-10 171
3.12 161
3.13 261
3.15 165
3.16 134
3.22-4.1 193
3.24 412
3.25 210

1Tessalonicenses
1.4 372
1.9 239, 383
2.11,12 383
3 192
3.13 412
4.13... 110
5.4-8 413
5.13 378
5.14 101
5.23 161, 163, 412

2Tessalonicenses
1 415
1.3-10 83
1.7 412
3 192
3.8-10 190
3.10 190, 400
3.12 190

1Timóteo
2.18 412
4.2 202
4.4,5 109
4.8 412
5.3-16 400, 402
5.20 308
5.25 412
6.4,5,20,21 85
6.11 355
6.18,19 412
6.20 209

2Timóteo
1.7 378
2.11 412
2.22 340, 343
3.5 355
3.12 355
3.15-17 13, 30, 58, 59, 312, 355, 379
3.16 60, 226
4.2 308
4.4 412
4.7 413, 416
4.8 412, 413, 416
4.14 412
4.16 412

Tito
1.1 355
1.13 308
2.3-5 402
2.4,5 135
2.13 250
2.14 210, 359
2.15 308
3.14 384

Filemon
7, 12, 20 165

Hebreus

1.9 354
2.2-4 46
2.10 126, 215, 371
2.15 213, 405
2.18 371
3.7,8 37, 101
4.1 372
4.7 37
4.12 161, 165
4.13 101
4.14-16 87
4.16 126
5.7 111
5.8 369, 371
5.13... 330
5.14 226
9.7 211
922 358
9.26 243
9.27 407
10.15... 47
10.16 37
10.18 266
10.22 166
10.25 226
10.27 407
10.31 67
10.32 368
11 83
12.5-11 284, 308, 364
12.6 289
12.11 289
12.15-17 284, 308
12.23 17
13.17 378

Tiago
1.2 346, 347
1.5 87
1.26 165
2.14 238
2.26 158
3.9 171
4.2,3 28
4.9,10 278
4.14-16
5 368
5.7-8 413
5.15 28, 108
5.16-18 28

1Pedro
1.6-9 347
1.8 198
1.9 371
1.18 226
1.19,20 243
2.2 320
2.19 372
2.23 197, 372
2.24 201
3.9 328
3.20 167
4.1 168
4.2 198
4.14 124
4.19 197
5.10 124

2Pedro
1.3 247
2.14 226, 331
3.1... 59
3.9,10 82
3.13 81, 154
3.18 173
4.1 372

1João
1 57, 127, 156
1.1 154
1.3 67
1.6 67
1.7 67
1.8,10 365
1.9 67, 111
2 177
2.28 413
3.2-3 413
3.4 205
3.19,21 166
3.17 165
4.2 154
5.15 110
5.6-8 154
5.19 69

2João
2Jo 185
12 346

3 João
3Jo 185

Judas
6 156
9 308

Apocalipse
2.4 255
2.4-5 278
2.7 149
2.20,22 279
3.2,3 279
3.16,17 279
3.19 279, 308
4.11 15, 72
6.10 83
6.11,12 82
10.6 82
13.8 245
14.7 83
17.8 243
20.12 410
20.14 201
21.4 212, 370

Índice Analítico de Assuntos

A

absurdo 16, 17, 41, 47, 73, 78

abundância 50

acadêmico 129, 130, 131, 236

aceitação 19, 26, 43, 77, 267, 268, 404, 405, 406

acomodação 142, 157

adoração 54, 84, 98, 103, 111, 112, 113, 123, 165, 167, 256, 355

adultério 39, 207, 263262, 297, 298

alegria 16, 19, 68, 92, 113, 194, 212, 218, 230, 274, 278, 340, 341, 344, 346, 347, 348, 349, 370, 406, 413, 418

aliança 173, 186, 207, 249, 266

alienação 67, 184, 185, 186, 187, 205

alma 41, 66, 67, 69, 89, 112, 156, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 197, 211, 223, 421

alternativa 42, 43, 45, 361

alucinação 406

amargura 79, 302, 328, 391, 392

ambiente 65, 67, 75, 127, 170, 177, 190

amizade 182, 183, 391

amor 55, 90, 113, 120, 124, 126, 149, 171, 180, 181, 182, 213, 215, 230, 244, 247, 250, 255, 307, 309, 336, 340, 341, 344, 345, 346, 348, 364, 384, 393, 396, 405, 406, 423, 424, 427

animais 18, 20, 158, 159, 170, 186, 189, 245, 414

anjos 69, 83, 107, 155, 251, 252, 263

ansiedade 25, 39, 68, 85, 116, 192, 203

antinomismo 293

antítese 75, 165

antropologia 140, 141, 143, 144, 153

arrependimento 12, 111, 112, 122, 165, 207, 215, 220, 234, 237, 246, 271, 272, 276, 277, 278, 280, 284, 287, 288, 294, 295, 304, 309, 311, 312, 328, 350, 366, 384, 393, 394, 398, 404

arrogância 40, 81, 103, 234, 393

ascetismo 156, 181

ataque 21, 22, 71, 237, 271, 273, 288

Atitudes 268, 297, 339

autocontrole 353

autonomia 16, 18, 19, 22, 207

autopiedade 84, 277, 298, 306, 310, 311, 312

autoridade 29, 30, 32, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 48, 54, 58, 100, 134, 206, 234, 297, 375, 378, 390, 393, 395, 437

autossugestão 104

avanço 17, 343

aversivo 413

B

batismo 384, 385

behaviorismo 413

Behaviorismo 224, 274, 275, 278, 286, 315, 360

Bíblia 8, 9, 13, 14, 15, 21, 24, 27, 29, 30, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 53, 57, 58, 75, 82, 83, 89, 92, 105, 107, 108, 117, 119, 125, 130, 141, 142, 145, 146, 147, 148, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 165, 169, 170, 175, 185, 187, 188, 197, 198, 201, 205, 214, 225, 226, 234, 235, 236, 238, 248, 249, 250, 258, 262, 265, 270, 271, 272, 278, 279, 281, 283, 284, 286, 287, 293, 297, 298, 300, 301, 310, 311, 314, 327, 328, 333, 334, 335, 341, 342, 344, 354, 365, 366, 376, 377, 379, 386, 390, 394, 406, 407, 409, 410, 414, 421, 422, 424, 425, 427, 428, 429, 432

blasfêmia 25, 263

bondade 110, 340, 350, 351

busca do fruto 341, 342, 344

C

cabeça 82, 134, 165, 195, 237, 259, 262, 265, 284, 366, 368

calma 348

capacidade 16, 19, 31, 77, 89, 173, 174, 179, 180, 200, 224, 225, 226, 271, 273, 329, 331, 342, 348, 378

carne 47, 54, 55, 78, 87, 132, 155, 161, 167, 187, 198,

199, 223, 226, 244, 267, 328, 330, 333, 339, 342, 414

casamento 48, 88, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 230, 250, 253, 254, 322, 377, 392, 434

catarse 271, 287, 295, 296

cérebro 168, 191

Ciência 213

circunstâncias 6, 15, 39, 44, 46, 52, 53, 74, 78, 88, 89, 90, 91, 110, 160, 176, 178, 212, 224, 236, 264, 361, 384, 395

companheirismo 186, 187, 230

competição 8, 9, 68

complicação 121, 367

comportamento 9, 10, 37, 47, 59, 104, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 157, 170, 173, 178, 179, 197, 199, 207, 223, 224, 226, 227, 234, 295, 322, 330, 333, 354, 358, 369, 372, 411, 413, 414, 423, 424

Comprometimento 22

compromisso 32, 41, 48, 97, 100, 101, 102, 132, 154, 164, 186, 211, 215, 302, 303, 305, 312, 424, 438

comum 8, 24, 25, 57, 67, 103, 114, 117, 131, 141, 150, 158, 183, 186, 209, 226, 229, 298, 321, 351, 398, 436

Confissão 16, 67, 111, 112, 145, 288, 290, 294, 295, 296

conflito 12, 22, 45, 52, 110, 166, 223, 333, 351

conforto 68, 92, 105, 106, 217, 309, 388, 406

confusão 45, 46, 47, 58, 67, 143, 150, 151, 188, 198, 207, 221, 256, 290, 333, 409

conhecimento 15, 16, 17, 20, 22, 27, 30, 35, 41, 46, 65, 77, 86, 88, 125, 143, 148, 160, 164, 169, 171, 172, 173, 183, 196, 197, 208, 220, 229, 231, 247, 349, 366, 372, 375, 377, 378, 404, 418, 425

consciência 20, 67, 126, 154, 166, 174, 192, 201, 202, 203, 204, 227, 271, 273, 276, 278, 293, 347, 348, 389

conselho 8, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 57, 59, 75, 77, 81, 172, 173, 195, 200, 233, 234, 247, 248, 301, 303, 304, 378

conversão 9, 60, 152, 218, 269, 307, 320, 357, 381, 385, 386, 428

convicto 69

coração 60, 66, 96, 98, 99, 110, 112, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 152, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 188, 197, 198, 199, 200, 211, 229, 232, 259, 262, 267, 275, 281, 294, 295, 297, 298, 299, 311, 312, 319, 331, 338, 343, 344, 359, 360, 381, 395, 420, 421, 422, 423, 425, 426, 427, 429, 431, 432, 433, 436

corpo 17, 30, 32, 53, 69, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 167, 168, 185, 187, 189, 191, 198, 202, 203, 206, 215, 223, 226, 232, 233, 244, 252, 358, 359, 368, 370, 378, 385, 393, 398, 403, 406, 421, 423, 428

correção 58, 96, 195, 237, 284, 293

Corrupção 197

credo 10, 11

crença 9, 75, 147, 216, 234, 404, 437

criação 15, 17, 18, 19, 24, 66, 67, 68, 69, 72, 105, 140, 146, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 177, 186, 189, 190, 206, 214, 243, 244, 286

criatividade 190

culpa 171, 196, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 233, 234, 258, 259, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 286, 287, 293, 295, 296, 310, 313, 369

cultos 11, 142

D

davar 57

decisão 44, 45, 48, 52, 53, 54, 56, 97, 101, 140, 223, 224, 232, 335, 412, 422

defeito 53, 211, 243

deidade 87

demônio 263

depressão 9, 432

Desabituação 325, 327, 336

desconfiança 22

descrentes 23, 35, 42, 49, 125, 172, 173, 179, 181, 185, 200, 226, 247, 284, 288, 319, 325, 348, 368, 382, 397, 411, 419, 425, 426, 427, 429, 432, 433, 439, 440

desencorajamento 29, 323, 338

desobediência 14, 48, 85, 205, 210

determinismo 170, 176, 177, 179

dever 8, 36, 85, 116, 210, 398

dicotomia 142, 159

dinheiro 56, 57, 70, 190, 193, 328, 338, 352, 398, 415

direção 36, 40, 44, 57, 80, 91, 119, 129, 134, 207, 247, 248, 283, 331, 332, 342, 350, 353, 355, 376, 427, 432

disciplina 92, 99, 125, 132, 134, 148, 199, 207, 219, 256, 280, 284, 285, 292, 332, 333, 334, 335, 336, 352, 353, 364, 371, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 411

distorção 21, 22

divórcio 263, 377, 386, 411

dons 58, 131, 193, 322, 339, 352, 378, 400

drogas 233

dualismo 214, 223

dúvidas 12, 54, 56, 57, 231, 264

E

ecletismo 12, 26, 27, 43, 141

educação 58, 129, 130, 132, 133, 134, 237, 238, 273, 385

embaraço 102, 183

emoção 277, 307, 422

encorajamento 68, 87, 90, 92, 102, 221, 237, 281, 320, 378

ensino 10, 27, 30, 31, 57, 84, 100, 103, 104, 106, 108, 118, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 141, 142, 145, 147, 160, 195, 199, 224, 225, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 247, 248, 251, 256, 258, 270, 271, 284, 288, 293, 297, 320, 330, 354, 355, 357, 375, 378, 383, 384, 405, 407

era 9, 12, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 25, 35, 46, 54, 55, 89, 90, 122, 130, 145, 148, 158, 178, 180, 182, 184, 185, 189, 204, 211, 212, 216, 217, 244, 267, 274, 276, 277, 280, 282, 286, 288, 289, 307, 313, 330, 350, 352, 353, 375, 384, 387, 392, 400, 420, 435, 436, 437, 439

erro 10, 23, 24, 68, 82, 83, 131, 142, 148, 156, 175, 178, 196, 203, 211, 219, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 271, 284, 287, 289, 290, 297, 302, 310, 315, 320, 431

Escola Dominical 417

escravidão 19, 67

esperança 7, 11, 26, 29, 41, 45, 59, 68, 72, 73, 74, 76, 80, 88, 91, 110, 157, 181, 187, 188, 189, 215, 216, 218, 247, 249, 250, 253, 270, 325, 332, 333, 364, 404, 406, 413, 415, 417, 420, 429, 431, 435, 437

espiritismo 403, 405

estoicismo 11, 12, 74, 75

eternidade 50, 68, 82, 184, 196, 214, 243, 244, 263, 370, 407, 414

evangelismo 43, 173, 256, 319, 424, 433, 436

evolução 146

exegese 26, 28, 29, 31, 186, 223, 321, 346

existencialismo 207

expert 100

expiação 88, 246, 258, 266, 268, 269

exposição 39, 84, 162, 211, 346, 348, 353, 380

F

falha 12, 28, 29, 58, 68, 101, 118, 121, 127, 173, 204, 208, 211, 256, 271, 282, 303, 312, 344, 351, 377, 381, 387, 439

família 92, 99, 134, 181, 184, 185, 285, 292, 313, 364, 386, 397, 398, 400, 439

fariseus 30, 122, 288, 436

fatos 6, 7, 9, 17, 19, 24, 45, 71, 84, 86, 87, 107, 127, 132, 146, 170, 173, 174, 176, 192, 196, 197, 224, 237, 249, 266, 269, 284, 286, 307, 311, 346, 347, 366, 368, 388, 389, 406, 413, 436

Fé 145, 288, 290

feedback 306

fidelidade 56, 83, 90, 93, 340, 345, 351, 352, 359

fôlego 79, 157, 158, 159, 416

fruto 17, 18, 20, 21, 25, 58, 110, 111, 144, 213, 322, 323, 328, 332, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 349, 350, 352, 355, 356, 363, 410, 411, 412

função 9, 10, 17, 36, 208, 230, 375, 399

fundação do mundo 243, 244

G

gentileza 349, 352

glorificação 124

graça 24, 25, 67, 78, 87, 88, 98, 100, 111, 121, 157, 172, 188, 206, 227, 229, 244, 251, 252, 253, 254, 261, 282, 283, 290, 293, 298, 313, 314, 333, 334, 335, 343, 365, 369, 412, 417, 430

H

hábito 224, 225, 226, 227, 328, 329, 330, 331, 336, 338

hedonismo 231

heresia 10, 154

hipocrisia 101, 355, 426

história 9, 19, 20, 21, 27, 37, 75, 91, 105, 110, 122, 148, 151, 244, 245, 264, 266, 273, 309, 313, 370, 436, 437, 438

homem 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 35, 37, 41, 50, 60, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 96, 120, 126, 127, 128, 140, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 190, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 205, 206, 207, 209, 210, 212, 213, 214, 220, 223, 230, 231, 232, 237, 243, 244, 245, 246, 249, 250, 255, 258, 259, 260, 266, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 286, 294, 301, 304, 306, 314, 320, 322, 326, 329, 332, 333, 334, 336, 340, 343, 346, 351, 352, 354, 358, 360, 361, 363, 364, 365, 378, 386, 393, 411, 413, 414, 419, 420, 421, 422, 424, 426, 428, 431, 432, 434, 435, 436

homossexualidade 25, 147, 298

humanismo 96, 140, 207

humilhação 156

I

Iavé 90, 91

idolatria 54, 55, 84, 107

ignorância 12, 18, 58, 79, 133, 208, 210, 211, 232, 322, 354

igreja 9, 10, 11, 13, 22, 23, 25, 35, 36, 43, 44, 48, 51, 53, 54, 71, 75, 76, 99, 119, 122, 134, 141, 142, 181, 185, 188, 192, 193, 217, 219, 221, 230, 255, 256, 257, 279, 284, 293, 296, 298, 301, 302, 303, 312, 355, 375, 376, 377, 378, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 411

iluminação 42, 411

imanência 87

inerrância 36, 37

inspiração 178, 248

integração 142

interior 60, 66, 71, 96, 104, 105, 106, 119, 121, 152, 157, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 197, 198, 199, 223, 232, 274, 294, 297, 298, 319, 355, 357, 358, 422, 423, 424, 426, 436

intermediário 17

interpretação 17, 47, 53, 119, 167, 187, 204, 223, 226, 232, 272, 290, 321

intimidade 186, 187

introspecção 278

irracionalismo 170

J

Jeová 84, 90, 91, 92, 249, 250, 264, 266

judeus 42

julgamento 38, 65, 67, 74, 147, 162, 168, 204, 212, 213, 232, 265, 268, 273, 274, 275, 276, 279, 281, 285, 392, 394, 395, 405, 406, 407, 409, 410, 411, 412, 413, 415, 425

justiça 47, 58, 60, 73, 74, 81, 82, 83, 84, 92, 123, 124, 148, 155, 171, 172, 173, 181, 209, 226, 232, 264, 266, 288, 294, 326, 329, 330, 332, 334, 335, 338, 340, 351, 354, 409, 410

justificação 47, 60, 61, 202, 246, 282, 288, 290, 407

L

legalismo 173

Lei 335

liberdade 19, 24, 177, 178, 207, 238, 261, 264, 270, 335, 370

limitação 429

linguagem 20, 25, 37, 49, 50, 118, 119, 155, 156, 180, 201, 238, 263, 269, 275, 288, 299, 300, 339

luz 24, 27, 65, 66, 102, 162, 182, 187, 244, 266, 288, 319, 340, 355, 405, 407, 411, 415, 425

M

mal 18, 20, 23, 28, 30, 75, 106, 119, 123, 141, 144, 164, 166, 172, 187, 192, 206, 208, 213, 221, 223, 224, 226, 244, 263, 271, 272, 274, 275, 278, 281, 294, 301, 321, 328, 330, 333, 342, 352, 353, 365, 368, 389, 412, 425, 429

mandamentos 38, 39, 50, 144, 149, 189, 236, 298, 299, 301, 335, 336, 348, 354

manipulação 69

mansidão 340, 341, 352, 353

Maria 106, 107, 370, 434

masturbação 147, 263

medicina 9, 203, 252

meditação 106, 168, 202

medo 18, 67, 81, 213, 277, 279, 293, 297, 369

mente 28, 41, 47, 56, 57, 59, 77, 102, 111, 115, 116, 122, 125, 130, 140, 157, 160, 163, 165, 168, 169, 171, 172, 189, 204, 206, 211, 223, 229, 230, 231, 236, 239, 253, 266, 286, 290, 302, 309, 322, 326, 343, 344, 358, 360, 361, 414, 421, 425, 427, 439

metodologia 132, 149, 175, 176

ministério 8, 9, 11, 14, 36, 37, 132, 133, 134, 135, 172, 320, 358, 378, 379, 380, 394, 395, 397, 399, 400, 404

ministro 13, 14, 378

miséria 16, 17, 18, 19, 25, 68, 89, 192, 193, 196, 209, 212, 213, 214, 217, 218, 219, 220, 221, 251, 254, 258, 273, 274, 275, 276

Misericórdia 267, 397

moralidade 41, 173, 178, 336, 414, 416

morte 12, 17, 18, 21, 46, 67, 82, 87, 107, 110, 126, 154, 156, 158, 159, 160, 174, 200, 201, 213, 245, 251, 253, 263, 264, 266, 267, 268, 282, 285, 287, 294, 313, 403, 404, 405, 406, 407, 409, 414, 436

motivos 22, 52

mudança 8, 12, 14, 21, 60, 70, 78, 99, 101, 111, 112, 150, 152, 153, 157, 172, 174, 192, 200, 201, 215, 231, 234, 239, 247, 248, 254, 257, 279, 280, 287, 294, 295, 315, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 332, 333, 337, 338, 342, 357, 359, 376, 382, 383, 384, 385, 398, 420, 423, 424, 432, 433, 437, 440

mundo 16, 17, 19, 23, 31, 35, 41, 42, 43, 57, 58, 59, 65, 67, 69, 70, 71, 74, 76, 77, 82, 87, 103, 104, 107, 145, 147, 152, 154, 155, 171, 182, 184, 185, 186, 193, 196, 199, 206, 212, 213, 219, 232, 233, 238, 243, 244, 266, 277, 294, 335, 414, 415, 424, 425

N

natureza 8, 17, 25, 31, 67, 75, 81, 84, 85, 87, 90, 97, 112, 132, 139, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 162, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 195, 197, 198, 199, 207, 210, 211, 223, 226, 227, 235, 250, 251, 252, 254, 263, 289, 305, 321, 322, 330, 337, 338, 340, 342, 350, 390, 412, 421, 426, 427

necessidade 8, 16, 22, 31, 41, 43, 71, 88, 101, 105, 109, 111, 112, 115, 121, 134, 172, 182, 186, 187, 190, 192, 195, 200, 206, 207, 211, 234, 238, 245, 255, 257, 268, 278, 281, 289, 298, 300, 314, 320, 325, 340, 358, 360, 376, 382, 384, 386, 397, 398, 399, 400, 417, 421

negação 21, 22, 74, 105, 106, 176, 213, 214, 221, 271, 335, 370, 404, 406

neutralidade 71, 72, 73, 268

noéticos 230

nomes 50, 90, 92, 93, 126, 243

Normas 273

Notas 18

noutético 8, 95, 196, 235, 236, 274

O

obediência 60, 102, 218, 231, 236, 237, 238, 251, 266, 277, 309, 334, 335, 344, 378, 430

obra 6, 9, 11, 13, 26, 27, 28, 36, 37, 38, 43, 44, 49, 60, 72, 75, 76, 95, 124, 126, 127, 140, 141, 142, 149, 151, 169, 182, 189, 190, 192, 196, 199, 212, 215, 221, 245, 246, 251, 253, 286, 310, 319, 320, 322, 333, 338, 339, 343, 357, 358, 365, 376, 377, 378, 379, 397, 403, 404, 412, 417, 418, 440

observação 40, 131, 221, 235, 289, 405, 410

onipotência 27, 106

onipresença 27, 106, 107

onisciência 27, 106, 107, 118

opinião 11, 15, 37, 38, 40, 41, 44, 56, 129, 148, 294

oração 6, 28, 29, 56, 76, 78, 87, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 156, 171, 230, 244, 264, 267, 269, 288, 289, 292, 312, 334, 343, 349, 353, 369, 379, 382, 392, 399, 428

ordem 17, 20, 45, 58, 80, 92, 191, 200, 207, 218, 266, 340, 375, 378, 397, 399, 400, 437

P

paciência 102, 322, 348, 349, 355

paganismo 404

Pai 87, 88, 92, 105, 112, 121, 131, 133, 134, 206, 210, 243, 244, 245, 246, 264, 269, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 311, 339, 364

palavra 8, 31, 32, 37, 43, 44, 48, 57, 65, 68, 84, 90, 100, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 117, 118, 133, 142, 145, 157, 158, 159, 164, 167, 168, 169, 172, 178, 187, 191, 197, 201, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 214, 217, 220, 221, 223, 249, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 269, 277, 294, 295, 297, 307, 308, 309, 330, 331, 333, 334, 339, 343, 345, 346, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 358, 371, 385, 386, 391, 393, 407, 409, 420, 421, 422, 427, 428, 433, 436, 440

paz 46, 53, 105, 110, 115, 116, 122, 163, 207, 256, 305, 309, 340, 341, 343, 344, 347, 348, 365, 370, 391, 428

pecado 16, 18, 19, 23, 24, 35, 37, 39, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 67, 72, 78, 85, 86, 87, 101, 123, 125, 126, 127, 141, 144, 145, 146, 148, 154, 155, 156, 157, 172, 173, 174, 180, 185, 188, 189, 190, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 220, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 233, 238, 243, 244, 246, 251, 252, 254, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 273, 274, 275, 276, 277, 280, 281, 286, 292, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 305, 306, 312, 313, 314, 323, 329, 331, 333, 334, 335, 353, 357, 359, 360, 361, 365, 366, 367, 369, 389, 390, 391, 393, 404, 405, 414, 421, 423, 434, 437

penalidade 213, 214, 217, 246, 262, 267, 273, 287

pensamento 12, 15, 16, 26, 29, 30, 49, 68, 69, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 95, 116, 117, 140, 141, 156, 162, 164, 168, 169, 176, 197, 207, 227, 229, 230, 231, 232, 234, 238, 270, 271, 272, 281, 331, 333, 345, 354, 358, 361, 370, 375, 407, 409, 421, 422, 426

percepção 117, 118, 168, 221, 232, 233, 255

perfeição 17, 149, 212, 231, 281, 353, 365

perigo 42, 57, 68, 91, 101, 142, 202, 265, 271, 300, 304

perseverança 125, 210, 333, 336, 355, 363, 365, 366

personalidade 78, 141, 143, 169, 177, 178, 199, 223, 266, 341, 342, 345, 423

petição 97, 100, 103, 105, 109, 111

planejamento 232

poder 13, 43, 47, 57, 58, 59, 60, 61, 67, 72, 77, 83, 88, 89, 95, 99, 107, 118, 152, 153, 159, 162, 163, 223, 231, 237, 246, 247, 256, 282, 283, 320, 332, 333, 334, 354, 355, 365, 378, 393, 417, 421, 424, 429, 430, 431, 432, 439

postura 15, 41, 160, 175, 220, 271, 294

prática 16, 22, 26, 28, 29, 31, 42, 43, 56, 75, 80, 84, 86, 88, 96, 99, 104, 107, 112, 116, 120, 131, 132, 147, 175, 192, 196, 203, 219, 221, 223, 226, 227, 271, 289, 290, 298, 299, 315, 321, 324, 326, 330, 331, 332, 333, 334, 341, 344, 345, 356, 358, 378, 385, 388, 394, 397

preaconselhamento 438, 439

predestinação 177, 178, 179, 180

pregação 14, 28, 29, 59, 132, 164, 195, 237, 249, 269, 281, 320, 379, 380

pressão 56, 99, 100, 101, 102, 147, 203, 324, 327, 328, 434

princípio 15, 16, 20, 39, 42, 48, 49, 54, 55, 56, 57, 59, 73, 75, 76, 95, 100, 159, 190, 230, 231, 243, 249, 266, 298, 299, 360, 411

Procrastinação 101, 102

profissionalismo

propósito 8, 15, 17, 32, 43, 73, 76, 77, 98, 103, 113, 120, 122, 148, 164, 186, 203, 205, 208, 209, 211, 216, 217, 244, 245, 255, 266, 267, 270, 271, 289, 292, 334, 370, 371, 372, 385, 388, 389, 390, 391

prostituição 187, 420

psicologia 9, 26, 30, 35, 40, 147, 201, 220, 282, 297, 379, 428

psiquiatria 9, 11, 25, 26, 35, 149

punição 170, 214, 217, 261, 262, 263, 264, 265, 274, 279, 280, 283, 284, 285, 287, 292, 313, 371, 405, 407, 410, 411, 412, 413, 414

Q

queda 15, 16, 17, 20, 65, 140, 144, 146, 147, 148, 153, 171, 173, 195, 201, 212, 214, 223, 250, 251, 279, 367

questões 9, 13, 27, 32, 38, 45, 51, 67, 70, 71, 81, 85, 108, 131, 139, 140, 143, 150, 151, 174, 181, 184, 194, 200, 219, 223, 224, 227, 233, 235, 270, 281, 287, 288, 291, 298, 300, 306, 315, 383, 386, 404, 411

quietismo 340

quimioterapia 8

R

radical 12, 42, 70, 75, 141, 168, 254, 272, 360, 361, 383, 431

Reabituação 325

realidade 22, 41, 42, 58, 68, 69, 75, 79, 80, 81, 84, 104, 110, 127, 128, 132, 158, 161, 163, 171, 174, 181, 192, 200, 205, 213, 214, 217, 219, 255, 280, 301, 346, 347, 355, 357

rebelião 16, 18, 206, 207, 219, 275

recompensa 122, 170, 285, 405, 410, 412, 413, 414, 416

reconciliação 122, 172, 235, 256, 296, 306, 311, 315, 388, 389, 390, 391, 393

redenção 27, 88, 140, 144, 215, 243, 244, 246, 251, 252, 253, 254, 314

reforma 172

regeneração 60, 173, 199, 200, 218, 224, 246, 320, 339, 340, 342, 427

regularidade 57, 99, 113, 191

relacionamento 9, 17, 28, 32, 35, 36, 39, 42, 69, 76, 106, 126, 127, 133, 152, 167, 180, 181, 182, 184, 186, 187, 188, 227, 288, 293, 294, 296, 302, 305, 306, 315, 353, 355, 363, 388, 390, 392, 423

relato 90, 146, 165, 262, 393

remediar 175, 243

renovação 171, 172, 173, 174, 239, 250, 358

repreensão 58, 195, 280, 293, 307, 308, 309, 390, 394

responsabilidade 20, 55, 78, 88, 117, 119, 122, 150, 153, 157, 170, 171, 176, 177, 178, 179, 180, 186, 192, 234, 255, 261, 264, 265, 269, 292, 293, 296, 302, 304, 313, 386

ressentimento 84, 121, 122, 192, 298, 328, 392

ressurreição 60, 126, 155, 250, 251, 287, 436

restituição 208

Retidão 345

revelação 15, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 27, 37, 41, 44, 46, 47, 53, 70, 75, 76, 77, 80, 81, 90, 93, 133, 160, 403, 406, 411

reverso 82, 198, 230

Romana 107, 164

Rosemead 375

ruína 173, 398

S

sagrado 72

salvação 57, 59, 60, 87, 100, 166, 172, 188, 199, 215, 219, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 254, 269, 272, 274, 282, 289, 290, 309, 361, 364, 365, 410, 411, 435

santidade 79, 148, 161, 171, 172, 173, 208, 248, 263, 266, 326, 332, 334, 336, 430

santificação 47, 60, 61, 87, 154, 161, 172, 224, 281, 282, 319, 320, 329, 339, 340, 342, 357, 358, 359, 361, 363, 364, 417

Satanás 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 42, 43, 58, 59, 61, 156, 214, 233, 251, 297, 364

secular 71, 72, 73, 134

Senhor 24, 36, 44, 46, 48, 72, 83, 92, 98, 104, 111, 112, 113, 114, 120, 124, 125, 156, 163, 174, 214, 221, 246, 255, 259, 264, 266, 278, 285, 289, 290, 312, 313, 322, 325, 352, 354, 379, 382, 390, 397, 413, 416, 421, 425, 426, 430, 433, 434, 436

senso de culpa 201, 202, 203, 204, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 279, 281, 284, 286, 293

sentimentos 44, 45, 53, 121, 164, 170, 201, 202, 203, 271, 272, 275, 276, 278, 279, 287, 296, 297, 305, 309, 310, 335, 336, 422, 423, 438

separatismo 42, 43

sexuais 187, 188, 299, 421

sinônimos 171, 229, 265

sistemática 6, 7, 10, 26, 31, 95, 184, 224, 417, 418

soberania 77, 81, 213, 219, 347

sociais 17, 180, 182, 183, 184, 186, 297, 298, 299, 307, 398

sociologia 148, 149, 150

sofrimento 70, 110, 161, 196, 197, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 275, 277, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 407

sofrimentos 110, 212, 221, 366, 369, 371, 372

solidão 91, 182, 187

solteiro 48

sonhos 44, 46

sono 144, 156, 191, 233, 385, 386

Substitutos 59

sugestão 361, 381

suportar 68, 83, 88, 221, 259, 348, 349, 372, 434

T

tanatologia 403, 407

temperamento 145, 190

tempo 6, 7, 13, 16, 23, 25, 30, 37, 38, 44, 46, 53, 56, 57, 59, 69, 74, 82, 83, 104, 112, 113, 116, 118, 121, 130, 134, 139, 140, 150, 164, 165, 169, 178, 184, 190, 192, 199, 202, 203, 217, 220, 225, 237, 238, 244, 245, 255, 256, 283, 287, 289, 330, 336, 350, 352, 356, 358, 365, 370, 379, 381, 383, 399, 400, 403, 410, 414, 417, 419, 420, 422, 423, 429, 432, 434, 435, 437

tentação 88, 105, 297, 331, 359, 361

teologia 3, 6, 7, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 44, 71, 75, 76, 95, 117, 133, 140, 157, 159, 221, 224, 266, 268, 280, 282, 376, 417, 418, 435

terceira força 357

testes 48, 147, 183, 372

timidez 102, 183

Toccoa 215, 216, 217, 219

transcendência 87

transcendental 202

transgressão 145, 202, 204, 261, 299, 306

tribulação 76, 83, 166, 206, 209, 313, 369, 370

tricotomia 142, 159, 160

Trindade 84, 86, 88, 129, 132, 133, 167, 246

tristeza 110, 166, 208, 212, 215, 216, 254, 275, 276, 277, 278, 280, 304, 353, 391, 393, 404

V

vaidade 207, 232, 382

valor 9, 24, 26, 74, 82, 148, 282, 307, 314, 344, 345, 410, 415

verdade 10, 11, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 31, 35, 47, 53, 59, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 78, 80, 83, 87, 88, 90, 105, 106, 110, 117, 119, 120, 130, 132, 134, 143, 148, 155, 157, 161, 164, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 178, 180, 196, 200, 203, 208, 211, 215, 225, 233, 234, 236, 237, 238, 248, 249, 251, 257, 262, 265, 267, 268, 271, 272, 278, 281, 286, 289, 293, 294, 305, 315, 319, 320, 321, 322, 323, 326, 327, 333, 339, 349, 355, 363, 366, 368, 376, 383, 385, 407, 409, 410, 412, 414, 415, 417, 418, 419, 424, 425, 426, 427, 428, 430, 432, 437

vida 3, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 35, 40, 41, 42, 45, 46, 48, 56, 57, 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 99, 107, 112, 113, 130, 131, 132, 134, 140, 141, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 157, 158, 159, 162, 166, 167, 168, 169, 173, 174, 175, 178, 179, 181, 185, 186, 189, 190, 191, 195, 196, 197, 198, 199, 206, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 217, 218, 221, 223, 224, 226, 227, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 243, 245, 246, 247, 250, 253, 254, 255, 257, 258, 264, 265, 266, 275, 276, 280, 288, 289, 290, 293, 295, 298, 313, 319, 320, 321, 322, 324, 325, 326, 327, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 349, 353, 355, 356, 357, 358, 360, 361, 364, 365, 366, 368, 382, 383, 384, 385, 387, 397, 399, 406, 407, 413, 415, 416, 418, 420, 421, 422, 423, 424, 427, 428, 429, 432, 435, 436, 437, 438

visão 12, 19, 25, 41, 68, 69, 72, 73, 74, 83, 84, 104, 105, 106, 142, 145, 160, 161, 164, 166, 169, 170, 193, 213, 216, 217, 219, 232, 239, 249, 267, 269, 272, 273, 277, 280, 281, 282, 283, 287, 288, 294, 365, 366, 367, 368, 415

vontade 45, 46, 49, 50, 52, 53, 56, 60, 72, 88, 89, 91, 101, 104, 105, 114, 123, 124, 127, 143, 147, 160, 173, 177, 178, 179, 199, 207, 211, 214, 226, 236, 238, 244, 248, 310, 312, 332, 347, 349, 424

W

Westminster 16, 145, 257, 288, 290

TEOLOGIA DO ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Teologia do Aconselhamento Cristão integra a doutrina bíblica à vida prática. Salvação, o interesse central da teologia Protestante é quase sempre definida de modo insuficiente. Pensa-se em "ser salvo das consequências do pecado". Mas Deus está fazendo muito mais. Está transformando a velha natureza em algo totalmente novo. Deus está, em Cristo, fazendo novas criaturas.

"Nenhum sistema de aconselhamento baseado em algum outro fundamento pode oferecer o que o aconselhamento cristão oferece...

Não importa qual seja o problema, não importa quão grandemente tenha abundado o pecado, o posicionamento do conselheiro cristão estriba-se na natureza muito mais abundante da graça de Jesus Cristo na redenção. Que diferença isto faz no aconselhamento!"

Neste livro o leitor ganhará um insight na rica estrutura teológica que sustenta e direciona uma abordagem bíblica do aconselhamento. A conexão entre teologia sólida e aplicação prática é inspiradora. Eis um livro sui generis.

Peregrino

9 788569